

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós Graduação em História
Curso de Doutorado em História

FRANCISCO AGILEU DE LIMA GADELHA

A FÉ MOLDANDO COMPORTAMENTOS:

História Cultural dos Presbiterianos de Fortaleza

RECIFE – PE

2008

FRANCISCO AGILEU DE LIMA GADELHA

A FÉ MOLDANDO COMPORTAMENTOS:

História Cultural dos Presbiterianos de Fortaleza

Tese de doutorado submetida à
aprovação como requisito parcial à
obtenção do título de doutor, sob a
orientação da Professora Doutora
Sylvana Maria Brandão de Aguiar

RECIFE – PE

2008

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Thelma Marylanda –
CRB 3/623

G124f

Gadelha, Francisco Agileu de Lima

A fé moldando comportamentos: história cultural dos
presbiterianos de Fortaleza / Francisco Agileu de Lima
Gadelha. – Recife, 2008.

379p. il

Orientadora: Profa. Dra. Sylvana Maria Brandão de
Aguar.

Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal
de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Comportamento, 2. Fé. 3. História cultural. 4.
Presbiteriano. I Universidade Federal de Pernambuco,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

CDD:285.2810918131

ATA DA DEFESA DA TESE DO ALUNO FRANCISCO AGILEU DE LIMA GADELHA.

Às 14:00h do dia 29 (vinte e nove) de fevereiro de 2008 (dois mil e oito), no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Tese para obtenção do grau de Doutor apresentada pelo aluno **Francisco Agileu de Lima Gadelha** intitulada **“A Fé Moldando Comportamentos: história cultural dos Presbiterianos de Fortaleza”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“APROVADO”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Sylvana Maria Brandão de Aguiar (Orientadora), Maria do Socorro Ferraz Barbosa, Virginia Maria Almoêdo de Assis, Suely Creusa Cordeiro de Almeida e Carlos André Macedo Cavalcanti. Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro e a Secretária do Deptº de História, Rogéria Feitosa de Sá, para os devidos efeitos legais.

Recife, 29 de fevereiro de 2008.

Prof^ª. Dr^ª. Sylvana Maria Brandão de Aguiar.

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Socorro Ferraz Barbosa.

Prof^ª. Dr^ª. Virginia Maria Almoêdo de Assis.

Prof^ª. Dr^ª. Suely Creusa Cordeiro de Almeida

Prof. Dr. Carlos André Macedo Cavalcanti.

Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro.

Rogéria Feitosa de Sá.

À minha mãe, D. Zenir, que sempre me nutriu com companheirismo e amor incomensuráveis e embora não esteja mais presente neste mundo, ainda em vida, participou e encorajou este projeto, como exemplar presbiteriana que era, dedico com amor e carinho este meu esforço.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Atingir o objetivo, na finalização de um trabalho, é sentimento gratificante e longamente alentado. Satisfação Intelectual, Acadêmica e Pessoal.

É o momento também de volver os olhos para a caminhada empreendida e perceber o quanto de gratidão há na estrada percorrida e, por dever de Justiça, deve ser alardeada.

De pronto, impõe-se um reconhecimento pleno a orientadora deste trabalho. Dessas pessoas que transcendem o saber acadêmico, a generosidade que lhes adorna a alma e dedicam-se, de maneira ímpar, ao aconselhamento necessário, amigo e competente. Todas as palavras não conseguirão descrever a dedicação da Professora Doutora Sylvana Maria Brandão de Aguiar na orientação desta empreitada acadêmica.

Por extensão destaco a profícua Banca Examinadora da qualificação, composta pelo Professor Doutor Newton Darwin de Andrade Cabral, Professora Doutora Suely Creusa Cordeiro de Almeida e Professora Doutora Virgínia Almoêdo de Assis, cujas contribuições brilhantes enriqueceram o direcionamento do trabalho.

Faço destaque espacial ao eminente cientista Manassés Claudino Fonteles, na época do iniciar esta caminhada, Magnífico Reitor da Universidade Estadual do Ceará, cujo descortino como educador e administrador público tornaram-se referências, por sua proverbial capacidade de abrir portas para o aperfeiçoamento e, no meu caso em particular, pela sua amizade, aconselhamento e estímulo.

À UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, casa do saber que me acolheu com ambientes sadios, sábios e excelência educacional, nas pessoas do Professor Antônio Torres Montenegro, Coordenador do Doutorado em História bem como as notáveis Professoras Gabriela Martin e Socorro Ferraz, a minha imorredoura gratidão.

Destaco pelas competências e dedicação que excedem o simples profissionalismo as funcionárias Carmen Lúcia Santos e Luciane Borba, que foram pródigas e incansáveis em atender todas as minhas demandas.

À CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento do Ensino Superior, uma menção de gratidão pela importância ímpar de sua existência para o mundo da academia e Científico.

Graças à providência Divina, os amigos, na caminhada, foram muitos. A todos uma dívida de gratidão pela paciência e pela compreensão. Destaco, pela singularidade e amabilidade de convivência Lucili Grangeiro. Isaura Tavares merece um registro especial. Companheira das jornadas de encontrar e ouvir as pessoas. Varávamos o tempo e as estradas no afã de completar o processo de encontrar um passado vivo, rico e inexplorado, sempre em companhia do dileto irmão e amigo de todas as horas, Marcílio Sousa (Pequeno).

Merece um comentário e um agradecimento especial e comovido o conjunto das pessoas que amavelmente consentiram em contar parte de suas vidas, existências, relíquias de memória, mosaicos do tempo desfilando diante de mim e dando vida ao trabalho. A todos a minha eterna gratidão. Cito-os nominalmente para perpetuar o registro de sua generosa disponibilidade.

São elas: D. Cremilda Gaspar Pereira Rodrigues, D. Eudenir de Sousa Lima (D.Nenem), D. Gilza Gondim Oishi, D. Hilda Brasil Cordeiro, D. Josefa Sales Falcão, D. Lina Gomes da Costa, D. Maria Eugênia Sales, D. Josefa Sales Falcão (D. Zefinha), D. Maria Nadir Eugênio de Sousa (Dadá), D. Maria Pires Gadelha, D. Maria Tavares da Silva, D. Pedronila Pinto Figueiredo Teixeira e D. Zoeli Castelo Branco.

São eles: Pastor Helnir de Melo Cortez, Dr. Nélio de Azevedo Guimarães, Dr. Homero Lenz César e Dr. Samuel Gueiros Pessoa.

Muito, muitíssimo a agradecer aos Gadêlhas, irmãos, sobrinhos, tias que irmanados sob o manto da saudade protetora de D. Zenir, proporcionaram-me consolo nos momentos de necessidade, estímulo nas dificuldades e amizade e carinho sem limites como uma constante de bem querer, sem mensuração e sempre. Uma menção de justiça ao meu irmão Geraldo, sempre disposto a colaborar em qualquer circunstância, merecendo um agradecimento especial.

Os não citados, não menos importantes, estão guardados no coração.

Qualquer imperfeição remanescente será de responsabilidade exclusiva do autor, um eterno estudante, sempre em busca do aprendizado.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa objetiva reconstruir a memória cultural de idosos de uma coletividade, cujos protagonistas apresentam suas práticas religiosas diferentes das de outros atores pelos seus atos comportamentais, produzindo sentidos e significações particulares de suas existências. Exatamente nesta descrição se apresenta o presbiteriano de Fortaleza quando busca reorganizar os espaços sociais com os quais mantém contato, notadamente a sociedade cearense. A questão central da pesquisa encerra a problemática de conhecer como o presbiteriano de Fortaleza vem construindo as suas visões de mundo e sua convivência com outros atores, pertencentes ou não às diferentes religiões professadas na capital cearense. Para o presbiteriano, conhecer-se a si mesmo, sem ser apenas mais um a fazer parte de um todo, significa legitimar um projeto de vida, uma concepção de mundo apoiado exclusivamente no Evangelho. A reconstrução da memória cultural dos presbiterianos idosos oriundos de diferentes partes do Nordeste brasileiro, que por um motivo ou outro migraram para Fortaleza, na busca de melhores condições de vida pessoal e religiosa, se deu por meio de recursos metodológicos da História Cultural e das contribuições da Sociologia. Pela História Oral de vida, captada em entrevistas gravadas, procurou-se expressar a pluralidade dos sentidos que esses presbiterianos atribuem a sua religião e ao seu modo de pensar, trabalhar, distrair-se, reagir frente aos acontecimentos, tendo, por exemplo, o nascimento, a doença, a morte, que são características distintivas dos membros desse grupo religioso, adquiridas por meio de um processo de aprendizagem e transmitidas ao conjunto de seus membros. Também foram fundamentais investigações sobre fontes primárias, em sua maioria, compostas por atas da igreja, jornais de Fortaleza e fotografias.

Palavras chave: comportamento, fé, história cultural, presbiteriano.

ABSTRACT

This research work aims at rebuilding a cultural memory of the elderly in a collectivity, whose protagonists present different religious practices from other actors' through their behavior, producing particular senses and meanings of their lives. Exactly in this description the Presbyterians from Fortaleza present themselves when they seek to reorganize the social spaces with which they keep contact, especially the society from Ceará. The core research question comprehends the difficulty in knowing how the Presbyterians from Fortaleza have built their world views and their coexistence with other actors, which belong to other religious congregations in Fortaleza, capital city of Ceará. For Presbyterians, knowing themselves without merely being one more part of a whole, means legitimizing a life project, or a world conception based exclusively on the Gospel. The rebuilding of the cultural memory of elderly Presbyterians originating from different parts of the Brazilian northeast, which for whatever reasons immigrated to Fortaleza, searching for better social and working conditions, was made possible by the methodological resources of Social History and contributions from Sociology. From oral life accounts, recorded in interviews, we have tried to express the diversity of meanings that these Presbyterians attribute to their religion and their way of thinking, working, having fun, reacting to incidents, having as examples, birth, illness and death, which are distinctive characteristics of the members of this religions group, which have been acquired through a learning process and transmitted to its members. Fundamentally important, also, were the surveys on primary sources mostly composed by church recordings, local newspapers and photographs.

Key words: behavior; faith; cultural history; presbyterian.

LISTA DE INSTITUIÇÕES E ACERVOS PARTICULARES PESQUISADAS

Acervo Particular de Dona Josefa Sales

Acervo Particular da Família do Dr. Samuel Gueiros Pessoa

Acervo Particular da Família do Dr. Nélio de Azevedo Guimarães

Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Fortaleza –CE

Igreja Presbiteriana de Fortaleza

Universidade Federal de Pernambuco:

- Biblioteca Central
- Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas
- Biblioteca do Programa de Pós Graduação em História

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

At - Atos

IPF - Igreja Presbiteriana de Fortaleza

IPI - Igreja Presbiteriana Independente

IPB - Igreja Presbiteriana do Brasil

Lc - Lucas

Mt - Mateus

IAPC - Instituto de Assistência e Aposentadoria dos Comerciantes

INSS - Instituto Nacional de Seguridade Social

USO - Clube dos soldados americanos

UDN - União Democrática Nacional

REFFSA - Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima

REV. - Reverendo

SAF - Sociedade Auxiliadora Feminina

UMP - União de Mocidade Presbiteriana

UPH - União Presbiteriana de Homens

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Samuel Gueiros e sua segunda esposa Silveirinha Gueiros Pessoa	121
Foto 2 Samuel Gueiros Pessoa e Silveirinha nos dias atuais	123
Foto 3 Praça do Ferreira, Fortaleza, 1940	125
Foto 4 Bairro central de Fortaleza, ano 1940	126
Foto 5 Lina Gomes Costa, aos 18 anos de idade	127
Foto 6 1938, mostra o prédio que serviu de sede ao Colégio 7 de Setembro	129
Foto 7 Olívio Feitosa Costa, esposo de Lina Costa	133
Foto 8 Lina Gomes Costa, dias atuais	134
Foto 9 Pais de Helnir Cortez, Rev. Natanael Cortez e Dona Nina	135
Foto 10 Templo antigo da IPF na rua Conde D'Eu, hoje Sena Madureira, inaugurado em 1919.	141
Foto 11 Casamento de Helnir com Célia, em 1960	145
Foto 12 Helnir de Melo Cortez e Célia Cortez, esposa	146
Foto 13 Amelina Gaspar Pereira, mãe de Cremilda	147
Foto 14 Cremilda Gaspar Pereira Rodrigues e esposo João Mario Rodrigues	151
Foto 15 Cremilda e João Mário nos dias de hoje	153
Foto 16 As irmãs Eudenir, Zenir e Nadir	154
Foto 17 Nadir e as amigas Djanira Costa, Júnia Barreira, Ivone Marfim, Alrigeli Eugênia de Souza, Aila Maia Nogueira, Suzana Soares, Aurinha Costa, D. Sulu Varela e outras amigas, durante uma reunião da SAF, em 1956	156
Foto 18 Nadir e amigas D. Nila Gomes de Soares, Neném, Laura Cavalcante e Marlene, em uma reunião na Igreja do Crato, 1951	157
Foto 19 Nadir e sua mãe, D. Cotinha, em 1990	159
Foto 20 Homero com uniforme colegial	164
Foto 21 Homero e a esposa Huld em suas Bodas de Ouro	167
Foto 22 Nélio aos cinco anos de idade, ainda morando em São Luis do Maranhão	170
Foto 23 Nélio, aos dezoito anos de idade, em companhia das irmãs Sulamita Waquim e Cremilda Aranha esposa do João Mario, em um Congresso da Mocidade	170
Foto 24 Nélio e a esposa Arildes Vilhena de Queiroz Guimarães	173
Foto 25 Igreja Presbiteriana de Fortaleza, projeto arquitetônico de Nélio de Azevedo Guimarães, cujo lançamento da pedra fundamental aconteceu em 6 de agosto de 1978 e inaugurado em 10 de dezembro de 1979	178
Foto 26 Nélio de Azevedo Guimarães, nos dias atuais	180
Foto 27 Família de Vicente de Mattos Sales e Rita Olinda de Mello, vendo-se Eugênia e a filha Safira ao seu colo, 1930	183

Foto 28 Eugênia em frente ao casarão do Sítio Severino, vendo-se ainda Enóe, Maria Cristina, Maria Luiza, Suzete, Marta, João e duas crianças, em 1980	184
Foto 29 Maria Eugênia Sales à esquerda e irmãs	185
Foto 30 Maria Eugênia e Waldemiro de Queiroz Bastos, esposo, à época do casamento, 1928	186
Foto 31 Convivência da SAF em Paracuru, 1977	189
Foto 32 Maria Eudenir em sua formatura, em 1960	193
Foto 33 Eudenir e irmãs Zenir e Nadir	197
Foto 34 Colégio Estadual Liceu do Ceará, 1945	198
Foto 35 Josefa Sales Falcão	203
Foto 36 Josefa Sales Falcão, nos dias atuais	206
Foto 37 Raimundo Custódio, em 1965	207
Foto 38 A Igreja Presbiteriana da Tapera, construída em 1940 pelo pai de Maria Pires Gadelha, vista na foto	215
Foto 39 Maria Pires Gadelha e esposo em sua residência na Tapera	216
Foto 40 Maria Tavares e a família	224
Foto 41 Maria Tavares nos dias de hoje	225
Foto 42 Cemitério construído pela família de Petronila	227
Foto 43 Cidade de Fortaleza, 1940	229
Foto 44 Petronila nos dias de hoje	234
Foto 45 Abel Castelo Branco, pai de Zoeli	244
Foto 46 Zoeli Castelo Branco, época como Diretora de Arrecadação Da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará	245
Foto 47 Zoeli e uma irmã da Sociedade Auxiliadora feminina SAF	252
Foto 48 Zoeli no interior do templo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza Igreja Central	253
Listas de Figuras	
Fig. 1 Mapa do Ceará, com indicativo das principais cidades	33
Fig. 2 Mapa de Fortaleza, vendo-se seus principais bairros	44
Lista de Quadros	
Quadro 1 - Dados gerais sobre religião no Brasil, 2000	42
Quadro 2 - Protestantismo de missão no Brasil, 2000	43

LISTA DE APÊNDICES

Relação dos entrevistados - A	265
Relação das assinaturas dos entrevistados concordando com a publicação das informações prestadas - B	266
Questionário de coleta de dados dos entrevistados - C	268

LISTA DE ANEXOS

Atas dos Presbitérios de Pernambuco e do Presbitério do Norte	269
Confissão de Fé e Catecismo da Igreja Presbiteriana	305
Rol dos membros da Primeira Igreja Presbiteriana de Fortaleza	344
Identificação dos Pastores do Presbitério Ceará Amazônia	353

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 UM POUCO DO QUE JÁ FOI DITO SOBRE PROTESTANTISMO NO BRASIL E NO CEARÁ	22
1.1 Comunidade presbiteriana em Fortaleza: sua configuração em face da cultura local	30
1.2 Organização eclesiástica inicial e os primeiros conversos	40
1.3 A modernidade, os conflitos sociais e a intolerância entre católicos e protestantes	46
1.4 Conflitos internos, a cisão e a paz retomada	58
CAPITULO 2 PERSCRUTANDO A HISTÓRIA CULTURAL PRESBITERIANA	62
2.1 O ato de relembrar como lineamento da história coletiva	75
2.2 Avivando lembranças em busca de imagens e fatos que o tempo procura esconder: as histórias revividas dos presbiterianos do Ceará	79
2.3 A infância dos presbiterianos	81
2.3.1 A infância de Cremilda Gaspar P. Rodrigues	83
2.3.2. A infância de Maria Eugênia Sales	83
2.3.3 A infância de Maria Eudenir de S. Lima (D. Neném)	85
2.3.4 A infância de Raimundo Custódio Batista	86
CAPÍTULO 3 O CAMPO RELIGIOSO E A MORAL PROTESTANTE	88
3.1 As fronteiras entre campos	104
3.2 - A moral Presbiteriana	107
CAPÍTULO 4 A MEMÓRIA DOS PRESBITERIANOS IDOSOS: MOMENTO DE CONSTRUÇÃO DE SUA HISTÓRIA CULTURAL	116
4.1 Todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus	116
4.2 Evangelizando de pau-de-arara	125
4.3 Nas pegadas do pai	135
4.4 Morava em sobrado de eiras e beiras	146
4.5 Eu fechei a bíblia e disse: acabou de nascer uma protestante	154
4.6 É preciso ter cuidado para não colocar fanatismo nas pessoas	163
4.7 Salvação não depende de méritos, é escolha soberana de Deus	169
4.8 Ainda que os seus pecados sejam escarlates, se tornarão brancos como a lã	181

4.9 Meu pastor é Cristo e a minha Igreja está no céu me esperando	191
4.10 Vendo nascer uma Igreja	200
4.11 Não me sinto santo, mas quero viver uma vida santa	207
4.12 O povo do mundo não quer saber do evangelho	213
4.13 Li a palavra de Deus e encontrei a verdade	218
4.14 Da mágoa se fez o amor	225
4.15 Vida de discriminação, sofrimento e fé	235
4.16 Nada de palmas, o templo é sagrado, merece respeito	244
CONSIDERAÇÕES FINAIS	254
REFERÊNCIAS	258
APÊNDICE	264
ANEXO	269

INTRODUÇÃO

Esta tese é resultado do estudo - **A fé moldando comportamentos: História Cultural dos Presbiterianos de Fortaleza** - desenvolvido, como pesquisa, no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

É uma contribuição à historiografia da religiosidade brasileira, em particular, da presbiteriana, que pode vir a servir de fonte de informação e pesquisa para os interessados no tema, ainda carente no meio acadêmico.

A questão central é sobre a identidade cultural dos presbiterianos de Fortaleza, que lhe é própria e tem contribuído para a formação da Identidade do povo do Ceará e do Brasil.

Em 1859, há quase um século e meio, Ashbel Green Simonton, missionário americano da Mission Board de Nova York. lançou de forma determinante as bases da missão permanente da Igreja Presbiteriana no Brasil. No Ceará, as primeiras atividades desenvolvidas pelos presbiterianos tiveram início a partir de 1882, quando o Rev. De Lacy Wardlaw aportou na cidade de Fortaleza e batizou os primeiros conversos. Já em 1890 era fundada, na capital cearense, a primeira Igreja Presbiteriana do Ceará, tendo recebido a denominação de Igreja Presbiteriana de Fortaleza.

Os presbiterianos, na sua construção coletiva em prol da expansão e sustentabilidade de suas posições, apoiaram-se em estratégias que tinham no proselitismo a busca de adeptos da Igreja Católica, que, à época, encontrava-se fragilizada. O movimento apoiava-se na resistência e na contraposição às ações impositivas da única matriz religiosa, que insistia em permanecer responsável pelo campo religioso brasileiro. Os conflitos resultantes configuravam a disputa por posições nesse campo, tornando o Ceará tomava novas feições, com católicos e presbiterianos articulando-se no meio social em busca de poder e hegemonia. Eram os ventos da liberdade de culto religioso, instituída pela república, que também experimentava mudanças em outros campos, como o político e o econômico, campos sociais que não são espaços de fronteiras delimitadas, totalmente autônomos, já que se articulam entre si.

Entendo que a história dos movimentos religiosos permite a compreensão das sociedades humanas bem como o seu dia a dia. Que a interpretação de leituras e narrativas do passado é meio para a construção de um sentido cognoscível, já que as fronteiras do conhecimento científico, do ordinário ou da fé e da arte estão cada vez mais próximos.

Acredito, ainda, que o estudo da vida e do comportamento dos presbiterianos idosos de Fortaleza permite reflexões sobre a sua identidade cultural e, para isso, tomo como referência Chartier, Certeau, Bourdier e outros adiante discutidos. Minha estratégia foi mergulhar nas lembranças dos sujeitos da pesquisa, registrá-las em CDs na forma de entrevista, colocá-las num feixe discursivo, pontilhado pelas teorias dos autores citados.

Escrevi minha tese sobre a identidade cultural dos presbiterianos de Fortaleza, acreditando ser as suas histórias de vida não apenas uma simples história¹, pois outras histórias são sempre possíveis por meio de perspectivas diversas, na articulação e rearranjo dos seus elementos, ou na exclusão e esquecimento de outros. Contudo, é no deslindar da própria vida e na narrativa, não necessariamente escrita, que é possível compreender e ser compreendido. Se assim não fosse, não haveria significado para as ações dos indivíduos, talvez não fosse possível nem mesmo formular um sentido de identidade pessoal.

O meu objetivo foi caracterizar a identidade cultural dos presbiterianos de Fortaleza, que pode ser compreendida por meio das marcas de um sujeito que se tornou ator de um movimento coletivo religioso, cujas práticas religiosas diferem de outros pelos seus atos comportamentais, e se encaminham para a produção de sentidos particulares de sua existência, que incluem táticas, estratégias e maneiras de fazer.

Pelas histórias desses dezesseis atores é possível estabelecer se a construção da identidade dos presbiterianos de Fortaleza se articula ou se afasta das orientações da Igreja Presbiteriana e suas normas comportamentais. É possível também conhecer seu cotidiano e por meio dele saber como constroem sua prática religiosa, quais as experiências anteriores neste campo e como se tornaram presbiterianos.

¹ A rigor, temos aqui várias “ilusões biográficas” tal como descreveu Bourdieu. (Cf. BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 2005. p. 74).

A aproximação da pesquisa com o contexto, para o entendimento da vida dos presbiterianos de Fortaleza foi pela entrevista. Primeiro, entreguei a cada um dos participantes da entrevista um questionário que solicitava os dados pessoais, a filiação e a condição inicial do entrevistado antes de entrar para a Igreja Presbiteriana. A segunda aproximação foi durante a entrevista propriamente dita, realizada pelo autor, na casa do entrevistado ou na própria igreja.

Esta tese está dividida em quatro capítulos:

No Capítulo 1 **Um pouco do que já foi dito sobre protestantismo no Brasil e no Ceará** - contextualiza-se a histórica da religião protestante a partir da chegada dos primeiros presbiterianos na capital cearense. Apresenta-se ainda pequena biografia dos primeiros Pastores da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, procurando identificar as primeiras famílias que aderiram ao presbiterianismo no Ceará, antecedentes dos atores das histórias de vida trabalhadas no quarto e último capítulo.

No Capítulo 2 **Perscrutando a História Cultural Presbiteriana** - discorre-se sobre a História Cultural, tomando como referência os estudos de Roger Chartier. Em seguida, introduziu-se o debate teórico sobre a investigação histórica dos movimentos religiosos, que para Michel de Certeau, permite a compreensão das sociedades humanas e sobre o seu cotidiano. Abordou-se, ainda, os diferentes aspectos da história das mentalidades e história cultural, e, apoiado em Ronaldo Vainfas e em suas maneiras distintas de tratar a História Cultural ao trabalhar três autores e suas obras, quais sejam, a História Cultural em Carlo Ginzburg, com suas noções de cultura popular e de circularidade cultural; a História Cultural de Roger Chartier, com seus conceitos de representação e apropriação, e a História Cultural produzida pelo inglês Edward Thompson, com seus trabalhos sobre os movimentos sociais e cotidiano das “classes populares” na Inglaterra do século XVIII.

No Capítulo 3 **O campo religioso e a moral protestante** - aborda-se o conceito de campo religioso em Bourdieu e Martinho, o papel da religião como legitimadora da realidade do mundo socialmente construído e o cotidiano da vida humana, o poder simbólico, que funciona como o poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, de transformar o mundo, ação perseguida pelos presbiterianos. Berger diz

que a religião tem o papel de legitimar as instituições atribuindo-lhes um *status* ontológico de validade superior, possível de facilitar a vida social, e que quanto melhor a estrutura de plausibilidade da sociedade, mais auto-explicável é o mundo. Por último, trabalha-se a conduta e a moral presbiteriana, que está subordinada à salvação. A aceitação da justiça e das normas estabelecidas pelas Escrituras indica retidão de caráter; já o desvio moral constitui um afastamento da realidade, uma depravação.

No Capítulo 4 **A memória dos presbiterianos idosos: momento de construção de sua história cultural** - apresenta-se as histórias de vida de dezesseis presbiterianos, homens e mulheres, maiores de setenta anos, sob nossa elaboração, a partir das entrevistas com perguntas abertas e discurso livre, quando contam seu cotidiano, suas artes de fazer, suas estratégias, suas práticas, seus *habitus*, e seus modos simples de encarar a vida.

Às fontes bibliográficas, colocadas após as considerações finais, seguem-se os apêndices, constituídos de questionário, relação de entrevistados e autorização de publicação das histórias de vida, bem como os anexos.

CAPÍTULO 1 UM POUCO DO QUE JÁ FOI DITO SOBRE PROTESTANTISMO NO BRASIL E NO CEARÁ

Para Certeau, toda *pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômica, política e cultural*². Para este autor, é o lugar que determina a instauração dos métodos, que desperta o interesse da pesquisa e que proporciona a organização das questões e dos documentos necessários a ela. *A articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade*.³

Entretanto, ao estudar as fontes historiográficas, sejam elas primárias ou secundárias, deve-se ter em mente como elas contribuem para a formação de uma memória e como esta é influenciada pela sua época, pois, cada momento da história cria uma leitura específica desta, cada momento possui o seu próprio contexto e ideologia vigente.

A Historiografia começa com o relato de algum fato, contextualizado em seu contexto temporal e espacial, para, em seguida buscar explicações que justifiquem sua ocorrência. Ela é mais que os escritos que falam a respeito da História. Ao falar de Historiografia, atualmente, se está falando de documentos que guardam relação com uma tradição metodológica estruturada para proteger o fazer da História, de um sistemático trabalho de leitura e replicação, buscando o significado dos fatos Históricos dentro do rigor da disciplina, que é a História.

Em história, segundo Certeau

tudo começa com o gesto de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transformar ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um campo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para construí-las como peças que preenchem lacunas de um conjunto, proposto a priori.⁴

Para a produção da História Cultural dos Presbiterianos de Fortaleza, valemo-nos de artigos em periódicos, dos instrumentos de pesquisa publicados, das instituições, associações, dos congressos e de outros tipos de eventos, de jornais e

² CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 66.

³ Idem, p. 77.

⁴ Idem, p. 81.

revistas não acadêmicas, de fotografias e da realização de entrevistas entre membros da Igreja Presbiteriana de Fortaleza. Dessas incursões, pude constatar que, a rigor, já existe significativo conhecimento acumulado em termos de estudos sobre o protestantismo e, em especial, o presbiterianismo e suas formas de penetração no Brasil.

Não raro essas obras, independente de terem sido produzidas por historiadores eclesiásticos, sociólogos ou antropólogos, tratam de religião, estando desvinculadas da realidade social. Algumas são apologéticas e procuram, em seu proselitismo, demonstrar a legitimidade da fé Calvinista⁵. Entre eles podemos citar:

Vicente Themudo Lessa em *Annaes da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*, escrito em 1938, aborda os tempos iniciais do presbiterianismo paulista até o cisma de 1903⁶. Aborda também a evangelização do interior paulistano e de outros estados brasileiros. Nesta mesma senda, Boanerges Ribeiro nos apresenta quatro obras:

*Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil*⁷, de 1973. Valendo-se dos sistemas propostos na Teoria da Organização Humana, do professor Antonio Rubbo Müller⁸, Ribeiro elege os sistemas jurídico, religioso e político, para avaliar como neles se davam, fenômenos conducentes à aceitação do protestantismo no Brasil. Para o autor, não apenas a Igreja Católica, mas todos os sistemas sociais estavam comprometidos com a situação cultural, propícia à aceitação no País das Denominações Protestantes;

Em *Protestantismo e cultura brasileira - aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*⁹, de 1981, Ribeiro procura mostrar que o protestantismo introduzido no Brasil correspondeu às necessidades da cultura brasileira, que

⁵ A Igreja Presbiteriana é regida pelas teorias defendidas por João Calvino, reformador francês que viveu no século XVI, e exerceu suas atividades políticas e religiosas na cidade de Genebra, Suíça, onde foi governador.

⁶ LESSA, Vicente Themudo. **Annaes da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903): subsídios para a história do presbiterianismo brasileiro**. São Paulo: 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, 1938.

⁷ RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1973.

⁸ MÜLLER, Antonio Rubbo. **Teoria da organização humana, sua propedêutica e didática especial, complemento de didática geral**. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e política, 1958.

⁹ RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e a cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Casa Presbiteriana, 1981.

almeja, segundo o autor, mudanças no ensino, nas leis relativas à liberdade de consciência e a eliminação do monopólio religioso;

*A Igreja Presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma*¹⁰, de 1987, Ribeiro dirige seu foco principal para a ruptura do presbiterianismo no Brasil, que deu origem a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil; e em, *A Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*¹¹, de 1991, Ribeiro retrata as expectativas eufóricas dos protestantes com o advento da República, as tensões vividas para valer seus direitos de cidadania muitas vezes ameaçados ou violados, as perseguições sofridas pelos protestantes, e os conflitos entre a Igreja nacional e a Igreja norte-americana, quanto à reforma do sistema religioso nacional.

Émile-G. Leonard, em *O protestantismo brasileiro*¹², estuda as igrejas protestantes do Brasil, seus cultos e suas crenças. Por se tratar de obra pioneira na historiografia protestante brasileira, tem servido de referência para outros historiadores nacionais interessados no conhecimento das questões protestantes no Brasil.

Sobre o presbiterianismo no Ceará, a literatura é bem mais escassa. As principais obras sobre a Igreja Presbiteriana no Ceará são as do Pastor Natanael Cortez¹³. Figura principal dessa Igreja no Ceará nos anos de 1915 a 1952, ele constitui importante testemunho sobre o período pioneiro do presbiterianismo cearense. Paulo Viana tem procurado reunir os escritos de Natanael Cortez e o primeiro volume *A Sagrada Peleja: diário de um Pastor*¹⁴ foi publicado em 2001. Ele encerra as anotações registradas por Natanael Cortez, e acolhidas para publicação pelos jornais e revistas evangélicas, vigentes à época de seu trabalho permanente na Igreja Presbiteriana de Fortaleza.

¹⁰ RIBEIRO, Boanerges. **A igreja presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma**. São Paulo: O Semeador, 1987.

¹¹ RIBERIO, Boanerges. **Igreja evangélica e a república brasileira (1889-1930)**. São Paulo: O Semeador, 1991.

¹² LÉONARD, G-Émile. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. Trad. Linneu de Camargo Achutzer. São Paulo: ASTE, 1968.

¹³ Rev. Natanael Cortez (1889-1967) exerceu a sua atividade de ministro presbiteriano, no Ceará, por dez lustros. Assumiu o pastorado da Igreja Presbiteriana de Fortaleza em dezembro de 1915, fato registrado na ata de nº 200, Livro II, do Conselho da Igreja.

¹⁴ CORTEZ Natanael. **A sagrada peleja: diário de um Pastor no Ceará**. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 2001. v.1.

Francisco Alves de Alencar, em 2005, publicou, *Igreja Presbiteriana de Fortaleza – 120 anos transformando vidas*¹⁵, que versa sobre os momentos históricos que antecederam ao Presbiterianismo no Ceará; comenta sobre os departamentos e ministérios da Igreja e sobre os 39 anos de pastorado na Igreja Presbiteriana de Fortaleza, do Rev. Othoniel Silva Martins.

A Historiografia da Religião, em particular, a presbiteriana, pouca atenção recebeu das universidades brasileiras até recentemente. A explicação estaria, entre outras, na colocação da História Política, em primeiro lugar, em levantamento sobre a distribuição de pesquisadores por área de especialização, realizado entre 1970 e 1979 e publicado pelo Mensário do Arquivo Nacional nº 122, em 1980.¹⁶

Outra razão poderia ser explicada pelo fato de que:

Mais de uma geração de historiadores brasileiros deste século foi formada com a concepção de completa identificação do passado como único objeto possível do conhecimento histórico. Dessa maneira, o estudo do presente ou mesmo de um passado mais próximo era postergado, dados os comprometimentos e preconceitos, as paixões e interesses que, nesses casos, o historiador teria com o seu próprio objeto de estudo.¹⁷

Com a desmonopolização do passado, a exorcização do presente e a debanda de seus fantasmas¹⁸, dissertações de mestrado e teses de doutorado relacionadas ao assunto estão sendo defendidas e vêm se transformando em livros, preenchendo, assim, a lacuna existente.

Sobre a contribuição das universidades para a historiografia brasileira de modo geral, Francisco Iglésias¹⁹ assume que falta-lhe muito, contudo, uma vez que a qualidade é ainda em número reduzido e excepcional.

Uma das mais completas e abrangentes obras que aborda os aspectos históricos do protestantismo no Brasil é *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa*²⁰, de David Gueiros Vieira, originada de sua tese de doutorado (Ph.D) em

¹⁵ ALENCAR, Francisco Alves de. (Org.). **Igreja presbiteriana de Fortaleza: 120 anos transformando vidas**. Fortaleza: Nacional, 2004.

¹⁶ LAPA, José Roberto do Amara. **História e historiografia**: Brasil pós-64. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 63.

¹⁷ Idem, p. 73.

¹⁸ Idem, p. 74.

¹⁹ IGLÉSIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 230.

²⁰ VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. 2 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1980. (Coleção Temas Brasileiros).

História da América, defendida na American University, Washington, D.C., em 1973. Contando com vasta documentação obtida no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, no National Archives, de Washington, no Public Records Office, de Londres, no Archivio Segreto Vaticano, em Roma, e em inúmeras instituições religiosas no Brasil e no exterior, constitui fonte de pesquisa sobre a história do protestantismo brasileiro, principalmente sobre os antecedentes da chamada Questão Religiosa, episódio ocorrido no Brasil do século XIX. Segundo David Gueiros Vieira, esse conflito envolveu, de um lado, o galicismo²¹, jansenismo²², liberalismo²³, maçonaria²⁴, deísmo²⁵, racionalismo²⁶ e o protestantismo, todos vagamente aliados contra o conservadorismo e ultramontanismo²⁷ da Igreja Católica do século XIX. Gueiros defende a tese de que a presença protestante no Brasil foi um elemento que contribuiu para a Questão Religiosa e derruba as hipóteses de que os grupos religiosos americanos formavam a vanguarda treinada e consciente do imperialismo, e a da conspiração liberal de âmbito universal com a presença da maçonaria, formada para destruir a Igreja Católica. O autor chama a atenção para o fato de que no Brasil do início do século

²¹ Do ponto de vista religioso, o galicismo significava que a Igreja e o Clero francês se outorgavam direitos próprios, independente de Roma. Do ponto de vista do Estado, os reis franceses afirmavam ter recebido seus poderes diretamente de Deus, e que seus poderes temporais estavam fora da jurisdição papal. O “padroado”, direito do rei de recolher dízimos e nomear bispos era uma das feições dessa teoria eclesiástica francesa, que por muito tempo vigorou no Brasil, até a proclamação da República.

²² Doutrina de Jansênio (1585-1638), teólogo holandês e bispo de Ypres, sobre a graça e a predestinação e sobre a capacidade moral do homem presente, e que foi adotada na abadia de Port-Royal por várias correntes espirituais com tendência ao rigorismo moral. O jansenismo chegou ao Brasil por intermédio de diversos padres e prelados educados em Coimbra.

²³ O termo, em geral, significa uma crença difusa no valor do indivíduo, e na convicção de que a base de todo o progresso era a liberdade individual.

²⁴ Sociedade parcialmente secreta, cujo objetivo principal é desenvolver o princípio da fraternidade e da filantropia, pregando a união de todos os irmãos. Este foi um dos aspectos que mais perturbaram os ultramontanos, levando o Papa Clemente XII a proibir todos os católicos a se filiarem ou, de qualquer maneira, ajudarem essas sociedades.

²⁵ Sistema ou atitude dos que, rejeitando toda espécie de revelação divina e, portanto, a autoridade de qualquer Igreja, aceita, todavia, a existência de um Deus, destituído de atributos morais e intelectuais, e que poderá ou não haver influído na criação do Universo. O deísmo criou um sistema de fé em Deus transcendente que abandonou sua criação ao governo das leis naturais descobertas pela razão. Deus se torna ausente. Para o deísmo Deus está acima e além da Sua criação.

²⁶ Corrente filosófica que teve início com a definição do raciocínio, operação mental discursiva e lógica. Considera a razão como essência do real, tanto natural quanto histórico, sustenta a primazia da razão, da capacidade de pensar, de raciocinar, em relação ao sentimento e à vontade.

²⁷ Termo usado desde o século XI para descrever cristãos que buscavam a liderança de Roma (do outro lado da montanha), ou que defendiam o ponto de vista dos papas, ou davam apoio à política deles. No século XV eram aqueles que se opunham às pretensões da Igreja Galicana. Já no século XIX, descrevia uma série de conceitos e atitudes do lado conservador da Igreja Católica e sua reação aos excessos da Revolução Francesa.

XIX, atrasado, técnico e culturalmente, muitos católicos liberais de projeção lutavam pelo direito dos acatólicos de entrarem no país, de praticarem livremente o seu culto e de gozarem de direitos civis iguais aos católicos brasileiros. Gueiros reclama ainda da negligência dos historiadores brasileiros sobre a contribuição da presença protestante ao desenvolvimento do Brasil no século XIX.

Wicliffe de Andrade Costa²⁸ analisa as circunstâncias e procura encontrar explicações para a penetração do protestantismo no Rio Grande do Norte, estado de feições predominantemente católicas, como era todo o Brasil, no período analisado, 1879 - 1908. Aborda os métodos empregados pelos protestantes para a divulgação de sua doutrina e a formação de suas comunidades e a apresentação, feita pelos protestantes, da Igreja Católica Romana, como parte de sua política de penetração e consolidação naquele estado nordestino.

Sobre o tema em destaque, a dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, em 2000, com o título *O Ceará na trilha da nova fé: o presbiterianismo no Ceará - 1883-1930*²⁹, caminha na mesma trilha de Wicliffe de Andrade e analisa o processo de introdução e crescimento do protestantismo no Brasil e no Ceará, no período entre 1883 e 1930. Este título foi publicado pela Editora Universidade Estadual do Ceará - EDUECE.³⁰

Ainda sobre o assunto, Robério Américo do Carmo Souza, em sua investigação intitulada *Fortaleza e a 'nova fé': a inserção do protestantismo na capital cearense (1882 - 1915)*³¹, na mesma vertente dos dois autores anteriores e, calcado nos princípios da história cultural, tenta reconstruir e compreender o discurso empregado pelos missionários da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos em seu trabalho de evangelização dos habitantes da cidade de Fortaleza, no período de 1882 a 1915. Historiciza os diálogos e confrontos do presbiterianismo com a cultural local e procura compreender a transição, entre conversos ao

²⁸ COSTA, Wicliffe de Andrade. **A implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte (1879 - 1908)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

²⁹ GADELHA, Francisco Agileu de Lima. **O Ceará na trilha da nova fé: o presbiterianismo no Ceará - (1883-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

³⁰ _____. **O Ceará na trilha da nova fé: o presbiterianismo no Ceará - (1883-1930)**. Fortaleza: EDUECE, 2005

³¹ SOUZA, Robério Américo do Carmo. **Fortaleza e a 'nova fé': a inserção do protestantismo na capital cearense (1882 - 1915)**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

presbiterianismo de um saber e de um fazer católico para um saber e fazer protestante.

Lyndon de Araújo Santos transformou sua tese de doutorado no livro *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira*.³² Lyndon discute a relação das várias denominações protestantes estabelecidas no Maranhão no período de 1870 a 1930 com a cultura local. Trata ainda do processo de romanização do catolicismo no Maranhão e dos conflitos entre as religiões católica e protestante. Para o autor, as relações entre protestantismo e catolicismo foram mais profundas e amplas do que o embate teológico e as acusações mútuas. À margem dos discursos argumentativos e proselitistas, as duas vertentes cristãs estavam em sintonia quando olhavam e interpretavam a cultura e a religiosidade.³³

Na configuração dos sentidos da protestantização e da identidade evangélica no Maranhão, Santos utilizou-se das estruturas eclesiais e paraeclesiais, das publicações e das instituições assistencialistas locais, tentando perceber o campo religioso e situar os conflitos que católicos e evangélicos travaram na busca de posição neste campo. Para o autor, o protestantismo no Maranhão foi um movimento religioso plural que incidiu num contexto social também plural na cultura e na religiosidade.³⁴ A crença evangélica na sua relação com a cultura brasileira é também fonte de análise no estudo de Lyndon de Araújo Santos.

Entre as obras que não foram originárias de titulação acadêmica, temos: *Protestantismo e repressão*³⁵, em que Rubens A. Alves descreve o espírito do Protestantismo, abordando o universo protestante nos seus aspectos sociais e morais e a ética protestante. Trata da conversão de brasileiros ao protestantismo e discorda da pressuposição de que no Brasil o esforço missionário da Igreja Protestante foi no sentido de conseguir conversos, pela conversão de adeptos do catolicismo. Alves diz concordar com Troeltsch³⁶, quando afirma que o protestantismo foi, em primeiro lugar, simplesmente uma modificação do catolicismo, na qual a formulação católica dos problemas foi mantida, enquanto uma resposta

³² SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e culturas na primeira república brasileira**. São Luiz: Edufma; São Paulo: ABHR, 2006.

³³ Idem, p. 147

³⁴ Idem, p. 25

³⁵ ALVES, Rubem A. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1982.

³⁶ TROELTSCH, Ernst. **Protestantism and Profess**. Boston: Beacon Press, 1958.

diferente lhe foi dada. Portanto, Católicos e Protestantes concordam na sua antropologia. Ambos coabitam o mesmo universo de significação.

Richard Graham, em *Grã-Bretanha e o início da modernização do Brasil*³⁷, apresenta também sua contribuição ao estudo da penetração do protestantismo no Brasil. Ao debruçar-se sobre a formação de uma mentalidade reformista no Brasil, Graham analisa a doutrina de salvação individual no protestantismo fornecendo elementos para a concretização do ideal do individualismo e a noção do Estado secularizado no Brasil imperial.

Da mesma forma, a obra de Moniz Bandeira, *A presença dos Estados Unidos no Brasil*³⁸, oferece dados com relação à presença de missionários protestantes norte-americanos no Brasil. Para Graham esses missionários serviram como divulgadores de valores capitalistas e contribuíram para o processo de “americanização” do País. Como Graham, Bandeira atribui a aceitação de doutrinas protestantes ao fato de que seu ideário legitimava novos valores e políticas, que iam ao encontro das tradicionais estruturas ideológicas que sustentavam o regime imperial.

Para Watanabe³⁹ as obras estritamente históricas sobre o protestantismo foram feitas, na maioria das vezes, “ou pela instituição (trabalhos informativos) ou pela sociologia (para contextualizar questões tipicamente sociológicas)”. São seus autores pastores presbiterianos com formação teológica das décadas de 1950 e 1960. De marcado conteúdo teológico, esses trabalhos tornaram-se importante fonte de análise histórica para explicar a origem e/ou o desenvolvimento do protestantismo brasileiro. Watanabe classifica a obra de Émile Leonard “*O Protestantismo brasileiro*, como a única, até o momento, que pode ser enquadrada nos moldes da história das mentalidades”⁴⁰.

A considerar pelas leituras que realizamos das obras citadas, constatei a necessidade de um aprofundamento de uma História Cultural dos presbiterianos de Fortaleza, onde se cruzem os dados de suas histórias de vida, traços, sinais ou

³⁷ GRAHAM, Richard. **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

³⁸ BANDEIRA, Moniz. **A presença dos Estados Unidos no Brasil** (dois séculos de história). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

³⁹ VATANABE, Tiago Hideo Barbosa. Caminhos e histórias: a historiografia do protestantismo na igreja presbiteriana do Brasil. **Revista de Estudos da Religião**, nº 1, p. 21, 2005. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_watanabe.pdf> Acesso em: 25 mar. 2006.

⁴⁰ idem, ibidem.

"cacos" de uma realidade ainda não esquecida, ainda com sentido próprio e que podem ser interpretados pelas imagens ou discursos que seus componentes oferecem.

Como o indivíduo não está inserido em um único campo social e constrói-se (e reconstrói-se) ao longo de sua vida, os presbiterianos de Fortaleza vêm se construindo e se reconstruindo na cultura cearense, e contribuindo para a construção da identidade nacional.

1.1 A comunidade presbiteriana em Fortaleza: sua configuração em face da cultura local

Para compreender a história de vida dos presbiterianos em Fortaleza, elaboramos, para este capítulo, a contextualização histórica do protestantismo cearense a partir da chegada dos primeiros presbiterianos na capital do Estado do Ceará, ocorrido a 27 de setembro 1882.⁴¹

Serão subsídios para se compreender e responder como os presbiterianos de Fortaleza vêm construindo historicamente sua identidade cultural e em que medida a construção dessa identidade faz dele diferente do restante da população fortalezense.

No Ceará, o ingresso do protestantismo seguiu os métodos já consagrados em outros Estados e regiões do país. Os primeiros protestantes que aqui iniciaram seus trabalhos pertenciam à Igreja Presbiteriana e vieram com a missão de divulgar as Escrituras, bem como proceder à distribuição de Bíblias, pela venda ou doação. Essa propaganda era essencialmente executada pelos "colportores"⁴², que se embrenhavam pelo interior do Estado. Frederick Charles Glass, missionário que participava nessa fase pioneira da história do protestantismo no Ceará, descreveu a atuação desses colportores:

⁴¹ CORTEZ, Natanael. A igreja presbiteriana no Ceará. In: CORTEZ, Natanael. **Os dois tributos: Jubileu Ministerial, 1915 - 18 de janeiro - 1965.** [Fortaleza]:[s.n.], [1965?].

⁴² Colportores (*fr colporteur*), vendedores de Bíblias e livros religiosos, nas cidades e nos mais longínquos recantos do país. Espalhavam folhetos sobre o Evangelho e de casa em casa, pregavam a palavra de Deus. O trabalho do colportor era o braço direito do missionário. Histórias interessantes desses abnegados homens podem ser encontradas em GLASS, Frederick Charles. **Aventuras com a bíblia no Brasil.** Petrópolis, Casa Evangélica.

Eles viajavam a pé, guiando dois animais à sua frente, carregados de Evangelhos e folhetos. Sua direção deveria ser para o noroeste dessa cidade e através das regiões limítrofes de dois estados até um canto remoto do Estado do Ceará, o alvo especial de sua jornada.⁴³

Apesar de todos os fatos narrados e de outros de somenos importância, Valentino e seu companheiro, o ex-marinheiro Antão, conseguiram vender e distribuir dois mil Evangelhos, além de mil folhetos evangélicos, em uma região onde as Boas-Novas não haviam ainda penetrado.⁴⁴

Outro participante nessa fase escreveu:

Ótimo auxiliar do Dr. Smith e de outros missionários do Norte veio a ser João Mendes Pereira Guerra, convertido em 1878, em Goiana. Residiu em São Luís por alguns meses, pelo tempo da visita do Rev. Wardlaw. João Mendes foi incansável obreiro leigo como o paraibano Pontes. Suas viagens de colportagens estenderam-se até o Amazonas, e no Ceará estacionou por muito tempo.⁴⁵

A persistência dos missionários culminou com várias conversões. Embora essas conversões acontecessem em todas as classes sociais, o perfil socioeconômico dos primeiros conversos demonstra que a quase totalidade encontrava-se nos segmentos médios da sociedade - profissionais liberais, funcionários públicos, pequenos comerciantes e pequenos proprietários de terra. É importante observar, também, que os missionários tiveram o cuidado de recrutar adeptos das famílias tradicionais⁴⁶ das áreas onde atuaram. Essa estratégia servia para garantir a fixação da Igreja como se pode refletir a partir dos textos a seguir:

Em julho de 1886 já o Rev. Wardlaw visitava Baturité pela segunda vez indo até José Gonçalves e Canoa. Nesta povoação, hoje Aracohyaba, pregou na residência de Francisco Mamede Rodrigues

⁴³ GLASS, Frederick Charles, op. cit. p. 163.

⁴⁴ Idem, p. 168

⁴⁵ LESSA, Vicente Themudo. **Annaes da 1ª igreja presbyteriana de São Paulo**, 1863 – 1903: subsídios para a história do presbyterianismo brasileiro. São Paulo, [s. c. p.], 1938. p. 279-280.

⁴⁶ Família tradicional entende-se grupo social amplo, caracterizado por um nome de família cujos componentes têm a escolha dos sobrenomes realizada de forma tal a vincular o indivíduo a parentelas importantes ou para honrar um dos lados – paterno ou materno- da família, ou ainda, para se honrar um ancestral importante. Seus componentes são, freqüentemente, considerados como um compromisso entre as regras de localidade e de descendência Quanto mais elevada a posição social do indivíduo mais extensa a rede de parentesco.

Martins. [...] Os primeiros conversos em Baturité foram da família Rodrigues Martins.⁴⁷

Visitei Quixadá pela primeira vez em 1916. Preguei na casa do irmão Manoel Roberto de Lima... [...] Realizei vários cultos na residência do irmão João Porfírio Varella. No anno seguinte fui além de Crato anunciei o Evangelho em Lavras, na residência do mesmo irmão referido que para lá se havia transportado.⁴⁸

Em 1918, visitava pela segunda vez, a fazenda Vencedor, de propriedade da família Nogueira, o rev. Natanael Cortez, de saudosa memória, e pregava o Evangelho de Cristo...⁴⁹

No Ceará, algumas dessas famílias tornavam-se focos da disseminação da doutrina Presbiteriana:

Hoje 'Ebenezer' está entregue aos cuidados pastorais do Rev. Alcides Nogueira, filho da congregação e da mesma família Nogueira. Já possui o seu salão de cultos e conta com mais de 100 comungantes e cento e tantos menores.⁵⁰

Quase toda a família Nogueira converteu-se ao Protestantismo, quando o padre da localidade de São Bernardo, hoje Irapuã Pinheiro, Ceará, não permitiu o sepultamento de Joaquim Cândido de Sena, já converso desde 1905, no Cemitério onde os católicos eram sepultados.⁵¹ Joaquim Cândido foi enterrado na Fazenda Vencedor, de sua propriedade, naquela localidade, onde existe um cemitério que tem recebido, para sepultamento, a maioria dos membros da família Nogueira.

Na análise da introdução do protestantismo no Ceará (Figura 1), é preciso realçar que a doutrina, ditames teológicos e conceitos de valores morais eram trazidos pelos missionários americanos, obedecendo a um planejamento traçado pelas Juntas Missionárias de Nova York e de Nashville. Esses missionários presbiterianos tinham a missão de converter as convicções religiosas dos cearenses, cuja experiência religiosa inevitavelmente estava entranhada na compreensão católica do cristianismo.

⁴⁷ CORTEZ, Natanael. **O presbiterianismo no Estado do Ceará**. Recife: Norte Evangélico, 1928. p. 21.

⁴⁸ Idem, p. 23.

⁴⁹ MARTINS, Othoniel Silva. **Centenário da igreja presbiteriana de Fortaleza – 1883/1983**. Fortaleza: s.n., 1983. p. 23

⁵⁰ CORTEZ, Natanael, op. cit. p. 23.

⁵¹ CORTEZ, Natanael. O Presbiterianismo no Estado do Ceará. Garanhuns, PE, **Norte Evangélico**, Ano 22, n. 30, p. 23, ago. 1928.

Figura 1 - Mapa do Ceará, com indicativo das principais cidades



Fonte: www.ceara.com.br/cepg/mapa.ceara.htm.

Entre os missionários americanos que trabalharam no Ceará, no período de 1875 a 1882, alguns merecem destaque, seja pelo pioneirismo, ou pela sua dedicação e luta na implementação da doutrina Presbiteriana em terras cearenses:

1. O Rev. Dr. John Rockwell Smith, ex-aluno do Union Seminary de Richmond, visitou Fortaleza em 1875, onde pregava para a colônia inglesa. Segundo Themudo Lessa, “não se pode falar sobre presbiterianismo no Brasil omitindo a personalidade do Dr. Smith”⁵² O Dr. Smith possuía vasta cultura teológica, era notável orador, pregava longos sermões de cinquenta minutos e era apaixonado pelas questões que se agitavam na igreja naqueles tempos. Era enérgico mas consciencioso no cumprimento do dever, um Calvinista rígido.⁵³

⁵² LESSA, Vicente Themudo, op. cit., p. 287

⁵³ Idem, p. 289

Em 1881, Dr. Smith mandou para Fortaleza o obreiro leigo e colportor João Mendes Pereira Guerra, convertido em 1878, em Goyanna, Pernambuco⁵⁴. Este realizou incansável trabalho de colportagem, indo em suas andanças de evangelização até a região amazônica.

No Ceará, foi responsável pela conversão do jornalista Sr. José Damião de Souza Melo, que passou a ser o primeiro converso em terras cearenses. Como presbítero da Igreja do Recife, teve a oportunidade de participar da comissão de exame à Profissão de Fé, de Vicente Themudo Lessa. Sua transferência para Fortaleza deu-se em 5 de agosto de 1906, no pastorado do Rev. Baird, quando o consideraram membro efetivo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, fato registrado na ata de nº 120, daquele mês e ano.

Dr. Smith visitou várias vezes o Ceará, indo até Baturité e Guaramiranga. De Baturité ramificou-se a obra evangélica por Pedraguda (Aracoiaba) e José Gonçalves. Posteriormente, também por Choró e até Vasantes, todos municípios do interior cearense.⁵⁵

2. O Rev. De Lacy Wardlaw, primeiro pastor da Igreja de Fortaleza, aportou em Fortaleza em 27 de setembro de 1882, na ponte da antiga Guarda Marinha. Foi recebido pelo capitão do Porto, Sr. Antônio Nunes e sua esposa, pelo chefe dos Correios, Dr. José de Oliveira e pelo Sr. José Damião de Souza Melo, Secretário da Relação do Amazonas. Hospedou-se na pensão Rendal, do Sr. Silveira Rendal. Era domingo e o missionário realizou o seu primeiro culto à noite na Praça dos Mártires, onde estava hospedado. Estiveram presentes ao culto as pessoas que o receberam a bordo do paquete Pará. O Rev. De Lacy Wardlaw, nasceu no Estado de Tennessee (EUA). Em 8 de julho de 1883, batizou os primeiros conversos em terras cearenses.⁵⁶ Tinha dificuldades de se comunicar em português e suas pregações não eram entendidas facilmente. Essa dificuldade era motivo de descontentamento para a maioria dos missionários americanos que para cá se deslocavam, porque não “conseguiram criar para si um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem

⁵⁴ RIBERIO, Boanerges. **Igreja evangélica e república brasileira (1990-1930)**. São Paulo: O Semeador, 1991, p. 152.

⁵⁵ CORTEZ, Natanael, op.cit. p. 21.

⁵⁶ CORTEZ, Natanael. **Lavoura de Deus: tributo religioso de um pastor presbiteriano no Ceará**. Fortaleza: IMPRECE, 2004, p. 30.

imposta pelo lugar ou da língua⁵⁷, constituindo o maior entrave à evangelização presbiteriana do Ceará.⁵⁸

Wardlaw organizou a primeira Igreja protestante no Ceará, que recebeu a denominação de Igreja Presbiteriana de Fortaleza, fato ocorrido em 6 de agosto de 1890. Dois anos depois, De Lacy foi indicado seu pastor. Considerado o pioneiro do presbiterianismo no Ceará, o Rev. Wardlaw permaneceu como Pastor Presbiteriano no Ceará, de 1892 a 1897.

Em 1897, Wardlaw desligou-se do Presbitério e da Missão, por haver desenvolvido negócios comerciais, tendo aberto, em 1892, uma livraria na Rua Major Facundo, o que lhe rendeu um processo judicial. O Sínodo daquele ano, por meio de comissão formada pelos missionários Chamberlain e Allyn, chegou à conclusão de a queixa da Igreja de Fortaleza teria sido em termos apaixonados:

... embora havendo a informação de que o Rev. Wardlaw se defendera, não havia nas atas do Presbitério, nada sobre as bases da defesa que permitisse avaliar se a pena imposta não excedera à gravidade da culpa cometida.⁵⁹

O Sr. Wardlaw escrevia artigos para jornais⁶⁰, pelo que ficou muito conhecido na imprensa. Os artigos versavam sobre suas idéias sociais, e especialmente religiosas, sempre em favor da doutrina protestante. Textos Bíblicos eram sempre citados e interpretados por ele. Sobre a salvação e o amor de Deus para com os homens, o Rev. Wardlaw assim se expressou:

Assim o pecador, corrupto, e fraco é às vezes levado ao desespero. Este é o estado do homem natural, e de todo homem que não tem a luz da revelação; ou se tem, não crê ou rejeita. Para os que aceitam, o estado é outro, é auxiliado por Deus [...] Esta proteção nos é oferecida, uma vez que a aceitamos. E o que é a fé senão o ato de receber o salva vidas? Confiemos, pois, na proteção divina que é para todo momento, já em casa, já fora no campo, ou na rua.⁶¹

⁵⁷ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 Arte de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 92-93.

⁵⁸ Segundo o Rev. Natanael Cortez, a dificuldade dos missionários na pregação em língua portuguesa teria afastado muitas pessoas, sobretudo as mais humildes e ignorantes.

⁵⁹ LESSA, Vicente Themudo. Op. cit. p. 536.

⁶⁰ Jornal "O Século" de Natal, RN, Jornal "O Liberal", fundado em 1881, era o órgão oficial da Sociedade Cearense Libertadora, principal agremiação abolicionista da província do Ceará.

⁶¹ Jornal O Século, Natal. Edição 12/09/1898

Nesse artigo, Wardlaw rejeita a idéia de predestinação arbitrária, valorizando a iniciativa do homem como indivíduo. Defendia que o homem, como ser moral, estava subordinado às leis ditadas por Deus e que ao optar por uma fé que não a cristã, estava exercendo uma escolha individual, sujeito a responder perante Deus, que lhe deu a faculdade de escolha.

Celebrando cultos, publicando folhetos e escrevendo em jornais, Wardlaw busca atingir corações e mentes por meio da divulgação de uma mensagem de valorização da fé protestante como elemento imperativo ao desenvolvimento de uma civilização moderna, educada, letrada e organizada socialmente e, por outro lado, pela depreciação do catolicismo, acusando-o de ser fonte de atraso e superstições. No artigo Fé e Política, publicado pelo missionário em “O Libertador”⁶², Wardlaw assim se expressava:

Os puritanos fundadores dos Estados Unidos tinham como primeiro dever a leitura e a meditação da Bíblia. Por isso, ao lançarem os lineamentos de uma cidade, invariavelmente faziam avultar no primeiro plano três edifícios: Templo, Escola e Typografia.

Os povoados do Brazil levantavam um cruzeiro, junto ao qual missionários celebravam o culto em língua ignorada pelos fiéis, e quando o lugar tinha de ser elevado a villa, o governo mandava erguer o pelourinho, lugar de suplício infamante para os escravos e para os populares.

A reforma com seus livros em língua nacional, com seu apello a todas as intelligencias, fez da escola o fundamento da cidade. O absolutismo theocrático, com seus livros em latim, com o monopólio da interpretação dos textos, com seu ódio à razão creou um povo analfabeto (...).

Ao descrever essa situação, Wardlaw “manifestava que as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros e tenta impor aos fortalezenses as suas escolhas e condutas”.⁶³ É uma demonstração de que a distinção social e a busca de prestígio entre setores letrados da sociedade aparecem como elemento primeiro da estratégia de inserção dos missionários presbiterianos na sociedade fortalezense.

Ainda investigando a galeria dos ministros presbiterianos que trabalharam para a introdução e consolidação da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, cabe destacar

⁶² Jornal “O Libertador”, 11 set. 1884. p. 3.

⁶³ CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990. p. 17

o Rev. William Calvin Porter, pastor auxiliar do Rev. Wardlaw, nascido em Tuskegee, Alabama, em 1855. Veio para o Brasil após a Guerra Civil Americana, em companhia do pai, que aqui se fixou. Estudou no Colégio Internacional, em Campinas, São Paulo, dirigido por missionários presbiterianos. Transferiu-se para Pernambuco com o cunhado, Dr. John Rockwell Smith, missionário presbiteriano da Igreja Presbiteriana de Recife, com quem estudou teologia, pois pretendia ser missionário no Brasil. Trabalhou como missionário entre 1884 e 1888 e em 26 de setembro de 1889 recebeu ordenação, ficando responsável pela Igreja Presbiteriana de Recife, por algum tempo. Posteriormente, a Missão designou-o para o Ceará, permanecendo até 1895⁶⁴, quando foi nomeado pastor residente dos natalenses⁶⁵. Foi o primeiro professor do Presidente João Café Filho, no Colégio Americano de Natal, fundado pelo próprio Calvin Porter.⁶⁶

3. O Rev. Reynold Baird foi pastor da Igreja Presbiteriana de Fortaleza em dois períodos: de 1896 a 1900, e de 1903 a 1906. Estudou medicina e teologia nos Estados Unidos, vindo como missionário para o Ceará, em 1896, para substituir o Rev. Wardlaw. Em seu pastorado foi lançada a pedra fundamental do belo templo de Fortaleza, localizado na Rua Conde d'Eu, (hoje Sena Madureira), construído pelos esforços do presbítero Dr. Albino de Farias⁶⁷. Essa obra custou mais de quarenta contos de réis, considerável quantia para a época. O Dr. Baird assistiu ao sínodo de 1903, ocasião em que houve a cisão da Igreja Presbiteriana do Brasil⁶⁸, regressando aos EEUU em 1908, onde faleceu aos 10 de março de 1909⁶⁹.

Os missionários americanos não foram os únicos a desempenhar papel importante na consolidação da Igreja Presbiteriana no Ceará. A Igreja contava com vários pastores nacionais, dentre eles destacavam-se:

Rev. Martinho de Oliveira, pastor da Igreja de Fortaleza no período de setembro de 1900 a fevereiro de 1901. Professou a sua fé na Igreja Presbiteriana de Fortaleza-(IPF), em 9 de agosto de 1891, durante o pastorado do Rev. De Lacy Wardlaw e foi ordenado Pastor em 21 de julho de 1896⁷⁰

⁶⁴ LESSA, Vicente Themudo, op. cit. p. 336

⁶⁵ COSTA, Wicliffe de Andrade, op. cit., p. 45.

⁶⁶ VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1980. p. 262.

⁶⁷ CORTEZ, Natanael. **Lavoura de Deus**, op. cit. p. 86.

⁶⁸ LESSA, Vicente Themudo, op. cit. p. 669.

⁶⁹ ALENCAR, Francisco Alves de, op. cit. p. 89.

⁷⁰ Idem, pp. 89-90.

Rev. Jerônimo de Carvalho Silva Gueiros, pastor da Igreja de Fortaleza entre 1901 e 1902. Nasceu no vilarejo denominado Salobro, Município de Pesqueira, Pernambuco, em 1880. De família extremamente religiosa e fiel ao catolicismo romano, acabou fazendo o secundário no Colégio Evangélico de Martinho de Oliveira, posteriormente Colégio Evangélico 15 de Novembro, em Garanhuns, Pernambuco. Ainda moço, aprendeu o ofício de marceneiro e aos 14 anos de idade escolheu a sua religião. Sua conversão importou em que tanto o pai como os seus quatro irmãos mais velhos lhe seguissem os passos. Tornou-se presbítero aos 19 anos na Igreja Presbiteriana de Garanhuns. Em 1901, com 21 anos de idade, ordenou-se Ministro do Evangelho no Presbitério de Pernambuco⁷¹. Em Fortaleza, como pastor da Igreja Presbiteriana, celebrou-se como polemista com o Sr. José Arimathea Cysne sobre a eucaristia⁷².

Rev. Antônio Almeida, cujo pastorado durou de 1907 a 1911, teve sua vinda para a Igreja Presbiteriana de Fortaleza determinada pelo Presbitério de Pernambuco e sua posse ocorreu em 3 de novembro de 1907. Durante seu pastorado, a Igreja adotou medidas disciplinares rígidas de referência comportamental, com o intuito de exigir do presbiteriano vida mais austera, condizente com a moral pregada por ela. Preocupado com os irmãos espalhados pelo sertão cearense, foi batalhador na divulgação da palavra de Deus nos locais mais distantes da Capital, tendo visitado Baturité, Candeia, Afonso Pena (Acopiara), Iguatu, Senador Pompeu, Aracoiaba, em verdadeiro trabalho de evangelização, escolhendo essas ocasiões para Batizar e receber por Profissão de Fé dezenas de irmãos⁷³.

Rev. Raimundo Bezerra Lima permaneceu como pastor da Igreja Presbiteriana de Fortaleza de 1911 a 1915, tendo atuado como pastor auxiliar do Rev. Antônio de Almeida desde 1909. Nomeado pastor titular em 5 de fevereiro de 1911, realizou evangelização em Baturité e seus distritos. Esse trabalho continuou quando pastor titular, visitou Baturité, Iguatu, Aracoiaba, Canoa e Zé Gonçalves. Durante o pastorado do Rev. Bezerra Lima, a Igreja alcançou a sua emancipação financeira para com as Missões Americanas, representando um passo decisivo na

⁷¹ Idem, pp. 91-92.

⁷² CORTEZ, Natanael. O presbiterianismo no Estado do Ceará. **Jornal Norte Evangélico**, Garanhuns, PE, p. 22, ago. 1928.

⁷³ ALENCAR, Francisco Alves de, op. cit. p. 96-97.

sua completa autonomia. Nesse período, a Igreja Presbiteriana de Fortaleza contava com 210 membros.

Durante o seu pastorado, deu-se o conflito em torno dos bens da Igreja. O Dr. Albino José de Farias, presbítero da Igreja Presbiteriana Independente, que emprestara a quantia de 1.500:000 (um mil e quinhentos contos de réis) para a compra do terreno da futura Igreja Presbiteriana de Fortaleza – quando era ainda um de seus membros -, disputava o direito de propriedade do templo. O Rev. Bezerra Lima chegou a ser processado por calúnia pelo Dr. Albino, porém foi impronunciado. Esta pendenga jurídica só terminou em 1919, com acordo judicial entre as partes litigantes, ficando o templo para a Igreja Presbiteriana de Fortaleza⁷⁴.

Rev. Natanael Cortez foi pastor da Igreja de Fortaleza de 1915 a 1952. Por representar, na opinião dos presbiterianos cearenses, uma das principais figuras da Igreja Presbiteriana do Ceará, mereceu relevo especial em seu pastorado, pelas suas qualidades, como no dizer de Eduardo Campos:

Professor e pastor. Pastor, acima de tudo, como desejou, a exercer o ministério da palavra.⁷⁵

Seguiram-se os Pastores Alcides Nogueira, de 1943 a 1957; Othoniel Silva Martins, de 1957 a 1996; Fábio Ferraz Ciribelli, durante o ano de 1996. O seu substituto e atual Pastor é o Rev. Marcos Antônio Bastos de Almeida Braga.

Tantos os missionários estrangeiros, do período inicial da introdução do presbiterianismo no Ceará, como os pastores que os seguiram estabeleceram “práticas, táticas e estratégias”⁷⁶ na busca de uma posição no campo religioso brasileiro, anteriormente ocupado hegemonicamente pela Igreja Católica.

A Igreja Presbiteriana de Fortaleza, desde a pregação em 1882, na Rua da Misericórdia (hoje Rua João Moreira), oficializada pelo Rev. De Lacy Wardlaw, até 1930, manteve cultos regulares na Rua Senador Pompeu nº 63, passando pelas ruas Floriano Peixoto nº 24, Barão do Rio Branco nº 165, Major Facundo nº 156, e Sena Madureira (antiga Conde d’Eu) nº 105⁷⁷.

⁷⁴ NATANAEL, Cortez. **A sagrada peleja**, op. cit. p. 165-166.

⁷⁵ CAMPOS, Eduardo. **Natanael Cortez e o ministério da palavra** (Biografia de um pastor do rebanho do Deus). Fortaleza: (s.ed), 1989. p. 5.

⁷⁶ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. arte de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 7. ed, Pedrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 46.

⁷⁷ ALENCAR, Francisco Alves de, op. cit. p. 163.

Atualmente, na Avenida Visconde do Rio Branco, 1636, a Igreja Presbiteriana de Fortaleza ajudou a difundir um movimento religioso e cultural sujeito às condições históricas e às práticas sociais, agregando traços e identidades à experiência do sagrado, criando instituições e modos de ser “- *habitus* -, pela construção de espaços e redes de sociabilidade, que permitiram reproduzir formas de pensar e sentir a realidade brasileira”⁷⁸, no transcorrer de toda a sua existência.

1.2 Organização eclesiástica presbiteriana e os primeiros conversos

A organização eclesiástica da Igreja de Fortaleza, como todas as Igrejas Presbiterianas do Brasil, tem em sua estrutura um colegiado dirigente da igreja local, formado pelo pastor, presbíteros e diáconos, encarregados da assistência aos mais necessitados. Ao pastor compete a direção geral da comunidade. Aos presbíteros estão afetos os assuntos administrativos e os eclesiásticos, no auxílio ao pastor. Assuntos mais relevantes são levados à Assembléia Geral, formada por todos os membros professos, isto é, com direito a participar da Eucaristia. O colegiado, chamado de “sessão”, reúne-se pelo menos uma vez por mês ou, quando em caráter emergencial, a qualquer tempo. Três igrejas locais, pelo menos, formam um presbitério, que se reúne anualmente. A reunião de pelo menos três presbitérios forma um sínodo, que se reúne de dois em dois anos. A reunião de todos os sínodos forma o Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, que se reúne de quatro em quatro anos.

O desenvolvimento do protestantismo no Brasil, medido pelo aumento no número de adeptos, dificilmente representará uma informação fiel e digna de registro. As estatísticas das Igrejas são incompletas e mesmo os dados dos Censos Demográficos não são confiáveis, já que “a categoria protestante, usada nos Censos, não equivalem a de “membros comungantes” em uso nas igrejas evangélicas. Aquela é mais ampla, abrange adultos e crianças, não distingue os que seguem os padrões ético-religiosos de suas igrejas, dos que não o fazem. Esta última é mais restrita, designa os que

⁷⁸ SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado**: protestantismo e cultura na primeira república brasileira. São Luiz: Edufma; São Paulo: ABHR, 2006. p. 224.

freqüentam os cultos, a escola dominical, e pautam suas condutas pelas normas institucionais estabelecidas.⁷⁹

Valendo-se de dados do Censo, Francisco Cartaxo Rolim informa que no ano de 1890, havia no Brasil 142.235 protestantes⁸⁰ (1,0 % da população). No ano de 1900, o Censo apontava apenas 177.727 protestantes (1,1% da população). Para ele, algumas causas contribuíram para esse baixo crescimento. Uma delas foi que o Censo de 1900 havia sido impugnado no antigo Distrito Federal. Refeitos em 1906, os boletins não traziam a pergunta sobre religião. A outra é que as Regiões Sudeste (mesmo com a omissão de religião para o Distrito Federal) e Sul acusaram aumento de protestantes em relação aos resultados do Censo anterior. Nas demais Regiões – Norte e Centro-Oeste – verificou-se perda; finalmente, os incluídos nas categorias de sem religião e de religião não declarada, perfaziam um total de 861.570, soma bem superior aos (177.727) conjunto dos protestantes. Segundo Cartaxo Rolim, nenhum dos recenseamentos havia registrado semelhante ocorrência, ficando assim o de 1900 em sensível contraste com os demais Censos.⁸¹

A hipótese levantada pelo autor é de que, em 1900, muitos protestantes ocultaram sua identidade religiosa, provavelmente para se pouparem às perseguições movidas pelo catolicismo tradicional. Os contínuos censos realizados no Brasil têm demonstrado perdas de fieis pela Igreja Católica, para as Igrejas Protestantes, principalmente as vertentes pentecostais. Temos assim um processo de diversificação religiosa, em que crescem as igrejas evangélicas (tradicionais ou pentecostais) e os sem religião⁸², que representam, pelo censo do IBGE de 2000, 7,4% dos brasileiros.

O quadro 1 aponta essa situação. Observa-se que o crescimento dos Evangélicos pentecostais representa o dobro dos Evangélicos de missão.

⁷⁹ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p. 20.

⁸⁰ Para o Censo não havia distinção entre batistas, presbiterianos, pentecostais, todos eram protestantes.

⁸¹ ROLIM, op. cit. p. 21.

⁸² Sem-religião, além dos ateus, significa também abandono das práticas religiosas e dos vínculos com as igrejas.

Este fato pode ser explicado pelo uso constante do sincretismo, dos ritos e das práticas de religiões concorrentes, como a “sessão espiritual de descarrego”, o “fechamento de corpo”, a “corrente da mesa branca”, e outras atividades realizadas estrategicamente e de forma deliberada para conquistar adeptos.⁸³

Quadro 1. Dados gerais sobre religiões no Brasil, 2000.

Anos	População	Católicos	Evangélicos de missão ⁸⁴	Evangélicos pentecostais
1970	93.470.306	85.775.047 91,08%	4.833.196 5,2%	
1980	119.099.778	105.860.063 89,0%	4.022.330 3,4%	3.863.320 3,2%
1991	146.814.061	122.365.302 83,3%	4.388.165 3,0%	8.768.929 6,0%
2000	169.870.803	125.517.222 73,9%	8.477.068 5,0%	17.975.106 10,6%

Fonte: Censo de 2000 do IBGE, adaptado de ANTONIAZZI, Alberto. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20060222093753.pdf?PHPSESSID=8453ea65264268bac5a9f06602d5b7fd>. Acesso em: 27 dez. 2007.

O censo do IBGE, realizado em 2000, aponta a Religião Batista, entre as Religiões Protestantes de Missão (Quadro 2) com o maior número de fieis na população brasileira, vindo em seguida os presbiterianos. No Ceará, os evangélicos são 678.656⁸⁵, aqui representados por todas as denominações, correspondendo a 9,15% de sua população.

Os Presbiterianos do Ceará estão divididos em dois Sínodos. O Sínodo do Ceará, com cinco Presbitérios, quarenta e seis Igrejas, sessenta e seis Pastores e sete mil e cem membros, e o Sínodo do Nordeste, com três

⁸³ ANTONIAZZI, Alberto. **Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?** S.l.:s.n., [200?]. Disponível em:

<http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20060222093753.pdf?PHPSESSID=8453ea65264268bac5a9f06602d5b7fd>. Acesso em: 27 dez. 2007.

⁸⁴ Na segunda metade do século XIX, chegaram dos Estados Unidos missionários presbiterianos, batistas e metodistas. Esses religiosos, aqui no Brasil, passaram a ser denominadas de protestantes “de missão”.

⁸⁵ Senso IBGE 2000.

Presbitérios, dezenove Igrejas, vinte e cinco Pastores e mil e vinte membros.⁸⁶

Quadro 2. Protestantismo de Missão no Brasil, em 2000.

Protestantes	%
Batistas	3.162.700 (= 37,31% dos protestantes tradicionais)
Presbiterianos	981.055 (= 11,57%)
Metodistas	340.967 (= 4.02%)

Fonte: ANTONIAZZI, Alberto. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20060222093753.pdf?PHPSESSID=8453ea65264268bac5a9f06602d5b7fd>. Acesso em: 27 dez. 2007

Até 21 de janeiro de 1919⁸⁷, a Igreja de Fortaleza fazia parte do Presbitério de Pernambuco, que reunia todas as Igrejas das regiões Norte e Nordeste.⁸⁸ A partir desse ano, por determinação do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, passou a compor com as demais Igrejas do Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas o Presbitério do Norte, conforme consta na Ata da primeira reunião desse Presbitério, realizada na Igreja de Fortaleza, em 19 de janeiro de 1920. A escolha do local para a primeira Reunião do Presbitério do Norte, demonstra que a Igreja de Fortaleza (Figura 2) ocupava posição de destaque no conceito das demais igrejas⁸⁹ que compunham o sodalício.⁹⁰

⁸⁶ Informações prestadas ao autor pelo Pastor Aramilson, Presidente do Sínodo do Nordeste e pelo Pastor Ricardo Regis, Presidente do Sínodo do Ceará, em 29/12/2007.

⁸⁷ Atas 26 a 32^a do Presbitério de Pernambuco, reunido na cidade da Parahyba do Norte, de 16 a 21 de janeiro de 1919.

⁸⁸ No livro que abriga as atas do Presbitério de Pernambuco, no período de 2/7/1903 a 21/1/1919, são relacionadas como pertencentes a este Presbitério, as seguintes Igrejas: Igreja de Garanhuns, de Goyanna, de Palmares, de Recife, de Areias, de Canhotinho, de Cachoeira Dantas, de Pão de Açúcar, de Gameleira, de Campo Alegre, Igreja Gilead, todas em Pernambuco, Igreja de Fortaleza, Igreja de São Luiz e de Caxias (MA), Igreja de Natal, Igreja da Parahyba, Igreja do Pará, Igreja de Manaós (AM), Igreja de Maceió (AL).

⁸⁹ CORTEZ, Natanael. **Lavoura de Deus**, op. cit. pp. 165-166.

⁹⁰ Sodalício - Sociedade de pessoas que vivem juntas ou em comum.

Figura 2 - Mapa de Fortaleza, vendo-se seus principais bairros



Fonte: www.ce.gov.br/mapafortal.htm.

Desde a sua introdução, o presbiterianismo no Ceará recebeu adesão pela conversão de número significativo de indivíduos oriundos da camada da classe média em formação⁹¹, quase sempre famílias inteiras⁹¹, indicativo de que a mensagem protestante atingia, principalmente pelo seu conteúdo moral, o seio familiar⁹². O cuidado com a vida prática de seus fiéis constituía certamente uma das preocupações centrais da Igreja Presbiteriana: “A Igreja Presbiteriana sustenta haver uma conexão inseparável entre fé e prática, entre a verdade e o dever”⁹³.

No livro de registro de membros da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, podem ser encontrados os nomes das famílias Mota Castello Branco, comerciantes, proprietários da casa Mundlos, situada na Praça do Ferreira, que revendiam as máquinas de costura Singer e Mundlos; Varela e Cortez – vários de seus membros trabalharam na instalação da Rede de Viação

⁹¹ SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiróz, 1984. (Biblioteca básica de Ciências Sociais: I; Estudos Brasileiros 6)

⁹² Local de formação do caráter do homem.

⁹³ Igreja Presbiteriana do Brasil. **Forma de governo e disciplina da igreja presbiteriana**. Rio de Janeiro: IPB, 1876.

Cearense; Lopes Barreira, donos de metalúrgica e comerciantes; os Nogueira, fazendeiros e comerciantes; a família Brasil, professores e funcionários públicos:

Mais do que uma opinião individual, a fé evangélica se tornava a expressão ideológica de um grupo social bastante forte para se defender e defendê-la, e mais, para propagá-la [...] O “corpo protestante” brasileiro que assim se criava teve mais esta circunstância privilegiada de se constituir normalmente à imagem exata de todo o corpo social do país. Desde o início, todas as classes e todas as profissões ali foram representadas.⁹⁴

Em 8 de julho de 1883, treze pessoas receberam a comunhão presbiteriana por profissão e batismo. Foram: o Dr. Albino José de Farias - único dentista de Fortaleza, homem rico, proprietário de muitas casas de aluguel; Ludovina Magno de Farias, professora de piano e esposa do Dr. Albino; Maria Carolina Falcão de Farias, Dinamerite de Farias – irmã do Dr. Albino, Flávio Magno, irmão da Sra. Ludovina; João Victorino S. Clemente; Francisco Alves Firmino; Manoel Francisco Braga; José Damiano de Souza Mello, conceituado jornalista de nacionalidade portuguesa, que escrevia no jornal a “Constituição”; Alfredo de Souza Mello, comerciante e irmão do jornalista; Manoel Izidro Teixeira; Ângelo de Souza e Christovam Pereira Guerra⁹⁵.

Para os grupos familiares alcançados pelo protestantismo, pertencentes sobretudo à classe média cearense, este segmento religioso representava, também, nova orientação de conduta e renovadas perspectivas no campo econômico e social. Esses indivíduos lutavam, como ocorria em todo o país, pela sedimentação e ampliação, sobretudo a partir de 1880, de um segmento social formado por profissionais liberais e pequenos comerciantes, que defendia um pensamento liberal individualista de inspiração britânica e americana, que passou a lutar com a aristocracia por um espaço na vida política da cidade, encampando reformas que levassem Fortaleza a se inserir plenamente no “mundo moderno”, em um processo de aprendizagem de algo

⁹⁴ LÉONARD, Émile-Guillaume, op. cit., p. 95.

⁹⁵ CORTEZ, Natanael. **Lavoura de Deus**, op. cit., p. 196.

novo, onde a cultura presente, o *habitus* de cada indivíduo desempenhava papel ativo e fundamental.⁹⁶

1.3 A Modernidade, os conflitos sociais e a intolerância entre católicos e protestantes

Fortaleza, em fins do século XIX vivia em estado de conflito entre o tradicionalismo e a modernidade⁹⁷. Os moradores dos bairros mais afastados viviam em precárias condições de saúde e moradia, quase sem nenhuma instrução, não recebiam os benefícios das transformações sociais e urbanas ocorridas durante a *belle époque*.

Construída em torno da Igreja Católica, Fortaleza tinha no catolicismo romanizado o que havia de mais conservador e tradicional no seio da sociedade cidadina, impedindo as mudanças reclamadas.⁹⁸

A organização da Diocese do Ceará deu-se em 1860, no período inicial do processo de romanização e seu primeiro Bispo foi D. Luiz Antônio dos Santos, formado em um dos mais famosos centros de romanização do Brasil.⁹⁹ Além do clero romano, muitos eram os descontentes com as mudanças que se processavam na cidade, permanecendo fiéis ao conservadorismo.

Assim, o “espírito da civilização moderna”, que tinha foro entre a classe média e a intelectualidade progressista das principais cidades do país, teve em Fortaleza seu curso obedecido a um ritmo moderado e as mudanças pretendidas, limitadas pela forte ação conservadorista delineada nos ideais católicos. Essa barreira em defesa das tradições e dos “bons costumes”, levantada pelos conservadores, representava a luta pelo predomínio da moral e da fé católica, e contrapunha-se às propostas de uma organização dessacralizada da sociedade e a

⁹⁶ BOURDIER, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 81

⁹⁷ Fortaleza, na segunda metade do século XIX, iniciava seu processo de inserção ao capitalismo, pela expansão do comércio de importação e exportação, motivada pela economia agroexportadora, com especial destaque para o algodão, fazendo-a vivenciar momento de crescimento econômico, político e cultural ainda desconhecido pelos cearenses. (Cf. PONTES, Sebastião Rogério. Fortaleza belle époque. Reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993, p. 8).

⁹⁸ MONTENEGRO, João Alfredo. **O trono e altar**: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará – 1817-1978. Fortaleza: BNB, 1991 cap 2.

⁹⁹ PINHEIRO, Francisco José. O processo de romanização do Ceará. In: SOUSA, Simone (Coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Stylos, 1989.

perda da legitimação religiosa, que empregava caráter de inexorabilidade às instituições que lhe sustentavam os poderes e privilégios.

As classes menos privilegiadas econômica e socialmente foram também alcançadas pela religião reformada, servindo esta de libertação do indivíduo, dos entraves que o sistema tradicional representava para a mobilidade social. A Igreja Católica, em sua luta entre clero liberal e clero romanizado, distanciava-se cada vez mais das questões nacionais. Já o discurso protestante pretendia ser uma resposta aos anseios civilizatórios de setores da sociedade local.

Os aspectos doutrinários do protestantismo reforçavam o ideal da liberdade individual e da ascensão social pelo esforço pessoal, não importando a origem do indivíduo, dependendo de sua perseverança para receber a recompensa. Estimulava ainda o protestantismo, o crescimento individual pelo trabalho, pela força de vontade e perseverança em direção ao ideal, difundindo mensagens de esperança e confiança, que contribuiriam para as mudanças, *desmistificando a aparência da imutabilidade da realidade social*.¹⁰⁰

Em artigo publicado em 3 de março de 1909, profundamente impregnado de conceitos, como liberdade, igualdade, fraternidade e justiça, o Rev. Jerônimo Gueiros, um dos ex-pastores da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, desfraldou a bandeira do protestantismo:

A religião evangélica, da qual disse Rousseau que se não fosse divina merecia sê-lo, é a natural protetora dos direitos do homem. Decorativa de sua dignidade, funda-se na liberdade. Prega, aconselha e ordena, o amor, a ordem e a justiça. Uma religião que declara ser o criador, o árbitro e o rei do universo e todos os homens iguais diante dele. Que promete amparo ao fraco e desvalido, castiga ao opressor, que declara uma comum origem, uma lei comum e um comum juízo para todos os homens,...

A importância dada ao indivíduo pelo protestantismo, fazendo-o consciente de si mesmo como unidade independente, sem ser apenas mais um a fazer parte de um todo, com lugar permanente e fixo, passou a incomodar a sociedade tradicional, legitimada pelo que Berger denomina de “universos simbólicos”.¹⁰²

¹⁰⁰ COSTA, Wicliffe de Andrade op. cit., p. 45

¹⁰¹ JORNAL NORTE EVANGÉLICO. Recife, s.n., 1909.

¹⁰² BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.126-142.

No Brasil, esse individualismo combateu vigorosamente a tradição do compadrio, que fortalecia as relações de dependência entre os indivíduos e perpetuava a submissão natural e a lealdade. O compadrio era uma relação eminentemente religiosa. Os protestantes ensinavam que a única relação de dependência é a do indivíduo com Deus.¹⁰³

O compadrio, que muitas vezes se dá de forma assimétrica, isto é, entre pessoas de classes diferentes, reforça as relações de lealdade e até de dependência 'relembrando' *os significados tradicionais encarnados na cultura e suas instituições mais importante*¹⁰⁴

Segundo Della Cava,¹⁰⁵ numa das regiões mais promissoras do Estado do Ceará, o Vale do Cariri, a formação da hierarquia social compreendia, no ápice, os fazendeiros de cana que gozavam de indiscutível preeminência política, até o fim do século XIX. Muito abaixo deles, com a única exceção dos profissionais liberais intermediários, situava-se uma força de trabalho subserviente. Essa força, embora sempre armada para defender com lealdade os interesses de seus patrões em eventuais beligerâncias entre os grandes proprietários de terras, poucas vezes se rebelava contra o próprio patrão. Os laços sociais e religiosos, representados pelo compadrio e pela afilhadagem, ligavam entre si proprietários e trabalhadores, numa rede de relações e obrigações mútuas.

Essas condições representavam óbices à penetração do prebiterianismo nas áreas rurais brasileiras, já que suas práticas sociais em relação às camadas populares tiveram sempre cunho assistencialista endógeno. Raramente atingiam pessoas de outras Igrejas, mesmo que necessitadas, sendo restritas aos membros da Igreja Presbiteriana.

Tais ações não se constituíam luta contra as desigualdades sociais, muito menos serviam como espécie de contrapeso à propaganda antiprotestante que circulava neste segmento da população.

O fato relatado na ata de nº 73, de 12 de março de 1902, da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, apresenta situação interessante, quando a Igreja é

¹⁰³ MENDONÇA, Antonio Gouveia. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos. O campo religioso e seus personagens.* São Paulo. Universidade Metodista de São Paulo – Umesp, 1997. p. 129.

¹⁰⁴ BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulinas, 1985. p. 53.

¹⁰⁵ DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro.** Trad. de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.32.

instada a ajudar um de seus membros. As Sras. Aquilina Ribeiro e Joanira Inó se encontravam em estado de miséria, sem condição de se deslocarem nem para a Igreja:

Foi resolvido pela sessão que fosse aberta uma subscrição entre os crentes da igreja para socorrê-las sendo disto encarregado o presbytero Bonates

Essa prática do presbiterianismo também ficou presente no interior do Ceará. Mesmo naqueles casos em que a miséria alcançava grandes proporções, a política social da Igreja nunca ultrapassou uma política de assistencialismo.

Assim, a ata da Igreja, de nº 193, de 5 de setembro de 1915, relata a situação do Ceará assolado pela seca. O pastor Bezerra Lima fez solicitação, com o fim de socorrer os flagelados:

Ainda pelo Pastor foi declarado que, atendendo à secca que ora assola este Estado, o que não deixa de ser uma correção do Todopoderoso para todos, achando-se passando sérias privações irmãos tanto na capital como no interior, resolveu apelar urgentemente para todas as igrejas do Brazil supplicando auxílios.

Não se deve negar que durante a fase de entrada no Brasil, e em busca de novos adeptos, o Protestantismo buscou caracterizar a Igreja Católica como retrógrada e antiliberal. O Catolicismo era mostrado como obstáculo maior a todo e qualquer tipo de progresso; fosse na modernização do Brasil fosse na maturidade espiritual e intelectual daqueles que nele viviam.

Como era de esperar, as reações da Igreja Católica não tardaram. De início, foram as advertências aos seus fiéis contra as novas doutrinas, as ofensas, os ataques às pessoas, a divulgação de apelidos e cantigas. Seguiram-se as ofensas morais, os ataques físicos e até a destruição de templos e casas de protestantes. Os protestantes, por sua vez, atacaram fortemente os erros católicos. Para Alves (1982) o maior desses erros, é o “dogma da infalibilidade papal”¹⁰⁶. Os principais pontos de divergência entre católicos e protestantes são apresentados por Eduardo Carlos Pereira em *O problema religioso da América Latina*.¹⁰⁷ Essas lutas, como diz

¹⁰⁶ ALVES, Rubem Azevedo. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1982.

¹⁰⁷ PEREIRA, Eduardo Carlos. **O problema religioso da América Latina** – estudo dogmático histórico. São Paulo: Livraria Independente. 1949. p. 302-309.

Bourdieu, são tomadas de posições ideológicas para a definição do mundo social mais conforme aos interesses dos campos em conflito.¹⁰⁸

No Ceará, como em todo o Brasil, a imprensa foi notadamente meio de grande utilização na evangelização. A propaganda da doutrina fazia-se em panfletos, anúncios e artigos de jornais, contrapondo-se às leis imperiais que vetavam a divulgação de ofícios religiosos contrários ao catolicismo romano.

Eis alguns trechos de anúncios publicados no jornal “O Libertador”, na época, um dos jornais mais importantes da capital cearense:

Culto Público nos domingos às 10 da manhã e nas quartas-feiras às 7 horas da noite, à rua Senador Pompeu nº 59, pelo Rev. De Lacy Wardlaw.¹⁰⁹

Proclama: Na Igreja Presbiteriana à rua Senador Pompeu, nº 59, ontem (22) o Rev. De Lacy Wardlaw, proclamou pela 3ª e última vez o casamento do Sr. Alfredo Henry Moore com a Sra. Georgina do Espírito Santo, solteiros.¹¹⁰

Polêmicas foram travadas em jornais entre os protestantes e seus detratores. O culto às imagens e o purgatório foram temas de controvérsias. De um lado, pela doutrina bíblica estavam o Rev. Wardlaw e o irmão José Damião de Souza Melo, do outro, o padre Constantino Gomes de Matos, que defendia a tese romanista. Outra polêmica envolvendo católicos e protestantes iniciou-se com a publicação no jornal “A República” do artigo “O Batismo Protestante” escrito pelo Sr. Fischer.

Graças a Deus não precisamos de de ser cathechizados por herejes e padres casados... Todos nós somos christãos verdadeiros discipulos de Jesus Christo, baptisados por seus legítimos ministros, a quem Elle conferio a verdadeira e legitima missão de pregar o evangelho e baptisar em nome da Trindade Santíssima Fora da Igreja Catholica na há salvação possível.¹¹¹

O Rev. Jeronymo Gueiros, indignado com a afronta à sua religião feita por Fischer, resolveu revidar, publicando, em 30/11/1901, um artigo naquele jornal e

¹⁰⁸ BOURDIEU, op. cit. p. 11.

¹⁰⁹ Jornal O Libertador, edição de 22 mar. 1883, p. 3.

¹¹⁰ Jornal O Libertador, edição de 23 ago. 1883, p. 2.

¹¹¹ Jornal A República, edição de 27 nov. 1901, p. 3

com o mesmo título usado por seu opositor. Nessa nota, Gueiros tentou refutar o que ele chamava de “conjunto de inventivas contra os protestantes”.

Terminando, aconselhamos ao zeloso filho da Igreja catholica romana a que appareça na arena, porém, com mais coragem: assignando-se tirando o pseudonymo, para sabermos que com tanta ousadia emphaticamente diz “não haver salvação fora da Igreja catholica, apostólica, romana”.¹¹²

O Rev. Jerônimo Gueiros travou pelo jornal longa polêmica com os padres do seminário diocesano de Fortaleza, tendo como tema a eucaristia. Refutando as afirmações do padre católico Dr. Júlio Maria, em conferências realizadas na Catedral de Fortaleza sobre o tema “O amor de Jesus Cristo na Eucaristia”, Jerônimo Gueiros escreveu seus artigos no jornal “A República”.¹¹³

No campo do confronto e da polêmica estava o jornalista José Damião que, pela imprensa, manifestava as aspirações presbiterianas no Ceará, bem como a sua indignação com os católicos:

Na área do cemitério
Um animal de batina
Um turco, um maometano,
Um judeu, um muçulmano,
Que digo? – um padre romano,
Desprezou, escarneceu
A caridade divina...¹¹⁴

Essa luta não se travou só nos meios de comunicação. A aceitação do protestantismo implicava a mudança de religião,

o que não deixava de envolver uma certa resistência psicossocial: pois a mudança de religião importava assumir uma nova identidade religiosa, mesmo nas camadas mais pobres, e trazia-lhes certo constrangimento decorrente de regiões tradicionalmente católicas, como Norte e Nordeste.¹¹⁵

Em um Estado predominantemente católico, ser católico era pertencer à sociedade cearense e, naquele tempo, deixar a religião católica para ingressar em

¹¹² JORNAL A REPÚBLICA, edição de 30 nov. 1901. p. 3.

¹¹³ JORNAL A REPÚBLICA, edições dos dias 1, 2, 3,4 e 5 abr. 1903.

¹¹⁴ CORTEZ, Natanael, op. cit., p. 22.

¹¹⁵ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p. 32.

uma nova religião, era expor-se a vexames que iam do não ser cumprimentado até a agressão física, muitas das vezes incentivada pelo próprio clero católico:

Meu pai pouco freqüentava a igreja, porque ele vivia viajando. Chegou época em que ele era colportor, vendedor ambulante de Bíblias e Novos Testamentos, e houve período de ele passar nove meses fora de casa, somente viajando pelo Brasil [...] Então foram avisar ao Padre que havia uma nova seita com uns livros de capa preta (que era a Bíblia). O padre juntou uma turma e foi lá, rasgou todos os livros, colocaram querosene e tocaram fogo. Ele ficou muito desolado, teve que voltar para Garanhuns para pegar novo material e ir em frente. Havia essa intolerância. Essa era a época também de Frei Damião, com suas santas missões lá em Garanhuns. Ele estimulava os fiéis católicos a atacar os crentes com pedras, paus, e até jogar pedras na igreja. Não havia reação violenta dos evangélicos, apenas reagiam naturalmente, apenas se defendiam. Nós nos sentíamos acuados. Certa vez, numa dessas missões, Frei Damião disse que os católicos que vendiam alimentos, como, por exemplo, o leiteiro, não podiam fornecer leite aos crentes, aos evangélicos, aliás eles não chamavam propriamente de crentes, nós temos um apelido “daqueles bodes”, então, “bode” era mesmo o que ser crente. Aquele que fornecesse leite aos “bodes”, seria excomungado. Essa palavra excomunhão, naquela época, era de uma importância, de um peso muito grande, para os católicos, pois ser excomungado era o “fim da picada” como se diz. Então, um dos leiteiros disse lá em casa, para a minha irmã, que ela não se preocupasse, ele continuaria fornecendo o leite para nós.¹¹⁶

Rolim,¹¹⁷ baseando-se nos dados dos censos de 1890 e 1900, afirmou que o insignificante acréscimo de 0,1% em 10 anos no número de evangélicos na população brasileira total deveu-se, provavelmente, a uma estratégia, a de os evangélicos ocultarem sua identidade religiosa, para se pouparem às perseguições, claras ou veladas, movidas pelo catolicismo clerical. Para Boanerges Ribeiro, foi árdua a luta para a introdução do protestantismo no Ceará:

a reforma religiosa no Ceará não prosperou sem lutas, da polêmica ao tumulto, ao quebra-quebra, à destruição de locais de culto presbiterianos, à agressão física.¹¹⁸

No Ceará, quando da criação de sua diocese, em 1854¹¹⁹, a situação do catolicismo era lamentável, com poucos padres e imperava a imoralidade clerical, cujo prestígio havia atingido o seu ponto mais baixo. As igrejas e santuários estavam

¹¹⁶ Entrevista concedida ao autor em 12 de outubro de 2005, pelo Dr. Samuel Gueiros Pessoa.

¹¹⁷ ROLIM, Francisco Cartaxo, op. cit., p. 20.

¹¹⁸ RIBEIRO, Boanerges. **Igreja evangélica e república brasileira (1889-1930)**. São Paulo: O Semeador, 1991. p. 153.

¹¹⁹ DELLA CAVA, Ralph, op. cit., p. 35.

em estado de deterioração.¹²⁰ Entre as pessoas mais pobres, poucos eram os que tinham vida religiosa, pois só compareciam à Igreja oficial em dias de festa, dias santificados ou feriados importantes, quando se realizavam procissões e festas de largo. Quase não participavam das liturgias sacramentais, nem mesmo o batismo e a cerimônia de casamento eram praticados, dada a pouca assistência do clero aos locais mais distantes do centro da cidade.¹²¹

Dom Luís Antônio dos Santos, o primeiro bispo do Ceará, assumiu a nova diocese, em 1861, com o objetivo de restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia de sua fé, bem como tornar seu clero exemplar e virtuoso. Dava-se assim o início da “romanização” do catolicismo brasileiro.¹²²

A partir de 1890, o clero Nordestino intensificou sua preocupação com o crescimento do que ele denominava de seitas protestantes. Em Recife, em Fortaleza e em outras cidades do litoral da região o protestantismo passou a ser combatido com mais rigor. Tanto é que em 1893, Dom Joaquim publicou Carta Pastoral, advertindo seu rebanho contra os perigos do positivismo, do republicanismo e do protestantismo.¹²³

As palavras “republicano e maçom eram quase sinônimos e ambas se associavam à idéia de atentado à Igreja Católica e de perseguição aos cristãos”.¹²⁴ Para combater essas idéias e principalmente o protestantismo, o clero intensificou, por meio dos capuchinhos franciscanos, missões de pregação pelos sertões brasileiros.¹²⁵

Em conseqüência e contando com a complacência dos republicanos e a simpatia dos comerciantes de classe média, os protestantes passaram a fazer proselitismo em colunas periódicas de jornais locais, mesmo contra os preceitos constitucionais da época.¹²⁶

A perseguição ao protestantismo e aos protestantes não ficava somente no âmbito da igreja católica e de pessoas anônimas. A Assembléia Legislativa do Ceará

¹²⁰ Idem, p. 28.

¹²¹ Idem, p. 30.

¹²² Idem, p. 35.

¹²³ Idem, p. 40.

¹²⁴ Idem, idem.

¹²⁵ VIEIRA, David Gueiros, op. cit., p. 219-220.

¹²⁶ JORNAL O LIBERTADOR, artigos publicados em 22 ago. 1883, p. 3; idem, 23 ago. p. 4; 11 set. 1884, p. 3; 1º set. 1885, p. 2; 13 mar. 1886, p. 3; 20 mar. 1886, p. 3; 8 mai. 1886, p. 4; 3 jan. 1890, p. 3.

votou um imposto de quinhentos mil réis sobre negociante ou vendedor de livros acatólicos. Era visível a ação clerical. O Rev. Wardlaw, missionário presbiteriano em Fortaleza, a esse respeito, assim manifestou-se pelas colunas do jornal “O Libertador”:

... Depois de Pôncio Pilatos, depois da matança de São Bartolomeu, depois das fogueiras, depois do Index, vem um imposto de quinhentos mil réis sobre negociantes ou vendedor de Bíblia e outros livros acatólicos.¹²⁷

Wardlaw foi muito perseguido em Baturité. Durante suas refeições, lançavam terra ao seu alimento. Foi socorrido por um cidadão desta região, o Sr. Alxencio Rodrigues, “que diante de tal situação o levou para casa, colocou-o à sua mesa e o mandou ler a Bíblia para a família, que se converteu. Alxencio, porém, nunca professou”.¹²⁸ Outros atos de perseguição foram cometidos contra o Rev. De Lacy Wardlaw e demais pastores, bem como aos seguidores do protestantismo no Ceará.

O Rev. Lacy Wardlaw certa vez estava sendo apupado nas ruas de Fortaleza. Um grupo de meninos amolecados o acompanhava e gritava: ‘Padre Casado!’ ‘Padre Casado!’¹²⁹

Apesar de todas as perseguições, o Rev. Lacy Wardlaw continuava em seu propósito de evangelizar os cearenses, difundindo mensagens de esperança e confiança, procurando incutir nesse povo o ideal de liberdade individual e da ascensão social pelo esforço pessoal como a única forma de renovação no campo econômico e social.

Padre Cícero Romão Batista, uma das figuras mais controvertidas da Igreja Católica e da política cearense representa um capítulo à parte na história da Igreja mística do Nordeste brasileiro. Nascido em Crato, Ceará, o padre Cícero mostrou, desde o início de seu sacerdócio, uma disposição para o sonho revelador e místico. Em Juazeiro, ainda distrito de Crato, o padre Cícero teve um sonho, no qual Cristo mandava-o tomar conta da população pobre daquela localidade. Obedecendo às ordens, já que de início não pretendia residir naquela localidade, o padre resolveu

¹²⁷ LESSA, Vicente Themuda, op. cit., p. 272.

¹²⁸ CORTEZ, Natanael. **O presbiterianismo no norte do Brasil**: fase pioneira (síntese). Recife: s.n., 1957. p. 9.

¹²⁹ CORTEZ, Natanael. **O presbiterianismo no Estado do Ceará**. Recife: Norte Evangélico, 1928. p. 10.

ficar e instalou-se em uma casa coberta de palha, defronte a Capela de Nossa Senhora das Dores. Dava-se início assim sua vida de sacerdócio entre os pobres que lhe haviam sido confiados por Cristo no sonho predestinado. Outras visões reveladoras, no decorrer de sua vida de sacerdote, foram relatadas por vários autores. Essas visões eram sempre reveladas aos amigos e parentes que, como ele, devotos e ingênuos, chegaram a reverenciá-lo como homem de vocação para a santidade. Padre Cícero foi o protagonista de um dos movimentos religiosos-populares mais extraordinários da história do Nordeste brasileiro, conhecido como o milagre de Juazeiro.¹³⁰

Em uma de suas celebrações em honra do Sagrado Coração de Jesus, na Capela de Juazeiro, no ano de 1889, da boca de Maria de Araújo – uma de suas beatas – verteu sangue no momento de receber a Hóstia das mãos de padre Cícero. O evento repetiu-se em outras ocasiões, alcançando grande publicidade.¹³¹ Iniciou-se então um longo conflito político-religioso, que levou à formação de uma comissão de inquérito por deliberação do Bispo de Fortaleza, paulista identificado com o movimento de Romanização. O relatório confirmou os eventos e a Questão religiosa de Juazeiro estendeu-se até à Cúria de Roma e somente encerrou-se pela morte do padre Cícero. No decorrer de todo o processo, o sacerdote teve sua suspensão decretada por Dom Joaquim, que o privou de pregar, confessar e orientar os fiéis.¹³²

Essa atitude de Dom Joaquim contra o padre Cícero, bem como a decisão de tornar o povoado sob interdito parcial, que proibia todo e qualquer ato na capela do povoado, obrigava toda a população a sofrer, coletivamente, privações espirituais em virtude de suas crenças não ortodoxas. A reação imediata foi a mobilização da população em favor do padre Cícero.¹³³

É bom lembrar que Juazeiro era então distrito de Crato, o mais importante centro urbano da região do Cariri. Com a emancipação da Vila de Juazeiro, Cícero tornou-se seu primeiro prefeito e posteriormente o *coronel* mais poderoso da história política do Nordeste brasileiro.¹³⁴

¹³⁰ DELLA CAVA, Ralph, op. cit., p. 27.

¹³¹ Idem, p. 45.

¹³² Idem p. 115.

¹³³ Idem, p. 86.

¹³⁴ Idem, p. 197.

Sobre o comportamento de Padre Cícero perante dois colportores que visitavam Juazeiro do Norte, em 1917, Boanerges Ribeiro, ao citar o Norte Evangélico de 22 de agosto de 1917, assim descreveu:

Este, depois de interrogar os viajantes e saber quem eram e qual a sua missão, abriu a imunda boca e fez um discurso composto das mais vis falsidades e nojentas calúnias contra os reformadores, as sociedades bíblicas e a Religião Evangélica, em linguagem tão insultuosa que tocava o auge do atrevimento, tudo isso em tom autoritário a não permitir articular uma só palavra em defesa, e findou proibindo terminantemente que se vendesse ou se espalhasse um só exemplar dos Evangelhos e ameaçando com penas rigorosíssimas a quem ousasse por mão num dos livros. Perguntado pelos colportores se considerava falsos os livros, respondeu negativamente, mas insistiu que de modo algum deveriam ser lidos, porque resultaria da leitura, a heresia, a perversão da crença católica e a condenação eterna. [...] O povo extremamente fanatizado não ousava trocar idéias com os colportores, e ao avistarem-nos benziavam-se com receio de demônio e da excomunhão do santo padrinho padre Cícero.¹³⁵

No Cedro, Ceará, os protestantes sofreram as perseguições da comunidade católica chefiada pelo padre Lima, que chegou a declarar “ou vocês expulsam esses protestantes ou eu me suicido.” O padre não se suicidou, mas entre 1922 e 1927, os protestantes sofreram todos os tipos de ameaças e perseguições. Tiveram seu templo incendiado e o colégio presbiteriano Gonçalves Dias, fundado em 1927, teve seus móveis destruídos pelos católicos incitados pelos padres locais. Antes da inauguração do colégio, os padres travaram uma luta surda para impedir o seu funcionamento. Frustrados nessa tentativa, declararam-se em greve, retiraram-se da cidade e tiveram sua paróquia extinta pelo bispo de Crato, Ceará.¹³⁶

Uma das principais questões que provocaram muitos dos conflitos entre os dois grupos religiosos, girou em torno do culto a imagens dos santos, componente importante nas práticas Católicas, especialmente entre as camadas pobres da população. Natanael Cortez relata a cautela com que o pai, ao converter-se ao protestantismo, abandonou essa prática:

Meu pai, Ismael Pegado de Siqueira Cortez, converteu-se ao evangelho a esse tempo. Católico praticante tinha em sua casa seu oratório, suas imagens. Novo homem, relegou ao desprezo esses

¹³⁵ RIBEIRO, Boanerges, op. cit. p. 154-155.

¹³⁶ Idem, p. 163.

objetos de sua adoração familiar. Guardou as imagens em um compartimento da casa que tinha janela para o exterior. Cauteloso e respeitador, não provocou escândalo, destruindo as imagens.¹³⁷

A reação dos católicos em relação à negação ao culto às imagens era de espanto. Afinal, estavam as imagens presentes no culto religioso há tanto tempo, como alguém podia deixar de acreditar de uma hora para outra que se tratavam de objetos de repúdio divino?

Segundo um depoimento, quando alguém deixa este culto os populares diziam “que as imagens fugiram...”¹³⁸ Para o protestante, a Palavra de Deus, condena, por muitos versículos, a idolatria, a adoração (ou veneração) a imagens de santos:

Então, falou Deus todas estas palavras: Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima dos céus, nem debaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem. (Dt 5.1.6)¹³⁹

Para o presbiteriano, a experiência religiosa tem mais valor pela palavra, abominando a dimensão contemplativa e visual. A razão desta opção encontra-se no segundo mandamento de Deus: “não farás para ti imagem de escultura”. Daí porque, em seus ambientes e atos religiosos, o uso exclusivo da linguagem.

1.4 Conflitos internos, a cisão e a paz retomada

Se por um lado a Igreja Presbiteriana sofreu forte resistência dos Católicos, por outro, seus conflitos internos retardaram sua consolidação e provocou o surgimento da Igreja Presbiteriana Independente.

No final do século XIX e início do século XX, a Igreja Presbiteriana do Brasil viveu um de seus momentos mais conturbados, culminando com a cisão de 1903. A

¹³⁷ CORTEZ, Natanael. Os dois tributos, op. cit., p. 94.

¹³⁸ Idem, idem.

¹³⁹ A BÍBLIA SAGRADA. Trad. em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

origem desse movimento deveu-se à Igreja de São Paulo e um de seus protagonistas foi o Rev. Eduardo Carlos Pereira, que pretendia transformar o Seminário Presbiteriano em colégio, a independência absoluta da Igreja Presbiteriana Brasileira na educação de seus filhos e de seu ministério, bem como a incompatibilidade absoluta do Evangelho com a maçonaria.

Durante o 5º Sínodo, realizado em junho de 1900, a questão maçônica foi debatida e chegou-se à conclusão de que era permitido, a qualquer membro da Igreja, ser maçom se a sua própria consciência não o proibisse. Reconhecia-se assim o direito de cada membro ter a sua opinião a respeito desse caso, mas julgava prejudicial à causa do Evangelho qualquer propaganda pró ou contra a maçonaria”¹⁴⁰

Por ocasião da 6ª reunião do Sínodo de 1903, realizada em clima de suspeita e desconfiança, em decorrência da situação eclesiástica vivida e, principalmente, pela questão suscitada sobre os missionários estrangeiros, a questão maçônica alcançou o seu clímax. Sobre esta questão, o Dr. R. Baird, então missionário no Ceará e seu representante na reunião de 28 de junho, declarou ser maçom há muitos anos, tendo sempre pregado nas lojas, sem contestação, a mediação de Cristo. Para ele, todo homem de bem é maçom e os apóstolos de Jesus Cristo tinham princípios maçônicos.¹⁴¹

Na reabertura dos trabalhos, às 8 da noite do dia 31 de julho 1903, os que defendiam a incompatibilidade da presença nos quadros da Igreja de crentes maçons entregaram para leitura um documento no qual reafirmavam que os seus signatários estavam convencidos da incompatibilidade entre a Maçonaria e a Igreja e exortavam respeitosamente aos ministros e presbíteros maçons a abandonarem a maçonaria por amor da paz e da Igreja escandalizada e pediam que o Sínodo reconhecesse o direito de externar seus pensamentos sobre o assunto.¹⁴²

Na hora da votação, prevaleceu a decisão a favor da moção de autoria do Rev. Gammon, que pedia para que não se reconsiderasse a deliberação tomada no Sínodo precedente sobre este caso. Conhecido o resultado, o Rev. Eduardo, em discurso comovente, despediu-se:

¹⁴⁰ LESSA, Vicente Themudo, op. cit., p. 608.

¹⁴¹ Idem, p. 669.

¹⁴² Idem, p. 671.

Irmãos missionários, permiti-me dirigir-vos cordial despedida. Procurei, nas bases apresentadas pelo dr. Chester e dr. Ellinwood, um plano de cooperação entre missionários e os nacionais. Vós o não quizestes, creio que errastes; futuro, porém, o dirá. E vós, meus patricios, reagi quanto pude em favor do vosso prestígio moral, nada consegui. A maçonaria cavou um abysmo entre nós e vós. Ella foi, porém, o instrumento e, se me permitem a expressão, a mão do gato para tirar as castanhas do fogo. Como vistes, Christo foi levantado no seio deste Concilio por uns, pregado numa cruz por outros, coroado de gloria. Vós ouvireis falar de nós, nós ouviremos falar de vós e um dia perante o Juiz nos encontraremos. Felicidades, meus patricios.¹⁴³

Na verdade, o que estava atrás de tudo isso era o relacionamento entre as missões estrangeiras e a Igreja nacional. Os missionários presbiterianos, desde a autonomia (1888), foram arrolados como ministros da nova Igreja nacional. Porém, continuavam a participar de uma organização paralela, a “missão”¹⁴⁴, que ainda detinha considerável grau de autonomia, já que era a financiadora da Igreja Nacional. Não raro, esta condição transformava-se em um ponto de tensão e desentendimento. A autonomia da Igreja nacional estava, para Eduardo Carlos Pereira, claramente vinculada ao sustento próprio.¹⁴⁵

O cisma da Igreja Presbiteriana do Brasil atingiu também a Igreja Presbiteriana de Fortaleza, mediante pedido de desligamento de vários de seus membros para ingressarem na Igreja Presbiteriana Independente.

Aos 23 dias de Outubro de 1904, reuniu-se a sessão da Egreja, estando presentes o Pastor Rev. Dr. R. P. Baird, os Presbyteros snr. Candido Olegário Moreira, e Francisco Bonates, e abriu-se com oração. Os membros Dr. Albino José Faria, Dona Luduvina Magno de Faria, e Dona Virginia Magno de Faria, foram desligados por terem se tornado independentes.¹⁴⁶

No dia 14 de abril de 1906, outros membros da Igreja foram eliminados por terem aderido à Igreja Presbiteriana Independente.¹⁴⁷

¹⁴³ Idem p. 673.

¹⁴⁴ Missão presbiteriana do norte (Estados Unidos), o *Board* de Nova York, que iniciou sua missão evangelizadora no Brasil em 1859. (Cf. LESSA, Vicente Thenudo, Op. cit. p. 18).

¹⁴⁵ LÉONARD, Émile-G, op. cit. p. 136-153.

¹⁴⁶ Acta da sessão do dia 23 out. 1904 da Egreja de Fortaleza.

¹⁴⁷ Acta de 14 abr. 1906, dá como eliminados da Egreja, por terem entrado para a Egreja Independente: Candido O. Moreira, Margarida C. Moreira, Pedro F. Silva, Virginia F. da Silva, Vitalino F. Duarte, Isabel Maria de Oliveira, Antonio V. de Moraes, Manolla Laura de Lima, Rodolpho Magno, Francisca G. Falcão, Cândida Margarida Cruz, José M. dos Santos, Carolina Maria dos Santos, Maria Francisca de Oliveira, Dignamecita de Farias, Joaquina B.de Castro, Francisco Fernandes de Oliveira, Joanna J. Oliveira, Odilon Carvalho, Magdalena P. de Carvalho, Manoel J. Leôncio, Raimundo Gomes Barbosa e Maria Franklin de Queiroz.

O período do Rev. Natanael Cortez na direção da Igreja Presbiteriana de Fortaleza (1915-1943, e até 1952 como pastor emérito) foi coroado de muitas realizações. Respeitado por todos aqueles que conheciam um pouco de suas conquistas, fruto de grande perseverança, era reconhecido tanto como orador e reverendo, por parte dos seus amigos da Igreja, quanto como educador e promotor do idealismo nos jovens a quem ensinava, como exaltou Gueiros:

Os seus primeiros anos no pastorado cearense se caracterizavam pelas lutas com o adversário, em que ele transformou a pena no gladio inflamado para vencer a oposição e as campanhas levantadas contra o obreiro incansável e indefeso que ele se revelou no campo evangelístico. Ficou memorável nas festas presbiterianas no Ceará a campanha pela imprensa através das colunas dos jornais locais. Por esse mesmo tempo ele produzia, do púlpito, memoráveis conferências de apologia da Bíblia e da reforma e alguns dos seus vultos proeminentes.¹⁴⁸

É bom ressaltar que, por meio do Concílio Vaticano II, a própria Igreja Romana deu início ao processo de aproximação entre as duas Igrejas. Em Fortaleza, o primeiro passo foi dado por D. José de Medeiros Delgado, arcebispo metropolitano, convidando Natanael Cortez para presidir a assembléia da Semana da Unidade Cristã. Essa situação foi revivenciada durante as comemorações do jubileu ministerial de Natanael Cortez, em 1964, quando, pela primeira vez no Ceará, um sacerdote católico ocupou o púlpito de uma Igreja protestante. Na ocasião, o espírito do Concílio Ecumênico fez-se presente, tanto assim que o Arcebispo de Fortaleza, pelo seu representante, Mons. André Camurça, assumiu o púlpito para saudar o Pastor Natanael, que no dizer de Eduardo Campos, significou “ato de grande significação para a unidade das Igrejas cristãs em nossa terra”.¹⁴⁹

De 1883 a 1930, a Igreja Presbiteriana estabeleceu sua presença no Ceará. Durante quase cinquenta anos, o presbiterianismo não somente consolidou-se, revendo a oposição da Igreja Católica como se integrou na sociedade cearense em clima de paz e harmonia.

¹⁴⁸ Discurso do Rev. Dr. Antônio Teixeira Gueiros, por ocasião das Bodas de Prata de Natanael Cortez, em 1940. CORTEZ, Natanael. Os Dois Tributos. A César a Deus, op. cit. p. 131.

¹⁴⁹ CAMPOS, Eduardo. **Natanael Cortez e o ministério da palavra**: biografia de um pastor do rebanho de Deus. Fortaleza: IPF, 1989, p. 34. (Edição comemorativa do Centenário de nascimento de Natanael Cortez)

O próximo capítulo é sobre a origem da História Cultural, trabalho os conceitos da história das mentalidades e os conceitos de apropriação, representação e prática, introduzidos por Roger Chartier. Para ele, a História Cultural deve tomar como objeto a compreensão das formas e dos motivos, ou seja, das representações do mundo social.

Michel de Certeau, Clifford Geertz e Peter Burke dão sustentação ao conceito de História Cultural como parte necessária do empreendimento histórico coletivo, contribuindo, assim, para a construção da História Cultural dos Presbiterianos de Fortaleza, objetivo deste estudo. Trabalho ainda, nesse capítulo, Ecléa Bosi, Paul Thompson e Michel de Certeau, cujos estudos abordam a lembrança, a memória e a memória coletiva.

Capítulo 2 - Perscrutando a História Cultural Presbiteriana

Para se compreender a História Cultural de uma determinada sociedade ou grupo social, é preciso ter em conta a compreensão das formas e dos motivos ou das representações de seu mundo social. Para Chartier, o conceito de representação¹⁵⁰ vem açambarcar as idéias que historicamente estiveram presentes no campo das ciências sociais.

A origem da história cultural está associada à escola dos Annales, que experimentou, a partir de 1929, movimento que se contrapunha ao paradigma da historiografia tradicional. No seu início, os estudos estavam voltados para a construção de uma história social e econômica em oposição à tradição historiográfica centrada nos grandes feitos dos heróis. A denominação escola dos Annales surge em razão da publicação do “Annales d’histoire économique et sociale”, periódico que traduzia o movimento de reorientação sobre os estudos historiográficos. A partir de 1940, a escola dos Annales, em sua segunda geração, caracterizou-se pela produção historiográfica predominantemente demográfica. Com a mudança de nome, em 1946, “Annales. Economias, Sociedades, Civilizações”, a revista toma o rumo de um periódico de ciências sociais.

Entre os anos 60 e 70, os temas socioeconômicos e demográficos deram lugar a temas raramente trabalhados, como criança, família, morte, sexualidade, criminalidade, delinqüência e outros. É o período de grande interesse de historiadores por temas pertencentes ao domínio da cultura, que se convencionou chamar a terceira geração da escola dos Annales. As iniciativas desse tempo, de produzir a história da cultura, mantinham, ainda, forte ligação com pressupostos metodológicos desenvolvidos no campo da história socioeconômica.¹⁵¹

Na França dos anos 80, nova feição da história cultural tomou lugar, com o propósito de reavaliar a abordagem estatística predominante nos estudos da história cultural francesa daquele período. Tal fase, reconhecida como história das mentalidades, segundo revelou Roger Chartier, cientista social que desenvolve

¹⁵⁰ CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 17

¹⁵¹ CORRÊA, Carlos Humberto Alves. Notas de estudo: a história cultural e as possibilidades de pesquisar a leitura. Campinas, SP: Faculdade de Educação/UNICAMP. Grupo de Pesquisa ALLE. Disponível em: <http://www.acordeduca.com.br/revistas/rev04_tres/art_03.htm>. Acesso em: 17nov.2006.

reflexões e críticas acerca da história das mentalidades, que tinha como objetivo a repartição social desigual de objetos, discursos e atos, distribuídos criteriosamente conforme os pressupostos metodológicos da análise serial.¹⁵² Chartier indica mudanças no modo do social abordar a cultura, recusando o pressuposto de que os contrastes e as diferenças culturais estejam organizados a partir de recortes sociais previamente constituídos. Para sanar tal situação, o autor propõe a história cultural da sociedade:

Uma sociologia retrospectiva, que durante muito tempo fez da distribuição desigual dos objetos o critério primeiro da hierarquia cultural, deve ser substituída por uma outra abordagem, que centre a sua atenção nos empregos diferenciados, nos usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas idéias.¹⁵³

Para o autor, não é possível encerrar as diferenças sociais unicamente em critérios socioeconômicos. Deve-se sempre mesclar, cruzar diversos critérios que permitam dar conta das diferenças que se observam na circulação dos artefatos culturais¹⁵⁴, evitando a “tirania da classificação social tradicional”.¹⁵⁵ Para ele, aquilo que demarca as práticas culturais não são os conjuntos de corpus (textos, gestos, crenças), concebidos, a exemplo da história das mentalidades, como fatores reveladores ou reflexos das posições dos distintos grupos numa hierarquia social, mas os usos diferenciados que estes fazem de um mesmo objeto. O que diferencia as práticas culturais, não são os objetos, porém os métodos pelos quais os diferentes grupos se apropriam de um mesmo objeto. Nesse processo de apropriação, certamente, os objetos, os gestos, os pensamentos ganham configurações diferenciadas. É preciso, no entanto, não confundir configurações distintas com objetos distintos, sob pena de deixarmos de aprender o que existe de mais complexo e fluido nas relações sociais, que são os mecanismos por meio dos quais os grupos constroem ou reforçam os seus distanciamentos sociais e culturais.

O estudo dos contrastes culturais implica a eliminação da noção de superioridade de determinada cultura sobre a outra. Isto porque a tensão a que são

¹⁵² CHARTIER, Roger. A história Cultural: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

¹⁵³ CHARTIER, Roger, 1990. p. 136.

¹⁵⁴ CHARTIER, Roger. A revolução do texto eletrônico. A Bíblia e as imagens: Protestantismo e catolicismo. In: CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversação de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Danieol Godin e Antônio Soborit. Porto Alegre: Artemed, 2001. p. 67.

¹⁵⁵ Idem, p. 69.

submetidas às diversas formas culturais revela que elas são constituídas de maneira imbricada, formando uma tênue rede de relações, a partir das quais se agrupam elementos de origens bastante diversas.¹⁵⁶

A produção de uma história cultural, segundo Chartier, deve levar em conta três noções centrais: a apropriação, a representação e a prática. De início, convém observar que os três conceitos não compreendem categorias distintas, que possam ser apreendidas igualmente de forma distinta ou separadas entre si, contudo se manifestam como dimensões de uma mesma dinâmica social e cultural. Então, vejamos como o autor define e sobrepõe esses conceitos.

A noção de apropriação, que ele elabora a partir de Certeau¹⁵⁷, define o consumo cultural como uma operação de produção, representado pelo modo de utilização dos produtos que lhes são impostos, e que é regulado por operações estratégicas, disciplinadoras do consumo cultural.

A segunda noção é a de representação, designa o modo pelo qual “em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais.”¹⁵⁸. A construção das identidades sociais seria o resultado de uma “relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar, de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma”.¹⁵⁹

Compreensão adequada do conceito de representação exige compará-lo ao defendido pelos historiadores das mentalidades, dos quais Chartier se diferencia ainda que se inspire, como aqueles, na idéia dos condicionamentos inconscientes e da representação coletiva de Durkheim e Marcel Mauss.¹⁶⁰ Le Goff, um dos expoentes da história das mentalidades, na apresentação da famosa coletânea que reúne em primeira mão os historiadores da história nova, datada de 1980, assim descreve sua compreensão de representação:

a mentalidade de um indivíduo, mesmo que se trate de um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens de seu tempo... o nível da história das mentalidades é do cotidiano

¹⁵⁶ CHARTIER, 1990. p. 56.

¹⁵⁷ Idem, p. 59.

¹⁵⁸ Idem, p. 16.

¹⁵⁹ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 73.

¹⁶⁰ CHARTIER, 1990. p. 18.

e do automático, é aquilo que escapa aos sujeitos individuais da história porque revelador do conteúdo impessoal do seu pensamento.¹⁶¹

Porém, se para a história das mentalidades os condicionamentos coletivos inconscientes eram entendidos como obedecendo a uma lógica de natureza psicológica, cabendo ao historiador o papel de identificá-los e catalogá-los nas suas expressões mais repetitivas e quantificáveis, para Chartier, o essencial dos condicionamentos inconscientes é a ligação que estes revelam possuir com as próprias divisões do mundo real. No caso, os fatores propulsores dos esquemas intelectuais incorporados antes de responderem a processos psicológicos se manifestam como reflexo das relações de interdependência presente entre os grupos numa dada formação social, onde se conformam e colidem entre si posições e interesses, conforme a configuração que assumam nos diferentes contextos e períodos históricos. Só dessa forma se pode pensar uma história cultural do social,

que tome por objecto a compreensão das formas e dos motivos - ou, por outras palavras, das representações do mundo social - que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam de que fosse.¹⁶²

Para Chartier, é preciso considerar as representações culturais, tomadas em suas diversas expressões - educacionais, morais, estéticas, ideológicas - subjugadas a uma lógica de interesses, como algo que se constrói num campo social de concorrências e de competições cujos desafios se manifestam em termos de poder e de dominação.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.¹⁶³

Partindo desse olhar, o autor estabelece uma instigante analogia entre o que ele chama de lutas de representação e a concepção marxista de lutas

¹⁶¹ Le Goff, citado por CHARTIER, Roger, 1990. p. 41.

¹⁶² CHARTIER, Roger. 1990. p. 19.

¹⁶³ Idem, p. 17.

econômicas de classe:

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social - como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas -, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais.¹⁶⁴

Ao situar-se nesses termos, Chartier afirma, por fim, que seu conceito de representação permite não apenas inaugurar uma nova relação entre as idéias e o social como também se sobrepõe aos falsos debates que historicamente estiveram presentes no campo das ciências sociais, situando-as em dois pólos opostos de investigação. De um lado, representado pelos defensores do que ele qualifica de objetividade das estruturas - que seria o terreno da história mais segura, aquela que, manuseando documentos seriados quantificáveis, reconstrói as sociedades tais como eram na verdade - e, de outro, os seguidores da subjetividade das representações - “a que estaria ligada a outra história dirigida às ilusões de discursos distanciados do real”.¹⁶⁵

Para completar a discussão conceitual, é necessária uma reflexão sobre o conceito de apropriação do autor, que propõe diferenciá-lo da maneira como Foucault¹⁶⁶ a concebe, bem como do sentido a ele conferido pela hermenêutica. Assim, as apropriações não equivalem aos processos de confisco e submissão dos discursos dissidentes por ordem dominante, muito menos podem ser vista como a atividade de reconstituição da experiência fenomenológica, postulada como universal, isso considerando a especificidade das configurações textuais. Quando Chartier se refere às práticas de apropriações, sua intenção é compreender como um sentido ou uma idéia - que pode ser um fato ideológico, político, estético, religioso, educacional etc - é historicamente produzida e dela se constroem diferentes interpretações.¹⁶⁷

Para melhor compreender a dimensão que o autor delega a esse conceito,

¹⁶⁴ Idem, idem.

¹⁶⁵ Idem, p. 17 e 18.

¹⁶⁶ FOUCAULT, Michel de. **A arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

¹⁶⁷ CHARTIER, 1990. p. 27-28.

é remetê-lo à crítica que este dirige às abordagens que tratam o real a partir de grandes clivagens culturais. Nos seus oito ensaios do livro “Literatura e leitores na França do antigo regime”¹⁶⁸, o autor destaca alguns pares de categorias que durante muito tempo foram utilizados como critério predominante e incontestado de análise do real. O conceito de cultura popular como algo completamente distinto da cultura erudita é o exemplo mais concreto desse tipo de visão que compreende níveis culturais em perfeita correspondência com níveis sociais. Acostumou-se definir o popular por aquilo que ele não é, no caso, o erudito, o letrado e, conforme afirma o autor,

se foram vivos os debates para se saber se era lícito designar como “popular” esta ou aquela forma cultural em determinado momento, estes jamais puseram em questão a possibilidade de identificar a cultura popular pela descrição de determinado número de corpos (textos, gestos, crenças).¹⁶⁹

Não é certo imaginar que o divisor dessas duas culturas seja a posição ocupada pelos grupos numa determinada hierarquia social e econômica. Contra essa visão distorcida do real, Chartier argumenta que são numerosos os exemplos em que se observam os usos “populares” de objetos e idéias originalmente vinculados aos grupos socialmente privilegiados e, do mesmo modo, são significativos os exemplos de comportamentos e objetos produzidos na coletividade e que paulatinamente as elites articulam formas para deles se distinguirem. Nesse sentido, o autor afirma:

supondo correspondências demasiado simples entre níveis sociais e horizontes culturais, apreendendo os pensamentos e as condutas em suas expressões mais repetitivas e mais redutoras, semelhante abordagem perde o essencial, que é a maneira contrastada como os grupos e os indivíduos fazem uso dos motivos ou das formas que compartilham com outros.¹⁷⁰

A noção de apropriação elaborada por Chartier se centrar nos empregos diferenciados, nas apropriações plurais dos mesmos bens, das mesmas idéias, dos mesmos gestos:

¹⁶⁸ CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do antigo regime*. São Paulo: UNESP, 2004.

¹⁶⁹ Idem, p. 8.

¹⁷⁰ Idem, p. 13.

Semelhante perspectiva não renuncia a identificar diferenças (e diferenças socialmente arraigadas), mas desloca o próprio lugar da sua identificação, já que não se trata mais de qualificar socialmente corpus tomados em seu conjunto (por exemplo, designando como literatura "popular" os livros impressos em Tryes e vendidos por ambulantes), mas de caracterizar práticas que se apropriam diferentemente dos materiais que circulam numa sociedade determinada.¹⁷¹

Igualmente, como processos diametralmente separados, foram erroneamente concebidas as categorias de disciplina, invenção, de distinção e divulgação. Inversamente, é preciso entendê-las ligadas, uma existindo em decorrência da outra. A produção e o consumo não representam etapas consecutivas nem estanques de um mesmo processo, ao contrário, toda compreensão que vise assim concebê-las, parte do pressuposto de que as idéias ou formas possuem sentido intrínseco, único e próprio, resistindo a qualquer apropriação de um sujeito ou de grupo de sujeitos. Contra essa idéia, Chartier lembra que todo consumo representa, na realidade, uma outra produção, à medida que as representações articuladas no modo de consumo nunca são as que o autor ou artista investiram na sua obra:

A aceitação dos modelos e das mensagens propostas se opera por meio dos arranjos, dos desvios, às vezes das resistências, que manifestam a singularidade de cada apropriação.¹⁷²

Já no que se refere às noções de distinção e divulgação, também o autor observa que os

processos de imitação e vulgarização são mais complexos e mais dinâmicos também devem ser pensados, antes de tudo, como lutas de concorrência em que toda divulgação, outorgada ou conquistada, produz, ao mesmo tempo, a procura de uma nova distinção.¹⁷³

Chartier propõe, assim, colocar a noção de apropriação perspectiva histórica cultural, como mecanismo capaz de apreender a pluralidade das práticas que dão corpo aos distanciamentos culturais presentes numa dada formação social:

¹⁷¹ Idem p. 12 e 13

¹⁷² CHARTIER, Roger, 1990, op. cit., p. 136 e 137.

¹⁷³ CHARTIER, Roger, 2004, op. cit., p. 17.

As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não o são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que a modelam, que constituem o objecto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como reflectindo-o ou dele se desviando.¹⁷⁴

Quando Chartier escolhe as práticas culturais como foco privilegiado de sua abordagem, reflete antes de tudo um posicionamento epistemológico, que compreende o processo pelo qual os distanciamentos culturais são construídos e reproduzidos como o fator primeiro da investigação histórica e social. Optar pelas práticas, significa observar os empregos diferenciados, os usos contrastantes dos mesmos bens, das mesmas idéias, enfim, dos modos diferenciados de apropriação dos grupos ou meios intelectuais dos materiais que circulam na sociedade.

As práticas ou os processos de apropriações, por sua vez, não acontecem de forma aleatória, mas intrinsecamente vinculam-se às formas de apreensões e apreciações que os sujeitos fazem do real, as chamadas representações sociais e culturais. Segundo Chartier, as representações, também designadas de esquemas intelectuais incorporados,

dizem respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. São elas que modelam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro se tornar inteligível e o espaço pode ser decifrado.¹⁷⁵

Daí que toda forma de representação implique necessariamente uma prática ou, de outra maneira, toda ação, seja esta consciente ou inconsciente, discursiva, plástica, afetiva, política etc, há de ser concebida como originalmente ligada aos esquemas geradores das percepções próprios dos grupos sociais ou meios intelectuais.

A esse respeito Chartier afirma:

mesmo as representações colectivas mais elevadas só têm uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em

¹⁷⁴ CHARTIER, Roger, 2004, op. cit., p. 27.

¹⁷⁵ CHARTIER, Roger, 1990, op. cit., p. 17.

que comandam actos - que tem por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades - tanto a dos outros como a sua.¹⁷⁶

Assim, as representações ou esquemas intelectuais incorporados, tanto comandam práticas como são reforçadas por estas e se expressam por meio dos processos de apropriações, as quais são as maneiras contrastadas como os grupos e os indivíduos fazem uso dos motivos e das formas que compartilham com outros.

Para Michel de Certeau,¹⁷⁷ a investigação histórica dos movimentos religiosos permite a compreensão das sociedades humanas assim como seu cotidiano. Sabe-se que na interpretação das ações humanas, emaranhados de teias de emoções, idéias, memórias voláteis, memórias construídas, advindas de informantes ou de arquivos, rascunhos, escritos e imagens povoam o fazer do historiador de forma bastante subjetiva.

Neste capítulo, pretende-se, pela interpretação de leituras e narrativas do passado, construir um sentido cognoscível, tendo em conta que as fronteiras do conhecimento científico, do ordinário ou da fé e da arte estão cada vez mais próximas.

Para a interpretação das práticas culturais dos atores envolvidos na construção da compreensão histórica da entrada da fé presbiteriana na sociedade cearense, optei pela busca das relações estabelecidas com as narrativas contidas nos documentos produzidos a partir das entrevistas, pois, como bem afirma Mikhail Bakhtin, as palavras estão sempre carregadas de um conteúdo ideológico ou vivencial.¹⁷⁸

Certeau analisa cultura como as mil práticas de usuários comuns, de heróis anônimos, as maneiras de fazer que, majoritárias na vida social, não aparecem muitas vezes senão a título de resistência ou inércia em relação ao desenvolvimento da produção sociocultural; uma ciência prática do singular que faz dos espaços público e privado um “lugar de vida possível”.¹⁷⁹

¹⁷⁶ Idem, p. 18.

¹⁷⁷ CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

¹⁷⁸ BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahaud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999. p. 5.

¹⁷⁹ CERTEAU, Michel de, 2002.

Mais explicitamente Geertz¹⁸⁰ considera cultura o tecido de significados, expectativas e comportamentos, discrepantes ou convergentes, que um grupo humano compartilha e constrói socialmente. A cultura, segundo esse autor, são as teias de significados que o homem teceu e nas quais ele enxerga seu mundo, sempre procurando seu significado. Construída sob estruturas psicológicas, a cultura permite que os indivíduos, ou grupos de indivíduos guiem seu comportamento.¹⁸¹

O autor pondera que a cultura deva ser vista

não como complexos padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos –, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros chamam de ‘programas’) – para governar o comportamento. A segunda idéia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento.¹⁸²

Fornecendo o vínculo entre aquilo que os homens são capazes de se tornar e aquilo que cada um efetivamente se torna, os padrões culturais, para Geertz, nos leva a nossa individualidade.

Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significação criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas. (...) Assim como a cultura nos modelou como espécie única - e sem dúvida ainda nos está modelando - assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum - nem um ser subcultural é imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido.¹⁸³

Assim, é possível afirmar que não existe uma cultura, mas tantas culturas quantos forem os grupos sociais que coexistem, preservando as suas diferenças, as suas especificidades e as suas multiplicidades.

É pelo desenvolvimento do comportamento ou da ação social que as formas culturais articulam-se, sendo necessário em uma análise simbólica, que os

¹⁸⁰ GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

¹⁸¹ Idem, p. 8.

¹⁸² Idem, p. 32-33.

¹⁸³ Idem, p. 37.

elementos culturais sejam separados, especificando-se relações internas entre eles, sendo possível assim caracterizar todo o sistema de uma forma geral.

O autor visualiza a cultura como um *sistema simbólico*, oriundo da concepção simbólica da linguagem, já que a presença do homem no mundo não é imediata, mas mediatizada pela linguagem, a qual desempenha funções de significação encontradas na origem das elaborações dos sentidos do homem no mundo preexistente, bem como na construção de novos sentidos.

A relação que Geertz estabelece entre a cultura pública, seus símbolos e a decodificação destes, mostra a existência cultural de

um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. [...] Os atos culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como quaisquer outros; são tão públicos como o casamento e tão observáveis como a agricultura.¹⁸⁴

Este complexo de símbolos constrói um padrão cultural no qual representa fontes extrínsecas de informações, na medida em que os símbolos localizam-se fora dos limites do organismo dos indivíduos, mas que estão sujeitos a uma compreensão comum, fornecendo um 'gabarito' no qual há processos comportamentais pré-definidos desde o nascimento do indivíduo, os quais são remodelados durante toda sua vida.¹⁸⁵

Os símbolos representam a intermediação entre o homem e o mundo. Eles modelam o mundo induzindo o homem

a um certo conjunto distinto de disposições (tendências, capacidades propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações) que emprestam um caráter crônico ao fluxo de sua atividade e à qualidade da sua experiência.¹⁸⁶

¹⁸⁴ Idem, p. 66-68.

¹⁸⁵ MARTINS, Camila Moreira; COLTRO, Alex. **Um estudo sobre cultura organizacional, sob uma ótica antropológica**. I SEMEAD JR. S.l.: s.n., 1999. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/Semead/4semead/1SemeadJr/artigos/Martins_e_Coltro.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2007

¹⁸⁶ GEERTZ, Clifford, 1989. p. 69.

A cultura torna-se, assim, um conjunto de símbolos elaborados pelo homem na construção de sua existência, como as práticas, as teorias, as instituições, os valores materiais e espirituais, caracterizando-o como um ser mutante, que tem o potencial de modelá-la e de remodelá-la a cada instante.

Segundo Geertz, quando as formas sociais (ou os padrões de relações sociais) remodelam-se, são reordenadas todas as coordenadas do mundo experimentado, pois estas formas são a substância própria da cultura. Estes remodelamentos, constantes ou não, fazem do estudo da cultura uma ação não inteiramente coerente, visto que encurta a vida do estudo cultural, trazendo à tona o conceito de cultura percebida provisoriamente, ou até mesmo, poder-se-ia dizer, momentaneamente.¹⁸⁷

Em acordo com este autor, a melhor posição a se adotar em uma análise cultural, talvez seja resistir ao subjetivismo e ao canibalismo, tentando manter a análise de formas simbólicas tão estreitamente ligadas quanto possível aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas que as geraram.¹⁸⁸

A maneira com que os símbolos são tratados, já sob uma perspectiva religiosa, mostra-se apenas como mais um sentido de “perceber, discernir, compreender ou entender uma ‘visão de mundo’, entre outras perspectivas”¹⁸⁹. Uma perspectiva religiosa constitui e insinua, de um ponto de vista analítico, um complexo de símbolos de uma autoridade persuasiva, recomendando um estilo de vida. Eis então a importância do ritual, visto que...

É no ritual – isto é, no comportamento consagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas assim como as diretivas religiosas são corretas. É em alguma espécie de forma cerimonial - ainda que essa forma nada mais seja que a recitação de um mito, a consulta a um oráculo ou a decoração de um túmulo - que as disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existência que eles formulam para os homens se encontram e se reforçam umas às outras. Num ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de único conjunto de formas simbólicas,¹⁹⁰

¹⁸⁷ Idem, p. 20.

¹⁸⁸ Idem, p. 21.

¹⁸⁹ Idem, p. 81.

¹⁹⁰ Idem, p. 82

Abordando os diferentes aspectos da história das mentalidades e história cultural, Vainfas¹⁹¹ seleciona três maneiras distintas de tratar a História Cultural, a partir de três autores: a História Cultural em Carlo Ginzburg, com suas noções de cultura popular e de circularidade cultural; a História Cultural de Roger Chartier, - historiador vinculado, por origem e por vocação, à historiografia cultural francesa – com seus conceitos de representação e apropriação, e a História Cultural produzida pelo inglês Edward Thompson, com seus trabalhos sobre os movimentos sociais e cotidiano das “classes populares” na Inglaterra do século XVIII.

Para Vainfas, a História Cultural guarda estreita relação com a antropologia cultural, ciência cuja finalidade é descrever o ser humano e analisá-lo com base nas características socioculturais dos diversos grupos em que se distribui, dando ênfase às diferenças e variações entre esses grupos. Para o autor estão incluídos aí os temas das mentalidades, do cotidiano, além das expressões culturais das elites, ou classes letradas, as manifestações das massas anônimas, constituídas pelas festas, as resistências, as crenças heterodoxas. Investiga ainda o papel das classes sociais, da estratificação e do conflito social. “Compreende em si uma história plural, apresentando caminhos alternativos para a investigação histórica”.¹⁹²

Peter Burke, em “O que é História Cultural?”¹⁹³ oferece explicação à compreensão da História, a partir dos aspectos culturais do comportamento humano como centro privilegiado do conhecimento histórico. Segundo ele, essa “virada cultural” permitiu o abandono dos esquemas teóricos sobre o estudo da história, voltando-se em direção aos valores de grupos particulares, em locais e períodos específicos. Assim, antigos conceitos como luta de classes e civilização são trocados por categorias explicativas de caráter regional, em que as distinções culturais assumem maior relevância frente a elementos políticos e econômicos. A dimensão simbólica e suas interpretações tornam-se essenciais ao trabalho dos historiadores, ampliando seus métodos e objetos de investigação. Para Burke, entretanto, não há ainda concordância entre os historiadores sobre o que constitui a História Cultural, menos ainda sobre o que constitui o conceito de cultura.

¹⁹¹VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 150-151.

¹⁹² VAINFAS, Ronaldo, 1997. p. 149.

¹⁹³ BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Há mais de quarenta anos, dois estudiosos americanos começaram a mapear as variações do emprego do termo em inglês, e reuniram mais de duzentas definições concorrentes. Levando-se em conta outras línguas e as últimas quatro décadas, seria fácil reunir muito mais. Portanto, na busca de nosso tema talvez fosse adequado adaptar a definição de homem dos existencialistas e dizer que a História Cultural não tem essência. Só pode ser definida em termos de nossa própria história.¹⁹⁴

Burke considera que a História Cultural foi a arena por excelência das discussões sobre o método histórico. Ampliou ainda o território da profissão e tornou o assunto mais acessível ao público. O autor não acredita que seja ela a melhor forma de história, todavia é parte necessária do empreendimento histórico coletivo e contribui indispensavelmente para a nossa visão da história como um todo. Isto tem levado os historiadores a se preocuparem cada vez mais com questões que por muito tempo interessavam a sociólogos e a outros cientistas sociais.¹⁹⁵

A História Cultural não é mais considerada como um *locus*, seja da realização da produção seja da ação social, sobretudo, como problema e objeto de reflexão, indo além dos estudos socioeconômicos que ocorrem na cidade. Ela incorpora as representações construídas na e sobre a cidade, trabalhando com o imaginário urbano, resgatando *discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais*.¹⁹⁶

2.1 O ato de lembrar como lineamento da história coletiva

A lembrança, fenômeno individual que carrega uma função social, é ato próprio do sujeito que lembra. Sua importância está estabelecida no que diz Ecléa Bosi: “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”.¹⁹⁷ Trabalhando sobre as concepções de Bérghson acerca da memória, a autora afirma que “lembrar-se” em francês se *souvenir*, significaria um movimento de “vir” “de baixo”: *sous-venir*, vir à tona o que é submerso. Para ela, esse irrompimento do passado combina-se com o

¹⁹⁴ BURKE, Peter. **História e teoria social**, São Paulo: Unesp, 2000. p. 13.

¹⁹⁵ BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 31.

¹⁹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 77-78.

¹⁹⁷ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p. 39.

processo corporal e presente da percepção.¹⁹⁸ Na concepção de Ecléa Bosi, a memória é um trabalho sobre o tempo, sobre o tempo vivido, relacionado à cultura e ao indivíduo¹⁹⁹. E mais:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.²⁰⁰

A memória aclara e destaca elementos que podem ser submetidos ao conhecimento do próximo. Ela delinea e marca os pontos que devem emergir da profundidade do ser que quer relembrar, daquele que necessita dar conhecimento do que ele tem guardado dentro de si, “o tecido de sua rememoração”.²⁰¹

Relembrar significa requisitar o passado, cotejar experiências vividas, não do que ficou perdido, mas daquilo que precisa ser revivido, na forma de imagens e lembranças as quais guardam momentos únicos carregados de significado pessoal e que ajudam a entender o presente, além de projetar o futuro. Michel de Certeau, na mesma linha, afirma:

... a “experiência do ancião” se faz de muitos momentos e de muitas coisas heterogêneas [...]. É uma memória, cujos conhecimentos não se podem separar dos tempos de sua aquisição e vão desfiando as suas singularidades. Instruída por muitos acontecimentos onde circula sem possuí-los (cada um deles é passado, perde de lugar, mas brilha e tempo), ela suporta e prevê também “as vias múltiplas do futuro” combinando as particularidades antecedentes ou possíveis.²⁰²

Certeau, afirma, porém, que a coisa mais estranha é a mobilidade da memória em que os detalhes não são nunca o que realmente são:

¹⁹⁸ Idem, p. 46.

¹⁹⁹ BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. In: **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n.1/2, p. 281, 1993.

²⁰⁰ BOSI, Ecléa, 2003, p. 46-47.

²⁰¹ BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 37.

²⁰² CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 157-158. v.1.

Nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois oferecem também o conjunto que esquecem; nem totalidade, pois não se basta; nem estáveis, pois cada lembrança os altera.²⁰³

Para Le Goff o estudo da memória social é fundamental para a compreensão da história do homem e da sociedade ainda da constituição do presente.²⁰⁴ Para o autor “a memória é um elemento essencial daquilo que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre, na angústia.”²⁰⁵ Esta definição de Le Goff²⁰⁶ nos introduz no universo das lembranças sociais, nas memórias que representam a formação, a preservação da cultura, da identidade de um povo. A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.²⁰⁷

Para Bérqson, o passado encontra-se guardado inteiro independente no inconsciente e toda a lembrança antes de ser atualizada “vive” em estado latente, potencial, que para ser revisitada, precisa ser re-elaborada.²⁰⁸ Porém, alguns obstáculos, “em particular o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos dele todas as partes.”²⁰⁹ Assim, é possível reconstruir as imagens do passado, porém essa reconstrução se opera segundo linhas já demarcadas e delineadas por nossas outras lembranças ou pelas lembranças dos outros.

Os estudos de Halbwachs²¹⁰ procuram demonstrar que a memória do indivíduo depende de seus relacionamentos, seja com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, isto é, com seus grupos de convívio e de referência. Nessa condição, Bosi, afirma:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que

²⁰³ CERTEAU, op. cit., p. 165.

²⁰⁴ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 2003. p. 423.

²⁰⁵ Idem, p. 471.

²⁰⁶ Idem, p. 477.

²⁰⁷ Idem, ip. 471.

²⁰⁸ BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 99.

²⁰⁹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. p. 12.

²¹⁰ Idem, p. 14.

povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque não somos os mesmos de então porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.²¹¹

Registrar acontecimentos do passado recente por meio do testemunho de idosos tem sido a tônica da História Social nos últimos tempos. As lembranças armazenadas na memória estão servindo de fontes de coleta de informações para a produção de novos conhecimentos. Apesar de algumas críticas terem sido levantadas quanto à possibilidade de surgirem lapsos, confusões de dados, inviabilizadoras dos registros, o idoso tem se constituído uma fonte confiável e muito requisitada. Quanto mais idade tem uma pessoa, mais experiências tem acumulado, e mais vezes ela foi testemunha de acontecimentos.

Assim, um grupo, uma comunidade ou uma geração inteira pode ser testemunha de eventos históricos, sobre os quais ninguém mais, além das pessoas mais velhas, poderiam esclarecer histórias das quais não se tinham outros registros.

Para Bosi as lembranças de pessoas velhas se constituem verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória. Nelas, segundo a autora, é possível verificar uma história social bem desenvolvida:

Elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente que uma pessoa de idade.²¹²

Entretanto, Bosi chama a atenção para a desfiguração que o passado oferece ao ser remanejado pelas idéias e pelos ideais presentes do velho. Para a autora, a pressão dos preconceitos e as preferências da sociedade

²¹¹ BOSI, Ecléa, 2003. p. 55.

²¹² Idem, p. 60.

dos velhos podem moldar seu passado, recompondo a sua biografia individual ou grupal dentro dos padrões ideológicos correntes.²¹³

Montenegro e Fernandes²¹⁴ chamam a atenção para a diversidade de formas que os relatos da memória podem adquirir. Na perspectiva social apontada por Halbwachs, os autores admitem ser mais relevante encontrar bons narradores que se preocupar com o quantitativo do número de entrevistas a serem realizadas. Afinal, todo relato é sempre um relato social. O narrador ao construir sua história, estará também reconstruindo a história do seu grupo, de seu tempo.

Alberti²¹⁵ afirma que a constituição da memória é importante e está atrelada à constituição da identidade. Citando Michael Pollak, a autora diz que a memória resiste à alteridade e à mudança e é essencial na percepção de si e dos outros, compreendendo o resultado de um trabalho de organização também de seleção de pontos da vida do indivíduo como sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, isto é, de identidade. Por ser a memória mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupo, possível de ser estudada pelas entrevistas colhidas de história oral.

2.2 Avivando lembranças em busca de imagens e fatos que o tempo procura esconder: as histórias revividas dos presbiterianos do Ceará

Barroso Filho²¹⁶, apoiado em Paul Thompson, nos ensina que o registro de memória abre uma dimensão muito enriquecedora do fazer histórico, colocando o historiador diante de uma testemunha viva que ensina a sua visão do passado de uma maneira própria, diferente do documento.

Janaína Amado explica que conversar com os vivos implica, por parte do historiador, parcela muito maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo

²¹³ idem, p. 63.

²¹⁴ MONTENEGRO Antônio Torres; FERNANDES, Tânia Maria (Orgs.). **História oral**: um espaço plural. Recife: Universitária; UFPE, 2001. p. 10.

²¹⁵ ALBERTI, Verona. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 27.

²¹⁶ BARROSO FILHO, Geraldo. Memória oral do ensino público: o Ginásio Pernambucano dos anos 50. In: MONTENEGRO, Antônio Torres; Fernandes, Tânia Maria (Orgs.). **História oral**: um espaço plural. Recife: Universitária; UFPE, 2001. p. 232.

aquilo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagens históricas [...], “mas trará conseqüências imediatas para a existência dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais”.²¹⁷

A entrevista é, portanto, uma relação social entre pessoas, com suas convenções próprias cuja violação pode destruir. A entrevista não é um diálogo, ou uma conversa, afirma Paul Thompson.²¹⁸ Meu objetivo com as entrevistas, realizadas individualmente, foi deixar o informante falar. Antes, foi explicado aos entrevistados o motivo da entrevista, como ela se processaria e o que eles deveriam falar de suas vidas durante a infância, na escola, sobre o relacionamento familiar e social, sobre o trabalho, sobre as formas de divertimento, lazer, as viagens, a religião professada, à Igreja, o comportamento próprio e de seus pares da comunidade religiosa, o casamento, enfim, sobre todos os aspectos relacionados às suas vidas, sem a preocupação com as marcas do tempo padronizado pelo movimento físico de astros ou planetas.

A esse respeito, Ricoeur, citado por Eliane Rapchan²¹⁹, assinala ser a narrativa o único fator possível de dar ao homem uma noção de temporalidade efetivamente humana, pois, a temporalidade da narrativa não está em sua própria estrutura, mas fora dela.

Não houve resistência entre os entrevistados, pois todos já conheciam o propósito da entrevista. Algumas aconteceram em clima de completa descontração, na própria residência dos entrevistados. Outras, na Igreja, o que deixava o entrevistado um pouco mais tímido, menos à-vontade. Algumas ainda fluíram com mais celeridade, porque os depoentes tinham mais facilidade para falar, talvez por sua origem de pregador da Bíblia, acostumados a estar diante de ouvintes anônimos, de pregar em público. Antônio Torres Montenegro entende que esta é uma capacidade que algumas pessoas possuem mais desenvolvida do que outras:

A capacidade de narrar uma história, um fato, uma experiência ou mesmo um sentimento está associada a dois fatores: por um lado, à

²¹⁷ AMADO, Janaina. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. In: **Projeto História**, 15: ética e história oral. São Paulo: EDUC, 1997. p. 146.

²¹⁸ THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 271.

²¹⁹ RAPCHAN, Eliane Sebeika. O uso da narrativa nas Ciências Sociais: algumas notas e reflexões acerca de suas possibilidades. In: MONTENEGRO, Antônio Torres; FERNANDES, Tânia Maria (Orgs.). **História oral**: um espaço plural. Recife: Universitária; UFPE, 2001. p. 51

descrição dos detalhes dos elementos que são projetados, de forma tão viva e rica que se assemelham a um quadro que vai sendo redesenhado as nossas vistas; por outro, à capacidade de recuperar o lado do imaginário do que era vivenciado individualmente e coletivamente em relação ao acontecimento narrado.²²⁰

De posse dos transcritos das entrevistas, tentei ne apropriar das representações sobre os conflitos, as estratégias, as táticas, as ambigüidades e as experiências, que se constituem “maneiras de fazer”²²¹, vividas pelos entrevistados, indivíduos provenientes de diferentes origens e situações socioeconômicas. Essas maneiras são também maneiras de dizer, de produzir, de inventar e de enfrentar situações postas, que não apresentam soluções planejadas, dependendo da ocasião para serem implementadas. “A tática e a arte do fraco,”²²² por isso, são invisíveis e se manifestam em forma de astúcia para superar barreiras.

As entrevistas proporcionaram uma diversidade de narrativas sobre o cotidiano de pessoas freqüentadoras da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, “uma multiplicidade de vozes que precisavam ser trabalhadas”.²²³ Transcrevi em Cds gravados e as transformei em textos escritos, mas observamos o infortúnio de, como assinala Delgado²²⁴, “perder o registro das mudanças no tom de voz, as risadas, a emoção expressa no ritmo ou tom da fala, os silêncios”, que não representa o vazio, pois estão lá, podemos senti-lo “nas pausas”²²⁵, nas hesitações da voz, no olhar distraído. As entrevistas foram transformadas em histórias narradas por mim.

2.3 A infância dos presbiterianos

Alguns entrevistados começaram suas narrativas falando da infância. Cada um procurou trazer à tona pedaços de sua vida inicial, as primeiras recordações de

²²⁰ MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994. p.152.

²²¹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. v. 1, p. 97-106.

²²² Idem, p. 101.

²²³ DELGADO, Andréa Ferreira. A História oral e a história da educação das mulheres. In: MONTENEGRO, Antônio Torres; FERNANDES, Tânia Maria (Orgs.). **História oral**: um espaço plural. Recife: Universitária; UFPE, 2001. p. 252.

²²⁴ Idem, ibidem.

²²⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997. p. 47.

dias que se já vão longe, mas que a memória com seus lapsos de tempo procura dar vida.

Este recorte inicial sobre as falas dos depoentes, dedicado às lembranças infantis, geralmente é a melhor e mais saudável lembrança que guardamos, referem-se

ao ambiente acolhedor, à reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhada por uma luz de outro tempo [...] É a essência da cultura que atinge a criança através da felicidade da memória²²⁶,

Tempo esse que pode ser resumindo pelos versos da canção “Tempo de Infância”²²⁷, de Riyelinho, cantada por Tonico e Tinoco:

Hoje moço de veíce e véio de mocidade,
relembrando a meninice, a minha eterna saudade.

Dia que vem, dia que vai,
tempo da infância não vorta mais.

Hoje eu vivo distante do sertão, da minha terra,
minha saudade é bastante, do rancho do pé da serra.

Dia que vem, ...

Recordando minha escola, meu primeiro bê-a-bá,
o meu pontiado de viola quando comecei cantá.

Dia que vem, ...

Na infância tudo tem graça, nossa vida é mesmo assim,
neste mundo tudo passa, a saudade não tem fim.

Dia que vem, ...

Sobre a infância, momento particular do ciclo vital, momento em que se vê, se pensa e se sente o mundo de um modo próprio, alguns entrevistados assim se expressaram:

²²⁶ BOSI, Edéa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 74-75.

²²⁷ Valsinha gravada em 1971, pela Continental – CLP 9131 – Álbum Laços de Amizade.

2.3.1 A infância de Cremilda Gaspar P. Rodrigues.²²⁸

A minha infância foi felicíssima, graças a Deus, muito feliz. A gente morava num sobrado muito grande, você sabe que em São Luiz tem muito sobrado, né? E a gente não tinha dificuldade financeira, graças a Deus meus avós tinham posses. Moravam no sobrado de eiras e beiras²²⁹, como se dizia, tinha aqueles sobrados grandes de um andar embaixo, e os avós alugavam os quartos de baixo e a gente morava em cima e eu tive uma infância muito feliz.

Ao juntar suas reminiscências, dona Cremilda busca no passado a relação que mantinha com o seu espaço de “estabilidade”²³⁰, o casarão da família traduzido em uma visibilidade social,

Que vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente.²³¹

2.3.2 A infância de Maria Eugênia Sales²³²

Bem, os meus pais eram católicos, mas católicos sinceros, duma moral muito sadia.²³³ Eu nasci em Uruburetama, desde os 4 anos que eu me lembro das coisas. Lembro-me onde eu morava, me lembro quando fomos morar no sítio, foi em 1912,

²²⁸ Cremilda Gaspar Pereira Rodrigues, 82 anos, entrevista (Cd 4) realizada em 15 de outubro de 2005, em sua própria casa, de família presbiteriana, foi levada à Igreja, ainda criança, em São Luiz, pela própria mãe. Na Igreja Presbiteriana de Fortaleza desde 1958.

²²⁹ Expressão popular que caracteriza a condição social de uma pessoa: “Logo um brasileiro, um coitado sem eira nem beira, a filha fora escolher” (Guido Vilmar Sasi. São Miguel, p. 79) retirado do Dicionário Aurélio - Século XXI.

²³⁰ CERTEAU, op. cit., p. 201.

²³¹ MAYOL, Pierre. O bairro In: CERTOU, Michel de; GIRAR, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 40.

²³² Maria Eugênia Salees, 103 anos entrevista (Cd 8) realizada em 10 de novembro de 2005, em sua própria casa, de família católica, foi levada à Igreja Presbiteriana aos 17anos, em Uruburetama, Ceará, pelo próprio pai. Pertence a Igreja Presbiteriana de Fortaleza desde 1954.

²³³ Ecléa Bosi afirma que a imagem de nosso pai continua conosco pela vida e que sua figura pode ser descrita por traços físicos ou morais. (Cf. BOSI, Ecléa, 2003, op. cit. p. 426-427)

nós saímos de dentro da cidade e fomos morar no sítio, lá onde morava minha avó e ficamos com ela.

A Cidade de Uruburetama era muito simples, muito pacata, uma cidade muito calma, e quem dirigia toda a cidade era a família de meu pai, que naquele tempo era, assim: uma família ficava numa cidade de pai pra filho²³⁴. Nós morávamos numa fazenda e com 4 anos eu vim pra Uruburetama. Aí eu vivi até os 12 anos, então, era 1912, eu tinha só uns 7 ou 8 anos. Eu nasci em 1904, em maio de 1904, ali na Cidade de Umirim, que nesses tempos chamavam Riacho da Sela, mas depois passou pra Umirim. Ali eu nasci, na fazenda de meu pai, e ainda hoje tem o lugar.

Fazenda que era o território próprio de Dona Eugênia, “onde se desdobravam e se repetem dia a dia os gestos elementares das ‘artes de fazer’²³⁵ que para Paulo Freire representa os mundo especial, “o mundo de minhas atividades perceptivas”²³⁶.

Daí eu fui pra Uruburetama. Meus tios tinham uma máquina, aliás, era a primeira maquina de descaroçar algodão com cilindro, foram eles quem trouxe. Meu pai veio pra Cidade pra cuidar das máquinas, ele era o maquinista. Aí nós viemos, vivemos até 1912, quando meu pai se mudou lá para o Sítio Severino, onde ainda hoje tem ainda a nossa casa. No sítio tinha banana, laranja, tudo, era um sítio, ainda hoje tem lá os restos. São cerca de sete quilômetros de Uruburetama pra lá.

²³⁴ Na sociedade rural brasileira a escolha da localidade pós-marital era uma decisão econômica. A nova família resultante do casamento recente ocupava uma parcela da propriedade da família do noivo ou da noiva, valendo a escolha mais vantajosa. Como havia uma tendência a se escolher, também para a construção da parentela, a linha de descendência mais forte economicamente, esta tendia a se confundir com a escolhida para a residência. A escolha da descendência corria, assim, em paralelo, com a escolha da residência.

²³⁵ CERTEAU et. all, 2000. p. 2003.

²³⁶ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 40. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 12.

2.3.3 A infância de Maria Eudenir de S. Lima (D. Neném)²³⁷

Quando eu comecei a entender bem da vida, eu morava na Av. João Pessoa, em frente ao colégio Salesiano, eu tinha uma base de 10 anos, moramos lá desde criança, com 7 irmãos, numa casa muito boa, muito grande, e começamos a estudar no colégio Santa Cecília, comecei a estudar lá. O Santa Cecília, também já era lá na Av. João Pessoa, mais já lá pertinho onde hoje é a Reitoria, era um colégio muito grande, muito amplo. [...] O convívio familiar era muito bom, muitos irmãos, brincávamos, de manhã ele, nosso pai, tinha um lema de os filhos todos de estudarem, fazer os deveres de escola, e de tarde, todos irem para o colégio, quando chega à noite todos se reuniam, jantavam e ficavam, nesse tempo não se tinha televisão, era só rádio, então, nós nos divertíamos na calçada, brincando, os meninos e as meninas, batendo papo, conversando com as minhas amigas. [...] Na hora do jantar sentávamos todos em frente à mesa grande como essa, o pai sentava na cabeceira, ao lado os filhos, todos reunidos, fazíamos as orações para as refeições, e todos ficavam jantando, e conversando na maior alegria, na maior “entrosação” que podia existir numa família.

Para Certeau, Girar e Mayol, a casa, o espaço privado carregado de suas múltiplas funções e práticas

é ao mesmo tempo o cenário próprio para mobiliar e o teatro de operações. Aqui o corpo dispõe de um abrigo fechado onde pode estirar-se, dormir, fugir do barulho, dos olhares, da presença de outras pessoas, garantir suas funções e seu entretenimento mais íntimo.²³⁸

²³⁷ Maria Eudenir de S. Lima (D. Neném), 72 anos, entrevista (Cd 9) realizada em 13 de outubro de 2005, em sua própria casa, de família de pai católico e mãe presbiteriana, foi levada à Igreja, ainda criança, em Fortaleza, pela própria mãe.

²³⁸ CERTEAU, GIRAR E MAYOL, op. cit., p. 205

Para esses autores, a casa é o espaço privado onde a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso, os quais determinaram sua maneira de agir, de sofrer e de desejar.

Entretanto, a infância não é só vivida de alegrias, de prazer, conforto e ilusões, como é para uns. Para outros, a realidade é feita de sofrimento, de amargura, de desespero e de miséria. Vejamos o que nos conta o senhor Raimundo de sua infância sofrida.

2.3.4 A infância de Raimundo Custódio Batista²³⁹

Eu nasci em Aquiraz, Eusébio, neste tempo em 1924 era Aquiraz. Nasci trabalhando nas lavouras, batendo tijolo, tirando barro para fazer tijolo, depois trabalhando em caminhão. Nesses quinze anos comecei a trabalhar em 1957, trabalho esse grosseiro, quando aceitei o evangelho com 33 anos de idade em 1957, quando lá, eu vivia dessa vida, vida corriqueira, bebia, jogava, brincava, apanhava mais do que açoitava, a gente tem que ser realista, então, mas contudo, eu me casei em 1951, e tive uma filhinha., e ai parece que entrei no céu, fiquei transformado...

A minha infância é como estou dizendo, era bebendo, jogando, fumando, brincando, apanhando, como meus pais que também viviam na roça, trabalhando na roça.

É sabido que a criança pobre sempre trabalhou. A literatura está cheia de alusões ao fato de que as crianças foram obrigadas a trabalhar desde a tenra idade, a exemplo dos estudos de Aires²⁴⁰

Sem escolaridade, mal qualificado profissionalmente, vítima da exclusão social, ao senhor Raimundo, quando de sua adolescência, só restava viver nos “interstícios dos códigos”²⁴¹ Sem “saídas simbólicas e expectativas de espaços, sem

²³⁹ **Raimundo Custódio Batista, 82 anos**, entrevista (Cd 11 realizada em 18 de outubro de 2005, em casa de um amigo comum, de família católica, foi levada à Igreja, já adulto, por um amigo.

²⁴⁰ AIRÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981.

²⁴¹ CERTEAU, 2002, op. cit., p. 216.

alternativa a não ser o alimento disciplinar”²⁴², o Sr. Raimundo encontrou, como ele próprio afirma, a alegria da vida:

Quando eu aceitei o evangelho, de lá pra cá, eu recebi um dom que Deus, tinha uma alegria tão grande, pois tinha uma vida tão pregressa...

A fala integral de todos os depoentes, apresentadas no último capítulo é uma maneira de apresentá-los como seres reais e não apenas como objetos de pesquisa constituídos por parte do seu discurso. São indivíduos protagonistas de uma historicidade, compreendidos a partir de suas atuações no mundo, na forma de “existir é dizer-se”, como ressalta Resende.²⁴³ Tomei como princípio o fato de que é preciso tornar-se presente no mundo por meio da interlocução e do registro biográfico.²⁴⁴

A significação de um discurso está na sua totalidade, em todos os aspectos indispensáveis à sua capacidade de se mostrar por inteiro, com toda a estrutura semântica presente. Os significados dos sujeitos estão dispostos de tal forma que a falta ou o aporte de uma palavra ou uma simples frase pode comprometer a singularidade do seu discurso. É preciso conhecê-lo em toda a sua historicidade, bem como conhecer o contexto ao qual ele se refere.²⁴⁵

No capítulo seguinte trato do conceito de campo e de *habitus* elaborado por Pierre Bourdieu, sobre o papel legitimador da religião segundo Berger, e como os presbiterianos lidam com a morte, situação marginal vivenciada pelos indivíduos. Abordo também a moral presbiteriana, que para eles subordina-se à questão da salvação.

²⁴² Idem, *ibidem*.

²⁴³ RESENDE, Antônio Muniz, **Educação e ser-no-mundo**. Campinas, SP: Tese (Livre Docência) - Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 1978.

²⁴⁴ PAIVA, Vilma Maria Barreto. **Memórias de idosos analfabetos numa sociedade da escrita e da escola**: as táticas de sobrevivência no sertão e em Fortaleza. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da UFC, Fortaleza, 2005.

²⁴⁵ Idem, p. 72.

CAPÍTULO 3 O CAMPO RELIGIOSO E A MORAL PROTESTANTE

O estudo dos campos sociais tem lugar privilegiado na obra do francês Pierre Bourdieu.²⁴⁶ Embora não dê para fazer uma síntese do conceito de 'campo' a partir de uma única obra do autor, já que, como afirma Martino²⁴⁷, "as idéias de 'campo', '*habitus*' e 'homologia' encontram-se pulverizadas em diversas obras" do sociólogo, em uma de suas definições Bourdier constrói a noção de campo como espaço estruturado de posições, ocupadas por agentes em competição, cuja lógica de funcionamento independe desses agentes. Dessa forma, o campo se define como espaço, lugar abstrato,

no interior do qual os agentes se enfrentam, como meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou transformação de sua estrutura.²⁴⁸

Para Pierre Bourdieu o campo representa um espaço simbólico (arte, religião, língua), no qual lutas dos agentes determinam, validam, legitimam representações - o poder simbólico - e funciona como uma organização estruturante²⁴⁹, pois guardam códigos lógicos de comunicação entre os indivíduos; estruturantes porque ao definir formas de nomear o mundo, conformam as possibilidades de conhecê-lo e interpretá-lo.²⁵⁰ Nesse raciocínio, identifica a existência de um poder simbólico nas sociedades.

O poder simbólico, para o autor, funciona como o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo. Poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Nele se estabelece uma

²⁴⁶ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a. 322p.

²⁴⁷ MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico**: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003. 198 p. (Coleção Comunicação).

²⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 7. ed. Campinas, SP: 2005b. p. 50.

²⁴⁹ BOURDIEU, 2005a, op. cit., p. 8.

²⁵⁰ Idem, p. 11.

classificação dos signos, do que é adequado, do que pertence ou não a um código de valores.²⁵¹

No campo religioso dos Presbiterianos, por exemplo, a luta simbólica determina o que é ou não permitido. Determina também quais valores e quais rituais de consagração limitam as ações de seus membros, e a forma como são delineadas dentro de cada estrutura. Estas limitações são exercidas pelo “poder coercitivo”²⁵² da Igreja, representado pela própria Bíblia, pela Confissão de Fé de Westminster e pelos seus Catecismos Maior e Menor.²⁵³

No campo, local empírico de socialização, o *habitus* constituído pelo poder simbólico surge como um todo e consegue impor significações, datando-as como legítimas. Os símbolos afirmam-se, assim, na noção de prática, como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida.

Cada classe de posições detém sua classe de *habitus* as quais são produzidos, segundo Bourdieu, pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo.²⁵⁴

O *habitus* exprime a unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes. Representa o princípio gerador e unificador que reproduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto semelhante de escolhas de pessoas, de bens, de práticas.²⁵⁵

Baseado nos estudos de Bourdieu, Martino apresenta três leis gerais que podem ser aplicadas a qualquer campo social:

²⁵¹ BOURDIEU, 2005a, op. cit., p. 14.

²⁵² BERGER, Peter L. ; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 80.

²⁵³ A Confissão Augsburg, de autoria conjuntos de Lutero e Melancthon. A Apologia da Confissão Augsburg, preparada por Melancthon em 1530, e subscrita pelos teólogos protestante, em 1537. Os Catecismos Maior e Menor foram preparados por Lutero, em 1529, o primeiro para o uso dos pregadores e professores, o último como guia na instrução dos jovens. (Cf. HODGE, A. A. Confissão de Fé Westminster. São Paulo: Os Puritanos, 1999, p. 29 e 30).

²⁵⁴ BOURDIEU, 2005b, op. cit., p. 21.

²⁵⁵ Idem, p. 21-22.

A primeira é o reconhecimento de um objeto de luta comum. No campo político esse objetivo comum é a conquista do poder político (...) Em segundo lugar é necessário que haja pessoas para jogar o jogo, ou seja, atores que denotem conhecimento das regras do jogo. O estado da relação de forças entre os jogadores define, a cada instante, a estrutura de um campo determinado.(...) A terceira lei do campo é a unidade manifestada por seus agentes contra todo ataque que tente denunciar os interesses reais em jogo. É a reação dos que estão jogando, respeitando regularidades e disputando, em permanente redefinição, contra os que pretendem penetrar o espaço, desrespeitando as mesmas regras, impondo novos objetos de luta, ou buscando deslegitimar comportamentos definidos contendedores como legítimos.²⁵⁶

A mobilização de uma classe ou grupo em defesa de seus interesses só acontece quando há realmente um trabalho coletivo de construção inseparavelmente teórico e prático. O grupo social assim formado tem tanto mais oportunidade de existir e subsistir à medida que os componentes agrupados estejam mais próximos no espaço social.²⁵⁷

Para incremento das relações internas entre os agentes de um campo social qualquer, é preciso um reconhecimento externo. Quando isso é obtido, pode-se falar na autonomia relativa de um campo, a qual passa a existir à proporção que há um corpo reconhecido de agentes consagrados, procedimentos estimulados ou proibidos e a vinculação dos indivíduos a um tipo específico de atividade. A partir de então, “cada campo passa a cultivar seus próprios ídolos, valorizar seus próprios teóricos e estabelecer um *habitus* específico, ainda que semelhante, sob certos aspectos, aos outros.”²⁵⁸

Embora tenha passado recentemente por situação de descaracterização e assimilação progressiva de suas atividades por outros campos sociais, que a afastou de suas principais ações cotidianas, a religião ainda detém um monopólio daquilo que não importa em nenhum sistema, a preocupação com os problemas subjetivos dos indivíduos, que não são contemplados pela objetividade da ciência. A religião, assim, por meio de seus símbolos, consegue reduzir a complexidade social, permitindo o domínio subjetivo de uma sociedade fragmentada e funcionalmente

²⁵⁶ MARTINO, op. cit., p. 33.

²⁵⁷ BOURDIEU, 2005b, op. cit., p. 50.

²⁵⁸ MARTINO, op. cit., p. 34.

estratificada, dando oportunidade para que o agente social viva no mundo como se ele fosse uma referência transcendental.²⁵⁹

O homem é naturalmente religioso e sempre cultivou intensos, vivos, íntimos e profundos relacionamentos com as divindades, como expressão da universalidade dessa crença. A partir de Martino, o campo da religião é visto como relativamente autônomo, com regras próprias e funções determinadas, provável de reduzir a complexidade social por meio de seus símbolos. “Ao oferecer ao fiel a ‘palavra’, a ‘boa interpretação’ dos fenômenos, a instituição religiosa facilita a inteligibilidade da vida social. A inculcação de dogmas permite ao fiel dispor de algumas certezas diante da contingência (potencialidade, imprevisibilidade) do mundo social”.²⁶⁰

O processo de inteligibilidade da vida social do qual fala Martino pode ser melhor entendido pelas reflexões de Berger sobre o papel legitimador da religião. Por legitimação, Berger entende o “saber” socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social. Ele explica:

Para que o *nomos* de uma sociedade possa ser transmitido de uma geração para outra, de tal modo que a nova geração venha também a ‘habitar’ o mesmo mundo social, deverá haver fórmulas legitimadoras para responder às perguntas que surgirão inevitavelmente nas mentes da nova geração. (...) Toda legitimação serve para manter a realidade — isto é, a realidade, definida numa coletividade humana particular.²⁶¹

À religião, Berger confere o papel de instrumento mais amplo e efetivo de legitimação, que pretende relacionar a realidade humanamente definida com a realidade última, universal e sagrada. Segundo ele, “a religião legitima as instituições, infundindo-lhes um *status* ontológico de validade suprema, isto é, *situando-as* num quadro de referência sagrado e cósmico”.

A religião mantém, por conseguinte, a realidade socialmente definida legitimando as situações marginais em termos de uma realidade sagrada de âmbito universal. Isto permite ao indivíduo que passa por essas situações, continuar a existir no mundo da sua sociedade — não “como se nada tivesse acontecido”, o que é psicologicamente

²⁵⁹ Idem, *ibidem*.

²⁶⁰ MARTINO, op. cit., p. 35.

²⁶¹ BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 42-3, 48

difícil nas situações marginais mais extremas, mas por ‘saber’ que mesmo esses acontecimentos ou experiências têm um lugar no seio do universo o qual possui sentido. É até possível assim, ter ‘uma boa morte’, isto é, morrer conservando até o fim um relacionamento pacífico com o *nomos* da sociedade a que se pertence – subjetivamente significativo para si mesmo e objetivamente significativo nas mentes dos outros.²⁶²

A religião age, assim, como legitimadora da realidade do mundo socialmente construído e da cotidianidade da vida humana, não importando “as situações marginais vivenciadas pelos indivíduos, em que a realidade da vida cotidiana é posta em dúvida.”²⁶³ Estas situações marginais são experiências que transcendem à realidade e o êxtase resultante é um fenômeno individual, “embora sociedades ou grupos sociais inteiros possam, em tempo de crise, passar coletivamente por tal situação”²⁶⁴. O relacionamento com a morte representa, segundo Berger, a situação marginal mais relevante, “pois ela desafia radicalmente todas as definições socialmente objetivadas da realidade - do mundo, dos outros e de si mesmo”²⁶⁵. Continuando, Berger afirma:

A morte põe em questão a atitude de ver as coisas como evidentes impostas pela atividade rotineira. Neste caso, tudo o que há no mundo cotidiano da existência em sociedade é maciçamente ameaçado de “irrealidade”. Isto é, tudo naquele mundo se torna incerto, finalmente irreal, diferente do que se costumava pensar. Na realidade em que o conhecimento da morte não pode ser evitado em nenhuma sociedade, as legitimações da realidade do mundo social *perante à morte* são exigências decisivas em qualquer sociedade.²⁶⁶

No universo racional dos seres humanos, pode-se afirmar que a única certeza da vida é a morte. A sua subjetividade representa a inaceitabilidade do fato, a sua incompreensão, no entanto, a grande maioria dos homens a temem, e se pudessem adiariam-na convictos. A irreversibilidade da morte, a sua concretude e a sua aceitação representa, para os presbiterianos, um designo de Deus. Sobre o confronto com a morte, é evidente a importância da religião na legitimação dessa situação marginal como deixa transparecer Dona Lina Gomes da Costa:

²⁶² BERGER, op. cit., p. 57.

²⁶³ Idem, p. 55.

²⁶⁴ Idem, p. 57.

²⁶⁵ Idem, ibidem.

²⁶⁶ Idem, ibidem.

A morte do meu marido foi de repente, de infarto, o que causou um transtorno muito grande na família. Nessa hora eu pensei em me firmar mais em Deus, tudo que Ele faz é para nosso bem, e nós temos que aceitar mesmo nas provações. Deus não manda sofrimento, ele permite, mas dá forças para você superar.²⁶⁷

Para os presbiterianos a Bíblia oferece esperança e conforto para quem se entristece por amigos e parentes que morreram. Tanto os que partiram como os que ainda vivem a vida terrena, estão rodeados e protegidos pela presença de Cristo. “Mas um dia estes dois grupos se unirão. Todos verão o Salvador e verão uns aos outros”.²⁶⁸

Embora acredite na esperança do encontro final, o presbiteriano guarda na memória a dor da separação, que se expressa na emoção das palavras emitidas por Cremilda Gaspar Pereira Rodrigues, ao falar da morte de sua mãe e amigas:

Eu perdi a minha mãe há 16 anos. E também a perda de grandes amigas, como a Déa foi uma partida muito dolorosa para a SAF, ela era muito amiga da gente. Para mim, a morte é a passagem dessa vida para outra melhor que nós vamos ficar na ressurreição, nós já temos o nosso lugar garantido lá no céu.²⁶⁹

A memória, como uma construção social, está constantemente sendo lembrada e a morte de um parente, principalmente filho, pode significar mais que a simples recordação de um passado que deixou marcas de sofrimento na alma. Ao lembrar a morte de uma filha, Zoeli Castelo Branco entra nos embates das tensões, dos conflitos, dos confrontos e das negociações que vão tendo lugar em seu cotidiano.

²⁶⁷ Lina Gomes da Costa, 82 anos, entrevista (Cd 2) realizada em 12 de outubro de 2005, em sua própria casa, foi levada à Igreja pela própria mãe.

²⁶⁸ DEJONG, Bert. Cada dia: visão e missão. **Luz para o caminho**. Campinas, SP, v. 21, n.5, maio de 2002.

²⁶⁹ Cremilda Gaspar Pereira Rodrigues, 81 anos, entrevista (Cd 4) realizada em 15 de outubro de 2005, em sua própria casa, levada à Igreja, ainda criança, por sua mãe.

Eu perdi minha filha quando ela tinha 42 anos. Confortei-me em Deus. Baixei sempre a cabeça, porque Deus não erra, só faz o certo. Foi difícil, muito difícil, mas eu digo sempre que entre as bênçãos da minha vida, Deus me deu a bênção da consolação, que minha filha era única, e, além disso, era minha amiga, companheira, eu senti muito, ainda hoje eu sinto. Não sei se vou rever minha filha. Não posso dizer isso porque são mistérios de Deus, eu não posso lhe dizer, dizem que a gente se vê mas não posso lhe dizer, a Bíblia não garante isso não.²⁷⁰

O homem, desde os primórdios dos tempos até a atualidade, esforça-se para tentar explicar a acepção da morte. De um modo geral, a produção científica tem ampliado seu universo de pesquisas frente às facetas do assunto, enfatizando pela transdisciplinaridade, o resultado da simbiose entre as ciências humanas e as demais ciências.

Para conviver com a idéia de sua finitude, o homem precisa acreditar na complexidade de tudo que o rodeia no universo, ampliando sua capacidade de entendimento sobre o significado da tríade: “natureza, espécie e humanidade”.

Dr. Homero Lenz Cesar, homem das ciências, catedrático, com pós-doutorado na Europa e viajado pelo mundo afora, afeito às pesquisas das ciências naturais e culturais em prol da humanidade, diz que a ciência não foi capaz ainda de livrar o homem das incertezas das conseqüências da morte.

E, considerando o ato de pensar profundamente sobre a morte, a nossa cultura oferece, segundo o Dr. Homero, táticas diversas para a sua convivência, pois a consciência da morte não é algo inato, e sim produto de uma consciência que capta a realidade no cotidiano do ser humano e faz parte do seu conhecimento:

Cada um pensa diferente sobre a morte. Depende, tem muitos cientistas que são materialistas, a maioria não é. A morte, eu vou morrer, a morte deixa de existir com esse corpo material, tudo deixa de existir, você. Mas o espírito sobrevive. Sobrevive,

²⁷⁰ Zoely Castelo Branco, 82 anos, entrevista (Cd 16) realizada em 23 de novembro de 2005, em sua própria residência. Nasceu em lar evangélico.

vai para o céu não vai para o inferno. Eu ainda tenho alguma dúvida sobre isso, dúvida bíblica, porque às vezes eu fico pensando por aqueles que vão ressuscitar. E eu fico pensando se a gente não retoma a vida, no ressuscitamento, o que acontece?²⁷¹

A morte para o presbiteriano tem dois aspectos, primeiro a separação do ente querido, segundo a consolação, o conforto de saber que o ente querido foi para o céu na presença de Jesus.²⁷²

Sobre a morte Boanerges Ribeiro²⁷³. acredita que morrer, para o presbiteriano, “é passar imediatamente à euforia da presença amável e gloriosa de Jesus Cristo. [...] à vida eterna aqui, com provações e lutas, segue-se com a morte a vida eterna lá, sem provações e sem lutas”.

Ashbel Green Simonton, que lançou de forma determinante as bases da missão permanente da Igreja Presbiteriana no Brasil, escreveu em seu diário (5 de julho de 1864): “que o céu é o lar dos que crêem: é o meu lar. Todos os que me são caros estão lá: meu pai, minha mãe, minha irmã e minha esposa”²⁷⁴, demonstrando a visão do presbiteriano em relação ao Reino eterno, uma expectativa de plenitude além da história.

Natanael Cortez, Pastor da Igreja Presbiteriana de Fortaleza no período de 1915 a 1947, ao dar conta da morte de membros das Igrejas evangélicas de Fortaleza diz:

as Igrejas evangélicas desta cidade perderam três crentes a semana passada. Dois mais felizes foram para o céu: [...] o outro transferiu sua residência para Campos, no Rio.²⁷⁵

²⁷¹ Homero Lenz César, 84 anos, entrevista (Cd 6) realizada em 25 de outubro de 2005, em sua em sua própria casa, de família presbiteriana, foi levada à Igreja ainda criança.

²⁷² Helnir de Melo Cortez, 73 anos, entrevista (Cd 3) realizada em 10 de novembro de 2005, na Igreja Presbiteriana de Fortaleza. Filho de lar evangélico. Pastor da Igreja.

²⁷³ RIBEIRO, Boanerges, **A igreja presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma**. São Paulo: O Semeador, 1987. p. 155.

²⁷⁴ SIMONTON, Ashbel G. **Diário – 1852 – 1876**. Trad. D. R. de Moraes Barros. São Paulo: Casa Presbiteriana, 1982.

²⁷⁵ VIANA, Paulo (Org). **Natanael Cortez. A sagrada peleja: a atuação multifacetada de um pastor presbiteriano no Ceará**. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 2001. p. 58.

O elogio à morte é uma das notas mais marcantes da maneira pela qual os presbiterianos vivem o seu mundo, e é cantado em hinos e também no cotidiano.²⁷⁶

Glória Vindoura

No tempo em que meu trabalho acabar
E enfim de Deus a presença gozar,
E quando a Cristo eu puder contemplar
Oh, quanta glória haverá com Jesus!

Sim, haverá glória sem par

Junto a Jesus, glória sem fim!

Oh, quando a Cristo eu puder contemplar,

Glória, sim, glória haverá com Jesus!

No tempo em que Cristo, o meu Redentor,
Tiver de dar-me o seu “vinde!” de amor,
Transposto, enfim, o meu vale de dor,
Oh, quanta glória haverá com Jesus!

No tempo em que meus irmãos forem rever

Lá nos fulgores do céu - que prazer!

Sim, quando junto a Jesus for viver,

Oh, quanta glória haverá com Jesus! - (C.H Gabriel - J. Gueiros)²⁷⁷

Para os Presbiterianos o homem consiste em dois elementos distintos: uma alma e um corpo. Com a morte, há a separação. O corpo se decompõe em seus elementos químicos de que é constituído. Sua alma é imediatamente aperfeiçoada em sua santidade à espera da ressurreição, de sua ascensão à presença de Cristo. Ao longo desse estado intermediário, a alma continua consciente, ativa e feliz. As almas dos réprobos também continuam, durante esse estado intermediário, conscientes e ativas, mas num estado de tormento penal, em lugar preparado para o diabo e seus anjos, reservadas para o juízo do grande dia.²⁷⁸ Considerações a esse respeito são encontradas no Catecismo de Fé Westminster:

²⁷⁶ ALVES, Rubem A. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1982. p. 138.

²⁷⁷ MARTINS, Valter Graciano (Editor). **Novos cânticos**. São Paulo: 5. ed. Casa Presbiteriana, 1994. p. 160.

²⁷⁸ HODGE, Confissão de Fé Westminster, op. cit., p. 512.

O reaparecimento de Samuel num estado de consciência, no uso de todas as suas faculdades, atendendo o chamado de Saul através da pitonisa de Endor;

O aparecimento de Moisés e Elias quando Cristo se transfigurou no monte (Mt 17.3);

A mensagem de Cristo dirigida ao ladrão na cruz - “Hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23.43);

A parábola do rico e Lázaro (Lc 16.23,24) - Lázaro está consciente e ativo no seio de Abrão - o rico está em consciente tormento no inferno (hades), enquanto seus irmãos ainda vivem na carne;

No momento da morte, diz-se que Estevão (At 7.55-59), estando cheio do Espírito Santo, viu os céus abertos e Jesus Cristo em pé à destra de Deus, e ao vê-lo, ele clamou: “Senhor Jesus, recebe meu espírito”, e então morreu;

Em 2 Coríntios 5.1-8, Paulo declara que estar “presente no corpo” é estar “ausente do Senhor”; estar “ausente do corpo” é para o crente estar “presente com o Senhor”;

Em 1 Tessalonicenses 5.10, Paulo declara que o sono da morte é um “viver com Cristo”.²⁷⁹

Embora o êxtase das situações marginais seja um fenômeno da experiência individual, acontecimentos fora da realidade da vida cotidiana, que envolvem toda uma coletividade, uma sociedade, uma nação, como guerra, catástrofe natural ou convulsão social, têm nas legitimações religiosas prontas respostas.

Assim, o exercício “oficial” da violência, seja na guerra ou na aplicação da pena capital, é quase que invariavelmente acompanhado de simbolizações religiosas. [...] Os homens partem para guerra e são mortos entre orações, bênçãos e encantamentos. Os êxtases de temor e violência são, por esses meios, mantidos dentro dos limites da “sanidade”, isto é, da realidade do mundo social.²⁸⁰

²⁷⁹ Idem, p. 515.

²⁸⁰ BERGER, op. cit., p. 58.

A ausência ao enterro de sua mãe, alistado voluntariamente para participar da Guerra dos Canudos, o pai de Gilza Gondim Oishi tem a certeza, como legitimação de uma situação marginal, do perdão de Deus por essa falta.

... foi quando apareceu a tal Guerra dos Canudos e meu pai se alistou voluntariamente, porque tinha 15 anos. Foi duas vezes, participou duas vezes da guerra. A primeira vez adoeceu, voltou, tratou-se e foi uma segunda vez. Quando voltou, sua mãe estava morta, e ele ficou com aquele peso na consciência, praticamente a vida inteira, mesmo que ele tivesse aquela certeza absoluta de que Deus tinha perdoado, mas quando ele lembrava, ficava triste²⁸¹.

Outra legitimação de uma situação marginal para os acontecimentos de hoje, representados pelas barbáries cometidas em nome da religião, pelas guerras santas da atualidade é dada pela justificativa de Maria Eudenir de Souza Lima:

Quer dizer, evolução dos tempos, e isso vai acontecer, guerras, terremotos, isso tudo que está acontecendo aí, nós já estamos no 4º cálice do apocalipse, vai tudo isso acontecer, nós vamos ver, tudo isso foi predito desde o início da Bíblia, não é novidade para quem conhece a Bíblia, isso nada que está se passando é novidade, só temos que nos preparar.²⁸²

Segundo Maria Eudenir de Souza Lima, conhecida como Dona Neném, para os acontecimentos evidenciados na Bíblia, nossa vida aqui na terra chegará ao fim, mas a crença em Jesus permitirá ao seguidor do evangelho viver eternamente, quando todos serão transferidos para junto de Cristo, onde, aí sim, tudo será novo.

²⁸¹ Gilza Gondim Oishi, 67 anos, entrevista (Cd 15) realizada em 16 de outubro de 2005, na Igreja Presbiteriana de Fortaleza, filha de família presbiteriana, foi levada à Igreja, ainda criança, pelos pais.

²⁸² Maria Eudenir de Souza Lima - Dona Neném, 72 anos, entrevista (Cd 9) realizada em 13 de outubro de 2005, em sua própria casa, de família presbiteriana, foi levada à Igreja ainda criança pela própria mãe.

Trata-se, aqui, de um discurso que ganhou “fiabilidade”²⁸³, já que ganhou crença e vem fazendo praticantes.

Nessas horas o discurso legitimador assume um papel fundamental, pois é ele que faz a anomia²⁸⁴ da morte parecer plausível: “sempre que uma sociedade precisa motivar seus membros para matar ou arriscar a própria vida [...], as legitimações religiosas adquirem importância. (...) Matar sob os auspícios das autoridades legítimas tem sido acompanhado desde tempos remotos até hoje da parafernália religiosa e do ritualismo”.²⁸⁵

Embora considerada como realidade social, a violência é encarada como um “horror” e nem mesmo a Providência, que determina o acontecimento das coisas e dos eventos, conforme nos diz a Confissão de Fé de Westminster²⁸⁶, impede uma observação crítica sobre o tema.

Maria Eugênia Sales, 101 anos, completados em 2005, comenta sobre a violência da guerra:

Durante a guerra, a gente tinha muitas notícias. A gente ficava abalada porque é natural. A guerra era o que ainda é hoje, um horror. As pessoas entram em guerra porque não têm Deus na vida, porque não conhecem o poder de Deus, quem ama a guerra e quem gosta da guerra é porque não tem o temor de Deus na sua vida. O Hitler era um tirano, um sem-fé. Todo mundo gostou quando acabou a guerra. Eu ouvi as notícias, e tinha conhecimento pelas notícias do rádio.²⁸⁷

Berger acredita que a realidade (objetiva e subjetiva) perdurável do mundo construído depende de processos sociais específicos “que permanentemente reconstróem e mantêm os mundos particulares em apreço.”²⁸⁸ O mecanismo de rememoração das respostas legitimadoras por meio do ritual religioso é inútil se não

²⁸³ CERTEAU, Michel, 2002, op. cit., p. 241.

²⁸⁴ Ausência de leis, de normas ou de regras de organização.

²⁸⁵ BERGER, Peter L. **O Dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 58.

²⁸⁶ ALVES, Rubem Azevedo, op. cit., p. 143.

²⁸⁷ Maria Eugênia Sales, 101 anos, entrevista (Cd 8) realizada em 12 de outubro de 2005, em sua própria casa. De origem católica, foi levada à Igreja Presbiteriana pelo pai, quando tinha 18 anos.

²⁸⁸ BERGER, op. cit., p. 58.

houver uma base socioestrutural que garanta a validade das legitimações. Esse pré-requisito de qualquer sociedade é o que Berger denomina como “estrutura de plausibilidade”.²⁸⁹ Não basta que as respostas legitimadoras sejam repetidas indefinidamente. É preciso que a sociedade esteja estruturada de tal forma que essas respostas façam sentido. Afinal, a construção social do mundo se movimenta em direção oposta ao caos, visando um sentido para o universo (ou seja, uma teodicéia²⁹⁰). Quanto melhor a estrutura de plausibilidade da sociedade, mais auto-explicável é o mundo e, conseqüentemente, menos discursos legitimadores são necessários para a sua manutenção. No limite, o que se deseja é uma estrutura de plausibilidade que seja capaz de resistir não apenas aos “fenômenos anômicos (...) do sofrimento, do mal e, sobretudo, da morte”²⁹¹, mas a todo e qualquer tipo de ameaça à integridade da estrutura, como, por exemplo, um sentido de mundo alternativo oferecido por uma outra sociedade.

A manutenção de uma estrutura de plausibilidade é de tal importância na realidade socialmente construída que os esforços da sociedade, ou melhor, dos “promotores” institucionais dos sistemas religiosos²⁹² são não apenas defensivos, mas também ofensivos.

Então foram avisar ao Padre que havia uma nova seita com uns livros de capa preta (que era a Bíblia). O padre juntou uma turma e foi lá, rasgou todos os livros, colocaram querosene e tocaram fogo. Ele ficou muito desolado, teve que voltar para Garanhuns para pegar novo material e ir em frente. .²⁹³

Naquele tempo, ser protestante aqui no Ceará não era muito fácil, eu me lembro bem, que um dia o professor José Cláudio de Oliveira me disse, que nesta casa lá na rua Antônio Pompeu com Barão de Aratanha, só quem passava por cima da calçada da nossa casa era a família dele, que era espírita, os demais

²⁸⁹ Idem, ibidem.

²⁹⁰ Doutrina que procura conciliar a bondade e onipotência divinas com a existência do mal no mundo.

²⁹¹ BERGER, op. cit. p., 65.

²⁹² Idem.

²⁹³ Samuel Gueiros Pessoa, 78 anos, entrevista (Cd 1) realizada em 12 de outubro de 2005, em sua própria casa. De família presbiteriana, começou a freqüentar a Igreja desde criança.

não passavam, os católicos porque ali era a casa de um pastor protestante. Então não era fácil pois naquele tempo havia sempre muitas limitações, muitas restrições, a quem era protestante naquele tempo, mas, eu fui criado na igreja Presbiteriana de Fortaleza, ali na rua Conde d'Eu, esquina com Beco dos Pocinhos²⁹⁴

Berger não restringe essa noção de estrutura de plausibilidade apenas ao mundo religioso. O pré-requisito é aplicável independente do fato de serem estes [mundos] de teor religioso ou não, já que para Berger a *mesma* atividade humana que produz a sociedade também produz a religião.²⁹⁵ Os conflitos entre os diferentes grupos religiosos não são de conteúdo religioso, e sim compreendem a estrutura de plausibilidade dos mundos religiosos socialmente construídos. Ao expulsar hereges do meio de seu corpo de fiéis ou combater heresias de grupos adversários, a Igreja está na verdade, procurando eliminar a possibilidade de um abalo e conseqüente rearranjo das estruturas de plausibilidade influenciadas por outras estruturas.

O percurso histórico, caracterizado por transformações sociais advindas do progresso, da industrialização e da urbanização das cidades, modificou o papel legitimador da religião. Segundo Martino,

o campo da religião passou por uma situação progressiva de descaracterização e assimilação de suas atividades por outros campos sociais, mais bem posicionados e reconhecidos como detentores de maior prestígio – uma ‘dissolução do religioso’, nas palavras de Bourdieu.²⁹⁶

Martinho esclarece, entretanto, que uma das características de qualquer tradição é justamente a adaptação de seus referenciais simbólicos para a explicação do presente, uma forma de atualização de sua prática. Para ele a religião acompanha as sociedades mutantes transformando-se concomitantemente e adaptando-se às necessidades onde quer que esteja.²⁹⁷

²⁹⁴ Pastor Elnir de Melo Cortez, 71 anos, entrevista (Cd 3) realizada em 10 de novembro de 2005, na Igreja Presbiteriana de Fortaleza. Nasceu no evangelho.

²⁹⁵ BERGER, op. cit., p. 61.

²⁹⁶ MARTINO, op. cit., p. 34.

²⁹⁷ Idem, p. 51.

Estas mudanças são sentidas pelas pessoas, principalmente quando estão rememorando os seus passados. Dona Zoely Castelo Branco²⁹⁸, ao comparar o tempo de sua mocidade com os dias de hoje comenta:

Existe muita diferença entre o presbiteriano de ontem e o de hoje. Anteriormente, eu me lembro, meu tio foi alugar uma casa e na hora pediram um fiador. Ao sair para pegar a assinatura do fiador, foi-lhe perguntado a qual igreja pertencia. Ao informar que era da Igreja Presbiteriana, o proprietário da casa dispensou o fiador, só porque ele era presbiteriano. Hoje, ninguém confia em ninguém, não pode mais fazer assim. Falta de conhecimento de Deus, de um maior conhecimento de Suas Palavras.

As coisas mudaram no mundo, né? Anteriormente, para você receber uma notícia ali do Rio de Janeiro era uma complicação; hoje termina de acontecer na Europa e você já está sabendo. Eu me lembro que existia aqui um sistema “cabograma”. Era ali na Castro e Silva, era a única maneira que você dispunha para passar um telegrama, ele ia por dentro do mar, hoje você toca o telefone, tem todas as facilidades do mundo; então as facilidades da vida mudaram muitas coisas. É, mas ninguém pode viver de passado, as coisas mudaram. Aqui na Igreja só tínhamos um piano, um órgão, depois é que vieram as outras coisas, bateria...

O Evangelho é o mesmo, nunca muda. Quanto aos evangélicos, eu não posso julgar, mas a gente sente as diferenças. A culpa não é da igreja, ela é firme. Ela é viva e eficaz, de vida abundante, porque as pessoas que freqüentam é que tem uma maneira de ser diferente.

Eu também acho que anteriormente a liturgia era uma, é para ser a mesma coisa, mas houve a diferença, entraram aqueles

²⁹⁸ Zoely Castelo Branco, 80 anos, entrevista (Cd 16) realiza em 23 de novembro de 2005, em sua própria casa, nascida em lar presbiteriano.

corinhos de bater palmas, que não existia, né. Ninguém batia palma na igreja, era sagrado o templo, eu aprendi a respeitar os pastores com a maior seriedade. Eu, porém, continuo a mesma coisa, eu aprendi, eu aprendi e continuei assim.

As transformações sofridas pelo campo religioso nos remetem ao paradigma da secularização²⁹⁹, definido por Berger como o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando ligados à história ocidental moderna, os processos de secularização manifestam-se em acontecimentos como o retraimento das igrejas cristãs e de setores que outrora estiveram sob seu controle e influência — separação da Igreja e do Estado.

Já quando se fala em cultura e símbolos, a secularização é mais que um processo socioestrutural. Ela “afeta a vida cultural e as idealizações, desaparecem os motivos religiosos na arte, na filosofia, na literatura etc., e as ciências se desenvolvem de forma autônoma, francamente secular e profana”.³⁰⁰ Miranda chama a atenção para o fato de que, embora seja um fenômeno global das sociedades modernas, a secularização não se expandiu de maneira uniforme entre os povos ou entre as várias categorias representadas numa mesma população.³⁰¹ Assim, com a secularização, o progresso teria tirado o lugar preponderante da religião no mundo.

Como observa Martino, “passou-se a ver a religião como um acessório, plenamente dispensável para a compreensão do mundo³⁰² (...) como instrumento de apedeutas, aqueles sem educação, sem instrução, os sedentos de encontrar na religião as respostas que são incapazes de obter valendo-se das ciências.³⁰³” Ele conclui:

²⁹⁹ Solange Lefèbvre (1992) lembra que a palavra ‘secularização’ foi utilizada pela primeira vez em 1803 pelo delegado francês às negociações do tratado de paz de Westfália. In: MIRANDA, Júlia. **Horizontes de bruma: os limites questionados do religioso e do político** São Paulo: Maltese, 1995. p. 102.

³⁰⁰ MIRANDA, Júlia. **Horizontes de Bruma: os limites questionados do religioso e do político**. São Paulo: Maltese, 1995. p. 60.

³⁰¹ Idem, ibidem.

³⁰² MARTINHO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003. p.25-26.

³⁰³ Idem, p. 26.

A religião estaria sofrendo um processo lento, embora contínuo, de desestruturação e desintegração, não apenas enquanto forma, mas principalmente quanto ao seu conteúdo.³⁰⁴

Para Miranda, no que concerne à Sociologia, a tarefa de desconstrução/reconstrução do conceito de secularização, é algo muito complexo. Implica necessidade de reconhecer a identificação do termo com o universo teológico, o que torna difícil sua apreensão como categoria sociológica.³⁰⁵

O lado teológico protestante, ao reconhecer a natureza cada vez menos religiosa das sociedades saúda-a como previsão contida na Bíblia e faz da secularização o ideal que permite a separação entre religião e fé, esta como expressão verdadeira do cristianismo. Do lado teológico católico a secularização é uma invenção teológica protestante, que tira do catolicismo a concepção comunitária que lhe serve de base social.³⁰⁶

Burity comenta que as transformações no campo da religião apontam, hoje, para uma configuração do religioso que opera segundo “uma lógica de deslocamento de fronteiras e resignificação ou redescrição de práticas.”³⁰⁷ O que diz Burity se comprova quando lançamos um olhar sobre as relações estabelecidas entre a religião e a política, sobretudo nas últimas duas décadas, quando protestantes e católicos — especialmente da ala carismática — assumiram a política como uma prática necessária ao bom andamento das suas designações religiosas.³⁰⁸

Até mesmo para os estudiosos de religião e de política, a convergência dos campos impossibilitou a definição das fronteiras. O que vemos hoje é uma interseção entre os campos, cada vez mais ligados e difíceis de traçar fronteiras.

3.1 As fronteiras entre campos

A retomada de fatos históricos confirma o que diz Burity. Mesmo antes do início da colonização portuguesa no Brasil, marcada oficialmente a partir de 1500, o

³⁰⁴ Idem, p. 27.

³⁰⁵ MIRANDA, op. cit., p. 126.

³⁰⁶ Idem, ibidem.

³⁰⁷ BURITY, Joanildo. Religião e política na fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, p. 28, 2001.

³⁰⁸ BURITY, 2001. op. cit., p. 28.

processo de divisão de terras do Mundo Novo entre Portugal e Espanha passou pela aprovação da Igreja Católica - Bula Intercoetera, 1493 - sem resultado satisfatório, sendo finalmente aprovado via Tratado de Tordesilhas, de 1494.

Vistas como cruzadas cristãs, as viagens de conquistas empreendidas pelos monarcas portugueses e espanhóis, nos séculos XV e XVI, determinaram a concessão a ambos, por parte do Papa, do controle sobre as novas Igrejas. Cabia ao rei descobrir terras e conquistar almas. Conseqüentemente, também devia edificar templos, mosteiros, providenciar padres e nomear bispos, entre outras atribuições. Ao rei era facultada, inclusive, a censura aos documentos da Igreja que seriam publicados na colônia e, toda a comunicação de Roma chegava às terras conquistadas através da Coroa.³⁰⁹

O papel da Igreja Católica no desenvolvimento histórico é de fundamental relevância no que diz respeito aos processos desencadeados por ações da Igreja, tais como a Inquisição e o Movimento das Cruzadas. No que tange à sociedade brasileira, o elo entre Igreja e Estado se concretizava a partir de duas instituições vigentes durante o Brasil Colônia e o Império: o beneplácito e o padroado. A primeira instituía que as ordens do Vaticano só poderiam ser atendidas após a aprovação do rei de Portugal - durante o período colonial - ou do imperador - após a Independência Brasil. A segunda, instituía pela Constituição de 1824, outorgada por D. Pedro I, tornava o catolicismo a religião oficial do Estado brasileiro, além de permitir ao imperador a nomeação de sacerdotes aos cargos eclesiásticos, transformando-os em funcionários do Estado.

A tentativa de tornar independente o Estado da Igreja só viria em 24 de fevereiro de 1891, com a primeira Constituição republicana do país, que tornava oficial a separação entre Igreja e Estado no Brasil. Criava-se, então, o chamado Estado laico, religiosamente neutro.

A separação oficial, no entanto, não impediu que a religião se afastasse completamente da política. Conforme Burity:

A separação entre igreja e estado, fundamental para assegurar o caráter político do pluralismo, 'não requer que a religião seja relegada à esfera privada e que os símbolos religiosos devam ser excluídos da esfera pública'. Como argumentou recentemente Michael Walzer, o

³⁰⁹ MIRANDA, Júlia. **O poder e a fé**. Fortaleza: UFC, 1987. p. 28

que está realmente em questão na separação entre igreja e estado é a separação entre religião e poder estatal.³¹⁰

Mesmo depois da separação entre Igreja e Estado, a Católica atuante no Brasil continuava no seu propósito de disciplinamento da sociedade brasileira que, como afirma Ribeiro:

O disciplinamento e a aceitação do progresso material, a Igreja ultramontana teve ativa participação na construção do *modus vivendi*, uma vez que trabalhou em prol da *civilização* dos costumes populares e adotou, sem grande problema, algumas das novidades da técnica moderna.³¹¹

A Igreja Católica mantinha, portanto, seu ponto de ligação com o Estado, construindo, por meio da ordem, da moralização e do disciplinamento da sociedade, sua nova forma de se posicionar no domínio público.³¹²

Para Buriti³¹³, à medida que atuem nos limites constitucionais, não há razão alguma por que os grupos religiosos não devam poder intervir na arena política para debaterem a favor de, ou contra certas causas. Burity argumenta que, em vez de uma ruptura entre a religião e a política, o que houve foi um deslocamento das fronteiras dos campos. As mudanças históricas ajudaram a redefinir os espaços de atuação das instituições religiosas e políticas, hoje, muito mais caracterizadas pela invasão mútua de fronteiras.

O ofuscamento das fronteiras entre o político e o religioso ganha força a partir da década de 80, com o chamado “batismo no Espírito Santo da política no Brasil”, ou seja, “quando pentecostais protestantes e católicos da Renovação Carismática fazem uma clara opção pela ação partidária e pela participação eleitoral, com a apresentação de candidatos que explicitam sua ligação a grupos religiosos, ou fazem dela o elemento distintivo em torno do qual as campanhas são construídas”.³¹⁴

³¹⁰ BURITY, 2001, p. 37

³¹¹ RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja católica e modernidade no Maranhão, 1889 - 1922**. 2003. 105f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

³¹² Idem, p. 21

³¹³ BURITY, 2001, p. 37.

³¹⁴ MIRANDA, Júlia. A dimensão política do cristianismo contemporâneo no Brasil: o que dizem as eleições. **Revista Ciências Sociais**. v.34, n.2, p. 89, 2003.

Ari Pedro Oro³¹⁵ reflete sobre se não seria esse ofuscamento das fronteiras entre religião e política que tem contribuído para o ingresso recente das igrejas evangélicas na política. Ao lado das reflexões de Oro, estudiosos como Campos³¹⁶ sugerem que a entrada dos evangélicos na política advenha de idéias propagadas por este mesmo grupo religioso de que o diabo atuaria na política ocasionando corrupção e os comportamentos ilícitos e antiéticos, e eles ali estariam para libertá-la do poder desse mal. Portanto, a corrupção justifica e legitima o ingresso de evangélicos na política, uma vez que eles se consideram uma espécie de “reserva moral” da sociedade.³¹⁷

3.2 A moral presbiteriana

Quando do ingresso do presbiterianismo no Brasil, a Igreja Católica passava por uma crise de credibilidade e a falta de caráter atribuída aos seus membros abatia profundamente a sua face austera. No Ceará, não podia ser diferente.³¹⁸ Quando da criação de sua diocese, a situação do catolicismo ortodoxo era lamentável. A quantidade de padres era inadequada e imperava a imoralidade clerical, cujo prestígio havia atingido o seu ponto mais baixo. As igrejas e santuários estavam em estado de deterioração. Entre as pessoas mais pobres, poucos eram os que tinham vida religiosa, pois só compareciam à Igreja oficial em dias de festa, dias santificados ou feriados importantes, quando se realizavam procissões e festas de largo. Quase não participavam das liturgias sacramentais, nem mesmo o batismo e a cerimônia de casamento eram praticados, dada a pouca assistência do clero aos locais mais distantes do centro da cidade.³¹⁹

Dom Luís Antônio dos Santos, natural da província do Rio de Janeiro, foi nomeado, em 1861, primeiro bispo do Ceará. Com o objetivo de restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia da sua fé, dom Luís procurou substituir o “catolicismo colonial” do Brasil pelo “catolicismo universalista” de Roma.³²⁰ Outra preocupação de

³¹⁵ ORO, Ari Pedro. A política da igreja universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.18, n. 53, p. 53-69, out. 2003.

³¹⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neo-pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus. São Bernardo do Campo: Vozes, 1997. 504 p.

³¹⁷ ORO, Ari Pedro, op. cit. 57.

³¹⁸ DELLA CAVA, op. cit., p. 28-30.

³¹⁹ Idem, p. 30.

³²⁰ Idem, p. 35.

dom Luís era com o crescimento de seitas protestantes em Fortaleza, que, protegidas por maçons e republicanos, e com a simpatia dos comerciantes de classe média, chegavam ao proselitismo publicando colunas periódicas em jornais importantes do Nordeste.³²¹

A nova religião, com o apoio de uma parcela da sociedade local, representava a possibilidade da convivência com um novo “estilo de vida religiosa”, fora dos padrões de comportamento vigentes. Os presbiterianos cultivavam a convivência comunitária, que reforçava a obrigatoriedade de freqüência à igreja, sobretudo no domingo, o “dia do Senhor”. A família estava entre os valores mais altos prezados pelos membros dessa nova religião, que se colocavam na defesa da família nuclear - pai, mãe e filhos. Nela deveria reinar a ordem, a hierarquia e a harmonia entre seus membros. Bourdieu lembra que as famílias são corpos animados com tendência a perpetuar seu ser social, com todos seus poderes e privilégios que é base das “estratégias de reprodução”³²² para a perpetuação.

Para o senhor Samuel Gueiros Pessoa, nascido em lar presbiteriano, a família é o lugar de confiança e da doação, e funciona como princípio de construção e de avaliação de toda relação social.³²³

Família, naquela época, era uma instituição muito prestigiada e muito bem cuidada. É que os pais, os meus principalmente, tinham muito cuidado em saber quem eram os meus amigos, com quem era que eu andava, e minha mãe dizia sempre: *diz-me com quem andas, e eu te direi quem és*. Isso é uma realidade, às vezes havia umas pessoas que não eram de boa moral. No colégio tínhamos um conhecimento e se aproximasse dela, minha mãe dizia: olha esse menino é ruim.³²⁴

Para Bourdieu as estruturas de família como *corpo* só podem se perpetuar pelo contínuo sentimento familiar, “princípio cognitivo de visão e de divisão que é, ao

³²¹ Idem, p. 40.

³²² BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2005. p. 35-36.

³²³ Idem, p. 126.

³²⁴ Samuel Gueiros Pessoa, 79 anos, entrevista (Cd 1) realizada em 12 de outubro de 2005, em sua própria casa. De família presbiteriana, foi levado à Igreja pela primeira vez pelos próprios pais.

mesmo tempo afetivo de *coesão*, isto é, adesão vital à existência de um grupo familiar e de seus interesses”.³²⁵

Para a realização desse trabalho de integração, esse corpo familiar tende a funcionar como campo,

com suas relações de força física, econômica e sobretudo simbólica (vinculadas, por exemplo, ao volume e à estrutura dos capitais que seus diferentes membros possuem) e suas lutas pela conservação ou transformação dessas relações de força.³²⁶

Entre os membros da religião presbiteriana, a falta de honestidade nos negócios não era um “bom testemunho”, e recebia punição, com a suspensão na participação na Ceia do Senhor ou, em caso extremo, ser excluído da comunidade se não se regenerasse. A moral estava acima de tudo.

Para o presbiterianismo, a questão moral subordina-se à questão da salvação e esta só se torna visível e objetiva quando assumida pelo comportamento. Ao definir a moral, portanto, descreve-se o Espírito Santo feito carne; proclama-se o espírito de vida que é o “resplandecer” ou a fenomenologia da salvação; desenha-se a fisionomia do “novo ser”.³²⁷ O comportamento exigido do crente leva em conta o amor à justiça e à aceitação das normas estabelecidas pelas Escrituras, que recomendam a justiça e a retidão de caráter. O presbiteriano deve ter comportamento santo, porque Deus é santo.³²⁸

O comportamento do presbiteriano é anunciado pela disciplina eclesiástica, que representa um conjunto de mecanismos, regulamentados por textos universalmente aceitos dentro dos limites da Igreja, que cataloga as faltas passíveis de punição, recebe queixas e denúncias contra os transgressores, julga-os e pune-os com penas que vão desde admoestações, afastamento da participação nos sacramentos e exclusão, quando o faltoso é eliminado da comunhão da Igreja, sendo a culpa ou inocência determinadas pela lógica entre o comportamento e as

³²⁵ BOURDIEU, op. cit., p. 130.

³²⁶ Idem, ibidem.

³²⁷ ALVES, Rubem Azevedo. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1982. (Ensaio; 55)

³²⁸ FERREIRA, Wilson Castro. **João Calvino**: vida, influência e teologia. Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1985, p. 408-409.

normas afirmadas pela consciência coletiva e institucionalizadas na disciplina eclesiástica³²⁹

O presbiteriano não faz penitência, agora nós somos chamados à atenção, por exemplo: um rapaz e uma moça praticam um ato que não é da Igreja, quer dizer, não está certo, é um pecado como é chamado, né? Eles são chamados à presença do Pastor, vão confessar o pecado deles, não que eles tenham obrigação, que eles têm que confessar a Deus, mais em respeito porque é o Pastor da Igreja, aí eles tem que participar, aí eles entram em disciplina.³³⁰

A igreja não exigia muito, mas era uma igreja organizada, ela não impunha, a gente sabia as regras, não fumar, não beber, não dançar, a gente fazia normalmente, dia de domingo a gente não comprava nem sorvete. Era uma determinação, era uma coisa que a gente aprendia na igreja, e a gente foi educada naquele regime, sem revolta e eu nunca fugi dessa regra.³³¹

Segundo Berger e Luckmann,³³² as instituições, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de comportamento, *condição que a ciência é incapaz de conduzir, isto é, de orientar os mecanismos morais da vida individual e coletiva, tampouco responder à necessidade dos ritos inerentes a toda vida social.*³³³

Para o presbiterianismo, a questão moral representa regras de conduta que podem ser positivas e negativas, que ficam entre a graça e o pecado. A escolha entre o certo e o errado é um problema que vem aturdindo homens e mulheres há muito tempo.

³²⁹ ALVES, op. cit., p. 172.

³³⁰ Maria Eudénir de Souza Lima (D. Neném), entrevista (Cd 9) realizada em 13 de outubro de 2005, em sua própria casa.

³³¹ Entrevista Zoely Castelo Branco.

³³² BERGER; LUCKMANN, op. cit., p. 80.

³³³ MIRANDA, Júlia. **Horizontes de bruma**: os limites questionados do religioso e do político. São Paulo: Maltese, 1995. p. 132.

Sem significar exclusivamente violência física, o poder coercitivo é sempre uma violência, sob qualquer forma de manifestação, pois condiciona o indivíduo a um comportamento que segue os padrões de expectativa do grupo.³³⁴

Alves classifica os pecados passíveis de punição entre os seguidores do Evangelho em cinco classes distintas: a primeira contempla os pecados do sexo; a segunda contém as transgressões do dia santificado, o domingo. Na terceira estão os vícios: fumar, beber, jogar. Os crimes contra a propriedade, como o roubo e a desonestidade formam a quarta. Os crimes de pensamento, as heresias constituem a quinta categoria. Estes crimes não estão estabelecidos em lugar algum, mas são do conhecimento de todos os membros da Igreja Presbiteriana. Sua abstenção delimita a área de inocência e graça.³³⁵

A moralidade sexual para o presbiteriano resume-se no princípio de que sexo só no casamento. Relações sexuais fora do casamento são proibidas e pecaminosas.

Um ponto interessante desse do casamento. Eu me casei não tinha vinte anos. Devido às restrições que eram feitas aos moços, eu pensei o seguinte: eu devo me casar cedo para não cair, como se diz, no mundo, ter que procurar mulher, relacionamento fora. Então, como dizia São Paulo; é melhor casar-se do que viver abrasado.³³⁶

Assim, o sexo deve estar desvinculado do erótico e a sua prática subordina-se à procriação consciente. Segundo Velasques Filho³³⁷, os padrões de comportamento dos crentes são individualistas. [...] e sendo individualista, a ética protestante gerou um comportamento de submissão às normas preestabelecidas pela comunidade ou pela autoridade religiosa.

³³⁴ MARTINHO, p. 23.

³³⁵ ALVES, 1982, op. cit., p. 174.

³³⁶ Entrevista Samuel Gueiros Passos.

³³⁷ VELASQUES FILHO, Prócoro. "Sim" a Deus e "não" a vida. Conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 213.

Entretanto, “o mundo consiste em múltiplas realidades”³³⁸ e para alguns indivíduos, mesmo presbiterianos, as instituições passam a ser realidades divorciadas de sua importância original, levando-os a se desviarem de programas estabelecidos para eles pelos outros.³³⁹

Os indivíduos executam ações separadas institucionalizadas no contexto de sua biografia. Esta biografia forma um todo sobre o qual é feita posteriormente uma reflexão na qual as ações discretas não são pensadas como acontecimentos isolados mas como partes relacionadas de um universo subjetivamente dotado de sentido, cujos significados não são particulares ao indivíduo, mas socialmente articulados e compartilhados.³⁴⁰

Assim, ao culpar o pastor pela traição da esposa, o sr Samuel Gueiros procurava preservar a ordem institucional e as regras de conduta institucionalmente adequadas³⁴¹ de sua igreja.

Eu conheci minha mulher na Igreja e com ela me casei. Dez anos depois houve um problema grave, vieram as decepções, é que um pastor conseguiu tirá-la da linha, como diz a história. Então, tive que me separar dela, separação ocasionada pelo pastor da Igreja. Coloquei a culpa no pastor, porque ele como pastor, não podia dar um exemplo desse. Já não era a primeira vez, tanto que eu denunciei ao Presbitério e ele respondeu a uma ação no sínodo, em Maceió, e ele foi despojado das funções.

Para Berger e Luckmann, “um desvio radical da ordem institucional toma caráter de um afastamento da realidade e pode ser designado como depravação moral, doença mental ou simplesmente ignorância crassa”.³⁴² Outra prática disciplinar presbiteriana considerada pecado é a dança, que pode despertar paixões impuras e desejo sexual. A disciplina parece considerar a dança uma versão estilizada e simbólica do ato sexual, que macula a pureza que deve marcar a

³³⁸ BERGER; LUCKMANN, op. cit., p. 38.

³³⁹ Idem, p. 89.

³⁴⁰ Idem, p. 92.

³⁴¹ Idem, p. 93

³⁴² Idem, ibidem.

personalidade do presbiteriano.³⁴³ Entre as festas pecaminosas, o carnaval, reconstituição das antigas bacanais romanas, é tido como coisa não recomendada.

Havia outras exigências na época, não podíamos freqüentar os bailes, nem assistir a esses bailes, carnaval, esse, então, nem se fala, não podíamos nem olhar. [...]. Eles achavam que nós deveríamos dar o exemplo. Os adolescentes não eram punidos pela Igreja, eram somente chamados a atenção, havia uma admoestação, recomendando que isso não ficava bem, você é filho de crente, seu pai é daqui da Igreja, não é bom você fazer uma coisa dessa.³⁴⁴

Nosso divertimento não permitia festas. Fomos educados proibidos dessa ação. O curso carnavalesco era em frente a nossa casa. Havia o bloco do Iracema, do Benfica, os carros alegóricos, lindos. Havia maracatu, escolas de samba. O clube dos Diários desfilava com bonitas moças, em carros abertos. Por sinal, nessa época, eu gostava de um rapaz ele estudava no colégio Padre Champagnat, e um dos diretores do maracatu, esse rapaz era do Piauí e era “hors-concours”³⁴⁵

Para Alves, as proibições do sexo pelo sexo e da dança nada mais são que casos específicos de uma norma universal: o corpo não deve expressar-se mas antes se reprimir. Quanto maior a repressão do corpo, maior a proximidade de Deus.³⁴⁶ Temos aqui a subjugação do corpo pela disciplina. Ao ser o crente um servo de um senhor, sua vontade é a vontade do seu Senhor. O seu corpo não lhe pertence, nada lhe pertence, portanto nada pode ser usado para os fins que o homem se propõe.³⁴⁷

³⁴³ ALVES, op. cit., p. 174

³⁴⁴ Entrevista Samuel Gueiros Passos.

³⁴⁵ Entrevista Lina Gomes da Costa (Dona Lina)

³⁴⁶ ALVES, op. cit., p. 183

³⁴⁷ Idem, p. 190-191.

A gente deve andar com decência e com ordem, porque o nosso corpo é templo do Espírito Santo, não é pra ser exposto a escândalo. Não é não! É a maldade, porque tem a maldade humana. Quando a pessoa vê esses exageros, é natural que haja pensamentos maldosos.³⁴⁸

A moralidade presbiteriana estende-se a outras situações que são abomináveis para o presbiteriano. O vício é uma delas. Ele afeta a relação do corpo com Deus. O vício é um comportamento obsessivo, pelo qual o sujeito é possuído pelo objeto, como uma possessão demoníaca. Entretanto, as razões pelas quais os presbiterianos se opõe ao vício não são médicas, mas sim religiosas. Seu corpo não pode ser usado para fins que não divinos.³⁴⁹

A honestidade é outro atributo do qual os presbiterianos tanto se orgulham. Dizer sempre a verdade é a vontade de Deus. Sua consciência deve ser limpa. Dizer a verdade, sejam quais forem as circunstâncias e os seus ouvintes é uma atitude requerida ao presbiteriano. Ela não deve estar subordinada ao amor, e sim à necessidade de consistência, de honestidade daquele que a diz.³⁵⁰

Naquele tempo, era um feito importante para um presbiteriano chegar a esse ponto, era difícil, pois havia o preconceito contra o crente, muito embora os crentes desfrutassem de prestígio quanto a sua honorabilidade, quanto a sua honestidade, a sua capacidade de trabalho, o crente não mentia, nada fazia de errado.³⁵¹

Alves atribui a imposição de proibições, de interdição não à consciência moral, mas à consciência de limites, colocando os seguidores do presbiterianismo em inúmeras situações ambíguas, não definidas na disciplina eclesiástica. Assim, o presbiteriano geralmente abstém-se de ações não definidas pela moralidade da Igreja. Quem se abstém da ação não peca.³⁵²

³⁴⁸ Entrevista Maria Eugênia Sales.

³⁴⁹ ALVES, op. cit., p. 192.

³⁵⁰ Idem, p. 196.

³⁵¹ Entrevista Samuel Gueiros Passos.

³⁵² ALVES, op. cit., p. 202.

Até mesmo no vestir o presbiteriano tem seus limites de uso determinados pela moral de sua Igreja, cuja função é garantir que “eles sejam diferentes”.³⁵³ Antes, mais do que hoje.

No próximo capítulo temos a história dos presbiterianos entrevistados durante a nossa pesquisa, quando procuramos demonstrar como foi forjada a maneira de ser do presbiteriano de Fortaleza, o seu comportamento e a sua relação com os não presbiterianos.

³⁵³ ALVES, op. cit., p. 178

CAPÍTULO 4 A MEMÓRIA DOS PRESBITERIANOS IDOSOS: MOMENTO DE CONSTRUÇÃO DE SUA HISTÓRIA CULTURAL

A memória, como procedimento de pesquisa, tem sido largamente utilizada por diferentes áreas do conhecimento. Sociólogos, psicólogos sociais, antropólogos, educadores, historiadores e até mesmo integrantes das áreas médicas têm contribuído para o alargamento da história social, pelo uso não só de depoimentos orais lembrados, como também com a ajuda de objetos, fotos, cartas, gestos e símbolos representativos de uma época ou de um grupo.

O testemunho oral de idosos permite trazer a luz acontecimentos e fatos ainda não levados ao público, ou erroneamente interpretados, relatados por quem viveu esses acontecimentos, que podem dar margem a uma nova discussão.

As histórias a seguir foram por mim construídas, tendo por base relatos e entrevistas a partir de minhas proposições.

4.1 Todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus³⁵⁴

Nascido em Garanhuns, Pernambuco, no final da década de 20, precisamente em março de 1927, Samuel Gueiros Pessoa veio ao mundo para ser membro de uma família pequena, constituída somente de pai, mãe e uma irmã, além dele próprio. Criados à luz do evangelho, enfrentaram, naquela época, alguns contratempos por causa da religião que professavam. Eram sempre cobrados em seu comportamento pelos de casa e os da rua.

Sua mãe, dona Clotilde, sempre dizia que o presbiteriano tem que ter comportamento exemplar, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Durante as brigas entre irmãos, seus conselhos estavam sempre amparados em versículos bíblicos, o que ensejava dos filhos a observação de que a mãe parecia só ler a Bíblia para recriminá-los.

Os dois irmãos estudaram, quando adolescente, em Garanhuns, onde só havia dois colégios: o Ginásio Diocesano, católico, freqüentado só por homens, e o Santa Sofia, que era somente de moças. Depois fundaram o Colégio 15 de

³⁵⁴ Todos os títulos das histórias aqui contadas foram tirados das próprias histórias.

Novembro, dirigido pelos presbiterianos, que passou a admitir meninos e meninas na mesma classe, o que foi considerado um escândalo.

Nesse colégio, todos os dias, às nove horas, suspendiam-se as aulas para o culto religioso. Os católicos que não quisessem freqüentar o culto tinham que ficar fazendo uma banca de estudo numa sala durante aquele horário. Poucos eram os que optavam em não participar.

O senhor Antão Pessoa, pai de Samuel, era muito exigente; uma de suas exigências era com relação ao almoço de domingo, que tinha de ser preparado no sábado, pois não se fazia nada no domingo por ser o dia de descanso. Este era reservado ao lazer da família, passeio no Parque Euclides Dourado, também conhecido como Parque dos Eucaliptos. Não era permitido passear de bicicleta, Samuel tinha uma, presente de seu Antão. O domingo era dia do Senhor. Não se podia trabalhar, vender e nem comprar, nem mesmo pipoca. Embora ainda não entendesse muito bem o porque desses impedimentos, Samuel sabia que tinha de obedecer às regras impostas pelo seu pai, regras que vinha dos avós e eram impostas pela Igreja como consciência viva, vigilante, poderosa³⁵⁵ e necessária ao bom comportamento dos presbiterianos.

O senhor Antão pouco freqüentava a igreja, pois era colportor (vendedor ambulante de Bíblias e Novos Testamentos). Ele vivia viajando pelo interior do Brasil. Quando voltava, fazia uma espécie de relatório para as classes da escola dominical e citava os incidentes que ocorriam com ele durante as viagens. Ao relatar essas ocorrências Antão descrevia suas “práticas de fazer” o seu cotidiano pelo Brasil afora, procurando construir espaços para a divulgação do presbiterianismo em um país predominantemente católico. Para Certeau, são as práticas e as experiências dos sujeitos que constroem o espaço.³⁵⁶

Em uma de suas histórias, contou que expôs Bíblias e Novos Testamentos na feira de Bom Conselho, Pernambuco, e logo foram avisar ao padre que havia uma nova seita com uns livros de capa preta (que era a Bíblia). O padre juntou uma turma e rasgou todos os livros, colocou querosene e tocou fogo. Seu Antão voltou para Garanhuns para pegar novo material e seguir em frente.

³⁵⁵ ALVES, Rubem A. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Atica, 1982. p. 170.

³⁵⁶ CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**:1 a arte de fazer. 7. ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2002.

Essa era a época também de Frei Damião. Italiano, filho de camponeses, nascido Pio Giannotti, em Bozzano, Norte da Itália, no dia 5 de novembro de 1898, Frei Damião começou a sua formação religiosa aos 12 anos, quando foi estudar num colégio de padres. Ordenado padre aos 23 anos, veio para o Brasil em 1931, para o convento de São Feliz, em Recife, Pernambuco, permanecendo aí até sua morte, em 27 de maio de 1997 com 98 anos.

Em suas missões por Pernambuco, Frei Damião combatia, com vigor, a propagação do presbiterianismo. Damião, certa vez, ordenou que os católicos que vendiam alimentos não podiam mais fornecer nenhum tipo de gênero alimentício aos adeptos da outra religião, os crentes. Aliás, eles não chamavam propriamente de crentes, os presbiterianos eram apelidados de “bodes”. Então, aqueles que fornecessem comida aos “bodes” seriam excomungados. Essas atitudes caracterizavam os elementos de conflitos e tensões - para Certeau espaços “polemológicos”³⁵⁷ - entre os religiosos brasileiros daquela época.

Ser presbiteriano era ir para a Igreja, freqüentar a escola dominical, onde havia reuniões próprias para adolescentes, formadas pelas sociedades chamadas “Soldadinhos de Verdade” e “União da Mocidade Presbiteriana” (UMP). Para participar dessas sociedades, o adolescente tinha que cumprir com certas obrigações: ler a Palavra de Deus, interessar-se pelos estudos, freqüentar as classes, enfim, fazer um aprendizado da Bíblia. Devia participar também dos trabalhos sociais, no atendimento de crianças e pessoas carentes, sobretudo da periferia. Essas práticas cotidianas dos presbiterianos identificam uma realidade, formas que os objetivam e os inspiram.³⁵⁸

Samuel mudou-se de Garanhuns para Recife em 1940, indo trabalhar no Banco do Povo, emprego conseguido por seu tio, o Pastor Jerônimo Gueiros, muito influente na cidade.

Com o tempo, a família mudou-se para o Recife. Mesmo vindos do interior, eles não chegaram a ter um choque cultural, porque a própria Igreja Presbiteriana lhes dava apoio; em ciclos de estudo aprendiam a falar em público, a recitar poesias, a viver o cotidiano de uma cidade grande, preparando-os para o futuro.

³⁵⁷ Idem, p. 76.

³⁵⁸ MIRANDA, Júlia. **Horizontes de bruma**: os limites questionados do religioso e do político. São Paulo: Maltese, 1995. p. 145.

O seu Antão era cidadão de poucas letras, mas suas viagens pelo mundo ensinaram-lhe a viver. Ele dizia que não tinha que deixar fortuna para os filhos . O que ele poderia deixar de melhor era educação, tanto que não se importava com despesas relativas a isso, pois educação ninguém tira de ninguém, dizia ele.

Dos doze para os treze anos, Samuel ganhou de seu Antão uma máquina de escrever, da marca “Remington”. Era para aprender a datilografar porque, no futuro, só arranjaría bom emprego quem soubesse trabalhar naquela máquina. Samuel, então, foi colocado em escola de datilografia. Seu Antão também estimulava Samuel a fazer vestibular para Direito.

Samuel casou-se com menos de vinte anos de idade. Sua preocupação era com as restrições impostas pela sua religião. Dizia São Paulo: “é melhor casar-se do que se abraçar.” Seguindo à risca esta recomendação de São Paulo, Samuel pensava que, ao se casar cedo, não cairia no mundo, não teria que procurar mulher, ter relacionamento fora. Casando-se cedo, teria mais condições de criar filhos, educá-los melhor e quando chegasse à velhice estaria mais ou menos ao lado da família que procurou construir.

Samuel conheceu sua primeira mulher na Igreja. Após dez anos de casados veio a separação, motivada por infidelidade conjugal. A separação, ocorrida em 1955, foi ocasionada pelo pastor da Igreja. Para Samuel, o pastor não podia dar um exemplo daqueles. Já não era a primeira vez, tanto que ele o denunciou ao Presbitério que o fez responder a uma ação no sínodo, em Maceió, e foi despojado das funções.

Transferido para Mossoró, em 1958, Samuel conheceu sua segunda, e atual esposa. Ao expressar desejo em casar-se com um presbiteriano na Igreja Católica, a noiva de Samuel foi ao seu confessor, Padre Humberto, que fez a seguinte observação: “Olhe, eu não faço casamento de viúvo de mulher viva”. Samuel era apenas separado de sua primeira esposa.

Samuel tinha relacionamento com D. Eliseu Simões Mendes, bispo de Mossoró, por causa de sua condição de gerente do banco que administrava as contas da diocese. Desse relacionamento surgiu entre eles uma grande amizade. Essa amizade encorajou Samuel a falar com D. Eliseu sobre a negativa do Padre Humberto.

D. Eliseu disse que não haveria problema e explicou que o Direito Canônico admite o casamento misto, isto é, um católico com um evangélico, desde que ficasse provado que a primeira mulher de Samuel era católica. A prova seria a Certidão de Batismo dela. O casamento misto não faz exigências quanto aos atos de se comungar, se confessar e de se batizar na Igreja Católica.

Com a promessa de realização do casamento por D Eliseu, Samuel foi para o Recife, onde havia nascido sua primeira mulher, a procura da Certidão de Batismo. Sua ansiedade era tão grande que ele chegou a colocar a solução nas mãos de Deus. Se a certidão fosse encontrada, ele interpretaria essa condição como Deus abrindo a porta para ele entrar. Caso contrário, Deus não estaria de acordo com esse casamento.

Chegando ao Recife, local de muitas igrejas, Samuel percebeu que não seria fácil localizar o que ele precisava. Também não poderia perguntar à mãe dela, pois ela perceberia que a certidão era para casar-se novamente. Ela também não iria dizer, talvez nem soubesse onde se batizou. Ele ficou naquele drama.

Samuel entrou numa Igreja e falou com o Sacristão sobre o seu problema. Mostrou todos os elementos necessários para a localização do documento pretendido: o nome dela, dos pais, dos avós, dia do nascimento. Era uma quarta-feira, e o Sacristão disse que ele viesse buscar a certidão na segunda-feira. Samuel informou que tinha vindo de Mossoró somente para apanhar a Certidão, e que não poderia esperar esse tempo todo em Recife. Ao ser perguntado quanto custaria a certidão o Sacristão informou que custava duzentos cruzeiros. Ele ofereceu mil cruzeiros para que o documento fosse entregue na sexta-feira. Ao receber a Certidão, ele notou que além das informações que havia prestado, constava no documento a observação: “E foram madrinhas de apresentação e de crisma fulana e fulana.” A manipulação, a estratégia³⁵⁹ empregada por Samuel, para conseguir, pela força do dinheiro não prevaleceu nesse caso.

Samuel percebeu que não tinha agido corretamente ao oferecer dinheiro para obter a certidão. Mas como Deus é fiel, Ele age da maneira que quer. Aquela Certidão era autêntica porque ele não tinha entregue esses dados, madrinha de apresentação, nem madrinha de crisma.

³⁵⁹ CERTEAU, Michel, p. 99.

A cidade de Mossoró é muito católica, e naquela época o evangelho lá era muito tímido; os presbiterianos ainda não tinham muito prestígio. Samuel ganhou a simpatia da sociedade local porque se casou na Igreja Católica; o casamento na igreja tinha mais validade do que o casamento civil. A Igreja Católica não se preocupava, como hoje, se os noivos eram casados civilmente. Diferentemente, para os presbiterianos o casamento na Igreja só é realizado com a apresentação da certidão do casamento civil.

Para o presbiteriano, o casamento não é visto como na Igreja Católica. Ele pode até apresentar alguma semelhança, mas o casamento na Igreja Católica é uma instituição que caracteriza a união indissolúvel. Na Igreja Presbiteriana, é uma bênção. A instituição civil do casamento só vai existir a partir da Constituição de 1891, pois até então, a que vigorava no Brasil era a de 1824, que não previa o casamento civil, porque Igreja e Estado estavam atrelados. Portanto, era o casamento católico que tinha efeito civil. Com a separação da Igreja do Estado, em 1891, foi necessário o casamento civil.

Foto 1 - Samuel Gueiros e sua segunda esposa Silveirinha Gueiros Pessoa



Fonte: Acervo da família Samuel Gueiros

Já casado com sua atual mulher e com três filhos, Samuel foi para o Rio a convite do Rubens Costa, até então presidente do Banco do Nordeste, que viria inaugurar uma agência aqui em Fortaleza, na Av. Barão do Rio Branco. Rubens Costa, filho de Garanhuns e muito amigo de Samuel, nomeado

presidente do Banco Nacional da Habitação (BNH) convidou o amigo para ser seu assistente pessoal. Com a saída de Rubens, Samuel permaneceu assistente dos quatro outros presidentes que se seguiram, Maurício Schumann, José Lopes de Oliveira, Nelson da Mata Aragão. Com a passagem do BNH para a Caixa Econômica Federal, Samuel continuou desenvolvendo suas atividades profissionais na Caixa.

Antes, ainda em Recife, Samuel foi eleito diácono na Igreja de Jerônimo Gueiros, em Boa Vista. Iniciou suas atividades nessa igreja como presidente da Mocidade. Em Garanhuns e Mossoró foi professor da Escola Dominical. No Rio de Janeiro foi presbítero do Reverendo Benjamin Morais. Em Teresópolis, foi professor da Escola Dominical, passou pela Igreja de Maricá, retornando ao Recife, para a Igreja da Casa Criada, onde o pastor era seu genro. De volta ao Rio de Janeiro, a convite do presidente do BNH, o pernambucano Nelson da Mata, Samuel permaneceu no Banco até a sua extinção, retornando à Fortaleza e se engajando nos trabalhos da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, junto com o colega, Gerson Lopes Fonteles, que também era presidente da Igreja.

Convidado a ser candidato a presbítero, já que se encontrava como presbítero em disponibilidade e não presbítero na atividade, Samuel declinou do convite alegando razões de trabalho, pois estava dedicado aos dois expedientes, e era cioso de suas responsabilidades no BNH. O falecimento de um de seus filhos, em desastre automobilístico no Rio Grande do Norte, também foi motivo da não aceitação do convite.

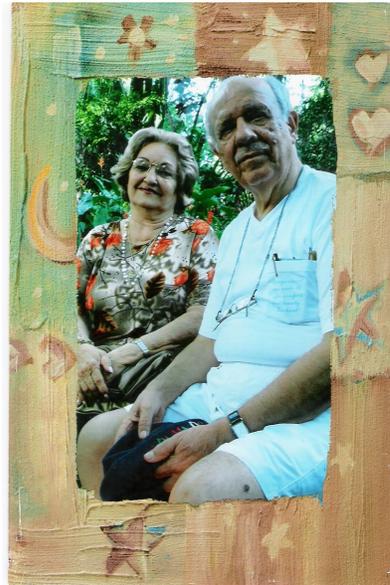
Nessa época do acidente, Samuel estava como diretor de poupança e empréstimos. Recebeu de toda a diretoria do BNH solidariedade. Um dos diretores lhe perguntou a que ele, como presbiteriano, atribuiria esse fato, essa morte tão trágica de seu filho e como ele suportaria tal tragédia.

Para Samuel, essas questões não são fáceis de explicar. Dentro de sua fé ele acredita que são desígnios de Deus e não cabe a ninguém questionar. Todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus. Ele nunca entrara no gabinete do presidente e de nenhum diretor para pregar evangelho nem para dizer da sua fé. Entretanto, a morte de seu filho contribuiu para que todos ali tivessem o reconhecimento do testemunho de sua fé. Quem sabe se a retirada do seu filho não foi para que ele tivesse a

oportunidade de dizer a todos os diretores o que era a sua fé? Em quem ele crê e porque ele não se desesperou com a morte de seu filho?

Para Samuel, a morte é um fenômeno natural, todos vão morrer um dia, vão ter que passar por ela. Do ponto de vista da fé, a morte é o começo da vida espiritual. Deus disse que depois da morte, segue-se o juízo. Está determinado aos homens morrerem uma só vez, por essa razão é que ele, firmado na doutrina, nos conceitos bíblicos que aprendeu desde a infância, vem trazendo e estudando, e hoje é professor da Escola Dominical. A sua classe nessa escola é justamente dos fundamentos da fé, ou seja, as doutrinas básicas.

Foto 2 - Samuel Gueiros Pessoa e Silveirinha em 2003



Fonte: Acervo da família Samuel Gueiros

Em suas convicções Samuel nos relembra que os presbiterianos são considerados calvinistas, porque foi Calvino e Lutero que realmente estabeleceram o rompimento dos dogmas da Igreja Católica. Para ele, os presbiterianos têm como princípio somente a Escritura; a tradução não vale. O que a Bíblia diz é o que é aceito. Lutero e Calvino descobriram a justificação pela fé. Com essa justificação pela fé, os presbiterianos acreditam na salvação, na expiação, no sacrifício do sangue de Jesus Cristo e aceitam também o fato da predestinação ou da eleição que diz Deus nos seus planos. Desde a eternidade, Ele já reserva aqueles eleitos para salvá-los. No momento da aceitação de Jesus Cristo e da crença no seu sangue

expiatório, nada mais há que temer. A tranquilidade em relação à morte é a esperança pelo momento de passar para outra vida.

Na família de Samuel, seus filhos não fazem parte propriamente da Igreja, mas em relação à fé, eles mantêm a mesma crença. Para Samuel, a fé tende a aumentar com a idade, com o estudo sobre a religião. Para ele tem também as coisas que acontecem na vida e vemos que realmente é a mão de Deus. Samuel assevera que nunca teve dúvidas de sua fé. Seu tio Jerônimo Gueiros chegou a duvidar da fé, tanto que escreveu o hino “A Minha Fé Sustenta, ó Deus” e depois escreveu outro hino, quando morreu uma filha dele na Bahia. Ele disse que teve momentos de dúvida, mas Deus veio em seu socorro e restaurou tudo, tanto que, quando morreu no Recife, era pastor da Igreja e Presidente da Academia Pernambucana de Letras, e do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco.

Quando seu tio Jerônimo Gueiros estava no estertores da morte, antes de entrar em coma, pediu para que ficassem no quarto só a mulher e os filhos. Ele não queria que dissessem que na última hora ele havia abjurado da fé e que uma vez havia tido dúvidas, mas agora estava crente na sua fé. O esquife dele foi levado numa carreta da Ordem Terceira do Carmo, que se ofereceu para conduzir o corpo até o cemitério.

Sobre o cisma da Igreja, episódio acontecido em julho de 1903, que resultou na formação da Igreja Presbiteriana Independente, Samuel diz que ela se tornou independente porque era contra os missionários que vinham dos Estados e criaram a Igreja independente. Hoje, essa Igreja tem mais missionários do que a Igreja Presbiteriana tradicional. Mas a doutrina é a mesma.

A relação de Samuel com a Igreja fundamentalista se deu da seguinte maneira: Secretário de Jerônimo Gueiros, Samuel conviveu com Israel, também sobrinho de Jerônimo, batalhador da pureza da doutrina e autor de vários livros sobre esse episódio. Israel, em um seminário nos Estados Unidos, conheceu um pastor chamado Mike. Esse pastor quis estabelecer o fundamentalismo, pois estava começando a haver o chamado ecumenismo, isto é, a mistura entre a Igreja Católica e a Igreja Protestante.

O Ecumenismo aceitava certas coisas da Igreja que na Reforma tinham sido rejeitadas, como, por exemplo, não achar nada demais um pastor receber um padre na sua Igreja para rezar uma missa. Isso não pode porque as coisas são

completamente diferentes: a doutrina católica aceita a intercessão dos Santos e o culto à Virgem Maria, como se ela fosse igual a Jesus Cristo. Os presbiterianos não aceitam a Virgem Maria como mediadora, porque a Bíblia diz que só há um mediador entre Deus e os homens que é Jesus Cristo.

Israel não aceitava nada. Um membro de sua Igreja, por exemplo, não podia nem pisar numa Igreja Católica. Esse fundamentalismo causou o seu rompimento com a Igreja Presbiteriana. A idéia, que veio dos Estados Unidos, o levou a fazer uma Igreja completamente diferente, com livro de doutrina e de estudos próprios, sem nenhuma relação com as outras igrejas. Embora em uma situação regional, ele procurou expandir isso pelo Brasil todo, mas não conseguiu.

4.2 Evangelizando de pau-de-arara³⁶⁰

Quando criança, Lina Gomes Costa morava no Benfica, bairro residencial da cidade de Fortaleza, ainda servido por bondes. A Igreja Presbiteriana ficava no centro da cidade, na Rua Sena Madureira. Todos os domingos ela ia à Escola Dominical; às quartas-feiras, ao culto de doutrina; e domingo à noite, ao culto de louvor a Deus.

Foto 3 - Praça do Ferreira, Fortaleza, 1940, vendo-se os bondes que circulavam pela cidade



Fonte: Acervo da família Gomes Costa

³⁶⁰ Meio de transporte muito utilizado nos sertões nordestino, principalmente porromeiros e retirantes, e consiste na transformação da carroceria de um caminhão, colocando nela bancos de madeira e cobrindo-a com lona. Pouco seguro, esse meio de transporte é atualmente proibido pelas autoridades do Trânsito.

A família Gomes Costa era composta pelo pai, mãe e mais duas irmãs. O pai não era presbiteriano, a mãe sim. O pai só freqüentava a Igreja no Natal, Páscoa etc. Ele se dizia temente a Deus, mas não gostava de religião. Era até de origem católica, estudou em seminário católico, mas quando de lá saiu não quis mais saber de religião.

Eles moravam na Rua Senador Pompeu, esquina com a Avenida Duque de Caxias, hoje região central da cidade. Naquela época, era bairro residencial, não havia nenhuma casa comercial. Na época do carnaval, o curso realizava-se lá. Era muito animado.

Foto 4 - Bairro Central de Fortaleza, ano 1940



Fonte: Acervo da família Gomes Costa

O dia de domingo era só para ir à Igreja. Até a aniversário ela só podia ir se fosse no sábado ou qualquer outro dia da semana, menos no domingo, dia do Senhor. A freqüência à praia também só aos sábados. O maiô era aquele completo, não tinha duas peças. Iam pela manhã, às nove horas, e às doze, já era para estar de volta para casa. À tarde, tinha a vespéral do cinema, sessão da tarde, no Cine Moderno ou Majestic. Havia outro, muito popular, vizinho às duas farmácias, Oswaldo Cruz e Pasteur, o cine Politeama, que não era freqüentado pela família por só passar filme policial. O Moderno era bem perto do Majestic, no mesmo quarteirão, na rua Major Facundo, de frente à praça do Ferreira. A família não ia ao cinema à noite, somente às vesperais. À noite, ficavam na porta de casa, ou dando uma voltinha no quarteirão.

Aos sábados, quando não ia à vespéral, ia com a sua irmã mais velha, que já era noiva, à sessão colosso, onde passavam dois filmes com término às 22 horas. A volta para casa era a pé e tranqüilamente, sem sobressaltos. Não era como hoje, com os assaltos e a falta de segurança. Caso o noivo de sua irmã não as acompanhasse ao cinema, elas contavam com a companhia de uma amiga vizinha, a Leda. Certeau³⁶¹ afirma que os relacionamentos mais significativos na vida das pessoas são aqueles que mantemos na convivência cotidiana

Foto 5 - Lina Gomes Costa, aos 18 anos de idade



Fonte: Acervo da família Gomes Costa

O marido de Lina era de família muito católica, os Feitosa, lá dos Inhamuns., região central do Estado do Ceará. Entretanto, ele freqüentava a Igreja de Lina, como diz ela, - ele era muito amigo dos meus irmãos lá da Igreja, dos meus irmãos da fé. Era aquele homem amigo da religião.

Lina Gomes Costa casou-se em 1951, no religioso e no civil, no mesmo dia, na casa de sua irmã, não foi na Igreja. Seu sogro havia morrido um mês antes e o casamento foi feito pelo pastor da Igreja, Alcides Nogueira. O pastor Natanael já tinha sido jubilado.

Naquela época, os jovens só pensavam em se divertir. O presidente da República era Getúlio Vargas; para Lina, o melhor dos presidentes, um estadista. No dia de seu suicídio, ela chorou muito.

³⁶¹ CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 2: Morar e cozinhar**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 21.

Entre os divertimentos não havia lugar para festas, fora educada proibida dessa diversão. O curso carnavalesco era em frente a sua casa. Havia o bloco do Clube Iracema, do Benfica, os carros alegóricos, que para ela eram lindos. Havia também Maracatus, escolas de samba... O clube Iracema desfilava com bonitas moças em carros abertos. Naquela época, Lina gostava de um rapaz. Ele estudava no colégio Padre Champagnat e morava na casa de um dos diretores do Maracatu. Ele era do Piauí e nos desfiles de fantasia era “hors-concours”. Depois não houve mais curso, era o carnaval de rua, com blocos de todo jeito, de sujos, rapazes da sociedade; geralmente, eram mais de rapazes.

Lina não viajava muito, passava as férias de julho em Umarizeiras, perto de Maranguape. Não foi a viagem mais longa que ela fez, pois em uma ocasião visitou Crato. Ela se vestia como qualquer outra pessoa, não havia diferença em relação aos católicos. Sua mãe não permitia vestido acima do joelho. - Quando ela saía, a gente encurtava o abanhado. A farda do Liceu era uma farda cáqui, de brim, bem pregueada e não ia acima do joelho porque tinha a norma.

Para Lina o ambiente da escola era muito agradável: professores ótimos e havia muito respeito. Quando o professor entrava em classe todos se levantavam e o saudavam. Os professores se vestiam muito bem, de paletó e gravata de linho. No ginásio, os professores eram todos homens e no primário, só mulheres.

Estudante de escola pública, fez o primário no Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, passou no teste de admissão e foi estudar no Liceu do Ceará, onde concluiu o ginásial. Coursou pedagógico, para ser professora, no Colégio Santa Cecília, onde a diretora era D. Almerinda. Ficava quase vizinho à Igreja dos Remédios, no mesmo lado, em frente à casa do Antônio Gentil, hoje, a Reitoria da Universidade Federal do Ceará

Antes, o colégio pertencia à D. Almerinda. Ele era freqüentado só por moças, gente da sociedade, como a filha do Dr. Rocha Lima, médico muito competente, a Laíde Rocha Lima, a Carmem Aguiar, a Ariane Pordeus de Castro, tudo gente da elite. Ao terminar o curso, elas não foram ser professoras. A Laíde Rocha Lima casou-se e foi morar no Rio de Janeiro. A Ariane também. A Carmem também se casou. Eram umas sessenta alunas e Lina já não mantém contato com nenhuma delas.

O sonho de Lina era estudar Medicina, mas naquela época não havia faculdade de Medicina em Fortaleza, só na Bahia. Em cada campo, o *capital cultural* (diplomas, conhecimentos, códigos culturais, características lingüísticas, bons modos), o *capital social* (relacionamentos e redes sociais) e o *capital simbólico* (reconhecimento) são recursos tão úteis quanto o *capital econômico* (bens financeiros, patrimônio) na determinação e na reprodução das posições sociais.

Lina, então, foi ser professora no Colégio 7 de Setembro, que pertencia a um cunhado seu. Assim ela começou sua carreira no magistério. Depois fez concurso e foi nomeada para lecionar onde estudou, no Grupo Escolar Rodolfo Teófilo. Depois de casada, ficou lecionando só num expediente. Saiu do Rodolfo Teófilo para ser Secretária na Fênix Caixeiral, foi ainda diretora numa escola do Conjunto Ceará e de lá saiu aposentada. Foi professora por uns 12 anos.

Foto 6 - 1938, mostra o prédio que serviu de sede, por muitos anos, ao Colégio Sete de Setembro, na Rua Floriano Peixoto nº 875



Fonte: Acervo da família Gomes Costa

Alguns colegas de escola alcançaram projeção estadual e outros até nacional, como o professor Otávio Farias e o professor Martins de Aguiar, que chegou a ser considerado um dos homens que mais sabia português, na época. Nesse tempo, o colégio Liceu do Ceará, que funcionava no hoje prédio do quartel da Polícia Militar, na antiga Praça Getúlio Vargas, agora Praça dos Voluntários, já era misto, tinha rapazes e moças na mesma sala. Os seus colegas de Liceu sabiam que ela pertencia à Igreja Presbiteriana e não faziam objeção. Os que faziam eram pouquíssimos, contava-se um ou dois. Naquela época, o pessoal tinha muito preconceito com essa religião, mas viviam em harmonia. Suas amigas eram quase todas católicas. Os amigos da Igreja eram poucos e moravam longe. As pessoas com as quais Lina tinha amizade eram as pessoas de sua rua, o pessoal católico.

Ela freqüentava a Igreja Presbiteriana de Fortaleza, localizada na rua Sena Madureira, perto de onde era o Palácio do Governo, hoje a Academia Cearense de Letras. A Escola Dominical era dividida em faixa etária e as classes não eram mistas; ficavam meninas e meninos separados. Os professores seguiam as diretrizes dadas pela superintendência da escola: o professor cumpria a missão dele e o aluno também tinha a sua.

Estudavam Catecismo e todos tinham que sabê-lo de cor. O pastor da época era Natanael Cortez, que foi também deputado e professor do Colégio Militar. Segundo Lina, ele era um homem muito bem preparado, que conhecia muito bem a Bíblia. Na opinião de Lina ele foi um Bandeirante, foi quem desbravou os sertões cearenses, um grande pastor.

O imóvel da Igreja Presbiteriana da Sena Madureira foi vendido e foi construída outra Igreja na Avenida Visconde do Rio Branco, perto do Colégio Cearense. Os Reverendos Bezerra Lima, Antônio Gueiros e Alcides Nogueira foram Pastores durante o tempo em que Lina participava ativamente da igreja do Centro. A mudança de Pastor no comando da Igreja não alterou o que estava estabelecido. Ninguém tinha queixa de ninguém, todo mundo amava o Pastor, era igual a um pai.

Ela participava de todas as atividades da Igreja: segunda-feira era dia de oração e iam, ela e a mãe; quarta-feira era reunião de doutrina; domingo era o sermão para todo mundo, a evangelização. Ela fazia parte do coral, quietinha como regente uma autoridade do exército, o Sargento Lira, e depois a Dona Francis, uma missionária americana. Enquanto o marido dela, o Reverendo Havard, natural dos Estados Unidos, foi Pastor da igreja, ela era a regente do coral, na época da Segunda Guerra. O coral cantou na Igreja ecumênica lá do Cocorote, a Base Aérea que os americanos tinham aqui em Fortaleza, bairro hoje chamado Pici.

Ainda menina, o Pastor Natanael organizava campanhas de evangelização de cidades, como Baturité, onde ele fundou uma Igreja. Ele levava o pessoal da Igreja em “pau-de-arara”; Lina e a irmã estavam sempre nas caravanas. Foi aí o começo da total entrega de Lina ao presbiterianismo. Ela participava das campanhas com o coração cheio de alegria, na esperança de a cada investida a caravana converter mais e mais pessoas. A Carminha não ia, pois ela era bem pequenininha.

Segundo Lina, alguns membros da Igreja foram pessoas muito importantes no Estado. O Reverendo Alcides Nogueira, no INSS (na época era o IAPC); o

Presbítero Doutor George Cavalcante, pai da Nancy, foi interventor aqui no Estado; o Rev. Natanael Cortez, fazendeiro, comerciante, professor, deputado, teve até mina.

A Igreja sempre foi apolítica e Lina não se interessava por política. Nunca gostou de política, tampouco o marido. Não se envolveu no processo político de 1964. Fazia pedido pela paz quando orava.

Durante a Segunda Guerra, quando os americanos estavam no Ceará, ela devia ter uns 12 anos; tinha vontade de ser “coca-cola”, não foi porque não tinha idade e os americanos nem olhavam para ela de tão menina que era. Nesse tempo, houve mudança no comportamento das moças. Muitas foram para os Estados Unidos e outras que não foram por falta de sorte ou mesmo por felicidade, não conseguiram se casar com americano. Essas moças eram ridicularizadas pelos rapazes. “Olha, essa aí é ‘coca-cola’, essa aí é programista”. As “Coca-colas” eram moças que namoravam americanos e freqüentavam o Clube deles, onde hoje é o “Restaurante Estoril”, na Praia de Iracema.

Os americanos dominavam a cidade. Pela sua casa, na esquina da Senador Pompeu com Duque de Caxias, a noitinha passava o caminhão cheio de americanos. Eles desciam ali e se espalhavam pela Praça do Carmo, Praça do Ferreira e as “meninas” ficavam por ali, só olhando os americanos. Muitas se casaram, moças de 18 anos. Era uma vida muito boa.

Houve uma época muito difícil, a época do blecaute. As lâmpadas eram cobertas com Chapas de Radiografias, Raio X, para não denunciar que ali havia gente, pois navios inimigos vasculhavam a costa. Ninguém levava a sério a situação de guerra, era até divertido. As notícias eram ouvidas pelo rádio. Sua mãe não saía de perto do rádio, ela gostava de saber das novidades, ela gostava de política, era uma pessoa de pouca instrução, mas era capaz de pegar um mapa e apontar onde os aliados estavam: “Olha, os aliados estão aqui”. “Aqui a batalha de Dunguerque”. Sabia tudo.

Um dos primos de Lina, que fora convocado para a guerra, trabalhava no Banco Frota Gentil. A mãe de Lina foi falar com o Castelo Branco, que era comandante aqui no Ceará, dizendo que o primo era arrimo de família. Sua mãe levou a irmã, com todos os filhos, marcou uma audiência com Castelo Branco e

mostrou a família para provar que o convocado não poderia ir pra guerra. E ele não foi.

Em relação a namorado, ela nunca chegou a namorar rapaz da Igreja; eram poucos, havia mais mulheres do que homens. Não havia muitos rapazes porque eles se desviavam, eles freqüentavam, mas arranjavam namoradas fora. Muitos se casavam com pessoas da Igreja, porém, de modo geral, os casamentos mistos eram raros.

Seus netos todos freqüentam a Igreja e os seus três filhos continuam crentes. Ela nunca teve dúvida de sua crença, nunca vacilou. Ela é capaz de ter momentos tristes, mas a sua fé em Deus é firme. Recebe tudo com resignação. Agora mesmo está passando por grandes provações, mas acredita que Deus não desampará. Deus é esperança e ela não desanima; quando está em dificuldades aí é que ela vai à Igreja. Toda hora ela vai conversar com Deus. Ela toda vida foi firme na sua fé e nada a abala, por maior que seja o sofrimento. Em sua vida de casada, foi muito feliz. Casou-se com um homem que não era crente, mas era amigo do Evangelho, um homem bom, responsável. Vivia a família, acima de tudo; bom amigo, bem conceituado. Ele era empresário. Houve uma época em que ele chegou a ter quatro lojas de peças de automóveis, pneus e baterias. Ele foi dono da Codiba, uma das lojas mais conceituadas de pneus e baterias no Ceará. Houve uma época em que o governo dificultou as pessoas a fazer empréstimo no banco. Com isso, muita gente quebrou. Ele teve que fechar três lojas, ficou só com uma.

Seus filhos todos estão casados, todos eles são empresários. A morte do seu marido foi repentina, de infarto, o que causou transtorno muito grande na família. Nessa hora, ela pensou em se firmar mais em Deus. Ele não manda sofrimento, Ele permite, mas dá forças para a superação. A vida de Lina foi tranqüila, com altos e baixos, mas coisas que não comprometia; conseguiu formar os três filhos.

Ela tem muita saudade da infância. Quando morava na rua Senador Pompeu, no mês de maio, havia as novenas na Igreja de Carmo. O passeio pela praça era inevitável; ia namorar, ia arranjar um namorado lá. Fica na pracinha, paquerando. Não, naquela época não era paquerar, era flerte. Naquele tempo era bom demais, não havia maldade.

Sua melhor amiga na Igreja era a Zadir Barreira. A Zoeli também foi sempre sua amiga. Ela teve mais amigas fora da igreja, pois todo mundo morava perto. Aliás, o Benfica era bairro³⁶² elegante, tinha muitas moças bonitas, muitos rapazes também. Ela sabia que alguns figurões moraram no Benfica, o Artur Façanha, um homem rico, o Nogueira Acióli, que tinha uma neta chamada Zuila, casada com José Pessoa, da qual Lina era muito amiga.

Lina gostava de andar de bonde, todo aberto, fresquinho, ficou triste quando mudaram para ônibus. Ela andou muitos anos de ônibus, aí o seu marido comprou um jipe, que foi o seu primeiro carro. Nesse tempo, ele era representante comercial, o caixeiro viajante da época, trabalhava muito. Veio do interior, estudou no Seminário, não se formou, mas era um homem muito prático, muito inteligente. Quando eles se casaram, foram morar na Travessa Recife, Benfica. De lá, foram para a rua Major Facundo, depois para a 13 de Maio e por fim se mudaram para a Barão de Studart. Faz mais de quarenta anos que ela mora no atual endereço, mudou em 1960.

Seu marido, Olívio Costa, era um homem muito correto e bastante humano, fazia tudo para agradá-la. Então, proporcionava constantes viagens para eles, sempre iam ao Rio de Janeiro e a São Paulo. viajavam de avião e voltavam de carro novo. De dois em dois anos, iam trocar de carro. Vendiam o carro antigo aqui e iam de avião comprar o carro novo, sempre toda a família. O filho Antônio José, nessa época, tinha doze para treze anos, a Maria Elizabeth, oito anos, e o Olivinho dois anos ou menos.

Foto 7 - Olívio Feitosa Costa, esposo de Lina Costa



Fonte: Acervo família Gomes Costa

³⁶² Para Certeau, Girard e Mayol o bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social. (Cf. CERTEAU, M de; GIRARD, L e MAYOL, P. A invenção do cotidiano 2. Morar, cozinhar. Tradução Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 43.

Em 1964, eles passaram dois meses viajando por Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Depois de casada, viviam com fartura. Quando ela era solteira, trabalhava dois expedientes. Após o casamento passou a trabalhar apenas um expediente, porque ele fez questão de que fosse assim, já que não queria mulher dele trabalhando. Naquela época, não tinha essa história de dividir despesas de casa, o homem arcava com tudo. Ele nunca perguntou quanto ela ganhava, a carteira dele estava sempre aberta.

Sua mãe, Dona Maria Gomes, era missionária, fundou a Igreja Presbiteriana no bairro Jardim América, em Fortaleza. Lina sempre cooperou, pois a mãe começou levando-a para essa igreja aos domingos, depois do almoço. Era longe, mas iam a pé. Os meninos que passavam lá fora, sua mãe os chamava e perguntava o que eles haviam aprendido naquele dia na escola. Era para saber se eles gostariam de aprender mais. A Igreja Central ajudou na construção dessa Igreja e ela ficou arrebanhando o pessoal. Umas pessoas se interessaram e se converteram, outras não. Não havia, assim, contestação, nem perseguição, nada. Era um tempo de maior liberdade. A Igreja ainda existe.

Foto 8 - Lina Gomes Costa, em 2005



Fonte: Acervo família Gomes Costa

Lina sempre teve desafios, mas viveu sempre em Cristo e louva muito a Deus pela vida que leva. Ela teve problemas, porém nunca a mão de Deus encolheu para ela, ela nunca ficou desamparada por Ele. Deus esteve sempre ao seu lado, protegendo-a, afirma ela. Às vezes, uma dificuldade aqui, outra ali, mas Ele estava sempre por perto, ajudando-a a superar os obstáculos. Tem sido sempre assim. É uma questão de fé o seu comportamento, e por isso é muito agradecida a Deus. Seus filhos foram criados na Igreja também: um é casado com uma moça que ainda não é evangélica, contudo Dona Lina ainda não perdeu a esperança de vê-la convertida.

4.3 Nas pegadas do pai Pastor

Fortalezense de nascimento, Helnir de Melo Cortez veio ao mundo em 25 de abril de 1934. O local foi na rua Antônio Pompeu esquina com Barão de Aratanha, casa de seus pais Natanael Pegado de Siqueira Cortez e Honorina de Melo Cortez. Procedente do Rio Grande do Norte, Natanael Cortez estudou no Seminário Presbiteriano do Norte, em Garanhuns. Veio pra Fortaleza em 1915, assumiu o pastorado da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, substituindo o Reverendo Raimundo Bezerra Lima.

O pai de Helnir foi casado duas vezes: do primeiro, foram três filhos e uma filha. Viúvo, Natanael casou-se com dona Honorina, mãe de Helnir, que teve com ele oito filhos: seis mulheres e dois homens.

Foto 9 - Pais de Helnir Cortez, Rev. Natanael Cortez e Dona Nina



Fonte: Acervo da família Helnir Cortez

Naquele tempo, ser presbiteriano aqui no Ceará não era muito fácil. O professor José Cláudio de Oliveira disse certo dia que na casa da rua Antônio Pompeu com Barão de Aratanha, só quem passava na calçada dos Cortez, era a família dele, a qual era espírita. Os demais (os católicos) não passavam, porque ali era a casa de um pastor presbiteriano. Havia sempre muitas limitações, muitas restrições para quem não era católico naquele tempo.

Helmir foi criado na Igreja Presbiteriana de Fortaleza, ali na rua Conde d'Eu, esquina com Beco dos Pocinhos. Estudou no Colégio 7 de Setembro até o terceiro ano primário, quando foi morar na Aldeota e foi para o Colégio São João, onde fez o exame de admissão, o ginásio e o terceiro ano científico. Terminou o ginásio em 1950 e o científico em 1953. Nos anos de 51 e 52, estudou em Garanhuns, no Colégio Presbiteriano 15 de Novembro. Fez 1º e 2º ano científico ali. Aliás, foi ali que teve sua vocação despertada para o ministério.

No Colégio São João, nunca teve problemas por não ser católico. Talvez a condição social de seu pai e o fato de se relacionar com amigos tenha evitado constrangimentos, qualquer coisa assim. A questão social facilitava, sem dúvida. O nome Natanael Cortez, pastor, professor, deputado estadual, pecuarista, comerciante, representava posição privilegiada no espaço social. Era definido pela posição nos diferentes campos por ele ocupado, isto é, na distribuição dos poderes atuantes em cada um deles, sobretudo, *o capital econômico, nas suas diferentes condições, o cultural, o social e também o simbólico, geralmente chamado de prestígio, reputação, fama etc*³⁶³. Com outras pessoas, poderia estar havendo restrições por elas serem presbiterianas, sem conotação social ou econômica.

Filho de pastor e fazendeiro acostumou-se à vida do campo. Seu pai era fazendeiro em Quixeramobim, em Uruquê. Seu pai brincava muito e dizia que ele tinha três famílias: a primeira era a igreja, a segunda, as vacas e a terceira, era a família mesmo. Ele gostava muito de andar a cavalo, de gado e de ir pra lá.

³⁶³ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 134--5.

Helmir pensava em ser agrônomo. Já tinha o Nataniel, seu irmão por parte de pai, que também era agrônomo. Além dele, o Eldir, do segundo casamento, que também tinha tal profissão. Talvez no Colégio 15 de Novembro, a influência religiosa tenha contribuído para que Deus o tenha chamado para o ministério. Desistiu dos cavalos e das vacas, desistiu, da agronomia e, para surpresa de muitos, apresentou-se ao presbitério Ceará Amazônia, onde foi recebido e mandado para o seminário Presbiteriano do Norte, no Recife, em 1955.

O pai de Helmir foi um homem conhecido no Ceará. Professor do Colégio Militar, escritor e membro da Academia Cearense de Letras. Como pastor, foi muito perseguido no Ceará, sofreu ameaças de morte, que deixaram marcas na memória de Helmir. Ainda menino, Helmir presenciou fato ocorrido na Barra do Ceará, local de descida dos hidroaviões catalinas. Seu pai, ao descer de um avião da Navegação Aérea Brasileira, procedente do Rio de Janeiro, encontrou professores e alunos do Colégio Militar, que vieram oferecer-lhe solidariedade, porque estava sendo ameaçado de morte pelo tenente Severino Sombra, que era do Círculo dos Operários Católicos do Ceará e escrevera no Jornal Nordeste, dizendo que tinha mais de mil operários para matar Natanael Cortez.

Para proteger Natanael que estava chegando à Barra do Ceará, veio do interior um irmão seu, o Joaquim Siqueira, metido a valente. Ao chegar a Fortaleza, foi direto ao escritório do Tenente Severino Sombra para dizer que Natanael Cortez não era nenhum cão sem dono e que tinha muita gente aqui no Ceará, principalmente no interior, pronto para morrer ou matar por ele. Acrescentou que se acontecesse alguma coisa ao irmão, o tenente seria o responsável e ele, Joaquim, tinha, no revólver que tirou do bolso, algumas balas guardadas para o tenente Severino Sombra. Naquele dia, não houve nada e, posteriormente, os três se tornaram amigos.

Lá no Cedro, seu pai foi também ameaçado de morte, o padre Lima ia matá-lo. Um sargento vinha no trem do Crato quando a “maria-fumaça” parou no Cedro para ser abastecida de água e lenha. O sargento desceu do trem para falar com o chefe da estação, seu amigo, que informou ao sargento das ameaças do padre Lima.

Amigo de Natanael, o sargento retirou sua mala do trem e se hospedou lá na pensão dos viajantes, bem ao lado da estação. Na hora do culto, foi à igreja, anônimo, a paisano e ficou escondido, esperando o padre Lima aparecer. Acompanhado da multidão, que gritava mata, pega, mata, mata, mata, o padre parou em frente ao Templo Presbiteriano e, em atitude arrogante, gritou pelo nome de Natanael. O sargento, saindo de seu esconderijo, dirigiu-se ao padre e pegando-o pelas “bitacas”, mostrou o revólver para a multidão. Gritando, ele mandou que a multidão se dispersasse e fosse para casa, caso contrário quem morreria era o padre.

Em Acopiara, tinha sido queimada uma Congregação da Igreja Presbiteriana. Quem escapou foi o irmão Raimundinho, tio do Reverendo Otoniel Martins. Escapou porque se escondeu dentro de um forno de uma casa de farinha o dia todinho e à noite, os irmãos vieram e deram fuga a ele. Eram situações que a família tinha que enfrentar de qualquer maneira, por serem presbiterianos.

A primeira esposa de Natanael pertencia à Igreja Presbiteriana, todos da família também. O pai de Helnir mantinha relações de amizade com alguns sacerdotes católicos, o próprio Helnir conservou essas amizades e até hoje mantém estreitas relações com o Padre Dourado, da igreja Nossa Senhora de Lourdes. Ele até já realizou dois casamentos ecumênicos lá com o Padre Dourado.

Nunca foi desejo de Helnir ser Pastor da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, do Templo Central. Ao terminar o seminário, o reverendo Otoniel, seu contemporâneo e amigo já era pastor. Otoniel gostava muito de jogar futebol e os dois iam muito à Ilha do Retiro, assistir aos jogos do Sport Club, time por que torciam.

Na adolescência, Helnir fez grandes amigos no CPOR e ainda hoje, depois de cinquenta anos, reúnem-se quase todos os meses. Tinha, por exemplo, o Ângelo Ratacar Júnior, já falecido, que era juiz da 10ª região militar e procurador da Justiça Militar. Havia também o Edilberto Pontes e o Walter Sátiro, da Loja Branca de Neve.

Na igreja, tinha o César Barreira, filho do Presbítero Baltazar Barreira; o Lucídio Nogueira, filho do reverendo Alcides Nogueira; o Valfredo; o Hélio Gueiros, que era um pouco mais velho, mas era da mesma turma, o pai dele, o reverendo

Antônio Teixeira Gueiros, era pastor e tinha estudado no seminário com o pai de Helnir.

Para Helnir a Igreja Presbiteriana já contou com bons pastores. O seu próprio pai, Natanael Cortez, o reverendo Alcides Nogueira, o reverendo Benedito Aguiar, lá de São Luis do Maranhão, o reverendo Jerônimo Gueiros, que ele conhecia bem porque era amigo de seu pai. O Israel Gueiros foi outro grande pastor daquele tempo. Havia também o reverendo Luís Aguiar que foi pastor aqui um tempo e depois foi para São Luiz. Trabalhou aqui no Ceará também o Teixeira Gueiros.

Na juventude, o pastor da admiração de Helnir era o reverendo José Borges dos Santos Júnior, de São Paulo, conhecido como o Velho Mestre pela mocidade presbiteriana. Ele foi presidente do supremo concílio, era um grande ministro. Também aparece em sua memória o Boanerge Ribeiro, que foi presidente do Supremo Concílio. Ele era um homem meio durão, enfrentou época muito difícil na igreja Presbiteriana. Era homem difícil, duro, legalista, mas foi grande ministro, competentíssimo, sogro do reverendo Paulo Viana, que ficou na igreja dele.

Ser pastor naquele tempo, para Helnir, era coisa muito séria, não é essa “garapa” de hoje. Eles eram considerados referência pelos demais membros da Igreja, hoje em dia não acontece muito isso, mas, naquele tempo, a gente olhava para essas figuras e procurava realmente tê-los como espelhos para nós. Esse reconhecimento, *representado pelo capital pessoal, é produto da reconversão de um capital de notoriedade acumulado lenta e continuamente, que leva em geral toda uma vida*³⁶⁴.

Quando Helnir era garoto e jovem, ser crente, ser protestante, era coisa muito séria. Um pequeno exemplo: ninguém comprava nada dia de domingo. Se faltasse um ovo para fazer o almoço, não fazia. Não comprava, era pecado. Lá em casa, como também em outras casas protestantes, o domingo era o dia do Senhor, o dia pelo qual a gente tinha todo respeito: de manhã ia para a Escola Dominical com a melhor roupa que pudesse ir, à noite ia para o culto.

³⁶⁴ BOURDIEU, 2005.

Em relação ao comportamento, Helnir sempre foi muito zeloso. Nunca arrastou o pé daqui pra ali, nunca soube o que é dançar. Era pecado dançar naquele tempo, era proibido, então nunca foi à festa. Seus amigos todo iam e diziam “bora, bora” e ele nunca foi a nenhuma.

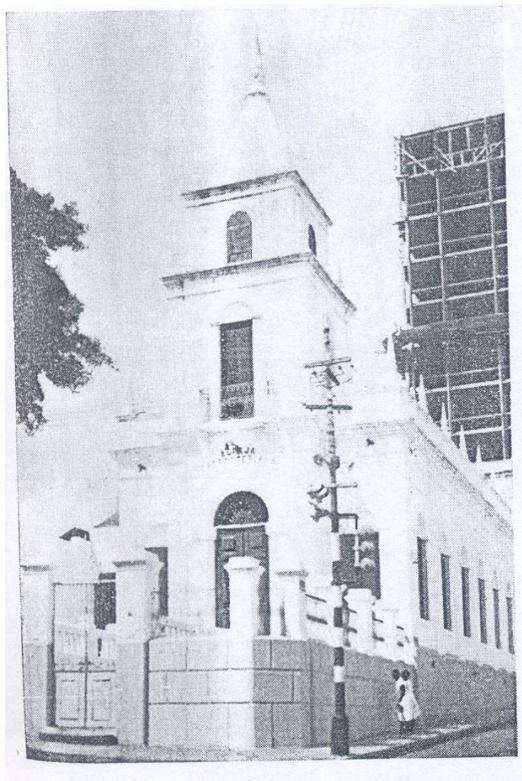
Já em ir ao cinema, não havia problema. Para os presbiterianos não há restrições ao cinema como outras denominações religiosas adotam. Helnir diz que namorou muitas meninas, de preferência que fossem presbiterianas, para não haver casamento misto, mas podia namorar e casar com católica. Ele chegou a namorar uma moça católica. Elas também não faziam rejeição, pois quando aceitavam o namoro, já sabiam quem ele era e qual a sua religião. Ele sempre se apresentava como presbiteriano, em todo canto. Naquele tempo, o namoro era diferente, só se namorava quando já se conhecia mais ou menos a menina e a menina também já conhecia o menino.

Às vezes as famílias não permitiam. Uma de suas irmãs até namorou um dos Macedo, o Benedito, e não se casou porque ela era presbiteriana, a família não admitiu o casamento. Havia restrições, tanto do lado católico como do lado presbiteriano. Tinha o problema da cerimônia: para a igreja católica, o casamento católico é o que vale; para os presbiterianos, o que vale é o casamento civil porque a cerimônia religiosa é apenas uma bênção. Mas Helnir teve irmãs que se casaram com católicos, a mais velha casou-se com Eduardo Campos, a Elquine com o Santos, médico católico e a Eldine com o Abraão, também católico. Nunca houve problema entre eles, nenhuma confusão, em sua casa não havia essas proibições.

A trajetória de Helnir mostra que ele terminou o curso do seminário no Recife, no fim de 1958. No dia 25 de janeiro de 1959, foi ordenado pastor aqui na igreja Presbiteriana Central, no Templo antigo, que foi demolido.

Segundo ele, era um monumento do presbiterianismo do Ceará que foi criminosamente vendido e derrubado. Foi vendido por ordem do conselho da igreja, que queria uma igreja maior. Quem comprou a antiga igreja foi o C. Rolim. Não tinha patrimônio histórico, então foi o conselho da igreja, nas melhores intenções de fazer um templo maior em outro local, porém esqueceram da história da igreja.

Foto 10 - Templo antigo da IPF na rua Conde D'Eu, hoje Sena Madureira, inaugurado em 1919.



Fonte: ALENCAR, Francisco Alves de. (Org.). **Igreja Presbiteriana de Fortaleza: 120 anos transformando vidas.** Fortaleza: Nacional, 2004.

Depois de ordenado, Helnir teve oportunidade de trabalhar na Igreja Presbiteriana de Maceió, na primeira igreja de Vitória e recebeu convites para o interior de Minas Gerais, mas preferiu ficar no Ceará. Pastoreou no interior do Ceará: Cedro, Iguatu, Ebenezer, que fica lá no meio dos matos. Ele tinha um jipe, vivia viajando entre essas cidades. Trabalhou lá de 59 até 65, quando veio para Fortaleza. Em 1965, foi pastorear a igreja do Jardim América e a igreja de Aerolândia.

O missionário W.B. Mozarlhe tinha comprado um terreno e construído uma casa para ser um internato consagrado ao ministério. Fez o curso ginásial lá em Senador Pompeu e o científico aqui, morando nessa casa, e daqui ia para o seminário no Recife. Mas foi o tempo que a missão transferiu W.B. Mozarlhe para Belém do Pará e Helnir para Fortaleza. Ele então ofereceu essa casa para Helnir morar. Ele ficou encarregado de construir a igreja. Não tinha nada, tinha apenas uma favela atrás.

A construção da igreja contou com a colaboração de muitos irmãos, principalmente do irmão Everaldo Assunção, gerente da IBM em Fortaleza, já falecido. Seu pai também deu muito apoio. Primeiro foi feita a estrutura, uma das primeiras estruturas metálicas feitas por Ângelo Figueiredo. Depois foi a vez da cobertura, do piso, das paredes, e o templo ficou pronto, isto foi há 30 anos. Já morando em Fortaleza, Helnir lecionou na antiga Faculdade de Filosofia do Ceará, FAFICE. Ensinava Metodologia do Trabalho Científico e Introdução ao Curso.

Naquele tempo, se falava muito do problema social e era quase condenável falar de justiça social. A turma fundamentalista era totalmente contra, e como os liberais e os modernistas falavam muito nisso, esse era um dos pontos de discórdia. Já a Igreja Presbiteriana, adotou uma posição de eqüidistância quanto a esses assuntos. “Cada um lá no seu canto que a igreja aqui segue a sua direção sem se envolver nem com modernismo, nem fundamentalismo.”

Sobre o modo de vestir, os jovens presbiterianos não adotavam o exagero dos irmãos pentecostais, vestido lá em baixo, cabelo grande. Os homens e as mulheres se vestiam decentemente. Os homens usavam muito o paletó e as mulheres de maneira decente, mas discretas, para não escandalizar ninguém. O preto era a cor preferida dos homens, das mulheres o branco. Aliás, o preto naquele tempo era sinal de luto. Quando morria alguém da família, a família toda vestia preto, depois vinha clareando até o branco.

Os jovens presbiterianos costumavam participar das pregações nas praças públicas, estratégias de evangelização, mas eram poucos os que pregavam, Helnir só participava. O reverendo Mozarlhe tinha um caminhão, então, colocava os bancos e ia pelo jardim América, Aerolândia, fazia culto, ia até o interior, ia para Russas pregar o evangelho. Todos iam sem constrangimento já Helnir gostava de ir para os cultos de propaganda.

Quando jovem, Helnir não freqüentava clube social. Foi sócio do Náutico, mas não ia para os bailes de lá, ia à praia, praia do Meireles. Gostava de esporte, mas não chegou a participar de competições. Dava-se bem com a turma toda, com os jogadores.

Uma coisa boa que se recorda daquele tempo, era a parte esportiva, as olimpíadas do Colégio São João. Os outros colégios participavam, havia uma rivalidade muito grande nos esportes com a Escola Preparatória de Cadetes do

Exército. O jogo de vôlei do colégio São João contra a Escola de Cadetes era um negócio emocionante, todo mundo ia lá e torcia, tinha olimpíadas, tinha uma pista olímpica, o tenente Bandeira, que era o chefe de esporte lá do colégio.

O Colégio São João era freqüentado pela classe média alta de Fortaleza. Seus principais professores eram o João Sobreira, o Luis Melo, o Sólon Farias, tinha também o Francisco Correia de Araújo. Para o professor Correia, só havia três homens que sabiam português: Luis de Camões, Professor Francisco Correia de Araújo e Martin de Aguiar. Correia escrevia em toda a lousa, defendendo que sapato era com “ç”, ainda terminava dizendo: isto é meu e não dou a ninguém. A pesquisa era dele e ele não dava a ninguém.

O professor Sólon, de Geografia, dava uma aula maravilhosa, parecia que estava conversando com os alunos. Tinha a madame Bianca, professora de Canto Orfeônico. O Deoclécio Ferro era muito bom, ele chamava os alunos e dizia vespéral chique, botava quatro ou cinco à sua frente para argüir em inglês. Quem errava, ele mandava sentar e apontava zero na caderneta. Tinha também o professor Bayron de Oliveira Freitas, de História.

Dentro da Igreja de Fortaleza, as pessoas de maior destaque eram da família do Dr. Edilson Brasil Soares, família do Dr. George Mota Cavalcante, do Sr. Érico Mota, Barreira, da Maia. Não havia distinção de classe na Igreja. Para os cultos, as pessoas mais humildes se retraíam, mas não era a igreja que fazia essa distinção social. Havia essas famílias que se destacavam, mas o pessoal era todo da classe *b* ou *c*. Os evangelizadores davam preferência pelos mais humildes, sempre foi aos mais humildes.

Do período da Segunda Guerra Mundial, Helnir tem algumas lembranças. A cidade era cheia de americanos, que vieram para construir a base do cocorote, a base aérea. Ele morava na Solon Pinheiro 198, na Praça Coração de Jesus, e passava as tardes vendo os caminhões cheios de americanos. Os americanos voltavam da praia e as pessoas ficavam esperando que esses jogassem bombons. As mulheres eram as “coca-colas” e se tornaram amantes dos americanos. Dos homens, ele nunca ouviu falar nada.

A Igreja Presbiteriana era contra o nazismo. Outra coisa que ele diz se lembrar é do quebra, que foi quando o Brasil entrou na guerra contra os nazistas e então, atacaram a família Ratacazzo, que tinha uma padaria bem pertinho da Praça

do Ferreira Os italianos e outros alemães que viviam aqui, também receberam represálias. Foi um “quebra” danado. Era a revolta contra os nazistas, contras os italianos e alemães. O povo queria a guerra contra o nazismo, principalmente os estudantes.

O que lhe deixou mais impressionado foram os muitos navios na costa cearense. Alguns submarinos alemães chegaram a afundar. Teve um navio, o Siqueira Campos, que foi afundado aqui na costa do Ceará. - Os americanos entraram direto para defender a democracia, o Brasil e a América com o apoio do aeroporto do cocorote, no Pici. Os americanos faziam muita propaganda. Sobre os alemães, nada se sabia.

A vida de Helnir girava em torno da igreja. Seu pai era rígido, mas não intolerante. Quem cuidava da educação dos filhos era a mãe, porque seu pai era muito ocupado com a igreja, com os negócios de sua indústria. Ele tinha muitas outras ocupações, com gado, com a vacaria, com a fazenda, a política. Só os problemas mais sérios ele mandava para a mãe resolver.

Havia muita integração na mocidade da igreja. Todo feriado havia um *pic-nic*, aos sábados à tarde ia-se lá para o sítio do seu pai, jogar futebol ou vôlei para depois tomar banho na lagoa da Maraponga. O pessoal da Igreja ia também: o Hélio, o Walfredo, a turma toda ia para o sítio. Voltava todo mundo do sítio por volta da meia noite, quando percebiam que já era domingo e tinham que ir para o ensino dominical no outro dia cedo. Era desse jeito a vida.

Helnir namorou algumas das garotas que freqüentavam sua Igreja. Ainda era do seminário quando namorou a Waldíria. Durante umas férias em Fortaleza, passou a namorar também a Luci. Certa vez, indagado por Luci se ele ainda namorava a Waldíria, a resposta foi sim. Na brincadeira ele afirmou que não fazia objeção ao fato.

Ainda noivo de Waldíria surgiu a proposta do Dr. Israel Gueiros, dividir a Igreja. Waldíria era uma menina muito boa e ele se dava muito bem com ela. Entretanto, havia a dona Tita, irmã do Israel Gueiros, que implicava com o noivado porque ele não aderira ao “israelismo”³⁶⁵.

Quando Israel voltou dos Estados Unidos, hospedou-se na casa de Helnir, do qual era primo. Um dia, o primo ficou conversando com seu pai até às três horas

³⁶⁵ Movimento encetado por Israel Gueiros em prol da divisão da igreja.

da manhã, tentando convencê-lo a aderir ao projeto de divisão da igreja. Como Natanael Corteaz não aderiu, Israel pediu para que ele ficasse quieto e não o combatesse. O pai de Helnir não atendeu ao pedido e escreveu em um jornal Evangélico sobre sua posição contrária à divisão da Igreja. Daí a dona Tita começou a implicar com o noivado de Helnir com sua filha.

Helnir, lembrando esse episódio, diz que dona Tita, chorando aconselhava a filha a acabar com aquele noivado. Dizia ainda que o seu irmão era um santo. Aborrecido com a atitude de dona Tita, Helnir acabou o noivado, devolvendo tudo: cartas, presentes que recebera até aquela data.

Em 1958, já para terminar o seminário, Célia surgiu na vida de Helnir. Ela era da igreja da Boa Vista, em Recife, que o seminarista Helnir freqüentava de vez em quando. Foi o início do namoro. Com a sua vinda para Fortaleza, o namoro esfriou um pouco. Em 1959, de passagem por Recife o namoro entre eles foi reatado. No dia 3 de dezembro de 1960 aconteceu o casamento.

Foto 11 - Casamento de Helnir com Célia, em 1960



Fonte: Acervo família Helnir Cortez

Lá se vão 45 anos de casados, e como resultado uma família formada por duas filhas, um filho e duas netas.

Foto 12 - Helnir de Melo Cortez e Célia Cortez, esposa



Fonte: Acervo família Helnir Cortez

Sobre a morte, Helnir apresenta dois aspectos. Primeiro, a separação do ente querido e segundo, a consolação, o conforto de saber que o ente querido foi para o céu na presença de Jesus. Quando seu pai morreu de câncer, aos setenta e seis anos, o sentimento da família foi muito grande. Toda noite ficava uma enfermeira e um membro da família com ele. A última noite Helnir passou com ele, lá na casa de sua mãe, na Rua Desembargador Moreira, até às sete horas e trinta minutos, quando chegou em casa, uns dez minutos depois, ligaram dizendo que o pai havia morrido.

Para Helnir, o sentimento foi maior porque seu pai era homem muito lúcido, cheio de vida, trabalhando, viajava daqui para serra de jeep, estrada de barro. Chegava lá, tomava um cafezinho, descansava um pouquinho e ia ver a fábrica. Ele era homem cheio de energia, a cabeça muito boa, escrevendo, pregando ainda. Depois, morreu a sua mãe, ela foi se acabando aos pouquinhos, perdendo a memória.

4.4 - Morava em sobrado de eiras e beiras

Criada pelos avós maternos, seu Benedito Gaspar e dona Madeixa Gaspar, Cremilda Gaspar Pereira Rodrigues, era filha única de Humberto de Augusto Pereira e Amelina Gaspar Pereira, ele telegrafista em Miritiba, Maranhão. Em homenagem a

Humberto de Campos, que nasceu em Miritiba, esta cidade teve trocado seu nome para Humberto Campos.

Foto 13 - Amelina Gaspar Pereira, mãe de Cremilda



Fonte: Acervo família Gaspar Pereira Rodrigues

O pai de Cremilda morreu quando ela tinha 4 anos, fato de que não se lembra. Por isso ela foi morava com os avós e tios em São Luiz do Maranhão. Seus avós eram presbiterianos, sua mãe também, seu pai é que não era, mas ia à Igreja com a esposa.

Cremilda teve infância feliz. Seus avós moravam num sobrado muito grande e não tinham dificuldade financeira. O sobrado era de *eiras e beiras*³⁶⁶, como se dizia. Tinha aqueles sobrados grandes de um andar embaixo (porão), então, seus avós alugavam os quartos de baixo e eles moravam em cima. Ela estudou em São Luiz, no colégio São Luiz, do professor Luiz Rego, e depois fez no Centro Caixeiral, o curso de contabilidade. Na escola, tinha muitas amigas pois era muito comunicativa. Suas colegas sabiam que ela era presbiteriana e todas a respeitavam. Ao assistir aula de religião, algumas vezes chegava a discordar do que ali era colocado, pois a Bíblia dizia outra coisa.

Quando criança, freqüentava a Igreja Presbiteriana da Praça da Alegria, do Reverendo Benedito Aguiar. Nascida em 1926, com 80 anos atualmente, Cremilda diz que não se lembro de muita coisa. Ela sabe que a Igreja que freqüentava foi a primeira de São Luiz. Havia o presbítero Dr. Samuel, o pastor Silas Serra, que foi Reitor da Universidade da Cidade de Caxias. Na Igreja, havia as famílias de classes média e pobre, mas todo mundo se tratava bem. Não lembra se havia tratamento diferenciado. Quando se é muito jovem, não se presta muita atenção nessas coisas, diz ela.

³⁶⁶ Expressão popular que indicava a condição financeira de seu dono.

Quando presidenta da Federação de Jovens da Igreja e alguém adoecia, era ela quem levava ao médico, e diz, com alegria, que chegou a salvar uma moça, levando-a até à Santa Casa, por causa de uma apendicite supurada. A moça teve que ser submetida à cirurgia imediatamente. Até hoje essa pessoa vive.

As famílias mais ricas da Igreja eram a família de D. Amélia de Vasconcelos e a de um lusitano, o senhor Borges, que tinha o que hoje se chama um supermercado, naquele tempo era mercearia. Ele era rico, mas se dava com todo mundo. Numa coletividade que não tinha muita gente, todos se conheciam. A Igreja que freqüentava era pequena, talvez uns 150 membros, mas formavam um grupo bem relacionado.

Quando estudava, prestou exame de admissão ao ginásio, agora primeiro grau maior. Esse exame foi feito com a sua professora particular e, como ela diz, por ser muito boa aluna, a primeira da classe, nem pagava o curso. Depois do ginásio e do curso de contabilidade, Cremilda fez vários concursos, entrando no serviço público com 18 anos de idade.

Até hoje algumas amigas daquela época ainda a procuram, não só da Igreja como também seculares. Lembra da Ivolene, da Igreja; da Conceição Vasconcelos, que morreu no ano passado; da Benedita Lopes, que foi administradora de um banco de sangue lá em São Luiz do Maranhão.

Os professores daquela época respeitavam os alunos e estes os respeitavam. Os professores se vestiam com calças e blusas, sem gravata. Alguns já eram mais idosos e usavam mangas compridas. As alunas do Colégio São Luiz usavam uniformes, blusa amarela e a saia toda pregueada azul anil. E fora do colégio, era vestido. Neste tempo, usava um chapeuzinho e as roupas eram sempre abaixo do joelho, não eram decotadas. Ela nunca usou vestido sem mangas, isso é importante dizer, pois na Igreja, as pessoas só tomavam a comunhão se tivessem devidamente vestidas.

Cremilda, como suas amigas da Igreja, ia ao cinema e ao teatro, só não era permitido dançar³⁶⁷. Ela nunca dançou em sua vida, mas elas tinham aquelas brincadeiras da mocidade no salão da Igreja, cantavam aquela música “o meu chapéu tem 3 pontas, tem 3 pontas o meu chapéu”. Ela gostava de ver carnaval,

³⁶⁷ O rigor protestante parece indicar que o baile é uma versão estilizada e simbólica do ato sexual. Ir ao baile é expor-se voluntariamente à tentação que inevitavelmente macula a pureza que deve marcar a personalidade do crente. (Cf. ALVES, Rubens A., 1982. p. 176.)

mas nunca participou. As músicas de sua época eram a Jardineira, o Ô abre alas... Ela gostava de cantar essas músicas em casa, mas não de participar do corso. Em São Luiz, eram vários cursos alegóricos, mas tinha uns carros de que as pessoas tiravam a capota, nele se sentavam, iam cantando e atirando serpentinas e confetes. O que ela via no corso era familiar e sadio, mas nunca soube de gente da igreja que freqüentava, participando do carnaval. Sobre as festas juninas, estas eram realizadas nas casas, tinha um aniversário que coincidia com a festa de São João, havia quadrilhas, bolo, mas ela nunca gostou.

Mesmo sendo presbiteriana sempre entrou em Igreja Católica, até hoje ela entra. Vai a casamento, assiste à missa. Não há conflito, nem quando ela era jovem. A sua fé é firme, firme como uma rocha.

Ela namorou um rapaz da Igreja, mas não deu certo. Também namorou rapazes não pertencentes à Igreja, pois quando começou a namorar, ela era católica. A princípio, a família do rapaz que veio a casar com Cremilda não queria o namoro. Já a sua mãe, dona Amelina gostava muito dele, via-o como o filho que não teve.

Eles já vão fazer 49 anos de casados, Bodas de Ouro. Cremilda é muito carinhosa com o marido e ele com ela e os dois se entendem muito bem. Esse entendimento começou na Fênix Caixeiral, com 20 anos de idade e já tinha aqueles namoros na esquina, aquelas coisas, aquelas paqueras. Naquela época, não era paquera, era *flerte*. Flertava assim: olhava, piscava o olho... Não é como agora.

No tempo da Segunda Guerra, Cremilda era muito jovem, mas diz lembrar-se de uma coisa. Ela tinha noção da guerra, pois gostava muito de ler. Seu avô, a quem ela chamava de pai, fazia a coleção de uma revista que trazia muitos assuntos sobre a Guerra, que ela lia com muita atenção. Ela morava no Anil, que era um caminho para ir para o olho d'água, e os americanos, que moravam na Base, passavam lá pela sua casa. Quando eles passavam, atiravam biscoitos, chocolate e amendoins para as pessoas da rua, uma forma de angariar simpatia. Eles eram muito alegres. De sua janela, Cremilda pensava: coitados, eles vão tão alegres e amanhã poderão estar mortos. Quando eles voltavam, pela madrugada, Cremilda percebia que eles estavam acompanhados, mas não sabia se com senhoras ou moças. Ela não tomou conhecimento se os soldados americanos namoravam as brasileiras e também não tomou conhecimento da expressão "meninas coca-cola".

Em São Luiz deve ter outro nome, outro termo. Ela não participava das coisas mundanas de São Luiz, já que era da Igreja. Quando eles foram embora, diz que ficou triste, mas não se dava com nenhum americano, nunca falou com eles.

Ela não se lembra se algum parente foi para a guerra, mas teve dois amigos que foram para a Itália. Um era o Sargento Pinto, que namorava uma colega sua e que quando voltou, veio meio perturbado. O outro era colega do Sargento Pinto, que também voltou com princípio de loucura, mas esse morreu louco mesmo. A mulher dele disse para Cremilda que quando ele acordava de madrugada, dizia: “Mata! Mata!”

Quando estudava no Centro Fênix Caixeiral, Cremilda trabalhava os dois expedientes, manhã e tarde. Saía do serviço, ia para a casa de sua tia, jantava e ia para o Centro Caixeiral. Nesse tempo não tinha ônibus, era bonde. Do Anil para o centro da cidade, levava-se uns vinte minutos de bonde e o último saía do centro da praça às onze horas e dez minutos. As aulas terminavam às onze, então os alunos saíam da praça Vitorino Leite, correndo para o centro. Quando o bonde chegava e não via os alunos, ficava esperando uns quinze minutinhos. Em sua mente, estão guardadas fortes lembranças da quietude de São Luiz, como este de andar de bonde à noite, coisa impossível hoje em dia:

Depois de terminar o curso na Fênix Caixeiral, Cremilda foi trabalhar. Antes de terminar, já estava empregada, era escriturária. Depois, foi convidada para trabalhar no Palácio do Governo, onde trabalhou como secretária do Governador Sarturnino de Brito. Depois fez o concurso de contadora, foi aprovada e como podia escolher onde queria ficar, preferiu o Rio de Janeiro. Foi designada para o Ministério da Fazenda, onde trabalhou por quatro anos. Morava em Niterói, na rua Gavião Peixoto.

Durante os três anos e nove meses que morou por lá, freqüentou a Primeira Igreja de Niterói. O pastor era o Reverendo Raul Vilaça. Nessa época não tinha a ponte, a travessia era feita em barçaças. Trabalhava no Rio e morava em Niterói.

Depois de ficar noiva, veio o casamento, em 1956, lá em São Luiz, na casa de um amigo. Quem os casou foi o pastor Benedito Aguiar e o juiz foi o Bernardino. Primeiro foi o religioso na casa do amigo, porque a sua casa era muito pequena e eles tinham muitos amigos.

Foto 14 - Cremilda Gaspar Pereira Rodrigues e o esposo João Mario Rodrigues, na cerimônia do casamento, em 1956



Fonte: Acervo família Gaspar Pereira Rodrigues

Casou-se de vestido de noiva, teve recepção e grande parte dos membros de sua Igreja se fez presente, era um ato de costume, toda a Igreja era convidada. Havia também católicos. Os padrinhos de João Mário eram católicos, as suas amigas eram católicas também. Na sua festa de casamento, não houve constrangimento, mas Cremilda já passou por um. Convidada para um aniversário de uma certa pessoa lá em São Luiz, gente da grande, Cremilda foi recebida com insultos por uma das convidadas que a chamou de bode, à qual Cremilda respondeu que não falava com vaca.

Dito isso saiu imediatamente daquele local, no que foi acompanhada por parte de suas amigas. Nem no Ministério da Fazenda, fizeram isso com ela. Quando trabalhava na delegacia fiscal, na rua Senador Pompeu, os seus colegas gostavam de contar anedotas, mas não na presença dela, já que ela não gostava disso, por ser crente.

Passado algum tempo do dia do casamento, João Mário, seu marido, foi transferido para Natal. Em Natal seu tempo foi curto, 9 meses e logo foram transferidos para Fortaleza. Cremilda diz não guardar datas, mas lembra-se que chegou em Fortaleza no governo de Parsifal Barroso, quase no final dele.

Cremilda não sentiu diferença, pois já conhecia muita gente porque sempre vinha aqui para reunião de federação de mocidade. Sua primeira amiga aqui foi

dona Nila. Quando ela ia a São Luiz, elas sempre ficavam juntas, ela e o Dr. Edílson, do colégio 7 de Setembro. Cremilda se dava demais com dona Nila, e depois foi fazendo amizades com os jovens daqui.

Em Fortaleza, só conhecia a Igreja Central porque todas as reuniões de federação de mocidade eram lá. Ela sabia que existia outras, a da Aldeota, do Jardim América, da Lagoa Seca... Todavia, a que ela começou a freqüentar, a que se filiou, foi na Central. Quase não teve contato com as outras Igrejas, com pessoas, jovens de outra federação.

Na opinião de Cremilda, as pessoas mais importantes da Igreja Central eram dona Nila, Alina, dona Lídia, dona Albaniza Gadelha, a Do Carmo.

Antes, a Igreja já trabalhava para a comunidade, fazia obras sociais, tinha o abrigo de crianças, lá na Avenida Bezerra de Menezes. Hoje tem a Liga Evangélica, que o Dr. Érico Mota doou para Igreja. É um abrigo de velhos, do qual por oito anos Cremilda foi tesoureira. Ela sempre trabalhou para a Igreja e já foi de tudo na vida. Professora da Igreja Dominical da classe mirim, vice-presidente da SAF, só não foi primeira secretária porque não gosta de escrever, gosta mais de números, foi secretária presbiterial e hoje é conselheira da SAF, sempre eleita. Aceitava com todo amor, porque quando é designada para um trabalho na sua Igreja, doa-se com amor.

A Igreja não tem pastora, mas outras Igrejas têm. A lei canônica da Igreja Presbiteriana não prevê essa situação para a mulher. Por sinal, a primeira mulher que subiu ao púlpito foi um impacto, porque mulher não subia em púlpito. Ela não sabe quem foi, pensa que foi uma pessoa que veio de fora, não lembra. Hoje é comum a mulher confrontar o público, mas na época de jovem, aquilo causou impacto.

Ela teve quatro filhos homens e uma moça. Todos freqüentam a Igreja, só que o João Mário freqüenta a Igreja Nova Jerusalém, mas ele diz sempre que é presbiteriano da Central. A família fazia culto doméstico, que é reunir os filhos com os pais, ler a Bíblia, conversar sobre a Bíblia, orar. Seus filhos têm o mesmo comportamento de quando eram garotos, de quando viviam em casa, só o Lauro aprendeu a dançar, mas o Eduardo nunca dançou.

No passado, as pessoas eram mais unidas, os ambientes eram mais aconchegantes. Houve um período de mudança de Pastor e também umas coisas

que não era possível aceitar, então, ela se distanciou do grupo. Houve uma situação de caráter interno, de caráter comportamental da Igreja com relação ao culto. Ela não aceitava porque foi criada de um jeito, de um modo, e de repente tudo muda, é sobre dançar na igreja.

As recordações sobre a Igreja Presbiteriana são muitas e boas. Uma delas diz respeito à Sociedade Auxiliadora Feminina - SAF, um dos departamentos mais importante da igreja. Ele congrega as senhoras e é responsável pelo trabalho social, trabalha em benefício do povo da igreja, dos mais necessitados.

Os homens têm o departamento deles que é o UPH, que é União Presbiteriana de Homens. Eles fazem também trabalho, distribuindo as cestas básicas para as pessoas carentes da Igreja. O grupo trabalha junto, os homens na união de homens e as mulheres na SAF, mas há conagração entre as duas instituições. Tem ainda a UMP, União de Mocidade Presbiteriana, que congrega os jovens da Igreja, cada um desses departamentos tem a sua área de ação, mas não quer dizer que sejam separadas.

Foto 15 - Cremilda e João Mário em 2006



Fonte: Acervo família Gaspar Pereira Rodrigues

Cremilda nutre grande amor pela igreja, pela família e pelos amigos. Sua vida pode servir de exemplo para outra pessoa e conclama a quem ainda não aceitou Jesus Cristo como salvador, que procure uma Igreja, que se entregue a Jesus, que Ele é o caminho, a verdade e a vida, ninguém vai ao Pai se não por Ele.

4.5 - Eu fechei a Bíblia e disse: acabou de nascer uma protestante.

Em toda a sua vida, Maria Nadir de Souza foi sempre muito religiosa porque desde criança foi criada na Igreja Católica. A família de seu pai era muito católica e ele, o único filho homem dessa família de sete irmãos, era como se diz, o varão da casa. Suas irmãs e sua mãe o respeitavam muito. A palavra dele era a última da casa. Como ele nasceu naquele ambiente de maioria feminina, habituou-se a fazer o que elas mandavam, o que elas ensinavam, o que elas gostavam de fazer.

Muito zelosa pela Igreja Católica, nunca entendeu uma pessoa dizer que é católica, ir pra igreja e fazer como muitas de suas amigas faziam: ficavam rodando o terço no dedo, no patamar da igreja, e não sabiam nem o que o padre dizia. Ela não entende religião assim. Era de se ajoelhar ao pé do altar na hora em que o padre subia e fazer tudo o que manda a liturgia católica.

Foto 16 - As irmãs Eudenir, Zenir e Nadir, 1945



Fonte: Acervo Dona Maria Nadir de Souza

Nascida em 1920, ela entrou para a Igreja Presbiteriana quando tinha de 11 para 12 anos. Natanael Cortez era o pastor da época. Os auxiliares eram o reverendo Bezerra Lima, depois substituído pelo reverendo Alcides Nogueira, que se tornou muito seu amigo. Ela era muito amiga de Antônio Teixeira Gueiros, do qual guarda muitas lembranças agradáveis. A despeito de ter de onze para doze anos de idade, ela era muito respeitada. Não era dessas meninas de doze anos que diz uma coisa e acha outra, ela dizia e fazia, todo mundo aplaudia o seu jeito.

Ela era amiga também da família do pastor Alcides Nogueira, de sua esposa e de sua sogra. Os filhos de Nadir eram mais ou menos da idade dos filhos de Alcides Nogueira e quando ela ia a casa deles, era uma festa, as crianças brincavam muito, divertiam-se juntas.

Alcides Nogueira era muito trabalhador. Era pastor e funcionário público estadual. Depois do expediente no estado, ia para a Igreja exercer a sua função de pastor com esmero e dedicação, fazia tudo do que a igreja precisava. O reverendo Natanael Cortez também agia assim. Ele castigava os presbiterianos em falta com a igreja. O faltoso era levado à reunião com os pastores, diáconos e presbíteros, e se o ato praticado fosse considerado não agradável a Deus, era castigado. Suspendiam-lhe a comunhão.

Hoje, segundo Nadir, já não acontece assim. Quando um presbiteriano comete atos que não são aprovados pela igreja, os pastores ficam calados, rindo, passando a mão na cabeça, recebe, visita.

Os pastores antigos, da sua época de jovem, não eram assim. Castigavam, suspendiam de comunhão por determinados tempos e se a pessoa então se reconciliasse, pediam reunião e diziam: “Olhe, já faz tanto tempo que eu não faço isto” e era reconciliado, voltava para a comunhão e no dia que aquela pessoa voltava para a comunhão, ela, a igreja participava, comenta Nadir.

Para Nadir, não havia distinção entre os membros de sua Igreja. Para uma festa dentro da igreja, todos eram comunicados, até mesmo para festa de aniversário de pessoas pertencentes à ela. Diz ela nunca ter ouvido comentários de pessoas que não estavam recebendo a devida atenção ou que estavam sendo jogados de lado.

Na sua igreja, não tem isso, nunca teve. Agora, em casos de casamento, de formatura, só ia o sr. fulano, sicrano, porque só ia quem tinha recebido convite.

Também não havia ostentação de riqueza por parte dos membros da Igreja, pelo contrário, havia pessoas que realmente andavam muito chiques, com jóias e essas coisas, mas não como ostentação, iam porque era o natural delas.

Foto 17 - Nadir e as amigas Djanira Costa, Júnia Barreira, Ivone Marfim, Alrigeli Eugênia de Souza, Aila Maia Nogueira, Suzana Soares, Aurinha Costa, D. Sulu Varela e outras amigas, durante uma reunião da SAF, em 1956.



Fonte: Acervo de Dona Maria Nadir de Souza

Ainda hoje Nadir procura se vestir bem, andar arrumada. Aliás, lá na igreja há pessoas que perguntam se ela não sente preguiça de se arrumar. Ela responde que sempre foi assim, que gosta de se arrumar. Gosta de vestir calça comprida, herança do tempo de menina, quando brincava com os irmãos. *A roupa é o indicador de uma adesão ou não ao contato implícito*

do bairro, pois, a seu modo, “fala” sobre a conformidade do usuário (ou do seu desvio)³⁶⁸.

Foto 18 - Nadir e amigas D. Nila Gomes de Soares, Neném, Laura Cavalcante e Marlene, em uma reunião na Igreja do Crato, em 1951.



Fonte: Acervo Dona Maria Nadir de Souza

Quando Nadir tinha dez para onze anos, não sabia brincar de boneca. Sabia brincar era de arraia, cabiçulinha, trepar nos muros pra mexer nas fruteiras dos vizinhos. As suas brincadeiras eram de homem, de menino. Amanhecia e anoitecia de macacão e camiseta, quer dizer, só tinha uma saia para ir à igreja e a do colégio. Hoje, que está ficando velha, seu guarda-roupa é cheio de terno e só três vestidos.

Alguns homens da igreja, do quais ela não diz o nome, gostavam de arrotar grandeza, de sentar numa roda e só sair espuma de cerveja. Dessas rodas ela não participava. Ela declara ter horror a gente gabola! Isso é contra o evangelho e ela nunca admitiu nada que não viesse do evangelho.

³⁶⁸ CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 48

Os pastores tomavam conta deles, faziam seus ensinamentos para evitar esse tipo de comportamento entre membros da igreja. Todos os pastores do seu tempo, eram homens muito sinceros, cumpridores da lei, que não faziam exceção. Ela admirava o pastor Natanel Cortez, era um homem simples, porque mesmo sendo muito rico, ele não aparentava a grandeza dele. Era do interior e vivia do gado. Tinha muitos empregados, tanto na fazenda como na loja que tinha aqui, nas casas comerciais que dirigia. Todos os filhos, homens e mulheres, trabalhavam com ele. Os rapazes e as moças, quando iam ficando grandes, iam estudando e se formando, encaixados nos escritórios das empresas dele.

Nadir era muito amiga dos presbíteros e diz nunca ter presenciado escândalos em sua vida. Havia um rapaz, que era militar e dava aula de música e religião, tinha uma capacidade musical fora de sério e sabia a Bíblia de A ao Z, de ponta a ponta. Fazia sermão que você chorava, no entanto, ela nunca foi fã dele. Ele não era pastor, era uma autoridade na igreja. Ela não gostava porque era desses que saía da igreja e ia “pros forrós”. As pessoas das igrejas co-irmãs reclamavam, diziam que ele passava a noite inteirinha dançando. Contudo, Nadir não via pecado na dança porque até na Bíblia diz que se deve louvar com danças, mas é o tipo de dança que o homem adota.

Nadir já teve mágoas da igreja, mas Deus não deixou que elas permanecessem em seu coração. Um dos nossos últimos pastores que vieram para a Igreja, foi uma decepção para ela. Ele não agradava porque tratava as pessoas com distinção. Para que não haja segregação, os pastores pregam a união, o amor entre os irmãos, e isso é visto de modo muito freqüente na Igreja. Isso não acontecia com aquele pastor.

Como foi dito no início, Nadir era católica, obediente e cumpridora de suas obrigações religiosas. O evangelho entrou em sua família por intermédio da dona Maria Gomes, que era mãe da Nila, hoje, viúva do Edílson Brasil Soares.

Sua família foi morar no Benfica, na hoje avenida da Universidade, próximo às Escolas Reunidas do Prado, que ficava logo ali, no primeiro quarteirão. Depois da escola, passava três casas, era a casa de dona Maria Gomes.

Sua mãe, Dona Francisca Sousa Lima, conhecida como Dona Cotinha, tinha uma amiga de nome Maria Gomes. Esta foi responsável pela conversão de Dona Cotinha ao presbiterianismo, as duas só conversavam sobre o evangelho.

Foto 19 - Nadir e sua mãe, D. Cotinha, em 1990



Fonte: Acervo Dona Maria Nadir de Souza

Quando a mãe chegava em casa, Nadir estava “fula de raiva”, porque ela não cumpria com as obrigações de casa, amanhecia e anoitecia na casa da vizinha conversando. Nadir nunca concordou com esse procedimento da mãe. Ela lembra que mora há trinta e cinco anos naquela rua, que era amiga de ponta a ponta até o fim do quarteirão, tanto de um lado quanto de outro, mas nunca entrou na casa de nenhuma vizinha.

Sua mãe vivia na casa dos outros, de manhã à noite. Socava-se na casa de dona Maria e dona Maria “meteu” o Evangelho nela. Foi um dos motivos de Nadir não gostar de início do Evangelho. Um dia, sentados à mesa, seu pai, sua mãe e todos os irmãos, Nadir falou para todos que sua mãe estava com amizade com uma protestante. Que essa senhora anoitece e amanhece falando do Evangelho para a sua mãe, que àquela altura já se tornara protestante. Seu pai falou que ele também não estava gostando disso e colocou o problema para Nadir resolver. Ela, bastante

furiosa, disse que ninguém daquela casa iria aceitar uma palavra do Evangelho, mesmo que fosse sua mãe pregando.

Ela tinha de dez para onze anos, era muito autoritária, mas tinha o apoio de seu pai, porque era com ela que ele contava. Ele não proibia sua mãe porque era a esposa dele, não era filha. Então Nadir se apossou dos afazeres da casa, estava com toda força. Quando foi um dia, dona Maria chegou, aproximou-se de Nadir, dizendo que precisava falar com ela. Sua mãe havia contado da conversa que a família tivera sobre o Evangelho. Mulher inteligente, dona Maria havia arquitetado um plano, chamar Nadir para a sua Igreja.

Nadir foi logo dizendo que gostava muito de Dona Maria, que ela era uma criatura que merecia atenção de qualquer vizinho, e que podia vir a sua casa quando quisesse, mas com uma condição, de nunca falar de religião. Que eles ali eram católicos e muito felizes, muito satisfeitos, portanto, não adiantava fazer proselitismo naquele ambiente.

Em resposta, Dona Maria falou que o Evangelho era uma coisa muito boa e que já havia pregado para a sua mãe, hoje uma mulher completamente diferente e satisfeita da vida. Em seguida, entregou para Nadir um livro, que ela logo percebeu tratar-se de uma Bíblia.

Depois de algum tempo Nadir compreendeu que Dona Maria era uma pessoa do bem, uma pessoa de Deus, e a sua função era divulgar a mensagem do Evangelho para quem quisesse seguir sua religião.

Naquela época, na década de 30 do século XX, a Igreja Católica não estimulava a leitura da Bíblia, e a Bíblia evangélica era um livro condenado, amaldiçoado. O seu confessor vinha toda primeira sexta-feira ao colégio, dava aula de catecismo e depois se formava uma fila para ver se as crianças estavam na idade de fazer confissão e na próxima sexta-feira comungar. Nadir estava na fila, era a primeira porque ela sentia necessidade da religião e estava satisfeita com a religião católica, foi escolhida para fazer a primeira comunhão.

Na primeira sexta-feira em que o padre foi fazer a confissão, Nadir levou com ela a Bíblia que ganhara de dona Maria. Era aula de religião, estava todo mundo sentado. O padre entrou na sala e Nadir foi logo mostrando a Bíblia que ganhara de presente de uma amiga, embora reconhecesse que ela não tinha idade

de ser sua amiga, já que era casada, mãe de filhos rapazes e ela apenas uma menina.

Dona Nadir conta que o padre, ao perceber tratar-se de uma Bíblia protestante, pediu para que ela rasgasse aquele livro amaldiçoado. Ela sabia que existia a Bíblia, pois nunca fora ignorante neste ponto, toda a vida procurava saber. Nas suas aulas de religião, fazia pergunta e o padre tinha que responder. Ela também sabia da existência da Bíblia dos protestantes e que era pecado lê-la, pois era um livro condenado pela Igreja Católica.

Nadir, recusando-se a rasgar e a entregar a Bíblia que mantinha nas mãos para o padre, falou que se ele tentasse, ela bateria na cara dele. A catequista do colégio que a tudo presenciava, recriminou a atitude de Nadir. Esta, por sua vez, defendeu-se dizendo que o padre não poderia tomar o seu livro, bastava que ele dissesse para ela não o ler. Então ela trataria de guardar o polêmico livro em sua cômoda, bem guardadinho. O padre retrucou, dizendo que a curiosidade de criança é muito grande, deixando-a mais intrigada.

Vizinho ao Educandário morava um desembargador, o Dr. Parente. Era um homem velho, mas ele tinha uma filha viúva e esta filha tinha um casal de filhos, a Zilca e o Edmar, eram mais ou menos da idade de Nadir e eram colegas. Nadir contou a história do presente ao dr. Parente e disse que queria ler aquela Bíblia. O Dr. Parente apontou para uma chave que estava sobre a mesa e pediu que ela apanhasse um livro preto com dorso dourado que se encontrava na estante.

O Dr. Parente tomou o livro preto em suas mãos e falou para Nadir que foi um amigo seu, desde criança, que lhe houvera dado de presente. Eles haviam estudado juntos no colégio até a idade de decidirem por uma carreira. O amigo decidiu ser padre e ele advogado. No dia de sua formatura, o amigo, agora padre, presenteou o novo advogado com uma Bíblia, que nunca foi aberta, nunca foi lida, nem mesmo o que estava escrito no oferecimento.

Curiosa, Nadir perguntou se poderia ler aquela Bíblia e a resposta foi sim.

Nadir começou a ler as duas Bíblias naquela noite, comparando-as, dois capítulos de uma e dois de outra. Realmente, a Bíblia católica tem dois livros a mais que a protestante. Quando ela terminou de ler os dois livros, não viu diferença nenhuma, maldição nenhuma, não havia motivo de ser um livro condenado. Ela

fechou as duas Bíblias e, convencida, pensou em se tornar protestante. Ao converter-se, Nadir abandonou um discurso e adotou um outro³⁶⁹.

Quando terminou de ler a Bíblia, estava para completar doze anos. Essa sua decisão, diz ela, foi de caso pensado, acreditando em Deus e que foi uma iluminação divina, pelo Espírito Santo. Daí, passou a achar padre, bispo, papa, todos mentirosos. Ela nunca teve contato com papa, só com padres e bispos. Ela andava cheirando e se ajoelhado no lugar em que eles pisavam, porque tudo era abençoado. Mandou, ela obedecia. Eu era uma católica, confessava toda primeira sexta-feira e comungava. Com saúde, não perdia a missa.

Nadir conheceu muitos presbíteros. Um deles foi muito amigo de seu pai, trabalhavam em sociedade. Tinha também o Jorge Cavalcante, amigo fraterno. Era superintendente da Escola Dominical, casado com a dona Anália Mota, que era irmã do Érico e da Elelia, todos amigos.

Tinha também o pai da Zulmira, que era sapateiro e presbítero na igreja. Era criatura humilde, competente e correto, procurava andar em cima da lei de Deus. Naquela época, os presbíteros eram homens respeitados. Tinha doutor, comerciante e um pobre sapateiro como o pai de Zulmira, tratados todos do mesmo jeito e tratando a todos do mesmo jeito. Na Igreja Presbiteriana, *em seu espaço social*³⁷⁰, não se faz distinção entre os *estilos de vida* que as pessoas carregam. As diferenças, o *desvio diferencial* entre seus membros, não produz separações destinadas a serem levadas em conta. O que vale é a comunhão direta com Deus.

Nadir conhecia a maioria dos freqüentadores da igreja, tinha amizade com todos. Era um hábito seu fazer amizade. Chegava, olhava e se via um desconhecido, perguntava quem ele era, de qual igreja tinha vindo, se era um visitante, com quem estava ali, tudo para tornar a presença daquela pessoa mais confortável. Entretanto, alguma pessoa da igreja não gostava dela e por ser autoritária, já pegou muita briga.

Lê a Bíblia, sem se preocupar em decorá-la, todos os anos, de cabo a rabo. Quando aflita, necessitando da palavra de Deus, pega o livro Dele e fala em voz alta: “Senhor, me ilumina para que eu não faça nada errado, nada contra a tua vontade. Pelo amor de Deus, pelo Espírito Santo, me ilumina. O que eu devo fazer?”

³⁶⁹ ALVES, Rubens A. op. cit., p. 54.

³⁷⁰ BOUDIEU, Pierre, **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 144

Dizendo-se sem medo de morrer, ela acredita que se Deus quisesse levá-la agora, iria para a presença Dele, sem nenhuma dúvida. Para ela, todas as pessoas, más ou boas, vão à presença Dele. As más vão para o caldeirão, vai haver o juízo. Ele dá oportunidade para todos. A palavra Dele está aí, os pregadores estão aí, divulgando Suas palavras.

Nadir criou seus filhos dentro da lei de Deus. Não passava a mão na cabeça deles por nada, mas também nunca deu um castigo de sofrimento, castigo de dor. Hoje os pais não castigam os filhos porque acham que é maldade. A palavra de Deus diz assim: “Quem ama, castiga com chicote”. Agora o castigo que Deus manda dar não é aquele que maltrata, não é aquele que mata, é aquele que alerta.

4.6 - É preciso ter cuidado para não colocar fanatismo nas pessoas

Neto de Belmiro César, Homero Lenz César, nascido no Ceará em 1923, é presbiteriano desde a época do avô ainda vivo.

Seu avô tinha uns quatorze anos quando começou a pregar o Evangelho. A mãe dele e o pai ficaram tolerantes e permitiram que ele seguisse, fez o ministério e teve um trabalho grande. Foi um dos dois primeiros pastores a se formarem em Teologia, em curso ministrado pelos missionários americanos no Nordeste. Foi o início do presbiterianismo no Ceará, ainda no século XIX. Todos os seus filhos dele, exceto o pai de Homero, foram pastores e cursaram o seminário.

O avô de Homero era de Pernambuco e a bisavó da Alemanha. Ele só não sabe de onde. A família de sua mãe era da Paraíba. Seu avô, Francisco Xavier Júnior, pai de sua mãe, foi um dos grandes educadores do Nordeste, aliás, não só do Nordeste, mas do Brasil. Lá nos anais do Ministério da Educação consta o nome dele. Ele foi Secretário de Educação naquela época, quer dizer, era diretor da escola pública, pois não tinha Secretaria, e fez uma tarefa muito interessante na Paraíba. Ele difundiu o ensino nas localidades mais distantes e de difícil acesso com a seguinte medida: quanto mais afastado e mais longe o lugar, melhor o salário. E assim ele espalhou o ensino.

Da Paraíba, onde morou por algum tempo, Homero foi para o Rio de Janeiro, porque parte da família já morava lá. A sua família saiu do Ceará porque sofreu perseguição da Igreja Católica, por serem considerados pertencentes a uma

seita protestante. O chefe de seu pai colocava o pessoal para zombar dele, para persegui-lo e até inventavam um monte de coisas contra ele.

Em Petrópolis, não tiveram problemas porque foram bem aceitos pelo pessoal. No colégio, onde seu pai ensinava, era muito querido e Homero se dava muito bem com os colegas católicos. O colégio era o Pedro II, uma escola modelo no Brasil naquela época. A diretora era a Germana Gouveia, uma senhora ilustre, membro até da Academia de Letras. Homero e os irmãos sempre foram bons alunos. Naquela época, não tinha esse negócio de prêmio como tem hoje, mas todo ano ele era homenageado porque tirava sempre o primeiro lugar no concurso de matemática.

A Escola Dominical da Igreja era na casa dos pais de Homero. Eles freqüentavam a igreja pela manhã e à noite, à tarde tinham a Escola Dominical. Sua irmã era a superintendente, quem dirigia a escola. A freqüência era muito boa, principalmente por crianças, ia gente da escola. Seu pai era considerado uma autoridade e sua casa era respeitada.

Em Petrópolis, Homero freqüentava o cinema. Sua irmã também. Ela era superintendente da mocidade na Igreja Batista e o batista não podia ir ao cinema. Se desobedecessem, seriam cortados. Mas ela podia ser presidente da sociedade e freqüentar o cinema porque não era batista, era presbiteriana.

Foto 20 - Homero com uniforme colegial



Fonte: Acervo família Lenz César

Em sua juventude, namorou um pouco, mas teve dois problemas com católicas. Uma foi lá de Petrópolis mesmo, de uma família muito amiga, muito chegada. Esta família queria que ele se crismasse, caso contrário não poderia namorar sua filha.

Em Petrópolis, Homero participava de pregação. Já na época de universidade, pregava em morros, hospitais e praça pública.

Homero estudou no Rio de Janeiro, na Universidade do Brasil. Estudou um período na Faculdade de Filosofia, depois na Escola Nacional de Química, na Praia Vermelha. Como a família tinha uma chácara e ele gostava de mexer com agricultura, seu pai queria que estudasse agronomia. Sua vontade, entretanto, era ser químico.

O grande movimento da mocidade presbiteriana no Brasil, foi feito pelos seus primos, Paulo Lenz César e o Valdo Aranha Lenz César, que faziam realizar os Congressos da Confederação Evangélica do Brasil. Em um desses congressos Homero conheceu sua esposa e com vive até hoje.

Ela era namorada de um dos seus amigos, porém ele não sabia, só tinha conhecimento dela por meio de um artigo que ela escrevera para a revista Cruz de Malta. Homero escreveu para ela comentando, elogiando uma parte e criticando outra. No congresso de Belo Horizonte, teve oportunidade de conhecer a autora do artigo criticado por ele. Foi o próprio namorado quem a apresentou ao Homero.

Então, ele foi à casa dela para conhecê-la melhor. Ele gostou muito de sua mãe, Maria de Melo Chaves, uma pessoa muito ilustre entre os escritores e que escreveu um livro muito interessante sobre Bandeirantes da Fé. Elas moravam em Minas Gerais, lá no Triângulo Mineiro, onde tem o Instituto do Missionário, que foi exatamente fundado pelos pais dela. Foi em Belo Horizonte, porém, que Homero a conheceu.

O segundo encontro entre os dois foi em São Paulo, no casamento de um primo, o Paulo César, realizado na igreja do Reverendo Borges. E foi lá que eles começaram a namorar. Nessa época, Homero namorava uma outra mineira lá do Triângulo, de Uberaba. Ele gostava muito dessa moça, não a tirava da cabeça. Certo dia, recebeu uma carta da outra mineira, uma carta tão bonita que ele decidiu namorá-la.

Casaram-se em 3 de janeiro de 1953, na Igreja Metodista, em São Paulo. Na véspera do casamento ele falou que se ela atrasasse vinte minutos, não o encontraria mais lá. Ele tinha uma implicância com o pessoal que atrasava. Mas, no dia, foi ele quem se atrasou. Levado de carro do Rio para São Paulo por um primo, os dois se perderam ao chegar em São Paulo, daí o atraso. Depois das explicações Homero até sentiu pena da noiva, que ficou esperando horas por ele. Do casamento, tiveram sete filhos, cinco homens e duas mulheres, todos educados na igreja.

Homero retornou ao Ceará em 1962. Detentor de vasto *capital cultural*³⁷¹, Homero pediu demissão dos lugares onde trabalhava e veio para a Universidade do Ceará como catedrático interino. Aqui passou a freqüentar a Igreja Presbiteriana Central, o pastor era o Otoniel Martins, por quem foi bem recebido. Depois passou a freqüentar a Igreja da Pajuçara, fundada por seu pai. Foi superintendente da Escola Dominical, mulher e filhas foram professoras. Um dia disseram que precisavam dele na Igreja Central e o tiraram de lá repentinamente. Uma de suas tarefas em Pajuçara era a distribuição de merenda, lá ele conseguiu fazer muitas amizades. Foi com tristeza que recebeu o seu desligamento de lá. Até os filhos acharam estranho essa sua saída repentina.

Ainda hoje Homero sente certo desconforto quando toca nesse episódio. Ele gostava de trabalhar na Pajuçara, a família ajudava nesse trabalho e isso era muito importante para ele. Tiraram-no de lá, dizendo que precisavam dele na Igreja Central. Na realidade, isso não ficou completamente esclarecido. Algumas pessoas disseram que ele trabalhava incorretamente, pois vender revista, jornal e distribuir folheto na banca comum, era heresia.

Outro motivo para a sua saída de Pajuçara pode ser creditado à idéia da criação de uma sala de leitura aberta às noites, era uma evangelização indireta e importante, mas não aceitaram, levaram-no de volta, não lhe deram trabalho nenhum para fazer, tudo que ele sugeria, rejeitavam, como um castigo.

Homero não sabe quem, de modo especial, contribuiu para a sua saída de Pajuçara. Só sabe que tinha várias pessoas lá que o achavam meio herege. O Reverendo Neves que era presidente do presbitério na época, surgiu com uma série

³⁷¹ Poderes que definem as probabilidades de ganho em um determinado campo social. O volume do capital cultural determina a posição do detentor no campo cultural (BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrad Brasil, 2005. p. 134).

de perseguições dentro da igreja. Acabou com a mocidade, fez mudanças, e não queria que a igreja fizesse serviço social.

Não era do feitio de Homero envolver-se em política. Somente em política no sentido nobre da palavra, mas não politicagem como se faz por aí, nem mesmo dentro da igreja. Alguns tiveram a impressão de que ele queria se candidatar, mas nunca foi esse o seu pensamento.

Homero veio morar em Fortaleza em 1962, antes morou nos Estados Unidos, na Bélgica, na Inglaterra e na Alemanha. Na Alemanha, freqüentou uma igreja por lá. Na Bélgica era difícil, porque era um país carola, mais que o Brasil. Na Semana Santa inteira, ninguém comia carne.

Foto 21 - Homero e a esposa Hulda em suas Bodas de Ouro



Fonte: Acervo família Lenz César

Quando jovem Homero ia às festas, mas não dançava. Em seu baile de formatura não dançou porque não sabia dançar, senão, teria dançado. Depois de algum tempo, ele percebeu que dançar não era boa coisa realmente, porque via o que acontecia com os colegas estudantes com os quais morava. O pessoal antes de ir para o baile, bebia pra ter coragem de dançar, agarrar a moça e tudo mais. Até mesmo a sua primeira experiência foi frustrante. Ao tirar uma moça para dançar, percebeu que ela dançava meio afastada dele, talvez por ter demonstrado timidez. Da outra vez foi lá, tirou a moça para dançar, apertou-a com vontade e ela não mais o largou.

Das festas católicas, São João, São Pedro, Homero participava, principalmente quando tinha aquelas coisas boas para comer. Algumas igrejas procuravam reprimir. Em Campina Grande, Paraíba, por exemplo, havia um presbítero que andava sempre engravatado e que implicava com a mocidade. Aquelas brincadeiras de salão não tinham maldade, mas ele proibia. Tinha brincadeira de salão na Igreja, aquela brincadeira de correr ao redor das cadeiras e sentar, uma porção de brincadeiras aprendidas com os missionários americanos, as quais foram proibidas pelo presbítero.

Na Igreja Central, Homero nunca notou diferença entre classes sociais. Ele só achava estranho o benefício dado ao pessoal dessa igreja e não estendidos ao pessoal da Pajuçara, onde havia mais gente humilde que necessitava de ajuda. Talvez porque estavam mais distantes. Tratava-se, na verdade, de tensão entre as posições constitutivas da estrutura do campo presbiteriano. As relações de força entre os “conservadores” e os “inovadores”, os ortodoxos e os heréticos, os velhos e os “novos” (ou os “modernos”)³⁷²

Em viagens de pregação do Evangelho, Homero contou com muitos acompanhantes. O Abel foi um bom companheiro no início. Eles viajavam pelo interior do Ceará todinho e iam até o Piauí. No Ceará, fizeram trabalho no Crato, na cidade de Juazeiro do Norte, em Iguatu e Parambu. A satisfação do pessoal com a presença dos trabalhadores do Evangelho era grande e isso marcou muito, só de perceber como aquilo era importante para eles.

³⁷² BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005. p. 65.

Homero nunca teve dúvida de sua fé, mesmo sendo um homem da Ciência. Não entrou em choque mesmo nessa situação. O problema, para ele, é o modo como as pessoas interpretam a Bíblia, muitas coisas são pessoais.

Um dos maiores pregadores que Homero conheceu, foi um sujeito analfabeto que tinha lá em Petrópolis. O cara sabia praticamente a Bíblia de cor, o que o deixava impressionado. Ele não aprendeu, não deram escola para ele, mas ele se converteu. O pessoal lia para ele e ele pregava melhor que muitos pastores. Falava bem porque, de tanto ouvir a linguagem da Bíblia, aprendeu a fazer uma linguagem bem melhor, não falava linguagem de analfabeto não. E não era fanático, muito pelo contrário. Aquele homem poderia ter virado um gênio, se assistido por uma escola.

A mãe de Homero morreu quando ele tinha sete anos de idade e seu pai sete anos depois. Segundo Homero cada um pensa diferente sobre a morte. Para ele, com a morte, a pessoa deixa de existir com esse corpo material, como tudo deixa de existir, mas o espírito sobrevive. Sobrevive e vai para o céu, não vai pro inferno. Ele ainda tem alguma dúvida sobre isso. Às vezes, fica pensando sobre o que acontece se não houver ressuscitamento.

Para Homero, o importante é considerar o modo como uma pessoa pensa e o modo como essa pessoa trata o outro, o respeito, o pensamento das pessoas. Para ele, a pior coisa que tem é o fanatismo. O fanatismo religioso já produziu guerras, destruições, matança, perseguições em quantidade contra o espírito, totalmente contra o espírito do cristianismo. Um fanático não tem amor às pessoas, fica com a cabeça transtornada e faz o mal ao invés do bem. Portanto, é preciso ter cuidado para não colocar fanatismo nas pessoas.

4.7 - Salvação não depende de méritos, é uma escolha soberana de Deus

Nélio de Azevedo Guimarães, nasceu em dia 21 de maio de 1929, em São Luís, no Maranhão, é filho de Belarmino da Costa Guimarães, de São Luís, MA. e Tirza Vilhena de Azevedo Guimarães, de Caxias, MA. Cedo a sua família se mudou para Fortaleza. Quando tinha mais ou menos sete anos de idade, mudou-se para Teresina, Piauí, porque seu pai sofria de asma e não estava se dando bem em Fortaleza Foi lá que Nélio passou a sua meninice, juventude até o casamento.

Foto 22 - Nélio aos cinco anos de idade, em São Luis do Maranhão.



Fonte: Acervo Nélio Azevedo Guimarães

É interessante que, apesar de ele ser filho de um casal presbiteriano, sua conversão só aconteceu aos quatorze anos de idade, quando sofreu uma enfermidade. Passou quatro anos enfermo, sem poder andar, emagreceu muito, parecia um esqueleto deitado na cadeira, que naquele tempo era conhecida como preguiçosa. Durante os seus dias de enfermidade teve a oportunidade de ler, pela primeira vez a Bíblia, de cabo a rabo, como se diz. Por causa da doença ele teve que parar de estudar, só retornando à escola aos dezesseis anos, já completamente curado. Estudava à noite e trabalhava durante o dia.

Foto 23 - Nélio, aos dezoito anos de idade, e as irmãs Sulamita Waquim e Cremilda Aranha esposa do João Mario, em um Congresso da Mocidade.



Fonte: Acervo Nélio Azevedo Guimarães

Seus pais eram presbiterianos, então, domingo era o dia em que todos da família iam à igreja. Como seu pai dizia: dia de domingo até os

gatos são levados para a igreja, quer dizer, a casa ficava fechada. Pela manhã era a escola dominical e à tardinha, quase noite, iam para o culto.

Foi seu pai quem praticamente começou a igreja Presbiteriana em Teresina. Ele alugou um salãozinho e chamou algumas pessoas que ele sabia que já professavam a fé presbiteriana. Lá ficou a primeira Igreja Presbiteriana e, posteriormente, a segunda. Ele era, por conta própria, um obreiro. Ele não era presbítero, não era diácono nem pastor, era comerciante e fazia trabalhos para a igreja porque realmente era um cristão. Cristão que dava testemunho e até mesmo na sua morte lá no hospital, uma freira se converteu.

O templo da segunda Igreja Presbiteriana surgiu por causa de uma moça solteira que morava só com a mãe em um terreno. Um dia, sua mãe deu uma Bíblia para ela e ela levou-a ao padre. Ele tomou a Bíblia dela e disse que ela não podia ler. Ela ficou curiosa, foi à casa de Nélio e pediu a sua mãe outra Bíblia, porque ela queria só que não sabia ler. Então, ela ficava sentada na porta de casa, que era um casebre, e quando uma pessoa passava, ela chamava e perguntava se sabia ler. A pessoa lia e depois saía, e aí ela repetia olhando para as letras, o que a pessoa tinha dito,. Assim ela aprendeu a ler. Depois disso, ela ofereceu aquele terreno para construir a igreja.

A avó de Nélio, por parte de pai, era muito católica. Quando seu pai foi para São Luis, no Maranhão, a mãe dele costurou uma porção de reza na bainha da sua camisa, mas ele disse que não arranjava emprego. Um dia ele pegou aquelas rezas e rasgou tudo, embolou e jogou dentro d'água. Depois disso arranjou um emprego. Foi quando ele começou a ler a Bíblia por conta própria, sem a influência de ninguém, depois se converteu. Já convertido, conheceu, na cidade de Caxias, a pessoa que viria ser a mãe de Nélio, que era de uma família presbiteriana tradicional do lugar.

Quando Nélio se recuperou daquela enfermidade, foi convidado a ser professor na escola dominical da primeira Igreja Presbiteriana construída em Caxias. Ele tinha que ler as lições antes, pois sua classe era só de adultos. Havia naquela época e naquele local dificuldade de ter alguém com conhecimento; ele não tinha lá esses conhecimentos, mas era muito curioso,

e muito jovem foi para a biblioteca, leu todos os livros da parte infantil, depois passou para o segundo andar onde estavam os livros para adultos. A partir daí não mais parou de ler.

Quando jovem Nélio freqüentava cinema, festas católicas, principalmente em frente à igreja, aquelas de largo, para flertar com as garotas. Na Igreja Presbiteriana havia festa dos jovens, mas eram festas com cânticos apropriados para aquele tipo de evento. Não tinha festas de santo, não tinha aquelas coisas de fora da igreja, era mais selecionado. Havia também teatro na igreja, com peças evangélicas ou, pelo menos, inocentes.

Nélio casou-se aos vinte e dois anos de idade, com Arildes Vilhena de Queiroz Guimarães. Ele conheceu sua esposa quando participava de uma reunião de jovens em Caxias, no Maranhão. Nesse tempo, Nélio morava em Teresina e tinha apenas 18 anos. Na hora da oração, ele sentiu vontade de abrir os olhos, e ao fazê-lo deparou com uma moça que o olhava direto, ele fechou os olhos e continuou na oração. Quando terminou, a mãe da garota, que ele não conhecia, veio apresentar a filha, dizendo que os dois eram primos. A garota era noiva, mas Nélio não sabia, ela não usava aliança. Eles conversaram um pouco, mas em respeito ao fato de ela ser noiva ele não falou em namoro. Foram quatro anos de espera, até que o destino os aproximou novamente.

Ela tinha acabado o noivado, estava zangada, triste, queria ir pro Rio de Janeiro; Nélio a convenceu a ficar em Teresina, em sua casa. No dia do aniversário de Nélio, a mãe da garota veio para levá-la de volta, porque soube que ela estava namorando o aniversariante. Eles, na verdade, ainda não estavam namorando, faltava o sim dela. Nélio então disse para a prima que se ela casasse com ele sua mãe não a levaria de volta para Caxias. Ela aceitou, a mãe não sabia de nada.

No outro dia, antes das comemorações do aniversário, sob o pretexto de ir à rádio oferecer música para o primo, os dois, já combinados, passaram pelo cartório, acompanhados por colegas que serviram como testemunhas se casaram. Quando ele voltou para casa, para o almoço, ficou sabendo que o cunhado já estava com a certidão informando a todos sobre o casamento. E o

que era uma surpresa virou confusão. Os dois foram até chamados de doidos, mas tudo deu certo no final.

Foto 24 - Nélio e a esposa Arildes Vilhena de Queiroz Guimarães



Fonte: Acervo Nélio Azevedo Guimarães

Como presbiteriano Nélio diz nunca ter sofrido preconceito ou constrangimento, mas já não pode falar o mesmo da Igreja, que certa vez foi atacada com pedras por uma pessoa que trabalhava na rádio, mas essa pessoa em se convertendo, tornou-se presbiteriano.

A vinda de Nélio para Fortaleza foi para fazer faculdade. Ele tentara fazer Direito, único curso que existia em Teresina. Seu irmão já era advogado e vivia insistindo para que o irmão seguisse a sua profissão, mas não era esse o seu desejo. Ele gostava de arquitetura, mas só tinha no Rio de Janeiro. Quando chegou a Fortaleza, em 1953, ficou sabendo que estavam abrindo a faculdade de Engenharia. Então ele participou do primeiro vestibular para engenharia aqui, mas não passou, não estava preparado. Depois veio a Faculdade de Arquitetura, na Avenida da Universidade, no Benfica. Quando Nélio entrou para a faculdade, estava em alta a questão do comunismo. Os alunos colocavam no flanelógrafo da faculdade notícias de jornal sobre o comunismo.

Em contraponto às notícias sobre o comunismo, Nélio pregava artigos que saíam no jornal da Igreja Presbiteriana. Os colegas comunistas falavam para ele que a lei proibia colocar esse negócio de religião nos flanelógrafos. Nélio respondia que

a lei também proibia colocar negócio de política ou qualquer outra coisa fora dos assuntos da faculdade. Eles respeitavam e não tiravam os artigos colocados por Nélio.

Nélio gostava de reunir colegas de faculdade para falar sobre o Evangelho; alguns diziam bobagens, mas ele sentia que não era inútil porque, às vezes, um ou outro chegava e pedia mais explicações sobre o que ele estava falando. Nélio não se lembra de alguém que tenha se convertido por suas palavras, mas sabia que, às vezes, aquela pessoa vinha e depois tomava outra decisão.

No Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens, onde trabalhava, todos os dias ele levava folhetos, distribuía para todos os funcionários. Uma moça não gostava dessa atitude e pediu que ele colocasse os folhetos em seu birô. Passados alguns anos, essa mesma moça foi ao encontro de Nélio e solicitou aqueles livrinhos, o antigo testamento. Havia-se convertido.

Nélio levou para a Igreja algumas pessoas de seu convívio, mas gostava mesmo era de trabalhar com famílias, porque o seu tempo era curto. Geralmente no natal procurava reunir maior número de pessoas e com os filhos, tocavam e cantavam e pregavam nas praças, principalmente as da periferia. Algumas daquelas pessoas, por certo iriam para casa e decidiam pelo Evangelho, outras já decidiam ali.

Seus não tinham quase *capital econômico*, eram pobres. Ele podia ter sido um homem muito rico, mas tinha muito medo de enfrentar dívidas. Para poder subir, ele teria que comprar coisas, porque o ramo dele era café torrado e moído, e em Teresina só ele tinha o produto. Ele tinha um quartinho de garagem onde torrava o café e atendia ao quartel, ao colégio das freiras, essas entidades, tinha uma freguesia certa. O irmão de Nélio ainda tentou fazer com que seu pai crescesse no negócio, chegou a comprar uma camionete para distribuir café, porque a distribuição era feita naquelas carrocinhas de picolé. A distribuição era feita pelos dois irmãos. Quando distribuía tudo, Nélio voltava dentro da carrocinha para casa. Depois surgiu outra moageira de café, bem equipada, mas ela faliu porque ninguém comprava deles, só compravam na mão do pai de Nélio que, por

coincidência, se chamava Guimarães, mas não era café Guimarães. Ele vendia duas qualidades de café: uma com doce e outra sem doce. Um chamado Café Ideal e o outro Café Primor.

A adolescência de Nélio foi rica em leitura, ele lia muito, fazia muitas coisas manuais. Gostava de criar, de colocar idéias no papel, razão porque ele se deu bem com a arquitetura. Porque arquitetura não é desenho, desenho é a escrita para você colocar as idéias.

Sua participação mais assídua na Igreja foi em Fortaleza. Em Teresina, ainda solteiro, fora convidado por um pastor para se candidatar a presbítero, mas, por se achar muito jovem e sabendo da responsabilidade, declinou do convite. Depois de casado, aceitou. Ficou como presbítero até vir morar em Fortaleza. Chegando aqui, assumiu a mesma função.

Quando aqui chegou, o pastor era o Otoniel, que estava como auxiliar do Alcides Nogueira. Depois que o Alcides se mudou, Otoniel foi eleito pastor e Nélio exercendo o presbiterado. Ele fazia parte do conselho e já estava entrosado com os gedeões internacionais. Desse conselho, lembra do Juvêncio Alves, do Juarez Brasil. As famílias mais importantes da Igreja eram as do Edílson Brasil, do Cortez, de quem Nélio recebeu ajuda quando aqui chegou, as do Wilton Passos, que era do interior. Essas são as de que ele se lembra e também com as quais ele trabalhou.

Naquela época, a situação social, a detenção de *capital econômico*, valia alguma coisa. A igreja era mais humilde e quando alguém tinha uma posição socioeconômica mais elevada, dava um certo *status* no sentido de que “aqui alguns são miseráveis, mas há também família importante”. De certa forma, ela era considerada em função disso, como se fosse um testemunho. Para Nélio, entretanto, não havia separação entre os mais ricos e os mais pobres, eles não se omitiam, não se separavam, tratavam todo mundo bem, reconheciam que na igreja era todo mundo diferente e tentava ajudar fora da igreja. As vestimentas usadas naquela época eram muito diferentes. Os homens usavam chapéu, ele mesmo chegou a usar, e as mulheres se trajavam de uma maneira decente, comportavam-se decentemente. A diferenciação do *habitus*, que leva à construção de

diferentes práticas, termina por identificar os grupos sociais, como o dos presbiterianos.

Nélio gostava muito de ouvir as rádios, principalmente os programas da BBC de Londres. Ele tinha um rádio portátil onde botava uma antena para aumentar a recepção e poder ouvir melhor, principalmente os programas evangélicos. Já na adolescência, ele não era muito fã de rádio, gostava muito de cinema.

Na casa do pai de Nélio não havia geladeira, nem carro, faltava condições para adquiri-los. A prioridade era a construção da casinha para a família, já que eles moravam de aluguel. Infelizmente a morte do pai veio desfazer esse sonho. Quando isso aconteceu, a família continuou na parte espiritual, religiosa, a mãe continuou o trabalho dele. Ela tinha o moinho elétrico e a torradeira, continuou torrando, moendo café, mas já não atendia aquela freguesia, era só o suficiente para ter o pão de cada dia. Ela saía, conseguia vender alguns pacotes e trazia o dinheiro suficiente para o sustento.

As coisas melhoraram quando seu irmão foi trabalhar na Prefeitura, como topógrafo. Já curado, Nélio também foi trabalhar na Prefeitura, como desenhista, já que sabia fazer planta de casa, planta de estrada, mapas etc. Nada disso lhe foi ensinado, aprendeu por conta própria, autodidata, ficava olhando os outros desenhar e fazia suas cópias. Aos pouco foi se aperfeiçoando, até adquirir toda a técnica. Para completar, fazia curso de Arquitetura por correspondência no Instituto Universal Brasileiro.

Na Igreja, sua atividade era na mocidade, de onde chegou a ser presidente. Tinha a Suzana, o Luis, o Almiro, aquela esposa do João, a Detinha, a esposa do João Mário, a Cremilda. Ainda tem uma porção dos jovens daquele tempo, hoje pessoas maduras. Tinha o grupo de evangelização, que depois passou à União de Homens Presbiterianos, de onde também ele chegou a ser presidente.

Durante sua trajetória como presbiteriano, Nélio teve algumas discussões em relação aos procedimentos da Igreja. Uma delas foi em relação à escolha dos candidatos a presbíteros e diáconos, feita sempre pelo Dr. Edílson Brasil. Ao Conselho, Nélio falou que era de opinião que a própria

igreja é quem deveria indicar os nomes e o Conselho examiná-los, saber da condição moral, do comportamento do candidato lá fora, porque, às vezes, a igreja não o conhece. A partir dali, sempre que havia uma eleição, consultava-se a igreja e ela própria dava os nomes daquelas pessoas que gostariam de ver presbíteros ou diáconos. Lá mesmo se faz a eleição. Se a pessoa quisesse saber porque o seu candidato não seria apoiado pelo Conselho, essa pessoa era informada.

A passagem de um capital *simbólico difuso*, apoiado apenas no reconhecimento coletivo - autonomia do Dr. Edílson Brasil para a escolha dos candidatos a presbíteros e diáconos - a um *capital simbólico objetivado*,³⁷³ era codificado, delegado e garantido pela igreja.

Hoje, o trabalho feminino da igreja é mais destacado do que o trabalho masculino. A União Presbiteriana dos Homens parece menos apoiada do que a Sociedade Auxiliadora Feminina. Ela tem mais atividades, tem aqueles departamentos de costura, de bordados, de pessoas que querem aprender a cortar cabelo etc. Elas estão sempre reunidas fazendo alguma coisa, enquanto os homens se reúnem menos e têm pouca habilidade para certas tarefas. Parece que os homens são mais ocupados, têm menos tempo. Algum evento, qualquer atividade na igreja, as mulheres são mais presentes. É claro que a maioria é casada e o marido participa indiretamente.

Na igreja, dois fatos deixaram Nélio preocupado. Um foi quando o nome do Otoniel foi indicado para ser o pastor titular da igreja. Deu a impressão de que o pastor Natanael tinha outra preferência: pelo filho. O resultado não deixou Natanael nada satisfeito, pois alegava que Otoniel tinha chegado há pouco na Igreja. Ali mesmo se resolveu essa questão.

O outro caso foi porque a prefeitura não autorizava fazer uma reforma na igreja. Não estava cabendo todo mundo e não se podia mexer na igreja. Então, o conselho resolveu colocar à venda aquele local para adquirir outro terreno. Esse outro terreno praticamente estava apalavrado. A família Barreira, que também era uma das que tinham certa influência dentro da igreja, havia conseguido de uma amiga lá no trabalho, que ela venderia o

³⁷³ BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005. p. 112.

terreno para a igreja. Segurou na palavra, mas uma pessoa na igreja, o Chico Gadelha, que era advogado, se levantou contra a venda da igreja e achou que aquilo era patrimônio, um monumento que não podia ser vendido. Chegou a entrar na justiça, para impedir a concretização da venda. O pastor falou com o juiz, que lhe disse que a igreja tinha uma constituição, também firmada na constituição da nação, que permitia que a venda fosse realizada. Quando o Gadelha viu que ia perder a causa, que teria de pagar todas as despesas no cartório, pediu desculpas, pagou as despesas e retirou-se. A venda da igreja foi realizada e o terreno comprado. A família que vendera o terreno era uma família muito católica, ela cumpriu com a palavra e hoje lá se encontra construída a Igreja Presbiteriana de Fortaleza. Nélio foi o autor do projeto e da construção do templo central localizado na Rua Visconde do Rio Branco. A parte técnica foi do Anfrísio ficava lá e recebia orientação de Nélio. O projeto foi feito ao longo dos anos, de acordo com as contribuições. O projeto era o templo na frente e o prédio de quatro ou cinco andares mais atrás, para a parte de educação religiosa.

Foto 25 - Igreja Presbiteriana de Fortaleza, projeto arquitetônico de Nélio de Azevedo Guimarães, cujo lançamento da pedra fundamental aconteceu em 6 de agosto de 1978 e inaugurado em 10 de dezembro de 1979.



Fonte: ALENCAR, Francisco Alves de. (Org.). **Igreja presbiteriana de Fortaleza**: - 120 anos transformando vidas. Fortaleza: Nacional, 2004

Com relação ao comportamento individual, alguns fatos eram considerados escandalosos, como a separação de casais, novo casamento. Com o passar dos tempos, isso foi sendo abrandado. A igreja ficava triste, preocupada, mas dependendo da situação, havia sempre uma maneira de se corrigir um erro. Certa feita, uma esposa deixou o marido, foi embora, foi tocar piano nas noites cariocas e não voltou mais. O ex-marido casou-se outra vez, mas a igreja não o recebeu de volta, nem a esposa como membros. Esperou-se muito tempo para ver como se comportava o novo casal. Percebendo que a união era para valer, que era séria, que eles estavam muito bem, a igreja os recebeu como membros.

No sistema presbiteriano, tem-se o conselho local, daí são escolhidos alguns representantes para o regional, e desses, alguns são escolhidos para representar a igreja no nacional. Então, um caso não resolvido no conselho local, vai para o presbitério. Se não for resolvido lá, vai para o supremo, que emite a decisão final.

Há casos de pessoas que vão para outra igreja, às vezes, para outro Estado porque se mudam em função do trabalho ou coisa parecida. Mas, para ser admitido em outra Igreja Presbiteriana, a pessoa tem que levar uma carta do pastor da igreja de origem, informando que não consta nada que o desabone. Caso não porte esse documento, a igreja de destino tem que pedir informações à igreja de origem do candidato a membro da nova igreja.

Nélio é presbítero emérito porque passou mais de 25 anos nessa função. Para se tornar presbítero tem que ser casado com uma só mulher, governar bem a sua casa e tem que ser, em primeiro lugar, presbiteriano, fiel, não neófito. Mesmo assim, o candidato a presbítero comparece à igreja com a família, fica na frente e é submetido a um interrogatório a respeito dele e da família. A esposa também é sabatinada a respeito dele, pois é ela quem sabe dizer sobre o marido. O candidato a presbítero não se indica, ele é indicado por algum membro da igreja.

Foto 26 - Nélio de Azevedo Guimarães, nos dias atuais



Fonte: Acervo Nélio Guimarães

Já aconteceu de haver certa diferença entre pastores, que chegou a dividir a igreja. Já houve o fato dessa natureza, daquele pastor que saiu da igreja, levando também vários membros, dividindo o rebanho. A causa desse desentendimento foi uma acusação anônima e inverídica. Para não ser levado ao tribunal, para evitar escândalo, ele resolveu deixar e fundou uma igreja própria.

Nélio considera a morte uma passagem. Ele fala de uma explicação de um pastor, que acha muito interessante. O filho de um casal estava com uma enfermidade incurável e a mãe temia muito a pergunta que ele iria fazer sobre o que era a morte. Ela orou muito e um dia ele fez a pergunta. Ela deu a seguinte resposta: “Você se lembra, meu filho, um dia que nós estávamos aqui na sala, você no sofá e nós estávamos brincando, conversando e você dormiu?. No outro dia, você acordou na cama de pijama. Seu pai lhe pegou dormindo e levou para o seu quarto, trocou a sua roupa, o acomodou e você acordou no outro dia. Assim é a morte. Aqui nós dormimos e acordamos na eternidade”.

A Bíblia fala de dois lugares: um que é chamado de céu e o outro de inferno. Os que vão para o céu, são os salvos. Os que vão para o inferno, são os que não foram salvos e a questão da salvação é uma escolha de Deus. Para Nélio, estamos aqui apenas apresentando o evangelho e, segundo a própria palavra, o Espírito Santo convence a pessoa da eternidade e a pessoa se converte; então, às pessoas que se convertem, Jesus fez uma promessa que moraria naquela pessoa, ela passaria a ser como Paulo. A salvação não depende de méritos, é uma escolha

soberana de Deus; agora, as bênçãos que as pessoas vão receber e a participação do milênio, que tá chegando aí, que é o Reino de Deus ou Reino dos Céus durante mil anos, quando Cristo vem governar a terra, depende da pessoa.

A morte é exatamente a passagem dessa vida para outra vida. O ser humano tem três vidas: uma é a biológica, que todo mundo passa por ela e não tem jeito de sair daqui se não for pela morte; tem a alma que é eterna; tem também a vida adquirida com a vinda de Deus, a que Jesus veio trazer e veio transmitir para nós, que não tem princípio e não tem fim. Os salvos têm a vida eterna.

Nélio acredita que essa vida não se acaba aqui porque a alma permanece onde está a personalidade, o corpo volta. A Bíblia diz que não somos corpo, nem espírito. Somos alma porque quando Deus criou o homem, o homem tornou-se alma vivente, o espírito veio Dele no sopro e o corpo veio da terra. Portanto, o corpo volta à terra e o espírito volta a Deus. Tem somente dois lugares e a pessoa tem oportunidade agora de escolher onde vai passar a eternidade: se no lago de fogo, que será o inferno, ou se ao lado do Senhor, nos céus, na nova terra que Ele prometeu e que já está feita.

4.8 Ainda que os seus pecados sejam escarlates, se tornarão brancos como a lã

Maria Eugênia Sales veio ao mundo em maio de 1904, na Cidade de Umirim, que nesses tempos chamavam de Riacho da Sela. O nascimento se deu propriamente na fazenda Mundo Novo, de propriedade de seu pai, que ainda hoje existe. Aos quatro anos de idade, ela mudou-se para Uruburetama, para o sítio onde morava sua avó, em 1912. A cidade era simples e pacata, e quem a dirigia era a família de seu pai. Naquele tempo era assim, uma família tomava conta de uma cidade de pai para filho.

Maria Eugênia é filha de Vicente de Matos Sales, que era filho de Manoel de Sales e de Josefa Ferreira de Matos, que além dele, tiveram os seguintes filhos: José Paixão, Joaquim, Manoel Filho, Francisco Mamede, Francisco Junqueira, Ângelo, Bernardino, Francisca, Maria, Mariana e Joana. Infelizmente os apontamentos, sobre os ascendentes paternos, acabam-se aqui, na terceira geração. Sabe-se que a família Salles é de origem francesa,

aportando no Brasil em meados do século XVIII.

Sua mãe, Rita de Mello, era filha de Francisco Nicolau de Mello e de Francisca Hermógenes de Mello; Francisco Nicolau era filho de José Thiago de Mello e de Rita Francisca de Oliveira; Francisca Hermógenes era filha de Francisco de Assis Mello e de Francisca Xavier de Araújo; José Thiago e Francisco de Assis (que foi o introdutor da industrialização na Vila de São João do Arraial, atual Uruburetama, ao importar, diretamente da Inglaterra, a primeira máquina de descaroçar algodão) eram irmãos, filhos de Thiago José de Mello e de Justina das Mercês Guimarães; Thiago José de Mello veio do Reino, em 1808, como sacristão do padre Bulhões, na comitiva real de Dom João VI, quando este fugia das tropas de Napoleão Bonaparte. Rita Francisca de Oliveira era filha de João de Oliveira Guimarães e de Maria Francisca de Freitas; Francisca Xavier de Araújo era filha de José Luiz da Cunha e de Rita Francisca de Araújo; Justina das Mercês, por sua vez, era filha de Antônio José de Oliveira Guimarães e de Agostina de Barros Guimarães; Rita Francisca de Araújo era filha de Francisco Xavier de Araújo e de Isabel Ferreira; Já Antônio José, era filho de Matheus de Oliveira Guimarães e de Úrsula de Barros Santos Guimarães; Francisco Xavier era filho do Capitão José dos Santos Araújo, da cidade de Braga, onde nasceu em 1721 e casou-se com Francisca Xavier Moreira, em 1750.

Os dados sobre a ascendência de Maria Eugênia param por aqui. Os ocidentais dão pouca importância à sua árvore genealógica, diferentemente dos orientais, principalmente árabes e judeus, que são capazes, em meio a uma roda de conversa, de levantar e enumerar a sua ascendência, chegando em alguns casos, até à quadragésima geração. No caso de D. Eugênia, chegou-se apenas à sétima. Mas na sua genealogia, podem ser encontrados membros da corte real portuguesa, dignitários portugueses e franceses. São encontradas pessoas de vulto, como o Tenente Assis, bisavô de Maria Eugênia, que foi o primeiro industrial de Uruburetama, e também intelectual de renome, já que mantinha contato com intelectuais europeus. Estas

famílias são as formadoras da sociedade do triângulo Uruburetama-Itapipoca-Itapagé.³⁷⁴

O Tenente Assis foi grande amigo do Reverendo De Lacy Wardlaw, missionário americano que veio ao Ceará para implementar o trabalho presbiteriano no Estado. Foi ele quem presenteou ao seu bisavô com uma Bíblia, que este usava o livro para contar histórias religiosas aos netos e bisnetos.

Foto 27 - Família de Vicente de Mattos Sales e Rita Olinda de Mello, vendo-se Eugênia e a filha Safira ao seu colo, 1930.



Fonte: Acervo de Maria Eugênia Sales

Seu pai mudou-se do Sítio Severino para a cidade a fim de cuidar das máquinas de descaroçar algodão, trazidas da Inglaterra. Estas máquinas pertenciam ao avô de Eugênia, grande produtor e comprador de algodão. No sítio, tinha banana, laranja e outras frutas. Ficava cerca de dezessete quilômetros de Uruburetama. Ali viveu Maria Eugênia até os dezoito anos. Trabalhava na casa e fazia trabalhos manuais. Nesse tempo, as mães educavam as filhas para trabalhar em casa, para o casamento, para ser dona de casa, e mãe. Lá, ela vivia feliz porque era só o que conhecia.

³⁷⁴ BASTOS, Tércio Sales. **Reflexo de uma vida**. Fortaleza: El Shadai, 2004. p. 13-15.

Foto 28 - Eugênia em frente ao casarão do Sítio Severino, vendo-se ainda Enóe, Maria Cristina, Maria Luiza, Suzete, Marta, João e duas crianças, em 1980.



Fonte: Acervo de Maria Eugênia Sales

A família de Maria Eugênia era constituída de nove filhos, oito mulheres e um homem, o pai e a mãe. A mãe era quem os ensinava a ler a Carta de ABC. Ela também não estudou em colégio, pois nesse tempo, era muito difícil. A educação era assim: as pessoas que tinham família, que podiam ensinar aos filhos, traziam o mestre ou a mestra para dentro de casa. Assim contratavam aquela pessoa para vir ensinar a seus filhos. Maria Eugênia nunca foi a uma escola regular, aprendeu com a mãe, com as mestras contratadas e com sua irmã.

Quem levou Maria Eugênia para a Igreja pela primeira vez foi seu pai. Nesse tempo, não havia pastor evangélico permanente em Uruburetama, havia o pastor da Igreja Independente, o Reverendo Manoel Machado. Ele fazia a cobertura de Sergipe a Belém do Pará. Todos os anos ele visitava a cidade e pregava.

O irmão de Maria Eugênia tinha uns amigos que vieram morar em Uruburetama, por causa da seca de 1919. Com eles, veio um pastor. A vinda desse pastor causou muito alvoroço na cidade. O padre pediu a todos os fiéis que enxotassem o pastor intruso para fora à custa de pedradas. O pai de Eugênia tinha um irmão que era delegado, pediu ajuda a ele o qual designou alguns policiais para a proteção ao pastor permitindo, assim a pregação evangélica.

Seu pai e o delegado foram os primeiros a se converterem. Seu pai se converteu e já foi convidando o pastor para voltar no outro ano para visitar a sua casa, isso foi em 1921. Em 1922, o pastor foi para casa do delegado e no outro ano, para casa de Maria Eugênia. Então, a família de seu pai se converteu, pai, mãe, as

oito irmãs e o irmão. Todos pela leitura do Evangelho. *A conversão é uma indicação de que a personalidade do convertido passou por uma metamorfose.*³⁷⁵

Para Maria Eugênia, sua conversão se deu ao ler um trecho do primeiro capítulo de Isaias, que diz: “Ainda que os seus pecados sejam escarlates, se tornarão brancos como a lã.”

Os novos conversos formaram primeiro uma congregação e depois fundaram uma igreja, que ainda existe. Maria Eugênia tinha apenas dezoito anos de idade.

Foto 29 - Maria Eugênia Sales à esquerda e irmãs



Fonte: Acervo de Maria Eugênia Sales

Nessa época, as irmãs não saiam de casa para dançar, nem para se divertir. Não freqüentavam festas mundanas. Festas, só na Igreja, era missa, aquelas coisas de Igreja. Tinha as festas na Igreja Católica, para cada santo um novenário, a missa. Lá, onde morava Maria Eugênia, em junho, tinha a festa de São João, muito grande e dessas eram as festas de que as irmãs participavam. Depois da conversão da família, os padres, que eram amigos, afastaram-se. Eles passaram a ser hostis, alguns católicos passaram a chamar os membros da família de “bodes”, “capas-preta”, porque carregavam a Bíblia. Os católicos não liam a Bíblia, embora a conhecessem.

³⁷⁵ ALVES, Rubem A. op. cit., p. 59.

Maria Eugênia, quando jovem, “tirou linha”, isto é, namorou alguns rapazes. Com aquele que viria a ser o seu esposo, namorou dois anos. Ele morava em Itapajé e era seu primo. Ela não gostava dele e ficava apelidando-o. Como ele era branco e louro, ela o chamava de sarará. Não queria namora-lo, pois tinha namorado, o Salomão Viana, que era meio irmão de seu cunhado. Quando o seu primo chegava em sua casa, ela fazia pirraça. Falava no outro e ele ia embora. Ele ficou noivo de outra moça em Itapajé, e ela não se incomodou. Um dia, ele chegou a sua casa e ela foi recebê-lo. Conversaram muito e ao final estavam namorando. Ele se chamava Valdimiro de Queiroz Bastos e era da família Bastos de Itapajé. Era agricultor e morava em Itapajé com a mãe. Quando iniciaram o namoro, Eugênia tinha 22 anos e casou com 23, em 1928.

O casamento foi só no civil e foi feito na casa dos pais da noiva. O juiz foi lá realiza-lo. Foi uma grande festa, preparada por sua irmã a que compareceu muita gente. Só galinhas assadas foram vinte, tinha suco de jenipapo, mas ela botava um pouco de álcool. Depois do casamento, o casal ficou no sítio, onde ele fez uma casa. Todas as irmãs de Eugênia se casaram, exceto a mais velha, que era missionária. Mas não foi por ser missionária que não casou, e sim porque não quis casar.

Foto 30 - Maria Eugênia e Waldemiro de Queiroz Bastos, esposo, à época do casamento, 1928



Fonte: Acervo de Maria Eugênia Sales

Maria Eugênia teve onze filhos: Safira, Walkyrya, Lenine, Erasmo, Carline, Martha, David, José Rubens, Heta, Daniel, Abraão, Amarilio e Tércio, mas só criou dez. Todos foram criados na Igreja, a que uns seguiram, e outros não, porém não tem nenhum católico. A família morou no sítio até 1954, quando se mudou para Fortaleza, depois da morte do marido e do filho por questões de terra e política. A pessoa que matou seu marido e o seu filho, era muito ambiciosa e casada com uma prima legítima.

O pai de Maria Eugênia tinha muita confiança no marido dela e a irmã era quem dirigia os negócios do sítio, pois o pai ficou cego muito novo, aos 70 anos. Quando Eugênia se casou o pai delegou tudo ao genro: cuidar dos homens que trabalhavam, levar arroz para pilar na cidade, plantação, o gado, essas coisas. Ele era uma espécie de gerente.

A intriga, que gerou os assassinatos do marido e do filho de Eugênia, começou quando o marido da irmã, seu cunhado, quis vender o sítio onde morava, pois precisava tomar conta de um outro sítio seu no sertão. A primeira oferta foi para o moço causador das duas mortes. Ele não quis comprar porque achou caro. A oferta então foi para o marido de Eugênia que o comprou. A pendenga durou anos. Foi para a Justiça e ganhou o marido de Eugênia, em todas as instâncias, até no Supremo.

Então eles resolveram a questão à bala. O velho e o filho com três capangas pegaram o marido de Eugênia em uma emboscada. Mataram o seu marido e o filho no mesmo dia. O outro filho escapou porque não existia mais bala no revólver. Isso aconteceu no dia de um comício do Paulo Sarasati, em 1953. Os criminosos foram presos, mas fugiram da prisão. Dois anos antes, eles tinham tentado matar o marido de Eugênia à facada, o que os obrigou a deixarem o sítio, indo morar em terras compradas por eles entre Uruburetama e Umirim. Eles ficavam lá no inverno e no verão iam para fazenda Cedro, perto de Umirim.

Manoel Cesário Barroso, o Barroso, o assassino, era gente conhecida na cidade. Ele era acobertado pelo Flávio Marcílio, da UDN e Governador do Estado do Ceará, por isso que o filho de José Augusto teve a cobertura de fugir. Na época, tiraram-no da cadeia e lhe deram um

cargo de diretor em uma repartição do governo. Não tinha homem nem mulher, delegado ou delegada que conseguisse prendê-lo. Foi nessa época que colocaram para lá a delegada “não sei o quê” Quezado. Ela disse que dava voz de prisão ao criminoso e deu. Mas, com esse cargo, ele fugiu para Belém, depois para Rio de Janeiro. Quando chegou ao Rio, a delegada informou à irmã de Eugênia que o criminoso fora localizado:

Safira, filha de Maria Eugênia foi para o Rio e lá se fez amiga do pessoal que trabalhava com o Barroso, dizendo que era parenta e conseguiu o endereço dele. Ela foi à polícia e deu uma de detetive. Foi com dois seguranças e ficou de sete às duas horas da manhã, esperando que ele aparecesse. Quando ele chegou, reconheceu a Safira. Ela pegou no braço dele e deu sinal para os policiais o prenderem. Ele foi transportado para Fortaleza, preso e julgado, entretanto, absolvido.

Maria Eugênia ainda permaneceu em Uruburetama por uns dois anos. Seus filhos já moravam em Fortaleza, na casa que o seu marido havia comprado desde 1948 para a meninada estudar. Uns estudavam no Colégio 7 de Setembro, mas tinha um que era da Base, servia na Base Aérea, o filho que morrera com o seu marido.

Para Maria Eugênia, a morte é vida porque mudamos para vida eterna que Deus nos prometeu. Ela acredita fielmente que é isso e diz que se não acreditasse nas palavras de Jesus, era uma hipócrita.³⁷⁶

Maria Eugênia veio para Fortaleza entre 1956 e 1958 e começou a freqüentar a Igreja Independente. Exerceu muito cargo lá: Presidenta da Sociedade de Senhora, Presidenta da Confederação de Senhora e participou de muitos Congressos. Foi diaconisa, professora de Escola Dominical. Começou com as crianças, depois passou para os jovens em seguida os adultos, e durante a sua vida foi aluna também. Ela ajudava a confeccionar o enxoval para recém-nascido, para os carentes, fazia roupinhas para turma.

³⁷⁶ A pregação da salvação, em decorrência disto, pressupõe a interpretação da morte como o encontro com um destino eterno. Ela é uma cristalização ontológica, uma solidificação do futuro. (Cf. ALVES, Rubem Azevedo. Protestantismo e repressão. São Paulo: Ática, 1982, p. 66.

Foto 31 - Convivência da SAF em Paracuru, 1977. Deralda, Maria Eugênia, D. Nila e Zefinha, sua irmã



Fonte: Acervo de Maria Eugênia Sales

Quanto à diversão, nunca dançou porque morava no interior. Dançava assim, só de brincadeira. Não ia à praia e muito pouco ao cinema. Não que fosse pecado, ela não tinha o costume de ir. Gostava de música mas não de música de carnaval. Sabia os nomes de cantores como Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Vicente Celestino. Conhecia e gostava de todos eles, embora não cantasse suas músicas. Hoje, ela gosta das músicas do Roberto Carlos.

Maria Eugênia começou a ouvir rádio desde a época do radinho de cabeceira. Ainda hoje, ela gosta de ouvir o noticiário. Diz que quem não ouve noticiário, não vê. Durante a guerra, o rádio dava muitas notícias. O povo ficava abalado porque é natural. Guerra era o que ainda é hoje, um horror. As pessoas entram em guerra porque não têm Deus na vida, porque não conhecem o poder de Deus. Quem ama a guerra, quem gosta da guerra, é porque não tem o temor de Deus na sua vida. O Hitler era um tirano, um sem fé. Todo mundo gostou quando acabou a guerra, notícia espalhada pelo rádio nos quatro cantos do mundo. Naquele tempo, o Brasil tinha umas coisas melhor que hoje. Era melhor porque tinha menos violência, mais segurança, não é como hoje que não há segurança nem para sair de casa.

Para Maria Eugênia, o mundo da Igreja era diferente. Era tudo maravilhoso, tudo tranqüilo. Tinha coisinha, mas leve, leve. Aconteceram fatos desagradáveis, essas coisas da vida, pois o presbiteriano não é santo. Os que faziam essas coisas, eram pessoas incrédulas, que não tinham o amor de Deus no coração. Maria Eugênia mudou de igreja por questão doutrinária, não por questão moral. Foi no tempo que começaram a bater palmas durante os atos religiosos, até hoje ela não consegue aceitar isso. Ela gosta de canto, mas não de bater palmas. No início só havia órgão, depois introduziram a orquestra. Maria Eugênia só gosta quando tocam músicas suaves pois não gosta de gritos. Na Bíblia está dito: “Louvai ao Senhor com todos os instrumentos. Mas é preciso saber como”.

Dona Eugênia lembra que o presbiteriano se vestia decentemente, diferente do católico. Hoje em dia, está tudo do mesmo jeito. Para ela, deve-se andar com decência e com ordem, porque o corpo é templo do Espírito do Santo, não é para ser exposto ao escândalo. Segundo Dona Eugênia, quando uma pessoa se veste com exagero, desperta pensamentos maldosos em outras pessoas. Para Maria Eugênia, sua mãe, Rita de Melo Sales foi uma pessoa íntegra, fiel e batalhadora da Igreja, uma cristã correta, verdadeira cristã, até na maneira de se vestir.

Maria Eugênia gosta de ouvir os sermões do Pastor Otoniel Martins, não o considera um ídolo, e sim, um Pastor fiel que ensina muito bem como professor da Escola Dominical. O homem ensina com tanta clareza que todo mundo compreende, completa Maria Eugênia.

Para Maria Eugênia todos devem ser obedientes a Deus e confiar Nele, pois é Ele quem oferece amparo nos piores momentos. Quando ela recebeu a notícia da morte de seu marido e do filho, ajoelhou-se e pediu a Deus, que a fortalecesse para suportar o que estava sentindo. É Ele que a tem sustentado até hoje, nunca a desprezou. Ela ficou sem marido, com dez filhos, mas Deus a orientou. Sem recurso porque o que tinham era lá do interior, de lavoura, mas Deus não a desamparou. Ele não lhe faltou um minuto sequer na vida. É por isso que ela O exalta e O louva pela Sua grandiosa bondade.

4.9 Meu pastor é Cristo e a minha Igreja está no céu me esperando

Filha de Francisco Rodrigues de Lima, o seu Chico, e Francisca de Sousa, dona Cotinha, Maria Eudenir de Sousa Lima, conhecida hoje como dona Neném, aos dez anos de idade morava na Avenida João Pessoa, em frente ao Colégio Salesiano. Seu pai era dono de um açougue e o movimento dele era todo sobre gado. Ele vendia carne para navios, era o seu serviço. Eles moravam em uma casa muito boa, muito grande.

O convívio familiar era muito bom, muitos irmãos. Seu pai tinha uma exigência: todos os filhos tinham que estudar pela manhã e fazer os deveres de escola no período da tarde. À noite, todos se reuniam, jantavam e se divertiam na calçada. Ficavam brincando os meninos com os meninos e as meninas batendo papo, conversando com as amigas. Como todos moravam perto, as amigas ficavam batendo papo até às vinte e duas horas, que era o horário de toda família ir dormir naquela época. A vida cotidiana das famílias que avizinhavam à família de Francisco Rodrigues de Lima, pai de Maria Eudenir, acontecia na tranquilidade do bairro da Gentilândia, bucólico e pacato.

Das amigas, tinha a Euzerice, que foi professora muitos anos, filha do professor Maia, a Eridam, a Eunice, que ainda chegou a fazer curso universitário e depois foi representar o Brasil no Itamarati. A irmã de dona Neném, a Maria Zenir, casou-se com Geraldo Gadelha e veio a ser a mãe do Prof. Agileu. Ela tinha outra irmã mais velha, a Nadir, já casada nessa época e com filhos.

Na hora do jantar, a família se reunia em volta da mesa grande de oito lugares. O pai sentava-se à cabeceira, a mãe e os filhos tomavam assento nos outros lugares. Faziam as orações para as refeições e todos jantavam e conversavam na maior alegria, no maior entrosamento que podia existir numa família. Um hábito familiar que perdurou por toda a adolescência de Maria Eudenir.

Seu pai era muito católico, mas nunca interferiu no fato de sua mãe ser presbiteriana. Quando Maria Eudenir nasceu, sua mãe já pertencia à

Igreja Presbiteriana. É tanto que todos os filhos foram criados na religião professada pela mãe, na Igreja Presbiteriana de Fortaleza.

No colégio, era aquela turminha alegre. De volta para casa o grupo de mocinhas caminhava pela calçada, brincando e conversando, principalmente sobre cinema, todas alegres e satisfeitas da vida. Antigamente, amizade era amizade e o divertimento entre colegas de colégio compreendia os passeios entre suas casas e o colégio.

Na rua e no colégio, Maria Eudenir tinha muitos amigos. Eles eram aqueles rapazinhos irmãos das meninas, que tomavam parte de suas brincadeiras, geralmente com bonecas. Ela era danadinha, gostava de brincar de cabiúlinha também. Gostava muito de cinema, e só ia com o pai ou irmãos. Em sua casa não havia restrições ao cinema. Nem com amigas ela saía para esses cantos, era só com seu pai e irmãos. A família freqüentava o cinema Benfica, que era gerenciado pelo Jandir Machado, um rapaz do correio, irmão de Estela. O cinema era um grande divertimento, porque ninguém tinha outra coisa para fazer, era o máximo. Ela sonhava com os artistas, achava aquilo muito bonito, o cinema mudo. Ia muito ao cinema porque nessa época não era proibido, só passava filme familiar. Os filmes eram tão ingênuos que não existia proibição, censura. Mas ela sabia que era coisa profana, pois sua mãe ensinava isso.

Os primeiros estudos de Maria Eudenir foram realizados no Colégio Santa Cecília, que ficava na Avenida João Pessoa, perto de onde hoje é a Reitoria. Era um colégio muito grande e a diretora se chamava Almerinda. O colégio era particular e nele trabalhavam algumas irmãs e sobrinhas da diretora.

Quando Maria Eudenir chegou ao terceiro ano, ela foi para o Colégio 7 de Setembro, onde concluiu o curso primário e cursou a primeira série ginasial. O 7 de Setembro era em uma casa grande e antiga, localizado na Rua Floriano Peixoto, onde é hoje o Banco Bradesco. O colégio era propriedade do professor Edílson Brasil Soares, presbiteriano, e considerado um dos melhores colégios de Fortaleza. De volta ao colégio Santa Cecília, concluiu o ginasial.

Eudenir gostava muito de estudar. Era a melhor coisa da vida para ela. Era muito danada, mas muito estudiosa. Brincalhona, levava tudo na brincadeira, tudo para ela estava bom, não tinha problema na vida, tinha pai, mãe, irmão, tudo o que queria.

Foto 32 - Maria Eudenir em sua formatura, em 1960



Fonte: Acervo de Maria Eudenir

A fase de namoro começou entre os doze e treze anos. Teve uns flertezinhos, mas não era namoro, só olhava para os rapazinhos. Ela ia às festas com seu pai, só saía com ele. Ia ao Maguary ou então ao Clube Gentilândia, que também era próximo a sua casa. Ela achava muito bom ir às festas nesses dois clubes.

Os irmãos eram por demais unidos, ainda hoje são, apesar de só restarem dois, ela e a irmã mais velha. São só as duas, agora. Seu pai morreu primeiro e quando ele morreu, e quando isso aconteceu, marcou-lhe muito. Foi uma perda irreparável, principalmente para ela, a filha mais nova e mais apegada a ele. A sua morte não trouxe revolta para o lar de Eudenir, todos aceitaram porque a vontade de Deus sempre foi predominante, prioritária para eles. Sempre a vontade de Deus foi aceita por todos com muita humildade

A morte de sua irmã Zenir também foi dura para ela. Elas não eram somente irmãs, eram também muito amigas. Ela tinha em sua irmã uma amiga e ainda hoje sente a falta dela.

Depois da morte de seu pai, Maria Eudenir ficou responsável pelas obrigações da casa. Tinha um irmão que morava no Rio, um dos mais velhos, mas foi ela quem passou a dirigir a casa. Sua mãe ficou muito abalada, e depois da morte de Maria Zenir, a filha do coração dela, as coisas pioraram. Sua mãe era uma pessoa muito sensata, muito ajuizada, que se casou muito jovem e muito jovem constituiu família. A falta dos dois deixou-a abalada e sem ação. Maria Eudenir aprendera muito com a mãe e a irmã Zenir.

A primeira vez que foi levada à Igreja, Maria Eudenir tinha uns cinco ou seis anos, no púlpito estava o Pastor Natanael Cortez, para ela um homem simples e culto. Ela não tinha noção de nada. Dentro de casa, tinha direção porque todos os dias fazia o culto, era uma obrigação. Mas o primeiro dia de Igreja foi uma alegria, cantar hinos, ler a Bíblia, fazer oração. Com cinco anos, ela já ia para Igreja, já era crente, hoje se diz evangélica, mas naquela época, diziam “fulana é crente”.

Quando sua mãe realizava reuniões com crianças em sua casa, para falar da Bíblia, o padre da Igreja dos Remédios mandava os meninos jogarem pedras. Depois da reunião, os mesmos que jogaram pedras vinham se juntar ao grupo para brincar, sem problemas nem preconceitos. Se não fosse o padre, não haveria pedras. Mas as crianças não gostavam de ser chamadas de protestante, elas ficavam chateadas. Protestante é aquele que protesta, mas ninguém estava protestando nada, criança não protesta, este é o pensamento de Eudenir.

Não era costume sair para passear com as amigas católicas, a justificativa era que seu pai não deixava. Não era questão de religião, era porque seu pai realmente não deixava a filha fazer programa, “passar dia fora”. Só viajavam com ele, mesmo nas férias. Nas férias, seu pai alugava casa na Praia de Iracema e levava toda a família, passavam um mês por lá. Aos domingos, não iam à praia, era dia de ir à Igreja, de manhã tinha a escola dominical, de noite o culto, não tinha passeio.

Das festas juninas Eudenir gostava muito de quadrilha, achava bonita, mas nunca dançou, não gostava. Do carnaval gostava, amava, dançou muito, contra a vontade de sua mãe.

A Gentilândia era um grande bairro, muito familiar. Apesar de ser muito grande, todos eram amigos. Morava-se numa rua e conhecia gente lá

da outra, diz ela. No Clube Gentilândia, juntava aquela moçada todinha para dançar, para brincar carnaval, para as tertúlias.

Na Igreja, seu comportamento era exemplar, nunca foi advertida. Até hoje seu comportamento é discreto e o melhor que pode. Quando ela começou a brincar o carnaval, afastou-se da Igreja, pois achava que não estava certo. E sua mãe dizia que ia participar à igreja que ela estava na festa de carnaval. Então, ela não entrava em comunhão e quando retornou à Igreja, largou tudo, carnaval, festas. Foi logo que seu pai morreu. A última festa de carnaval que freqüentou foi no Rio de Janeiro, quando morava lá. Quando retornou à Fortaleza, sentiu que aquilo já não era mais um divertimento, tinha virado baderna. Como não havia sido criado dessa maneira, por vontade própria voltou à Igreja.

Sua mãe nunca gostou de administrar nada. Ela casou-se com treze anos e com treze anos e nove meses já foi mãe. As cunhadas era quem dirigiam a casa, a Nadir logo cedo assumiu. Sua mãe era muito bonita, muito vaidosa, andava sempre muito alinhada. Ela faleceu na Cidade 2000, lá onde mora Eudenir. Mãe e filha nunca se separaram, só quando ela morreu.

Eudenir é solteira e ama ser assim. Não casou por vontade de Deus, porque namorou muito, foi noiva duas vezes, mas não constituiu família. Diz não ter outra família a não ser Ele. Não ter angústia por isso, não saber o que é solidão e que tem uma família muito presente.

Sobre a Igreja Presbiteriana, Eudenir diz estar muito satisfeita embora reconheça que há coisas erradas. Para ela, tem a hipocrisia que existe em todo o canto, mas existe também a sinceridade de coração. Só Deus julga, ninguém pode julgar ninguém. Mas as pessoas só sentem isso quando vão vivendo, aprendendo as coisas certas e erradas.

Seu lema é: “meu Pastor é Cristo e a minha Igreja está no céu, me esperando”, assim, ela freqüenta a Igreja Presbiteriana Central, a Presbiteriana da Aldeota, e para ela todas são a mesma coisa.

Quando ora, acredita estar falando com Deus e que não há coisa melhor. Sempre foi feliz, muito feliz. Todos têm alegrias e tristezas porque são humanos. Ninguém vive eternamente alegre e nem eternamente triste. Às vezes, abala-se. Recentemente perdeu o último irmão e isso foi um abalo

muito grande. Todo irmão ou sobrinho que perde, é uma dor muito grande que sente no coração, fala Eudénir, com tristeza.

Para ela, a morte é a continuação da vida eterna porque todos vão se encontrar com Deus lá no céu e essa é a esperança de todo presbiteriano, pois está escrito na Bíblia. O corpo volta para a terra de onde veio e o espírito volta para Deus. Ele não vai deixar o Espírito vagando, sofrendo, procurando corpo para voltar para a terra. O homem foi criado como está na Bíblia. Deus criou o homem porque fez o mundo e achou que deveria criar o homem para povoar a terra. Então, Ele fez o homem e nele deu o sopro da vida que era o espírito de Deus no homem. Nós somos a imagem de Cristo. Ela não acredita no que a ciência diz, que o homem veio do macaco.

Desde os dezessete anos que ela lê a Bíblia, é um dever do presbiteriano para com Deus. Ao pedir a Deus, Ele atende, Ele abre a porta, buscai e achai, se você busca, você encontra, este é o seu pensamento.

Ela nunca vestiu mini-saia, sempre se vestiu discretamente. Na Igreja procurou sempre se vestir mais discretamente, em respeito ao templo, ao templo de Jesus, local de respeito e paz.

Sua adolescência em Fortaleza foi muito boa. Antes se vivia muito tranquilamente, tanto que, normalmente, às dez horas da noite as famílias já estavam todas recolhidas, não tinha negócio de rua, a não ser que fosse algo excepcional.

Da época da Segunda Guerra, ela lembra muito pouco. Lembra que foi uma luta tremenda, que passou privações e restrições. Nesse tempo, conheceu muitas moças “coca-cola”, mas não chegou a ser uma delas.

Deus te livrou porque o seu pai morreria. Não se apaixonou por americanos, graças a Deus, porque sempre foi muito brasileira. Não sabe porque o brasileiro tem muita mania por americano.

Em 1961, ela foi ao Rio de Janeiro passar umas férias e lá ficou por alguns anos. Seu pai já havia morrido. Lá, foi correspondente de uma companhia alemã, Doks, durante mais de quatro anos. Fazia correspondências para as filiais em Recife, em Porto Alegre e em São Paulo. Trabalhava, fazendo as correspondências sobre encomendas de materiais. Depois foi trabalhar com seu irmão, com revistas sobre leis. De volta à

Fortaleza, trabalhou como técnica de raio-X, com o Dr. Raimundo Denísio do Nascimento, um grande radiologista aqui.

Quando de sua entrada para a Igreja, o pastor era o Dr. Natanael Cortez, que foi substituído pelo Alcides Nogueira. Tinha também o reverendo Bezerra Lima, uma pessoa forte, moreno, simpático, agradável. Ele era do exército, mas andava como civil. Outras pessoas pertenciam à igreja, alguns presbíteros como o Edílson, Juarez Brasil. Tinha também o George Cavalcante, os Cortez Brasil eram as figuras principais na igreja.

Das amigas, tinha a Júnia, a Elina, que foram professoras. Entre as Castelo Branco, tinha Eunir, Eudanir, Erilce Maia, a Dione, Ione, todas da sua época. As senhoras mais importantes eram a Nancy, dona Nina, Maria do Carmo Mota, a Elélia. A dona Nina, esposa do pastor, mandava muito, mas era muito simpática, agradável, tratava todo mundo muito bem, dava-se muito com Nadir, mãe de Maria Eudenir.

Foto 33 - Eudenir e irmãs Zenir e Nadir, em 1945



Fonte: Acervo de Maria Eudenir

O pastor Natanael era uma pessoa muito importante, dava entrevista, seu nome saía sempre em revista e em jornal. O George Cavalcante também foi presbítero da Igreja, ele era uma grande personalidade na Igreja. Era um alto funcionário e vivia metido com negócio de política. Tinha também o Alcides Nogueira, que era alto funcionário do INPS, IAPC nesse tempo.

Eudenir não visitava a maioria dessas pessoas em suas casas, porque fora da Igreja seu núcleo era diferente. Eles eram da alta sociedade e as de seu grupo eram mais simples. Dentro da Igreja, entretanto, todos eram iguais, tomavam parte das mesmas brincadeiras, das mesmas manifestações, das mesmas recepções da Igreja. Independente disso, Maria Eudenir nunca teve amizade profunda com alguém.

Todos eles moravam na Aldeota. Era um bairro metido a grã-fino e Eudenir morava na Gentilândia, bairro mais popular. Ela, entretanto, achava lá uma maravilha. Quase não freqüentava a Aldeota, sua vida circulava mais no Centro, Gentilândia e Benfica. A Aldeota era um bairro grã-fino, com gente metida a grã-fina. Para ela, grã-fina é a pessoa de dinheiro, que vive na alta sociedade.

Alguns deles também moravam no Jacarecanga, que também era um bairro importante. Lá ficava o Liceu onde seus irmãos estudavam, naquele tempo um dos melhores colégios da cidade, e era público, mantido pelo Governo do Estado. Eudenir fez o 1º e o 2º ano científico no Liceu do Ceará, em 1959 e 1960, respectivamente. Em 1961 viajou para o Rio de Janeiro. Lá estudou, fez o curso de secretária, que antes era chamado de arquivista, trabalhou, na maioria das vezes como caixa.

Foto 34 - Colégio Estadual Liceu do Ceará, 1945



Fonte: Acervo de Maria Eudenir

Lá no Rio de Janeiro, freqüentou a Igreja Presbiteriana de Copacabana, mas nunca se dedicou com profundidade porque já estava um pouco afastada.

Um fato que chocou muito Eudenir foi a separação da Zoely com o esposo e da Nancy Cortez com o filho do pastor, o Nataniel Cortez, esse porque foi escandaloso, eles mesmo criaram a confusão, foi muito falado. O caso da Zoely, disseram que ela tinha largado o marido por outro, pelo governador aqui do Ceará, o Plácido Castelo. Quando Zoely se separou tinha dois filhos. Diziam que o marido não fazia nada, não dava nem o dinheiro para o leite dos filhos. Ela viveu com Plácido Castelo até a morte dele. O ex-marido de Zoely era um membro da Igreja mas não tinha nenhuma projeção. Ele ainda está vivo.

O caso de Nataniel Cortez e Nancy foi ela mesma quem disse que o enganou, ela mesma contou para Eudenir, durante uma viagem que as duas fizeram para um sítio da Nila. Ela contou que o marido era muito ruim, que até batia nela. Eles já viviam afastados um do outro, o pai era pastor, mas toda a vida eles foram desorientados. Até o Eldir, filho do pastor, já com a segunda mulher não era lá essas coisas.

Por esses escândalos e pela própria condição de ser presbiteriano, os católicos falavam muito do pessoal da Igreja Presbiteriana, metiam o “malho” como se diz na gíria. Bastava sair alguma coisinha da Igreja, falava mesmo, hoje é que estão falando dos padres, mas de primeiro era tudo acobertado, tinha mais padre que pastor, os católicos abafavam.

Eudenir sempre teve amizade com os padres. No colégio Santa Cecília, o seu professor de língua era padre. Ele sabia que ela era crente, mas não se preocupava com isso. Seus amigos de outras religiões, os vizinhos, e até mesmo os padres com os quais ela mantinha amizade não discutiam religião, pois o seu pai não admitia discussão por causa de religião.

Era essa a sua vidinha, amiga de todos, freqüentava tudo, a reunião de jovens quando era jovem. Na união de jovens presbiterianos e de moças presbiterianas, sempre tomou parte. Ainda hoje ela faz parte da associação auxiliadora, que é das senhoras da igreja.

Ela foi criada do jeito, que o domingo sem a escola dominical, não era domingo. Vivia esperando que chegasse o domingo, ainda hoje ela tem isso, se arruma toda prontinha pela manhã e de noite, para ir à igreja

Para Eudénir a coisa mais importante na vida é ser fiel a Deus, procurar agir como verdadeiro cristão, obedecer à palavra de Deus, amar indistintamente todas as pessoas, viver em harmonia, procurar ser o melhor, porque Deus assim exige.

4.10 Vendo nascer uma Igreja

A família de Vicente de Matos Sales, de Uruburetama, era constituída pelo próprio Vicente, sua esposa, Rita Olinda de Mello, filha do tenente Assis, e mais doze filhos: Clóvis, Adelaide, Francisca, Nancy, Maria Eugênia, Georgina, Francisco, Tabajara, Enóe, Milca, Haidée e Josefa. Francisca, Haidée e Jorgina já morreram.

Josefa Sales Falcão, uma das nove filhas do casal, nasceu em 1910, em Uruburetama. Seus pais moravam em uma fazendola chamada Mundo Novo, de propriedade da família, localizada no Riacho da Sela, atual município de Umirim. Com dois anos Josefa foi para o Severino, sítio de seu bisavô, em Uruburetama, onde passou toda a sua infância e parte da adolescência. Um sítio muito grande que foi transformado, com o passar do tempo, em um arraial. No sítio tinha muitas frutas.

Seu pai não era católico, ele era filho de católico como toda a família brasileira de sua época, mas não adorava imagem. Essa imagem de pau, de pedra, ele não adorava. Adorava o único Deus do Céu e os seus santos, mas o único de adoração era Deus. Ele não fazia questão de religião nenhuma, apenas tinha aquela convicção, que passou para a família.

Sua mãe era católica, mas não beata. Tinha os santos porque sua bisavó deixou algumas imagens muito bonitas, de todo o tamanho. Sempre guardadas naqueles oratórios, frente do qual sua bisavó, de joelhos, rezava todos os dias. Sua mãe, ao contrário, não gostava de rezar em casa. Embora casada na igreja, não era sua freqüentadora assídua.

Todas as irmãs de Josefa se casaram com católicos, exceto Francisca, a mais velha. Quando ela se casou, toda a família já havia se convertido ao presbiterianismo. O noivo dela morava em Córrego Fundo, no município de Trairi. Lá tinha uma grande congregação e Josefa participou dela por muito tempo. Foi o reverendo Manoel Machado quem a levou para lá.

Josefa não foi à escola regular porque estudou com as irmãs no arraial enquanto moravam lá. Quando ela começou aprender a ler, tinha uma professora em casa. Depois de alfabetizada, passou a estudar com a irmã mais velha, a Adelaide, que havia estudado o primário em Uruburetama. Adelaide, conhecida entre os presbiterianos por Dezinha, era a enfermeira daquela serra toda, onde podia andar. Mesmo durante a noite, vinha gente e Dezinha atendia a todos que a procuravam, ela tinha sempre um remédio para debelar qualquer dor.

A Igreja Presbiteriana do local, naquele tempo, foi instalada na casa de seus pais, no Severino e outra na casa de seu tio, na vila em Uruburetama. O catolicismo naquele tempo era muito duro, muito ignorante. Eles colocavam apelidos nos presbiterianos, e “bode” era um deles, porque os membros dessa igreja cantavam muito.

Havia um padre na família Sales Marques, chamado Aureliano Matos, que era do tempo de seu pai. A ele, seu pai pedia sempre que por caridade não cobrasse o batismo do pessoal pobre, e o fizesse de graça.

O Padre Aureliano Matos, educado, compreendendo o modo de pensar do outro, respondia que era a norma da igreja. Mas Vicente, pai de Josefa, refutava que estava errado e que não agisse daquela forma.

Outro episódio a esse respeito aconteceu entre seu pai e o Padre Aureliano. Vicente estava trabalhando no altar, ajeitando umas coisas, quando apareceu uma senhora com o filho morrendo em seus braços. Ela veio implorar para o Padre batizar a criança para que ela não morresse pagã. O Padre recusava-se, pois a mulher queria São João e Nossa Senhora como padrinhos.

E o Vicente ficou indignado perguntando porque o padre não aceitava.

O Padre, já zangado com aquela situação falou mais alto ainda, que o pai de Josefa então pagasse:

Vicente disse ao padre que não pagava, pois não ia vender os sacramentos que Deus deixou para nós. Que ia para igreja e como filho de Deus, tinha o mesmo direito que o Padre tinha de batizar. Foi lá e batizou o menino em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, jogando água benta.

Quando adolescente Josefa gostava muito de ler, era o seu único divertimento. Lia romances. Leu O Conde de Monte Cristo e muitas outras histórias, lia também a Bíblia. A biblioteca de seu bisavô, que ficou para a família, tinha muitos

livros intelectuais, bestsellers, livros antigos e outros tipos de livro, pois ele era preparado e intelectual.

Quando começou a ler a Bíblia, ela tinha dez anos. Chorava porque não tinha idade para fazer profissão de fé, para ser membro comungante. Foi um martírio para ela quando o reverendo Manoel Machado veio pela segunda vez ao sítio. Quando ele examinou as pessoas que queriam se tornar membros comungantes, Josefa não saiu de seu lado, sempre chorando. Seus pais pediam para ela se calar, parar de chorar, pois quando completasse doze anos se tornaria membro comungante. E ela dizia que só queria se fosse naquela hora, porque já havia entregue seu coração a Jesus. Que era de Jesus.

Aí o pastor ouviu e perguntou porque aquela menina tanto chorava e falava em Jesus. Mandou a menina ir até ele e perguntou se ela queria, e porque queria fazer profissão de fé.

Então Josefa respondeu-lhe que conhecia Jesus e que havia dado a Ele seu coração, querendo que Ele entrasse no seu coração.

Ela achava que só tinha comunicação com Ele quando fosse membro, quando fizesse o juramento ali, mas ela só tinha dez anos, e então o pastor disse ao Vicente que iria fazer uma sabatina com ela.

Ele abriu a Bíblia na epístola de Romanos, que é muito teológica. Todas as perguntas que ele fez, as mais fortes, ela dizia: “eu creio, eu compreendo tudo isso”. Então ele disse que conhecia a sua firmeza, mas que ela ainda era muito nova, tinha que lutar muito porque a juventude era muito perigosa, todavia podia vencer tudo com o seu conhecimento e não perdê-lo. Chamou seu pai e falou que eu ia fazer a profissão de fé, e ia ser membro comungante, mas que ficasse ciente de que ela nunca ia lhe dar o mínimo trabalho.

Sua adolescência foi muito boa. A primeira pessoa a se apaixonar por ela foi João Coelho, comerciante do arrabalde vizinho e o Severino, que era do Ipu. Ele era mais idoso e ela deveria ter uns quinze anos. O segundo namorado também não deu certo, depois veio um primo legítimo da sua mãe, o Idalino. Esse era bonito, um rapaz velho, nunca casou. Bem alvo, corado, olhos azuis. Josefa trabalhando, fazendo renda numa grade e ele na outra. Ela o chamava de “corujinha”. Ela tinha pena porque, nesse tempo, já mocinha, ele ficava acolá e ela não queria.

Foto 35 - Josefa Sales Falcão, em 1932



Fonte: Acervo de Josefa Sales Falcão

Ela teve alguns outros pretendentes. Tinha muitos primos, muitos rapazes aqui em Fortaleza também. Quando o preferido chegou aqui, ela trabalhava na Igreja. Aí, veio um pastor batista visitar a Igreja. Já havia a Igreja Batista nessa época. Ele veio e foi para a Igreja procurar uma esposa, uma moça para se casar. Não sabe por que ventos ele começou a dar mais atenção para Josefa. Ela falava com ele, brincava e tudo, mas não lhe dava esperança. Aí veio uma senhora, daquelas que gostam de uma fofuquinha, falando que o pastor tinha vindo procurar uma noiva e parecia que estava simpatizando com ela.

Ela respondeu que não queria, agradeceu e disse que quando quisesse um marido, procurava.

Quando da fundação da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, o Albino Farias foi um dos seus primeiros organizadores. Ele e a esposa, Dona Virna, andavam passeando na cidade e ouviram um missionário falando no Passeio Público, que era o chique daqui. Eles ouviram aquelas pessoas cantando e falando e foram assistir. Lá, eles aceitaram o evangelho. Daí vem a primeira organização da igreja presbiteriana. O esposo de Josefa era genro do doutor Albino e conviveu com a esposa dele. A esposa do doutor Albino ensinou muitos hinos para Josefa, que cantava com o coro da mocidade. Para Josefa, dona Virna era uma verdadeira serva do Senhor, não era orgulhosa não.

Josefa casou-se em 1940. Ambos ainda jovens, ele mais velho que ela uns três anos e era o seu segundo casamento. Quando fizeram 45 anos de casados, bodas de Rubi, realizaram uma grande festa na Igreja, vontade

do marido. Ele queria fazer a de ouro, mas teve problema no coração e passou dezessete anos doente. Na Igreja ele tinha privilégio, não por ser filho do doutor Albino, mas por fazer parte dos primeiros organizadores da IPI.

Eles se conheceram na Igreja Presbiteriana, onde ele era diácono desde novinho. O namoro teve início em um passeio, na lagoa do Jangurussu. Nesse dia, foi um bloco de moças e rapazes e um dirigente da igreja, o doutor Rodolfo, tomar banho no açude. Mesmo sem saber nadar, Josefa acompanhou as outras moças ao banho de açude. Depois de avançar açude adentro, sentiu que lhe faltava terra nos pés e gritou para Maria Alice que estava se afogando.

Seus gritos chegaram às margens do açude.

Alguém perguntou quem estava pedindo socorro e disseram que era a dona Zefinha, que iam ajudar dona Maria Alice a tirá-la de lá.

Maria Alice foi, depois o Rodolfo e o Valdir vieram. Os outros disseram que o Davi correu para salvar a Zefinha. Ele não a salvou, mas pediu para uma pessoa tirá-la, assim teve início o namoro.

O namoro transcorreu muito naturalmente. Não era como os namoros de hoje, de agarramento e outras coisas mais, era só de beijar no rosto, na mão. O natural era na mão, pegar na mão e tudo, mas passar a mão, não, revela Zefinha.

Os dois iam ao cinema na Avenida do Imperador, iam também ao Teatro José de Alencar. Tiveram cinco filhos: duas mulheres e três homens, todos vivos até hoje. Zoênio Falcão, casado com a grande estilista de cabelo, a Herbênia. Seu nome foi dado em homenagem ao doutor Gueiros por causa dos filhos dele, Zoênio e Enio. O Zuinglio, em homenagem ao Zuinglio, um dos reformadores da época da reforma. Débora, que também é bíblico, foi uma grande profetiza do Velho Testamento. Evangelina foi um livro evangélico que Josefa leu sobre o dízimo.

O marido de Josefa morreu de infarto em 1988. Sua morte foi recebida por ela com muita alegria, pois sabia que um vai e o outro tem que ficar, sabia que ele estava indo para presença de Deus. Antes de morrer, ele havia tido quatro infartos e sete trombozes durante o período dos dezessete anos da doença. A dedicação da esposa, indo ao Hospital São Raimundo e

passando lá de quinze a vinte dias com ele, sem deixá-lo sozinho uma noite sequer, demonstra o carinho e o amor que ela sentia pelo marido. Ele na cama, às vezes na UTI, Zefinha sempre ali perto, sentada em uma cadeira de descanso.

O último infarto de seu marido se deu às quatro e meia da manhã. O Zuinglio, seu filho mais novo, que trabalhava no BNB e saía à meia-noite do trabalho, ficava no hospital em companhia do pai enfermo e da mãe até de manhã. Naquele dia, ele chegou às vinte e três horas e viu o Davi, que estava alegre, rindo e disse para a mãe que não ficava ali.

Ele não viu, não quis ver o pai, disse que era para não perder a imagem dele vivo e foi embora. Isto já passava das três horas. Para confortá-lo, Josefa falou que ele estava bem, conversando, falando com ela e tudo.

Mesmo assim, o filho saiu, não agüentou aquela situação e não ficou por nada. Então o marido pediu para chamar as meninas, mas ela não chamou ninguém, ficou sozinha com ele, presenciando tudo.

Quando ela chegava à cama e se sentava, a primeira coisa que ele fazia era por a sua mão sobre a dela. Numa das vezes, ele não fez isso, e ela perguntou se ele queria que ela cantasse um hino ou que ela colocasse sua mão em cima da dele. Então ele fez um sinal de consentimento. Com carinho Zefinha perguntou o que ele estava sentindo e se ele queria que ela cantasse aquele seu hino.

Aí ela cantou um hino de que ele gostava muito, cantou todinho. Nisso, aproximou-se um dos alunos residentes, que daria plantão naquela noite. Esse rapaz chegou, pegou a mão de Zefinha e pediu que ela fosse lá para fora um pouco, que o deixasse ali com o seu marido. E, com gestos bruscos, levou-a até à porta de saída do quarto onde estava o doente. Não gostando daquela atitude, Zefinha perguntou o que ele estava achando diferente em seu marido, já que ele estava com bom aspecto, sorrindo de satisfação. Ela insistiu na conversa com o médico, dizendo que já havia orado e cantado para ele.

Como o futuro médico não respondia, ela perguntou se o marido estava morrendo. Ela queria uma resposta, pois estava bastante aflita. Sem responder, o sextanista de medicina fechou a porta e se dirigiu ao doente.

Alguns minutos depois Zefinha foi chamada e comunicada que o esposo havia falecido. Revoltada, ela reclamou que ele não devia ter feito aquilo com ela, como estudante de medicina e amigo que era, não podia ter feito aquilo já que não era pessoa de dar escândalo, pois sabia que o seu marido já estava com Deus. Aí, ele confirmou a morte do marido dela.

Ela não derramou uma lágrima sequer. Sabia que ele já estava na presença de Deus porque ele riu, mandou cantar o hino dele e pediu para fazer oração. Ele era uma pessoa convicta.

Durante toda a sua vida, Zefinha pertenceu à Igreja Presbiteriana Independente e ainda hoje pertence. De lá, ela lembra de Albaniza Brasil e de algumas outras companheiras da mocidade presbiteriana, que o tempo tratou de esconder os nomes em sua memória mais profunda.

Foto 36 - Josefa Sales Falcão, em 2005



Fonte: Acervo de Josefa Sales Falcão

Josefa sempre pede a Deus que a sua família não fique fora do evangelho. Para ela criar família foi uma grande dificuldade, mas diz ter criado seus filhos perante Deus, ensinando a leitura da Bíblia a todos. Lamentando, diz que se o filho mais velho se desviou muito quando ficou maior, sofreu muito. Ele não bebia até ir trabalhar na Rede Ferroviária Federal - Refesa. Trabalhou muito fora e não teve a unção de Deus para encontrar a sua companheira. Pecou, não foi feliz, trouxe mais peso para mim porque teve um casal de filhos. Eu fiquei com o menino e a mãe dela com a menina. Graças a Deus, a neta é feliz, criou-se bem, educou-se e hoje já

tenho uma bisneta que talvez até já esteja formada. Elas não têm o evangelho, mas eu oro por elas. Meu filho chegou à lama, mas hoje é um verdadeiro filho, muito amoroso. Deixou a bebida e luta com sacrifício para se manter assim. É amigo da Bíblia e a lê, tendo convicção que só Deus é quem salva.

4.11 Não me sinto santo, mas quero viver uma vida santa

Raimundo nasceu em Aquiraz. Nasceu trabalhando nas lavouras, batendo tijolo, tirando barro para fazer tijolo, depois trabalhando em caminhão, sempre sem carteira assinada, trabalho avulso. Quando aceitou o Evangelho, já com 33 anos de idade, em 1957, vivia uma vida corriqueira, bebia, jogava, brincava, apanhava mais que açoitava. O Evangelho para ele foi um dom de Deus. Levava uma vida tão pregressa e de repente parece que entrou, transformou-se.

Foto 37 - Raimundo Custódio, em 1965



Fonte: Acervo de Raimundo Custódio

Sua adolescência foi bebendo, jogando, fumando, brincando, apanhando. Vivia com seus pais que também trabalhavam na roça. Seu pai, João Custódio do Nascimento, trabalhava na agricultura e também como pedreiro, algumas vezes trabalhava na construção. Foram onze filhos que o pai teve, mas hoje só estão três vivos: ele e mais dois. Desprovidos de capital econômico, cultural e social, a vida pouco lhe proporcionava. A distribuição desigual do capital justifica as diferenças de *estratégia* conduzida por cada ator social: como ele apreende as situações e se acomoda a elas, ou como ele se exclui.

A partir dos dezoito anos, foi morar na Aerolândia, bairro de Fortaleza. Aos vinte e sete, anos casou-se com uma moça do bairro Dias Macedo. Desse

casamento, nasceram dezenove filhos, hoje ainda tem treze: quatro mulheres e nove homens. Ao todo, foram doze homens e sete mulheres. Sempre foi casado com a mesma mulher com a qual ainda vive. Ela tem setenta e um anos e ele oitenta e um, a esposa é, portanto, dez anos mais nova que ele.

Raimundo Custódio teve outras mulheres em sua vida, ao todo cinco. Só teve filho com a última. Depois que passou a ser presbiteriano tornou-se fiel à esposa e continua até agora.

Seu casamento se deu na Igreja Católica. Ele já fez cinqüenta e quatro anos de casado, e suas bodas de ouro foram comemoradas na Igreja Presbiteriana. Para ele, o casamento é para sempre e sente misericórdia por aqueles que o desmancham.

Ele tem ainda duas meninas que não casaram, que moram com ele. A “reca” todinha já saiu de casa, cada um tem sua casa própria. Ele mantém boa relação com os filhos. Aos domingos, a família se reúne em sua casa, filhos e filhas, genros e noras, netos e netas, a casa fica cheia de gente.

Seus filhos participam da igreja. Tem um, o Eliezer, que é o caçula e não está freqüentando, mas trabalha, tem uma profissão. Ele faz alegria, é palhaço. É um menino bom, carismático.

Quem levou o Raimundo para a Igreja foi o Isaias Pinto, que é tio da mulher do Aurélio Teixeira. Eles eram donos de um curtume lá da Pedra Aguda onde se conheceram. O Isaias era do curtume, ele era químico. Raimundo foi trabalhar no curtume e o Isaias como era crente, começou a perguntar se ele era religioso. Então Raimundo dizia que era católico porque nasceu, se batizou e casou na Igreja Católica, mas na realidade ele realmente nunca foi católico. Mantinha-se na tradição sem ser fiel a nada. Bebia, jogava, fumava.

Entrou na Igreja da Sena Madureira, em 15 de setembro de 1957. Foi com um colega que era crente também e era meio surdo, o Luiz, que trabalhava no curtume. O Isaias mandou levá-lo lá, e quando ele lá chegou, ficou com medo de entrar, procurou lugar para sentar, mas não havia. Depois, uma menina o chamou e mostrou um lugar. O pastor era o Otoniel. No primeiro dia, ele não entendeu quase nada. A coisa era tão esplêndida que ele ficou com medo, tímido. Estava vestido com uma camisa azul que era de saco pintado, tinha 2 botões, portava uma carteira

de cigarros e uma caixa de fósforos. Sua conversão representou uma mudança de campo simbólico e religioso,³⁷⁷ que afetou completamente sua vida social.

Há cerca de dois anos, quando saiu da casa do Luiz, numa noite de sábado pra domingo, disse à sua esposa que no dia seguinte iria à igreja Presbiteriana, no Centro e que o Luiz viria apanhá-lo. Quando o Luiz chegou e perguntou se ele ia mesmo, o Raimundo respondeu que iria sim. Então sua esposa lhe falou contrariada que nunca pensou em se casar com um marido de uma religião amaldiçoada daquela. O Luiz quis saber o que a esposa do Raimundo estava falando, ele desconversou e foram para a Igreja.

A esposa do Raimundo ainda disse que não iria fazer comida para ele, e que quando ele chegasse que fizesse.

Quando saíram da Igreja o Raimundo estava muito alegre e muito feliz, doido para fumar, pois fumava duas carteiras de cigarro por dia. E para sua surpresa, quando chegou em casa, tinha carne de gado cozida, carne torrada, arroz, macarrão, um banquete.

Então, foi pela segunda vez à Igreja e uma terceira, Luiz perguntou sobre o seu vício e argumentou que se por lei, não existiam mais escravos, a princesa Isabel os havia libertado, não entendia porque o povo se tornava escravo do cigarro.

Se não tivesse um cigarro hoje, Raimundo pegava da coxia, no chão, acendia e fumava. Podia ser de um bêbado, de um tuberculoso... Quando Luiz terminou de falar, Raimundo ficou triste e disse que tinha fé em Deus que aquela era a última carteira que estava em seu bolso a partir dali nunca mais iria fumar.

Na volta para casa, quando subiu no ônibus, alguém disse que estava com vontade de fumar. O Raimundo falou que tinha um cigarro, mas não era bom. Então a pessoa disse que não queria saber se era bom, queria era fumar. Ele tirou o cigarro, ofereceu um, depois outro, deu uns seis cigarros. Aquele foi o último cigarro que fumou, mas ficou mais de vinte anos, sonhando que continuava fumando. Sonhava com o cigarro no bolso e tudo, via os crentes e ficava morrendo de vergonha.

Ele passou toda a vida trabalhando no evangelho. Começou a pregar alegre e satisfeito, pregava em praça pública, via pública. Passou três anos lendo a palavra

³⁷⁷ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

e estudando nas Igrejas. A sua leitura aprendeu na cartilha do ABC, em 1937, com treze anos, lá em Quixadá. Passou seis meses lá e veio para Fortaleza com a carta do ABC. Chegou e começou a estudar na carteira do ensino rápido. Quando estava estudando, alegre, Dona Maria, com 14 anos, apareceu na sua frente e ele falou que ia casar com aquela menina, não queria mais saber de leitura, não queria saber de mais nada.

Então, procurou namorá-la. Em frente à casa da Maria, moravam duas moças da sua idade e quando ele vinha do trabalho encontravam-se no mesmo terreno que elas moravam. Quando o Raimundo passava, as moças ficavam alegres quando o viam e queriam namorá-lo todas as duas. E a Maria um dia perguntou quando seria o casório, então o Raimundo respondeu-lhe que era ela quem sabia, porque ele não ia casar com nenhuma daquelas moças.

Passaram três anos namorando depois se casaram. Ela sempre foi honestíssima, trabalhadora de peso e medida. Custou a ir para a Igreja, passou mais de vinte e sete anos sem aceitar o evangelho. Aceitou no dia do aniversário dela quando os filhos foram pregar, o Custódio e o Almir. Ela aceitou e ficou no coração, não disse que tinha aceitado.

Dois anos mais tarde, o Pastor Otoniel disse que ela seria batizada em dezembro, pois agora ela era crente. Então ela confessou para o pastor que havia dois anos que tinha aceitado o evangelho em sua casa, mas não havia dito nada a ninguém, ficou só no coração.

Na Igreja, ele melhorou de todas as maneiras. Lá vivia entre pobres e ricos, sem exceção. Todos eles sempre o trataram igualmente, todos eles.

Quando achava que havia algo errado, falava para o Edson. O erro era o povo que não obedecia ao que estava escrito. Lá estavam chegando uns cabeludos e então o Edson perguntou se ele era daquele jeito. O Raimundo respondeu que quem era assim era Bíblia. A Bíblia diz que é desonroso o homem usar cabelo comprido. Tratando-se da mulher, é uma glória, pois o cabelo foi lhe dado e mantido em véu, mas para o homem, se alguém quer ser consciencioso, sabe que não temos esses costumes, nem a Igreja de Deus. Tinham também as pinturas na cobertura dos olhos. Em Jeremias, Capítulo 4, Versículo 30, onde está escrito: "No caso de uma pintura ao redor dos olhos, é preciso ler a Bíblia para poder então ver a coisa

direito”. Então, não era para se usar. Ele dizia que as pessoas eram passivas de tudo que não agrada a Deus, então, desagradando a Deus, não tinha nada certo.

Para Raimundo o que Deus disse ontem, diz hoje e eternamente. Quando as pessoas fazem algo que não deveriam fazer, estão perdidas. Por isso tinha que avisar ao povo. Agora, você avisando ao povo, não pode botar pra fora e deixar ele pra lá. De vez em quando, você tem que entrar com a doutrina, que é santa, para corrigir o povo. Tem que existir doutrina para sarar o povo porque o povo está sempre caindo, sendo tentado. Uma pessoa que abandonou a mulher por causa de outra, tem que ser disciplinada porque só pode hoje usar outra mulher quando a primeira morrer, senão, você entra em adultério.

Ele não tem constrangimento de pensar assim, embora pessoas altas da igreja pensem de outra maneira. Tem que falar que é para melhorar, tem que se ajeitar, senão, não vai melhorar nada, continua assim e Deus é quem perde. Ele fica perdido porque Deus perde um grande ser, uma grande alma que deixa de entrar na glória de Deus por não obedecer. Por isso passa para os que o ouvem, que crêem na palavra de Deus como está escrito. Então a situação é assim, assim, assim... Não pode ser ao contrário. Nem mais, nem menos, só pode ser isso. Não é radicalismo, é segurança.

Raimundo conheceu um dos homens mais fiéis da Igreja, o irmão diácono Hermenegildo, e que até agora, não houve mais santo que ele. Ele é um ser muito obediente a Deus a ao mundo, aos seus senhores.

Ele não se sente santo, mas quer viver uma vida santa. A coisa é fácil, fácilíssima. Basta obedecer às regras o mais possível que se possa, isso é santidade: obedecer, humilhar-se perante o Soberano. Devemos ser assim para glorificar e bendizer o nome do Senhor. Não é preciso estar no céu, para que isso aconteça, não tenha dúvida. Aqui não falta nada, tem tudo para você se manter cotidianamente e não existe céu melhor que esse. Se não tem angústia, você vive feliz, alegre, glorificando a Deus.

A esposa do Raimundo é crente e diz para as filhas e netos, depois que lhe falei sobre a desobediência, que então se for como ele diz, não vai ninguém pro céu. Então ele explicou que se continuar desobedecendo, não vai mesmo não. Não adianta você ir à Igreja a vida toda sem obedecer a Deus. Se você conhece tudo isso e não obedece, então não precisa ir à igreja.

Nunca foi rígido com os seus filhos. Tem três filhos homens e quatro mulheres, que não estão vivendo na Igreja. Ele e sua mulher freqüentam a Igreja lá no José Walter.

As pessoas o respeitam por ser crente, desde o início, mas até hoje ainda tem gente que procura os humilhar. Certa vez, estava descendo na Cidade das Crianças e passaram uns irmãos da Assembléia de Deus lá para o culto deles. O pessoal ficava chamando-os de bodes e ficavam berrando. Aí os irmãos paravam e diziam que eles eram os bodes porque estavam berrando.

Essa brincadeira de bode é zombaria. Isso partiu dos homens desonestos, sem fidelidade à regra, porque quem obedece, não faz isso, ele ama, coopera, ajuda.

Quando o Raimundo se converteu, sua família aceitou sem crítica. Quem o criticou foram os seus conterrâneos. Ele trabalhava nos tijolos no Aquiraz e quando ia passando do Eusébio para outra lagoa, tinha muitas pessoas da Assembléia de Deus que deram para ele o Novo Testamento. Sem ser crente, tinha medo porque o pessoal dizia que se esses hereges chegarem em suas casas, se pedissem água, desse numa ponta de uma vara de longe, não deixassem chegar demais, porque eles eram hereges.

O nome herege pra ele era um bicho do outro mundo, ficava com medo só de ouvir falar. Então, trabalhando, com um batedor de tijolo, ele o convidou para o culto. Ele foi a primeira vez e depois me deu outro Novo Testamento, pequeno. Raimundo começou a ler e encontrou o Pai Nosso. Olhou pra trás e disse para o povo que ali tinha um Pai Nosso.

Então, pregou o Evangelho ao seu povo. Agora os seus conterrâneos diziam que o Raimundo agora era um pregador do Evangelho. Diziam como crítica.

Já levou muita gente para a Igreja. Agora, levar é uma coisa e eles ficarem é outra. Uns ficam e outros não. Muitos ficaram.

Trabalhou na Igreja do Conjunto Esperança. A Igreja da periferia é melhor para os obreiros leigos. É bom chegar lá, pregar o Evangelho e deixá-los muito felizes com uma mensagem nova. Ele vai orar com a prática. Ora, pedindo a Deus que fale e lhe dê a palavra no abrir e fechar dos seus lábios, com aquela mensagem que está pregada para ser entregue.

Nunca achou diferente pregar em igreja de periferia ou de bairro elegante porque onde chega, é aceito. Quando chega, é uma felicidade tremenda. E aqui é a mesma coisa, treme todo mundo, é dom de Deus. Isso acontece com diversos irmãos, porque tem desses.

Já pregou muito, começou a pregar no Passeio Público, detrás do quartel general, que antigamente era aberto, na praça José de Alencar e na praça do Ferreira. Enfrentou muitos demônios tremendos na praça. Bêbados que vinham enfrentar a palavra e ele tinha que mandar se calar para prosseguir com a palavra. Os pregadores das praças são escolhidos. Por exemplo, ele foi escolhido pelo Saldanha da Igreja Batista. Outros obreiros pregavam na praça. Atualmente, está parado. Só está pregando o Evangelho lá no José Walter, por conta própria.

Tem medo de tudo que faz medo, só não tem da morte, que é a passagem da terra para o céu, que é lugar de alegria. A Bíblia diz que o céu não é bebida nem comida, é gozo e alegria no Espírito Santo de Deus. Então, que isso é uma coisa boa. O céu é essa coisa maravilhosa!

Raimundo sabe ler um pouquinho. Mas lê o Evangelho com facilidade todos os dias pela manhã. Ora, depois lê a Bíblia. Tem que orar porque o crente sem orações não tem vitória, argumenta Raimundo. A vitória do crente é oração. O Salmo 91 é o Salmo da proteção. A proteção daquele Salmo é só para os que habitam no esconderijo do Altíssimo, quem não habita, pode rezar, pode orar que não tem efeito nenhum, ficou só na leitura, porque é preciso habitar lá. Ele é o escudo para nos proteger a qualquer momento da nossa vida, onde quer que nós estejamos andando.

Para Raimundo, habitar no esconderijo do Altíssimo, você se entrega de corpo e alma ao nosso Senhor Jesus Cristo e tem certeza da sua situação, porque vai ter luta para chegar à vitória. O céu está aí pronto pra receber todos nós.

4.12 O povo do mundo não quer saber do evangelho

Laureano Mendes de Freitas e Francisca Pires de Freitas eram os pais de Maria Pires Gadelha. Ambos eram católicos até a década de 1940 e por influência de uns primos de sua mãe, que andaram na Tapera, pregando o Evangelho. A mãe de Maria Pires se

converteu ao presbiterianismo. Um dos primos era Sabino Pires. O avô de Maria Pires, Estevão Pires, nessa época também já era presbiteriano.

Os primos começaram a andar pela Tapera e pregavam na casa de Estevão Pires, mas quem morava lá era Sinval, filho de um tio de Maria Pires, o Horácio. A Tapera, nessa época, era uma tapera mesmo. Agora está mais decente, é tudo novo, mas naquele tempo, as coisas eram diferentes.

Antigamente, Maria Pires fazia renda, aliás, ainda faz. Quem ensinou foi a sua mãe, embora ela não gostasse desse trabalho. É que a maioria das pessoas que trabalha com renda não gosta, só faz para não ficar parada. O lucro é pouco, mas se fizer, vende bem.

Maria Pires tinha uns 14 anos quando começou a fazer renda para vender. Ela não conhecia quem eram os compradores, tinha uns que vinham às portas comprar, mas tinha também as venda na cidade de Aquiraz, pois as pessoas da Tapera não davam muito valor para a renda. Nesse tempo, a renda era linha fina, agora é grossa.

Quando criança, ela brincava de galamarte. Os brincantes colocavam um pau comprido no chão, faziam um buraco no meio e encaixavam outro pau nesse buraco. Uma pessoa se sentava na ponta e a outra na outra e deixava o bicho rodar. Havia também a brincadeira chavinha de ouro. Todos diziam: "*quem é que fez seu torto, é chavinha de ouro*". Aí cada um procurava um graveto, quem chegasse primeiro, ganhava. Essas brincadeiras aconteciam sempre no terreiro da casa.

Maria Pires sempre morou com seus pais, só saiu para casar. Ela tinha só dois irmãos e cinco irmãs: Adália, Jandira, Raimundinha, Conceição, Maria. Ao todo eram sete.

Os filhos das pessoas que moravam na Tapera nasciam todos em casa, não tinha médico. Só foi para o médico um filho que nasceu com o pé aleijado. Esse ela levou para Santa Casa. Às vezes, quando adoecia, levava para a cidade de Cascavel, pois Aquiraz era mais próximo, mas não tinha essas coisas.

Quando ainda mocinha, ia pouco a festas, pois nunca gostou de dançar. Nesse tempo, ela só ia para andar um pouco, nem namorar ela namorava. Só tirava linha, principalmente com um rapazinho que morava lá no Pial, que fica do outro lado do Rio Catu. Era o Antonio. O seu primeiro namorado ela conheceu na Tapera mesmo, era seu primo. Não namorava, só mandava recado. Ele não era da Igreja e ainda não é, assiste às vezes, mas agora ele teve um AVC.

Foto 38 A Igreja Presbiteriana da Tapera, construída em 1940 pelo pai de Maria Pires Gadelha, vista na foto, em 2006



Fonte: Fotografia tirada por Agileu Gadelha

Ela não se lembra quando foi à Igreja pela primeira vez, talvez na década de 30 ou 40, só tinha treze anos. Foi na época de um Pastor americano, o reverendo Rack. Depois veio Natanael Cortez. O americano falava muito arrastado, mas ela entendia. Apareceram outros pastores: o Ênio Cortez, o Raimundo Bezerra Lima. Este último era uma pessoa muito boa. Eles chegavam e ficavam na casa de sua mãe. Tinha só um jantar mesmo, modesto, carne, macarrão e arroz. Geralmente os visitantes não dormiam na Tapera, eles chegavam, pregavam o Evangelho e voltavam no mesmo dia, porém havia sempre redes suficientes guardadas para esses visitantes ilustres. Algumas vezes eles chegavam de carro, outras vezes de ônibus e o pai de Maria Pires mandava buscá-los a cavalo.

A família de Maria Pires não era rica, mas seu pai tinha mais que os outros habitantes do local. Tinha casa de farinha, cavalo, engenho de cana, boi, tudo isso. Toda a família trabalhava na casa de farinha, cevava a mandioca para fazer farinha. Ninguém era pago pelo trabalho porque era da família. Era farinha torrada, goma, tapioca. No engenho se fazia rapadura, que era vendida em algumas cidades próximas da Tapera, pelas Cajazeiras, mas também se vendia para as bodegas locais.

Maria Pires se casou em 1946, só no cartório. Não namoraram nem três anos. Foram morar primeiro no Iguape, porque o esposo tinha um cunhado que

botou uma bodega para ele tomar contar. Passaram pouco tempo no Iguape, uns três meses apenas. Depois voltaram para a Tapera e moraram com os pais de Maria Pires por poucos dias, até o marido alugar uma casa.. Ficava lá próximo onde hoje mora a Jacira e o André.

Foto 39 - Maria Pires Gadelha e esposo em sua residência na Tapera, 2006



Fonte: Fotografia tirada por Agileu Gadelha

Em 1947 nasceu o primeiro filho, uma menina. Ao todo foram 16 filhos e um aborto. Os três primeiros filhos ela descansou na cama de uma cunhada, fato não muito agradável para o casal. Então resolveram comprar uma cama. Todo ano era um filho, hoje tem ainda doze vivos, uma menina morreu com oito meses, outra com três e outra com vinte e dois dias de nascida. O último morreu com três anos, era o caçula da família. Foi muito difícil criar os filhos. A alimentação inicial era uma goma temperada com farinha. Não tinha as coisas sofisticadas de hoje. E as roupas eram pobres, sem fatura. Com a agricultura praticada no sítio, ganhava-se pouco. O marido resolveu colocar um ponto de abate de boi, para melhorar o dinheiro.

Maria Pires aprendeu a ler na Tapera, com uma professora de Baturité, que era a Janete. Ela lê a Bíblia direitinho, o que não sabe bem é meditar, não se concentra. Sempre pede a Deus que lhe dê sabedoria, - mas tem coisa que a gente entende e outras que a gente não entende, diz ela.

Seus filhos também estudaram. O Nemias estudou em Aquiraz. Tem outro que estudou até o primeiro grau. O Ozias não trabalha em quase nada, só aquele

negócio de vender broa. Faz uns três anos que ele foi com a Neide, uma sobrinha, para o Aquiraz, arranjar trabalho. Ela arranjou para todo mundo e não arranjou para ele. Neide é vereadora do Aquiraz, representando a Tapera.³⁷⁸

Maria Tavares acha que Neide não deveria ser vereadora, pois uma pessoa não pode amar dois senhores. Ela trabalhava em Fortaleza, como professora e ganhava bem, não precisa do dinheiro da política. Mas o povo é assim, quanto mais ganha, mais quer.

De suas filhas, tem uma que é professora, a Albaniza. Ela era professora, mas deixou para ser zeladora da escola, parece que está próximo de se aposentar. Todos os seus filhos casaram. Um casou e não deu certo, então arranjou outra. Ele não casou com essa, fato que desagrada Maria Pires.

Na Tapera, Maria Pires tem poucos amigos daquele tempo, tem a Maria do Sales e outras que ainda moram perto dela, todavia muitas já morreram.

Quando começou o movimento dos presbiterianos na Tapera, havia um padre, o Padre Odílio, que achava ruim conviver com eles, falava coisas ruins sobre eles, a ponto do povo deixar de assistir às missas, mas não havia perseguição. Ele achava a religião presbiteriana coisa que não era de Deus, só quem era certo eram os católicos. Antes os católicos não chegavam perto dos presbiterianos, agora há muita confraternização entre católicos e presbiterianos, estão juntos em aniversários, festas de colégio, só não no mesmo templo. Antes, eles chamavam os crentes de bodes.

Hoje, Maria Pires vive da aposentadoria conseguida somente aos 70 anos de idade. Não havia conseguido antes porque tinha que pagar algum dinheiro para entrar com os papéis. Ela não tinha esse dinheiro antes.

Seu marido não era evangélico, mas não se importava. Mesmo que se importasse, ela não lhe obedeceria nesse ponto. Ela freqüentava a igreja todos os domingos, na semana pelo menos uma vez. Ele nunca ia. Eles tinham lá as suas briguinhas, passavam três dias com raiva um do outro, mas depois voltavam a se falar. Quando eles se acertavam, ela sempre dizia que era para ele se acostumar, pois não deixaria de ir a sua igreja.

Naquele tempo, o crente era mais fervoroso. Os pastores diziam a passagem e não liam não, tinham tudo na cabeça, hoje, não estão preparados. Mas

³⁷⁸ Distrito de Aquiraz, Ceará.

tem pastor que é mais preparado que outro. O Natanael Cortez era preparado, ele sempre andou aqui, mas não todos os meses. Tinha pastor que vinha todos os meses, era uma viagem e tanto. Hoje tem pastor aqui que mora em Fortaleza e a igreja paga uma casa para ele morar. Ele sempre vem às terças-feiras e aos domingos, para fazer o curso de doutrina. A igreja hoje só mesmo para as reuniões. No passado, a igreja fazia mais trabalho, a mocidade era mais animada. Hoje, a mocidade da igreja é muito fraca. O presbítero José Roberto faz um trabalho bom. O Jurimar também, ele até fala na igreja. Às vezes, o pastor não vem e pede para ele dirigir os trabalhos, aí ele dirige. Na Tapera, não tem pregação na praça, só na Canoa, nos lugares já determinados, ou na casa de um crente. A freqüência é pouca, pois o povo do mundo não quer mais saber do Evangelho.

Mara Pires gosta de tudo na Igreja: da escola dominical, do culto, da reunião. O pessoal de lá a chama de morcego, porque morcego é que gosta de igreja. Ela já foi relatora, foi secretária. Naquele tempo, não havia muita exigência para ser secretária como tem agora. O negócio agora parece que é mais complicado.

Ela gosta muito do livro de João. Aquele que diz assim: “Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá”. Ela não dirige essa mensagem a ninguém, mas acha bonita e certo, porque Ele é a ressurreição. Ela acredita que o mundo seria bem melhor se todo mundo fosse servo de Deus, crente, mas crente mesmo.

4.13 Li a palavra de Deus e encontrei a verdade

A Tapera, distrito de Aquiraz, Ceará, foi o lugar de nascimento de Maria Tavares da Silva. Ela foi criada só pela mãe, pois seu pai abandonou a família logo cedo. Sua mãe era uma pessoa muito católica e freqüentadora assídua da igreja. Maria Tavares tinha muito prazer de ir com ela, pois se considerava uma católica convicta.

Na escola em que ela estudava, havia aula de catecismo todos os sábados. Quando alguém faltava ao catecismo no sábado, na segunda-feira ficava de joelhos na sala de aula por quinze minutos.

Para fazer frente à Escola Dominical dos protestantes, a professora mudou o catecismo para domingo. Era uma provocação aos protestantes. Como Maria Tavares freqüentava a casa de um deles, o avô do Dr. Manassés³⁷⁹, não gostou da idéia da mudança. Aos domingos, ela ia para o sítio da família Manassés e lá ficava ouvindo as pessoas falarem do evangelho. Já era uma introdução ao presbiterianismo, que ela viria a abraçar com fervor.

Quem a levou para a Igreja Presbiteriana foi o Laureano, agricultor, irmão adotivo de sua mãe. Ele tinha duas filhas, Conceição e Jandira, e tratava Maria Tavares como tal. Nessa época, ela tinha dezesseis anos e havia recebido de Sabino Pires, evangélico que um dia passou pela Tapera, uma Bíblia. Foi o seu primeiro contato com o Novo Testamento, começou a lê-lo e diz ter encontrado ali toda a verdade.

Sua mãe foi contra porque gostava de ver a filha dançando e participando de todas as festas de Aquiraz. Das festas de São João, São Pedro, festa de Reis, ela, pelo gosto da mãe, deveria participar, deveria acompanhá-la, pois a mãe também gostava muito de dançar. Freqüentar a Igreja Presbiteriana atrapalharia os planos de sua mãe. Maria Tavares sempre dizia para a mãe que não era mais de freqüentar festas. Que agora ela havia encontrado a verdade na Igreja Presbiteriana.

A reação de sua mãe era sempre imediata, praguejava, gritava que chegava a incomodar os vizinhos. Até que a mãe de Jandira pediu para ela sair de casa e ir morar com elas. A resposta de Maria Tavares foi que só sairia daquela casa se fosse para uma casa sua. A mãe da Jandira era crente e Maria Tavares contava com o seu apoio porque eles achavam que sua mãe a maltratava por causa do evangelho.

A mudança de religião foi por convicção, por ter escutado a palavra de Deus, a verdade que ela não havia encontrado na missa, não foi influência de ninguém. Muita gente vai ao culto, ouve uma pregação, levanta a mão e depois nunca mais volta lá. Mas ela não fez isso, ela lia o novo testamento de ponta a ponta, embora sua capacidade de leitura fosse muito pouca. Do colégio, ela foi expulsa por não ir às aulas de catecismo. A professora já havia ameaçado: se ela não fosse ao catecismo não ficava na escola. Maria Tavares colocou o seu caderno debaixo do braço, saiu e nunca mais voltou àquela escola, atitude da qual ela diz

³⁷⁹ Dr. Manasses Claudino Fonteles, ex-Reitor da Universidade Estadual do Ceará e atual Reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Campinas, SP.

nunca ter se arrependido. Não foi por causa da professora, que gostava muito de Maria Tavares, tanto que ela morreu, abraçando-a. Foi mais porque o catecismo já não fazia sentido para Maria Tavares.

Toda sua infância foi passada apenas em companhia de sua mãe, já que sua irmã se mudara cedo para Fortaleza. Suas brincadeiras eram trepar nas árvores, tomar banho nas levadas cheias, que é quando chega o inverno e o rio enche. À noite brincava de pinta lagarta. Todos colocavam as mãos sobre as pernas e cantavam: “pinta lagarta, quem foi que te pintou? Foi uma velhinha que por aqui passou. Fazia poeira, pinta lagarta na ponta da orelha”. Cada mão ia sendo beliscada a cada palavra cantada. O dono da última mão beliscada tinha também sua orelha beliscada. Brincava-se também de anel. Uma pedrinha era passada de mão-em-mão e quando parava a música, procurava-se adivinhar com quem estava o anel. Havia também as bonecas para brincar, feitas geralmente de pano ou de palha de milho ou ainda de sabugo de milho. Tinha outra brincadeira, que era de roda: Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar... Ela brincou até aos quatorze, quinze anos.

Aos nove anos, já sabendo fazer renda de bilro, começou a ganhar dinheiro com artesanato. Foi sua minha mãe quem ensinou a trabalhar na almofada, isso era uma atividade comum das mulheres da Tapera. Sua avó já fazia isso. Maria Tavares ainda hoje faz renda. Todo sustento era tirado do bilro, o que não era muito, pois o trabalho manual, como era chamado, tinha pouco valor comercial na Tapera. O pessoal de Fortaleza dava mais valor, mesmo assim não era fácil arranjar comprador. A família não passava muito bem, necessitando trabalhar também na casa de farinha, quando chegava o tempo das farinhadas, fazendo farinha, tirando goma, atividade inserida nos *habitus* dos habitantes locais desde a infância. Este trabalho torna a família, que vive no meio rural, uma unidade fundamental de produção e uma maneira de alargamento dos laços de solidariedade familiar. Era um trabalho divertido, tudo era feito com prazer.

A farinhada, era uma festa, cinco mulheres raspando a mandioca. Naquela roda, elas tinham que raspar dez cargas de mandioca por dia. Conversavam muito durante a jornada de trabalho, coisas bobas, não se falava da vida dos outros. A conversa era quase sempre sobre a vida que elas levavam naquele trabalho.

Maria Tavares acha que não vai existir sofrimento na sua vida. Sempre achou que era uma pessoa feliz porque era uma menina muito querida pelas pessoas. Sempre aonde chegava, sentia os olhares dos rapazes, mas sempre foi uma pessoa muito recatada. Só flertava se visse a pessoa muito aberta, nunca quis levar um fora. Sua mãe era muito severa, não saía com ninguém, tinha que ser com a mãe.

Maria Tavares nunca sentiu a falta do pai. Como era querida por todos, a ausência do pai nunca foi notada. O Laureano, ela tinha como pai. Ele queria bem mesmo, de fazer carinho como se fosse filha dele.

Quase no final da adolescência começaram a aparecer os namorados. Tinha um que não gostava de trabalhar e era mais pobre que ela. Logo percebeu que o casamento não daria certo, acabou o namoro. A família dele ficou muito chocada, sua mãe também. Depois apareceu outro rapaz, o João, que lhe propôs casamento, só que na igreja católica. Ela prontamente recusou, pois não ia deixar Cristo por homem nenhum! Ele saiu de sua casa e ela chorou, mas continuou firme em sua decisão.

Depois desse, veio o marido. O primeiro encontro de namoro foi no Iguape, quando ele veio visitar alguns familiares. Ela já o conhecia, porque quando mais nova, era na casa do pai dele que ela e sua mãe se hospedavam por ocasião das festas locais. Ele era um homem muito bonito e bem mais velho que ela, quinze anos, ele nasceu em 1915 e ela em 1930. Ele se chamava Milton, viúvo e tinha um filho de seis anos e uma menina de nove. Os dois moravam com a avó, o menino depois foi morar com Maria Tavares. Milton era uma pessoa muito boa, pescador e uma pessoa muito decente.

O pedido de casamento veio logo, só que ela informou que não casaria na Igreja Católica Romana e tampouco seus filhos seriam batizados nela. O namoro durou pouco mais de um ano. Ela já era convertida e batizada na Igreja Presbiteriana, pelo pastor João Batista.

Eles se casaram em 1949 e o casal veio para o Iguape. Com a mudança, ela foi obrigada a deixar a primeira Igreja Presbiteriana, local onde encontrou toda a paz, toda a felicidade de sua vida. Hoje aqui tudo é diferente, a estrada toda bonita, mas antes tudo era mato. Na Tapera, é que se pegava o transporte para ir para Fortaleza. Depois de casada, Maria Tavares começou a negociar, vendendo

labirinto. Sua mãe veio morar com ela. O povo de Tapera queria que ela ficasse lá, e ela também, mas Milton não concordou, não queria deixar a mãe da esposa morando sozinha.

Milton era um bom pescador, uma pessoa sem vícios, econômico e o casamento deu vida nova aos dois. Tiveram quatro filhos: Isaura Tavares Soares, Zionadia Tavares Soares, Juscelino Tavares Soares e Francisco Jonatan Tavares Soares.

Ele morreu evangélico. Era uma pessoa muito amiga do evangelho. A conversão não o mudou porque ele sempre foi uma pessoa muito honesta. Nesta praia que não tinha polícia, ele era o capataz da colônia de pescadores e quando existia qualquer briga, era chamado para mediar. Certa vez surgiu um boato que ele estava conversando muito com uma outra pessoa, uma mulher. Maria Tavares não gostou, e perguntou para ele se era da fulana que ele gostava, se era com ela que ele queria ficar. Ele respondeu que não ia deixar uma menina nova, bonita pela fulana. Ela encerrou a conversa, dizendo que com as duas ele não ficava. Era com ela ou com a outra. Tudo acabou por aí, e a vida deles dois continuou tranqüila.

O negócio com o labirinto acabou, ficou ruim e ela passou a se dedicar à renda, passou a comprar na Praia da Caponga e vendia em Messejana. Ia a pé pela praia, eram três horas para chegar lá e três horas para voltar. Pegava o carro, a mala de trabalho e ia para a Tapera. O rapaz a levava de caminhão até Messejana, lá ela vendia os trabalhos, pegava o ônibus, ia para o centro comprar linha. A renda dava mais dinheiro que a pesca. A casa era sustentada pelo dinheiro da pesca e da renda, porque quando ela precisava comprar mais renda e o dinheiro tinha acabado, ela colocava o da pescaria. Depois a pesca e a renda fracassaram e ela montou um comércio de cereais para vendê-los a fim dos pescadores levarem nas jangadas. O comércio rendia mais que a pesca, mas Milton não se importava. Com o tempo, ele adoeceu e deixou o mar, foi viver do comércio também. Depois se aposentou.

Quando a filha de Maria Tavares fez quatorze anos, disse que ia para Fortaleza trabalhar. Foi a primeira a sair de casa, foi morar com uma tia e lá começou a trabalhar. O primeiro trabalho foi na Av. Duque de Caxias, num laboratório onde fazia pílula do mato para gripe. Depois ela arranhou outro emprego e foi ficando por lá. Depois de cinco anos, foi a vez de Maria Tavares ir morar em Fortaleza, a convite da filha. Fecharam o pequeno comércio e seguiram para

Fortaleza, todos os outros filhos já tinham ido. Foram morar na Aerolândia. Passou a freqüentar a igreja do local, foi relatora e presidente da ASSAF, tem o seu retrato lá. Ainda hoje ela é chamada para ser relatora e aceita.

O marido não ia para a igreja. Adoeceu dos rins e ficou sem poder sair de casa. Foi por causa do mar, os pescadores só comem peixe salgado. A doença trouxe problemas financeiros, só melhorou quando uma das filhas começou a trabalhar e ajudava. Em 1972, ela comprou uma casa na cidade 2000 e se mudou para lá. Maria Tavares deixou de freqüentar a igreja porque era muito longe da Aerolândia. Passou a costurar e ganhar dinheiro com costura. Ali também abriu um comércio onde vendia tecido. A coisa não ficou tão ruim: mãe e filha trabalhavam, ela trabalhava de dia no comércio e costurava a noite.

A casa do Iguape ela nunca vendeu, aluga nos finais de semana, carnaval, Semana Santa. Um de seus filhos continuou na pescaria. Ele foi para Fortaleza com doze anos, mas quando completou dezenove anos disse que não ia ficar lá, não ia ser empregado de ninguém e voltou para o Iguape. O pai era pescador, ele queria ser pescador. O outro filho, o Soares, fez faculdade de Biblioteconomia. É diretor das Bibliotecas Federais e mora em Fortaleza. Além de ser diretor das Bibliotecas Federais, é pastor presbiteriano, terminou Teologia.

Maria Tavares construiu uma casinha para a mãe e outra para o filho pescador, mas esse filho que é pescador, morreu em janeiro de 1987.

Estas duas mortes foram encaradas normalmente, como uma simples separação. Não houve abalo, todo mundo vai morrer um dia. Ninguém nunca disse que fulano morreu da morte, ninguém nunca disse isso. Morreu porque tomou um café, porque quebrou o pé, mas da morte não. A morte é uma coisa que já ficou certa de levar todo mundo na hora. O que tem abalado Maria Tavares, são as mortes que estão acontecendo hoje, violentas, trágicas. Ela não acredita que vai encontrar as pessoas que já perdeu quando morrer, porque aqueles vão para o céu e no céu ninguém se conhece. Só há uma oportunidade, esta aqui. - Se você não tiver certeza da sua salvação aqui, está perdido, diz ela.

Em 1986 Maria Tavares, depois de doze anos de viúva, casou-se novamente. E voltou para o Iguape. Ela dizia que nunca se casaria novamente, mas o seu primeiro marido dizia que ela era muito bonita e iria arranjar outro casamento. O novo casamento aconteceu aos cinqüenta e seis anos, há vinte anos. O marido,

também viúvo, tinha cinco filhos, só que todos casados. Do primeiro casamento, o menino lhe queria muito bem. A menina ficou mais afastada, mas depois voltou. Morou vinte anos no Rio de Janeiro, mas agora está morando no Iguape novamente. Os filhos de Maria Tavares se relacionam muito bem com o seu atual marido, os filhos dele é que não se dão bem com ela. Ele é muito católico. Agora que ele está paraplégico, não vai à Igreja, mas todo sábado ele estava na missa. Ela respeita a religião dele e ele a dela.

Foto 40 - Maria Tavares em família: da esquerda para a direita - Isaura, Branca, Maria Tavares, Jonathan e Juscelino - filhos - e Erotildes, enteada, em 2004



Fonte: Acervo da família Maria Tavares

Edir Natan Pinto Bandeira e Itamar Pinto Bandeira eram os pastores que faziam os trabalhos lá na igreja. Tinha o pastor João Batista, que ela acha que já morreu. Nessa época, tinham uns que eram seminaristas. Tinha a missionária americana Dona Helena. Tinha muitos missionários que vinham para Tapera pregar, eles vinham de Kombi, que sempre atolava na areia fofa do lugar. A pregação era sempre na casa de Maria Tavares. Para ela não havia diferença da pregação dos pastores americanos e brasileiros. Eles fizeram muitos trabalhos em sua casa, até mesmo quando ela se mudou para Fortaleza. Os pastores americanos tinham mais interesse, eles enfrentavam as dificuldades para pregar o evangelho. As dificuldades eram pelas estradas que não prestavam, a Kombi atolava, dava o prego, os brasileiros são mais acomodados.

Para Maria Tavares mulher pode pregar o evangelho. Quando Ele mandou toda criatura pregar o evangelho, Ele não escolheu. Jesus, quando mandou, disse: “Ide e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crê e for batizado, será salvo. Quem não crê, será condenado”. Ela não luta mais por essa causa porque anda muito

cansada, mas gostaria que um dia isso acontecesse, basta que as mulheres lutem. Quando vai à uma reunião, ela é sempre cobrada a ler alguma coisa, para dizer algo. Por que não pregar? -, pergunta ela.

Foto 41 - Maria Tavares, em 2005



Fonte: Acervo da família de Maria Tavares

Para ela, crer verdadeiramente em Deus significa confiar. Porque se você crê numa pessoa e não confia, não vale a pena. Crer na palavra de Deus é crer e confiar, porque o Salmista diz no Salmo 128: “Bem aventurado o homem que teme ao Senhor, e anda nos seus caminhos, do trabalho das tuas mãos comerás. Feliz serás e tudo terás. Tua mulher no interior da tua casa será como uma videira frutífera.”

4.14 Da mágoa se fez o amor

Os avós de Petronila Figueiredo vieram do Rio Grande do Norte, em 1887, para morar em Pedra Aguda, Ceará. Eles eram católicos e já tinham filhos também católicos. Em 1902, seu avô Manoel Antônio de Figueiredo, pai de seu pai, veio trabalhar em Fortaleza, nas primeiras construções e aqui ouviu o Evangelho. Ele

ficou muito eufórico e chegando em Pedra Aguda, falou o Evangelho para o compadre daí as duas famílias se tornaram crentes fervorosas.

Quando o Evangelho começou a ser pregado em Fortaleza, as primeiras reuniões aconteciam na pensão Rendal e participavam dela em torno de sete pessoas. Seu avô participou de uma dessas reuniões. Os anos foram passando e mais e mais pessoas se convertiam. A partir de 1903, é que Fortaleza também as congregações já formadas passaram a ser visitadas por Jerônimo Gueiros, Almeida e outros.

Petronila Figueiredo é de uma família de sete irmãos, sendo a quarta dos filhos e a única ainda viva. Nascida em 1913, em Pedra Aguda, lá passou toda a sua infância. Sua irmã mais velha foi a Priscila que não teve filhos. Depois vieram Percides, Philadelfo e o Péricles, o caçula.

Ela estudou em Pedra Aguda com Maria Escarlata Portela, uma professora viúva que seu pai mandou buscar em Tauá, a qual morou em sua casa por um tempo. A professora não ensinou apenas à Petronila, mas também à toda meninada da redondeza. Essa senhora foi apresentada à família por Abel Castelo Branco, pai da Zoeli, e colportor de Bíblias, em 1921.

A igreja de Pedra Aguda, que teve sua pedra fundamental lançada em 1925, foi construída pelo seu pai. Ele a construiu praticamente sozinho. Os cultos eram realizados aos domingos e as quartas-feiras. Seu pai era muito rígido, porque achava que a Bíblia precisava ser seguida ao pé da letra. Os cultos domésticos eram realizados na sala de visita, a partir das 5h30min, hora em que todos de casa já estavam acordados.

Os católicos não interferiram na construção da igreja porque ela foi construída nas terras de seu pai. Os católicos aceitaram, eram muito mansos. Em Pedra Aguda, não havia perseguição por parte de católicos. Só houve um problema digno de relato: quando a avó paterna de Petronila morreu, Pedra Aguda não tinha cemitério e ela teve que ser levada para o cemitério de Aracoiaba. O padre de lá não deixou que o enterro fosse realizado no cemitério local, obrigando o retorno do cadáver à Pedra Aguda. O avô e o pai de Petronila tiveram que construir um cemitério particular em área de sua propriedade, o qual ficou localizado por trás da igreja já construída pela família. Todos os mortos da cidade passaram a ser

enterrados naquele local, até católicos. Essas construções foram depois doadas à Igreja Presbiteriana de Pedra Aguda.

Foto 42 - Cemitério construído pela família de Petronila



Fonte: Acervo da família Petronila Figueiredo

Toda adolescência de Petronila foi em Pedra Aguda. A professora que veio de Tauá dava aula das 11 às 14 horas. Pela manhã, ela trabalhava com o pai na roça, limpando roça, plantando mandioca, milho, feijão, arroz e outras culturas. Uma parte da colheita era vendida. Da mandioca se fazia farinha.

A casa de farinha era ligada à casa da família. Era uma festa, a raspada da mandioca, de que todos queriam tomar parte. Não tinha nada de bebida, nem dança. A participação era voluntária. Se as pessoas preferissem, no final de semana, levavam uma bonita tapioca feita no forno. Ninguém recebia dinheiro, ninguém fazia questão, fazia por amizade, era muito divertido.

Seu pai tinha um caixão muito grande no qual colocava sessenta alqueires de farinha e vendia para o resto do ano. Ninguém reclamava porque estava trabalhando de graça. As pessoas iam por aquela influência, por conversar, brincar. Às vezes, eram dez pessoas. Tinha gente jovem que gostava de conversar e às vezes saía namoro. Naquela época Petronila não

namorava, era muito jovem. Suas irmãs mais velhas namoravam, mas ninguém se casou com alguém dali, todos se casaram com gente de fora.

Ela estudou pouco, talvez uns quatro ou cinco anos porque a professora casou-se e foi morar distante. Petronila tinha nove anos quando começou a fazer as primeiras letras. Ela aprendeu a ler com a professora em sua própria casa.

Petronila tinha muitos conhecimentos em Fortaleza, a família Mota, a família Cortez, a família do Dr. George Cavalcante e muitos outros. Apesar de trabalharem na roça, sua família visitava constantemente Fortaleza, passava uma, duas, três semanas na casa, por exemplo, do Antônio Mota Castelo Branco.

Quando ela tinha vinte e três anos, em 1932, foi passar uns dias em Fortaleza, dessa vez, na casa de sua ex-professora, dona Maria Escarlata. Na ocasião, ficou sabendo que o Governo do Estado estava abrindo concurso para professora. Muitas moças do interior se inscreveram, aproveitando o embalo, Petronila também fez a sua inscrição. O Dr. Edílson Brasil Soares deu vinte dias de reforço escolar para alguns interessados. A Carmelita tirou o primeiro lugar e Petronila o segundo, assim, elas foram logo chamadas.

Já no segundo semestre, Petronila foi ensinar em Pedra Branca. Ensinava o que aprendera, mas não o suficiente para assumir uma classe. A professora que ensinava lá, que não era concursada, não a recebeu muito bem, até jogou algumas pedras em sua direção. Não tinha nada a ver com religião, mas ela era muito católica e isso influenciou também. Ela só ficou em Pedra Branca durante seis meses. Foi uma época também em que remanejavam as professoras sem dar satisfação, a política estava meio agressiva. Petronila foi transferida para Pedra Aguda. Quando tudo parecia calmo, mandaram-na para Vazantes, três léguas distantes. Tudo pertence a Aracoiaba. Ali ficou seis meses, depois voltando para Pedra Aguda, onde ficou por dezesseis anos, sempre como professora.

Eram uns quarenta alunos que nem cabiam na sala, não tinha um quadro negro, não tinha nada, em tudo que os meninos iam fazer, ela tinha que fazer o cabeçalho no próprio caderno dos alunos. Era menino na carta de ABC, no primeiro ano, no segundo, no terceiro e ela tinha que dar conta de

tudo. Aí foi que ela aprendeu porque não sabia de nada, aprendeu para ensinar. Estudava bastante por ter medo de que alguém lesse algo errado escrito por ela.

Ela tinha um aluno que era muito especial. Ele e os irmãos eram órfãos de mãe. Ele perdera a mãe aos nove anos, mas era uma criatura fina, sabia tratar as pessoas com educação e na escola era o mais adiantado, nem parecia que era gente que morava lá no interior nem que era filho de um pai tão rústico, tão agressivo no falar. Ele estudou só até os quinze anos, havendo cursado até o quarto ano. Seu pai colocou uma bodega na estrada por onde passavam os comboieiros com as cargas de algodão e colocou o menino para tomar conta. Ali se vendia fumo, cachimbo, cachaça, essas coisas.

Petrolina tinha um namorado em Fortaleza, com quem se correspondia há mais de três anos. Ela deixava as cartas lá na bodega para que o rapaz entregasse na agência dos correios. O rapaz tinha uma atenção especial para com Petronila, quando recebia as cartas para serem enviadas para Fortaleza, o coração dele se entristecia.

Foto 43 - Cidade de Fortaleza, 1940



Fonte: www.skycrapercity.com

Nas igrejas, sempre a primeira semana era de oração. Para participar das orações iam sempre Petronila, uma das irmãs, sua mãe, outros membros da família e vizinhos. Em um certo dia do ano de 1938, além desse pessoal

estava presente também o moço da bodeguinha. Ao término do culto, o moço falou que gostaria de ir até a casa dela para tomar um copo d'água. A mãe de Petronila, desconfiando que a intenção do moço não era só beber água, ficou atenta. Após beber água o moço ficou olhando insistentemente para Petronila. Sua mãe, de forma desafiadora, indagou se aquilo era para casar ou o que era. Esta pergunta fez Petronila corar de vergonha e raiva, eles não mereciam passar por aquele vexame, já que o rapaz era muito educado. Ele bebeu a água, deu boa noite e foi embora sem dizer nada.

No dia seguinte, Petronila lhe escreveu um bilhete, perguntando se ele teria coragem de casar com ela. Ele só tinha dezessete anos, enquanto ela vinte e quatro. Quem precipitou isso foi sua mãe e foi ótimo. Ele se preparou para fazer o pedido de casamento, mas não tinha nada, a bodega era do pai dele e não vendia nada. Ele, órfão de mãe, só tinha uma roupa, era pobre, pobre. Ao perguntar para ela como fazer o pedido, Petronila pediu para que ele escrevesse um bilhete ao seu pai. O Dr. Edílson, durante o curso para professora havia lhe ensinado a escrever pedidos diversos, todos tirados de um livro grande. Ela escolheu um dos pedidos, deu ao moço e pediu para que passasse para uma folha de papel e entregasse ao pai dela.

Mais que depressa, Petronila deu bilhete azul ao namorado de Fortaleza. A sua irmã mais nova tinha vontade de namorar o moço da bodega, criou a maior confusão. Seu pai também não gostou da idéia. Nesse mesmo dia, o moço mandou um portador à casa de Petronila, carregando um de pedido de casamento, era meio-dia para tarde. Seu pai estava em casa, sentado, conversando com o seu irmão que tinha vindo de Recife. Quando ele recebeu a carta, caiu na risada, dizendo que havia um menino pedindo a mão de Petronila em casamento. O irmão Philadelfo, também brincando com aquela cena, falou para o pai que desse o consentimento.

Petronila encontrava-se dentro de casa, escutando aquela conversa, a ela nada foi perguntado e deram a resposta. Isso foi em janeiro. O casamento ficou marcado para o dia 20 de março de 1939. Eles deram a resposta afirmativa, mas seu pai mangou muito dele porque o chamava de preguiçoso, que era um menino velho, que ficava inventando de brincar de

casar. Mas Petronila nem pensava em casar, era a raiva que tomava conta dela.

Quando sua irmã ficou sabendo que o casamento estava marcado, que o pai havia concordado, falou que Petronila ia se casar e morar debaixo de um pé de juazeiro, isso enfureceu mais ainda Petronila. Era a raiva que ia se amontoando e não o desejo de se casar. Ela era professora e tinha um dinheirinho recebido da Prefeitura. Para o casamento, ela comprou a gravata, a camisa, o terno, o lenço, a cueca, as meias, o sapato e dois pijamas para o noivo. Ele não tinha nada, só a rede em que dormia lá na bodega.

Vinte dias antes do casamento, colocaram os papéis. Quando chegaram lá, o juiz olhou para ele e disse que aquele menino não podia casar, não tinha idade. Foi mais um motivo de risadas, aumentando a raiva de Petronila. O casamento foi realizado no dia 20 de março do ano seguinte, quando ele já tinha completado 18 anos. A raiva que Petronila sentia, não prejudicava sua condição de evangélica porque era uma raiva santa, afinal ela achava que ele não merecia.

Até a data do casamento, o moço da bodega não pisou na casa de Petronila. O namoro todo foi por bilhete. Os dois se encontravam raramente na igreja, mas todo mundo sabia que eles eram noivos. Mesmo na igreja não havia aproximação, não tinha isso não. Era um lá e o outro cá, só por bilhete e esses não eram muito constantes. Nesse meio tempo, o casamento foi organizado, o pai dele acabou a bodega e ele agora apenas morava lá. A casa, se é que poderia ser chamada assim, não recebeu nenhum reparo, não foi endireitada em nada, depois do casamento eles foram morar nela assim mesmo, como estava.

No dia do casamento, 20 de março de 1939, o pai de Petronila alugou um caminhão velho, caindo aos pedaços, para levar os noivos até Aracoiaba. Quando deu sete e meia da manhã, chegou um recado do motorista, dizendo que o caminhão estava no prego e que não podia atender o pedido. Seu pai só fez se virar e disse que quem quisesse casar que fosse pegar o seu cavalo nas capoeiras. Cada um foi pegar o seu burro, o seu cavalo, o seu jumento para ir para Aracoiaba. Felizmente, seu pai deu o cavalo de sela dele, que era muito bom. O casamento foi realizado, Petronila estava casada

com o sr. Abner. O pai e a mãe de Petronila não foram ao casamento. Foram só parentes, gente lá de sua casa mesmo não foi não. Em Pedra Aguda, Petronila ficou até 1951. Em 26 de dezembro de 1939, nasceu o primeiro filho, Elton, sem nada e em casa.

A igreja, lá em Pedra Aguda, foi visitada por Natanael Cortez em 1915. Foi sua primeira visita depois que deixou o seminário. Por lá, passaram Bezerra Lima, Alcides Nogueira e outros. Para essas visitas seu pai mandava preparava o melhor cavalo, às vezes o Pastor era acompanhado por três ou mais pessoas. A recepção aos visitantes, que chegavam de trem, era uma festa. Quando eles chegavam a Pedra Aguda, quando estavam descendo do cavalo, todos cantavam o hino “Bem-vindos irmãos”.

Petronila foi professora da escola dominical, em Pedra Aguda e em Fortaleza. A família chegou a Fortaleza no ano de 1951. Vieram porque o filho mais velho já tinha de doze para treze anos e os outros formavam uma escadinha, onze, dez. Os pais não queriam que seus filhos tivessem a mesma sorte que eles, isto é, ter que trabalhar na roça.

Chegando em Fortaleza eles passaram três dias na casa de Isaías Pinto, casado com dona Mocinha. Um dia, Abner saiu e ao dar uma volta pela outra rua, encontrou uma casa para vender, colocou na cabeça que iria comprá-la. Só tinha para pagar por ela vinte e cinco arrobas de algodão que tinha apanhado e deixado lá em Aracoiaba, esperando o preço subir, era tudo que eles tinham. No dia seguinte, o tio de Petronila, o Isaias, que era técnico do curtume cearense, convidou o marido dela para ser sócio em um curtume que pretendia montar.

Marido e mulher foram para Pedra Aguda e em Aracoiaba venderam as vinte arrobas de algodão. No outro dia o marido fechou o negócio da casa por sessenta mil réis, sobrando ainda vinte mil réis, que deu para fechar a sociedade com o tio de Petronila. Ele com vinte e o tio com oito mil réis, para curtir couro, coisa que ele já sabia fazer. Em novembro, depois de fazer um balanço nas contas, Abner percebeu que já poderia trazer toda a família para Fortaleza. Agora era só chamar um caminhão, colocar a meninada dentro, cada um com a sua rede e o seu lençol ou pedaço dele. Partira de madrugada de Pedra Aguda, escondidos, para não ouvir de sua mãe que eles

iriam se arrepender. Chegaram a Fortaleza, na rua Dom Jerônimo, às quatro horas da tarde. A meninada ficou assombrada porque os bondes passavam na frente do calçamento, para lá e para cá.

Em 1944, Abner foi eleito vereador em Aracoiaba, mas ganhava muito pouco. Na ocasião, conseguiu com um político reaver a cadeira que Petronila havia perdido na escola onde ensinava e onde os filhos aprenderam. Em 1951, quando veio para Fortaleza, deixou sua irmã, que havia estudado com ela, tomando conta da escola, recebendo o dinheiro e mandando para Fortaleza. Com esse dinheiro que a irmã mandava, ela conseguiu manter dois filhos estudando no Colégio 7 de Setembro. Ela pagava por dois, e a um outro o Dr. Edílson deu uma bolsa de estudos.

Depois da vinda para Fortaleza, passaram quase dois anos sem ir à igreja. O Sr. Abner se acovardou e dizia que não ia à Igreja porque não conhecia ninguém. Em Pedra Aguda, o sr. Abner tomava conta da igreja como pastor. A igreja permaneceu cheia durante os sete anos em que ele tomou conta. O pai de Petronila tinha ido morar no interior e o Sr. Abner passou a tomar conta da igreja que cresceu muito. Quando foi com mais ou menos dois anos, ela vendo aquela meninada todinha sem ir à igreja, sem ir à escola dominical, sem coisa nenhuma, tomou a iniciativa e no domingo seguinte levou todos para a igreja também para a escola dominical.

As coisas ainda estavam ruins, pois eles ainda não tinham móveis. A casa, durante dez anos, ficou sem cadeira e sem os principais móveis. Ele não pedia ajuda à igreja nem à família. O sr. Abner era meio orgulhoso, mas também tinha levado a família para Fortaleza e “quem não pode com o pote, não pega na rodilha”.

As coisas foram melhorando e eles passaram a freqüentar a igreja, os meninos também. Isso era já na igreja da rua Sena Madureira. Toda a família fazia parte do coral, eram nove ao todo. Se eles faltassem, naquele dia não haveria coral. Os filhos eram o Elton, Elzer, Elder, Elber, Edna, Maria Elze, Maria Elza, Nila, Nilde, Abner Júnior. O Elber e o Elder trabalharam no Banco do Nordeste, o Elzer no Banco do Brasil, hoje ele é secretário de turismo.

No início da vida em Fortaleza, o sr. Abner gostava muito de ir ao cinema. Ele insistia muito para Petronila ir também, mas ela não gostava

muito porque era aquela mãezona que tinha pena de deixar os filhos dormindo para poder sair.

Aos seus filhos, ela deu liberdade que não lhe deram trabalho quando adolescentes. Todos foram criados, batizados na igreja. Até dezesseis e dezessete anos, eles iam para igreja, agora, cada um tomava conta da sua vida. Eles estavam arredios, mas não desviaram de jeito nenhum da Igreja, crêem num Deus vivo e verdadeiro, num Deus único, são evangélicos. Quase todos casaram com católicas e isso também foi uma das causas. Ela não é contra casamento de crente com católico, ao mesmo tempo, acha que traz algumas conseqüências para os filhos, se não for uma coisa bem estudada.

O católico crê em Deus, mas Deus é o único que deve ser adorado, está na Bíblia. A Bíblia é a palavra de Deus, e quando lá está escrito “Deus é o único que deve ser adorado”, por que o homem pega um pedaço de madeira, um pedaço de ouro, um pedaço seja lá de que for e faz uma imagem para adorar. Na Bíblia, de ponta a ponta, está dito que Deus condena as imagens.

Foto 44 - Petrolina Figueiredo, em sua residência, em 2005



Fonte: Acervo da família Petronila Figueiredo

Petronila acha que a morte não é uma passagem fácil, contudo devemos estar todos preparados para ela. As pessoas dizem: “Eu creio em Deus, creio que Ele é poderoso, mas Deus não intervém na minha vida”. Mas Deus, não intervém mesmo não. Ele só intervém na vida daquele que quer que Deus ajude, cuide, abençoe, tome conta da sua vida.

O seu marido, o seu filho e a sua neta estão enterrados no Parque da Paz e lá só está uma placa com a identificação. Não há cruz. O Cristo nasceu como uma criancinha e Ele não está lá. Já as fotografias, ela as guarda com todo carinho em seu quarto. Tem a foto de seu marido, toda noite olha para ele e acha graça, mas ela não o cultua, não faz preces ou pedidos a ele, há apenas lembrança.

4.15 Vida de discriminação, sofrimento e fé

Gilza Gondim Oishi nasceu em lar evangélico, filha do Pastor Raimundo Bezerra Lima, da família Correia Lima, de Aracati, e de Graziliana Gondim Bezerra Lima, de Fortaleza. Aquela época era muito polêmica, cheia de luta entre protestantes e católicos. A aversão dos católicos aos protestantes era gritante. Seu pai contava que seu avô tinha uma Bíblia que mantinha sempre na lareira, não lia porque a própria Igreja Católica fez essa proibição.

Um dia, seu avô estava se aprontando para o seu trabalho rotineiro, tirou uma folha da Bíblia, fez um canudinho, acendeu a lareira e nela o cachimbo. Nesse ato, uma folha caiu no chão, que seu pai apanhou e guardou em seu bolso. Ele esperou a hora do banho para ler porque naquela região os cômodos das casas não tinham portas com trancas, só o banheiro tinha. A coisa tocou muito o coração dele, exatamente na parte que diz: “De tal maneira Deus amou o mundo que lhe deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crê, não se perca, mas tenha a vida eterna”.

Ele tinha quinze anos de idade e ficou impressionado, pensando como é que pode não se saber que teve alguém que deu a sua vida por nós? Ficou com aqueles questionamentos todos na cabeça e quando seu avô voltou à tardinha, ele falou: “Papai, hoje eu fiz uma coisa que talvez não agrade ao senhor. Na hora em que o senhor acendeu o seu cachimbo, uma folha caiu no chão de tão gasta que

está a Bíblia. Eu li e fiquei impressionado. Por que não podemos ler a Bíblia?” Surpreso com a pergunta, o avô de Gilza, com bastante raiva, pegou a Bíblia, colocou-a nas mãos do filho, abriu a porta da casa e expulsou aquele que desobedecera à uma ordem da Igreja Católica.

O pai de Gilza tinha um irmão, o Capitão Bezerra, professor de Matemática no Colégio Militar, que levou o sobrinho para a sua casa. Foi quando apareceu a tal Guerra dos Canudos e o adolescente se alistou voluntariamente. Participou duas vezes da guerra. Da primeira vez adoeceu, voltou e se tratou. Foi uma segunda vez e quando voltou, sua mãe estava morta. Quando chegou ao Cais do Porto do Mucuripe, o irmão dele estava esperando e foi a primeira notícia que deu: a mãe havia morrido. Aquilo pesou muito na alma dele. Então, resolveu abandonar o Exército e ser Pastor Evangélico.

Raimundo Bezerra Lima tinha aquela carteira de Ministro onde constava que fora o Rev. Roberto Lenington quem oficiara o seu batismo na Igreja Presbiteriana. Naquela época, havia muitos missionários americanos aqui em Fortaleza e Bezerra Lima cultivava a amizade de muitos deles, assim como o Reverendo Hover, o Reverendo Hard. Em 1909, o pai de Gilza foi ordenado Pastor pelo Presbitério de Pernambuco. Ele também defendeu tese e se formou bacharel em Teologia.

Casou-se duas vezes. Com a primeira esposa, teve um filho que morreu ainda criança, em Manaus. Ficou viúvo, veio para Fortaleza e se casou com Grazianna Gondim Bezerra Lima, que no meio evangélico era conhecida como Gilvanira, sendo desconhecido o motivo dessa troca de nome. Desse casamento, nasceram quatro filhos, Gilza foi um deles. Ela nasceu em Fortaleza, no Benfica, em uma casa que ficava por trás da igreja dos Remédios. Era a caçula da família, com a diferença de três anos de seu irmão mais próximo.

No Benfica, naquela época, tinha a família Gentil, que morava naquele prédio onde hoje está a Reitoria. Eram os ricos do bairro. Já os Bezerra Lima tiveram uma moradia muito sofrida. A casa era humilde, coberta com telha, não era forrada, cheia de goteiras e quando chovia, ficava toda alagada. Foi uma dificuldade muito grande porque o seu pai abandonou tudo para dar tempo integral à Igreja. Ele dizia que recebera um chamado de Deus e que deixara de ser soldado das forças militares para ser soldado de Cristo.

Nesse tempo, a igreja era pobre. Eram muito precárias as condições da Igreja, que era mantida pelas missões americanas já que foram os americanos que introduziram o presbiterianismo no Ceará. O salário de um Pastor brasileiro era muito baixo, tanto é que o Dr. Edílson aceitou os filhos no Colégio 7 de Setembro gratuitamente.

Gilza é a única entre os irmãos que não teve problema de desequilíbrio mental, já que a sua irmã é esquizofrênica, atestado pelos médicos, e os dois outros apresentam comportamento da mesma ordem. Ela atribui essa situação à discriminação sofrida quando jovens pelos católicos e por pessoas da própria Igreja. De todas as maneiras eram eles discriminados, por serem filhos do Pastor. Uma das pessoas que não praticavam essa discriminação era a Ednilza, filha do Dr. Edílson Brasil Soárez, que foi sua companheira no Colégio 7 de Setembro por dez anos, mesmo sendo eles de uma posição bem superior à dela. Toda a família Brasil Soárez tinha o maior carinho para com Gilza.

Ela lembra que quando tinha dezesseis anos, já sentia o peso de tudo isso. Quando estudava no 7 de Setembro, a Ednilze era sempre poupada porque era filha do Dr. Edílson, mas ela era a protestante mais pobre que tinha no colégio, daí a discriminação. Sofreu que não foi brincadeira.

Seu pai tinha a vida muito reservada, era presbiteriano de verdade, não era meio termo, era aquela pessoa convicta. E ele achava que perdia tempo, que tinha que aproveitar bem o tempo aqui na Terra, mas aproveitar fazendo boas obras que agradassem ao Senhor. Então, às coisas mundanas, ele disse não.

Quando não era evangélico, bebia e fumava. Ele contava que de certa feita estava com uns amigos de farra e foram fazer uma serenata, cada um na casa da sua namorada. Ele achou que portão do Cemitério São João Batista era o portão da casa da namorada e fez uma serenata lá. Amanheceu o dia, todos bêbados tinham dormido lá mesmo.

Gilza diz que procurou apagar de sua vida aqueles que lhe discriminavam, para não guardar mágoa. Ela também já magoou, diz, mas magoou diante de seu casamento. Quando conheceu seu marido na casa de uma colega dele, foi convidada para conhecer a Igreja Evangélica Roliness, lá no Rio de Janeiro. Ao ser perguntada se era presbiteriana, Gilza respondeu que ouvia a palavra de Deus, e

que a conhecendo, podia ser em qualquer Igreja, sem o conhecimento, tinha medo. Sabendo, ia reter o que era bom e desprezar aquilo que não é bíblico.

Uma amiga de um japonês que Gilza acabara de conhecer, disse-lhe que faltava pouco para que o marido dela fosse um verdadeiro crente, aliás, que podia até dizer que ele era melhor que muitos crentes.

Somente hoje ela percebe que caiu em uma cilada, pois seu casamento com o japonês se arrastou por mais de vinte e dois anos. Foi um mar de sofrimento, muito sofrimento. Ele, filho de pai japonês, um pai que ficou sete anos na guerra e quando voltou a sua casa, descarregou aqueles traumas na família. Sua mulher foi uma verdadeira mártir. Hoje, ela sofre do mal de Parkinson, com noventa e poucos por cento da doença atribuída ao fator psíquico. O marido de Gilza também sofreu essa descarga. Tudo o que o pai dele lhe fez, ele repetiu com Gilza e os filhos. Quis até matar o filho mais novo. Seu marido ainda é vivo e ela está separada há três meses, três meses, tempo que retornou do Japão.

Para Gilza, não querer casamento de evangélico com não evangélico é, aparentemente, uma discriminação tremenda. Baseando-se na Bíblia, ela diz que é importante observar a recomendação de andarem os dois juntos. Se isso não acontece, se o par não combina, fica difícil a criação dos filhos. Os casamentos mistos podem trazer muitos problemas.

Gilza sabe que nem todos os casamentos entre evangélicos dão certo. Nem todos que dizem estar bem, realmente estão. Tanto é que tem até pastores escandalizando porque não são bem casados.

Sua infância na escola foi boa. No primário e na alfabetização, ela teve a grande alegria de ter como professora Júlia Barreira, filha de Baltazar Barreira, presbítero da Igreja. Foi um mar de rosas para ela porque o Sr. Baltazar e seu pai eram amicíssimos. Seu pai morou um ano com ele e saiu para casar, mas ficaram amigos até à morte. Até hoje, a família Barreira é como se fosse a sua família.

Ela sempre estudou no Colégio 7 de Setembro, mas só até o ginásio porque lá não tinha o científico, e o cursou no Liceu.

Na época do 7 de Setembro, a família Bezerra Lima era muito pobre, qualquer coisa que comiam na frente de Gilza, a deixava com a boca cheia d'água já que por muitas vezes ia para o colégio e voltava para casa sem se alimentar. O Sr.

Jáder, pai do Dr. Edílson, muitas vezes deu merenda para ela de sua cantina que funcionava dentro do colégio. Por isso ela tem gratidão profunda por aquele homem.

Não era todo mundo que discriminava Gilza e a família, tinha os Barreira, que a tratavam com um carinho muito especial, até ajudavam. Tinha também a Dona Nila, o Dr. Edílson, a Nadir, a Dona Cotinha, a família Mota Cavalcante e outras pessoas de quem ela não recorda os nomes. Por outro lado, tinha a família Castelo Branco, que discriminava a família de Gilza. Quando o seu pai foi fazer o seu último sermão na Igreja, ele já com arteriosclerose, velhinho, com oitenta e poucos anos, uma das Castelo Branco, a Eldani, sentou atrás de Gilza e comentou: “Esse velho caduco”.

Não havia preocupação em que lugar sentar na igreja. Sua mãe sentava do meio para frente porque tinha a dona Laura Cavalcante que queria muito bem à mãe de Gilza. Dona Laura também procurava sentar-se junto à dona Grazianna, mãe de Gilza. A Ednilsa fazia questão de levar Gilza para sentar no primeiro banco, mas pelo gosto de Gilza só sentava no último.

Falar sobre a relação do Reverendo Bezerra com o Reverendo Natanael Cortez mexe num ponto bem melindroso. Parecia que os dois se davam muito bem, contudo havia muita discórdia entre eles. Certa vez, durante uma reunião do presbitério Ceará-Amazônia, houve um problema que maculou mais ainda a relação entre eles. O Reverendo Natanael Cortez discordou do Reverendo Bezerra em alguma coisa. No fervor da discussão o Reverendo Natanael Cortez tentou bater no adversário, no que foi impedido pela família Barreira. Este fato foi relatado à Gilza pela sua própria mãe, que o soubera pelo marido. Não na presença dos filhos. Ao tomar conhecimento de que os filhos sabiam do ocorrido, o Reverendo Bezerra ficou bastante desgostoso, pois não queria seus filhos metidos nessa polêmica.

Quando jovens, aqui em Fortaleza, os Bezerra Lima não tinham diversão. Por causa da situação econômica e mesmo porque eles tinham medo de sair às ruas. Por morarem por trás de uma Igreja Católica, seu pai recebia constantes ameaças de morte do padre da Igreja dos Remédios. Houve também uma ameaça em Iguatu, do padre Coelho. O Reverendo Bezerra estava com o presbítero da igreja na calçada, quando escutou o Padre Coelho gritar, que o seu bode se preparasse para morrer, que havia chegado o seu dia. Bode era como eles chamavam os pastores.

Em uma reação inesperada, até mesmo para o presbítero, o Reverendo Bezerra, ajoelhado na calçada, pediu ao Senhor, que não permitisse que aquele homem se tornasse um assassino, dando mau exemplo para o seu rebanho. Que o Senhor segurasse sua mão, e que quanto a ele, se havia chegado a sua hora, estava pronto.

Certa vez, viajando para Iguatu, Gilza foi visitar a igreja presbiteriana local. Lá, conheceu o presbítero que estava em companhia de seu pai quando ocorrera o episódio com o Padre Coelho. Ao esclarecer sua relação com o Reverendo Bezerra Lima, ele pediu para que ela o permitisse abraçá-la, pois estava muito alegre. Nunca imaginara que antes de morrer, tivesse a alegria de abraçar a filha do Pastor Bezerra Lima.

Em seguida, este senhor contou o que ela já sabia sobre o episódio e acrescentou mais detalhes. O seu pai estava ali para fazer uma conferência, quando apareceu o Padre Coelho, dizendo que não iam fazer nada naquele momento, nem conferência nenhuma, naquela noite. Eles haviam respondido que a vontade de Deus iria se cumprir.

À noite, com o Reverendo trajando terno de linho branco, na hora da pregação, os católicos cercaram a igreja e tomaram ovo, pedrada e paulada. Só terminou quando um delegado, da família Maia, mandou dois seguranças para proteger o Reverendo Bezerra Lima, permitindo a sua saída do templo. O Reverendo foi obrigado a deixar a cidade de Iguatu no trem da meia-noite, com destino a Fortaleza.

Não é verdade que o Reverendo pediu ao Getúlio Vargas, então Presidente do Brasil, a sua reintegração ao Exército. Seu sobrinho Astolfo e a mãe Gilza deram essa idéia para o seu pai, pois ele, nos seus cinquenta anos de ministério evangélico tinha perdido a verba de representação, com a qual sustentava a família, ficando quase na miséria.

Além dos lances de quando a família morava na Rua Padre Francisco Pinto, 659, que de um lado tinha a Igreja dos Remédios, e do outro o dispensário dos Padres, os vizinhos também não deixavam a família Bezerra Lima em paz. Gilza, que gostava de estudar no quintal de sua casa, era sempre molestada pelos vizinhos. Eles jogavam muitas coisas em seu quintal, como roupa velha, passando por ratos mortos, lixo, e até gato morto.

Dos professores do Liceu, Gilza se lembra de alguns. Tinha o professor Geraldo, de Geografia; o Valdo Rios, de Física; a Teresa, de Espanhol que obrigava os alunos a rezarem a Ave Maria em espanhol, caso contrário perderiam um ponto. O diretor era o Boanerges Sabóia Filho e o professor de português era o professor Gildásio, moreninho, assim meio baixo.

Gilza prestou exame vestibular para o Curso de Medicina na Universidade Federal do Ceará, mas não terminou. A causa foi a morte de sua mãe e a trombose cerebral sofrida pelo seu pai que a obrigou a tomar conta dele por um ano e dois meses. Nesse intervalo começaram as crises de sua irmã. Os médicos diagnosticaram esquizofrenia, mas Gilza acredita que a irmã não suportou a perda dos pais, foi a gota d'água que faltava. Sua mãe morreu em 1962 e o pai em 1963. O histórico de vida da família deve ter contribuído para abalar a vida de seus componentes, pois a mãe, a irmã e os dois irmãos de Gilza sofrem das faculdades mentais.

Gilza casou-se em 1983, no Rio, e morou por lá durante vinte anos. Foi para o Rio de Janeiro porque se sentia muito isolada, os irmãos de igreja não a procuravam, e ela tinha medo de ir à Igreja sozinha. O seu irmão foi morar na casa que tinha sido de seus pais com a esposa, a sogra e os cunhados. A esposa dele não gostava de protestante, a primeira coisa que fez foi tirar o quadro dos “dois caminhos” que seu pai mantinha pendurado na parede da sala. Ela ainda ficou seis anos com eles.

A primeira vez que Gilza foi ao Rio, passou sete meses, morando em casa de uma tia. Depois foram vinte anos trabalhando lá. Trabalhando treze anos na Jayca, uma agência de cooperação Internacional do Japão. Eles trabalhavam com imigração, colonização e assistência financeira. Gilza era administradora da imigração japonesa. Foi aí que ela conheceu Hirok Oishi, o japonês que veio a ser seu marido. Eles não ficaram noivos e não se casaram em igreja, porque ele era budista e ela protestante, ele não ia para a igreja dela e ela não ia para a igreja dele, casaram no civil. Não houve choque de cultura porque ela já trabalhava com ele há mais de dois anos. No início, os dois se tratavam muito cordialmente.

Ela freqüentava a Igreja Presbiteriana de Copacabana, que tinha como Pastor Nehemias Bejamim Moraes. Suas pregações eram admiradas pela Gilza. Depois de certo tempo, perdeu contato com esse Pastor.

Entretanto, as notícias que teve dele, ultimamente, não foram de todo agradáveis. Parece que ele foi para São Paulo e foi deixado em uma pequena igreja, separou-se da família, qualquer coisa assim.

Depois dos vinte anos passados no Rio, Gilza veio morar em Fortaleza por cinco anos, mudou-se para o Japão, e lá permaneceu por dez anos. Há três meses, ela retornou a Fortaleza. Quando se casou com o japonês, fez questão de declarar que era evangélica e nada nesse mundo a faria se separar do evangelismo, que criaria os filhos no mesmo caminho.

Enquanto estava morando em Fortaleza, o marido a acompanhava à igreja. Depois, por causa de um desentendimento do japonês com um de seus irmãos, as coisas começaram a ficar complicadas, foi terrível. Quando o casal veio para Fortaleza, eles vendeu todos os bens que possuíam lá no Rio, os apartamentos, os móveis e trouxeram algum dinheiro.

Para aplicar esse dinheiro, eles resolveram abrir um negócio com o irmão de Gilza, que estava se aposentando no Banco do Nordeste. Como esse negócio não abria nunca, o japonês, achando que estava sendo roubado, desmanchou a sociedade e pediu de volta o dinheiro que havia aplicado. O irmão de Gilza devolveu o dinheiro, mas o marido dela achou que estava faltando. Aí ele começou a cismar com a família da esposa, por causa dos incidentes, ele se mandou para o Japão, sozinho.

Quando moravam no Rio de Janeiro, seu esposo quis matá-la, juntamente com os dois filhos. Sua vinda para Fortaleza foi uma tentativa de estar perto da família, para que as coisas se abrandassem, o que não aconteceu, até pioraram. Ele estava sem emprego e nem estava querendo emprego aqui. Gilza aproveitou esse período para levar os filhos à Igreja e quando não ia, fazia um culto em casa. Depois de três anos, o esposo voltou e pediu para ela ir morar no Japão com ele. Os meninos estavam sofrendo muita discriminação nos colégios, por serem japoneses. Então, por causa dessa situação, ela cedeu.

Sua ida para o Japão provocou mágoa entre o filho mais novo e o filho mais velho, é que este último foi quem fez a mãe decidir pela ida para o Japão, isso em 1995. Eles foram morar em Yokohama. Freqüentaram por um ano a Igreja evangélica. Como ela havia trabalhado com os japoneses, sabia

um pouco da língua deles, mas o entendimento do evangelho é um pouquinho difícil. O seu marido escutava as mensagens e por meio de um “headphone” traduzia para os três. A mensagem era a mesma e até chegou a provocar emoção em Gilza, quando ouviu tocar o hino “Se das vidas vagas procelosas são”, chorou quando os ouviu cantando.

Seu relacionamento com os japoneses foi muito bom. Ela ensinou nove anos, como voluntária, em uma escola japonesa para brasileiros. Ensinou também, durante seis anos, em uma escola pública japonesa, onde até o seu filho depois foi estudar. Ministrou aulas de idioma estrangeiro em um colégio de 2º grau.

Um pequeno problema, porém, eles tiveram que enfrentar na igreja que freqüentavam. O maestro regente do coral rejeitou seu filho no dia em que ele ia cantar, na noite de Natal. Com isso, seu marido tirou todos da Igreja. Com a saída deles da igreja, as agressões do pai com os filhos aumentaram. Nove anos de sofrimento. Ele batia nos filhos, colocava todos para fora de casa e teve um dia em que bateu tanto em um dos filhos que quase o matou. Ele ficou todo marcado de socos.

A opressão do povo japonês e a discriminação sofrida na escola, levaram seu filho ao hospital algumas vezes. Uma vez até o professor bateu nele. O último ato de violência praticado pelo marido com a esposa, foi ao extremo. Ao bater nela, deslocou seu queixo, fazendo-a sangrar e derrubando-a duas vezes no chão. Isso a fez decidir voltar para o Brasil.

Ela já sofreu perdas irreparáveis em sua vida: pai, mãe, avô. Para ela, a morte é só uma separação temporária, fica a saudade, sentimento do ser humano. O luto está no coração, não na roupa. Como evangélica, ela acredita que Deus, nessas ocasiões, oferece o conforto necessário. Quando seu pai faleceu, encarou como o fim de uma luta, de um sofrimento, o dele, agora ele está descansando. Antes de morrer, ele pronunciou as seguintes palavras “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” Ele segurou a sua mão e ela até ficou um pouco frustrada porque não pôde terminar os versos começados.

4.16 Nada de palmas, o templo é sagrado, merece respeito

Nascida aos 23 dias de abril de 1925, na cidade de Fortaleza, Ceará, em lar genuinamente presbiteriano, filha de Abel Vieira Castelo Branco e Maria Nogueira Castelo Branco, Zoeli Castelo Branco foi criada pela avó Rosenda Amélia Castelo Branco.

Foto 45 - Abel Castelo Branco, pai de Zoeli



Fonte: Acervo Zoeli Castelo Branco

Sempre pertenceu à Igreja Presbiteriana de Fortaleza, onde foi batizada no dia 7 de junho de 1925, pelo reverendo Antônio Teixeira Gueiros. Seu pai, a quem Zoeli diz dever tudo na vida, sua orientação religiosa e na vida secular, foi o responsável pela Igreja Presbiteriana de Cedro.

Fez seu curso primário no grupo escolar Fernandes Vieira, localizado no bairro de Jacarecanga, em Fortaleza. Preparou-se para o Ginásio no Colégio Sete de Setembro, naquela época quase como um vestibular, ingressando na Escola Normal. Eram 100 vagas, 500 candidatas. Terminado o curso secundário, ingressou na carreira de funcionária pública.

Na adolescência, sua diversão era a Igreja, não tinha outra coisa. Participava de brincadeiras e festas. Para Zoeli, naquele tempo a mocidade era diferente, as pessoas viviam mais. Como primeira secretária da Mocidade na igreja,

tinha o trabalho de organizar passeios, piqueniques, mas sempre de caráter espiritual. Quem comandava a Igreja Presbiteriana de Fortaleza, era o reverendo Natanael Cortez, mas quem tomava conta da segunda igreja, era Antônio Teixeira Gueiros.

Zoeli morava na Avenida Francisco Sá, próximo à White Martins, onde fica a segunda igreja. O terreno da igreja pertencia à Mariquinha Maia, viúva de José Zaquel Maia, que fez doação para a construção do templo. Ela fez parte da Igreja, desde os primeiros momentos. Era escola dominical, à sombra de uma mangueira, assistiu à construção daquele templo. Não lembra se o bairro era Brasil Oiticica, antigamente chamavam Calçamento do Urubu, porque tinha as oficinas da REFESA, chamadas oficinas do urubu, lá no bairro Jacarecanga.

Foto 46 - Zoeli Castelo Branco, época como diretora de Arrecadação da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará



Fonte: Acervo de Zoeli Castelo Branco

Zoeli fez o primário no Grupo Escolar Fernandes Vieira, hoje Juvenal Galeno, quando estudou com a professora Enoia Correia. Depois ingressou na Escola Normal, que tinha como diretor o Dr. João Hipólito de Azevedo e Sá, tio da Lurdinha. A Escola Normal era muito rígida, tinha um uniforme, não se podia usar uma fita no cabelo, não podia entrar sem farda, aquele uniforme, saia vermelha, blusa branca.

No tempo da escola Normal, ela morava na Francisco Sá. O bairro só era atendido por dois ônibus, um às sete da manhã e um outro às onze horas.

Ela vinha a pé para tomar o bonde do Jacarecanga, no Liceu, quando ia para a Escola Normal. Lembra dos alunos do Liceu. Eles desfilavam no dia 7 de setembro e ela também, pela Escola Normal. No final do desfile, havia o encontro das duas escolas, carregado de camaradagem e respeito.

Aquela era a época da Fortaleza dos bondes, das calçadas. A Francisco Sá era só mato, mas havia um calçamento estreito que levava à Barra do Ceará, onde desciam os hidroaviões Catalina.

Depois da Escola Normal, Zoeli estudou contabilidade, ingressou na Faculdade de Veterinária, como secretária, a primeira daquela Instituição de ensino. Seu trabalho foi organizar a faculdade, documentação, exposição de motivos, pareceres, todas as tarefas administrativas da faculdade, vestibular para os meninos, ela preparava tudo, foi um trabalho muito grande. Uma Lei Federal, provisionou os que trabalhavam em administração comprovadamente e Zoeli teve reconhecido o seu direito ao exercício da atividade de administradora. Ficou com o curso superior de administração, foram dois anos para ver se esse processo dava certo. Depois até se arrependeu, porque devia ter feito Faculdade de Administração, Escola de Administração, mas ganhou aquele título.

Da Faculdade de Veterinária, que era na Secretaria de Agricultura, Zoeli foi ser chefe de gabinete, à época do Dr. Tomás Antônio Pompeu Sobrinho. Ficou lá de 1951 a 1954. Depois retornou para a Veterinária, ficando até 1965. Em 1966 foi para a Secretaria da Fazenda, como diretora geral, na gestão do Secretário Luis Crispim de Sousa, no primeiro governo de Virgílio Távora.

Zoeli não era de namorar muito e se divertia pouco. Sua vida era dedicada à igreja e aos estudos. De seu casamento, teve dois filhos, Meirinha e o Abel. Meirinha, Deus a levou e o Abel formou-se em Economia, Administração e Direito. Para o exame da Ordem dos Advogados do Brasil, estudou no Rio de Janeiro.

Separou-se aos vinte e sete anos, depois de nove anos de casada e não conheceu mais ninguém. Nunca achou quem a convidasse para tomar um sorvete.

Dizem que era muito exigente. Sempre achou que quando a pessoa casa e não é feliz, não adianta colocar uma outra pessoa para criar os filhos. Ela já tinha dois filhos e foi criá-los sozinha, e muito bem. Para ela, foi muito difícil ser mulher sem marido, porque os homens, quando vêem uma mulher sozinha, acham que podem abusar. Uma vez chegou à empresa e uma pessoa, lá dos seus chefes, disse que ela era muito bonita. Ela respondeu de supetão que era bonita e interessante e que em sua casa havia espelho. A igreja punia mulher descasada, não aceitava mulher separada; aliás, até podia aceitar, mas elas ficavam sem poder comungar. Não comungavam, mesmo não tendo culpa. Logo depois Zoeli se divorciou.

Esta determinação, classificação do que é ou não permitido, limita as ações de seus membros configurando-se como *habitus* constituído pelo poder simbólico, funcionando como prática por excelência de integração social.

Na época da Segunda Guerra Zoeli morava ainda na Avenida Francisco Sá, pertinho de um paiol da pólvora, do outro lado da linha do trem. As pessoas tinham muita preocupação, porque as luzes se apagavam, e tinham medo que acontecesse alguma coisa grave. Naquela época, Zoeli tinha uns vinte anos, mas se lembra de tudo. Lembra-se ainda, daquelas moças que andavam com os americanos. Havia até uma conhecida sua, eram as "coca-colas". Ela, por ter sido sempre evangélica, nunca foi uma delas, nem nunca teve vontade. Para ela, quando as pessoas se convertem, aceitam tudo. Nunca dançou, nunca fumou e nunca bebeu. Ouvia falar do carnaval, mas nunca foi a nenhuma festa.

Foi educada pela avó e não tinha medo de pecado, tudo era muito espontâneo, aquela vida de escola dominical, o culto. A avó morava em uma casa, pertinho da de Zoeli, morava com uma filha que era a mãe do Zezinho. Zoeli morou na rua Ronaldo Cabral, também no Monte Castelo.

A Igreja que Zoeli freqüentava não exigia muito, mas era organizada, não impunha. Havia as regras: não fumar, não beber, não dançar, e dia de domingo não se comprava nem sorvete. Não era uma determinação, era uma coisa que as pessoas aprendiam na igreja, e ela foi educada naquele regime, sem revolta nunca

fugindo dessa regra. A igreja é composta de pessoas salvas, mas cada uma tem as suas peculiaridades. Zoeli sempre encontrou pessoas boas, amigas, na igreja. Desde jovem, suas amigas eram Eldine Cortez, a Neidinha, a Nancy.

Na igreja, Nila era uma de suas principais amigas, pois comungavam do mesmo ideal. Elas faziam muitas viagens juntas por causa dos cargos que ocupavam na presidência da Confederação Nacional das Igrejas Presbiterianas.

Sobre sua separação do marido, Zoeli não comenta, mas garante que existiam outros casos na igreja, embora em número bem reduzido.

Ela nunca se sentiu isolada nem constrangida pelo fato de ser separada. Não se lembra de ter sofrido restrições por parte da igreja, só que não comungava. Depois de certo tempo, voltou à comunhão da igreja. Sempre foi muito bem recebida. Sempre ocupou cargo na igreja.

Zoeli não se lembra de ter presenciado discriminação na igreja. Ela foi sempre bem recebida em seu meio, relacionava-se com todo mundo, toda a sua família pertencia à Igreja. Entretanto, segundo ela, havia pessoas que não se comunicavam, talvez por diferenças de idéias sociais, mas muito pouco. Para ela, as pessoas da igreja formavam uma família quando a igreja era menor. Todos eram amigos e tinham tanta intimidade que sabiam onde os outros moravam. Ela sempre fazia muitas visitas. Bastava um adoecer ou faltar à igreja para todos quererem saber o porquê. Isso com qualquer pessoa da igreja, indistintamente.

Zoeli sempre ajudava aos pastores e às pessoas mais necessitadas, continua ajudando. Na igreja, funciona uma ajuda diaconal e eles são responsáveis pela assistência social, fazem campanhas e Zoeli faz parte de uma sociedade, a “SAF”, que conta com verba para a assistência social às pessoas mais necessitadas. Quando alguém está doente, a igreja dá o remédio, dá cesta básica. Toda a igreja coopera. Ela nunca tomou conhecimento se alguma pessoa é contra isso. Eles pensam em ajudar. Quando os jovens vão para o Seminário, a igreja paga tudo e as mulheres fazem campanhas em favor deles. Recentemente, o pessoal da igreja fez uma visita ao seminário teológico, em Fortaleza, na João Pessoa. Lá tem 93 alunos, pois juntaram as duas igrejas, a da Aldeota e a SAFI de Fortaleza. Foi realizada uma grande festa para ajudar os seminaristas.

Leitora assídua da Bíblia, Zoeli se pegava a ela sempre. Principalmente nos momentos de aflição. Entretanto, em um momento de sua vida, quando da doença

de sua filha, com CA, isto há 11 anos, ela manteve suas orações, - mas a Bíblia ficou um pouco de lado, lia um versículo aqui outro acolá, pois foi um momento de muita angústia em sua vida, porém nunca deixou de ler a Palavra. Sempre acorda às quatro horas da manhã. Ela recebeu as explicações sobre a Bíblia da sua avó e da Igreja.

Sua filha faleceu quando Zoeli estava com 42 anos de idade. Sempre se confortou em Deus. Baixou sempre a cabeça porque Deus não erra, só faz o certo. Foi difícil, muito difícil, mas diz sempre que entre as bênçãos da sua vida, Deus lhe deu a consolação. Sua filha era única, e além disso, sua amiga, companheira. Ela sentiu e sente até hoje a morte da sua única filha.

Para Zoeli, a morte é uma coisa muito difícil, embora na Bíblia diga que é uma coisa natural. Para ela, é um castigo que recebemos e devemos aceitar, mas não é fácil. Com a morte de Nilra, sua filha, Zoeli ficou muito abalada, devido a sua ligação com ela.

Zoeli relembra o que está escrito na Bíblia: A duração da vida é 70 anos, se alguém chega aos 80 só tem canseira e enfado. Na sua Igreja, tem pessoas com 101 anos, ela tem 80. Não sabe se vai rever sua filha, não pode saber porque são mistérios de Deus e a Bíblia não garante isso.

Sobre o seu filho, ela gostaria que fosse pastor, mas ele não quis. Ela insinuou bastante; disse que ajudou a formar muitos pastores, mas ele não quis, frequenta a Igreja e canta no coral.

Para Zoeli, existe muita diferença entre o presbiteriano de ontem e o de hoje. Esta diferença pode ser aquilatada em um episódio passado com o seu tio. No passado, ele foi alugar uma casa, quando foi na hora da realização do negócio, pediram um fiador. O dono da casa ficou sabendo que ele era presbiteriano e deixou para lá a questão do fiador. Ser da Igreja era a garantia de bom pagador. Hoje, ninguém pode mais confiar, ninguém pode mais fazer assim. Falta de conhecimento de Deus, de um maior conhecimento, afirma Zoeli.

Para ela, as coisas mudaram muito no mundo. As notícias chegam mais rapidamente. Anteriormente, para receber uma notícia do Rio de Janeiro era uma complicação, hoje termina de acontecer na Europa e já estamos sabendo. Ela lembra que existia aqui, um sistema "cabograma", que transmitia mensagens por meio de um cabo submarino, que ficava na Castro e Silva. Hoje existe o telefone, o

celular, tem todas as facilidades do mundo; então as facilidades da vida, mudaram muitas coisas. É, mais ninguém pode viver de passado, as coisas mudaram. Aqui na Igreja só existia um piano, um órgão, depois é que vieram as outras coisas, bateria etc.

Para Zoeli, o que não muda é o Evangelho, é o mesmo, nunca muda. Quanto aos presbiterianos, ela não os julga, mas sente a diferença. Para ela a culpa não é da Igreja, que é firme, viva e eficaz, de vida abundante, mas as pessoas que freqüentam é que têm uma maneira de ser diferente.

Sua ligação com os jovens ultimamente não tem sido muito freqüente, porque ela cuida da Sociedade Auxiliadora Feminina. Hoje, na igreja, tem um local para cada um, e no dia de domingo todos se juntam, mas cada um faz o seu trabalho.

Zoeli fala das mudanças na liturgia da Igreja, que para ela não deveria mudar. Ela estranha o bater palmas na Igreja. Antigamente isso não existia, ninguém batia palma na igreja, o templo era sagrado, local de respeito.

Sobre os pastores, Zoeli guarda boas lembranças de Antônio Mota Castelo Branco, que foi presbítero da Igreja. Pelo comportamento dele, crente fiel, fiel não, fidelíssimo. Lembra também do Érico Mota, que era muito bom. O Érico Mota foi tão bom que deixou aqui um terreno, o qual foi doado pela viúva dele à Liga Evangélica de Assistência, onde são amparadas as pessoas mais velhas que não têm família. Ela lembra ainda que Érico Mota foi um deputado bastante atuante na defesa dos mais necessitados.

Outro pastor lembrado é Diógenes Cavalcante, mas, para ela, o melhor mesmo foi Natanael Cortez, com o qual teve muito contato. Homem de caráter decente. Relembra também o seu tio Alcides Nogueira, Bezerra Lima, Otoniel, todos pessoas íntegras.

Ao falar sobre acontecimentos desabonadores de conduta de pastores, Zoeli afirma não conhecer pastor que tenha cometido atos não apropriados. Se tivesse acontecido, lamentaria bastante, diz ela, porque não se espera isso de um pastor.

Ela diz que talvez tomasse uma atitude contra ele, porém não se considera uma guardiã, tenta ser uma boa serva do Senhor, pois todos têm defeitos, mas ela é muito segura na palavra de Deus.

Na vida profissional, Zoeli acredita que nunca foi rígida, sempre foi uma chefe muito compreensiva com seus funcionários da Secretaria da Fazenda. Ressaltou que foi a única mulher a delegar a Secretaria da Fazenda no Ceará, até agora; não sabe se amanhã vai ter outra.

Foi amiga de todos os Secretários, mas foi a Luis Crispim que ela dedicou maior amizade. Ele era funcionário da Secretaria da Fazenda e pela sua competência chegou a ser o seu Secretário. Outro Secretário pelo qual Zoeli teve apreço foi o Dr. Murça, natural do Piauí. Foi ele, no governo de Manoel de Castro, que substituiu Virgílio Távora, quem a nomeou delegada. Foi um escândalo muito grande, porque uma mulher como Delegada da Secretaria da Fazenda, era um acontecimento inusitado. Ela não se envaideceu com o título, tanto que não aceitou dar entrevistas para os jornais. Teve receio de ser delegada, de ser até presa, mas o governador não aceitou suas desculpas e a nomeou.

Funcionária da Secretaria da Fazenda durante 40 anos Zoeli afirma que sempre venceu as tentações, por obra e graça de Deus. Nunca se empolgou com nada, saiu de lá como Auditora Fiscal, com um bom salário, mas honesta.

Orgulha-se da opinião de seus colegas de trabalho sobre ela. Quando seus funcionários não andavam direito, ela os chamava e orientava, o que graças a Deus sempre deu certo, diz Zoeli.

Lá, todos sabiam que ela era evangélica e o tratamento era muito bom. Muitas pessoas até aceitaram o Evangelho. Já quando era estudante da escola normal, na aula de religião, o padre fez uma pergunta e ela respondeu satisfatoriamente, deixando-o admirado, aí as outras alunas resolveram, dali em diante, passar na calçada da Igreja da Zoeli, porque ela tinha respondido corretamente à pergunta do padre.

Zoeli relembra a sua amizade com alguns padres, do tempo da Secretaria da Fazenda, inclusive, com um padre do Monte Castelo, eles dois assistiram à morte de uma sua grande amiga, a Conceição, que era dona de uma farmácia no Monte Castelo.

Zoeli tinha perguntado à Conceição, antes de sua morte, se ela acreditava em Jesus Cristo como o Salvador, e ela respondeu que sim. Seu

filho, que estudava num convento fez a mesma pergunta e a resposta foi um sim com a cabeça.

Quando o marido da Conceição pediu ao padre para marcar a missa de sétimo dia, Zoeli argumentou que aquela missa não adiantava nada, que a salvação deveria ser naquele momento e que a sua amiga estava salva e que já havia chegado ao céu. Em resposta, o padre falou que era o que a Igreja Católica comungava. Pela resposta Zoeli percebeu que o padre estava de acordo com ela.

Segundo Zoeli, as famílias mais importantes da igreja eram os Barreira, os Mota, e outros de quem ela não lembra os nomes. Eram importantes porque eram pessoas boas, que se preocupavam com a Igreja e com as pessoas. presbítero Edmundo, que no Natal, ia à casa de cada uma das pessoas mais necessitadas, levando dinheiro.

Foto 47 - Zoeli e uma irmã da Sociedade Auxiliadora Feminina - SAF



Fonte: Acervo de Zoeli Castelo Branco

Zoeli chegou a ser assessora de assistência social no trabalho feminino da SAF nacional da Igreja Presbiteriana, e depois sua vice-presidente, fato que marcou muito sua vida. Para ela, as pessoas devem enfrentar a vida como ela se apresenta, colocando sempre Deus em primeiro

lugar. Quando andamos com Deus, a nossa vida corre muito bem, sem Deus nada somos.

Foto 48 - Zoeli no interior do Templo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza - Igreja Central, em 2003



Fonte: Acervo de Zoeli Castelo Branco

Zoeli está estudando pela terceira vez, terceiro ano de Direito, sendo eleita presidenta da Sociedade Auxiliadora Feminina - SAF - de sua Igreja. É a sexta vez que ela assume este cargo. Nunca se negou, sempre pode, porque, segunda ela, quem nos dá tudo é o Senhor, e nós temos que dar alguma coisa para Ele. Ele nos dá talentos, então nós vamos ocupar nosso tempo na seara Dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa encontrei-me em uma encruzilhada. A de fazer interlocução entre a minha história e o campo de conhecimento que priorizei em estudar, pois carrego comigo a convivência religiosa e as relações pessoais mantidas ao longo dos anos com os sujeitos da presente pesquisa. Havia dúvida, dentro de mim, se esta aproximação prejudicaria o meu senso crítico e o discernimento necessário para ir adiante, o que prejudicaria todo o meu esforço no sentido de me tornar um pesquisador.

Procurei na literatura o apoio necessário para desfazer a minha dúvida e encontrei que para o *estudo da totalidade de um fenômeno social supõe a integração do observador no próprio campo de observação*.³⁸⁰ Laplantine observa ainda que se é possível, e até necessário, distinguir aquele que observa daquele que é observado, parece-lhe, em compensação, impossível dissociá-los. Ele acrescenta:

Nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos. Ou seja, nunca observamos os comportamentos de um grupo tais como se dariam se não estivéssemos ou se os sujeitos da observação fossem outros.³⁸¹

Para este autor, se o pesquisador perturba determinada situação, e até cria uma situação nova, devido a sua presença, é por sua vez perturbado por essa situação. Qualquer relação ou situação vivida entre o pesquisador e o pesquisado é parte integrante de sua pesquisa. Os problemas das motivações extra científica do pesquisador e da natureza da interação devem ser colocadas em jogo. *O pesquisador deve ser capaz de se observar a si próprio, visando a que uma situação de interação (sempre particular) se torne o mais consciente possível*.³⁸²

Sanada minhas perturbações, procurei a posição historicamente assumida pelos presbiterianos, que desde sua introdução no meio social cearense evidencia um projeto identificado com a mudança comportamental

³⁸⁰ LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução de Marie-Agnès Chaval. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 169.

³⁸¹ Idem, p. 169-170)

³⁸² Idem, p. 170.

de seus adeptos, valorizada pela necessidade de transformação da sociedade local.

Esta tese pretende ser, portanto, uma contribuição à historiografia da religiosidade brasileira, em particular, da presbiteriana, que, espero, sirvas de fonte de informação e pesquisa para os interessados no tema.

Sua questão central é sobre a identidade cultural dos presbiterianos de Fortaleza, que lhe é própria e tem contribuído para a formação da Identidade do povo do Ceará e do Brasil.

O objetivo foi caracterizar a identidade cultural dos presbiterianos de Fortaleza, compreendida por meio das marcas de um sujeito que se tornou ator de um movimento coletivo religioso, com práticas religiosas que diferem dos demais grupos religiosos, principalmente pelo seus atos comportamentais.

Para o alcance desse objetivo caracterizou-se o presente estudo em quatro capítulos como segue:

Capítulo 1 Um pouco do que já foi dito sobre protestantismo no Brasil e no Ceará. Pela historiografia da religião protestante constata-se que o presbiterianismo brasileiro caracteriza-se como grupo religioso e cultural que esteve sempre submetido às conjunturas históricas e às práticas sociais. Desde o seu surgimento no Brasil, ainda nos anos de 1859, vem criando instituições, moldando comportamentos – *habitus* – construindo espaços e redes de sociabilidade, e produzindo formas de pensar e sentir a realidade local.

No Ceará, os presbiterianos trilharam um caminho que permitiu a construção de relações sociais, de interações recorrentes entre pessoas que guardam certas características, que interagem uns com os outros, que aceitam direitos e obrigações e compartilham uma identidade comum, que torna possível aos indivíduos se perceberem de alguma forma afiliados ao seu grupo.

Capítulo 2 Perscrutando a História Cultural Presbiteriana. A História Cultural dos Presbiterianos de Fortaleza foi estabelecida levando-se em conta a compreensão das formas e dos motivos e representações de seu mundo social,

como configura Chartier³⁸³, ao estabelecer que o que diferencia as práticas culturais não são os objetos, mas os métodos pelos quais os diferentes grupos se apropriam de um mesmo objeto.

Na construção da compreensão histórica da vida dos presbiterianos de Fortaleza tomou-se os significados, as expectativas e o comportamento que esse grupo humano compartilha e constrói socialmente. Percebeu-se que o cotidiano desse grupo social entrelaça-se com o pensamento de Bourdieu³⁸⁴ quando aponta o *habitus* como um “princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” em busca da consolidação de um ideal comum.

A dinâmica de suas vidas, suas práticas sociais, simbólicas e produtivas, direciona-os para um agir humano, que imprime marcas e traços que formam sentidos e identidades a partir de suas crenças, instituições e ações concretas e contribuem para o conjunto da cultura e da religiosidade cearense e brasileira.

Capítulo 3 O campo religioso e a moral protestante. Os espaços sociais com os quais os presbiterianos têm contato, fortalecem o entendimento de que eles constroem seus interesses em torno do campo religioso, de suas instituições e de suas relações interpessoais dentro de seu próprio campo.

Tendo a religião como legitimadora da realidade do mundo socialmente construído e da cotidianidade da vida humana, e fazendo uso do simbólico, que representa o poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, de transformar o mundo, o presbiteriano estabelece sua vida dentro de valores e de rituais de consagração que limitam suas ações, limitações essas exercidas pelo “poder coercitivo” da Igreja, representado pela própria Bíblia, pelo seu Catecismo e pela Confissão de Westminster.

³⁸³ CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galgardo. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 17.

³⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Traduzido por Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

A conduta e a moral presbiteriana estão subordinada à salvação. A aceitação da justiça e das normas estabelecidas pelas Escrituras indica retidão de caráter, já o desvio moral constitui afastamento da realidade, uma depravação.

O Capítulo 4 A memória dos presbiterianos idosos: momento de construção de sua história cultural - representa o cerne desse estudo. Com as histórias de vida dos dezesseis atores da pesquisa foi possível estabelecer que a construção da identidade dos presbiterianos de Fortaleza se aproxima das orientações da Igreja Presbiteriana e de suas normas comportamentais, e que suas práticas religiosas estão associadas a sua cotidianidade.

A questão central da pesquisa encerra a problemática de conhecer como o presbiteriano de Fortaleza vem construindo as suas visões de mundo e em que medida essa construção se ajusta às orientações contidas nas Sagradas Escrituras e nas demandas sociais de sua convivência com outros atores, pertencentes ou não às diferentes religiões professadas na capital cearense.

As narrativas produzidas a partir das transcrições dos Cd gravadas durante as entrevistas com os sujeitos da pesquisa, consubstanciam o entendimento deste estudo, ao formular que existe uma identidade cultural dos presbiterianos de Fortaleza, identificada a partir de teorias e metodologias da História Cultural. Que essa identidade lhe é própria e tem contribuído para a formação da Identidade do Ceará e do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ATA DA SESSÃO DE 19 DE JANEIRO DE 1920, ATA DO PRESBITÉRIO DO NORTE. S.l.:s.n., 1920.
- ATA DA SESSÃO DE 23 DE OUTUBRO DE 1904, DA IGREJA PRESBITERIANA DE FORTALEZA. S.l.:s.n., 1904.
- ATA DA SESSÃO DE 14 DE ABRIL DE 1906, DA IGREJA PRESBITERIANA DE FORTALEZA. S.l.:s.n., 1906.
- ATA DE 16 DE JANEIRO A 21 DE JANEIRO DE 1919, DO PRESBITÉRIO DE PERNAMBUCO. S.l.:s.n., 1919.
- AIRÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981.
- ALBERTI, Verona. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 27.
- ALENCAR, Francisco Alves de. (Org.). **Igreja presbiteriana de Fortaleza - 120 anos transformando vidas**. Fortaleza: Nacional, 2004.
- ALVES, Rubem Azevedo. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1982. (Ensaio; 55)
- AMADO, Janaina. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. In: **Projeto História, 15**: ética e história oral. São Paulo: EDUC, 1997.
- ARQUIVO DA IGREJA PRESBITERIANA DA ALDEOTA. Fortaleza: s.n., [19--]
- ARQUIVO DA IGREJA PRESBITERIANA DE FORTALEZA. Fortaleza: s.n., [19--]
- ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL MENEZES PIMENTEL. Fortaleza: s.n., [19--]
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahaud; Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BANDEIRA, Moniz. **A presença dos Estados Unidos no Brasil** (dois séculos de história). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- BARROS, Marinilza Ferreira de; SANTOS, Romilda Aparecida Cordiali. Revista de Psicologia Social e Institucional, v.1 nº 1, jan/1999. Disponível em: <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/abuscade.htm>>. Acesso em 22jun2006.
- BARROSO FILHO, Geraldo. Memória oral do ensino público: o Ginásio pernambucano dos anos 50. In: MONTENEGRO, Antônio Torres; e Fernandes, Tânia Maria (Orgs.). **História oral**: um espaço plural. Recife: Universitária; UFPE, 2001.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

- BERGSON, Henri. **Matéria e memória** : ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- _____. A pesquisa em memória social. In: **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, 1993.
- BOURDIER, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.
- _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005b.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. **Sobre televisão**. Traduzido por Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BURITY, Joanildo. Religião e política na fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, 2001.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**, São Paulo: Unesp, 2000.
- CAMPOS, Eduardo. **Natanael Cortez e o ministério da palavra** (Biografia de um pastor do rebanho do Deus). Fortaleza: s.n., 1989.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neo-pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus. São Bernardo do Campo: Vozes, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- _____. **A invenção do cotidiano**: arte de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.v.1.
- _____. **A invenção do cotidiano 2**: morar e cozinhar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- _____. **A história cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.
- _____. A revolução do texto eletrônico: a bíblia e as imagens: protestantismo e catolicismo. In: CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversação de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Danieol Godin e Antônio Soborit. Porto Alegre: Artemed, 2001.
- _____. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

CORRÊA, Carlos Humberto Alves. **Notas de estudo**: a história cultural e as possibilidades de pesquisar a leitura. Campinas, SP: Faculdade de Educação/UNICAMP, 200?. Grupo de Pesquisa ALLE. Disponível em: <http://www.acordeduca.com.br/revistas/rev04_tres/art_03.htm> Acesso em 17 nov. 2006.

CORTEZ Natanael. **A sagrada peleja**: diário de um pastor no Ceará. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 2001. v.1

_____. A igreja presbiteriana no Ceará. In: CORTEZ, Natanael. **Os dois tributos**: jubileu ministerial, 1915 - 18 de janeiro - 1965. [Fortaleza]: [s.n.], [1965?].

_____. **Lavoura de Deus**: tributo religioso de um pastor presbiteriano no Ceará. Fortaleza: IMPRECE, 2004.

CORTEZ, Natanael. O presbiterianismo no Estado do Ceará. Garanhuns, PE, **Norte Evangélico**, Ano 22, n. 30, ago. 1928.

_____. **O presbiterianismo no norte do Brasil**: fase pioneira (síntese). Recife: s.n., 1957.

COSTA, Wicliffe de Andrade. **A implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte (1879 - 1908)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1988.

DEJONG, Bert. **Cada Dia - visão e missão**: luz para o caminho, Campinas-SP, v. 21, n. 5, maio de 2002.

DELGADO, Andréa Ferreira. A história oral e a história da educação das mulheres. In: MONTENEGRO, Antônio Torres; FERNANDES, Tânia Maria (Orgs.). **História oral**: um espaço plural. Recife: Universitária; UFPE, 2001.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Trad. De Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FERREIRA, Wilson Castro. **João Calvino**: vida, influência e teologia. Campinas, SP: Luz para o caminho, 1985.

FOUCAULT, Michel de. **A arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. em três artigos que se completam. 40. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GADELHA, Francisco Agileu de Lima. **O Ceará na trilha da nova fé (o presbiterianismo no Ceará - 1883-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GLASS, Frederick Charles. **Aventuras com a bíblia no Brasil**. Petrópolis: Casa Evangélica, [19?]

GRAHAM, Richard. **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

- HODGE, A. A. **Confissão de fé Westminster**. São Paulo: Os Puritanos, 1999.
- IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. **Forma de governo e disciplina da igreja presbyteriana**. Rio de Janeiro: IPB, 1876. cap. 1.
- JORNAL A REPÚBLICA. abr. 1903.
- JORNAL A REPÚBLICA. p. 3. nov. 1901.
- JORNAL A REPÚBLICA. p. 3 nov. 1901.
- JORNAL NORTE EVANGÉLICO. mar. 1909.
- JORNAL O SÉCULO. Natal, set. 1898.
- JORNAL O SÉCULO. Natal, 1881.
- JORNAL O LIBERAL. Fortaleza, 1881.
- JORNAL O LIBERTADOR, p. 3. set. 1884.
- JORNAL O LIBERTADOR. p. 3. mar. 1883,.
- JORNAL O LIBERTADOR, p. 2. ago. 1883.
- JORNAL O LIBERTADOR, artigos publicados em 22 ago. 1883, p. 3; idem, 23 ago. p, 4; 11 set. 1884, p. 3; 1º set. 1885, p. 2; 13 mar. 1886, p. 3; 20 mar. 1886, p. 3; 8 mai. 1886, p. 4; 3 jan. 1890, p. 3.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução de Marie-Agnès Chaval. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- LÉONARD, Émile-Guillaume. **O protestantismo brasileiro**: - estudo de eclesiologia e história social. Trad. Linneu de Camargo Achutzer. São Paulo: ASTE, 1968.
- LESSA, Vicente **Themudo. Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo (1863-1903)**: subsídios para a história do presbyterianismo brasileiro. São Paulo: Igreja Presbyteriana Independente de São Paulo, 1938.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico**: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003. (Coleção Comunicação).
- MARTINS, Camila Moreira; COLTRO, Alex. **Um estudo sobre cultura organizacional, sob uma ótica antropológica**. S.l.: s.n., 1999.
- MARTINS, Othoniel Silva. **Centenário da Igreja Presbiteriana de Fortaleza – 1883/1983**. 1983.
- MARTINS, Valter Graciano (Editor). **Novos Cânticos**. São Paulo: 5. ed. Casa Editora Presbiteriana, 1994.
- MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTOU, Michel de; GIRAR, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MENDONÇA, Antonio Gouveia. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. São Paulo. Universidade Metodista de São Paulo: Umesp, 1997.
- MIRANDA, Júlia. A dimensão política do cristianismo contemporâneo no Brasil: o que dizem as eleições. **Revista Ciências Sociais**. v.34, n.2, 2003.

- _____. **Horizontes de bruma:** os limites questionados do religioso e do político. São Paulo: Maltese, 1995.
- _____. **O poder e a fé.** Fortaleza: UFC, 1987.
- MONTENEGRO Antônio Torres; FERNANDES, Tânia Maria (Orgs.). **História oral:** um espaço plural. Recife: Universitária; UFPE, 2001.
- _____. **História oral e memória:** a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- MONTENEGRO, João Alfredo. **O trono e altar:** as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará – 1817-1978. Fortaleza: BNB, 1991. cap.2
- MÜLLER, Antonio Rubbo. **Teoria da organização humana, sua propedêutica e didática especial, complemento de didática geral.** São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e política, 1958.
- ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.
- ORO, Ari Pedro. A política da igreja universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.18, n. 53, p.53-69, out. 2003.
- PAIVA, Vilma Maria Barreto. **Memórias de idosos analfabetos numa sociedade da escrita e da escola:** as táticas de sobrevivência no sertão e em Fortaleza. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, UFC, Fortaleza, 2005.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **O problema religioso da América Latina:** estudo dogmático histórico. São Paulo: Livraria Independente, 1949.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PINHEIRO, Francisco José. O processo de romanização do Ceará. In. SOUSA, Simone (Coord.). **História do Ceará.** Fortaleza: Stylos, 1989.
- PONTES, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque:** reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.
- RAPCHAN, Eliane Sebeika. O uso da narrativa nas ciências sociais: algumas notas e reflexões acerca de suas possibilidades. In: MONTENEGRO, Antônio Torres; FERNANDES, Tânia Maria (Orgs.). **História oral:** um espaço plural. Recife: Universitária; UFPE, 2001.
- RESENDE, Antônio Muniz. **Educação e ser-no-mundo.** Campinas, SP: Tese (Livre Docência) Faculdade de Educação da UNICAMP, 1978.
- RIBERIO, Boanerges. **Igreja evangélica e a república brasileira (1889-1930).** São Paulo: O Semeador, 1991.
- RIBEIRO, Boanerges. **A igreja presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma.** São Paulo: O Semeador, 1987.
- RIBERIO, Boanerges. **Protestantismo e a cultura brasileira:** aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Presbiteriana, 1981.

- _____. **Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1888**: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973.
- RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja católica e modernidade no Maranhão, 1889 - 1922**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiróz, 1984. (Biblioteca básica de Ciências Sociais: I; Estudos Brasileiros, 6)
- SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado**: protestantismo e cultura na primeira república brasileira. São Luiz: Edufma; São Paulo: Ed. ABHR, 2006.
- SIMONTON, Ashbel G. **Diário** – 1852 – 1876. Trad. D. R. de Moraes Barros. São Paulo. Casa Presbiteriana, 1982.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **A bíblia sagrada**. Trad. em português por João Ferreira de Almeida. Revisada e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo:, 1999.
- SOUZA, Robério Américo do Carmo. **Fortaleza e a 'nova fé'**: a inserção do protestantismo na capital cearense (1882 - 1915). Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- TROELTSCH, Ernst. **Protestantism and profess**. Boston: Beacon Press, 1958.
- VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- VATANABE, Tiago Hideo Barbosa. Caminhos e histórias: a historiografia do protestantismo na igreja presbiteriana do Brasil. **Revista de Estudos da Religião**, nº 1, 2005. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_watanabe.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2006.
- VELASQUES FILHO, Prócoro. Sim a Deus e não a vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.
- VIANA, Paulo (Pesq. e Org). **Natanael Cortez**. a sagrada peleja: a atuação multifacetada de um pastor presbiteriano no Ceará. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 2001.
- VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1980. (Coleção temas brasileiros).

APÊNDICES

Relação dos entrevistados

CD 01

Data da entrevista, 12 de outubro de 2005
Samuel Gueiros Pessoa - data nascimento 8 março 1927
Nasceu no evangelho

CD 02

Data da entrevista, 12 de outubro 2005
Lina Gomes Costa - data nascimento 10 de março de 1923- 82 anos
Levada pela mãe

CD 03

Data da entrevista, 13 de outubro de 2005
Helnir de Melo Cortez - data nascimento 25 abril 1934
Levado para a igreja pelo pai

CD 04

Data da entrevista, 15 de outubro de 2005
Cremilda Gaspar Pereira Rodrigues - data nascimento 4 de março de 1926
Levada pela mãe

CD 05

Data da entrevista, 25 de outubro de 2005
Maria Nadir de Sousa - data nascimento 8 junho de 1920
Entrou para a Igreja em 1932, com 12 anos, levado por um parente

CD 06

Data da entrevista, 25 de outubro de 2005
Homero Lenz César - data nascimento 1923
Nasceu em lar evangélico

CD 07

Data da entrevista, 5 novembro de 2005
Nélio de Azevedo Guimarães - data nascimento 21 maio 1929
Nasceu em lar Evangélico, levado pelo pai.

CD 08

Data da entrevista, 23 de outubro de 2005
Maria Eugênia Sales - data nascimento 27 agosto 1904
Entrou para a igreja com 17 anos, levado pelo pai

CD 09

Data da entrevista, 13 de outubro de 2005
Maria Eudenir de Souza Lima

CD 10

Data entrevista, 22 de outubro de 2005
Dona Josefa Sales Falcão data nascimento 1910

CD 11

Dia da entrevista, 18 de outubro de 2005
Raimundo Custódio Batista data nascimento 1924
Levado por um amigo, com 33 anos

CD 12

Data entrevista, 2 de novembro de 2005 - na Tapera
Maria Pires Gadelha data nascimento 1927
Levada pela mãe

CD 13

Dia da entrevista, 2 de novembro de 2005 - na Tapera
Maria Tavares da Silva - data nascimento 12 de abril de 1927
Entrou para a Igreja com 17 anos, levada por conhecidos.

CD 14

Data entrevista, 5 novembro de 2005
Petronila Pinto Figueiredo Teixeira data nascimento 5 de novembro de 1913
Nasceu em lar evangélico

CD 15

Data da entrevista, 16 de outubro de 2005
Gilza Gondim Oishi - data nascimento 4 de outubro de 1941
Nasceu em lar evangélico

CD 16

Data da entrevista, 23 de novembro de 2005
Zoely Castelo Branco 23 de abril de 1925,
Nasceu em lar evangélico

Relação das assinaturas dos entrevistados concordando com a publicação das informações prestadas

Autorização

Autorizamos ao professor Francisco Agileu de Lima Gadelha a publicar as informações obtidas durante a entrevistas para a sua tese.

- 01
Samuel Gueiros Pessoa 
- 02
Lina Gomes Costa *Lina Gomes Costa*
- 03
Helmir de Melo Cortez *Helmir Cortez*
- 04
Cremilda Gaspar Pereira Rodrigues *Cremilda Gaspar Pereira Rodrigues*
- 05
Maria Nadir de Sousa *Maria Nadir de Sousa*
- 06
Homero Lenz César *Homero Lenz Cesar*
- 07
Nélio de Azevedo Guimarães 
- 08
Maria Eugênia Sales *Maria Eugenia Sales*
- 09
Maria Eudénir de Souza Lima *Maria Eudénir de Souza Lima*
- 10
Dona Josefa Sales Falcão *Dona Josefa Sales Falcão*
- 11
Raimundo Custódio Batista *Raimundo Custódio Batista*
- 12
Maria Pires Gadelha *Maria Pires Gadelha*
- 13
Maria Tavares da Silva *Maria Tavares da Silva*
- 14
Petronila Pinto Figueiredo Teixeira *Petronila P. F. Figueiredo*
- 15
Gilza Gondim Oishi *Gilza Gondim Oishi*
- 16
Zoely Castelo Branco *Zoely Castelo Branco*

ANEXOS

26043^o

Actas do Presbyterio de Pernambuco reunido
na cidade da Parahyba do Norte de 16 de Janeiro
- 21 do mesmo de 1919.

1^a Sessão

Aos 16 dias do mez de Janeiro de 1919, ás 19 horas reu-
ni-se o Presbyterio de Pernambuco no templo da Igreja
presbyteriana da Parahyba. Depois do sermão pregado
pelo Rev. A. Teixeira Guieiros, a convite do Sr. Moderador,
obre João 1:17, foi feita a chamada, á qual respon-
deram os Revs. Antonio Guieiros, Antonio Almeida, A. Tex-
eira Guieiros, Benfamin Marinho, Cicero Siqueira, João
da Cunha Junior, Juventino Marinho, Jeronymo Guieiros,
os Sr. Abelino de Carvalho, George E. Henderlite, W. M.
Thompson, W. C. Porter. Verificou-se a ausencia dos
Rev. Dr. George Butler, José Martins, João da Motta Sobri-
ho, Nathanael Cortez, Octavio de Valois Costa, Perciano
Alves dos Santos e Raymundo Bezerra Lima. Responder
da Igreja da Parahyba o presbytero regente Mardocheu
Vasre. As demais igrejas não mandaram representa-
ção. Verificado quorum, e após uma oração foi decla-
rada aberta a sessão. A mesa ficou assim constituida:
Moderador Rev. Cicero Siqueira, Secretario Temporario Rev.
A. Teixeira Guieiros. Ficou, para os trabalhos, marcado
horario seguinte: de 8 as 11 e de 13 as 16 horas. Foi
nomeada a seguinte comissáo de cultos: Rev. José Ace-
lyno, Dr. Henderlite, Juventino Marinho. A comissáo
de cultos designou para pregar no dia seguinte o Rev.
Antonio Almeida. Nada mais havendo a tratar foi
encerrada a sessão com uma oração.

(a) A. Teixeira Guieiros, secretario temporario
Juventino Marinho, secretario permanente.

2.^a Sessão

Aos 17 dias do mez de Janeiro de 1919, ás 8 horas, após o culto dirigida pelo Moderador, foi feita a chamada a qual respondeu em todo os ministros presentes á sessão precedida pelos Rev.^{os} Juventino Marinho, Jeronymo Queiroz que compareceram mais tarde. Por falta de quorum só ás 8¹/₂ depois da presença do presbytero Mardocheu Nogueira, foi aberta a sessão. Lida a acta anterior e foi approvada. Em seguida foram nomeadas as seguintes comissões: para exame das actas da Igreja de Manaus, Rev.^{os} João Francisco da Cunha e presbytero Mardocheu Nogueira; de Para, Rev.^{os} Antonio Almeida e Antonio Queiroz; de S. Luiz, Rev.^{os} Benjamin Marinho e W. M. Thompson; de Coxias, Rev.^{os} George Kunderlite e Mardocheu Nogueira; de Fortaleza, Rev.^{os} José Acelyno Jeronymo Queiroz; de Natal, Rev.^{os} Juventino Marinho e João da Cunha; da Parahyba, Rev.^{os} Benjamin Marinho e W. M. Thompson; do Recife, Rev.^{os} Jeronymo Queiroz e W. M. Thompson; de Alomares, Rev.^{os} Antonio Queiroz e D. Kunderlite; de Campo Alegre, Rev.^{os} W. C. Porter e Antonio Almeida; de Cancellaria, Rev.^{os} João da Cunha e Juventino Marinho; de Carhotinho, Rev.^{os} Benjamin Marinho e José Acelyno; de Garanhuns, Rev.^{os} Jeronymo Queiroz e Antonio Almeida; de Gilead, Rev.^{os} W. C. Porter e Juventino Marinho; de Maccio, Rev.^{os} Antonio Queiroz e Mardocheu Nogueira; de Cachoeira das Antas, Rev.^{os} Juventino Marinho e Antonio Almeida. Comissões de papeis consultas, Rev.^{os} Jeronymo Queiroz, Juventino Marinho e Benjamin Marinho. Comissões de estatística e finanças, Rev.^{os} Juventino Marinho, W. M. Thompson e Antonio Queiroz. Vieram á mesa varios papeis os quaes, depois de lidos, passaram á comissao de papeis e consultas. O Rev.^o Juventino Marinho justificou a sua ausencia. Por proposta ficou modificado o horario dos trabalhos para o seguinte: de 10 ás 15 horas, modificado caso exijam as necessidades do

abalhos. Após foram lidas, pelo secretario permanente, as
 actas da reunião passada do Presbyterio. Foi apresentado o anu-
 do para diploma de ministro deste presbyterio que passou
 a mão de uma comissião especial. Apresentaram re-
 latorios verbales das egrejas de Luiz e Natal os Rev.^{os}
 Cipriano Guieiros e Jeronimo Guieiros. A comissião de exa-
 me dos actos das egrejas de Gilead e Campo Alegre apre-
 sentaram relatorios que foram approvados. Apresentaram
 relatorio verbal do campo da Parahyba os Rev.^{os} José Acelyno,
 J. C. Porter e o presbytero Mardocheu Nacere. As comiss-
 ões de exame de actos das egrejas do Recife, Gamelleira,
 Parahyba apresentaram os respectivos relatorios que foram ap-
 roados. Suspensa a sessão ás 13 horas foi reaberta ao traze-
 ncia. Os Rev.^{os} João da Cunha e Antonio Albuqua apre-
 sentaram relatorios verbales das egrejas de Campo Alegre
 Recife, respectivamente, lendo nesta occasião o Rev. Al-
 eido o relatorio do representante ausente da Igreja do Re-
 f. As comissões de exame de actos das egrejas de
 Luiz, Carhotimbo e Garanhuns apresentaram relatorios que
 foram approvados. Levantada a sessão por dez minutos
 foi reaberta. Foi apresentado e approvedo o relatorio da
 comissão de exame de actos da Igreja do Pará.
 Rev. Benjamin Morimbo apresentou o relatorio verbal de
 o campo de trabalhos. As comissões de exame dos actos
 das egrejas de Maceió e Aracis apresentaram os respectivos
 relatorios que foram approvados. Foram apresentados re-
 latorios verbales das egrejas de Maceió, Carhotimbo e Gara-
 hunis. O Dr. Henderite apresentou ao Presbyterio para
 serem examinados com vistas a licenciatura os candida-
 dos Antonio Victalino, Sebastião Gomes e João Gadelha. En-
 tãõda a hora levantou-se a sessão até as 10 horas do dia
 seguinte, quando o Moderador. (a) A. Teixeira Guieiros, secre-
 tario temporario. Augustus Aluiz de Aguiar

3^a Sessão

Aos 18 dias da mez de Janeiro de 1919, ás 10 horas, reuniu-se o Presbyterio no templo da Igreja de Parahyba. Após os exercicios religiosos dirigidos pelo rev. João da Cunha, foi feita a chamada a que responderam todos os membros que compareceram a sessão anterior, excepto o rev. Jeronymo Guivros que compareceu depois. Aberta a sessão foi lida emendada e approvada a acta da sessão anterior. Foi lida uma communicação do rev. Octavio de V. Costa dando as razões porque deixou de comparecer a esta reunião do Presbyterio, mais um abço assignado da Igreja de Canhotinho, e um pedido de licença do rev. José Martins, passando os dois ultimos á commissão de papéis. Ficou designado para pregar amanhã o estudante Antonio Vitalino. Em seguida foram apresentados uma carta do Thezourero do Seminario Presbyteriano e uma circular á Igreja Presbyteriana os quaes depois de lidos passaram á commissão de papéis. A commissão de exame de actos da Igreja de Fortaleza apresentou relatório que foi approvado. Foi resolvido assumir jurisdicção sobre o candidato do Presbyterio do Sul de Minas, Antonio Montenegro, e dar dicta sciencia áquelle Presbyterio. Foi nomeada uma commissão composta dos revs. dr. George Heunderlite, Jeronymo Guivros e ^{Antonio Almeida} ~~Marcoschen~~ Nacre, para examinar os seguintes candidatos: Antonio Montenegro, João Gadelha, Sebastião Gomes e Antonio Vitalino. As commissões examinadoras das actos das igrejas de Mauaõs e Copios relatarão não haverem feito o exame por não lhes haver chegado ás mãos os respectivos livros. Suspensa a sessão ás 13 horas voltou aos trabalhos ás 13 e meia. A commissão encarregada de examinar os candidatos á licenciatura, os José Gadelha, Sebastião Gomes, Antonio Montenegro e Antonio Vitalino, declara que elles satisfizeram no exame sobre

264

motivos de se dedicarem ao ministerio da palavra, de Portu-
guez, Inglez, Latin Grego, Arithmetica, Algebra, Geographia,
Historia, nocções de sciencias physicas e naturaes, Historia
Biblica e Ecclesiastica, Theologia, Governo da Igreja, Sacra-
mente, e propõe que sejam approvados nesses mysterios.
A commissão examinadora das actas da Igreja de Natal apre-
sentou seu relatório que foi approvado. Esgotada a hora
e a pedido foi levantada a sessão até a noite após o culto.
Às 20 horas, após o sermão pregado pelo Sr. Antonio Vita,
lino, reabriu-se a sessão. Sob proposta foi dispensa-
da a exegese do referido candidato e pedido que o ser-
mão de hoje servisse para sua licenciatura. Foi
resolvido que fosse licenciado o candidato Antonio Vi-
talino o que se effectou em seguida sob a presi-
dencia do Rev. Sr. Almeida. A commissão de cultos
apresentou o relatório seguinte: que pregassem ama-
nhã, pela manhã, os estudantes Sebastião Gomes
e João Gadelha Moros, e à noite o rev. Jeronymo
Gueiros; que na communição do culto da noite, mi-
nistrasse o pão o rev. Benjamin Marinho, e o vinho
o rev. Antonio Gueiros. Sob proposta foi levantada
a sessão às 20 horas e 15 minutos, com o hymno
29 e a bênção apostolica. (a) A Teixeira Gueiros, sec.
temporaria. Juvenal Marinho, secretario permanente

4.^a Sessão.

Às 10 horas do dia 20 de Janeiro de 1919, no templo da
Igreja Presbiteriana da Parahyba, depois dos exercicios re-
ligiosos dirigidos pelo presbytero regente Machado Nery,
foi aberta a sessão com a presença de todos os mem-
bros da passada sessão, menos os revs. Antonio Gueiros,
Jeronymo Gueiros e Benjamin Marinho que com-

parecerem mais tarde. Lida, foi approvada a acta da sesso
 anterior hem como o abaixo assignado da congregação de Ca-
 bedello pedindo sua organisação em igreja. Foi resolvido satis-
 fazer o pedido da referida congregação e que se nomeie a
 respectiva commissão. Tambem foi resolvido satisfazer
 o pedido da congregação de Catombó para organisação em
 igreja. O relator da commissão de estatística apresentou
 seu relatório que foi approvado. Foi auctorizada a Commis-
 são de estatística a resolver sobre os titulos das contribuições
 das igrejas, que emancipados, quer não, destinadas ao sustento
 ministerial. Foi adoptado o modelo para a carta de ordena-
 ção ao ministerio do Evangelho apresentada pela respectiva
 commissão. Foi apresentada e approvado o relatório do The-
 soureiro do Presbyterio. Foi resolvido que no futuro orçamento
 sejam contemplados os ministros que no anno passado rece-
 beram menos do que lhes foi votado no ultimo orçamen-
 to, no sentido de serem elles indenizados dos quantias
 não recebidas. A commissão de papeis apresentou o seu rela-
 tório que foi acciço (Veja-se o Appendix A). Levantada a
 sessão de 1.3 horas, voltou aos trabalhos de 1.32 meia. Foi
 negado o pedido do rev. W. C. Porter de exoneração do cargo
 de membro da Directoria do Seminario em Copinho, por este
 Presbyterio. Foi proposto pelo rev. Porter, e approvado que se
 escreva uma carta ao rev. Motta Sobrinho em Portugal, man-
 ifestando a sympathia deste presbyterio para com o seu tra-
 balho, e que dito ficasse encarregado o rev. Secretario
 Permanente. Esta proposta teve os votos contrarios do
 rev. Jeronymus Queiroz e presbytero regente Mardocheu
 Nacra, os quaes allegaram não poder concordar com a per-
 manencia em Portugal do rev. Motta quando trabalho mais
 urgente no norte do Brazil, reclama a cooperação efficiente de
 obreiros aptos como o rev. Motta Sobrinho. O rev. dr. George
 B. Hunsarlite propoz o seguinte que foi approvado: Em me-

memória dos relevantes trabalhos do rev. sr. J. R. Smith em
 tempo idos nos limites deste Presbyterio, propuzo que se lance
 nos actos deste Presbyterio em voto de sentidissimo pagar
 pelo fallecimento daquelle irmão occorrido o anno passado
 e que o secretario Permanente fique encarregado de escovar
 a viuva apresentando os sentimentos deste Presbyterio pelo
 infante acontecimento. Foi resolvido que sejam levanz
 tados dois collectas nos mezes de Julho e Dezembro entre
 as egrejas para as despesas de representação a Assemblia Geral.
 Ficou determinado que o rev. Benjamin Morinho escreva, e se
 publique no "Notas Evangelico" uma pastoral chamando a
 attenção dos crentes para a santificação do dia Sabado e
 para o digno como o minimo de suas contribuições para
 o serviço do Evangelho e que fosse a mesma pastoral tra
 da em avulso para a distribuição entre as egrejas. Fo
 ram nomeados as seguintes commissões para organização
 de egrejas: de Cabedello - revs W. C. Porter, José Abelino
 e o presbytero regente Mardocheu Vaere; de Catonho - revs
 Antonio Queiroz, Benjamin Morinho, dr. George E. Henderlite,
 Cicero Liqueira e o presbytero regente Pedro Chaves. Foi
 apresentado o seguinte parecer: a commissão encarregada
 de dar parecer sobre os exegises dos candidatos - An
 tonio Montenegro, Sebastião Janes e João Gadelha é
 de parecer que sejam approvados as referidos exegises. O
 Presbyterio pediu ao Rev. Henderlite que se mude com a esca
 la theologica de Garanhuns para a cidade de Recife. Foi
 concedido licença eventual por um anno, a contar da data da
 partida aos revs Jeronymo Queiroz e A. Almeida para
 se retirarem dos limites deste Presbyterio. Foi resolvi
 do conceder cartas demissionias aos ministros deste
 Presbyterio, que hão de constituir o Presbyterio Septentrional.
 A convite do rev. Jeronymo Queiroz effectuar-se-á a
 proxima vindoura reunião do Presbyterio de Pernambuco

na cidade do Natal, na segunda quarta-feira de Janeiro de 1910. A comissão de cultos designou para pregar hoje à noite o candidato ao ministério Antonio Montenegro e amanhã o rev. Benjamin Marinho. As 16 horas foi levantada a sessão até à noite após o culto. As 19 horas reabriu-se a sessão para ser ouvida o sermão do candidato Antonio Montenegro. Foi resolvido, em seguida, que os sermões dos candidatos de batistas Gomes, João Gadelha e Antonio Montenegro sirvam para sua licenciatura despendendo as theses e que se proceda a licenciatura cuja cerimonia foi effectuada pelo rev. dr. George E. Henderson. Às 20 meia horas foi encerrada a sessão com oração. (a) A Teixeira Guieira, secretario temporario.
 Juvenilio Marinho, secretario permanente.

5^a Sessão

As 21 dias do mez de Janeiro de 1919, no templo da Igreja Presbiteriana, á hora do costume, presentes todos os membros que responderam a primeira chamada foi aberta a sessão após o culto dirigida pelo Rev. W. M. Thompson. O Rev. N. Teixeira Guieira, interpretando as necessidades do novo Presbiterio do Norte do Brazil, em nome de que falava o seu sentimento lembrou a conveniencia e as vantagens de o Presbiterio de Pernambuco e a Missão combinararem na localisação de um dos membros desta na cidade de Belém do Pará, um dos pontos estrategicos, e o melhor de todo o campo do Presbiterio a organizar-se, que urgia fosse, quanto antes, occupada pelos elementos elementares do Presbiterio que se vai crear e promettido, attendendo os desejos e necessidades do novo Presbiterio, que a Missão Estrangeira invidadesse esforçar o sentido de prover o novo Presbiterio e a cidade de Belém, e um missionario. O Rev. de Almeida propoz e foi ap-

roado que o Presbyterio vote todo o seu apoio e solidade ao novo Presbyterio. Foi resolvido que o Rev. Priciano Alves se mude de Creios para Gamelleiras, que Catende fique sendo uma congregação de Gamelleiras. Foi resolvido que os novos licenciados Antonio Montenegro, Sebastião Gomes e João Gadelha sejam cedidos ao novo Presbyterio. Suspensa a sessão as 12 e meia, foi reaberta às 13 horas. Foi resolvido que os outros ministros continuem em seus respectivos campos. A comissão examinadora do livro de actos da Igreja de Palmiras apresentou seu relatório que foi approved. Foi resolvido recomendar a todos os membros do Presbyterio que evidenciem que enviem esforços para fundar escolas parochias nos egrejos em que trabalham. Foi resolvido que o Presbyterio dê credenciaes aos Rev.^s Jeronymo Guirri e Antonio Almeida para o representarem perante os egrejos dos Estados Unidos do Norte. Foi resolvido que se lance na acta um voto e agradecimento a a Igreja da Paralyba pela boa hospedagem que deu aos membros deste Presbyterio e mais especialmente a sociedade de senhoras pela solicitude com que interrompeu suas sessões para offerecer-lhes sabores e lunches. Foi resolvido que o Presbyterio seja solidario com o salutar movimento de cooperacão de todas as forcas do Protestantismo para uma campanha mais viva e mais intensa de evangelisacão, conforme o plano inicial delineado pelo redactor do "Estandarte", (exceptuando a parte referente a politica) e que fiquem desde já a disposicão da Junta Nacional, que, segundo o plano referido, terá o trabalho em um grande centro do Brazil, os pastores presbyterianos dos capitales do norte. Ficou resolvida que o "Norte Evangelico" sera tambem organo

do novo Presbiterio do Norte do Brazil, o qual ficará com
 o direito de nomear um redactor. Foi reelecta a commis-
 são de Fund. Presbiterial. A Commissão de Evangelisacão
 foi constituida dos Rev.^s dr. George E. Henderville, Antonio
 Queiroz, Benjamin Marinho, W. M. Thompson e presbitero
 Jeronymo Turtado. Constitue a Commissão de Educacão ^{ministerial} ~~de~~
 Rev.^s dr. George E. Henderville, Juventino Marinho, Antonio
 Almeida e o presbitero regente Elpidio Ribeiro. Foi ap-
 provado o relatório da commissão de exame dos actos
 da Igreja de Cachoeiras Dantas. Foi reelecta a di-
 rectoria do "Voz Evangelico". Foi resolvido que o Rev.
 Thompson use do seu criterio na escolha dos artigos
 que teverem de ser publicados no "Voz Evangelico".
 A commissão de orçamento ficou constituida dos Rev.^s Ju-
 ventino Marinho, Antonio Almeida, W. M. Thompson e pres-
 bitero regente Mordochau Naere. Foi resolvido, sob proposta
 do Rev. Jeronymo Queiroz, que o Presbiterio expresse sua soli-
 ciedade com o plano dos missionarios que, empunhados
 em corresponder aos desejos dos dirigentes do Rio Grande
 do Norte, vão fundar uma escola agricola e um gym-
 nasio e auxiliar na educacão dos filhos dos donos de casa
 daquelle florescente Estado. As 15 e meia horas foi levanta-
 da a sessão até as 20 horas, quando foi de novo rea-
 berta. Foi apresentado e approvedo o relatório da
 commissão de orçamento (Appendice B) Foi
 resolvido recomendar ás igrejas do Presbiterio a obser-
 vancia do Livro de Ordem no sentido de serem enviados os seus
 representantes ás reuniões do Presbiterio com regularidade.
 Todos todos os actos foram approvedos. Em seguida foi
 encerrada esta reunião do Presbiterio ás 20 e meia horas com
 o cantico do hymno 518 e benção apostolica pronunciada pelo
 moderador. (A) N. Teixeira Queiroz, secretario temporario.
 Juventino Marinho, secretario permanente.

Appendice A.
Relatório da Comissão de Papeis e Consultas.

A comissão de papeis e consultas relata que recebeu um abaixo assinado de alguns crantes pedindo a permanência do rev. Cicero Liqueira em Canhotinho e é de parecer que esse assumpto seja discutido na occasião da collocação dos obreiros, ouvindo-se o rev. Cicero Liqueira. Relata, outrossim, que recebeu uma communicação da directoria do Seminario referindo que os presbyteros são os que têm de sustentar seus candidatos ao ministerio, e que estes candidatos são auxiliados, quando satisfazem certos exigencias do regulamento interno do Seminario, pela "Bolsa Escolar" para que devam contribuir todos os presbyteros. Sobre essa communicação a comissão é de parecer que é facto o que foi resolvido, não podendo, porém, este presbyterio, contribuir para essa "Bolsa" enquanto educar no Norte seus candidatos. Nota uma contradicção nessa communicação sobre o seguinte: o auxilio dado ao candidato ora é chamado premio ao procedimento deste, ora se diz que é um premio ao Presbyterio que contribuir mais — o que, sobre ser incompativel com a dignidade dos motivos que devem levar o Presbyterio ao cumprimento do seu dever, está em conflicto com o possivel andamento de seus candidatos. A comissão julga que se deve dar a licença pedida pelo rev. José Martins para se retirar por tempo indeterminado dos limites deste Presbyterio (os Jeronymo Queiroz, Juventino Marinho, Benjamin Marinho).

Appendice B.

Orcamento do Fundo Presbyterial para 1919:

Estatística

Ministros		Egrejas		Officiaes			
Nome	Data da ordenação	Nome	Data da organização	Pontos de pregações	Presbyteros	Diaconos	
Antonio de C. S. Guieiro	Out. 19 1908	Gilead	Abril 3 1903	2	2	2	1
" " "	" " "	C. Santos	Out. 24 1915	2	3	2	
" " "	" " "	Garanhuns	Jan. 23 1900	8	2	2	3
Antonio Almeida	Nov. 29 1905	Recife	Agosto 11 1878	7	4	4	2
A. Teixeira Guieiro	Jan. 23 1917	S. Luiz	Abril 5 1892	5	1	1	
Benjamin Maranhão	Nov. 29 1905	Palmares	Julho 15 1903	3		1	4
" " "	" " "	Camellina	Março 10 1909	1	2	2	
Picero Liqueira	Jan. 23 1917	Carhotunho		3	1	1	4
Dr. George Butler	Fev. 1884	" "					
Dr. Martins de S. Leitos	Jan. 17 1915	Belem	Nov. 9 1906	3	3	2	
João F. da Cunha Junior	Jan. 21 1917	Collegre	Fev. 25 1917	3	2	2	1
Luiz Antonio Maranhão	Set. 26 1889	Maccio	Abril 10 1908	3	1		7
Prosymus Guieiro	Set. 15 1901	Natal	Fev. 3 1896	2	2	1	19
José Acelino de Carvalho	Out. 28 1915	Parahyba	Dez. 21 1884	16	6	5	47
William C. Porter		" "					
Nathanael P. Cortez	Jan. 18 1915	Fortaleza	Ag. 6 1880	11	3	2	44
Estevão de V. Costa	Jan. 18 1915	Caxias	Set. 22 1895	10			8
Leandro Alves dos Santos	Jan. 27 1914	Arara	Out. 15 1893	3	1	3	1
Pyramido Bezerra Lima	Out. 12 1909	Mauáes	Out. 28 1917	2	2	4	19
Dr. George E. Heunderlite							
João M. da Motta Sobrinho							
W. M. Thompson							
				84	35	34	324

1918.

273

Membros adultos				Membros adultos				Numero actual	Menores		Escola Dominical			Sociedades					
acebidos por	Excluidos por			Excluidos por					Participadores durante o anno	Numero actual	Numero de salas	Numero de classes	Professores	Alunos	Numero de membros de Sociedades	Numero de Sociedades	Outras Sociedades	Juvenil	
		15		3	1		4	179	8		1	3	3	35					
		2		4	2	1	7	75	8	43	1	2	2	24					
2	4	1	41	1	1	1	3	186	14	55	1	8	8	122	37	63		40	
9	3		41	2	6	2	7	329	6		4	18	18	193	50	89		20	
	1		3		1		1	123	2	27	1	4	4	35	35			18	
	10	1	58			3	1	165	11	57	1	5	5	48	14				
		2			1		1	55		62									
		42			3	2	5	379	16	204	2	9	9	170	46			50	
	2	2					00	89	3	51	1	3	3	46		35			
1		7					2	46	4	18	1	6	6	31	26	48		17	
		7	4	3	1	3	11	48		21	1	5	5	40					
3	2	24		2	3	2	2	260	10		1	6	6	138	92			28	
1	1	49		4	4	1		370	42	252	1	5	9	83	57			20	
	5	49		4	1		5	269	41	246	1	4	8	69	48	65	40	54	
	2	10		5	5		10	121	5	61	1	4	4	52	37				
		1	3		2		5	50	1	61	2	7	7	63					
4		23						68		51	1	3	7	57	27	18			
11	34	7	376	16	38	23	11	88	2812	171	1211	21	92	104	1202	457	332	130	159

1

A Sociedade Auxiliadora
de Senhoras da Igreja Presbiteria-
na de S. Luiz, oferece como prova
de sympathia e amor christão,
este livro ao Presbiterio do Norte, pa-
ra lançamento de suas actas.

S. Luiz 20 de Janeiro de 1920

Pela Presidente
- A. Oliveira Gueiros - Pastor da Igreja.

22

Livro I

A Igreja Presbiteriana
de S. Luiz do Maranhão
mandou encadernar
este livro de Actas do
Presbitério do Norte, no dia
24 de Janeiro de 1934.

S. Luiz, 25 de Janeiro de 1934.
Benedict. Guimarães Aguiar.
Pastor da Igreja

1920

2

Actas da primeira reunião do Presbiterio do Norte.

Sessão Primeira

As 19 dias do mez de Janeiro de 1920, ás 20 horas, no Templo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, Ceará, após o sermão de pra-re pregado pelo Rev. Moderador Raymundo Bezerra Lima sobre o thema: "A Biblia em triumpho" com base em Math. 24: 35, presentes os Revs Raymundo Bezerra Lima, Antonio Teixeira Guerin, Octavio de Valois Costa e Nathanael Cortes, que apresentaram suas curtas demissorias do Presbiterio de Pernambuco, sob a moderação do primeiro tendo como Secretaris ad-hoc o presbytero José Balthazar Lopes Barreira, foi installado o Presbiterio do Norte, e accors com a determinação do Supremo Concilio da Igreja Presbiteriana no Brazil, em sua ultima reunião. Em seguida procedeu-se á chamada á qual responderam todos os ministros acima nomeados e o presbytero Balthazar Barreira pela Igreja de Fortaleza. Havendo quorum e após uma oração o Rev. Moderador declara aberta a primeira reunião ordinaria do Presbiterio, justificando em seguida a falta de não se ter verificado no tempo para o qual foi convocada. Foi eleita, por aclamação, a seguinte meza: Moderador - Rev. Raymundo Bezerra Lima Secretaris permanente e temporario Rev. Octavio de Valois Costa e presbytero Bal-

thazar Lopes Barreira, respectivamente, foi acordado o seguinte horário: de 8 1/2 ás 11, e de 13 ás 16 horas. Foi designada a seguinte commissão de cultos: Rev. Nathanael Cortez, Octavio de Valois Costa e presbytero Balthazar Barreira. Foi unanimemente approvada a seguinte proposta: Proponho, que o Presbyterio, visivelmente sentido, como se acha na pessoa dos seus membros presentes, pelo golpe rude e doloroso que ceifou a vida de um dos mais abnegados e operosos trabalhadores do Evangelho, em terras brasileiras, e a bini imprehenchivel lacuna nas fileiras, dos que trabalham por Christo no Norte, o inolvidavel Rev. Dr. George Butler, um voto, diga lance nesta sua primeira acta um voto de profundo pesar, pelo fallecimento do estrenuo e saudoso campeão do Mestre, que tombou depois de tão gloriosa e tão assignalaveis triumphos para a gloria de Deus e incremento do Reino de Christo no Norte do Brazil e que se dê sciencia disto á sua desolada consorte, sentimentando-a e á Missão do Norte do Brazil de que fazia parte o Rev. Dr. Butler. A. Teixeira Gueiros. Apresenta uma saudação a este Concilio pelo Presbyterio de Pernambuco e presbytero Balthazar Barreira. O Sr. Moderador designa o Secretario tempo-

rario para em uma communicacão
 escrita agradecer a saudação do
 referido Presbyterio. A Commissão de
 cultor apresentou seu relatório, de
 signando para pregar amanhã o
 Rev. Octavio Costa, encerrando-se
 a sessão sob proposta com uma
 oração.

Sessão Segunda

No vinte dias do mez de Janeiro de
 1922, ás 8½ horas, no templo da Igreja
 de Fortaleza, presentes todos os minis-
 tros da sessão anterior e o repre-
 sentante da Igreja de Fortaleza, re-
 abriram-se os trabalhos presbyteriaes,
 após os exercicios religiosos dirigi-
 dos pelo Rev. Moderador. Foi lida e
 approvada a acta anterior e em
 seguida nomeadas as seguintes com-
 missões de exames de actas: da E-
 greja de Manaus, Rev.º Nathanael
 Cortez e Octavio de Valois Costa;
 da Igreja de Belém, Rev.º A. Feijei-
 ra Gueiros e o presbytero Lopes Bar-
 reira; da Igreja de Caricas, Rev.º
 Bezerra Lima e Nathanael Cortez,
 de S. Luiz, Rev.º Octavio de Valois Co-
 sta e o presbytero Lopes Barreira; de
 Fortaleza Rev.º Bezerra Lima e Feijei-
 ra Gueiros; Comissões de papeis
 e consultas Rev.º Feijera Gueiros
 e presbytero Lopes Barreira; de es-
 tatística, Rev.º Nathanael Cortez e
 Octavio Costa. Foram apresentados

relatorios verbaes das Igrejas de Ma-
nãos e S. Luiz pelos Rev. Benerra Lima
e Teixeira Guerreiros. Pede a palavra o
presbytero Lopes Barreira, que solici-
ta permissão para ausentar-se
afim de tratar de negocios seus que
reclamam com urgencia sua pre-
sencia, no que foi attendido nome-
ando a Igreja de Fortaleza o pres-
bytero Antonio Motta Castello Bran-
co para substitui-lo. Esgotado o tem-
po suspendeu-se a sessão até ás
13 horas. As 13 horas recommencam os
trabalhos sendo eleito secretario tem-
porario em substituição ao presby-
tero Balthazar Barreira o Rev. N. Tei-
xeira Guerreiros. Foram apresentados re-
latorios da Igreja de Cavias e da
Congregação de Therezina, pelo Rev.
Octavio Costa e pelo licenciado
João Gadelha. E' apresentado á ca-
sa o presbytero Candido Olegario
Mereira, da Igreja Presbiteriana In-
dependente, o qual agradece e em
nome da mesma dáida o Presbytero
Apresentam relatorio da Igreja de
Fortaleza o presbytero Motta Castel-
lo Branco e o Rev. N. Cortez, que fal-
la sobre todo vasto e promissor cam-
po cearense. O Rev. Teixeira Guerreiros
pede a palavra e offerce ao Pres-
bytero em nome da Sociedade "Auxi-
liadora de Senhoras" da Igreja Pres-
biteriana de S. Luiz, um livro para

o lançamento de duas actas. O Rev. Moderador agradece a offerta e incumbido ao Rev. Feijeno Guérios de transmittir á digna associação de S. horas os agradecimentos deste Presbytero. Exgotado a hora e sob proposta encerra-se a sessão com uma oração, após o relatório da Comissão de cultos que designou para pregar amanhã o Rev. Feijeno Guérios.

Sessão Terceira

As vinte e um dias do mez de Janeiro de 1920, ás 8 1/2 horas, após os exercicios religiosos dirigidos pelo Rev. Octavio Costa, foi feita a chamada, á qual responderam todos os membros da sessão anterior. Havendo quorum o Rev. Moderador declarou aberta a sessão. Foi lida e approvada a acta anterior com a seguinte emenda: que o Presbytero Motta Castello Branco substitua o Presbytero Balthazar Barreira em todas as Comissões, para que fira nomeado este. Foi lida uma carta do licenciado Sr. Antonio Montenegro communicando a sua retirada para a Parahybó e as razões porque o fez, a qual passou á Comissão de papeis. A Comissão examinadora das actas da Igreja de Belém apresentou o seu relatório que foi approvado. Foi proposto e accute que por conveniencia e horario para os trabalhos presbyteraes

seja apenas de 8 1/2 ás 11 horas. Foram
 apresentados ao Presbyterio os licenci-
 ados João Gadelho e Sebastião Gomes
 com vistas as ordnações e nomeada
 uma Commissão composta dos Rev.^s Na-
 thanael Cortez, A. Veiveiro Gueiros e
 presbytero Motta (Castella Branco pa-
 ra exame dos mesmos Candidatos e
 assentado que os exames fossem re-
 alizados amanhã perante o Presby-
 terio. Foi proposto e approvado que
 o Presbyterio assumisse jurisdicção
 sobre o candidato ao Ministerio St.
 Epitacio Malaguinas, desse dicto
 communicacão ao Presbyterio de Per-
 nambuco e pedisse tambem d' Missão
 continuasse a auxiliá-lo nos seus
 estudos com os cincoenta mil reis
 mensaes que lhe vinha dando. Sob
 proposta ficou deliberado que o
 Presbyterio marcasse o quinto Do-
 mingo de cada mez para o sermão
 memento de um collecto em favor da
 educação de candidatos ao ministe-
 rio. Foi approvado a seguinte pro-
 posta: "Proponho que este Pres-
 byterio adopte como medida para
 educação de seus candidatos o se-
 guinte: que os candidatos recibi-
 dos pelo Presbyterio façam, nos
 logares onde se acharem ou onde
 determinar o Presbyterio, os respecti-
 vos preparatorios nos Gynasios do
 Estado sob as vistas de um minis-

tro membro deste Concilio, e o mandan-
do para a Escola Theologica em Ga-
ranhuns quando estiverem promptos
para o curso theologico. (A. V. Gueiros)
A Commissão de cultos apresentou o
seu relatorio designando para pre-
gar amanha o licenciado Sebastião
Jornes. Esgotada a hora encer-
rou-se a sessão com oração.

Sessão quarta

Foi vnte e dois dias do mez de Ja-
neiro de 1920, ás 8 1/2 horas no lugar
de costume após os exercicios reli-
giosos dirigido pelo Rev. Modera-
dor foi feita a chamada dos mem-
bro do Presbyterio, á qual responde-
ram todos os da sessão passada
com excepção do Rev. Nathanael Or-
tez, que compareceu mais tarde,
explicando o motivo de não ter res-
pondido á chamada. Foi lida e
approvada sem emendas a acta
de sessão anterior. Apresenta-
ram relatorios as Commissões ex-
aminadoras das actas das Igrejas
de São Luiz, Fortaleza e Casias,
que foram approvados. Em se-
guinte o Rev. Moderador mandou
proceder pela commissão esco-
lhida o exame dos candidatos João
Gadelha e Sebastião Jornes. Esgo-
tada a hora suspendem-se os
exames que deverão concluir-se
amanha, apresentando a com-

missões de cultos e seu relatório,
à qual designou para pregar
amanhã e licenciado João Gadella.
A sessão foi encerrada após uma ora-
ção dirigida pelo Rev. O. V. Costa.

Sessão Quinta

Nos 23 dias do mês de Janeiro de 1920,
às 8 1/2 horas, no templo da Igreja
Presbiteriana de Fortaleza, após
os exercícios religiosos dirigidos
pelo presbítero Motta Castells
Draeco, foi feita a chamada dos
membros do presbitério à qual res-
ponderam todos os presentes da
sessão passada, comparecendo
mais tarde o Rev. Nathanael, que jus-
tificou sua demora. Foi então appro-
vada a acta da sessão anterior,
após a abertura da sessão. O Rev.
Moderador ordena a Comissão
procurar o exame dos candidatos,
o que se verificou em seguida. Ins-
pensa a sessão sob proposta por
5 minutos para um ligeiro lan-
che, às 10, 20 recommençam-se os traba-
lhos às 10, 25 que se prolongam sob
proposta até 11 1/2, quando é en-
cerrada a sessão depois de uma
oração dirigida pelo Rev. Octavio
de V. Costa.

Sessão Sexta

Nos 24 dias do mês de Janeiro de
1920 no lugar e hora do costume
após um concerto de oração sup.

sendo pelo Sr. Moderador, foi feita
 a chamada a qual responderam
 todos os membros do Presbyterio. Aberto
 a sessão e após lida e approvada
 a acta da sessão anterior, é apre-
 sentado o Rev. Cicero Siqueira do
 Presbyterio de Pernambuco, quito-
 mo assento como membro corres-
 pondente. A commissão de exam-
 inar candidatos apresenta seu rela-
 torio que é approvado e propõe
 que sejam ordenados ao Sagrado
 Ministerio. É designada a noite
 de amanhã (domingo) para orde-
 nação dos mesmos, fazendo o dis-
 curso patermatico o Rev. Nathanael
 Cortez. Varios ministros fallam,
 entre os quaes o Rev. Cicero Siqueira
 que esclarece as relações dos mis-
 sionarios com os Presbyterios. A
 commissão de papeis e consuetas
 apresenta seu relatorio que é ap-
 provado. É do text seguinte a
 recommendação de commissão
 de papeis, que o Presbyterio con-
 verteu em um pedido a Missão:
 Considerando que ha em Per-
 nambuco muitos Missionarios cujo
 presencio nesse Estado não é tão
 necessario quanto em outras ci-
 dades do Norte; Considerando
 que a Cidade de Belém do Pará,
 que é um vasto e promissor cam-
 po brancojante para o Evangelho,

não pôde ser occupada ainda este
 anno por absoluta carencia de re-
 cursos, por qualquer dos ministros
 deste Presbyterio; considerando que
 os irmãos missionarios tem os
 recursos necessarios para collo-
 car, sem difficuldade, qualquer
 dos seus abregados obreiros na
 quelle prospera cidade, o Pres-
 byterio vem em nome de Christo
 e pelo seu amor, em nome dos
 interesses palpitantes do Evan-
 gelho em todo o Norte, em nome do
 honra de Christo Jesus nosso Se-
 nhor, pedir, encarecidamente a
 Missão Norte do Brazil, a collo-
 cação de um missionario na re-
 ferida cidade, este anno e o mais bre-
 ve possível. "Este thesoureiro do
 Presbyterio o Presbytero José Pacheco
 Maia. Esote-se a hora e do pro-
 posto prolongam-se os trabalhos.
 Vem a mesa e entra em discussão
 um plano de finanças, suspendendo-
 se a mesa, digo a mesma, do pro-
 posto, para mais tarde. As 12 horas
 levanta-se a sessão até 15 horas quan-
 do se recommencam os trabalhos. Obres-
 byterio resolve mandar ao Supremo Con-
 cilio da Igreja Presbiteriana, uma repre-
 sentação escripta por não poder enviar
 um representante, hypothecando seu in-
 tero apois ao Seminario em Campinas,
 contra cujo desaparecimento protesta

e significando sua opinião contrária a gigantesca idéa do Seminário Unido ou Faculdade Theologica. O Presbyterio tomou conhecimento da seguinte resolução do Supremo Concilio, a qual recommenda aos seus jurisdicionados: "A Assembléa Geral resolve recommendar ao Presbyterio que faça sentir aos ministros e officiaes das igrejas, sob sua jurisdicção a necessidade de se laborem para que se forme cada em seus cathedramentos e rivos congregados o habito de orar em publico e particular e que nas reuniões de oração e no culto domestico os crentes exercitem o domo de orar, tomando parte pessoal nas supplicas dirigidas a Deus." Sob proposta adopta o Presbyterio temporariamente o regimento interno do de Pernambuco. As 17 horas suspendeu-se a sessão sob proposta até amanhã á noite para ordenação dos candidatos. No dia 25 ás 7o, 15 horas após o culto em que pregou o Rev. Cicero Siqueira, reabriu-se a sessão procedendo-se a ordenação dos dois candidatos referidos. A cerimonia foi feita pelo Rev. Moderador e o discurso parnetico pelo Rev. Nathanael Cortez como já dito. As 21 horas encerrou-se a sessão com oração.

Sessão Setima

Das 26 dias do mez de Janeiro no lugar e hora do costume, após os

exercícios religiosos dirigidos pelo Rev. Moderador foi feita a chamada a qual responderam os membros da anterior e os Rev.º João Gadelha e Sebastião Gomes do Nascimento, que foram arolados como membros. Aberta a sessão é lida e aprovada a acta da sessão anterior. A commissão de estatística apresenta seu relatório que é aprovado. Entrando em discussões o plano financeiro alludido noutra data, o Sr. Moderador nomea uma commissão de orçamentos composta dos Rev.º Nathanael Cortez, João Gadelha e Presbitero Castello Branco, a qual dará parecer sobre o plano. Pede a palavra o Rev. Bezerra Lima que faz a seguinte proposta: "Proporho que seja lançado nas actas deste Presbyterio um voto de sympathia, solidariedade e louvor aos ministros e - egrejas do Maranhão e Fortaleza que pugnaram tenacamente contra o pharisaismo moderno e aos irmãos José Gonçalves Pereira, do Maranhão, pelo valor e desinteresse com que sustentou os braços daquelles que defenderam o Evangelho, e achem mais pela dedicação e esforço na propaganda do Evangelho publicando desde 1913 o seu popular "Almanack Evangelico", impresso ás suas custas e distribuido gratie." E

approved esta proposta depois de discutida e esclarecida. É nomeado o Rev. Nathanael Cortez redactor do "Norte Evangelico" por este Presbyterio e recommenda-se a maior propaganda pessoal do mesmo organ, entre as igrejas. A commissão de cultos apresenta seu relatório designando para pregar hoje o Rev. A. Vinçosa Guimarães e amanhã o Rev. Octavio de Valois Cortez. Até 11 horas encerra-se a sessão orando o Rev. Gomes do Nascimento.

Sessão Octava

Nos 27 dias do mez de Janeiro de mil novecentos e vinte, no lugar e hora do costume, digo da sessão anterior, após o culto dirigido pelo Rev. Moderador foi feita a chamada, a qual responderam os membros da sessão passada, com excepção dos Rev. Nathanael Cortez e João Gabelha que compareceram depois, justificam sua demora, com a palavra o relator da Commissão de orçamento que apresenta o seu relatório, o qual, após discutido foi approved. Foi nomeada a seguinte commissão de finanças que accumula attribuições de commissão de evangelização: Rev. Nathanael Cortez

A. Teixeira Guiness, João Gadelha de
quem faz parte ex-officio o pres-
bytero Sachem e mais o presbytero
Dento Souza. O Rev. Nathanael
propõe que o Presbyterio envie
uma circular a todas as egrejas
e congregações jurisdicionadas
a este concilio recomman-
do fidelidade na guarda do dia
do Senhor, expondo-lhes as condi-
ções ecclesiasticas e financia-
ras actuaes e que seja publi-
cad, trimensalmente, um bol-
tim, demonstrando o estado
da thezouraria do Presbyterio, as
egrejas. O Sr. Moderador nomea
o Rev. Nathanael Costes para es-
crever a circular. Foi proposto
e approvado que seja levantada
urgentemente em cada igreja
uma collecta que sera remettida
à thezouraria do Presbyterio para
atender a certas despesas ur-
gentes a que está obrigada a
referida thezouraria. O Rev. Na-
thanael, propõe no que é apoi-
ado, que este Presbyterio recomman-
de a creação de escolas parochi-
aes, o mais breve possivel. E
proposto e aprouado que os tra-
balhadores permanecam nos
respectivos campos actuaes e
que os Rev. Gadelha e James
do Nascimento, occupem aquelle

o campo do Liachy, onde operou durante o anno e este a cidade de Janna Madureira e o Rev. Teixeira Gueiros ficasse incumbido de visitar a Igreja do Pará o maior numero de vezes possível, de accordo com os irmãos ali, que, por absoluta falta de recursos não podem ter um trabalhador effectivo. Recomendou outro dia o Presbyterio que se escreva á Igreja do Pará dignificando-lhe que este Presbyterio cuidará todos os esforços para, no proximo anno, prover a de um pastor e ao Rev. José Martins a presentando os agradecimentos deste Presbyterio pelo interesse que manifesta pelo Trabalho do Pará, não obstante estar ausente ficando disto incumbidos os Rev.^s Bezerra e Teixeira Gueiros respectivamente. O Rev. Teixeira Gueiros faz a seguinte proposta que é unanimemente approvada: Propondo que este Presbyterio lance nas suas actas um voto de agradecimento á Igreja de Fortaleza e ao seu digno Pastor Rev. Nathanael Cortez e sua esposa, bem como a Senhora Elchia Motta pela

hospedagem e fino trato que
seram aos membros deste Pres-
byterio enquanto esteve reu-
nido nesta cidade. O Res.
Nathanael Cortez explicou que,
devido a vastidão do seu
campo e aos innumeráveis afa-
xeres que o prendem aqui
na Cidade, não poderá
desenvolver como merece e se-
gundo é seu desejo, o Trabalho
do interior. O Pastor da Igreja
de S. Luiz apresenta um peti-
do daquela igreja, solicitando
a convocação da futura reu-
nião deste Concilio para a-
quella igreja. Foi marcada
a segunda quarta-feira pa-
ra a nova reunião na cidade
de S. Luiz do Maranhão. É sus-
pensão, sob proposta, até, digo
às 11 horas, a sessão até a
noite. Às 7 1/2 horas, após o
culto em que pregou o Res.
Octavio Costa foi reaberta a
sessão. Por ordem do Moderador foi
feita a leitura integral destas
actas, pelo Secretario, as quae
são approvadas. Às 11 ho-
ras encerra-se, sob proposta,
com a bênção apostolica, pro-
ferida pelo Moderador, esta pri-
meira reunião do Presbyterio.
Octavio de Talves Costa - Sec. Comm.^{te}

Compromisso de ordenação assumido pelos licenciados João Galdella e Sebastião Gomes de Nascimento perante o Presbiterio do Norte reunido na cidade de Fortaleza, Ceará, de 19 a 27 de Janeiro de 1920, por ocasião de sua ordenação ao Sagrado Ministerio Evangelico.

1.º Creio que as Escripturas do Velho e Novo Testamento são a Palavra de Deus, e que esta Palavra é a unica regra infallivel de fé e pratica.

2.º Recebo e adopto sinceramente a Confissão de Fé e Catecismos desta Igreja, como fiel exposição do Systema de doutrina ensinado nas santas Escripturas.

3.º Approvo e sustento o Governo e Disciplina da Igreja Presbiteriana no Brazil.

4.º Prometto fugitar-me a meus irmãos no Senhor.

5.º Declaro que, segundo o conhecimento que tenho do meu coração procurarei o Santo Ministerio Evangelico movido pelo amor de Deus, e pelo desejo sincero de promover sua gloria no Evangelho de seu Filho, e de annunciar Salvação aos peccadores sem Christo.

6.º Prometto manter zeloso e zel

monte as verdades do Evangelho, e a Pureza e Paz da Igreja, seja qual for a perseguição, e opposição que contra mim se levantar, no cumprimento do meu dever.

7.º Prometto que, como christão e Ministro do Evangelho, serei fiel e diligente no exercicio de todos os meus deveres pessoais ou relativos, particulares ou publicos, e que esforçame-me-ii pela graça de Deus para adornar a profissão do Evangelho pela minha conversação e andar com exemplar piedade perante o rebanho sobre o qual Deus me constituir bispo.

8.º Prometto finalmente que, em qualquer emergencia da minha vida ministerial, permanecerei fiel à Igreja Presbiteriana, onde abraçei a Christo, e que sempre me hei de submeter christamente à disciplina desta Presbiteria, onde sou ordenado, como assim à autoridade ecclesiastica dos demais concilios superiores desta Igreja. Tudo farei de accordo com a minha consciencia esclarecida pela Palavra de Deus e com o auxilio do Espirito Santo.

Eu, João Gudelha, recebo e subcrevo ex-animis as obrigações acima, como exposição exacta e verdadeira de minha fé e principios, e resolvo e prometto exercer meu ministerio em

conformidade com ellas.

Eu, Sebastião Gomes do Nascimento,
Membro e subscritor ex-animis as obje-
ções acima, como expozidas exalta e herda-
deira de minha fé e principios, e resol-
vo e prometto spectar meu ministerio em
conformidade com ellas.

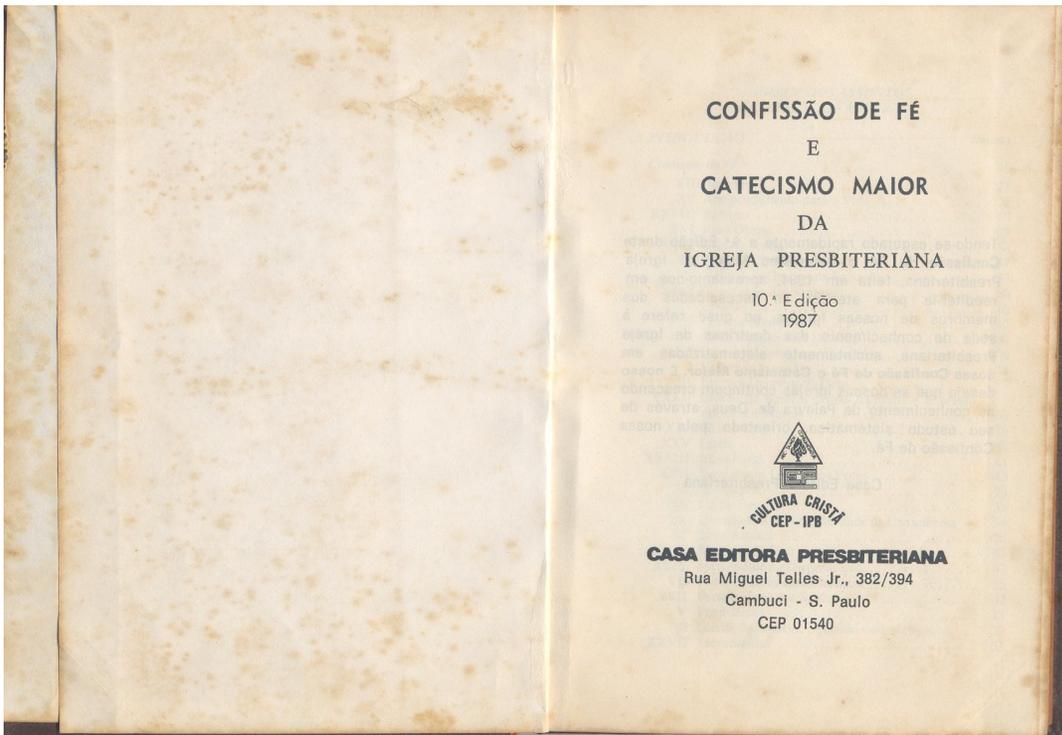
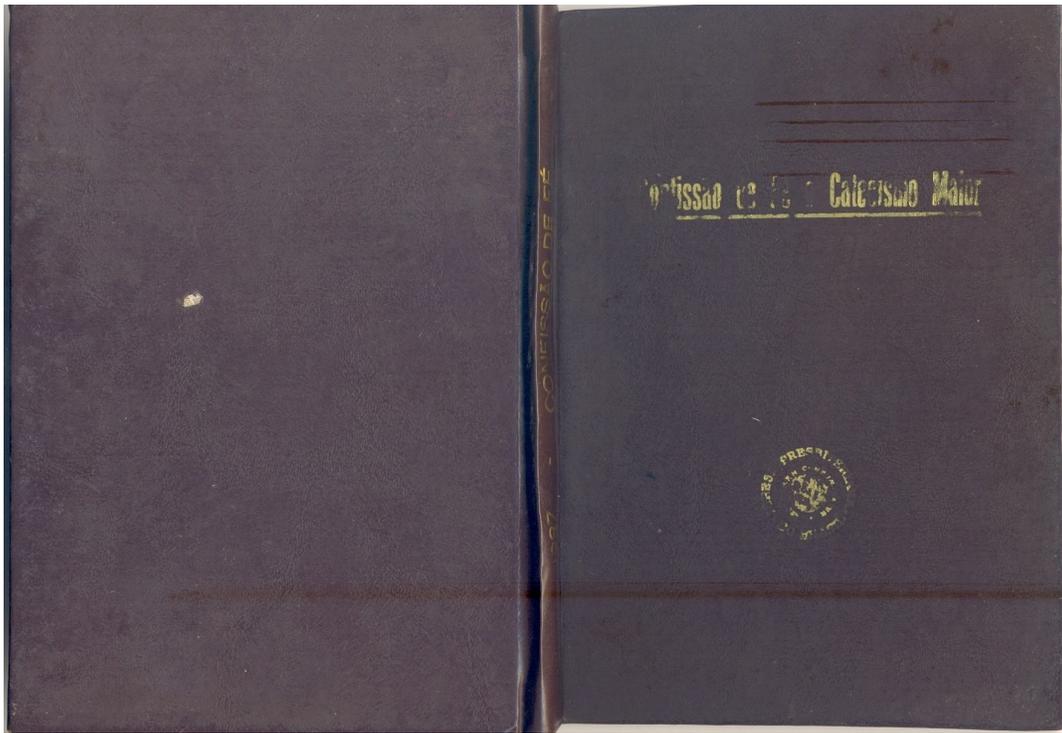
Fortaleza, Ceará, Salão do Templo
da Igreja Presbiteriana à Rua
Serra Madureira, 304, 25 de
Janeiro de 1920.

Raimundo Bezerra Lima - Moderador.
Octavio de Valois Costa - Sec. Perm.

Actas da segunda re- união do Presbiterio do Norte Sessão Primeira

Noz 12 dias do mez de Janeiro de 1920,
as 21 horas, no templo da Igreja Pres-
biteriana de S. Luiz, após o sermão
de praxe pregado pelo Rev. Raimundo
Bezerra Lima, sobre o thema "Depressão"
baseado em Luc. 15: 21, 22, cap. 19: 5, 6
presentes os Rev. Raimundo Bezerra
Lima, Adolpho Cortez, Antonio
Teixeira Guiró, Octavio de Valois Cos-
ta e o presbytero Raimundo Ferreira
da Silva, sob a moderação do Rev.
Bezerra Lima, Secretariados pelo Se-
cretario permanente o Rev. Octavio
de Valois Costa, reuniu-se o Presb-

terio do Norte. Após uma oração pelo Moderador, procedeu-se a chamada a qual responderam tanto os ministros acima nomeados, e o Presbytero Raymundo Ferreira pela Igreja de S. Luiz. Não vieram de comparecer os Rev.^s João Galdino e Sebastião Gomes do Nascimento por motivo justificado. Havendo gerido o Rev. Moderador declara aberta a 2.^a reunião ordinária do Presbyterio do Norte. Foi eleito por aclamação, a seguinte mesa: Moderador - Rev. Nathanael Cortez, Secretario Permanente, di-
go temporario o Presbytero Raymundo Ferreira da Silva. Accordou-se o seguinte honorario para os trabalhos do Presbyterio de 8 ás 11 horas. Foi nomeada e approvada a seguinte Commissão de Culto: Rev.^s Antonio P. Queiroz, Actario Costa e o Presbytero Raymundo Ferreira. O pastor da Igreja apresentou como visitantes os Rev.^s Severino Baptista e missionarios C. C. Parker da Igreja Baptista. A Commissão de Culto apresentou o seu relatório designando para pregar amanhã o Rev. Actario Costa. Havendo terminado os trabalhos deste dia, o Dr. Moderador agradeceu a sua eleição, pediu as orações da Igreja para os trabalhos do Presbyterio e terminou a culto com a bênção apostolica.



INDICE DOS ASSUNTOS ORDEM ALFABÉTICA	
INTRODUÇÃO	Página
<i>Confissão de Fé</i>	16
XII Adoção	25
XV Arrependimento para a Vida	28
XXVIII Batismo	53
XVI Boas Obras	29
XXIX Ceia do Senhor	54
XXX Censuras Eclesiásticas	57
XXVIII Certeza da Graça e da Salvação	33
XXVI Comunhão dos Santos	50
IV Criação	10
VIII Cristo o Mediador	17
XXI Culto Religioso e o Domingo	40
I Deus e a Santíssima Trindade	6
II Escritura Sagrada	1
III Eternos Decretos de Deus	7
XXXII Estado do homem depois da morte e a resurrei- ção dos Mortos	60
XIV Fé Salvadora	26
XXV Igreja	48
XXXIII Juízo Final	61
XXII Juramentos Legais e os Votos	43
XI Justificação	23
XIX Lei de Deus	35
XX Liberdade Cristã e Liberdade de Consciência	38
IX Livre Arbitrio	20
XXIII Magistrado Civil	45
XXIV Matrimônio e o Divórcio	47
VII Pacto de Deus com o homem	15
XVII Perseverança dos Santos	32
V Providência	11
VI Queda do homem, o pecado e o seu castigo	13
XXVII Sacramentos	51

INTRODUÇÃO	
NOTA HISTÓRICA	
<p>Desde Julho de 1643 até Fevereiro de 1649, reuniu-se em uma das salas da Abadia de Westminster, na cidade de Londres, o Concílio conhecido na história pelo nome de Assembléa de Westminster. Este Concílio foi convocado pelo Parlamento Inglês, para preparar uma nova base de doutrina e forma de culto e governo eclesiástico que devia servir para a Igreja do Estado nos Três Reinos.</p> <p>Em um sentido, a ocasião não foi propícia. Já começara a luta entre o Parlamento e o rei Carlos I, e durante as sessões do Concílio o país foi agitado pela revolução em que o rei perdeu a vida e Cromwell tomou as rédeas do governo. Em outro sentido, a ocasião foi oportuna. Os teólogos mais eruditos daquele tempo tomaram parte nos trabalhos da Assembléa. A Confissão de Fé e os Catecismos foram discutidos ponto por ponto, aproveitando-se o que havia de melhor nas Confissões já formuladas, e o resultado foi a organização de um sistema de doutrina cristã baseado na Escritura e notável pela sua coerência em todas as suas partes.</p> <p>O parlamento não conseguiu o que almejava quando nomeou os membros do Concílio. A Confissão de Fé foi aprovada, mas apenas poucos meses a Igreja Presbiteriana foi nominalmente a Igreja do Estado na Inglaterra.</p> <p>A Confissão de Westminster foi a última das confissões formuladas durante o período da Refor-</p>	
XIII Santificação	25
XXXI Sinodos e Concílios	58
X Vocação Eficaz	21
O CATECISMO MAIOR	
Nosso dever para com Deus	97
Nosso dever para com o homem	108
Os Dez Mandamentos	95
O que Deus requer do homem	93
O que o homem deve crer acerca de Deus	64
Oração Dominical	136

INTRODUÇÃO

ma. Até agora tem havido na história da Igreja somente dois períodos que se distinguiram pelo número de credos ou confissões que neles foram produzidos. O primeiro pertence aos séculos IV e V, que produziram os credos formulados pelos concílios ecumênicos de Nicéia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia; o segundo sincroniza com o período da Reforma. Os símbolos do primeiro período chamam-se "credos", os do segundo "confissões". Uma comparação entre o Credo dos Apóstolos, por exemplo, e a Confissão de Westminster mostrará a diferença. O Credo é a fórmula de uma fé pessoal e principia com a palavra "Creio". A Confissão de Fé de Westminster segue o plano adotado no tempo da Reforma. É mais elaborada e apresenta um pequeno sistema de teologia. Esse sistema é conhecido pelo nome de Calvinismo, por ser o que João Calvino ensinou, e foi aceito pelas Igrejas Reformadas, que diferiam das Luteranas.

A utilidade de uma Confissão de Fé evidenciou-se na história das Igrejas Reformadas ou Presbiterianas. Sendo a Confissão de Westminster a mais perfeita que elas têm podido formular, serve de laço de união e estreita as relações entre os presbiterianos de todo o mundo. Os Catecismos especialmente têm servido para doutrinar a mocidade nas puras verdades do Evangelho.

No tempo em que se reuniu a Assembléa, e por muito tempo antes, todos sustentavam a necessidade da união da Igreja e do Estado, e originalmente havia no Capítulo que trata do Magistado Civil uma seção ensinando essa necessidade.

INTRODUÇÃO

Ao formar-se a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América do Norte, em 1788, essa seção foi omitida, pois ali quase todos entendiam que a Igreja devia estar livre de toda a união com o Estado, sendo ambos livres e independentes na esfera que lhes pertence.

Em 1887, ou quase cem anos mais tarde, a Igreja geralmente chamada Igreja do Norte eliminou a última parte da Seção IV do Capítulo XXIV, que dizia:

"O viúvo não pode desposar nenhuma parente carnal de sua mulher nos graus de parentesco em que não possa desposar uma das suas próprias parentes, nem a viúva poderá casar-se com um parente carnal de seu marido nos graus de parentesco em que não possa casar-se com um de seus próprios parentes".

O Sínodo do Brasil organizado em 1888, fez igual eliminação.

No ano 1903 a mesma Igreja do Norte dos Estados Unidos fez outras emendas mais importantes que, por serem de interesse geral, ficam aqui registradas. As duas Seções que foram modificadas, rezam do modo seguinte:

CAPÍTULO XVI. SEÇÃO VII:

As obras feitas pelos não regenerados, embora sejam quanto à matéria, cousas que Deus ordena e em si mesmas louváveis e úteis, e embora o negligenciá-las seja pecaminoso e ofensivo a Deus, não obstante, em razão de não procederem de

INTRODUÇÃO

um coração purificado pela fé, elas não são feitas devidamente — segundo a Palavra — nem para um fim justo — a glória de Deus — ficam aqueles a quem Deus exige e não podem preparar homem algum para receber a graça de Deus.

CAPÍTULO XXV, SEÇÃO VI:

Nosso Senhor Jesus Cristo é o único Cabeça da Igreja, e a pretensão de qualquer homem ser vigário de Cristo e cabeça da Igreja, é contrária à Escritura nem tem base alguma na História e é uma usurpação que desonra a nosso Senhor Jesus Cristo.

Também foram acrescentados mais dois Capítulos à Confissão de Fé, que são os seguintes:

PREFÁCIO AOS NOVOS CAPÍTULOS

Considerando a conveniência de exprimir claramente a doutrina da Igreja a respeito do Espírito Santo, das Missões e do amor de Deus para com todos os homens, foram acrescentados os seguintes capítulos:

CAPÍTULO XXXIV DO ESPÍRITO SANTO

I. O Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade, procedente do Pai e do Filho, da mesma substância e igual em poder e glória, e deve-se crer nele, amá-Lo, obedecê-Lo e adorá-Lo, juntamente com o Pai e o Filho, por todos os séculos.

INTRODUÇÃO

II. É Ele o Senhor e Doador da vida, presente em toda parte na natureza, e é a fonte de todos os pensamentos bons, desejos puros e conselhos santos que se encontram nos homens. Por Ele os Profetas foram levados a falar a Palavra de Deus, e todos os autores da Sagrada Escritura foram inspirados a registrar de um modo infalível a disposição e a vontade de Deus. A dispensação do Evangelho foi-lhe entregue de um modo especial. O Espírito Santo prepara o caminho para o Evangelho, acompanha-o com seu poder persuasivo e recomenda a sua mensagem à razão e à consciência dos homens, de maneira que os que rejeitam a oferta misericordiosa, ficam não somente sem desculpa, mas também culpados de terem resistido ao Espírito Santo.

III. O Espírito Santo, o qual o Pai prontamente dá a todos os que Lho pedirem, é o único agente eficaz na aplicação da redenção. Ele convence os homens do pecado, leva-os ao arrependimento, regenera-os pela sua graça e persuade-os e habilita-os a abraçar a Jesus Cristo pela fé. Ele une todos os crentes a Cristo, habita neles como seu Consolador e Santificador, dá-lhes o espírito de adoção e de oração, e cumpre neles todos os preciosos ofícios pelos quais eles são santificados e selados até o dia da redenção.

IV. Pela presença do Espírito Santo nos seus corações, todos os crentes, estando intimamente unidos a Cristo, a Cabeça, estão assim unidos uns aos outros na Igreja, que é o seu corpo. Ele cha-

INTRODUÇÃO

ma e unge os ministros para o seu santo officio, prepara todos os outros officiais na Igreja para o seu trabalho especial e concede vários dons e graças aos demais membros. Ele torna eficazes a Palavra e as ordenanças do Evangelho. Por Ele a Igreja será preservada e aumentada até cobrir a face da terra, será purificada e, afinal, tornada perfeitamente santa na presença de Deus.

CAPÍTULO XXXV DO AMOR DE DEUS E DAS MISSÕES

I. Em seu amor infinito e perfeito — e tendo provido no pacto da graça, pela mediação e sacrificio do Senhor Jesus Cristo, um caminho de vida e salvação sufficiente e adaptado a toda a raça humana decaída como está — Deus determinou que a todos os homens esta salvação de graça seja annunciada no Evangelho.

II. No Evangelho Deus proclama o seu amor ao mundo, revela clara e plenamente o único caminho da salvação, assegura vida eterna a todos quantos verdadeiramente se arrependem e creem em Cristo, e ordena que esta salvação seja annunciada a todos os homens, a fim de que conheçam a misericórdia oferecida e, pela ação do Seu Espírito, a aceitem como dádiva da graça.

III. As Escrituras nos asseguram que os que ouvem o Evangelho e aceitam imediatamente os seus misericordiosos oferecimentos, gozam os eternos benefícios da salvação: porém, os que continuam impenitentes e incrédulos agravam a

INTRODUÇÃO

sua falta e são os únicos culpados pela sua perdição.

IV. Visto não haver outro caminho de salvação a não ser o revelado no Evangelho e visto que, conforme o usual método de graça divinamente estabelecido, a fé vem pelo ouvido que atende à Palavra de Deus, Cristo comissionou a sua Igreja para ir por todo o mundo e ensinar a todas as nações. Todos os crentes, portanto, têm por obrigação sustentar as ordenanças religiosas onde já estiverem estabelecidas e contribuir, por meio de suas orações e ofertas e por seus esforços, para a dilatação do Reino de Cristo por todo o mundo.

A AUTORIDADE DA CONFISSÃO DE FÉ E DOS CATECISMOS

Pessoas há que estranham adotar a Igreja Presbiteriana uma Confissão de Fé e Catecismo como regra de fé, quando sustenta sempre ser a Escritura Sagrada sua única regra de fé e de prática. A incoerência é apenas aparente. A Igreja Presbiteriana coloca a Bíblia em primeiro lugar. E ela só que deve obrigar a consciência.

É também principio fundamental da Igreja Presbiteriana que toda autoridade eclesiástica é ministerial e declarativa; que todas as decisões dos concílios devem harmonizar-se com a revelação divina. A consciência não se deve sujeitar a essas decisões se forem contrárias à Palavra de Deus.

Ainda outro principio da mesma Igreja é que os concílios, sendo compostos de homens falíveis,

INTRODUÇÃO

podem errar, e muitas vezes têm errado. Suas decisões, portanto, não podem ser recebidas como regra absoluta e primária de fé e prática; servem somente para ajudar na crença ou na conduta que se deve adotar. O supremo juiz de todas as controvérsias, em matéria religiosa, é o Espírito Santo falando na e pela Escritura. Por esta, pois, devem-se julgar toda e qualquer decisão dos concílios e toda e qualquer doutrina ensinada por homens.

Admitir-se a falibilidade dos concílios não é depreciar a autoridade da Confissão de Fé e dos Catecismos para aqueles que de livre vontade os aceitem. Admitindo tal, a Igreja somente declare que depende do Autor da Escritura, e recebe a direção do seu Espírito na interpretação da Palavra e nas fórmulas de aplicar suas doutrinas. A Igreja Presbiteriana sustenta que a Escritura é a suprema e infalível regra de fé e prática; e também que a Confissão de Fé e os Catecismos contêm o sistema de doutrina ensinado na Escritura, e dela deriva toda a sua autoridade e a ela tudo se subordina.

É justamente porque cremos que a Confissão de Fé e os Catecismos estão em harmonia com a Escritura, nossa regra infalível, que os aceitamos. Não existem, pois, na Igreja Presbiteriana, duas regras de fé, mas uma só, suprema e infalível. As outras fórmulas são subordinadas e falíveis, necessárias para a pureza, governo e disciplina da Igreja. Assim a experiência de muitos séculos o tem demonstrado.

J. M. K.

CONFISSÃO DE FÉ

CAPÍTULO I DA ESCRITURA SAGRADA

I. Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providência de tal modo manifestem a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, que os homens ficam inexcusáveis, contudo não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e da sua vontade necessário para a salvação; por isso foi o Senhor servido, em diversos tempos e diferentes modos, revelar-se e declarar à sua Igreja aquela sua vontade; e depois, para melhor preservação e propagação da verdade, para o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne e malícia de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazê-la escrever toda. Isto torna indispensável a Escritura Sagrada, tendo cessado aqueles antigos modos de revelar Deus a sua vontade ao seu povo.

Referências — Sal. 19: 1-4; Rom. 1: 32, e 2: 1, e 1: 19-20, e 2: 14-15; I Cor. 1:21, e 2:13-14; Heb. 1:1-2; Luc. 1:3-4; Rom. 15:4; Mat. 4:4, 7, 10; Isa. 8:20; I Tim. 3:15; II Pedro 1:19.

II. Sob o nome de Escritura Sagrada, ou Palavra de Deus escrita, incluem-se agora todos os livros do Velho e do Novo Testamento, que são os seguintes, todos dados por inspiração de Deus para serem a regra de fé e de prática:

O VELHO TESTAMENTO

Gênesis	Esdras	Oseias
Êxodo	Neemias	Joel
Levítico	Ester	Amós
Números	Jô	Obadias
Deuterônimo	Salmos	Jonas
Josué	Provérbios	Miquéias
Juízes	Eclesiastes	Naum
Rute	Cântico dos	Habacuque
I Samuel	Cânticos	Solomias
II Samuel	Isaías	Ageu
I Reis	Jeremias	Zacarias
II Reis	Lamentações	Malaquias
I Crônicas	Ezequiel	
II Crônicas	Daniel	

O NOVO TESTAMENTO

Os Evangelhos segundo:	Êf. os	A Epistola de S. Tiago
S. Mateus	Filipenses	S. Tiago
S. Marcos	Colossenses	A primeira e segunda Epistolas de S. Pedro
S. Lucas	Tessalonicenses I	A primeira, segunda e terceira Epistolas de São João
S. João	Tessalonicenses II	A Epistola de Judas
Os Atos dos Apóstolos	a Timóteo I e a Timóteo II	O Apocalipse
As Epistolas de S. Paulo aos:	a Tito	
Romanos	a Filemon	
Coríntios I	a Epistola aos Hebreus	
Coríntios II		
Gálatas		

Ref. Ef. 2:20; Apoc. 22:18-19; II Tim. 3:16; Mat. 11:27.

III. Os livros geralmente chamados Apócrifos, não sendo de inspiração divina, não fazem parte do cânon da Escritura; não são, portanto, de autoridade na Igreja de Deus, nem de modo algum podem ser aprovados ou empregados senão como escritos humanos.

Ref. Luc. 24:27, 44; Rom. 3:2; II Pedro 1:21.

IV. A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus.

Ref. II Tim. 3:16; I João 5:9, I Tess. 2:13.

V. Pelo testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço da Escritura Sagrada; a suprema excelência do seu conteúdo, e eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as suas partes, o escopo do seu todo (que é dar a Deus toda a glória), a plena revelação que faz do único meio de salvar-se o homem, as suas muitas outras excelências incomparáveis e completa perfeição, são argumentos pelos quais abundantemente se evidencia ser ela a palavra de Deus; contudo, a nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provém da operação interna do Espírito Santo, que pela palavra e com a palavra testifica em nossos corações.

Ref. I Tim. 3:15; I João 2:20, 27; João 16:13-14; I Cor. 2:10-12.

VI. Todo o conselho de Deus concernente a todas as cousas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. A Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens; reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das cousas reveladas na palavra, e que há algumas circunstâncias, quanto ao culto de Deus e ao governo da Igreja, comum às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras gerais da palavra, que sempre devem ser observadas.

Ref. II Tim. 3:15-17; Gal. 1:8; II Tess. 2:2; João 6:45; I Cor. 2:9, 10, 12; I Cor. 11:13-14.

VII. Na Escritura não são todas as cousas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as cousas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas.

Ref. II Pedro 3:16; Sal. 119:105, 130; Atos 17:11.

VIII. O Velho Testamento em Hebraico (língua vulgar do antigo povo de Deus) e o Novo Testamento em Grego a língua mais geralmente conhecida entre as nações no tempo em que ele foi escrito), sendo inspirados imediatamente por Deus e pelo seu singular cuidado e providência conservados puros em todos os

séculos, são por isso autênticos e assim em todas as controvérsias religiosas a Igreja deve apelar para eles como para um supremo tribunal; mas, não sendo essas línguas conhecidas por todo o povo de Deus, que tem direito e interesse nas Escrituras e que deve no temor de Deus lê-las e estudá-las, esses livros têm de ser traduzidos nas línguas vulgares de todas as nações aonde chegarem, a fim de que a palavra de Deus, permanecendo nelas abundantemente, adorem a Deus de modo aceitável e possuam a esperança pela paciência e conforto das Escrituras.

Ref. Mat. 5:18; Isa. 8:20; II Tim. 3:14-15; I Cor. 14: 6, 9, 11, 12, 24, 27-28; Col. 3:16; Rom. 15:4.

IX. A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente.

Ref. At. 15:15; João 5:46; II Ped. 1:20-21.

X. O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, o Juiz Supremo em cuja sentença nos devemos firmar não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.

Ref. Mat. 22:29, 31; At. 28:25; Gal. 1:10.

CAPÍTULO II
DE DEUS E DA SANTÍSSIMA TRINDADE

I. Há um só Deus vivo e verdadeiro, o qual é infinito em seu ser e perfeições. Ele é um espírito puríssimo, invisível, sem corpo, membros ou paixões; é imutável, imenso, eterno, incompreensível, onipotente, onisciente, santíssimo, completamente livre e absoluto, fazendo tudo para a sua própria glória e segundo o conselho da sua própria vontade, que é reta e imutável. É cheio de amor, é gracioso, misericordioso, longânimo, muito bondoso e verdadeiro remunerador dos que o buscam e, contudo, justíssimo e terrível em seus juízos, pois odeia todo o pecado; de modo algum terá por inocente o culpado.

Ref. Deut. 6:4; I Cor. 8:4, 6; I Tess. 1:9; Jer. 10:10; Iô 11:7-9; Jô 26:14; João 6:24; I Tim. 1:17; Deut. 4:15-16; Luc. 24:39; At. 14:11, 15; Tiago 1:17; I Reis 8:27; Sal. 92:2; Sal. 145:3; Gen. 17:1; Rom. 16:27; Isa. 6:3; Sal. 115:3; Exo 3:14; Ef. 1:11; Prov. 16:4; Rom. 11:36; Apoc. 4:11; I João 4:8; Exo. 36:6-7; Heb. 11:6; Nee. 9:32-33; Sal. 5:5-6; Naum 1:2-3.

II. Deus tem em si mesmo, e de si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança. Ele é todo suficiente em si e para si, pois não precisa das criaturas que trouxe à existência, não deriva delas glória alguma, mas somente manifesta a sua glória nelas, por elas, para elas e sobre elas. Ele é a única origem de todo o ser; dele, por ele e para ele são todas as cousas e sobre elas tem ele soberano domínio para fazer com elas, para elas e sobre elas tudo quanto quiser. Todas as cousas estão patentes e manifestas diante dele; o seu saber é infinito, infalível e independente da criatura, de sorte que para ele nada é contingente ou incerto. Ele é santíssimo em todos os seus

conselhos, em todas as suas obras e em todos os seus preceitos. Da parte dos anjos e dos homens e de qualquer outra criatura lhe são devidos todo o culto, todo o serviço e obediência, que ele há por bem requerer deles.

Ref. João 5:26; At. 7:2; Sal. 119:68; I Tim. 6:15; At. 17:24-25; Rom. 11:36; Apoc. 4:11; Heb. 4:13; Rom. 11:33-34; At. 15:18; Prov. 15:3; Sal. 145-17; Apoc. 5:12-14.

III. Na unidade da Divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade — Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo. O Pai não é de ninguém — não é nem gerado, nem procedente; o Filho é eternamente gerado do Pai; o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho.

Ref. Mat. 3:16-17; 28-19; II Cor. 13:14; João 1:14, 18 e 15:26; Gal. 4:6.

CAPÍTULO III
DOS ETERNOS DECRETOS DE DEUS

I. Desde toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas.

Ref. Isa. 45:6-7; Rom. 11:33; Heb. 6:17; Sal. 5:4; Tiago 1:13-17; I João 1:5; Mat. 17:2; João 19:11; At. 2:23; At. 4:27-28 e 27:23, 24, 34.

II. Ainda que Deus sabe tudo quanto pode ou há de acontecer em todas as circunstâncias imagináveis, ele não decreta cousa alguma por havê-la previsto como futura, ou como cousa que havia de acontecer em tais e tais condições.

Ref. At. 15:18; Prov. 16:33; I Sam. 23:11-12; Mat. 11:21-23; Rom. 9:11-18.

III. Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna.

Ref. I Tim. 5:21; Mar. 8:38; Jud. 6; Mat. 25:31, 41; Prov. 16:4; Rom. 9:22-23; Ef. 1:5-6.

IV. Esses homens e esses anjos, assim predestinados e preordenados, são particular e imutavelmente designados; o seu número é tão certo e definido, que não pode ser nem aumentado nem diminuído.

Ref. João 10:14-16, 27-28; 13:18; II Tim. 2:19.

V. Segundo o seu eterno e imutável propósito e segundo o santo conselho e beneplácito da sua vontade, Deus antes que fosse o mundo criado, escolheu em Cristo para a glória eterna os homens que são predestinados para a vida; para o louvor da sua gloriosa graça, ele os escolheu de sua mera e livre graça e amor, e não por previsão de fé, ou de boas obras e perseverança nelas, ou de qualquer outra cousa na criatura que a isso o movesse, como condição ou causa.

Ref. Ef. 1:4, 9, 11; Rom. 8:30; II Tim. 1:9; I Tess. 5:9; Rom. 9:11-16; Ef. 1:19; e 2:8-9.

CAPÍTULO IV
DA PROVIDÊNCIA

VI. Assim como Deus destinou os eleitos para a glória, assim também, pelo eterno e mui livre propósito da sua vontade, preordenou todos os meios conducentes a esse fim; os que, portanto, são eleitos, achando-se caídos em Adão, são remidos por Cristo, são eficazmente chamados para a fé em Cristo pelo seu Espírito, que opera no tempo, devido, são justificados, adotados, santificados e guardados pelo seu poder por meio da fé salvadora. Além dos eleitos não há nenhum outro que seja remido por Cristo, eficazmente chamado, justificado, adotado, santificado e salvo.

Ref. I Pedro 1:2; Ef. 1:4 e 2:10; II Tess. 2:13; I Tess. 5:9-10; Tito 2:14; Rom. 8:30; Ef. 1:5; I Pedro 1:5; João 6:64-65 e 17:9; Rom. 8:28; I João 2:19.

VII. Segundo o inescrutável conselho da sua própria vontade, pela qual ele concede ou recusa misericórdia, como lhe apraz, para a glória do seu soberano poder sobre as suas criaturas, o resto dos homens, para louvor da sua gloriosa justiça, foi Deus servido não contemplar e ordená-los para a desonra e ira por causa dos seus pecados.

Ref. Mat. 11:25-26; Rom. 9:17-22; II Tim. 2:20; Jud. 4; I Pedro 2:8.

VIII. A doutrina deste alto mistério de predestinação deve ser tratada com especial prudência e cuidado, a fim de que os homens, atendendo à vontade revelada em sua palavra e prestando obediência a ela, possam, pela evidência da sua vocação eficaz, certificar-se da sua eterna eleição. Assim, a todos os que sinceramente obedecem ao Evangelho esta doutrina fornece motivo de louvor, reverência e admiração de

CONFISSÃO DE FÉ

Deus, bem como de humildade diligência e abundante consolação.

Ref. Rom. 9:20 e 11:23; Deut. 29:29; II Pedro 1:10; Ef. 1:6; Luc. 10:20; Rom. 8:33, e 11:5-6, 10.

CAPÍTULO IV DA CRIAÇÃO

I. Ao princípio aprovou a Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo, para a manifestação da glória do seu eterno poder, sabedoria e bondade, criar ou fazer do nada, no espaço de seis dias, e tudo muito bom, o mundo e tudo o que nele há, visíveis ou invisíveis.

Ref. Rom. 9:36; Heb. 1:2; João 1:2-3; Rom. 1:20; Sal. 104:24; Jer. 10:12; Gen. 1; At. 17:24; Col. 1:16; Exo. 20:11.

II. Depois de haver feito as outras criaturas, Deus criou o homem, macho e fêmea, com almas racionais e imortais, e dotou-as de inteligência, retidão e perfeita santidade, segundo a sua própria imagem, tendo a lei de Deus escrita em seus corações e o poder de cumpri-la, mas com a possibilidade de transgredi-la, sendo deixados à liberdade da sua própria vontade, que era mutável. Além dessa escrita em seus corações, receberam o preceito de não comerem da árvore da ciência do bem e do mal; enquanto obedeceram a este preceito, foram felizes em sua comunhão com Deus e tiveram domínio sobre as criaturas.

Ref. Gen. 1:27 e 2:7; Sal. 8:5; Ecl. 12:7; Mat. 10:28; Rom. 2:14, 15; Col. 3:10; Gen. 3:6.

10

CAPÍTULO V DA PROVIDÊNCIA

I. Pela sua muito sábia providência, segundo a sua infalível presciência e o livre e imutável conselho da sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as cousas, para o louvor da glória da sua sabedoria, poder, justiça, bonidade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as suas criaturas, todas as ações e todas as cousas, desde a maior até a menor.

Ref. Nee. 9:6; Sal. 145:14-16; Dan. 4:34-35; Sal. 135:6; Mat. 10:29-31; Prov. 15:3; II Cron. 16:9; At. 15:18; Ef. 1:11; Sal. 33:10-11; Ef. 3:10; Rom. 9:17; Gen. 45:5.

II. Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as cousas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam conforme a natureza das causas secundárias, necessárias, livre ou contingentemente.

Ref. Jr. 32:19; At. 2:13; Gen. 8:22; Jer. 31:35; Isa. 10:6-7.

III. Na sua providência ordinária Deus emprega meios; todavia, ele é livre para operar sem eles, sobre eles ou contra eles, segundo o seu arbitrio.

Ref. At. 27:24, 31; Isa. 55:10-11; Os. 1:7; Rom. 4:20-21; Dan. 3:27; João 11:34-45; Rom. 1:4.

IV. A onipotência, a sabedoria inescrutável e a infinita bondade de Deus, de tal maneira se manifestam na sua providência, que esta se estende até a primeira queda e a todos

11

CONFISSÃO DE FÉ

os outros pecados dos anjos e dos homens, e isto não por uma mera permissão, mas por uma permissão tal que, para os seus próprios e santos desígnios, sábia e poderosamente os limita, e regula e governa em uma múltipla dispensação; mas essa permissão é tal, que a pecaminosidade dessas transgressões procede tão somente da criatura e não de Deus, que, sendo santíssimo e justíssimo, não pode ser o autor do pecado nem pode aprová-lo.

Ref. Isa. 45:7; Rom. 11:32-34; At. 4:27-28; Sal. 76:10; II Reis 19:28; At. 14:16; Gen. 50:20; Isa. 10:12; I João 2:16; Sal. 50:21; Tiago 1:17.

V. O mui sábio, justo e gracioso Deus muitas vezes deixa por algum tempo seus filhos entregues a muitas tentações e à corrupção dos seus próprios corações, para castigá-los pelos seus pecados anteriores ou fazer-lhes conhecer o poder oculto da corrupção e dolo dos seus corações, a fim de que eles sejam humilhados; para animá-los a dependerem mais íntima e constantemente do apoio dele e torná-los mais vigilantes contra todas as futuras ocasiões de pecar, para vários outros fins justos e santos.

Ref. II Cron. 32:25-26, 31; II Sam. 24:1, 25; Luc. 22:31-32; II Cor. 12:7-9.

VI. Quanto àqueles homens malvados e ímpios que Deus, como justo juiz, cega e endurece em razão de pecados anteriores, ele somente lhes recusa a graça pela qual poderiam ser iluminados em seus entendimentos e movidos em seus corações, mas às vezes tira os dons que já possuíam, e os expõe a objetos que a sua corrupção torna ocasiões de pecado; além disso os entrega às suas próprias paixões, às tentações do

12

CONFISSÃO DE FÉ

mundo e ao poder de Satanás: assim acontece que eles se endurecem sob as influências dos meios que Deus emprega para o abrandamento dos outros.

Ref. Rom. 1:24-25, 28 e 11:7; Deut. 29:4; Mar. 4:11-12; Mat. 13:12 e 25:29; II Reis 8:12-13; Sal. 81:11-12; I Cor. 2:11; II Cor. 11:3; Exo. 8:15, 32; II Cor. 2:15-16; Isa. 8:14.

VII. Como a providência de Deus se estende, em geral, a todos os crentes, também de um modo muito especial ele cuida da Igreja e tudo dispõe a bem dela.

Ref. Amós 9:8-9; Mat. 16:18; Rom. 8:28; I Tim. 4:10.

CAPÍTULO VI DA QUEDA DO HOMEM, DO PECADO E DO SEU CASTIGO

I. Nossos primeiros pais, seduzidos pela astúcia e tentação de Satanás, pecaram, comendo do fruto proibido. Segundo o seu sábio e santo conselho, foi Deus servido permitir este pecado deles, havendo determinado ordená-lo para a sua própria glória.

Ref. Gen. 3:13; II Cor. 11:3; Rom. 11:32 e 5:20-21.

II. Por este pecado eles decaíram da sua retidão original e da comunhão com Deus, e assim se tornaram mortos em pecado e inteiramente corrompidos em todas as suas faculdades e partes do corpo e da alma.

Ref. Gen. 3:6-8; Rom. 3:23; Gen. 2:17; Ef. 2:1-3; Rom. 5:12; Gen. 6:5; Jer. 17:9; Tito 1:15; Rom. 3:10-18.

13

III. Sendo eles o tronco de toda a humanidade, o delito dos seus pecados foi imputado a seus filhos; e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foram transmitidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária.

Ref. At. 17:26; Gen. 2:17; Rom. 5:17, 15-19; I Cor. 15:21-22, 45, 49; Sal. 51:5; Gen. 5:3; João 3:6.

IV. Desta corrupção original pela qual ficamos totalmente indispostos, adversos a todo o bem e inteiramente inclinados a todo o mal, é que procedem todas as transgressões atuais.

Ref. Rom. 5:6, 7:18 e 8:7; Col. 1:21; Gen. 6:5 e 8:21; Rom. 3:10-12; Tiago 1:14-15; Ef. 2:2-3; Mat. 15-19.

V. Esta corrupção da natureza persiste, durante esta vida, naqueles que são regenerados; e, embora seja ela perdoada e mortificada por Cristo, todavia tanto ela, como os seus impulsos, são real e propriamente pecado.

Ref. Rom. 7:14, 17, 18, 21-23; Tiago 3-2; I João 1:8-10; Prov. 20:9; Ec. 7:20; Gal. 5:17.

VI. Todo o pecado, tanto o original como o atual, sendo transgressão da justa lei de Deus e a ela contrária, torna, pela sua própria natureza, culpado o pecador e por essa culpa está ele sujeito à ira de Deus e à maldição da lei e, portanto, exposto à morte, com todas as misérias espirituais, temporais e eternas.

Ref. I João 3:4; Rom. 2:15; Rom. 3:9, 19; Ef. 2:3; Gal. 3:10; Rom. 6:23; Ef. 6:18; Lam. 3:39; Mat. 25:41; II Tess. 1:9.

CAPÍTULO VII
DO PACTO DE DEUS COM O HOMEM

I. Tão grande é a distância entre Deus e a criatura, que, embora as criaturas racionais lhe devam obediência como ao seu Criador, nunca poderiam fruir nada dele como bem-aventurança e recompensa, senão por alguma voluntária condescendência da parte de Deus, a qual foi ele servido significar por meio de um pacto.

Ref. Jô 9:32-33; Sal. 113:5-6; At. 17:24-25; Luc. 17:10.

II. O primeiro pacto feito com o homem era um pacto de obras; nesse pacto foi a vida prometida a Adão e nele à sua posteridade, sob a condição de perfeita obediência pessoal.

Ref. Gal. 3:12; Rom. 5:12-14 e 10:5; Gen. 2:17; Gal. 3:10.

III. O homem, tendo-se tornado pela sua queda incapaz de vida por esse pacto, o Senhor dignou-se fazer um segundo pacto, geralmente chamado o pacto da graça; nesse pacto ele livremente oferece aos pecadores a vida e a salvação por Jesus Cristo, exigindo deles a fé nele para que sejam salvos; e prometendo dar a todos os que estão ordenados para a vida o seu Santo Espírito, para dispô-los e habilitá-los a crer.

Ref. Gal. 3:21; Rom. 3:20-21 e 8:3; Isa. 42:6; Gen. 3:15; Mat. 28:18-20; João 3:16; Rom. 1:16-17 e 10:6-9; At. 13:48; Ezeq. 36:26-27; João 6:37, 44, 45; Luc. 11:13; Gal. 3:14.

IV. Este pacto da graça é freqüentemente apresentado nas Escrituras pelo nome de Testamento, em referência à morte de

Cristo, o testador, e à perdurável herança, com tudo o que lhe pertence, legada neste pacto.

Ref. Hebr. 9:15-17.

V. Este pacto no tempo da Lei não foi administrado como no tempo do Evangelho. Sob a Lei foi administrado por promessas, profecias, sacrifícios, pela circuncisão, pelo cordeiro pascal e outros tipos e ordenanças dadas ao povo judeu, prefigurando, tudo, Cristo que havia de vir; por aquele tempo essas cousas, pela operação do Espírito Santo, foram suficientes e eficazes para instruir e edificar os eleitos na fé do Messias prometido, por quem tinham plena remissão dos pecados e a vida eterna: essa dispensação chama-se o Velho Testamento.

Ref. II Cor. 3:6-9; Rom. 6:7; Col. 2:11-12; I Cor. 5:7 e 10:1-4; Heb. 11:13; João 8:36; Gal. 3:7-9, 14.

VI. Sob o Evangelho, quando foi manifestado Cristo, a substância, as ordenanças pelas quais este pacto é dispensado são a pregação da palavra e a administração dos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor; por estas ordenanças, posto que poucas em número e administradas com maior simplicidade e menor glória externa, o pacto é manifestado com maior plenitude, evidência e eficácia espiritual, a todas as nações, aos judeus bem como aos gentios. É chamado o Novo Testamento. Não há, pois, dois pactos de graça diferentes em substância mas um e o mesmo sob várias dispensações.

Ref. Col. 2:17; Mat. 28:19-2; I Cor. 11:23-25; Heb. 12:22-24; II Cor. 3:9-11; Luc. 2:32; Ef. 2:15-19; Luc. 22:20; Gal. 3:14-16; At. 15:11; Rom. 3:21-22, 30 e 4:16-17, e 23-24; Heb. 1:1-2.

CAPÍTULO VIII
DE CRISTO O MEDIADOR

I. Aproveu a Deus, em seu eterno propósito, escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho Unigênito, para ser o Mediador entre Deus e o homem, o Profeta, Sacerdote e Rei, o Cabeça e Salvador de sua Igreja, o Herdeiro de todas as cousas e o Juiz do Mundo; e deu-lhe desde toda a eternidade um povo para ser sua semente e para, no tempo devido, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado.

Ref. Isa. 42:1; I Ped. 1:19-20; I Tim. 2:5; João 3:16; Deut. 18:15; At. 3:20-22; Heb. 5:5-6; Isa. 9:6-7; Luc. 1:33; Heb. 1:2; Ef. 5:23; At. 17:31; II Cor. 5:10; João 17:6; Ef. 1:4; I Tim. 2:5-6; I Cor. 1:30; Rom. 8:30.

II. O Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, sendo verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância do Pai e igual a ele, quando chegou o cumprimento do tempo, tomou sobre si a natureza humana com todas as suas propriedades essenciais e enfermidades comuns, contudo sem pecado, sendo concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da Virgem Maria e da substância dela. As duas naturezas, inteiras, perfeitas e distintas — a Divindade e a humanidade — foram inseparavelmente unidas em uma só pessoa, sem conversão, composição ou confusão; essa pessoa é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, porém, um só Cristo, o único Mediador entre Deus e o homem.

Ref. João 1:1, 14; I João 5:20; Fil. 2:6; Gal. 4:4; Heb. 2:14, 17 e 4:15; Luc. 1:27, 31, 35; Mat. 16:16; Col. 2:9; Rom. 9:5; Rom. 1:3-4; I Tim. 2:5.

CONFISSÃO DE FÉ

III. O Senhor Jesus, em sua natureza humana unida à divina, foi santificado e sem medida unido com o Espírito Santo tendo em si todos os tesouros de sabedoria e ciência. Aproveu ao Pai que nele habitasse toda a plenitude, a fim de que, sendo santo, inocente, incontaminado e cheio de graça e verdade, estivesse perfeitamente preparado para exercer o ofício de Mediador e Fiador. Este ofício ele não tomou para si, mas para ele foi chamado pelo Pai, que lhe pôs nas mãos todo o poder e todo o juízo e lhe ordenou que os exercesse.

Ref. Sal. 45:5; João 3:34; Heb. 1:8-9; Col. 2:3, e 1:9; Heb. 7:26; João 1:14; At. 10:38; Heb. 12:24, e 5:4-5; João 5:22, 27; Mat. 28:18.

IV. Este ofício o Senhor Jesus empreendeu muito voluntariamente. Para que pudesse exercê-lo, foi feito sujeito à lei, que ele cumpriu perfeitamente; padeceu imediatamente em sua alma os mais cruéis tormentos e em seu corpo os mais penosos sofrimentos; foi crucificado e morreu; foi sepultado e ficou sob o poder da morte, mas não viu a corrupção; ao terceiro dia ressuscitou dos mortos com o mesmo corpo com que tinha padecido; com esse corpo subiu ao céu, onde está sentado à dextra do Pai, fazendo intercessão; de lá voltará no fim do mundo para julgar os homens e os anjos.

Ref. Sal. 40:7-8; Heb. 10:5-6; João 4:34; Fil. 2:8; Gal. 4:4; Mat. 3:15 e 5:17; Mat. 26:37-38; Luc. 22:24; Mat. 27:46; Fil. 2:8; At. 2:24, 27 e 13:37; I Cor. 15:4; João 20:25-27; Luc. 24:50-51; II Ped. 3:22; Rom. 8:34; Heb. 7:25; Rom. 14:10; At. 1:11; João 5:28-29; Mat. 13:40-42.

V. O Senhor Jesus, pela sua perfeita obediência e pelo sacrifício de si mesmo, sacrifício que pelo Eterno Espírito ele

CONFISSÃO DE FÉ

ofereceu a Deus uma só vez, satisfaz plenamente à justiça do Pai, e para todos aqueles que o Pai lhe deu adquiriu não só a reconciliação, como também uma herança perdurável no Reino dos Céus.

Ref. Rom. 5:19 e 3:25-26; Heb. 10:14; Ef. 1:11, 14; Col. 1:20; II Cor. 5:18; 20; João 17:2; Heb. 9:12, 15.

VI. Ainda que a obra da redenção não foi realmente cumprida por Cristo senão depois da sua encarnação; contudo a virtude, a eficácia e os benefícios dela, em todas as épocas sucessivamente desde o princípio do mundo, foram comunicados aos eleitos naquelas promessas, tipos e sacrifícios, pelos quais ele foi revelado e significado como a semente da mulher que devia esmagar a cabeça da serpente, como o cordeiro morto desde o princípio do mundo, sendo o mesmo ontem, hoje e para sempre.

Ref. Gal. 4:4; Gen. 3:15; Heb. 3:8.

VII. Cristo, na obra da mediação, age de conformidade com as suas duas naturezas, fazendo cada natureza o que lhe é próprio; contudo, em razão da unidade da pessoa, o que é próprio de uma natureza é às vezes, na Escritura, atribuído à pessoa denominada pela outra natureza.

Ref. João 10:17-18; I Ped. 3:18; Heb. 9:14; At. 20:28; João 3:13

VIII. Cristo, com toda a certeza e eficazmente aplica e comunica a salvação a todos aqueles para os quais ele a adquiriu. Isto ele consegue, fazendo intercessão por eles e revelando-lhes na palavra e pela palavra os mistérios da salvação,

CONFISSÃO DE FÉ

persuadindo-os eficazmente pelo seu Espírito a crer e a obedecer, dirigindo os corações deles pela sua palavra e pelo seu onipotente poder e sabedoria, da maneira e pelos meios mais conformes com a sua admirável e inexcrutável dispensação.

Ref. João 6:37; 39 e 10:15-16; I João 2:1; João 15:15; Ef. 1:9; João 17:6; II Cor. 4:13; Rom. 8:9, 14 e 15:18-19; João 17:17; Sal. 90:1; I Cor. 15:25-26; Col. 2:15; Luc. 10:19.

CAPÍTULO IX
DO LIVRE ARBITRIO

I. Deus dotou a vontade do homem de tal liberdade, que ele nem é forçado para o bem ou para o mal, nem a isso é determinado por qualquer necessidade absoluta da sua natureza.

Ref. Tiago 1:14; Deut. 30:19; João 5:40; Mat. 17:12; At. 7:51; Tiago 4:7.

II. O homem, em seu estado de inocência, tinha a liberdade e o poder de querer e fazer aquilo que é bom e agradável a Deus, mas mudavelmente, de sorte que pudesse decair dessa liberdade e poder.

Ref. Ec. 7:29; Col. 3:10; Gen. 1:26 e 2:16-17 e 3:6.

III. O homem, caindo em um estado de pecado, perdeu totalmente todo o poder de vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação, de sorte que um homem natural, inteiramente adverso a esse bem e morto no pecado, é incapaz de, pelo seu próprio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso.

CONFISSÃO DE FÉ

Ref. Rom. 5:6 e 8:7-8; João 15:5; Rom. 3:9-10, 12, 23; Ef. 2:1, 5; Col. 2:13; João 6:44, 65; I Cor. 2:14; Tito 3:3-5.

IV. Quando Deus converte um pecador e o transfere para o estado de graça, ele o liberta da sua natural escravidão ao pecado e, somente pela sua graça, o habilita a querer e fazer com toda a liberdade o que é espiritualmente bom, mas isso de tal modo que, por causa da corrupção, ainda nele existente, o pecador não faz o bem perfeitamente, nem deseja somente o que é bom, mas também o que é mau.

Ref. Col. 1:13; João 8:34, 36; Fil. 2:13; Rom. 6:18, 22; Gal. 5:17; Rom. 7:15, 21-23; I João 1:8, 10.

V. É no estado de glória que a vontade do homem se torna perfeita e imutavelmente livre para o bem só.

Ref. Ef. 4:13; Judas, 24; I João 3:2.

CAPÍTULO X
DA VOCAÇÃO EFICAZ

I. Todos aqueles que Deus predestinou para a vida, e só esses, é ele servido, no tempo por ele determinado e aceito, chamar eficazmente pela sua palavra e pelo seu Espírito, tirando-os por Jesus Cristo daquele estado de pecado e morte em que estão por natureza, e transpondo-os para a graça e salvação. Isto ele o faz, iluminando os seus entendimentos espiritualmente a fim de compreenderem as cousas de Deus para a salvação, tirando-lhes os seus corações de pedra e dando-lhes corações de carne, renovando as suas vontades e determinando-as pela sua onipotência para aquilo que é bom e

Ref. João 3:16, 18, 36; Rom. 3:28, e 5:1; Tiago 2:17, 22, 26; Gal. 5:6.

III. Cristo, pela sua obediência e morte, pagou plenamente a dívida de todos os que são justificados, e, em lugar deles, fez a seu Pai uma satisfação própria, real e plena. Contudo, como Cristo foi pelo Pai dado em favor deles e como a obediência e satisfação dele foram aceitas em lugar deles, ambas livremente e não por qualquer cousa neles existente, a justificação deles é só da livre graça, a fim de que tanto a justificação deles como a abundante graça de Deus sejam glorificadas na justificação dos pecadores.

Ref. Rom. 5:8, 9, 18; II Tim. 2:5-6; Heb. 10:10, 14; Rom. 8:32; II Cor. 5:21; Mat. 3:17; Ef. 5:2; Rom. 3:26; Ef. 2:7.

IV. Deus, desde toda a eternidade, decretou justificar todos os eleitos, e Cristo, no cumprimento do tempo, morreu pelos pecados deles e ressuscitou para a justificação deles; contudo eles não são justificados enquanto o Espírito Santo, no tempo próprio, não lhes aplica de fato os méritos de Cristo.

Ref. Gal. 3:8; I Ped. 1:2, 19-20; Gal. 4:4; I Tim. 2:6; Rom. 4:25; I Ped. 1:21; Col. 1:21-22; Tito 3:4-7.

V. Deus continua a perdoar os pecados dos que são justificados. Embora eles nunca poderão decair do estado de justificação, poderão, contudo, incorrer no paternal desagrado de Deus, e ficar privados da luz do seu rosto, até que se humilhem, confessem os seus pecados, peçam perdão e renovem a sua fé e o seu arrependimento.

Ref. Mat. 6:12; I João 1:7, 9, e 2:1-2; Luc. 22:32; João 10:28; Sal. 89:31-33; e 32:5.

VI. A justificação dos crentes sob o Velho Testamento era, em todos estes respeito, a mesma justificação dos crentes sob o Novo Testamento.

Ref. Gal. 3:9, 13-14; Rom. 4:22, 24.

CAPÍTULO XIII
DA ADOÇÃO

Todos os que são justificados é Deus servido, em seu único Filho Jesus Cristo e por ele, fazer participantes da graça da adoção. Por essa graça eles são recebidos no número dos filhos de Deus e gozam a liberdade e privilégios deles; têm sobre si o nome deles, recebem o Espírito de adoção, têm acesso com confiança ao trono da graça e são habilitados, a clamar — “Abba, Pai”; são tratados com comiseração, protegidos, providos e por ele corrigidos, como por um pai; nunca, porém, abandonados, mas selados para o dia de redenção, e herdam as promessas, como herdeiros da eterna salvação.

Ref. Ef. 1:5; Gal. 4:4-5; Rom. 8:17; João 1:12; Jer. 14:9; II Cor. 6:18; Apoc. 3:12; Rom. 8:15; Ef. 3:12; Gal. 4:6; Sal. 103:13; Prov. 14:26; Mat. 6:30, 32; Heb. 12:6; Lam. 3:31-32; Ef. 4:30; Heb. 6:12; I Ped. 1:3-4; Heb. 1:14.

CAPÍTULO XIII
DA SANTIFICAÇÃO

I. Os que são eficazmente chamados e regenerados, tendo criado em si um novo coração e um novo espírito, são além disso santificados real e pessoalmente, pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, pela sua palavra e pelo seu Espírito, que neles habita; o domínio do corpo do pecado é neles todo

destruído, as suas várias concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas, e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá a Deus.

Ref. I Cor. 1:30; At. 20:32; Fil. 3:10; Rom. 6:5-6; João 17:17, 19; Ef. 5:26; II Tess. 2:13; Rom. 6:6, 14; Gal. 5:24; Col. 1:10-11; Ef. 3:16-19; II Cor. 7:1; Col. 1:28, e 4:12; Heb. 12:14.

II. Esta santificação é no homem todo, porém imperfeita nesta vida; ainda persistem em todas as partes dele restos da corrupção, e daí nasce uma guerra contínua e irreconciliável — a carne lutando contra o espírito e o espírito contra a carne.

Ref. I Tess. 5:23; I João 1:10; Fil. 3:12; Gal. 5:17; I Ped. 2:11.

III. Nesta guerra, embora prevaleçam por algum tempo as corrupções que ficam, contudo, pelo contínuo socorro da eficácia do santificador Espírito de Cristo, a parte regenerada do homem novo vence, e assim os santos crescem em graça, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus.

Ref. Rom. 7:23, e 6:14; I João 5:4; Ef. 4:15-16; II Ped. 3:18; II Cor. 3:18, e 7:1.

CAPÍTULO XIV
DA FÉ SALVADORA

I. A graça da fé, pela qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles, e é ordinariamente operada pelo ministério da palavra; por esse ministério, bem como pela

administração dos sacramentos e pela oração, ela é aumentada e fortalecida.

Ref. Heb. 10:39; II Cor. 4:13; Ef. 1:17-20, e 2:8; Mat. 28:19-20; Rom. 10:14, 17; I Cor. 1:21; I Ped. 2:2; Rom. 1:16-17; Luc. 22:19; João 6:54-56; Rom. 6:11; Luc. 17:5, e 22:32.

II. Por esta fé o cristão, segundo a autoridade do mesmo Deus que fala em sua palavra, crê ser verdade tudo quanto nela é revelado, e age de conformidade com aquilo que cada passagem contém em particular, prestando obediência aos mandamentos, tremendo às ameaças e abraçando as promessas de Deus para esta vida e para a futura; porém os principais atos de fé salvadora são — aceitar e receber a Cristo e firmar-se só nele para a justificação, santificação e vida eterna, isto em virtude do pacto da graça.

Ref. João 6:42; I Tess. 2:13; I João 5:10; At. 24:14; Mat. 22:37-40; Rom. 16:26; Isa. 66:2; Heb. 11:13; I Tim. 6:8; João 1:12; At. 16:31; Gal. 2:20; At. 15:11.

III. Esta fé é de diferentes graus, é fraca ou forte; pode ser muitas vezes e de muitos modos assaltada e enfraquecida, mas sempre alcança a vitória, atingindo em muitos a uma perfeita segurança em Cristo, que é não somente o autor, como também o consumidor da fé.

Ref. Rom. 4:19-20; Mat. 6:30, e 8:10; Ef. 6:16; I João 4:5; Heb. 6:11, 12, 10:22 e 12:2.

CAPÍTULO XV
DO ARREPENDIMENTO PARA A VIDA

I. O arrependimento para a vida é uma graça evangélica, cuja doutrina deve ser tão pregada por todo o ministro do Evangelho como a da fé em Cristo.

Ref. At. 11:18; Luc. 24:47; Mar. 1:15; At. 20:21.

II. Movido pelo reconhecimento e sentimento, não só do perigo, mas também da impureza e odiosidade do pecado como contrários à santa natureza e justa lei de Deus; apreendendo a misericórdia divina manifestada em Cristo aos que são penitentes, o pecador pelo arrependimento, de tal maneira sente e aborrece os seus pecados, que, deixando-os, se volta para Deus, tencionando e procurando andar com ele em todos os caminhos dos seus mandamentos.

Ref. Eze. 18:30-31 e 34:31; Sal. 51:4; Jer. 31:18-19; II Cor. 7:11; Sal. 119:6, 59, 106; Mat. 21:28-29.

III. Ainda que não devemos confiar no arrependimento como sendo de algum modo uma satisfação pelo pecado ou em qualquer sentido a causa do perdão dele, o que é ato da livre graça de Deus em Cristo, contudo, ele é de tal modo necessário aos pecadores, que sem ele ninguém poderá esperar o perdão.

Ref. Ez. 36:31-32 e 16:63; Os. 14:2, 4; Rom. 3:24; Ef. 1:7; Luc. 13:3, 5; At. 17:30-31.

IV. Como não há pecado tão pequeno que não mereça a condenação, assim também não há pecado tão grande que possa

trazer a condenação sobre os que se arrependem verdadeiramente.

Ref. Rom. 6:23; Mat. 12:36; Isa. 55:7; Rom. 8:1; Isa. 1:18.

V. Os homens não devem se contentar com um arrependimento geral, mas é dever de todos procurar arrepender-se particularmente de cada um dos seus pecados.

Ref. Sal. 19:13; Luc. 19:8; I Tim. 1:13, 15.

VI. Como todo o homem é obrigado a fazer a Deus confissão particular das suas faltas, pedindo-lhe o perdão delas, fazendo o que, achará misericórdia, se deixar os seus pecados, assim também aquele que escandaliza a seu irmão ou a Igreja de Cristo, deve estar pronto, por uma confissão particular ou pública do seu pecado e do pesar que por ele sente, a declarar o seu arrependimento aos que estão ofendidos; isto feito, estes devem reconciliar-se com ele e recebê-lo em amor.

Ref. Sal. 32:5-6; Prov. 28:13; I João 1:9; Tiago 5:16; Luc. 17:3-4; Josué 7:19; II Cor. 2:8.

CAPÍTULO XVI
DAS BOAS OBRAS

I. Boas obras são somente aquelas que Deus ordena em sua santa palavra, não as que, sem autoridade dela, são aconselhadas pelos homens movidos de um zelo cego ou sob qualquer outro pretexto de boa intenção.

Ref. Miq. 6:8; Rom. 12:2; Heb. 13:21; Mat. 15:9; Isa. 29:13; I Ped. 1:18; João 16:2; Rom. 10:2; I Sam. 15:22; Deut. 10:12-13; Col. 2:16, 17, 20-23.

II. Estas boas obras, feitas em obediência aos mandamentos de Deus, são o fruto e as evidências de uma fé viva e verdadeira; por elas os crentes manifestam a sua gratidão, robustecem a sua confiança, edificam os seus irmãos, adornam a profissão do Evangelho, tapam a boca aos adversários e glorificam a Deus, cuja futura são, criados em Jesus Cristo para isso mesmo, a fim de que, tendo o seu fruto em santificação, tenham no fim a vida eterna.

Ref. Tiago 2:18, 22; Sal. 116-12-13; I Ped. 2:9; I João 2:3, 5; II Ped. 1:5-10; II Cor. 9:2; Mat. 5:16; I Tim. 4:12; Tito 2:5, 9-12; I Tim. 6:1; I Pedr. 2:12, 15; Fil. 1:11; João 15:8; Ef. 2:10; Rom. 6:22.

III. O poder de fazer boas obras não é de modo algum dos próprios fiéis, mas provém inteiramente do Espírito de Cristo. A fim de que sejam para isso habilitados, é necessário, além da graça que já receberam, uma influência positiva do mesmo Espírito Santo para obrar neles o querer e o perfazer segundo o seu beneplácito; contudo, não devem por isso tornar-se negligentes, como se não fossem obrigados a cumprir qualquer dever senão quando movidos especialmente pelo Espírito, mas devem esforçar-se por estimular a graça de Deus que há neles.

Ref. João 15:4-6; Luc. 11:13; Fil. 2:13, e 4:13; II Cor. 3:5; Ef. 3:16; Fil. 2:12; Heb. 6:11-12; Isa. 64:7.

IV. Os que alcançam pela sua obediência a maior perfeição possível nesta vida estão tão longe de exceder as suas obrigações e fazer mais do que Deus requer, que são deficientes em muitas cousas que são obrigados a fazer.

Ref. Luc. 17:10; Gal. 5:17.

V. Não podemos, pelas nossas melhores obras, merecer da mão de Deus perdão de pecado ou a vida eterna, porque é grande a desproporção que há entre eles e a glória porvir, e infinita a distância que vai de nós a Deus, a quem não podemos ser úteis por meio delas, nem satisfazer pela dívida dos nossos pecados anteriores; e porque, como boas, procedem do Espírito e, como nossas, são impuras e misturadas com tanta fraqueza e imperfeição, que não podem suportar a severidade do juízo de Deus; assim, depois que tivermos feito tudo quanto podemos, temos cumprido tão somente o nosso dever, e somos servos inúteis.

Ref. Rom. 3:20, e 4:2, 4, 6; Ef. 2:8-9; Luc. 17:10; Gal. 5:22-23; Isa. 64:6; Sal. 143, 2, e 130:3.

VI. Não obstante o que havemos dito, sendo aceitas por meio de Cristo as pessoas dos crentes, também são aceitas nele as boas obras deles, não como se fossem, nesta vida, inteiramente puras e irrepreensíveis à vista de Deus, mas porque Deus considerando-as em seu Filho, é servido aceitar e recompensar aquilo que é sincero, embora seja acompanhado de muitas fraquezas e imperfeições.

Ref. Ef. 1:6; I Ped. 2:5; Sal. 143:2; II Cor. 8:12; Heb. 6:10; Mat. 25:21, 23.

VII. As obras feitas pelos não regenerados, embora sejam, quanto à matéria, cousas que Deus ordena, e úteis tanto a si mesmos como aos outros, contudo, porque procedem de corações não purificados pela fé, não são feitas devidamente — segundo a palavra; — nem para um fim justo — a glória de Deus; são pecaminosas e não podem agradar a Deus, nem

CONFISSÃO DE FÉ

preparar o homem para receber a graça de Deus; não obstante, o negligenciá-las é ainda mais pecaminoso e ofensivo a Deus.

Ref. II Reis 10:30, 31; Fil. 1:15-16, 18; Heb. 11:4, 6; Mar. 10:20-21; I Cor. 13:3; Isa. 1:12; Mat. 6:2, 5, 16; Ag. 2:14; Amós 5:21-22; Mar. 7:6-7; Sal. 14:4 e 36:3; Mat. 25:41-45, e 23:23.

CAPÍTULO XVII DA PERSEVERANÇA DOS SANTOS

I. Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, os que ele chamou eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não podem decair do estado da graça, nem total, nem finalmente; mas, com toda a certeza hão de perseverar nesse estado até o fim e serão eternamente salvos.

Ref. Fil. 1:6; João 10:28-29; I Ped. 1:5, 9.

II. Esta perseverança dos santos não depende do livre arbítrio deles, mas da imutabilidade do decreto da eleição, procedente do livre e imutável amor de Deus Pai, da eficácia do mérito e intercessão de Jesus Cristo, da permanência do Espírito e da semente de Deus neles e da natureza do pacto da graça; de todas estas cousas vêm a sua certeza e infalibilidade.

Ref. II Tim. 2:19; Jer. 31:3; João 17:11, 24; Heb. 7:25; Luc. 22:32; Rom. 8:33, 34, 38-39; João 14:16-17; I João 2:27 e 3:9; Jer. 32:40; II Tess. 3:3; I João 2:19; João 10:28.

III. Eles, porém, pelas tentações de Satanás e do mundo, pela força da corrupção neles restante e pela negligência dos meios de preservação, podem cair em graves pecados e por algum tempo continuar neles; incorrem assim no desagrado de

32

CONFISSÃO DE FÉ

Deus, entristecem o seu Santo Espírito e de algum modo vêm a ser privados das suas graças e confortos; têm os seus corações endurecidos e as suas consciências feridas; prejudicam e escandalizam os outros e atraem sobre si juízos temporais.

Ref. Sal. 51:14; Mat. 26:70-74; II Sam. 12:9, 13; Isa. 64:7, 9; II Sam. 11:27; Ef. 6:30; Sal. 51:8, 10, 12; Apoc. 2:4; Isa. 63:17; Mar. 6:52; Sal. 32:3-4; II Sam. 12:14; Sal. 89:31-32; I Cor. 11:32.

CAPÍTULO XVIII DA CERTEZA DA GRAÇA E DA SALVAÇÃO

I. Ainda que os hipócritas e os outros não regenerados podem iludir-se vamente com falsas esperanças e carnal presunção de se acharem no favor de Deus e em estado de Salvação, esperança essa que perecerá, contudo, os que verdadeiramente crêm no Senhor Jesus e o amam com sinceridade, procurando andar diante dele em toda a boa consciência, podem, nesta vida, certificar-se de se acharem em estado de graça e podem regozijar-se na esperança da glória de Deus, nessa esperança que nunca os envergonhará.

Ref. Deut. 29:19; Miq. 3:11; João 8:41; Mat. 8:22-23; I João 2:3 e 5:13; Rom. 5:2, 5; II Tim. 4:7-8.

II. Esta certeza não é uma mera persuasão conjectural e provável, fundada numa falsa esperança, mas uma infalível segurança da fé, fundada na divina verdade das promessas de salvação, na evidência interna daquelas graças a que são feitas essas promessas, no testemunho do Espírito de adoção que testifica com os nossos espíritos sermos nós filhos de Deus, no

33

CONFISSÃO DE FÉ

testemunho desse Espírito que é o penhor de nossa herança e por quem somos selados para o dia da redenção.

Ref. Heb. 6:11, 17-19; I Ped. 1:4-5, 10-11; I João 3:14; Rom. 8:15-16; Ef. 1:13-14, e 4:30; II Cor. 1:21-22.

III. Esta segurança infalível não pertence de tal modo à essência da fé, que um verdadeiro crente, antes de possuí-la, não tenha de esperar muito e lutar com muitas dificuldades; contudo, sendo pelo Espírito habilitado a conhecer as cousas que lhe são livremente dadas por Deus, ele pode alcançá-la sem revelação extraordinária, no devido uso dos meios ordinários. É, pois, dever de todo o fiel fazer toda a diligência para tornar certas a sua vocação e eleição, a fim de que por esse modo seja o seu coração no Espírito Santo confirmado em paz e gozo, em amor e gratidão para com Deus, em firmeza e alegria nos deveres da obediência que são os frutos próprios desta segurança. Este privilégio está, pois, muito longe de predispor os homens à negligência.

Ref. I João 5:13; I Cor. 2:12; I João 4:13; Heb. 6:11-12; II Ped. 1:10; Rom. 5:1-2, 5, 14:17, e 15:13; Sal. 119:32; Rom. 6:1-2; Tito 2:11-12, 14; II Cor. 7:1; Rom. 8:1; I João 1:6-7, e 3:2-3.

IV. Por diversos modos podem os crentes ter a sua segurança de salvação abalada, diminuída e interrompida — negligenciando a conservação dela, caindo em algum pecado especial que fira a consciência e entristeça o Espírito Santo, cedendo a fortes e repentinas tentações, retirando Deus a luz do seu rosto e permitindo que andem em trevas e não tenham luz mesmo os que temem; contudo, eles nunca ficam inteiramente privados daquela semente de Deus e da vida da fé, daquele

34

CONFISSÃO DE FÉ

amor a Cristo e aos irmãos, daquela sinceridade de coração e consciência do dever; dessas bênçãos a certeza de salvação poderá, no tempo próprio, ser restaurada pela operação do Espírito, e por meio delas eles são, no entanto, suportados para não caírem no desespero absoluto.

Ref. Sal. 51:8, 12, 14; Ef. 4:30; Sal. 77:1-10, e 31:32; I João 3:9; Luc. 22:32; Miq. 7:7-9; Jer. 32:40; II Cor. 4:8-10.

CAPÍTULO XIX DA LEI DE DEUS

I. Deus deu a Adão uma lei como um pacto de obras. Por este pacto Deus o obrigou, bem como toda sua posteridade, a uma obediência pessoal, inteira, exata e perpétua; prometeu-lhe a vida sob a condição dele cumprir com a lei e o ameaçou com a morte no caso dele violá-la; e dotou-o com o poder e capacidade de guardá-la.

Ref. Gen. 1:26, e 2:17; Ef. 4:24; Rom. 2:14-15, e 10:5, e 5:12, 19.

II. Essa lei, depois da queda do homem, continuou a ser uma perfeita regra de justiça. Como tal foi por Deus entregue no monte Sinai em dez mandamentos e escrita em duas tábuas; os primeiros quatro mandamentos ensinam os nossos deveres para com Deus e os outros seis os nossos deveres para com o homem.

Ref. Tiago 1:25 e 2:8, 10; Deut. 5:32, e 10:4; Mat. 22:37-40.

III. Além dessa lei, geralmente chamada lei moral, foi Deus servido dar ao seu povo de Israel, considerado uma igreja sob a sua tutela, leis cerimoniais que contém diversas ordenanças

35

típicas. Essas leis, que em parte se referem ao culto e prefiguram Cristo, as suas graças, os seus atos, os seus sofrimentos e os seus benefícios, e em parte representam várias instruções de deveres morais, estão todas abrangidas sob o Novo Testamento.

Ref. Heb. 10:1; Gal. 4:1-3; Col. 2:17; Exo. 12:14; I Cor. 5:7; II Cor. 6:17; Col. 2:14, 16-17; Ef. 2:15-16.

IV. A esse mesmo povo, considerado como um corpo político, Deus deu leis civis que terminaram com aquela nacionalidade, e que agora não obrigam além do que exige a sua equidade geral.

Ref. Exo. 21, e 22:1-29; Gen. 49:10; Mat. 5:38-39.

V. A lei moral obriga para sempre a todos a prestar-lhe obediência, tanto as pessoas justificadas como as outras, e isto não somente quanto à matéria nela contida, mas também pelo respeito à autoridade de Deus, o Criador, que a deu. Cristo, no Evangelho, não desfaz de modo algum esta obrigação, antes a confirma.

Ref. I João 2:3-4, 7; Rom. 3:31; Tiago, 2:8, 10, 11; Rom. 3:19; Mat. 5:18-19.

VI. Embora os verdadeiros crentes não estejam debaixo da lei como pacto de obras, para serem por ela justificados ou condenados, contudo, ela lhes serve de grande proveito, como aos outros; manifestando-lhes, como regra de vida, a vontade de Deus, e o dever que eles têm, ela os dirige e os obriga a andar segundo a retidão; descobre-lhes também as pecaminosas poluições da sua natureza, dos seus corações e das suas vidas, de

maneira que eles, examinando-se por meio dela, alcançam mais profundas convicções do pecado, maior humilhação por causa deles e maior aversão a eles, e ao mesmo tempo lhes dá uma melhor apreciação da necessidade que têm de Cristo e da perfeição da obediência dele. Ela é também de utilidade aos regenerados, a fim de conter a sua corrupção, pois proíbe o pecado; as suas ameaças servem para mostrar o que merecem os seus pecados e quais as aflições que por causa deles devem esperar nesta vida, ainda que sejam livres da maldição ameaçada na lei. Do mesmo modo as suas promessas mostram que Deus aprova a obediência deles e que bênção podem esperar, obedecendo, ainda que essas bênçãos não lhes sejam devidas pela lei considerada como pacto das obras — assim o fazer um homem o bem ou o evitar ele o mal, porque a lei anima aquilo e proíbe isto, não é prova de estar ele debaixo da lei e não debaixo da graça.

Ref. Rom. 6:14, e 8:1; Gal. 3:13; Rom. 7:12, 22, 25; Sal. 119:5; I Cor. 7:19; Rom. 7:7, e 3:20; Tiago 1:23, 25; Rom. 7:9, 14, 24; Gal. 3:24; Rom. 8:3-4; Rom. 7:25; Tiago 2:11; Esdras 9:13-14; Sal. 89:30-34 e 37:11, e 19:11; Gal. 2:16; Luc. 17:10; Rom. 6:12, 14; Heb. 12:28-29; I Ped. 3:8-12; Sal. 34:12, 16.

VII. Os supracitados usos da lei não são contrários à graça do Evangelho, mas suavemente condizem com ela, pois o Espírito de Cristo submete e habilita a vontade do homem a fazer livre e alegremente aquilo que a vontade de Deus, revelada na lei, requer se faça.

Ref. Gal. 3:21; Eze. 36:27; Heb. 8:10.

CAPÍTULO XX
DA LIBERDADE CRISTÃ E DA LIBERDADE
DE CONSCIÊNCIA

I. A liberdade que Cristo, sob o Evangelho, comprou para os crentes consiste em serem eles libertos do delito do pecado, da ira condenatória de Deus, da maldição da lei moral e em serem livres do poder deste mundo, do cativeiro de Satanás, do domínio do pecado, do mal das aflições, do aguilhão da morte, da vitória da sepultura e da condenação eterna: como também em terem livre acesso a Deus, em lhe pretarem obediência, não movidos de um medo servil, mas de amor filial e espírito voluntário. Todos estes privilégios eram comuns também aos crentes debaixo da lei, mas sob o Evangelho, a liberdade dos cristãos está mais ampliada, achando-se eles isentos do jugo da lei cerimonial a que estava sujeita a Igreja Judáica, e tendo maior confiança de acesso ao trono da graça e mais abundantes comunicações do Espírito de Deus, do que os crentes debaixo da lei ordinariamente alcançavam.

Ref. Tito 2:14; I Tess. 1:10; Gal. 3:13; Rom. 8:1; Gal. 1:4; At. 26:18; Rom. 6:14; I João 1:7; Sal. 119:71; Rom. 8:28; I Cor. 15:54-57; Rom. 5:1-2; Ef. 2:18 e 3:12; Heb. 10:19; Rom. 8:14-15; Gal. 6:6; I João 6:18; Gal. 3:9, 14, e 5:1; At. 15:10; Heb. 4:14, 16, e 10:19-22; João 7:38-39; Rom. 5:5.

II. Só Deus é senhor da consciência, e ele deixou livre das doutrinas e mandamentos humanos que em qualquer coisa sejam contrários à sua palavra ou que, em matéria de fé ou de culto estejam fora dela. Assim crer tais doutrinas ou obedecer a tais mandamentos como coisa de consciência é trair a verdadeira liberdade de consciência; e requerer para elas fé

implícita e obediência cega e absoluta é destruir a liberdade de consciência e a mesma razão.

Ref. Rom. 14:4, 10; Tiago 4:12; At. 4:19, e 5:29; Mat. 28:8-10; Col. 2:20-23; Gal. 1:10, e 2:4-5, e 4:9-10, e 5:1; Rom. 14:23; At. 17:11; João 4:22; Jer. 8:9; I Ped. 3:15.

III. Aqueles que, sob o pretexto de liberdade cristã, cometem qualquer pecado ou toleram qualquer concupiscência, destroem por isso mesmo o fim da liberdade cristã; o fim da liberdade é que, sendo livres das mãos dos nossos inimigos, sem medo sirvamos ao Senhor em santidade e justiça, diante dele todos os dias da nossa vida.

Ref. Luc. 1:74-75; Rom. 6:15; Gal. 5:13; I Ped. 2:16; II Ped. 3:15.

IV. Visto que os poderes que Deus ordenou, e a liberdade que Cristo comprou, não foram por Deus designados para destruir, mas para que mutuamente nos apoiemos e preservemos uns aos outros, resistem à ordenação de Deus os que, sob pretexto de liberdade cristã, se opõem a qualquer poder legítimo, civil ou religioso, ou ao exercício dele. Se publicarem opiniões ou mantiverem práticas contrárias à luz da natureza ou aos reconhecidos princípios do Cristianismo concernentes à fé, ao culto ou ao procedimento; se publicarem opiniões, ou mantiverem práticas contrárias ao poder da piedade ou que, por sua própria natureza ou pelo modo de publicá-las e mantê-las, são destrutivas da paz externa da Igreja e da ordem que Cristo estabeleceu nela, podem, de justiça ser processados e visitados com as censuras eclesiásticas.

Ref. I Ped. 2:13-16; Heb. 13:17; Mat. 18:15-17; II Tess. 3:14; Tito 3:10; I Cor. 5:11-13; Rom. 16:17; II Tess. 3:6.

CAPÍTULO XXI
DO CULTO RELIGIOSO E DO DOMINGO

I. A luz da natureza mostra que há um Deus que tem domínio e soberania sobre tudo, que é bom e faz bem a todos, e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo o coração, de toda a alma e de toda a força; mas o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras.

Ref. Rom. 1:20; Sal. 119:68, e 31:33; At. 14:17; Deut. 12:32; Mat. 15:9, e 4:9; João 4:3, 24; Exo. 20:4-6.

II. O culto religioso deve ser prestado a Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo — e só a ele; não deve ser prestado nem aos anjos, nem aos santos, nem a qualquer outra criatura; nem, depois da queda, deve ser prestado a Deus pela mediação de qualquer outro senão Cristo.

Ref. João 5:23; Mat. 28:19; II Cor. 13:14; Col. 2:18; Apoc. 19:10; Rom. 1:25; João 14:6; I Tim. 2:5; Ef. 2:18; Col. 3:17.

III. A oração com ações de graças, sendo uma parte especial do culto religioso, é por Deus exigida de todos os homens; e, para que seja aceita, deve ser feita em o nome do Filho, pelo auxílio do seu Espírito, segundo a sua vontade, e isto com inteligência, reverência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança. Se for vocal, deve ser proferida em uma língua conhecida dos circunstantes.

Ref. Fil. 4:6; I Tim. 2:1; Col. 4:2; Sal. 65:2, e 67:3; I Tess. 5:17-18; João 14:13-14; I Ped. 2:5; Rom. 8:26; Ef. 6:8; João 5:14; Sal. 47:7; Heb. 12:28; Gen. 18:27; Tiago 5:16; Ef. 6:18; I Cor. 14:14.

IV. A oração deve ser feita por cousas lícitas e por todas as classes de homens que existem atualmente ou que existirão no futuro; mas não pelos mortos, nem por aqueles que se saiba terem cometido o pecado para a morte.

Ref. Mat. 26:42; I Tim. 2:1-2; João 17:20; II Sam. 7:29, e 12:21-23; Luc. 16:25-26; I João 5:16.

V. A leitura das Escrituras com o temor divino, a sã pregação da palavra e a consciente atenção a ela em obediência a Deus, com inteligência, fé e reverência; e cantar salmos com graças no coração, bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo — são partes do ordinário culto de Deus, além dos juramentos religiosos; votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasiões especiais, tudo o que, em seus vários tempos e ocasiões próprias, deve ser usado de um modo santo e religioso.

Ref. At. 15:21; Apoc. 1:3; II Tim. 4:2; Tiago 1:22; At. 10:33; Heb. 4:2; Col. 3:16; Ef. 5:19; Tiago 5:13; At. 16:25; Mat. 28:19; At. 2:42; Deut. 6:13; Ne. 10:29; Ec. 5:4-5; Joel 2:12; Mat. 9:15.

VI. Agora, sob o Evangelho, nem a oração, nem qualquer outro ato do culto religioso é restrito a um certo lugar, nem se torna mais aceito por causa do lugar em que se ofereça ou para o qual se dirija, mas, Deus deve ser adorado em todo o lugar, em espírito e verdade — tanto em famílias diariamente e em

secreto, estando cada um sozinho, como também mais solenemente em assembleias públicas, que não devem ser descuidosas, nem voluntariamente desprezadas nem abandonadas, sempre que Deus, pela sua providência, proporciona ocasião.

Ref. João 5:21; Mal. 1:11; I Tim. 2:8; João 4:23-24; Jer. 10:25; Jó 1:5; II Sam. 6:18-20; Deut. 6:6-7; Mat. 6:11, e 6:6; Isa. 56:7; Heb. 10:25; Prov. 8:34; At. 2:42.

VII. Como é lei da natureza que, em geral, uma devida proporção do tempo seja destinada ao culto de Deus, assim também em sua palavra, por um preceito positivo, moral e perpétuo, preceito que obriga a todos os homens em todos os séculos, Deus designou particularmente um dia em sete para ser um sábado (descanço) santificado por Ele; desde o princípio do mundo, até a ressurreição de Cristo, esse dia foi o último da semana; e desde a ressurreição de Cristo foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que na Escritura é chamado Domingo, ou dia do Senhor, e que há de continuar até ao fim do mundo como o sábado cristão.

Ref. Exo. 20:8-11; Gen. 2:3; I Cor. 16:1-2; At. 20:7; Apoc. 1:10; Mat. 5:17-18.

VIII. Este sábado é santificado ao Senhor quando os homens, tendo devidamente preparado os seus corações e de antemão ordenado os seus negócios ordinários, não só guardam, durante todo o dia, um santo descanso das suas próprias obras, palavras e pensamentos a respeito dos seus empregos seculares e das suas recreações, mas também ocupam todo o tempo em

exercícios públicos e particulares de culto e nos deveres de necessidade e misericórdia.

Ref. Exo. 16:23-26, 29-30, e 31:15-16; Isa. 58:13.

CAPÍTULO XXII
DOS JURAMENTOS LEGAIS E DOS VOTOS

I. O Juramento, quando lícito, é uma parte do culto religioso pelo qual o crente, em ocasiões necessárias e com toda a solenidade, chama a Deus por testemunha do que assevera ou promete; pelo juramento ele invoca a Deus para julgá-lo segundo a verdade ou falsidade do que jura.

Ref. Deut. 10:20; Exo. 20:7; Lev. 19:12; II Cor. 1:23; II Cron. 6:22-23.

II. O único nome pelo qual se deve jurar é o nome de Deus, nome que se pronunciará com todo o santo temor e reverência; jurar, pois, falsa ou temerariamente por este glorioso e tremendo nome ou jurar por qualquer outra coisa é pecaminoso e abominável, contudo, como em assuntos de gravidade e importância o juramento é autorizado pela palavra de Deus, tanto sob o Novo Testamento como sob o Velho, o juramento, sendo exigido pela autoridade legal, deve ser prestado com referência a tais assuntos.

Ref. Deut. 6:13; Jer. 5:7; Mat. 5:34, 37; Tiago 5:12; Heb. 6:16; I Reis 8:31; Esdras 10:5.

III. Quem vai prestar um juramento deve considerar refletidamente a gravidade de ato tão solene e nada afirmar de cuja verdade não esteja plenamente persuadido, obrigando-se

tão somente por aquilo que é justo e bom e que tem como tal, e por aquilo que pode e está resolvido a cumprir. É, porém, pecado recusar prestar juramento concernente a qualquer cousa justa e boa, sendo ele exigido pela autoridade legal.

Ref. Jer. 4:2; Gen. 24:2-3; 9; Ne. 5:12.

IV. O juramento deve ser prestado conforme o sentido claro e óbvio das palavras, sem equívoco ou restrição mental. Não pode obrigar a pecar, mas sendo prestado com referência a qualquer cousa não pecaminosa, obriga ao cumprimento, mesmo com prejuízo de quem jura. Não deve ser violado, ainda que feito a herejes ou infiéis.

Ref. Sal. 24:4, e 15:4; Eze. 17:16, 18.

V. O voto é da mesma natureza que o juramento promissório; deve ser feito com o mesmo cuidado religioso e cumprindo com igual fidelidade.

Ref. Isa. 19:21; Ec. 5:4-6; Sal. 66:13-14.

VI. O voto não deve ser feito a criatura alguma, mas somente a Deus; para que seja aceitável, deve ser feito voluntariamente, com fé e consciência de dever, em reconhecimento de misericórdias recebidas ou para obter o que desejamos. Pelo voto obrigamo-nos mais restritamente aos deveres necessários ou a outras cousas, até onde ou quando elas conduzirem a esses deveres.

Ref. Sal. 76:11; Deut. 23:21, 23; Sal. 50:14

VII. Ninguém deve prometer fazer cousa alguma que seja proibida na palavra de Deus ou que embarce o cumprimento de qualquer dever nela ordenado, nem o que não está em seu poder cumprir e para cuja execução não tenha promessa ou poder de Deus; por isso os votos monásticos que os papistas fazem do celibato perpétuo, pobreza voluntária e obediência regular, em vez de serem graus de maior perfeição, não passam de laços supersticiosos e iníquos com os quais nenhum cristão deve embarçar-se.

Ref. At. 23:12; Mar. 6:26; I Cor. 2:9; Ef. 4:28; I Tess. 4:11-12; I Cor. 7:23.

CAPÍTULO XXIII
DO MAGISTRADO CIVIL

I. Deus, o Senhor Supremo e Rei de todo o mundo, para a sua glória e para o bem público, constituiu sobre o povo magistrados civis que lhe são sujeitos, e a este fim, os armou com o poder da espada para defesa e incentivo dos bons e castigo dos malfitores.

Ref. Rom. 13:1-4; I Ped. 2:13-14.

II. Aos cristãos é lícito aceitar e exercer o ofício de magistrado, sendo para ele chamado; e em sua administração, como devem especialmente manter a piedade, a justiça, e a paz segundo as leis salutaras de cada Estado, eles, sob a dispensação do Novo Testamento e para conseguir esse fim, podem licitamente fazer guerra, havendo ocasiões justas e necessárias.

Ref. Prov. 8:15-16; Sal. 82:3-4; II Sam. 23:3; Luc. 3:14; Mat. 8:9-10; Rom. 13:4.

III. Os magistrados civis não podem tomar sobre si a administração da palavra e dos sacramentos ou o poder das chaves do Reino do Céu, nem de modo algum intervir em matéria de fé; contudo, como pais solícitos, devem proteger a Igreja do nosso comum Senhor, sem dar preferência a qualquer denominação cristã sobre as outras, para que todos os eclesiásticos sem distinção gozem plena, livre e indisputada liberdade de cumprir todas as partes das suas sagradas funções, sem violência ou perigo. Como Jesus Cristo constituiu em sua Igreja um governo regular e uma disciplina, nenhuma lei de qualquer Estado deve proibir, impedir ou embarçar o seu devido exercício entre os membros voluntários de qualquer denominação cristã, segundo a profissão e crença de cada uma. É dever dos magistrados civis proteger a pessoa e o bom nome de cada um dos seus jurisdicionados, de modo que a ninguém seja permitido, sob pretexto de religião ou de incredulidade, ofender, perseguir, maltratar ou injuriar qualquer outra pessoa; e bem assim providenciar para que todas as assembleias religiosas e eclesiásticas possam reunir-se sem ser perturbadas ou molestadas.

Ref. Heb. 5:4; II Cron. 26:18; Mat. 16:19; I Cor. 4:1-2; João 18:36; At. 5:29; Ef. 4:11-12; Isa. 49:23; Sal. 105:15; II Sam. 23:3.

IV. É dever do povo orar pelos magistrados, honrar as suas pessoas, pagar-lhes tributos e outros impostos, obedecer às suas ordens legais e sujeitar-se à sua autoridade, e tudo isto por amor da consciência. Incredulidade ou indiferença de religião não anula a justa e legal autoridade do magistrado, nem absolve o povo da obediência que lhe deve, obediência de que não estão isentos os eclesiásticos. O papa não tem nenhum poder ou jurisdição sobre os magistrados dentro dos domínios deles qu

sobre qualquer um do seu povo; e muito menos tem o poder de privá-los dos seus domínios ou vidas, por julgá-los herejes ou sob qualquer outro pretexto.

Ref. I Tim. 2:1-3; II Ped. 2:17; Mat. 22:21; Rom. 13:2-7, e 13:5; Tito 3:1; I Ped. 2:13-14, 16; Rom. 13:1; At. 25:10-11; II Tim. 2:24; I Ped. 5:3.

CAPÍTULO XXIV
DO MATRIMÔNIO E DO DIVÓRCIO

I. O casamento deve ser entre um homem e uma mulher; ao homem não é lícito ter mais de uma mulher nem à mulher mais de um marido, ao mesmo tempo.

Ref. Gen. 2:24; Mat. 19:4-6; Rom. 7:3.

II. O matrimônio foi ordenado para o mútuo auxílio de marido e mulher, para a propagação da raça humana por uma sucessão legítima e da Igreja por uma semente santa, e para impedir a impureza.

Ref. Gen. 2:18, e 9:1; Mal. 2:15; I Cor. 7:2, 9.

III. A todos os que são capazes de dar um consentimento ajuizado, é lícito casar; mas é dever dos cristãos casar somente no Senhor; portanto, os que professam a verdadeira religião reformada não devem casar-se com infiéis, papistas ou outros idólatras; nem devem os piedosos prender-se desigualmente pelo jugo do casamento aos que são notoriamente ímpios em suas vidas ou que mantêm heresias perniciosas.

Ref. Heb. 13:4; I Tim. 4:3; G-n. 24:57-58; I Cor. 7:39; II Cor. 6:14.

IV. Não devem casar-se as pessoas entre as quais existem os graus de consaguinidade ou afinidade proibidos na palavra de Deus, tais casamentos incestuosos jamais poderão tornar-se lícitos pelas leis humanas ou consentimento das partes, de modo a poderem coabitar como marido e mulher.

Ref. I Cor. 5:1; Mar. 6:18; Lev. 18:24, 28.

V. O adultério ou fornicação cometida depois de um contrato, sendo descoberto antes do casamento, dá à parte inocente justo motivo de dissolver o contrato; no caso de adultério depois do casamento, à parte inocente é lícito propor divórcio, e depois de obter o divórcio casar com outrem, como se a parte infiel fôsse morta.

Ref. Mat. 1:18-20, e 5:31-32, e 19:9.

VI. Posto que a corrupção do homem seja tal que o incline a procurar argumentos a fim de indevidamente separar aqueles que Deus uniu em matrimônio, contudo só é causa suficiente para dissolver os laços do matrimônio o adultério ou uma deserção tão obstinada que não possa ser remediada nem pela Igreja nem pelo magistrado civil; para a dissolução do matrimônio é necessário haver um processo público e regular, não se devendo deixar ao arbítrio e discreção das partes o decidir em seu próprio caso.

Ref. Mat. 19:6-8; I Cor. 7:15; Deut. 24:1-4; Esdras 10:3.

CAPÍTULO XXV
DA IGREJA

I. A Igreja Católica ou Universal, que é invisível, consta do número total dos eleitos que já foram, dos que agora são e dos

que ainda serão reunidos em um só corpo sob Cristo, seu cabeça; ela é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todas as cousas.

Ref. Ef. 1:10, 22-23; Col. 1:18.

II. A Igreja Visível, que também é católica ou universal sob o Evangelho (não sendo restrita a uma nação, como antes sob a Lei) consta de todos aqueles que pelo mundo inteiro professam a verdadeira religião, juntamente com seus filhos; é o Reino do Senhor Jesus, a casa e família de Deus, fora da qual não há possibilidade ordinária de salvação.

Ref. I Cor. 1:2, e 12:12-13; Sal. 138; I Cor. 7:14; At. 2:39; Gen. 17:7; Rom. 9:16; Mat. 13:33; Col. 1:13; Ef. 2:19, e 3:15; Mat. 10:32-33; At. 2:47.

III. A esta Igreja Católica Visível Cristo deu o ministério, os oráculos e as ordenanças de Deus, para congregamento e aperfeiçoamento dos santos nesta vida, até o fim do mundo, e pela sua própria presença e pelo seu Espírito, os torna eficazes para esse fim, segundo a sua promessa.

Ref. Ef. 4:11-13; Isa. 59:21; Mat. 28:19-20.

IV. Esta Igreja Católica tem sido ora mais, ora menos visível. As igrejas particulares, que são membros dela, são mais ou menos puras conforme neles é, com mais ou menos pureza, ensinado e abraçado o Evangelho, administradas as ordenanças e celebrado o culto público.

Ref. Rom. 11:3-4; At. 2:41-42; I Cor. 5:6-7.

V. As igrejas mais puras debaixo do céu estão sujeitas à mistura e ao erro; algumas têm degenerado ao ponto de não serem mais igrejas de Cristo, mas sinagogas de Satanás; não obstante, haverá sempre sobre a terra uma igreja para adorar a Deus segundo a vontade dele mesmo.

Ref. I Cor. 1:2, e 13:12; Mat. 13:24-30, 47; Rom. 11.20-22; Apoc. 2:9; Mat. 16:18.

VI. Não há outro Cabeça da Igreja senão o Senhor Jesus Cristo; em sentido algum pode ser o Papa de Roma o cabeça dela, mas ele é aquele anticristo, aquele homem do pecado e filho da perdição que se exalta na Igreja contra Cristo e contra tudo o que se chama Deus.

Ref. Col. 1:18; Ef. 1:22; Mat. 23:8-10; I Ped. 5:2-4; II Tess. 2:3-4.

CAPÍTULO XXVI
DA COMUNHÃO DOS SANTOS

I. Todos os santos que pelo seu Espírito e pela fé estão unidos a Jesus Cristo, seu Cabeça, têm com Ele comunhão nas suas graças, nos seus sofrimentos, na sua morte, na sua ressurreição e na sua glória, e, estando unidos uns aos outros no amor, participam dos mesmos dons e graças e estão obrigados ao cumprimento dos deveres públicos e particulares que contribuem para o seu mútuo proveito, tanto no homem interior como no exterior.

Ref. I João 1:3; Ef. 3:16-17; João 1:16; Fil. 3:10; Rom. 6:5-6, e 8:17; Ef. 4:15-16; I Tess. 5:11, 14; Gal. 6:10.

II. Os santos são, pela sua profissão, obrigados a manter uma santa sociedade e comunhão no culto de Deus e na observância de outros serviços espirituais que tendam à sua mútua edificação, bem como a socorrer uns aos outros em cousas materiais, segundo as suas respectivas necessidades e meios; esta comunhão, conforme Deus oferecer ocasião, deve estender-se a todos aqueles que em qualquer lugar, invocam o nome do Senhor Jesus.

Ref. Heb. 10:24-25; At. 2:42, 46; I João 3:17; At. 11:29-30.

III. Esta comunhão que os santos têm com Cristo não os torna de modo algum participantes da substância da sua Divindade, nem iguais a Cristo em qualquer respeito; afirmar uma ou outra cousa, é impio e blasfemo. A sua comunhão de uns com os outros não destrói, nem de modo algum enfraquece o título ou domínio que cada homem tem sobre os seus bens e possessões.

Ref. Col. 1:18; I Cor. 8:6; I Tim. 6:15-16; At. 5:4.

CAPÍTULO XXVII
DOS SACRAMENTOS

I. Os sacramentos são santos sinais e selos do pacto da graça, imediatamente instituídos por Deus para representar Cristo e os seus benefícios e confirmar o nosso interesse nele, bem como para fazer uma diferença visível entre os que pertencem à Igreja e o resto do mundo, e solenemente obrigá-los ao serviço de Deus em Cristo, segundo a sua palavra.

Ref. Rom. 6:11; Gen. 17:7-10; Mat. 28:19; I Cor. 11:23, e 10:16, e 11:25-26; Exo. 12:48; I Cor. 10:21; Rom. 6:3-4; I Cor. 10:2-16.

CONFISSÃO DE FÉ

II. Em todo o sacramento há uma relação espiritual ou união sacramental entre o sinal e a coisa significada, e por isso os nomes e efeitos de um são atribuídos ao outro.

Ref. Gen. 17:10; Mat. 26:27-28; Tito 3:5.

III. A graça significada nos sacramentos ou por meio deles, quando devidamente usados, não é conferida por qualquer poder neles existentes; nem a eficácia deles depende da piedade ou intenção de quem os administra, mas da obra do Espírito e da palavra da instituição, a qual, juntamente com o preceito que autoriza o uso deles, contém uma promessa de benefício aos que dignamente o recebem.

Ref. Rom. 2:28-29; I Ped. 3:21; Mat. 3:11; I Cor. 12:13; Luc. 22:19-20; I Cor. 11:26.

IV. Há só dois sacramentos ordenados por Cristo, nosso Senhor, no Evangelho — O Batismo e a Santa Ceia; nenhum destes sacramentos deve ser administrado senão pelos ministros da palavra legalmente ordenados.

Ref. Mat. 28:19; I Cor. 11:20, 23-34; Heb. 5:4.

V. Os sacramentos do Velho Testamento, quanto às cousas espirituais por eles significadas e representadas, eram em substância os mesmos que do Novo Testamento.

Ref. I Cor. 10:1-4.

52

CONFISSÃO DE FÉ

CAPÍTULO XXVIII
DO BATISMO

I. O batismo é um sacramento do Novo Testamento, instituído por Jesus Cristo, não só para solenemente admitir na Igreja a pessoa batizada, mas também para servir-lhe de sinal e selo do pacto da graça, de sua união com Cristo, da regeneração, da remissão dos pecados e também da sua consagração a Deus por Jesus Cristo a fim de andar em novidade de vida. Este sacramento, segundo a ordenação de Cristo, há de continuar em sua Igreja até ao fim do mundo.

Ref. Mat. 28:19; I Cor. 12:13; Rom. 4:11; Col. 2:11-12; Gal. 3:27; Tito 3:5; Mar. 1:4; At. 2:38; Rom. 6:3-4; Mat. 28:19-20.

II. O elemento exterior usado neste sacramento, é água com a qual um ministro do Evangelho, legamente ordenado, deve batizar o candidato em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Ref. At. 10:47; e 8:36-38; Mat. 28:19.

III. Não é necessário imergir na água o candidato, mas o batismo é devidamente administrado por efusão ou aspersão.

Ref. AT. 2:41, e 10:46-47, e 16:33; I Cor. 10:2.

IV. Não só os que professam a sua fé em Cristo e obediência a Ele, mas os filhos de pais crentes (embora só um deles o seja) devem ser batizados.

Ref. At. 9:18; Gen. 17:7, 9; Gal. 3:9, 14; Rom. 4:11-12; At. 2:38-39.

53

CONFISSÃO DE FÉ

V. Posto que seja grande pecado desprezar ou negligenciar esta ordenança, contudo, a graça e a salvação não se acham tão inseparavelmente ligadas com ela, que sem ela ninguém possa ser regenerado e salvo os que sejam indubitavelmente regenerados todos os que são batizados.

Ref. Luc. 7:30; Exo. 4:24-26; Deut. 28:9; Rom. 4:11; At. 8:13, 23.

VI. A eficácia do batismo não se limita ao momento em que é administrado; contudo, pelo devido uso desta ordenança, a graça prometida é não somente oferecida, mas realmente manifestada e conferida pelo Espírito Santo àqueles a quem ele pertence, adultos ou crianças, segundo o conselho da vontade de Deus, em seu tempo apropriado.

Ref. João 3:5, 8; Gal. 3:27; Ef. 5:25-26.

VII. O sacramento do batismo deve ser administrado uma só vez a uma mesma pessoa.

Ref. Tito 3:5.

CAPÍTULO XXIX
DA CEIA DO SENHOR

I. Na noite em que foi traído, nosso Senhor Jesus instituiu o sacramento do seu corpo e sangue, chamado Ceia do Senhor, para ser observado em sua Igreja até ao fim do mundo, a fim de lembrar perpetuamente o sacrifício que em sua morte Ele fez de si mesmo; selar aos verdadeiros crentes os benefícios provenientes desse sacrifício para o seu nutrimento espiritual e crescimento nele e a sua obrigação de cumprir todos os seus

54

CONFISSÃO DE FÉ

deveres para com Ele; e ser um vínculo e penhor da sua comunhão com Ele e de uns com os outros, como membros do seu corpo místico.

Ref. I Cor. 11:23-26, e 10:16-17, 21, e 12:13.

II. Neste sacramento não se oferece Cristo a seu Pai, nem de modo algum se faz um sacrifício pela remissão dos pecados dos vivos ou dos mortos, mas se faz uma comemoração daquele único sacrifício que Ele fez de si mesmo na cruz, uma só vez, e por meio dele uma oblação de todo o louvor a Deus; assim o chamado sacrifício papal da missa é sobremodo ofensivo ao único sacrifício de Cristo, o qual é a única propiciação por todos os pecados dos eleitos.

Ref. Heb. 9:22, 25-26, 28; Mat. 26:26-27; Luc. 22:19-20; Heb. 7:23-24, 27, e 10:11-12, 14, 18.

III. Nesta ordenança o Senhor Jesus constituiu seus ministros para declarar ao povo a sua palavra de instituição, orar, abençoar os elementos, pão e vinho, e assim separá-los do comum para um uso sagrado, tomar e partir o pão, tomar o cálice dele participando também e dar ambos os elementos aos comungantes e fã somente aos que se acharem presentes na congregação.

Ref. Mar. 14:22-24; At. 20:7; I Cor. 11:20.

IV. A missa ou recepção do sacramento por um só sacerdote ou por uma só pessoa, bem como a negação do cálice ao povo, a adoração dos elementos, a elevação ou precissão deles para serem adorados e a sua conservação para qualquer uso religioso,

55

CONFISSÃO DE FÉ

são cousas contrárias à natureza deste sacramento e à instituição de Cristo.

Ref. I Tim. 1:3-4; I Cor. 11:25-29; Mat. 15:9.

V. Os elementos exteriores deste sacramento, devidamente consagrados aos usos ordenados por Cristo, têm tal relação com Cristo Crucificado, que verdadeira, mas só sacramentalmente, são às vezes chamados pelos nomes das cousas que representam, a saber, o corpo e o sangue de Cristo; porém em substância e natureza conservam-se verdadeira e somente pão e vinho, como eram antes.

Ref. Mat. 26:26-28; I Cor. 11:26-28.

VI. A doutrina geralmente chamada transubstanciação, que ensina a mudança da substância do pão e do vinho na substância do corpo e do sangue de Cristo, mediante a consagração de um sacerdote ou por qualquer outro meio, é contrária, não só às Escrituras, mas também ao senso comum e à razão, destrói a natureza do sacramento e tem sido a causa de muitas superstições e até de crassa idolatria.

Ref. At. 3:21; I Cor. 11:24-26; Luc. 24:6, 39.

VII. Os que comungam dignamente, participando exteriormente dos elementos visíveis deste sacramento, também recebem intimamente, pela fé, a Cristo Crucificado e todos os benefícios da sua morte, e nele se alimentam, não carnal ou corporalmente, mas real, verdadeira e espiritualmente, não estando o corpo e o sangue de Cristo, corporal ou carnalmente nos elementos pão e vinho, nem com eles ou sob eles, mas espiritual e realmente presentes à fé dos crentes nessa

56

CONFISSÃO DE FÉ

ordenação, como estão os próprios elementos aos seus sentidos corporais.

Ref. I Cor. 11:28, e 10:16.

VIII. Ainda que os ignorantes e os ímpios recebam os elementos visíveis deste sacramento, não recebem a cousa por eles significada, mas, pela sua indigna participação, tornam-se réus do corpo e do sangue do Senhor para a sua própria condenação; portanto eles como são indignos de gozar comunhão com o Senhor, são também indignos da sua mesa, e não podem, sem grande pecado contra Cristo, participar destes santos mistérios nem a eles ser admitidos, enquanto permanecerem nesse estado.

Ref. I Cor. 11:27, 29, e 10:21; II Cor. 6:14-16; I Cor. 5:6-7, 13; II Tess. 3:6, 14-15; Mat. 7:6.

CAPÍTULO XXX DAS CENSURAS ECLESIASTICAS

I. O Senhor Jesus, como Rei e Cabeça da sua Igreja, nela instituiu um governo nas mãos dos oficiais dela; governo distinto da magistratura civil.

Ref. Isa. 9:6-7; I Tim. 5:17; I Tess. 5:12; At. 20:17, 28; I Cor. 12:28.

II. A esses oficiais estão entregues as chaves do Reino do Céu. Em virtude disso eles têm respectivamente o poder de reter ou remitir pecados; fechar esse reino a impenitentes, tanto pela palavra como pelas censuras; abri-lo aos pecadores penitentes,

57

CONFISSÃO DE FÉ

pelo ministério do Evangelho e pela absolvição das censuras, quando as circunstâncias o exigirem.

Ref. Mat. 16:19, e 18:17-18; João 20:21-23; II Cor. 2:6-8.

III. As censuras eclesiásticas são necessárias para chamar e ganhar para Cristo os irmãos ofensores para impedir que outros pratiquem ofensas semelhantes, para purgar o velho fermento que poderia corromper a massa inteira, para vindicar a honra de Cristo e a santa profissão do Evangelho e para evitar a ira de Deus, a qual com justiça poderia cair sobre a Igreja, se ela permitisse que o pacto divino e os selos dele fossem profanados por ofensores notórios e obstinados.

Ref. I Cor. 5; I Tim. 5:20; e 1:20; Judas 23.

IV. Para melhor conseguir estes fins, os oficiais da Igreja devem proceder na seguinte ordem, segundo a natureza do crime e demérito da pessoa: repreensão, suspensão do sacramento da Ceia do Senhor e exclusão da Igreja.

Ref. Mat. 18:17; I Tess. 5:12; II Tess. 3:6, 14-15; I Cor. 5:4-5; 13.

CAPÍTULO XXXI DOS SÍNODOS E CONCÍLIOS

I. Para melhor governo e maior edificação da Igreja, deverá haver as assembléias comumente chamadas sínodos ou concílios. Em virtude do seu cargo e do poder que Cristo lhes deu para edificação e não para destruição, pertence aos pastores e outros presbíteros das igrejas particulares criar tais

58

CONFISSÃO DE FÉ

assembléias e reunir-se nelas quantas vezes julgarem útil para o bem da Igreja.

Ref. At. 15:2, 4, 6 e 20:17, 28; Apoc. 2:1-6.

II. Aos sínodos e concílios compete decidir ministerialmente controvérsias quanto à fé e casos de consciência, determinar regras e disposições para a melhor direção do culto público de Deus e governo da sua Igreja, receber queixas em caso de má administração e autoritativamente decidilas. Os seus decretos e decisões, sendo consoantes com a palavra de Deus, devem ser recebidas com reverência e submissão, não só pelo seu acordo com a palavra, mas também pela autoridade pela qual são feitos, visto que essa autoridade é uma ordenação de Deus, designada para isso em sua palavra.

Ref. At. 16:4, e 15:27-31.

III. Todos os sínodos e concílios, desde os tempos dos apóstolos, quer gerais quer particulares, podem errar, e muitos têm errado; eles, portanto, não devem constituir regra de fé e prática, mas podem ser usados como auxílio em uma e outra cousa.

Ref. At. 17:11; I Cor. 2:5; II Cor. 1:24.

IV. Os sínodos e concílios não devem discutir, nem determinar cousa alguma que não seja eclesiástica; não devem imiscuir-se nos negócios civis do Estado, a não ser por humilde petição em casos extraordinários ou por conselhos em satisfação de consciência, se o magistrado civil os convidar a fazê-lo.

Ref. Luc. 12:13-14; João 18:36; Mat. 11:21.

59

CONFISSÃO DE FÉ

CAPÍTULO XXXII
DO ESTADO DO HOMEM DEPOIS DA MORTE E DA
RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

I. Os corpos dos homens, depois da morte, convertem-se em pó e vêm a corrupção; mas as suas almas (que nem morrem nem dormem), tendo uma substância imortal, voltam imediatamente para Deus que as deu. As almas dos justos, sendo então aperfeiçoadas na santidade, são recebidas no mais alto dos céus onde vêm a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção dos seus corpos; e as almas dos ímpios são lançadas no inferno, onde ficarão, em tormentos e em trevas espessas, reservadas para o juízo do grande dia final. Além destes dois lugares destinados às almas separadas de seus respectivos corpos as Escrituras não reconhecem nenhum outro lugar.

Ref. Gen. 3:19; At. 13:36; Luc. 23:43; Ec. 12:7; Apoc. 7:4, 15; II Cor. 5:1, 8; Fil. 1:23; At. 3:21; Ef. 4:10; Rom. 8:23; Luc. 16:25-24.

II. No último dia, os que estiverem vivos não morrerão, mas serão mudados; todos os mortos serão ressuscitados com os seus mesmos corpos e não outros, posto que com qualidades diferentes, e ficarão reunidos às suas almas para sempre.

Ref. I Tess. 4:17; I Cor. 15:51-52, e 15:42-44.

III. Os corpos dos injustos serão pelo poder de Cristo ressuscitados para a desonra, os corpos dos justos serão pelo seu Espírito ressuscitados para a honra e para serem semelhantes ao próprio corpo glorioso d'Ele.

Ref. At. 24:15; João 5:28-29; Fil. 3:21.

CONFISSÃO DE FÉ

O CATECISMO MAIOR

CAPÍTULO XXXIII
DO JUÍZO FINAL

I. Deus já determinou um dia em que, segundo a justiça, há de julgar o mundo por Jesus Cristo, a quem foram pelo Pai entregues o poder e o juízo. Nesse dia não somente serão julgados os anjos apóstatas, mas também todas as pessoas que tiverem vivido sobre a terra comparecerão ante o tribunal de Cristo, a fim de darem conta dos seus pensamentos, palavras e obras, e receberem o galardão segundo o que tiverem feito, bom ou mau, estando no corpo.

Ref. At. 17:31; João 5:22, 27; Judas 6; II Ped. 2:4; II Cor. 5:10; Ec. 12:14; Rom. 2:16, e 14:10, 12; Mat. 12:36-37.

II. O fim que Deus tem em vista, determinando esse dia, é manifestar a sua glória — a glória da sua misericórdia na salvação dos eleitos e a glória da sua justiça na condenação dos réprobos, que são injustos e desobedientes. Os justos irão então para a vida eterna e receberão aquela plenitude de gozo e alegria procedente da presença do Senhor; mas os ímpios, que não conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho de Jesus Cristo, serão lançados nos eternos tormentos e punidos com a destruição eterna proveniente da presença do Senhor e da glória do seu poder.

Ref. Rom. 9:23; Mat. 25:21; Rom. 2:5-6; II Tess. 1:7-8; Mat. 25:31-34; A. 3:19.

III. Assim como Cristo, para afastar os homens do pecado e para maior coislação dos justos nas suas adversidades, quer que estejamos firmemente convencidos de que haverá um dia de juízo, assim também quer que esse dia não seja conhecido dos

CONFISSÃO DE FÉ

homens, a fim de que eles se despojem de toda confiança carnal, sejam sempre vigilantes, não sabendo a que hora virá o Senhor, e estejam prontos para dizer — "Vem logo, Senhor Jesus".

Ref. II Ped. 3:11, 14; II Cor. 5:11; II Tess. 1:5-7; Luc. 21:27-28; Mat. 24:36, 42-44; Mar. 13:35-37; Luc. 12:35-36; Apoc. 22:20.

O CATECISMO MAIOR

Pergunta 1. *Qual é o fim supremo e principal do homem?*
Resposta. O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre.

Ref. Rom. 11:36; I Cor. 10:31; Sal. 73:24-26; João 17:22-24.

P. 2. *Donde se infere que há um Deus?*

R. A própria luz da natureza no espírito do homem e as obras de Deus claramente manifestam que existe um Deus; porém só a sua Palavra e o seu Espírito o revelam de um modo suficiente e eficazmente aos homens para a sua salvação.

Ref. Rom. 1:19-20; I Cor. 2:9-10; II Tim. 3:15-17.

P. 3. *Que é a Palavra de Deus?*

R. As Escrituras Sagradas, o Velho e o Novo Testamento, são a Palavra de Deus, a única regra de fé e prática.

Ref. II Tim. 3:16; II Pedro 19:21; Isa. 8:20; Luc. 16:29; 31; Gal. 1:8-9.

P. 4. *Como se demonstra que as Escrituras são a Palavra de Deus?*

R. Demonstra-se que as Escrituras são a Palavra de Deus — pela majestade e pureza do seu conteúdo, pela harmonia de todas as suas partes, e pelo propósito do seu conjunto, que é dar toda a glória a Deus; pela sua luz e pelo poder que possuem para convencer e converter os pecadores e para edificar e

confortar os crentes para a salvação. O Espírito de Deus, porém, dando testemunho, pelas Escrituras e juntamente com elas no coração do homem, é o único capaz de completamente persuadi-lo de que elas são realmente a Palavra de Deus.

Ref. Os. 8:12; I Cor. 2:6-7; Sal. 119:18, 129, 140; Sal. 12:6; Luc. 24:27; At. 10:43 e 26:22; Rom. 16:25-27; At. 28:28; Heb. 4:12; Tiago 1:18; Sal. 19:7-9; Rom. 15:4; At. 20:32; João 16:13-14.

P. 5. Que é o que as Escrituras principalmente ensinam?

R. As Escrituras ensinam principalmente o que o homem deve crer acerca de Deus e o dever que Deus requer do homem.

Ref. João 20:31; II Tim. 1:13.

O QUE O HOMEM DEVE CRER ACERCA DE DEUS

P. 6. Que revelam as Escrituras acerca de Deus?

R. As Escrituras revelam o que Deus é, quantas pessoas há na Divindade, os seus decretos e como Ele os executa.

Ref. Mat. 3:16-17; Isa. 46:9-10; At. 4:27-28.

P. 7. Quem é Deus?

R. Deus é espírito, em si e por si infinito em seu ser, glória, bem-aventurança e perfeição; todo — suficiente, eterno, imutável, insondável, onipresente, infinito em poder, sabedoria, santidade, justiça, misericórdia e clemência, longânimo e cheio de bondade e verdade.

Ref. Jão 4:24; Exo. 3:14; Job. 11:7-9; At. 5:2; I Tim. 6:15; Mat. 5:48; Rom. 11:35-36; Sal. 90:2, e 145:3 e 139:1, 2, 7; Mal.

64

2:6; Apoc. 4:8; Heb. 4:13; Rom. 16:27; Isa. 6:3; Deut. 32:4; Exo. 34:6.

P. 8. Há mais que um Deus?

R. Há um só Deus, o Deus vivo e verdadeiro.

Ref. Deut. 6:4; Jer. 10:10; I Cor. 8:4.

P. 9. Quantas pessoas há na Divindade?

R. Há três pessoas na Divindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; estas três pessoas são um só Deus verdadeiro e eterno, da mesma substância, iguais em poder e glória, embora distintas pelas suas propriedades pessoais.

Ref. Mat. 3:16-17, e 28:19; II Cor. 13:14; João 10:30.

P. 10. Quais são as propriedades pessoais das três pessoas da Divindade?

R. O Pai gerou o Filho, o Filho foi gerado pelo Pai, e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, desde toda a eternidade.

Ref. Heb. 1:5-6; João 1:14 e 15:26; Gal. 4:6.

P. 11. Onde se infere que o Filho e o Espírito Santo são Deus, iguais ao Pai?

R. As Escrituras revelam que o Filho e o Espírito Santo são Deus igualmente com o Pai, atribuindo-lhes os mesmos nomes, atributos, obras e culto que só a Deus pertencem.

Ref. Jer. 23:6; Isa. 6:3, 5, 8; João 12:41; At. 28:25; I João 5:20; Sal. 45:6; At. 5:3-4; João 1:1; Isa. 9:6; João 2:24-25; I Cor. 2:10-11; Col. 1:16; Gen. 1:2; Mat. 28:19; II Cor. 13:14.

65

P. 12. Que são os decretos de Deus?

R. Os decretos de Deus são os atos sábios, livres e santos do conselho da sua vontade, pelos quais, desde toda a eternidade, Ele para a sua própria glória, imutavelmente destinou tudo o que acontece, especialmente com referência aos anjos e aos homens.

Ref. Isa. 45:6-7; Ef. 1:11; Rom. 11:33; Sal. 33:11; Ef. 1:4; Rom. 9:22-23.

P. 13. Que decretou Deus especialmente com referência aos anjos e aos homens?

R. Deus, por um decreto eterno e imutável, unicamente do seu amor e para patentear a sua gloriosa graça, que tinha de ser manifestada em tempo devido, elegeu alguns anjos para a glória, e, em Cristo, escolheu alguns homens para a vida eterna e os meios para consegui-la; e também, segundo o seu soberano poder e o conselho inescrutável da sua própria vontade (pela qual ele concede, ou não, os seus favores conforme lhe apraz), deixou e destinou os mais à desonra e à ira, que lhes serão infligidas por causa dos seus pecados, para patentear a glória da sua justiça.

Ref. I Tim. 5:21; Ef. 2:10; II Tess. 2:13-14; I Pedro 1:2; Rom. 9:17-18; 21-22; Judas 4; Mat. 11:25-26.

P. 14. Como executa Deus os seus decretos?

R. Deus executa os seus decretos nas obras da criação e da providência, segundo a sua presciência infalível e o livre e imutável conselho da sua vontade.

Ref. Dan. 4:35; Ef. 1:11.

P. 15. Que é a obra da criação?

66

R. A obra da criação é aquela pela qual Deus, pela palavra do seu poder, fez do nada o mundo, e tudo quanto nele há, para si, no espaço de seis dias, e tudo muito bom.

Ref. Gen. 1; Heb. 11:3; Apoc. 4:11; Rom. 11:36.

P. 16. Como criou Deus os anjos?

R. Deus criou todos os anjos como espíritos imortais, santos, poderosos e excelentes em conhecimento, para executarem os seus mandamentos e louvarem o seu nome, todavia sujeitos à mudança.

Ref. Col. 1:16; Mat. 22:30; Luc. 20:36; Mat. 25:31, e 24:36; I Pedro 1:12; II Tess. 1:7; Sal. 91:11-12; Mat. 13:39; Sal. 103:20-21; II Pedro 2:4.

P. 17. Como criou Deus o homem?

R. Depois de ter feito todas as mais criaturas, Deus criou o homem, macho e fêmea; formou-o do pó, e a mulher da costela do homem; dotou-os de almas viventes, racionais e imortais; fê-los conforme a sua própria imagem, em conhecimento, retidão e santidade, tendo a lei de Deus escrita em seus corações e poder para a cumprir, com domínio sobre as criaturas, contudo sujeitos a cair.

Ref. Gen. 1:7, e 2:7, 32 e 1:26; Mat. 19:4; Ecl. 12:9; Mat. 10:28; Col. 3:10; Ef. 4:24; Rom. 2:14-15; Gen. 3:6, e 1:28, 3:1-19.

P. 18. Quais são as obras da providência de Deus?

R. As obras da providência de Deus são a sua mui santa, sábia e poderosa maneira de preservar e governar todas as suas criaturas e todas as suas ações, para a sua própria glória.

67

Ref. Lev. 21:8; Sal. 104:24; Isa 28:29; Ne. 9:6; Heb. 1:3; Sal. 103:19; Mat. 10:29-30; Gen. 45:7; Rom. 11:36; Isa. 63:14.

P. 19. *Qual é a providência de Deus para com os anjos?*

R. Deus, pela sua providência, permitiu que alguns dos anjos, voluntária e irremediavelmente, caíssem em pecado e perdição, limitando e ordenando isso, como todos os pecados deles, para a sua própria glória; e estabeleceu-os mais em santidade e felicidade, empregando-os todos, conforme lhe apraz, na administração do seu poder, misericórdia e justiça.

Ref. Judas 6; Luc. 10:17; Mar. 8:38; I Tim. 5:21; Heb. 12:22; Sal. 103:20; Heb. 1:14.

P. 20. *Qual foi a providência de Deus para com o homem no estado em que ele foi criado?*

R. A providência de Deus para com o homem no estado em que ele foi criado consistiu em colocá-lo no Paraíso, designando-o para o cultivar, dando-lhe liberdade para comer do fruto da terra; pondo as criaturas sob o seu domínio; e ordenando o matrimônio para o seu auxílio; em conceder-lhe comunhão com Deus, instituindo o dia de descanso, entrando em um pacto de vida com ele, sob a condição de obediência pessoal, perfeita e perpétua, da qual a árvore da vida era um penhor, e proibindo-lhe comer da árvore da ciência do bem e do mal, sob pena de morte.

Ref. Gen. 1:28, e 21:15-16, e 1:26, e 3:8, e 2:3; Exo. 20:11; Gal. 3:12; Gen. 2:9, 16-17.

P. 21. *Continuou o homem no estado em que Deus o criou no princípio?*

68

R. Nossos primeiros pais, sendo deixados à liberdade da sua própria vontade, pela tentação de Satanás transgrediram o mandamento de Deus, comendo do fruto proibido, e por isso caíram do estado de inocência em que foram criados.

Ref. Gem 3:6-8, 13.

P. 22. *Caiu todo o gênero humano na primeira transgressão?*

R. O pacto sendo feito com Adão, como representante, não para si somente, mas para toda a sua posteridade, todo o gênero humano, descendendo dele por geração ordinária, pecou nele e caiu com ele na primeira transgressão.

Ref. At. 17:26; Gen. 2:17.

P. 23. *A que estado ficou reduzido o gênero humano por essa queda?*

R. Essa queda reduziu o gênero humano a um estado de pecado e miséria.

Ref. Rom. 5:12; Gal. 3:10.

P. 24. *Que é pecado?*

R. Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou a transgressão de qualquer lei por Ele dada como regra à criatura racional.

Ref. Rom. 3:23; I João 3:4; Gal. 3:10-12.

P. 25. *Em que consiste o pecado desse estado em que o homem caiu?*

R. O pecado desse estado em que o homem caiu consiste na culpa do primeiro pecado de Adão, na falta de retidão na qual

69

este foi criado e na corrupção da sua natureza pela qual se tornou inteiramente indisposto, incapaz e oposto a todo o bem espiritual e inclinado a todo o mal, e isso continuamente; o que geralmente se chama pecado original, do qual procedem todas as transgressões atuais.

Ref. Rom. 5:12, 19 e 5:6, e 3:10-12; Ef. 2:3; Rom. 8:7-8; Gen. 6:1; Tiago 1:14-15; Mat. 15:19.

P. 26. *Como é o pecado original transmitido de nossos primeiros pais à sua posteridade?*

R. O pecado original é transmitido de nossos primeiros pais à sua posteridade por geração natural, de maneira que todos os que assim procedem deles são concebidos e nascidos em pecado.

Ref. Sal. 51:15; João 3:6.

P. 27. *Qual é a miséria que a queda trouxe sobre o gênero humano?*

R. A queda trouxe sobre o gênero humano a perda da comunhão com Deus, o seu desagrado e maldição, de modo que somos por natureza filhos da ira, escravos de Satanás e justamente expostos a todas as punições, neste mundo e no vindouro.

Ref. Gen. 3:8, 24; Ef. 2:2-3; II Tim. 2:26; Luc. 11:21-22; Heb. 2:14; Lam. 3:39; Rom. 6:23; Mat. 25:41, 46.

P. 28. *Quais são as punições do pecado neste mundo?*

R. As punições do pecado neste mundo são: ou interiores, como cegueira do entendimento, sentimentos depravados, fortes ilusões, dureza de coração, remorso na consciência e afetos baixos; ou exteriores como a maldição de Deus sobre as criaturas por nossa causa e todos os outros males que caem

70

sobre nós, em nosso corpos, nossos bens, relações e empregos — juntamente com a morte.

Ref. Ef. 4:18; Rom. 1:28; II Tess. 2:11; Rom. 2:5; Isa. 33:14; Rom. 1:26; Gen. 3:17; Deut. 28:15; Rom. 6:21, 23.

P. 29. *Quais são as punições do pecado no mundo vindouro?*

R. As punições do pecado no mundo vindouro são a separação eterna da presença consoladora de Deus e os tormentos mais penosos na alma e no corpo, sem intermissão, no fogo do inferno para sempre.

Ref. II Tess. 1:9; Mar. 9:47-48; Luc. 16:24, 26; Apoc. 14:11.

P. 30. *Deixa Deus todo o gênero humano perecer no estado de pecado e miséria?*

R. Deus não deixa todos os homens perecerem no estado de pecado e miséria em que caíram pela violação do primeiro pacto comumente chamado o pacto das obras; mas por puro amor e misericórdia livra os escolhidos desse estado e os introduz num estado de salvação pelo segundo pacto comumente chamado o pacto da graça.

Ref. I Tess. 5:9; Gal. 3:10; Tito 3:4-7, e 1:2.

P. 31. *Com quem foi feito o pacto da graça?*

R. O pacto da graça foi feito com Cristo, como o segundo Adão, e nEle, com todos os eleitos, como sua semente.

Ref. Gal. 3:16; Isa. 53:10-11; e 59-21.

P. 32. *Como é manifestada a graça de Deus no segundo pacto?*

71

R. A graça de Deus é manifestada no segundo pacto em ele livremente prover e oferecer aos pecadores um Mediador e a vida e a salvação por Ele; exigindo a fé como condição de interessá-los n'Ele, promete e dá o Espírito Santo a todos os seus eleitos, para neles operar essa fé, com todas as mais graças salvadoras, e para os habilitar a praticar toda a santa obediência, como evidência da sinceridade da sua fé e gratidão para com Deus e como o caminho que Deus lhes designou para a salvação.

Ref. Gen. 3:15; Isa. 4:3-6; João 3:16, 6:27; Tito 2:5; I João 5:11-12; João 3:36, 1:2; Prov. 1:23; Luc. 11:13; I Cor. Ref. Gen. 3:15; Isa. 4:3-6; João 3:16, 6:27; Tito 2:5; I João 5:11-12; João 3:36, 1:2; Prov. 1:23; Luc. 11:13; I Cor. 12:3, 9; Gal. 5:22-23; Eze. 34:27; Tiago 2:18, 12; II Cor. 5:14-15; Efe. 2:10.

P. 33. *Foi o pacto da graça sempre administrado de uma só maneira?*

R. O pacto da graça não foi administrado da mesma maneira; mas as suas administrações no Velho Testamento eram diferentes das debaixo do Novo.

Ref. Cro. 3:6-9; Heb. 8:7-13.

P. 34. *Como foi administrado o pacto da graça no Velho Testamento?*

R. O pacto da graça foi administrado no Velho Testamento por promessas, profecias, sacrifícios, pela circuncisão, pela páscoa e por outros símbolos e ordenanças; todos os quais tipificaram o Cristo, que havia de vir e eram naquele tempo suficientes para edificar os eleitos na fé do Messias prometido, por quem tiveram, ainda nesse tempo, a plena remissão do pecado e a salvação eterna.

Ref. Rom. 15:8; At. 3:24; Heb. 10:1; Rom. 4:11; I Cor. 5:7; Heb. 11:13; Gal. 3:7-9, 14.

P. 35. *Como é o pacto da graça administrado no Novo Testamento?*

R. No Novo Testamento, quando Cristo, a substância, foi manifestado, o mesmo pacto da graça foi e continua a ser administrado na pregação da palavra e na celebração dos sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor; e assim, a graça e a salvação são manifestadas em maior plenitude, evidência e eficácia a todas as nações.

Ref. Luc. 24:47-48; Mat. 28:19-20; I Cor. 11:23-25; Rom. 1:16; II Cor. 3:6.

P. 36. *Quem é o Mediador do pacto da graça?*

R. O único Mediador do pacto da graça é o Senhor Jesus Cristo, que, sendo o eterno Filho de Deus, da mesma substância e igual ao Pai, no cumprimento do tempo fêz-se homem, e assim foi e continua a ser Deus e homem em duas naturezas perfeitas e distintas e uma só pessoa para sempre.

Ref. João 14:16; I Tim. 2:5; João 1:1, e 10:30; Fil. 2:6; Gal. 4:4; Luc. 1:35; Rom. 9:5; Col. 2:9; Heb. 13:8.

P. 37. *Sendo Cristo o Filho de Deus, como se fez homem?*

R. Cristo, o Filho de Deus, fêz-se homem tomando para si um verdadeiro corpo e uma alma racional sendo concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da Virgem Maria, da sua substância e nascido dela, mas sem pecado.

Ref. João 1:14; Mat. 26:38; Luc. 1:31, 35-42; Heb. 4:15, e 7:26.

P. 38. *Qual a necessidade de o Mediador ser Deus?*

R. Era necessário que o Mediador fôsse Deus para poder sustentar a natureza humana e guardá-la de cair debaixo da ira infinita de Deus e do poder da morte; para dar valor e eficácia aos seus sofrimentos, obediência e intercessão; e para satisfazer a justiça de Deus, conseguir o seu favor, adquirir um povo peculiar, dar a este povo o seu Espírito, vencer todos os seus inimigos e conduzi-lo à salvação eterna.

Ref. AT. 2:24; Rom. 1:4; At. 20:28; Heb. 7:25; Rom. 3:24-26; Ef. 1:6; Tito 2:14; João 15:26; Luc. 1:69, 71, 74; Heb. 5:9.

P. 39. *Qual a necessidade de o Mediador ser homem?*

R. Era necessário que o Mediador fosse homem para poder levantar a nossa natureza e obedecer à lei, sofrer e interceder por nós em nossa natureza, e simpatizar com as nossas enfermidades; para que recebêssemos a adoção de filhos, e tivéssemos conforto e acesso com confiança ao trono da graça.

Ref. Rom. 8:34; II Ped. 1:4; Mat. 5:17; Gal. 4:4; Rom. 5:19; Heb. 2:4, e 7:24-25, e 4:15-16; Gal. 4:5.

P. 40. *Qual a necessidade de o Mediador ser Deus e homem em uma só pessoa?*

R. Era necessário que o Mediador, que havia de reconciliar o homem com Deus, fôsse Deus e homem e isto em uma só pessoa, para que as obras próprias de cada natureza fossem aceitas por Deus a nosso favor e que nós confitássemos nelas como as obras da pessoa inteira.

Ref. Mat. 1:21, 23 e 3:17; I Ped. 2:6.

P. 41. *Por que foi o nosso Mediador chamado Jesus?*

R. O nosso Mediador foi chamado Jesus, porque salva o seu povo dos pecados.

Ref. Mat. 1:21.

P. 42. *Por que foi o nosso Mediador chamado Cristo?*

R. O nosso Mediador foi chamado Cristo, porque foi acima de toda a medida unguído com o Espírito Santo; e assim separado e plenamente revestido com toda a autoridade e poder para exercer as funções de profeta, sacerdote e rei da sua igreja, tanto no estado da sua humilhação, como no da sua exaltação.

Ref. Mat. 3:16; João 3:24; Sal. 45:7; João 6:27; At. 3:22; Luc. 4:18, 21; Heb. 5:5-6; Isa. 9:6-7.

P. 43. *Como exerce Cristo as funções de profeta?*

R. Cristo exerce as funções de profeta revelando à igreja em todos os tempos, pelo seu Espírito e Palavra, por diversos modos de administração, toda a vontade de Deus em todas as coisas concernentes à sua edificação e salvação.

Ref. João 1:18; I Pedro 1:10-12; Heb. 1:1-2; João 15:15; Ef. 4:11-13; João 20:31.

P. 44. *Como exerce Cristo as funções de sacerdote?*

R. Cristo exerce as funções de sacerdote oferecendo-se a si mesmo uma vez em sacrifício, sem mácula a Deus, para ser a reconciliação pelos pecados do seu povo e fazendo contínua intercessão por ele.

Ref. Heb. 9:14, 28, e 2:17, e 7:35.

P. 45. *Como exerce Cristo as funções de rei?*

R. Cristo exerce as funções de rei chamando do mundo um povo para si, dando-lhe oficiais, leis e disciplinas para visivelmente o governar; dando a graça salvadora aos seus eleitos; recompensando a sua obediência e corrigindo-os por causa dos seus pecados; preservando-os por causa dos seus pecados; preservando-os e sustentando-os em todas as tentações e sofrimentos; restringindo e vencendo todos os seus inimigos, e poderosamente dirigindo todas as coisas para a sua própria glória e para o bem do seu povo; e também castigando os que não conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho.

Ref. Isa. 55:5; Gen. 49:10; I Cor. 12:28; João 15:14; Mat. 18:17-18; At. 5:31; Apoc. 22:12, e 3:19; Rom. 8:37-39; I Cor. 15:25; Rom. 14:11, e 8:28; II Tess. 1:8; Sal. 2:9.

P. 46. *Qual foi o estado da humilhação de Cristo?*

R. O estado da humilhação de Cristo foi aquela baixa condição, na qual, por amor de nós, despoando-se da sua glória, Ele tomou a forma de servo em sua concepção e nascimento, em sua vida, em sua morte e depois até à sua ressurreição.

Ref. Fil. 2:6-8; II Cor. 8:9.

P. 47. *Como se humilhou Cristo na sua concepção e nascimento?*

R. Cristo humilhou-se na sua concepção e nascimento, em ser, desde toda a eternidade o Filho de Deus no seio do Pai, quem aprouve, no cumprimento do tempo, tornar-se Filho do homem, nascendo de uma mulher de humilde posição com diversas circunstâncias de humilhação fora do comum.

Ref. I João 1:14, 18; Luc. 2:7.

P. 48. *Como se humilhou Cristo na sua vida?*

R. Cristo humilhou-se na sua vida, sujeitando-se à lei, a qual perfeitamente cumpriu, e lutando com as indignidades do mundo, as tentações de Satanás e as enfermidades da carne, quer comuns à natureza do homem, quer as procedentes dessa baixa condição.

Ref. Gal. 4:4; Mat. 5:17; Isa. 53:2-3; Heb. 12:2-3; Mat. 4:1; Heb. 2:17-18.

P. 49. *Como se humilhou Cristo na sua morte?*

R. Cristo humilhou-se na sua morte porque, tendo sido traído por Judas, abandonado pelos seus discípulos, escarnecido e rejeitado pelo mundo, condenado por Pilatos e atormentado pelos seus perseguidores, tendo também lutado com os terrores da morte e os poderes das trevas, tendo sentido e suportado o peso da ira de Deus, Ele deu a sua vida como oferta pelo pecado, sofrendo a penosa, vergonhosa e maldita morte da cruz.

Ref. Mat. 27:4, e 26:56; Isa. 53:3; Mat. 27:26; Luc. 22:44; Mat. 27:46; Isa. 53:10; Mat. 20:28; Fil. 2:8; Gal. 3:13.

P. 50. *Em que consistiu a humilhação de Cristo depois da sua morte?*

R. A humilhação de Cristo depois da sua morte consistiu em ser ele sepultado, em continuar no estado dos mortos e sob o poder da morte até ao terceiro dia; o que, aliás, tem sido exprimido nestas palavras: Ele desceu ao inferno (Hades).

Ref. I Cor. 15:3-4; Mat. 12:40.

P. 51. *Qual é o estado de exaltação de Cristo?*

R. O estado de exaltação de Cristo compreende a sua ressurreição, ascensão, o estar sentado à dextra do Pai, e a sua segunda vinda para julgar o mundo.

Ref. I Cor. 15:4; Luc. 24:51; Ef. 4:10, e 1:20; At. 1:11.

P. 52. *Como foi Cristo exaltado na sua ressurreição?*

R. Cristo foi exaltado na sua ressurreição em não ter visto a corrupção na morte (pela qual não era possível que Ele fosse retido), e o mesmo corpo em que sofrera, com as suas propriedades essenciais (sem a mortalidade e outras enfermidades comuns a esta vida), tendo realmente unido à sua alma, ressurgiu dentre os mortos ao terceiro dia, pelo seu próprio poder, e por essa ressurreição declarou-se Filho de Deus, haver satisfeito a justiça divina, ter vencido a morte e aquele que tinha o poder sobre ela, e ser o Senhor dos vivos e dos mortos. Tudo isto fez Ele na sua capacidade representativa, como Cabeça da sua Igreja, para a justificação e vivificação dela na graça, apoio contra os inimigos, e para lhe assegurar a sua ressurreição dos mortos no último dia.

Ref. At. 2:24; Sal. 16:10; Luc. 24:39; Rom. 6:9; Apoc. 1:18; João 2:19, e 10:18; Rom. 1:4 e 8:33-34; Heb. 2:14; Rom. 14:9; I Cor. 15:21-22; Ef. 1:22-23; Rom. 4:25; Ef. 2:5-6; I Cor. 15:20, 25-26; I Tess. 4:14.

P. 53. *Como foi Cristo exaltado na sua ascensão?*

R. Cristo foi exaltado na sua ascensão em ter, depois da sua ressurreição, aparecido muitas vezes aos seus apóstolos e conversado com eles, falando-lhes das coisas pertencentes ao seu reino, impondo-lhes o dever de pregarem o Evangelho a todos os povos, e em subir aos mais altos céus, no fim de quarenta dias, levando a nossa natureza e, como nosso Cabeça

trionfando sobre os inimigos, para ali, à dextra de Deus, receber dons para os homens, elevar os nossos afetos e aparelhar-nos um lugar onde Ele está e estará até a sua segunda vinda no fim do mundo.

Ref. At. 1:2-3; Mat. 28:19; Heb. 6:20; Ef. 4:8, 10; At. 1:9; Sal. 68:18; Col. 3:1, 2; João 14:2-3; At. 3:21.

P. 54. *Como é Cristo exaltado em sentar-se à dextra de Deus?*

R. Cristo é exaltado em sentar-se à dextra de Deus, em ser Ele, como Deus-homem, elevado ao mais alto favor de Deus o Pai, tendo toda a plenitude de gozo, glória e poder sobre todas as coisas no céu e na terra; em reunir e defender a sua Igreja e subjugar os seus inimigos; em fornecer aos seus ministros e ao seu povo dons e graças e em fazer intercessão por eles.

Ref. Fil. 2:9; At. 2:28; João 17:5; Ef. 1:22; Mat. 28:18; Ef. 4:11-12; Rom. 8:34.

P. 55. *Como faz Cristo a sua intercessão?*

R. Cristo faz a sua intercessão, apresentando-se em nossa natureza continuamente perante o Pai no céu, pelo mérito da sua obediência e sacrifício cumpridos na terra, declarando ser a sua vontade que seja aplicado a todos os crentes respondendo a todas as acusações contra eles; adquirindo-lhes paz de consciência, não obstante as faltas diárias, dando-lhes acesso com confiança ao trono da graça e aceitação das suas pessoas e serviços.

Ref. Heb. 9:24 e 1:3; João 17:9, 20, 24; Rom. 8:35, e 5:1-2; I João 2:1-2; Heb. 4:16; Ef. 1:6; I Ped. 2:5.

P. 56. *Como há de ser Cristo exaltado em vir segunda vez para julgar o mundo?*

R. Cristo há de ser exaltado na sua vinda para julgar o mundo, em que, tendo sido injustamente julgado e condenado pelos homens maus, virá segunda vez no último dia com grande poder e na plena manifestação da sua glória e da do seu Pai, com todos os seus santos e anjos, com brado, com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus, para julgar o mundo em retidão.

Ref. At. 3:14-15; Mat. 24:30; Luc. 9:26; I Tess. 4:16; At. 17:31.

P. 57. *Quais são os benefícios que Cristo adquiriu pela sua mediação?*

R. Cristo, pela sua mediação, adquiriu a redenção, juntamente com todos os mais benefícios do pacto da graça.

Ref. Heb. 9:12; I Cor. 1:20.

P. 58. *Como nos tornamos participantes dos benefícios que Cristo adquiriu?*

R. Tornamo-nos participantes dos benefícios que Cristo adquiriu, pela aplicação deles, a nós, que é especialmente a obra do Espírito Santo.

Ref. João 1:12; Tito 3:5-6; João 16:14-15.

P. 59. *Quem são feitos participantes da redenção mediante Cristo?*

R. A redenção é aplicada e eficazmente comunicada a todos aqueles para quem Cristo a adquiriu, os quais são nesta vida habilitados pelo Espírito Santo a crer em Cristo conforme o Evangelho.

Ref. João 6:37, 39, e 10:15-16; Ef. 2:8; João 3:5.

P. 60. *Poderão ser salvos por viver segundo a luz da natureza aqueles que nunca ouviram o Evangelho e por conseguinte não conhecem a Jesus Cristo, nem nEle crêm?*

R. Aqueles que nunca ouviram o Evangelho e não conhecem a Jesus Cristo, nem nEle crêm, não poderão se salvar, por mais diligentes que sejam em conformar as suas vidas à luz da natureza, ou às leis da religião que professam; nem há salvação em nenhum outro, senão em Cristo, que é o único Salvador do seu corpo, a Igreja.

Ref. Rom. 10:14; II Tess. 1:8-9; Ef. 2:12; João 3:18, e 8:24; I Cor. 1:21; Rom. 3:20, e 2:14-15; João 4:22; At. 4:12; Ef. 5:23.

P. 61. *Serão salvos todos os que ouvem o Evangelho e pertencem à Igreja?*

R. Nem todos os que ouvem o Evangelho e pertencem à Igreja visível serão salvos, mas unicamente aqueles que são membros verdadeiros da Igreja invisível.

Ref. Rom. 9:6; Mat. 7:21.

P. 62. *Que é a Igreja visível?*

R. A Igreja visível é uma sociedade composta de todos quantos, em todos os tempos e lugares do mundo, professam a verdadeira religião, juntamente com seus filhos.

Ref. I Cor. 1:2; Gen. 17:7; At. 2:39; I Cor. 7:14.

P. 63. *Quais são os privilégios da Igreja visível?*

R. A Igreja visível tem o privilégio de estar sob o cuidado e governo especial de Deus; de ser protegida e preservada em

todos os tempos, não obstante a oposição de todos os inimigos; e de gozar da comunhão dos santos, dos meios ordinários de salvação e das ofertas da graça por Cristo a todos os membros dela, no ministério do Evangelho, testificando que todo o que crer nEle será salvo, não excluindo a ninguém que queira vir a Ele.

Ref. Isa. 4:5-6; Mat. 16:18; At. 2:42; Salm. 147: 19-20; Ef. 4:11-12; Rom. 8:9; João 6:37.

P. 64. *Que é a Igreja invisível?*

R. A Igreja invisível é o número completo dos eleitos, que têm sido e que hão de ser reunidos em um corpo sob Cristo, a cabeça.

Ref. Ef. 1:10; 22-23; João 11:52 e 10:16.

P. 65. *Quais são os benefícios especiais de que gozam por Cristo os membros da Igreja invisível?*

R. Os membros da Igreja invisível gozam por Cristo da união e comunhão com Ele em graça e glória.

Ref. João 17:21, 24; I João 1:3.

P. 66. *Qual é a união que os eleitos têm com Cristo?*

R. A união que os eleitos têm com Cristo é a obra da graça de Deus, pela qual são eles espiritual e misticamente, ainda que real e inseparavelmente, unidos a Cristo, seu Cabeça e esposo; o que se efetua na sua vocação eficaz.

Ref. Ef. 2:5; I Cor. 6:17; João 10:28; Ef. 5:23; I Cor. 1:9; I Pedro 5:10.

P. 67. *Que é vocação eficaz?*

R. Vocação eficaz é a obra do poder e graça onipotente de Deus, pela qual (do seu livre e especial amor para com os eleitos e sem que nada neles o leve a isto), Ele, no tempo aceitável, os convida e atrai a Jesus Cristo pela sua palavra e pelo seu Espírito, iluminando os seus entendimentos de uma maneira salvadora, renovando e poderosamente determinando as suas vontades, de modo que eles, embora em si mortos no pecado, tornam-se por isso prontos e capazes de livremente responder à sua chamada e de aceitar e abraçar a graça nela oferecida e comunicada.

Ref. Ef. 1:18-20; II Tim. 1:8-9; Tito 3:4-5; Rom. 9:11; II Cor. 5:20, e 6:2; João 6:44; II Tess. 2:13-14; At. 26:18; Eze. 11:19; João 6:45; Fil. 2:13.

P. 68. *Os eleitos são os únicos eficazmente chamados?*

R. Todos os eleitos, e somente eles, são eficazmente chamados; ainda que outros o possam ser, e muitas vezes são exteriormente chamados pelo ministério da palavra e tenham algumas operações comuns do Espírito, contudo, pela sua negligência e desprezo voluntário da graça que é oferecida, são justamente deixados na sua incredulidade e nunca vêm sinceramente a Jesus Cristo.

Ref. At. 13:48, e 2:47; Mat. 22:14, e 13:20-21; Sal. 81:11-12; João 12:38-40.

P. 69. *Que é a comunhão em graça que os membros da Igreja invisível têm com Cristo?*

R. A comunhão em graça que os membros da Igreja invisível têm com Cristo é a participação da virtude da sua mediação, na

justificação, adoção, santificação e tudo o que nesta vida manifesta a união com Ele.

Ref. Tom. 8:30; Ef. 1:5; I Cor. 1:30.

P. 70. Que é justificação?

R. Justificação é um ato da livre graça de Deus para com os pecadores, no qual Ele os perdoa, aceita e considera justas as suas pessoas diante d'Ele, não por qualquer coisa neles operada, nem por eles feita, mas unicamente pela perfeita obediência e plena satisfação de Cristo, a eles imputadas por Deus e recebidas só pela fé.

Ref. Rom. 3:22-25, e 4:5; II Cor. 5:19, 21; Ef. 1:6-7; Rom. 3:24, 25, 28, e 5:17-19, e 4:6-8, e 5:1; At. 10:43.

P. 71. Como é a justificação um ato da livre graça de Deus?

R. Ainda que Cristo, pela sua obediência e morte, prestasse uma verdadeira satisfação real e plena à justiça de Deus a favor dos que são justificados contudo a sua justificação é de livre graça para eles, desde que Deus aceita a satisfação de um fiador, a qual podia ser exigido deles; e proveu este fiador, seu único Filho, imputando-lhes a justiça deste e não exigindo deles nada para a sua justificação senão a fé, a qual também é dom de Deus.

Ref. Mat. 20:28; Rom. 5:8-10, 19; I Tim. 2:5-6; Isa. 53:5-6; Heb. 7:22; Rom. 8:32; II Cor. 5:21; Rom. 3:25; Ef. 2:8, e 1:7.

P. 72. Que é a fé justificadora?

R. A fé justificadora é a que salva. E operada pelo Espírito e pela Palavra de Deus no coração do pecador que, sendo por eles convencido do seu pecado e miséria e da sua incapacidade, e das

demais criaturas, para o restaurar desse estado, não somente aceita a verdade da promessa do Evangelho, mas recebe e confia em Cristo e na sua justiça, que lhe são oferecidos no Evangelho, para o perdão de pecados e para que a sua pessoa seja aceita e reputada justa diante de Deus para a salvação.

Ref. Heb. 10:39; I Cor. 12:3, 9; Rom. 10:14, 17; João 16:8-9; At. 16:30; Ef. 1:13; At. 10:43; Fil. 3:9; At. 15:11.

P. 73. Como justifica a fé o pecador diante de Deus?

R. A fé justifica o pecador diante de Deus, não por causa das outras graças que sempre a acompanham, nem por causa das boas obras que são os frutos dela, nem como se fosse a graça da fé, ou qualquer ato dela, que lhe é imputado para a justificação; mas unicamente porque a fé é o instrumento pelo qual o pecador recebe e aplica a si Cristo e a sua justiça.

Ref. Gal. 3:11; Rom. 3:28, e 4:5; João 1:12; Gal. 2:16.

P. 74. Que é adoção?

R. Adoção é um ato da livre graça de Deus, em seu único Filho Jesus Cristo e por amor d'Ele, pelo qual todos os que são justificados são recebidos no número dos filhos de Deus, trazem o seu nome, recebem o Espírito do Filho, estão sob o seu cuidado e dispensações paternais, são admitidos a todas as liberdades e privilégios dos filhos de Deus, feitos herdeiros de todas as promessas e coerdeiros com Cristo na glória.

Ref. I João 3:1; Ef. 1:5; Gal. 4:4-5; João 1:12; II Cor. 6:18; Apoc. 3:12; Gal. 4:6; Sal. 103:13; Mat. 6:32; Rom. 8:17.

P. 75. Que é santificação?

R. Santificação é a obra da graça de Deus, pela qual os que Deus escolheu, antes da fundação do mundo, para serem santos, são nesta vida, pela poderosa operação do seu Espírito, aplicando a morte e a ressurreição de Cristo, renovados no homem interior, segundo a imagem de Deus, tendo os germes do arrependimento que conduz à vida e de todas as outras graças salvadoras implantadas em seus corações, e tendo essas graças de tal forma excitadas, aumentadas e fortalecidas, que eles morrem cada vez mais para o pecado e ressuscitam para novidade de vida.

Ref. Ef. 1:4; I Cor. 6:11; II Tess. 2:13; Rom. 6:4-6; Fil. 3:10; Ef. 4:23-24; At. 11:18; I João 3:9; Judas 20; Ef. 3:16-19; Col. 1:10-11; Rom. 6:4-6.

P. 76. Que é o arrependimento que conduz à vida?

R. O arrependimento que conduz à vida é uma graça salvadora, operada no coração do pecador pelo Espírito e pela Palavra de Deus, pela qual, reconhecendo e sentindo, não somente o perigo, mas também a torpeza e odiosidade dos seus pecados, e apreendendo a misericórdia de Deus em Cristo para com os arrependidos, o pecador tanto se entristece pelos seus pecados e os aborrece, que se volta de todos eles para Deus, tencionando e esforçando-se a andar constantemente com Deus em todos os caminhos da nova obediência.

Ref. Luc. 24:47; II Tim. 2:25; João 16:8-9; At. 11:18, 20-21; Eze. 18:30, 32; Luc. 15:17-18; Eze. 36:31, e 16:61, 63; Sal. 130:3-7; Joel 2:12-13; Jer. 31:18-19; II Cor. 7:11; At. 26:18; I Reis 8:47-48; Eze. 14:6; Sal. 119:59, 128; Rom. 6:17-18; Luc. 19:8.

P. 77. Em que difere a justificação da santificação?

R. Ainda que a santificação seja inseparavelmente unida com a justificação, contudo elas diferem nisto: na justificação Deus imputa a justiça de Cristo, e na santificação o seu Espírito infunde a graça e dá forças para a exercer. Na justificação o pecado é perdoado, na santificação ele é subjugado; aquela liberta a todos os crentes igualmente da ira vingadora de Deus, e isto perfeitamente nesta vida, de modo que eles nunca mais caem na condenação; esta não é igual em todos os crentes e nesta vida não é perfeita em crente algum, mas vai crescendo para a perfeição.

Ref. I Cor. 6:11, e 1:30; Rom. 4:6, 8; Eze. 36:27; Rom. 6:6, 14, e 8:1, 33-34; Heb. 5:12-14; I João 1:8, 10; II Cor. 7:1; Fil. 3:12-14.

P. 78. Como é que a santificação dos crentes é imperfeita?

R. A santificação dos crentes é imperfeita por causa dos restos do pecado que permanecem neles, e das perpétuas concupiscências da carne contra o espírito; por isso são eles muitas vezes arrastados pelas tentações e caem em muitos pecados, são impedidos em todos os seus serviços espirituais, e as suas melhores obras são imperfeitas e manchadas diante de Deus.

Ref. Rom. 7:18, 23; Gal. 5:17; Heb. 12:1; Isa. 64:6.

P. 79. Não poderão os crentes verdadeiros cair do estado de graça, em razão das suas imperfeições e das muitas tentações e pecados que os surpreendem?

R. Os crentes verdadeiros, em razão do amor imutável de Deus e do seu decreto e pacto de lhes dar a perseverança, da união inseparável entre eles e Cristo, da contínua intercessão de Cristo por eles e do Espírito e semente de Deus permanecendo

neles, nunca poderão total e finalmente cair do estado de graça, mas são conservados pelo poder de Deus, mediante a fé para a salvação.

Ref. Jer. 31:3; João 13:1; II Tim. 2:19; Heb. 13:20-21; II Sam. 23:5; I Cor. 1:8-9; Heb. 7:25; Luc. 22:32; I João 3:9, e 2:27; Jer. 32:40; João 10:28; I Ped. 1:5; Fil. 1:6.

P. 80. *Poderão os crentes verdadeiros ter certeza infalível de que estão no estado da graça e de que neste estado perseverarão até a salvação?*

R. Aqueles que verdadeiramente crêm em Cristo e se esforçam por andar perante Ele com toda a boa consciência, podem, sem uma revelação extraordinária, ter a certeza infalível de que estão no estado de graça, e de que neste estado perseverarão até à salvação, pela fé baseada na verdade das promessas de Deus e pelo Espírito que os habilita a discernir em si aquelas graças às quais são feitas as promessas da vida, testificando aos seus espíritos que eles são filhos de Deus.

Ref. I João 2:3; I Cor. 2:12; I João 4:13, 16 e 3:14, 18-21, 24; Heb. 6:11-12; Rom. 8:16; I João 5:13; II Tim. 1:12.

P. 81. *Têm todos os crentes sempre a certeza de que estão no estado da graça e de que serão salvos?*

R. A certeza da graça e salvação, não sendo da essência da fé, crentes verdadeiros podem esperar muito tempo antes de conseguí-la; e depois de gozar dela podem sentir enfraquecida e interrompida essa certeza, por muitas perturbações, pecados, tentações e deserções; contudo nunca são deixados sem uma tal presença e apoio do Espírito de Deus, que os guarda de caírem em desespero absoluto.

Ref. II Ped. 1:10; I João 5:13; Sal. 77:7-9, e 22:1, e 31:22, e 73:13-15, 23; I João 3:9; Isa. 54:7-11.

P. 82. *Em que tempo se realiza a comunhão em glória que os membros da Igreja invisível têm com Cristo?*

R. A comunhão em glória que os membros da Igreja invisível têm com Cristo realiza-se nesta vida, e imediatamente depois da morte, e é finalmente aperfeiçoada na ressurreição e no dia do juízo.

Ref. II Cor. 3:18; Col. 3:3; Luc. 23:43; II Cor. 5:8; I Tess. 4:17.

P. 83. *Qual é a comunhão em glória com Cristo de que os membros da Igreja invisível gozam nesta vida?*

R. Aos membros da Igreja invisível são comunicadas, nesta vida, as primícias da glória com Cristo, visto serem membros dEle, e Cabeça, e, estando nEle, têm parte naquela glória que na sua plenitude lhe pertence; e como penhor dela sentem o amor de Deus, a paz de consciência, o gozo do Espírito Santo e a esperança da glória. Do mesmo modo, o sentimento da ira vingadora de Deus, o terror da consciência e uma terrível expectativa do juízo são para os ímpios o princípio dos tormentos, que eles hão de sofrer depois da morte.

Ref. Ef. 2:5-6; Rom. 5:5; II Cor. 1:22; Rom. 5:1-2 e 14:17; Gen. 4:13; Mat. 27:4; Heb. 10:27; Mar. 19:48.

P. 84. *Morrerão todos os homens?*

R. A morte, sendo imposta como o estipêndio do pecado, está decretada a todos que uma vez morram, pois todos são pecadores.

Ref. Rom. 6:23; Heb. 9:27; Rom. 5:12.

P. 85. *A morte sendo o estipêndio do pecado, por que não são os justos livrados dela, visto que todos os seus pecados são perdoados em Cristo?*

R. Os justos no último dia serão libertados da própria morte, e no ato de morrer estarão isentos do aguilhão e maldição dela, de modo que, embora morram, contudo, vem isto do amor de Deus, para os livrar perfeitamente do pecado e miséria e os tornar capazes de maior comunhão com Cristo na glória, na qual eles imediatamente entram.

Ref. O I Cor. 15:26, 55-57; Rom. 14:8; Sal. 116:15; Apoc. 14:13; Luc. 16:25, e 23:45; Fil. 1:23.

P. 86. *Que é a comunhão em glória com Cristo de que os membros da Igreja invisível gozam imediatamente depois da morte?*

R. A comunhão em glória com Cristo de que os membros da Igreja invisível gozam imediatamente depois da morte, consiste em serem aperfeiçoadas em santidade as suas almas e recebidas nos mais altos céus, onde vêm a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção de seus corpos, os quais até na morte continuam unidos a Cristo, e descansam nas suas sepulturas, como em seus leitos, até que no último dia sejam unidos novamente às suas almas. Quanto às almas dos ímpios, são imediatamente depois da sua morte lançadas no inferno onde permanecem em tormentos e trevas exteriores; e os seus corpos ficam guardados nas suas sepulturas, como em cárceres, até a ressurreição e juízo do grande dia.

Ref. AT. 7:55, 59; Apoc. 7:13-14, e 19:8; II Cor. 5:8; Fil. 1:23; At. 3:21; Ef. 4:20; Apoc. 7:15; I Cor. 13:12; Rom. 8:11,

23; I Tess. 4:6; I Reis 2:10; João 11:11; I Tess. 4:14; Luc. 16:23-24; Judas 7.

P. 87. *Que devemos crer acerca da ressurreição?*

R. Devemos crer que nos últimos dias haverá uma ressurreição geral dos mortos, dos justos e dos injustos; então os que se acharem vivos serão mudados em um momento, e os mesmos corpos dos mortos, que têm jazido na sepultura, estando então novamente unidos às suas almas para sempre, serão ressuscitados pelo poder de Cristo. Os corpos dos justos, pelo Espírito e em virtude da ressurreição de Cristo, como cabeça deles, serão ressuscitados em poder, espirituais e incorruptíveis, e feitos semelhantes ao corpo glorioso dEle; e os corpos dos ímpios serão por Ele ressuscitados para vergonha, como por um juiz ofendido.

Ref. At. 24:15; I Cor. 15:51-53; I Tess. 4:15-17; I Cor. 15:21-23, 42-44; Fil. 3:21; João 5:28-29; Dan. 12:2.

P. 88. *Que se seguirá imediatamente depois da ressurreição?*

R. Imediatamente depois da ressurreição se seguirá o juízo geral e final dos anjos e dos homens, o dia e a hora do qual homem nenhum sabe, para que todos vigiem, orem e estejam sempre juntos para a vinda do Senhor.

Ref. Mat. 16:27; II Ped. 2:4; II Cor. 5:10; Mat. 26:36, 42, 44.

P. 89. *Que sucederá aos ímpios no dia do juízo?*

R. No dia do juízo os ímpios serão postos à mão esquerda de Cristo, e sob clara evidência e plena convicção das suas próprias consciências terão pronunciada contra si a terrível, porém justa, sentença de condenação; então serão excluídos da presença

favorável de Deus e da gloriosa comunhão com Cristo, com os seus santos, e com todos os santos anjos e lançados no inferno, para serem punidos com tormentos indizíveis, do corpo e da alma, com o diabo e seus anjos para sempre.

Ref. Mat. 25:23, e 22:12; Luc. 19:22; Mat. 25:41-42, 46; II Tess. 1:8-9.

P. 90. *Que sucederá aos justos no dia do juízo?*

R. No dia do juízo os justos, sendo arrebatados para encontrar a Cristo nas nuvens, serão postos à sua dextra e ali, abertamente reconhecidos e justificados, se unirão com Ele para julgar os réprobos, anjos e homens; e serão recebidos no céu, onde serão plenamente e para sempre libertados de todo o pecado e miséria, cheios de gozos inefáveis, feitos perfeitamente santos e felizes, no corpo e na alma, na companhia de inumeráveis santos e anjos, mas especialmente na imediata visão e fruição de Deus o Pai, de nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo por toda a eternidade. É esta a perfeita e plena comunhão de que os membros da Igreja invisível gozarão com Cristo em glória, na ressurreição e no dia do juízo.

Ref. I Tess. 4:17; Mat. 25:33, e 10:32; I Cor. 6:2-3; Mat. 25:34, 46; Ef. 5:27; Sal. 16:11; Heb. 12:22-23; I João 3:2; I Cor. 13:12; I Tess. 4:17-18.

TENDO VISTO O QUE AS ESCRITURAS PRINCIPALMENTE NOS ENSINAM A CRER ACERCA DE DEUS, RESTA-NOS CONSIDERAR O QUE ELAS REQUEREM COMO O DEVER DO HOMEM.

P. 91. *Qual é o dever que Deus requer do homem?*

R. O dever que Deus requer do homem é obediência à sua vontade revelada.

Ref. Deut. 29:29; Miq. 6:8; I Sam. 15:22.

P. 92. *Que revelou Deus primeiramente ao homem como regra da sua obediência?*

R. A regra de obediência revelada a Adão no estado de inocência, e a todo o gênero humano nele, além do mandamento especial de não comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, foi a lei moral.

Ref. Gen. 1:27; Rom. 10:5, e 2:14-15; Gen. 2:17.

P. 93. *Que é a lei moral?*

R. A lei moral é a declaração da vontade de Deus, feita ao gênero humano, dirigindo e obrigando todas as pessoas à conformidade e obediência pessoal, perfeita e perpétua a ela — nos apetites e disposições do homem inteiro, alma e corpo, e no cumprimento de todos aqueles deveres de santidade e retidão que se devem a Deus e ao homem, prometendo vida pela obediência e ameaçando com a morte a violação dela.

Ref. Deut. 5:1, 31, 33; Luc. 10:26-28; Gal. 3:10; I Tess. 5:28; Luc. 1:75; At. 24:16; Rom. 10:15.

P. 94. *É a lei moral de alguma utilidade ao homem depois da queda?*

R. Embora nenhum homem, depois da queda, possa alcançar a retidão e a vida pela lei moral, todavia ela é de grande utilidade a todos os homens, tendo uma utilidade especial aos não regenerados e outra aos regenerados.

Ref. Rom. 8:3; Gal. 2:16; I Tim. 1:8.

P. 95. *De que utilidade é a lei moral a todos os homens?*

R. A lei moral é de utilidade a todos os homens, para os instruir sobre a natureza e vontade de Deus e sobre os seus deveres para com Ele, obrigando-os a andar conforme a essa vontade; para os convencer de que são incapazes de guardar e do estado poluto e pecaminoso da sua natureza, corações e vidas; para os humilhar, fazendo-os sentir o seu pecado e miséria, e assim ajudando-os a ver melhor como precisam de Cristo e da perfeição da sua obediência.

Ref. Lev. 20:7-8; Rom. 7:12; Tiago 2:10; Miq. 6:8; Sal. 19:11-12; Rom. 3:9, 20, 23 e 7:7, 9, 13; Gal. 3:21-22; Rom. 10:4.

P. 96. *De que utilidade especial é a lei moral aos homens não regenerados?*

R. A lei moral é de utilidade aos homens não regenerados para despertar as suas consciências a fim de fugirem da ira vindoura e forçá-los a recorrer a Cristo; ou para deixá-los inexcusáveis e sob a maldição do pecado, se continuarem nesse estado e caminho.

Ref. I Tim. 1:9-10; Gal. 3:10, 24; 1:20.

P. 97. *De que utilidade especial é a lei moral aos regenerados?*

R. Embora os que são regenerados e crentes em Cristo sejam libertados da lei moral, como pacto de obras, de modo que nem são justificados nem condenados por ela; contudo, além da utilidade geral desta lei comum a eles e a todos os homens, é ela de utilidade especial para lhes mostrar quanto devem a Cristo

por cumpri-la e sofrer a maldição dela, em lugar e para bem deles, e assim provocá-los a uma gratidão maior e a manifestar esta gratidão por maior cuidado da sua parte em conformarem-se a esta lei, como regra de sua obediência.

Ref. Rom. 6:14 e 7:46; Gal. 4:4-5; Rom. 3:20 e 8:1, 34 e 7:24-25; Gal. 3:13-14; Rom. 8:3-4; II Cor. 5:21; Col. 1:12-14; Rom. 7:22 e 12:2; Tito 2:11-14.

P. 98. *Onde se acha a lei moral resumidamente compreendida?*

R. A lei moral acha-se resumidamente compreendida nos dez mandamentos, que foram dados pela voz de Deus no monte Sinai e por Ele escritos em duas tábuas de pedra, e estão registrados no capítulo vigésimo do Êxodo. Os quatro primeiros mandamentos contêm os nossos deveres para com Deus e os outros seis os nossos deveres para com o homem.

Ref. Deut. 10:4; Mat. 22:37-40.

P. 99. *Que regras devem ser observadas para a boa compreensão dos dez mandamentos?*

R. Para a boa compreensão dos dez mandamentos as seguintes regras devem ser observadas:

1.^a Que a lei é perfeita e obriga a todos a plena conformidade do homem inteiro à retidão dela e à inteira obediência para sempre; de modo que requer a sua perfeição de todos os deveres e proíbe o mínimo grau de todo o pecado.

Ref. Sal. 19:7; Tiago 2:10; Mat. 5:21-22.

2.^a Que a lei é espiritual, e assim se estende tanto ao entendimento à vontade, aos efeitos e a todas as outras potências da alma — como às palavras, às obras e ao procedimento.

Ref. Rom. 7:14; Deut. 6:5; Mat. 22:37-39 e 12:36-37.

3.^a Que uma e a mesma coisa, em respeito diversos, é exigida ou proibida em diversos mandamentos.

Ref. Col. 3:5; I Tim. 6:10; Prov. 1:19; Amós 8:5.

4.^a Que onde um dever é prescrito, o pecado contrário é proibido; e onde um pecado é proibido, o dever contrário é prescrito; assim como onde uma promessa está anexa, a ameaça contrária está inclusa; e onde uma ameaça está anexa a promessa contrária está inclusa.

Ref. Isa. 58:13; Mat. 15:4-6; Ef. 4:28; Exo. 20:12; Prov. 30:17; Jer. 18:7-8; Exo. 20:7.

5.^a Que o que Deus proíbe não se há de fazer em tempo algum, e o que Ele manda é sempre um dever; mas nem todo o dever especial é para se cumprir em todos os tempos.

Ref. Rom. 3:8; Deut. 4:9; Mat. 12:7; Mar. 14:7.

6.^a Que, sob um pecado ou um dever, todos os da mesma classe são proibidos ou mandados, juntamente com todas as coisas, meios, ocasiões e aparências deles e provocações a eles.

Ref. Heb. 10:24-25; I Tess. 5:22; Gal. 5:26; Col. 3:21; Judas 23.

7.^a Que aquilo que nos é proibido ou mandado temos a obrigação, segundo o lugar que ocupamos de procurar que seja evitado ou cumprido por outros segundo o dever das suas posições.

Ref. Exo. 20; Lev. 19:17; Gen. 18:19; Deut. 6:6-7; Jos. 24:15.

8.^a Que, quanto ao que é mandado a outros, somos obrigados, segundo a nossa posição e vocação, a ajudá-los, e a cuidar em não participar com outros do que lhes é proibido.

Ref. II Cor. 1:24; I Tim. 5:22; Ef. 5:7.

P. 100. *Que pontos devemos considerar nos dez mandamentos?*

R. Devemos considerar nos dez mandamentos — o prefácio, o conteúdo dos mesmos mandamentos e as divinas razões anexas a alguns deles para lhes dar maior força.

P. 101. *Qual é o prefácio dos dez mandamentos?*

R. O prefácio dos dez mandamentos é: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te direi da terra do Egito, da casa da servidão." Nestas palavras Deus manifesta a sua soberania como JEOVÁ (Senhor), o eterno imutável e todo-poderoso Deus, existindo em si e por si, cumprindo todas as suas palavras e obras, manifestando que é um Deus em pacto, com todo o seu povo e com o Israel antigo; que assim como tirou a estes da servidão do Egito, assim nos libertou do cativo espiritual, e que, portanto, é nosso dever aceitar a Ele só por nosso Deus e guardar todos os seus mandamentos.

Ref. Exo. 20:2; Isa. 44:6; Exo. 3:14 e 6:3; At. 17:24, 28; Gen. 17:7; Rom. 3:29; Luc. 1:74-75; I Pedro 1:15-18.

P. 102. *Qual é o resumo dos quatro mandamentos que contêm o nosso dever para com Deus?*

R. O resumo dos quatro mandamentos que contêm o nosso dever para com Deus é amar ao Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todas as nossas forças e de todo o nosso entendimento.

Ref. Luc. 10:27.

P. 103. *Qual é o primeiro mandamento?*

R. O primeiro mandamento é: "Não terás outros deuses além de mim."

Ref. Exo. 20:3.

P. 104. *Quais são os deveres exigidos no primeiro mandamento?*

R. Os deveres exigidos no primeiro mandamento são — o conhecer e reconhecer Deus como o único verdadeiro Deus e nosso Deus, e adorá-lo e glorificá-lo como tal; pensar e meditar nEle, lembrar-nos dEle, altamente apreciá-lo, honrá-lo, adorá-lo, escolhê-lo, amá-lo, desejá-lo e temê-lo; crer nEle, confiando, esperando, deleitando-nos e regozijando-nos nEle; ter zelo por Ele; invocá-lo, dando-lhe todo o louvor e agradecimentos, prestando-lhe toda a obediência e a submissão do homem todo; ter cuidado de o agradecer em tudo, e tristeza quando Ele é ofendido em qualquer coisa; e andar humildemente com Ele.

Ref. I Cron. 28:9; Deut. 26:17; Isa. 43:10; Sal. 95:6-7; Mat. 4:10; Sal. 29:2; Mat. 3:16; Sal. 63:6; Ec. 12:1; Sal. 71:19; Mal. 1:6; Isa. 45:23; Jos. 24:22; Deut. 6:5; Sal. 73:25; Isa. 8:13; Exo. 14:31; Isa. 26:4; Sal. 130:7; e 37:4 e 12:11; Rom. 12:11; Fil. 4:6; Jer. 7:23; Tiago 4:7; I João 3:22; Sal. 119:136; Jer. 31:18; Miq. 6:8.

P. 105. *Quais são os pecados proibidos no primeiro mandamento?*

R. Os pecados proibidos no primeiro mandamento são — o ateísmo, negar ou não ter um Deus; a idolatria, ter ou adorar mais do que um Deus, ou qualquer outro juntamente com o verdadeiro Deus ou em lugar dEle; o não tê-lo e não confessá-lo como Deus, e nosso Deus; a omissão ou a negligência de qualquer coisa devida a Ele, exigida neste mandamento; a ignorância, o esquecimento, as más concepções, as falsas opiniões, os pensamentos indignos e ímpios quanto a Ele; o pesquisar audaz e curioso dos seus segredos; toda a impiedade, todo o ódio de Deus, egoísmo, espírito interesseiro e toda a aplicação desordenada e imoderada do nosso entendimento, vontade ou afetos a outras coisas e o desvio destes de Deus, em tudo ou em parte; a vã credulidade, a incredulidade, a heresia, as crenças errôneas, a desconfiança, o desespero; a resistência obstinada e a insensibilidade sob os juízos de Deus; a dureza de coração; a soberba; a presunção; a segurança carnal; o tentar a Deus; o uso de meios ilícitos, a confiança nos ilícitos, os deleites e gozos carnis; um zelo corrupto, cego e indiscreto; a tibieza e o amortecimento nas coisas de Deus; o alienar-nos e apostatar-nos de Deus; o orar ou prestar qualquer culto religioso aos santos, anjos ou qualquer outra criatura; todos os pactos com o diabo; o consultar com ele e o dar ouvidos às suas sugestões; o fazer aos homens senhores da nossa fé e consciência; o fazer pouco caso e desprezar a Deus e aos mandamentos; o resistir e entristecer o seu Espírito; o descontentamento e impaciência com as suas dispensações; acusá-lo estultamente dos males com que Ele nos aflige, e o atribuir o louvor de qualquer bem que somos, temos ou podemos fazer à fortuna, aos ídolos, a nós mesmos, ou a qualquer outra criatura.

Ref. Sal. 14:1; Ef. 2:12; Jer. 2:27-28; I Tess. 1:4; Sal. 81:11; Isa. 43:22-23; Jer. 4:22; Ose. 4:1-6; Jer. 2:32; At. 17:23, 29; Isa.

40:18; Sal. 50:21; Deut. 29:29; Tito 1:16; Heb. 12:16; Rom. 1:30; II Tim. 3:2; Fil. 2:21; I João 2:15-16; e 4:1; Heb. 3:12; Gal. 5:20; At. 26:9; Sal. 78:22; Gen. 4:13; Jer. 5:3; Isa. 43:25; Rom. 2:5; Jer. 13:15; Sal. 19:13; Zef. 1:12; Mat. 4:7; Rom. 3:8; Jer. 17:5; II Tim. 3:4; Gal. 4:17; Apoc. 3:1 e 3:16; Ez. 14:5; Isa. 1:4-5; Ose. 4:12; Apoc. 19:10; Col. 2:18; Rom. 1:25; Lev. 20:6; At. 5:3; II Cor. 1:24; Deut. 32:15; Prov. 13:13; At. 7:51; Ef. 4:30; Sal. 73:2-3; Job 1:22; Luc. 12:19; Dan. 5:23; Deut. 8:17; Hab. 1:16.

P. 106. *Que se nos ensina especialmente pelas palavras "além de mim" no primeiro mandamento?*

R. As palavras "além de mim" no primeiro mandamento ensinam-nos que Deus, que tudo vê, nota especialmente e se ofende muito com o pecado de ter-se qualquer outro Deus, de maneira que elas sirvam de argumento para nos dissuadir desse pecado e de agravá-lo com uma provocação mui ousada; assim como para nos persuadir a fazer como diante dos olhos de Deus tudo o que fizermos no seu serviço.

Ref. Sal. 44:20-21; I Cron. 28:9.

P. 107. *Qual é o segundo mandamento?*

R. O segundo mandamento é: "Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que há em baixo na terra, nem de coisa que haja nas águas debaixo da terra. Não as adorarás nem lhes darás culto, porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e que usa de misericórdia até mil gerações com aqueles que me amam e que guardam os meus preceitos.

100

Ref. Exo. 20:4-6.

P. 108. *Quais são os deveres exigidos no segundo mandamento?*

R. Os deveres exigidos no segundo mandamento são — o receber, observar e guardar, puros e inalterados, todo o culto e todas as ordenanças religiosas que Deus instituiu na sua Palavra, especialmente a oração e ações de graças em nome de Cristo; a leitura, a pregação, e o ouvir da Palavra; a administração e a recepção dos sacramentos; o governo e a disciplina da igreja; o ministério e a sua manutenção; o jejum religioso; o jurar em nome de Deus e o fazer os votos a Ele; bem como o desaprovar, detestar e opôr-nos a todo o culto falso, e, segundo a posição e vocação de um, o remover tal culto e todos os símbolos da idolatria.

Ref. Deut. 32:46; Mat. 28:20; I Tim. 6:13-14; Fil. 4:6; Ef. 5:20; Deut. 17:18-19; At. 15:21; II Tim. 4:2; At. 10:33; Mat. 28:19 e 16:19 e 18:15-17; I Cor. 12:28; Ef. 4:11-12; Tim. 5:17-18; Joel 2:12; I Cor. 7:5; Deut. 6:13; Sal. 76:11; At. 17:16-17; Sal. 16:4; Deut. 7:5; Isa. 30:22.

P. 109. *Quais são os pecados proibidos no segundo mandamento?*

R. Os pecados proibidos no segundo mandamento são — o estabelecer, aconselhar, mandar, usar e aprovar de qualquer maneira qualquer culto religioso não instituído por Deus; o fazer qualquer imagem de Deus, de todas ou de qualquer das três pessoas, quer interiormente no espírito, quer exteriormente em qualquer forma de imagem ou semelhança de criatura alguma; toda a adoração dela, ou de Deus nela ou por meio dela; o fazer qualquer imagem de deuses imaginários e todo o culto ou serviço a eles pertencentes; todas as invenções supersticiosas,

101

corrompendo o culto de Deus, acrescentando ou tirando dele, quer sejam inventadas e adotadas por nós, quer recebidas por tradição de outros, embora sob o título de antiguidade, de costume, de devoção, de boa intenção, ou por qualquer outro pretexto: a simonia, o sacrilégio; toda a negligência, desprezo, impedimento e oposição ao culto e ordenanças que Deus instituiu.

Ref. Núm. 15:39; Deut. 13:6-8; Ose. 5:11; Miq. 6:16; I Reis 11:33; e 12:23; Deut. 12:30-32 e 4:15-16; At. 17:29; Rom. 1:21-23, 25; Gal. 4:8; Exo. 32:5, 8; I Reis 18:26, 28; At. 17:22; Col. 2:21-23; Mal. 1:7-8, 14; Deut. 4:2; Sal. 104:39; Mat. 15:9; I Ped. 1:8; Jer. 44:17; Isa. 55:3-5; Gal. 1:13-14; I Sam. 13:12 e 15:21; At. 8:18-19; Rom. 2:22; Mal. 3:8; e 1:7, 13; Mat. 22:5; e 23:13; At. 13:45.

P. 110. *Quais são as razões anexas ao segundo mandamento para lhe dar maior força?*

R. As razões anexas ao segundo mandamento, para lhe dar maior força, contidas nestas palavras: "Porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e que usa de misericórdia até mil gerações com aqueles que me amam e que guardam os meus preceitos". São, além da soberania de Deus sobre nós e o seu direito de propriedade em nós, o seu zelo fervoroso pelo seu culto e indignação vingadoura contra todo o culto falso, considerando-o uma apostasia religiosa, tendo por inimigos os violadores desse mandamento e ameaçando puni-los até diversas gerações; e tendo por amigos os que guardam os seus mandamentos, prometendo-lhes a misericórdia até muitas gerações.

Ref. Exo. 20:5-6; Sal. 14:11; Apoc. 15-3-4; Exo. 34:13-14; I Cor. 10:20-22; Ose. 2:2-4; Deut. 5:29.

102

P. 111. *Qual é o terceiro mandamento?*

R. O terceiro mandamento é: "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar em vão o nome do Senhor seu Deus".

Ref. Exo. 20:7.

P. 112. *Que exige o terceiro mandamento?*

R. O terceiro mandamento exige que o nome de Deus, os seus títulos, atributos, ordenanças, a Palavra, os sacramentos, a oração, os juramentos, os votos, as sortes, suas obras e tudo quanto pelo que Deus se faz conhecer, sejam santa e reverentemente usadas em nossos pensamentos, meditações, palavras e escritos, por uma profissão santa e um comportamento conveniente para a glória de Deus e para o nosso bem e o do nosso próximo.

Ref. Mat. 6:9; Deut. 28:58; Sal. 68:4; Ec. 5:1; Luc. 1:6; Sal. 138:2; I Cor. 11:28-29; I Tim. 2:8; Jer. 4:2; Ec. 5:2, 4; At. 1:24, 26; Job 36:24; Mal. 3:16; Sal. 8:1, 3-4 e 105:2, 5, e 102-18; I Pedro 3:15, e 3:12; Miq. 4:5; Fil. 1:27; I Cor. 10:31; Jer. 32:39.

P. 113. *Quais são os pecados proibidos no terceiro mandamento?*

R. Os pecados proibidos no terceiro mandamento são — o não usar o nome de Deus como nos é exigido, e o abuso dele por uma ignorante, vã, irreverente, profana, supersticiosa ou ímpia menção ou outro modo de usar os títulos, atributos, ordenanças, ou obras de Deus; a blasfêmia; o perjúrio, votos e sortes ímpias; a violação dos nossos juramentos e votos, quando lícitos, e o cumprimento deles, se por coisa ilícita; a murmuração e as queixas contra os decretos e providências de Deus, a pesquisa curiosa e má aplicação dos mesmos; a má interpretação, a má

103

aplicação ou qualquer perversão da Palavra, ou de qualquer parte dela; as zombarias profanas, questões curiosas e sem proveito, vãs contendas de palavras, ou a defesa de doutrinas falsas; o abuso da Palavra, das criaturas, ou de qualquer coisa compreendida sob o nome de Deus, para encantamentos ou concupiscências, e práticas pecaminosas; a maledicência, desprezo, vituperação, ou qualquer oposição à verdade, graça e caminhos de Deus a profissão da religião por hipocrisia ou para fins sinistros; o ter vergonha da religião ou o ser uma vergonha para ela, por uma conduta inconveniente, imprudente, infrutífera, e ofensiva, ou por apostasia.

Ref. Mal. 2:2; At. 17:23; Prov. 30:9; Mal. 1:6-7, 12; Jer. 7:4; I Sam. 4:3, 5; Exo. 5:2; Sal. 139:20 e 50:16-17; I Cor. 11:21-23; Isa. 5:12; II Reis 19:22; Zac. 5:4; Rom. 12:14; Jer. 5:7 e 33:10; Mat. 5:34; Deut. 23:18; At. 23:12, 14; Est. 9:24; Sal. 24:4; Eze. 17:16, 18-19; Mar. 6:26; Rom. 9:14, 19-20; Deut. 29:29; Rom. 3:5, 7-8; Ec. 8:11; Mat. 5:38; Eze. 13:22; II Ped. 3:16; Mat. 22:29; Jer. 23:34, 36-38; I Tim. 6:4-5, 20; II Tim. 2:14; Tito 3:9; Deut. 18:10-11; II Tim. 4:3-4; At. 13:45; I João 3:12; II Ped. 3:3; Sal. 1:1, I Ped. 4:4; At. 13:45, 50 e 4:18; Mat. 23:14; II Tim. 3:5; Mar. 8:38; Sal. 73:14-15; Ef. 5:15-17; Isa. 5:4; Rom. 2:23-24; Gal. 3:1, 3.

P. 114. *Quais são as razões anexas ao terceiro mandamento?*
R. As razões anexas ao terceiro mandamento, contidas nestas palavras: "O Senhor teu Deus", e, "porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar em vão seu nome" são — porque Ele é o Senhor e nosso Deus, portanto o seu nome não deve ser profanado nem por forma alguma abusado por nós; especialmente porque Ele estará tão longe de absolver e poupar os transgressores deste mandamento, que não deixará escapar do

seu justo juízo, embora que escapem das censuras e punições dos homens.

Ref. Exo. 20:7; Lev. 19:12; Deut. 28:58-59; I Sam. 3:13.

P. 115. *Qual é o quarto mandamento?*

R. O quarto mandamento é: "Lembra-te de santificar o dia de Sábado (descanso). Trabalharás seis dias e farás neles tudo o que tens para fazer. O sétimo dia, porém, é o Sábado do Senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o peregrino que viver das tuas portas para dentro. Porque o Senhor fez em seis dias o céu, a terra, e o mar, e tudo o que neles há, e descansou ao sétimo dia, por isso o Senhor abençoou o dia sétimo e o santificou.

Ref. Exo. 20:8-11.

P. 116. *Que se exige no quarto mandamento?*

R. O quarto mandamento exige de todos os homens o santificar ou o guardar santos para Deus todos os tempos especificados que Deus designou em sua Palavra, expressamente um dia inteiro em cada sete; que era o sétimo desde o princípio do mundo até à ressurreição de Cristo, e o primeiro dia da semana desde então até ao dia de hoje, e há de assim continuar até ao fim do mundo; o qual é o sábado cristão, e no Novo Testamento é chamado o dia do Senhor (Domingo).

Ref. Gen. 2:3; I Cor. 16:2; At. 20:7; João 20:19, 26; Apoc. 1:10.

P. 117. *Como há de ser santificado o Sábado ou Dia do Senhor?*

R. O Sábado, ou Dia do Senhor, há de ser santificado por um santo descanso por todo aquele dia, não somente de tudo quanto é sempre pecaminoso, mas até de todas as ocupações e recreios seculares que são permitidos em outros dias; e em fazê-lo o nosso deleite, passando todo o tempo (exceto aquela parte que se deve empregar em obras de necessidade e misericórdia) nos exercícios públicos e particulares do culto de Deus. Para este fim devemos preparar os nossos corações, e com toda a previsão, diligência e moderação dispor e convenientemente arranjar os nossos negócios seculares, para que sejamos mais livres e mais prontos para os deveres desse dia.

Ref. Exo. 20:8, 10; e 16:25-26; Jer. 17:21-22; Mat. 12:1-5; Lev. 23:3; Isa. 58:13; Luc. 4:16; At. 20:7; Luc. 23:54-56; Ne. 18:19.

P. 118. *Por que é o mandamento de guardar o Dia do Senhor (Domingo) mais especialmente dirigido aos chefes de famílias e outros superiores?*

R. O mandamento de guardar o Dia do Senhor (Domingo) é mais especialmente dirigido aos chefes de família e outros superiores, porque estes são obrigados, não somente a guardá-lo por si mesmos, mas a fazer seja observado por todos os que estão sob o seu cuidado; e porque são às vezes propensos a impedirem por trabalhos seus.

Ref. Exo. 23:12.

P. 119. *Quais são os pecados proibidos no quarto mandamento?*

R. Os pecados proibidos no quarto mandamento são — toda omissão dos deveres exigidos, todo o cumprimento descuidado, negligente e sem proveito, e o ficar cansado deles; toda a

profanação do dia por ociosidade e por fazer aquilo que é em si pecaminoso, e por todas as obras, palavras e pensamentos desnecessários, tocantes às nossas ocupações e recreios seculares.

Ref. Eze. 22:26; Amós 8:5; Eze. 23:38; Jer. 17:27.

P. 120. *Quais são as razões anexas ao quarto mandamento para lhe dar maior força?*

R. As razões anexas ao quarto mandamento para lhe dar maior força são tiradas da equidade dele, concedendo-nos Deus seis dias de cada sete para os nossos trabalhos e reservando um só para si, nestas palavras: "Seis dias trabalharás e farás tudo o que tens para fazer"; de Deus reclamar uma propriedade especial nesse dia: "O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus"; do exemplo de Deus, que "em seis dias fez o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e descansou no dia sétimo"; e da bênção que Deus conferiu a esse dia, não somente santificando-o para ser um dia para o seu serviço, mas também determinando-o para ser um meio de bênção para nós em santificá-lo, "portanto o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou".

Ref. Exo. 20:9-11.

P. 121. *Por que se acha a palavra "lembra-te" colocada no princípio do quarto mandamento?*

R. A palavra "lembra-te" acha-se colocada no princípio do quarto mandamento, em parte pelo grande benefício que há em nos lembrarmos dele, sendo nós assim ajudados na nossa preparação para guardá-lo; e porque em o guardar somos ajudados a guardar melhor todos os mais mandamentos, e a continuar uma grata recordação dos dois grandes benefícios da criação e da redenção, que contém em si um breve compêndio da religião; e em parte porque somos propensos a esquecer-nos

deste mandamento, visto haver menos luz da natureza para ele e restringir a nossa liberdade natural quanto a cousas permitidas em outros dias; porque este dia vem somente uma vez em cada sete, e muitos negócios seculares intervêm e muitas vezes nos impedem de pensar nesse dia, seja para nos prepararmos, seja para o santificar; e porque Satanás, com os seus instrumentos, se esforça para apagar a glória e até a memória desse dia, para introduzir a irreligião e a impiedade.

Ref. Exo. 20:8 e 16:23; Mar. 15:42; Eze. 20:12; 19:20; Gen. 2:2-3; Sal. 118:22; 24; Mar. 16:2-6; Apoc. 1:10; Eze. 22:26; Ne. 9:14; Exo. 34:21; Amós 8:5; Jer. 17:21-23.

P. 122. Qual é o resumo dos seis mandamentos que encerram o nosso dever para com o homem?

R. O resumo dos seis mandamentos que encerram o nosso dever para com o homem é amar o nosso próximo como a nós mesmos, e fazer aos outros aquilo que desejamos que eles nos façam.

Ref. Mat. 22:39 e 7:12.

P. 123. Qual é o quinto mandamento?

R. O quinto mandamento é: "Honrarás o teu pai e a tua mãe, para teres uma dilatada vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te há de dar".

Ref. Exo. 20:12.

P. 124. Que significam as palavras "pai" e "mãe" no quinto mandamento?

R. As palavras "pai" e "mãe", no quinto mandamento, abrangem não somente os próprios pais, mas também todos os

superiores em idade e dons; e especialmente todos aqueles que, por ordenação de Deus estão colocados sobre nós em autoridade quer na família, quer na Igreja, quer no Estado.

Ref. Prov. 23:22, 25; I Tim. 5:1-2; Gen. 4:20-21 e 14:8 e 45:8; II Reis 5:13; Gal. 4:19; II Reis 2:12; Isa. 49:23.

P. 125. Por que são os superiores chamados "pai" e "mãe"?

R. Os superiores são chamados "pai" e "mãe", para lhes ensinar que, em todos os deveres para com os seus inferiores devem eles, como verdadeiros pais mostrar amor e ternura para com eles, conforme as suas diversas relações; e para levar os inferiores a cumprirem os seus deveres para com os seus superiores pronta e alegremente, como se estes fossem seus pais.

Ref. Ef. 6:4; I Tess. 2:7-8; I Cor. 4:14-16.

P. 126. Qual é o alcance geral do quinto mandamento?

R. O alcance geral do quinto mandamento é o cumprimento dos deveres que mutuamente temos uns para com os outros em nossas diversas relações de inferiores, superiores ou iguais.

Ref. Ef. 5:21; I Pedro 2:17; Rom. 12:10.

P. 127. Qual é a honra que os inferiores devem aos superiores?

R. A honra que os inferiores devem aos seus superiores é toda a devida reverência em coração, em palavras e em procedimento; a oração e ações de graças por eles; a imitação das suas virtudes e graças; a pronta obediência aos seus mandamentos e conselhos legítimos; a devida submissão às suas correções; a fidelidade, a defesa, a manutenção, e o apoio devidos às suas pessoas e autoridades, conforme os seus diversos graus e a

natureza das suas posições; suportando as suas fraquezas e encobrimo-as com amor, para que sejam uma honra para eles e para o seu governo.

Ref. Mal. 1:6; Lev. 19:3; Prov. 31:28; I Ped. 3:6; Lev. 19:32; I Reis 2:19; I Tim. 2:1-2; Heb. 13:7; Fil. 3:17; Ef. 6:1-2; 5:7; I Ped. 2:13-14; Heb. 12:9; I Ped. 2:18-20; Tito 2:9-10; I Sam. 26:15-16; Mat. 22:21; Rom. 13:6-7; I Tim. 5:17-18; Gen. 9:23; Sal. 127:3-5; Prov. 31:23.

P. 128. Quais são os pecados dos inferiores contra os seus superiores?

R. Os pecados dos inferiores contra os seus superiores são — toda a negligência dos deveres exigidos para com eles; a inveja, o desprezo e a rebelião contra as suas pessoas e posições em seus conselhos, mandamentos e correções legítimos; a maldição, a zombaria, e todo o comportamento rebelde e escandaloso, que vem a ser uma vergonha e desonra para eles e para o seu governo.

Ref. Mat. 15:4-6; Num. 11:28-29; I Sam. 8:7; Isa. 3:5; II Sam. 15:10; Exo. 21:15; I Sam. 10:27 e 2:25; Deut. 21:18-21; Prov. 30:11, 17 e 19:26.

P. 129. Que se exige dos superiores para com os seus inferiores?

R. Exige-se dos superiores, conforme o poder que recebem de Deus e a relação em que se acham colocados, que amem aos seus inferiores, que orem por eles e os abençoem; que os instrua, aconselhem e admoestem, aprovando, animando e recompensando os que fazem o bem, e reprovando, repreendendo e castigando os que fazem o mal; protegendo-os e provendo-lhes tudo o que é necessário para a alma e corpo; e que, por um

procedimento grave, prudente, santo e exemplar, glorifiquem a Deus, honrem-se a si mesmos, e assim preservem a autoridade com que Deus os revestiu.

Ref. Col. 3:19; Tito 2:4; I Sam. 12:23; Job 1:5; I Reis 8:55-56; Deut. 6:6-7; Ef. 6:4; I Ped. 3:7; Rom. 13:3; I Ped. 2:14; Ester. 6:3; Rom. 13:4; Prov. 29:15; Isa. 1:17; Sal. 78:4; I Tim. 5:8 e 4:12; I Reis 3:28; Tito 2:15.

P. 130. Quais são os pecados dos superiores?

R. Os pecados dos superiores são, além da negligência dos deveres que lhes são exigidos, a ambição desordenada, o buscar desordenadamente a própria glória, repouso, proveito ou prazer; o mandar fazer coisas ilícitas ou fora do poder dos inferiores; aconselhando, afirmando ou favorecendo-os naquilo que é mau; dissuadindo, desanimando ou reprovando-os naquilo que é bom; corrigindo-os indevidamente; expondo-os descomedidamente ao dano, tentação e ao perigo; provocando-os à ira; ou de qualquer forma desonrando-se a si mesmos, ou diminuindo a sua autoridade por um comportamento injusto, indiscreto, rigoroso ou negligente.

Ref. Eze. 34:2-4; Fil. 2:21; João 5:44; Isa. 56:10-11; At. 4:18; Exo. 5:18; Mat. 14:8; II Sam. 13:28; Exo. 32:5; João 7:46-49 e 9:28; I Ped. 2:19-20; Deut. 25:3; At. 18:17; II Sam. 23:15-17; Ef. 6:4; Gen. 9:21; I Reis 12:13, 14 e 1:6; I Sam. 3:13.

P. 131. Quais são os deveres dos iguais?

R. Os deveres dos iguais são o considerar a dignidade e o merecimento uns dos outros, tendo cada um aos outros por superiores; e o regozijar-se nos dotes e na exaltação uns dos outros como de si mesmos.

Ref. I Ped. 2:17; Rom. 12:10, 15-16; Fil. 3:3 e 2:4.

P. 132. *Quais são os pecados dos iguais?*

R. Os pecados dos iguais são, além da negligência dos deveres exigidos, a depreciação do merecimento, a inveja dos dotes, a tristeza pela prosperidade uns dos outros, e a usurpação de preeminência uns sobre outros.

Ref. Rom. 13:8; Prov. 14:21; Isa. 45:5; II Tim. 2:3; At. 7:9; Gal. 5:26; Num. 12:2; Luc. 15:28-29 e 22:24.

P. 133. *Qual é a razão anexa ao quinto mandamento para lhe dar maior força?*

R. A razão anexa ao quinto mandamento contida nestas palavras: "para teres uma dilatada vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te há de dar", é uma promessa de longa vida e prosperidade, tanto quanto sirvam para a glória de Deus e para o bem de todos quantos guardem este mandamento.

Ref. Exo. 20:12; Ef. 6:2-3.

P. 134. *Qual é o sexto mandamento?*

R. O sexto mandamento é: "Não matarás".

Ref. Exo. 20:13.

P. 135. *Quais são os deveres exigidos no sexto mandamento?*

R. Os deveres exigidos no sexto mandamento são todo o cuidado e todos os esforços legítimos para preservar a nossa vida e a de outros, resistindo a todos os pensamentos e propósitos, subjugando todas as paixões, e evitando todas as ocasiões, tentações e práticas que tendem a tirar injustamente a vida de alguém; por meio de justa defesa dela contra a violência; por

paciência em suportar a mão de Deus; sossego de espírito, alegria de coração e uso sóbrio da comida, bebida, remédios, sono, trabalho e recreios; por pensamentos caridosos, amor, compaixão, mansidão, benignidade, bondade, comportamento e palavras pacíficas, orandas e corteses; a longanimidade, prontidão para ser reconciliados, suportando pacientemente e perdendo as injúrias, dando bem por mal; confortando e socorrendo os aflitos, e protegendo e defendendo os inocentes.

Ref. Ef. 5:28-29; Mat. 10:23; Job 29:13; I Reis 18:4; Gen. 49:6; I Sam. 19:4-5; Ef. 6:26; II Sam. 2:23; Deut. 22:8; Prov. 1:10-11, 15; Mat. 5:6-7; Gen. 37:21-22; Prov. 24:11-12; Tiago 5:10-11; Sal. 37:8, 11; I Tess. 4:11; I Ped. 3:3-4; Prov. 17:22 e 23:20 e 25:16-17; Ec. 10:17; I Tim. 5:23; Mat. 9:12; Sal. 127:2; Ec. 5:12 e 3:4; I Sam. 22:19; Rom. 3:10; Prov. 10:12; Luc. 10:33; Col. 3:12; Tiago 2:17; I Ped. 3:8-9; I Cor. 4:12-13; Mat. 5:24; Ef. 4:2, 32; Rom. 12:17, 20-21; I Tess. 5:14; Mat. 25:35-36; Prov. 31:8-9.

P. 136. *Quais são os pecados proibidos no sexto mandamento?*

R. Os pecados proibidos no sexto mandamento são — o tirar a nossa vida ou de outrem, exceto no caso da justiça pública, guerra legítima, ou defesa necessária; a negligência ou retirada das meios lícitos ou necessários para a preservação da vida; a raiva pecaminosa, o ódio, a inveja, o desejo de vingança; todas as paixões excessivas e cuidados demasiados; o uso imoderado de comida, bebida, trabalho e recreios; palavras provocadoras; a opressão, contenda, espancamentos, ferimentos e tudo o que tende à destruição da vida de alguém.

Ref. At. 16:28; Gen. 9:6; Num. 35:31, 33; Rom. 13:4; Deut. 12:1, 4; Heb. 11:32-34; Exo. 22:2; Mat. 25:42-43; Tiago

2:15-16; Mat. 5:22; I João 3:15; Prov. 10:12; Job 5:2; Rom. 12:19; Tiago 4:1; Ef. 4:31; Mat. 6:31, 34; Luc. 21:34; Rom. 13:13; Ec. 4:8 e 11:9; Isa. 5:12; Prov. 15:1; Exo. 1:14; Isa. 3:15; Gal. 5:15; Num. 35:16; Exo. 31:29.

P. 137. *Qual é o sétimo mandamento?*

R. O sétimo mandamento é: "Não adulterarás".

Ref. Exo. 20:14.

P. 138. *Quais são os deveres exigidos no sétimo mandamento?*

R. Os deveres exigidos no sétimo mandamento são a castidade no corpo, entendimento, afetos, palavras e comportamento, e a preservação dela em nós mesmos e nos outros; a vigilância sobre os olhos e todos os sentidos; a temperança, a conservação da sociedade de pessoas castas, a modéstia no vestuário, o casamento daqueles que não têm o dom da continência, o amor conjugal, e a coabitação; o trabalho diligente em nossas vocações; e evitar todas as ocasiões de impurezas e resistir às suas tentações.

Ref. I Tess. 4:4-5; Ef. 4:29; Col. 4:6; I Ped. 3:2; I Cor. 7:2; Tito 2:4-5; Mat. 5:28; Job. 31:1; At. 24:24-25; Prov. 2:20; I Cor. 5:9; I Tim. 2:9; I Cor. 7:2, 9; Col. 3:18-19; I Ped. 3:7; I Cor. 7:5; Prov. 31:27-28 e 5:8.

P. 139. *Quais são os pecados proibidos no sétimo mandamento?*

R. Os pecados proibidos no sétimo mandamento, além da negligência dos deveres exigidos, são o adultério, a fornicação, o rapto, o incesto, a sodomia, e todas as concupiscências desnaturais; todas as imaginações, pensamentos, propósitos e

afetos impuros; todas as comunicações corruptas ou torpes, ou o ouvir as mesmas; os olhares lascivos, o comportamento imprudente ou leviano; o vestuário imodesto e a proibição de casamentos lícitos e a permissão de casamentos ilícitos; o permitir, tolerar ou ter bordéis e a freqüentação deles, os votos embaraçadores de celibato; a demora indevida de casamento; o ter mais que uma mulher ou mais que um marido ao mesmo tempo; o divórcio, ou o abandono injusto; a ociosidade, a glotoneria, a bebedice, a sociedade impura; cânticos, livros, gravuras, danças, espetáculos lascivos e todas as mais provocações à impureza, ou atos de impureza, quer em nós mesmos, quer nos outros.

Ref. Prov. 5:7 e 4:23, 27; Heb. 13:4; Ef. 5:5; Deut. 22:25; Marc. 6:18; Rom. 1:26-27; Lev. 20:15-16; Mat. 5:28 e 15:19; Col. 3:5; Ef. 5:3-4; Isa. 3:16; II Ped. 2:14; Prov. 7:10, 13; I Tim. 4:3; Mar. 6:18; II Reis 23:7; Lev. 19:29; Jer. 5:7; Mat. 19:10-11; I Tim. 5:14-15; I Cor. 7:36; Mat. 19:5, 8, 9; I Cor. 7:12-13; Eze. 16:49; Ef. 5:11 e 5:4; Rom. 13:13, 14; I Ped. 5:3; II Ped. 2:17-18.

P. 140. *Qual é o oitavo mandamento?*

R. O oitavo mandamento é: "Não furtarás".

Ref. Exo. 20:15.

P. 141. *Quais são os deveres exigidos no oitavo mandamento?*

R. Os deveres exigidos no oitavo mandamento são a verdade, a fidelidade e a justiça nos contratos e no comércio entre os homens, dando a cada um o que lhe é devido; a restituição de bens ilícitamente tirados dos seus donos; o dar e emprestar livremente, conforme as nossas forças e as necessidades de

outrem; a moderação de nossos juízos, vontades e afetos, em relação às riquezas deste mundo; um cuidado e zelo providentes em adquirir, guardar, usar e distribuir aquelas coisas que são necessárias e convenientes para o sustento da nossa natureza, e que condizem com a nossa condição; um meio de vida lícito, e a diligência no mesmo; a frugalidade; e evitar demandas forenses desnecessárias e fianças, ou outros compromissos semelhantes; e um esforço por todos os modos justos e lícitos para adquirir, preservar e adiantar a riqueza e o estado exterior, tanto de outros como nosso.

Ref. Sal. 15:2, 4; Miq. 6:8; Zac. 8:16; Rom. 13:7; Lev. 6:4-5; Deut. 15:7-8, 10; I Tim. 6:6-9 e 5:8; Prov. 27:23; Ec. 3:12-13; I Tim. 6:17-18; I Cor. 10:20; Ef. 4:28; Prov. 10:4; Rom. 12:11; Prov. 12:27 e 21:20; João 6:12; I Cor. 6:1; Prov. 11:15; Lev. 25:35; Fil. 2:4.

P. 142. *Quais são os pecados proibidos no oitavo mandamento?*

R. Os pecados proibidos no oitavo mandamento além da negligência dos deveres exigidos, são — o furto, o roubo, o roubo de homens e o receber qualquer coisa furtada; o tráfico fraudulento, pesos e medidas falsas, o remover marcos de propriedade, a injustiça e a infidelidade em contratos entre os homens ou em administrar os negócios de outros a nós confiados; a opressão, a extorsão, a usura, as peitas, as vexatórias demandas forenses, todo o cerco injusto de propriedades e despejo injusto de inquilinos; a acumulação de gêneros para encarecer o preço; os meios ilícitos de vida, e todos os outros modos injustos ou pecaminosos de tirar ou de reter do nosso próximo aquilo que lhe pertence, ou de nos enriquecer a nós mesmos, a' cubiça, a estima e o amor desordenados dos bens mundanos, os cuidados e esforços receosos e demasiados em ob-

tê-los, guardá-los, e usar deles; a inveja da prosperidade de outrem; assim como a ociosidade, a prodigalidade, o jogo dissipador e todos os outros modos pelos quais indevidamente prejudicamos o nosso estado exterior; e o defraudar a nos mesmos do devido uso e conforto da posição em que Deus nos colocou.

Ref. I João 3:17; Tiago 2:15-16; Ef. 4:28; Sal. 62:10; I Tim. 1:10; Exo. 21:16; Prov. 29:24; Sal. 1:18; Lev. 19:13; Prov. 11:1 e 20:10; Deut. 19:14; Amós 8:5; Sal. 37:21; Luc. 16:11-12; Eze. 22:29; Lev. 25:17; Mat. 23:25; Eze. 22:12; Sal. 15:5; Job 15:34; Prov. 3:30; Isa. 5:8; Miq. 2:2; Prov. 11:26; At. 19:19; Tiago 5:4; Prov. 21:6; Luc. 12:15; I João 2:15-16; Mat. 6:25; 34; Ecl. 5:12; Sal. 73:3; II Tess. 3:10; Prov. 21:17; e 23:20-21; Ecl. 4:8; I Tim. 4:3-5.

P. 143. *Qual é o nono mandamento?*

R. O nono mandamento é: "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo".

Ref. Exo. 20:16.

P. 144. *Quais são os deveres exigidos no nono mandamento?*

R. Os deveres exigidos no nono mandamento são — conservar e promover a verdade entre os homens e a boa reputação do próximo, assim como a nossa; manter e defender publicamente a verdade e dizê-la sincera, livre, clara e plenamente do coração, e em questões de julgamento e justiça e em todas as mais coisas, quaisquer que sejam, dizer a verdade e só a verdade; julgar caridosamente os nossos semelhantes; amar, desejar e ter regozijo pela sua boa reputação; entristecer-nos pelas suas fraquezas e encobri-las; mostrar franco reconhecimento dos seus dotes e graças; defender a sua inocência; receber prontamente

boas informações a seu respeito e rejeitar as que são maldizentes, lisonjeadoras e caluniadoras; prezar e cuidar da nossa boa reputação e defendê-la quando for necessário; o cumprir as promessas lícitas, o estudar e praticar tudo o que é verdadeiro, honesto, amável e de boa fama.

Ref. Ef. 4:25; III João 12; Prov. 31:9; Sal. 15:2; II Cron. 19:9; Jer. 9:3 e 42:4; At. 20:27; II Sam. 14:18; Lev. 19:15; Prov. 14:5; Col. 3:9; II Cor. 1:17-18; Heb. 6:9; I Cor. 13:7; Rom. 1:8; III João 4; II Cor. 12:21; Prov. 17:9; I Pedro 4:8; I Cor. 1:4-5; I Sam. 22:14; I Cor. 13:6-7; Sal. 15:3; Prov. 11:13 e 24:24-25; Sal. 101:5; Prov. 22:1; João 8:49; Sal. 15:4; Fil. 4:8.

P. 145. *Quais são os pecados proibidos no nono mandamento?*

R. Os pecados proibidos no nono mandamento são — tudo quanto prejudica a verdade e a boa reputação do nosso próximo, assim como a nossa, especialmente em julgamento público; o testemunho falso, o subornar testemunhas falsas, aparecer e pleitear cientemente a favor de uma causa má; resistir e calcar à força a verdade; dar sentença injusta; chamar o mau bom e o bom mau; recompensar os maus segundo a obra dos justos e os justos segundo a obra dos maus; falsificação de firmas, a supressão da verdade, o silêncio indevido em uma causa justa; coservar-nos calados quando a iniquidade reclama a repreensão da nossa parte ou uma denúncia; o falar a verdade inoportunamente, ou com malícia para fim mau, pervertê-la em sentido falso, ou proferi-la duvidosa e equivocadamente, para prejuízo da verdade ou da justiça; o falar inverdades, mentir, caluniar, maldizer, detrair, tagarelar, cochichar, escarnecer, vilipendiar, censurar temerária e asperamente ou com parcialidade; a má interpretação das intenções, palavras e atos de outros; a adulação e vanglória; o elogiar ou depreciar dema-

siadamente a nós mesmos ou a outros, em pensamento ou palavra; a negação dos dons e das graças de Deus; o agravo de faltas menores; o encobrimento; desculpa, atenuação de pecados quando chamados a uma confissão franca; a descoberta desnecessária das fraquezas de outrem; o levantar boatos falsos; o receber e acreditar rumores maus; o tapar os ouvidos a uma defesa justa; as más suspeitas; a inveja ou tristeza pelo crédito merecido de outros; o esforço ou desejo de os prejudicar; o regozijo na desgraça ou na infâmia de alguém; o desprezo escarecedor; a admiração excessiva de outrem; a quebra de promessas legítimas; a negligência daquelas coisas que são de boa fama; o praticar ou não evitar aquelas coisas que trazem má fama, ou não impedir em outras tais coisas, até onde pudermos.

Ref. Luc. 3:14; Lev. 19:15; Prov. 19:5; At. 9:13; Jer. 9:3; Sal. 12:3-4; Prov. 17:15; Isa. 5:20, 23; Luc. 16:6-7; Lev. 5:1; At. 5:3; Lev. 19:17; I Reis 1:6; Isa. 59:4; Prov. 29:11; I Sam. 22:9-10; Sal. 56:5; Mat. 26:60-61; Gen. 3:5; Isa. 59:13; Col. 3:9; Sal. 50:20 e 15:3; Tiago 4:11; Lev. 19:16; Rom. 1:29; Prov. 16:28; Gen. 21:9; Gal. 4:29; I Cor. 6:10; Mat. 7:1; Tiago 2:13; João 7:24; Rom. 3:8; Sal. 69:10 e 12:2-3; II Tim. 3:2; Luc. 18:9, 11; Gal. 5:26; Exo. 4:10, 14; At. 12:22; Luc. 9:49-50; II Cor. 10:10; At. 2:13; Mat. 7:3; Gen. 3:12-13; Prov. 28:13 e 25:9; Exo. 23:1; Sal. 41:7-8; At. 7:57; Job 31:13-14; I Cor. 13:5; Mat. 21:15; Dan. 6:3-4; Jer. 48:27; Mat. 27:28-29; I Cor. 3:21; At. 12:22; Rom. 1:31; II Tim. 3:3; I Sam. 2:24; Gen. 34:30; Juízes 11:7; II Ped. 2:2.

P. 146. *Qual é o décimo mandamento?*

R. O décimo mandamento é: "Não cobiçarás a casa do teu próximo, não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença".

Ref. Exo. 20:17.

P. 147. *Quais são os deveres exigidos no décimo mandamento?*

R. Os deveres exigidos no décimo mandamento são — um pleno contentamento com a nossa condição e uma disposição caridosa da alma para com o nosso próximo, de modo que todos os nossos desejos e afetos relativos a ele tendam para todo o seu bem e promovam o mesmo.

Ref. Heb. 13:5; I Tim. 6:6; Rom. 12:15; Fil. 2:4.

P. 148. *Quais são os pecados proibidos no décimo mandamento?*

R. Os pecados proibidos no décimo mandamento são o descontentamento com o nosso estado; a inveja e a tristeza pelo bem do nosso próximo, juntamente com todos os desejos e afetos desordenados para com qualquer coisa que lhe pertença.

Ref. I Cor. 10:10; Gal. 5:26; Tiago 3:14, 16; Sal. 112:9-10; Rom. 7:7; Deut. 5:21; Col. 3:5; Rom. 13:9.

P. 149. *Será alguém capaz de guardar perfeitamente os mandamentos de Deus?*

R. Nenhum homem, por si mesmo, ou por qualquer graça que receba nesta vida, é capaz de guardar perfeitamente os mandamentos de Deus; mas diariamente os viola por pensamentos, palavras e obras.

P. 150. *São todas as transgressões da lei de Deus igualmente odiosas em si mesmas e à vista de Deus?*

R. Todas as transgressões da lei de Deus não são igualmente odiosas; mas alguns pecados em si mesmos, e em razão de

diversas circunstâncias agravantes, são mais odiosos à vista de Deus do que outros.

Ref. João 19:11; I João 5:16.

P. 151. *Quais são as circunstâncias agravantes que tornam alguns pecados mais odiosos do que outros?*

R. Alguns pecados se tornam mais agravantes:

1.º Em razão dos ofensores, se forem pessoas de idade mais madura, de maior experiência ou graça; se eminentes pela profissão da religião, dons, posição, ofícios; se forem guias para outros e pessoas cujo exemplo será provavelmente seguido por outros.

Ref. Jer. 2:8; Luc. 12:47-48; I Reis 11:4, 9; Ecl. 4:13; Gal. 2:11-12; II Sam. 12:14; Luc. 20:46-47; Tiago 4:17; II Cron. 26:16, 20; João 3:10; II Sam. 12:7-9; Rom. 2:21-24; I Reis 15:30; Gal. 2:13; II Ped. 2:2.

2.º Em razão das pessoas ofendidas, se as ofensas foram diretamente contra Deus, seus atributos e culto; contra Cristo e sua graça; contra o Espírito Santo, seu testemunho e operações; contra superiores, pessoas eminentes e aqueles a quem estamos especialmente relacionados e a quem devemos favores; contra os crentes, especialmente contra os irmãos fracos; contra as suas almas ou as de quaisquer outros, e contra o bem geral de todos ou de muitos.

Ref. Mal. 1:8; Sal. 2:12; Mat. 21:38-39; I Sam. 2:25; At. 5:4; Rom. 2:4; Mal. 1:14; I Cor. 10:21-22; João 3:18, 36; Mat. 12:31-32; Heb. 10:29; Ef. 4:30; At. 8:18; Num. 12:8; Prov. 30:17; Sal. 41:9; Zac. 2:8; Mat. 18:6; I Cor. 8:11-12; Eze. 13:18; Sal. 94:21; Mat. 23:15; Josué 22:20; I Tess. 2:15-16.

3.º Pela natureza e qualidade da ofensa, se for contra a palavra expressa da lei; se violar muitos mandamentos, se contiver em si muitos pecados; se for concebida, não só no coração, mas manifestar-se em palavras e ações, escandalizar a outros e não admitir reparo algum; se contra os meios da graça, misericórdia e castigos de Deus; se contra a luz da natureza, a convicção da consciência, admoestação pública ou particular, censuras da igreja, punições civis; se contra as nossas orações, propósitos, promessas, votos, pactos, obrigações a Deus ou aos homens; se forem feitas deliberada e perversamente com presunção impudentemente, com jactância, maliciosamente, freqüente e obstinadamente, com gosto, continuação e recaídas depois de arrependimento.

Ref. Prov. 6:3; Eze. 20:13; Col. 3:5; I Tim. 6:10; Miq. 2:1-2; Mat. 18:7; Rom. 2:23-24; Prov. 6:32-35; Mat. 11:21-22; João 15:22; Deut. 32:6; Isa. 1:2-3; Jer. 5:3; Rom. 1:26-27, 32; Prov. 29:1; Mat. 18:17; Tito 3:10; I Reis 7:41; Sal. 78:34, 36-37; Ecl. 5:5; Lev. 26:25; Prov. 20:25 e 2:17; Sal. 36:4; Jer. 6:15-16; Num. 15:30; Sal. 52:1; Eze. 35:5-6; Num. 14:22; Zac. 7:11-12; Prov. 2:14; Gen. 6:5; Isa. 57:17; II Ped. 2:20-21.

4.º Pelas circunstâncias de tempo e de lugar, se for no dia do Senhor ou em outros tempos de culto divino, imediatamente antes, depois destes ou de outros auxílios para prevenção ou remédio contra tais quedas; se em público ou em presença de outros que são capazes de ser provocados ou contaminados por essas transgressões.

Ref. Isa. 22:12-14; Jer. 7:10-11; Eze. 23:38-39; Isa. 58:3-4; I Cor. 11:20-21; João 13:27; Esd. 9:13-14; Juizes 8:27.

P. 152. *Que merece da parte de Deus cada pecado?*

R. Todo o pecado, até o menor, sendo contra a soberania, bondade e santidade de Deus e contra a sua justa lei, merece a sua ira e maldição, nesta vida e na vindoura, e não pode ser expiado, senão pelo sangue de Cristo.

Ref. Tiago 2:10-11; Exo. 20:1-2; Deut. 32:6; Hab. 1:13; I Ped. 1:15-16; I João 3:4; Rom. 7:12; Gal. 3:10; Deut. 28:15; Lam. 3:39; Mat. 25:41; Rom. 6:21; 23; Heb. 9:22; I João 1:7.

P. 153. *Que exige Deus de nós para que possamos escapar à sua ira e maldição, em que incorremos pela transgressão da lei?*

R. Para escaparmos à ira e maldição de Deus, em que incorremos pela transgressão da lei. Ele exige de nós o arrependimento para com Deus, a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, e o uso diligente de todos os meios exteriores pelos quais Cristo nos comunica os benefícios da sua mediação.

Ref. At. 20:21; Mar. 1:15; At. 16:30-31; João 3:18; Prov. 8:33-35; Luc. 13:24.

P. 154. *Quais são os meios exteriores pelos quais Cristo nos comunica os benefícios da sua mediação?*

R. Os meios exteriores e ordinários, pelos quais Cristo comunica à sua Igreja os benefícios da sua mediação, são todas as suas ordenanças, especialmente a Palavra, os sacramentos, e a oração; todas as quais se tornam eficazes aos eleitos para a salvação.

Ref. Mat. 28:19-20; At. 2:42, 46.

P. 155. *Como se torna a Palavra eficaz para a salvação?*

R. O Espírito de Deus torna a leitura, e especialmente a pregação da Palavra um meio eficaz para iluminar, convencer, e

...minar os pecadores, para lhes tirar toda a confiança em si mesmos e os atrair a Cristo; para os conformar à sua imagem e os sujeitar à sua vontade; para os fortalecer contra as tentações e corrupções, para os edificar na graça e estabelecer os seus corações em santidade e conforto mediante a fé para a salvação.

Ref. Sal. 19:8; At. 26:18; Jer. 23:28-29; Heb. 4:12; I Cor. 14:24-25; At. 2:37, 41; II Cor. 3:18 e 10:4-5; Sal. 19:11; Ef. 6:16-17 e 4:11-12; At. 20:32 II Tim. 3:15-16; Rom. 16:25; I Tim. 2:1.

P. 156. Deve a Palavra de Deus ser lida por todos?

R. Embora não seja permitido a todos ler a Palavra publicamente à congregação, contudo os homens de todas as condições têm obrigação de lê-la em particular por si mesmos e com as suas famílias; e para este fim as Santas Escrituras devem ser traduzidas das línguas originais para as línguas vulgares.

Ref. Deut. 31:9, 11 e 17:18-19; Isa. 36:16; João 5:39; Apoc. 1:3; Deut. 6:6-7; Sal. 78:5-6; I Cor. 14:18-19.

P. 157. Como deve ser lida a Palavra de Deus?

R. As Santas Escrituras devem ser lidas com uma alta e reverente estimação; com a firme persuasão de serem elas a própria Palavra de Deus e de que somente Ele pode habilitar-nos a entendê-las; com desejo de conhecer, crer, e obedecer à vontade de Deus nelas revelada; com a diligência e atenção ao seu conteúdo e propósito; com meditação, aplicação, abnegação própria e oração.

Ref. Ne. 8:5; Isa. 66:2; Sal. 19:10; II Ped. 1:19-21; I Tess. 2:13; Sal. 119:18; Luc. 24:45; Tiago 1:21-22; I Ped. 2:2; At. 17:11 e 8:30, 34; Mat. 13:23; Sal. 1:2 e 119:97; II Cron. 34:21;

Rom. 6:23-24 e 15:4; Prov. 3:5; Job 23:12; 4:32, 34; Ne. 8:6, 8; Sal. 119:18.

P. 158. A quem é permitido pregar a Palavra de Deus?

R. A Palavra de Deus deve ser pregada somente por aqueles que têm dons suficientes e são devidamente aprovados e chamados para o ministério.

Ref. I Tim. 3:2, 6; II Tim. 2:2; Mal. 2:7; Rom. 10:15; I Cor. 12:28-29; I Tim. 4:14.

P. 159. Como deve ser pregada a Palavra de Deus por aqueles que para isto são chamados?

R. Aqueles que são chamados a trabalhar no ministério da Palavra devem pregar a sã doutrina, diligentemente, em tempo e fora de tempo; claramente, não em palavras persuasivas de humana sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder; fielmente, tornando conhecido todo o conselho de Deus, sabiamente acomodando-se às necessidades e às capacidades dos ouvintes; zelosamente, com amor fervoroso para com Deus e para com as almas do seu povo; sinceramente, tendo por alvo a glória de Deus e procurando converter, edificar e salvar as almas.

Ref. Tito 2:1, 7-8; At. 18:25; II Tim. 4:2; I Cor. 14:9 e 2:4; Jer. 23:28; I Cor. 4:1-2; At. 20:27; Col. 1:28; II Tim. 2:15; Luc. 12:42; I Cor. 3:2; At. 18:25; II Tim. 4:5; II Cor. 5:13-14; Col. 4:12; II Cor. 12:15 e 4:2; João 7:18; I Tess. 2:4; I Cor. 9:19-22; II Cor. 12:19; Ef. 4:12; I Tim. 4:16; II Tim. 2:10.

P. 160. Que se exige dos que ouvem a Palavra pregada?

R. Exige-se dos que ouvem a Palavra pregada que atendam a ela com diligência, preparação e oração; que comparem com

as Escrituras aquilo que ouvem; que recebam a verdade com fé, amor, mansidão e prontidão de espírito, como a Palavra de Deus; que meditem nela e conversem a seu respeito uns com os outros; que a escondam nos seus corações e produzam os frutos devidos no seu procedimento.

Ref. Sal. 84:1-2, 4; Luc. 8:18; I Ped. 2:1-2; Sal. 119:18; Ef. 6:17-18; At. 17:11; Rom. 1:16, 17; II Tess. 2:10; Tiago 1:21; Sal. 25:9; At. 17:11; I Tess. 2:13; Heb. 2:1; Deut. 6:6-7; Sal. 119:11; Luc. 8:15; Tiago 1:25.

P. 161. Como se tornam os sacramentos meios eficazes para a salvação?

R. Os sacramentos tornam-se meios eficazes para a salvação não porque tenham poder algum em si, nem por virtude alguma derivada da piedade ou da intenção de quem os administra, mas unicamente pela operação do Espírito Santo e pela bênção de Cristo que os instituiu.

Ref. I Ped. 3:21; At. 8:13, 23; I Cor. 3:7 e 13:13.

P. 162. Que é um sacramento?

R. O sacramento é uma santa ordenança instituída por Cristo na sua Igreja, para significar, selar e conferir àqueles que estão no pacto da graça os benefícios da mediação de Cristo; para os fortalecer e lhes aumentar a fé e todas as mais graças, e os obrigar a obediência; para testemunhar e nutrir o seu amor e comunhão uns com os outros, e para distinguir entre eles e os que estão de fora.

Ref. Mat. 28:19 e 26:26-27; Rom. 4:11; I Cor. 11:24-25; Exo. 12:48; Mat. 15:24, 27; Rom. 15:8-9 e 9:8; At. 2:38; I Cor. 10:16; At. 22:16; João 6:56-57; Gal. 2:27; Deut. 10:16 e 50:6;

Rom. 6:3-4; I Cor. 5:6-8 e 20:13, e 10:17; Lev. 20:26; Josué 5:9; Isa. 52:1, 11; I Cor. 10:21.

P. 163. Que partes tem um sacramento?

R. As partes de um sacramento são duas; uma, o sinal exterior sensível usado segundo a própria instituição de Cristo; a outra, uma graça interior e espiritual representada pelo sinal.

Ref. Mat. 3:11.

P. 164. Quantos sacramentos instituiu Cristo sob o Novo Testamento?

R. Sob o Novo Testamento Cristo instituiu na sua Igreja somente dois sacramentos: o Batismo e a Ceia do Senhor.

Ref. Mat. 28:19; I Cor. 11:23.

P. 165. Que é o Batismo?

R. O Batismo é o sacramento do Novo Testamento no qual Cristo ordenou a lavagem com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para ser um sinal e selo de nos unir a si mesmo, da remissão de pecados pelo seu sangue e da regeneração pelo seu Espírito; da adoção e ressurreição para a vida eterna; e por ele os batizados são solenemente admitidos à Igreja visível e entram em um pacto público, professando pertencer inteira e unicamente ao Senhor.

Ref. Gal. 3:27; At. 22:26; Mar. 1:4; Apoc. 1:5; João 3:5; Tito 2:5; Gal. 3:26-28; Col. 2:11-12; At. 2:41.

P. 166. A quem deve ser administrado o Batismo?

R. O Batismo não deve ser administrado aos que estão fora da Igreja visível e assim estranhos aos pactos da promessa, en-

quanto não professarem a sua fé em Cristo e obediência a Ele, porém as crianças cujos pais, ou um só deles professarem fé em Cristo e obediência a Ele, estão, quanto a isto, dentro do pacto e devem ser batizados.

Ref. AT. 18:8; e 2:38-39; Luc. 18:16; I Cor. 7:14.

P. 167. *Como devemos tirar proveito do nosso Batismo?*

R. O dever necessário mas muito negligenciado, de tirar proveito do nosso Batismo, deve ser cumprido por nós durante a nossa vida, especialmente no tempo da tentação e quando assistimos à administração desse sacramento a outros, por meio de séria e grata consideração da sua natureza e dos fins para que Cristo o instituiu, dos privilégios e benefícios conferidos e selados por ele e do voto solene que nele fizemos; por meio de humilhação devida à nossa corrupção pecaminosa, às nossas faltas, e ao andarmos contrários à graça do Batismo e aos nossos votos; por crescermos até à certeza do perdão de pecados e de todas as mais bênçãos a nós seladas por esse sacramento; por fortalecermos pela morte e ressurreição de Cristo, em cujo nome fomos batizados para mortificação do pecado e a vivificação da graça e por esforçar-nos a viver pela fé, a ter a nossa conversação em santidade e retidão, como convém àqueles que deram os seus nomes a Cristo, e a andar em amor fraternal, como batizados pelo mesmo Espírito em um só corpo.

Ref. Ef. 4:30; Col. 2:6; Rom. 6:1-4; I Cor. 1:11, 13; Gal. 3:1-3; Rom. 5:1-2 e 4:11-12; I Ped. 3:21; Col. 3:1, 3, 5; Heb. 10:38-39; Rom. 4:22; At. 2:28; I Cor. 12:13, 25-27.

P. 168. *Que é a Ceia do Senhor?*

R. A Ceia do Senhor é o sacramento do Novo Testamento, no qual, dando-se e recebendo-se pão e vinho, conforme a ins-

tituição de Cristo, é anunciada a sua morte; e os que dignamente participam dele alimentam-se do corpo e do sangue de Cristo para sua nutrição espiritual e crescimento na graça; têm a sua união e comunhão com Ele confirmadas; testemunham e renovam a sua gratidão e consagração a Deus e o seu mútuo amor uns com os outros, como membros do mesmo corpo místico.

Ref. Luc. 22:20; Mat. 26:26-27; João 6:55-56; I Cor. 10:16; 11:25 e 10:17, 21.

P. 169. *Como ordenou Cristo que o pão e o vinho fossem dados e recebidos no sacramento da Ceia do Senhor?*

R. Cristo ordenou que os ministros da Palavra, na administração deste sacramento, separassem o pão e o vinho do uso comum pela palavra da instituição, ações de graças e oração; que tomassem e partissem o pão e dessem, tanto este como o vinho, aos comungantes, os quais, pela mesma instituição, devem tomar e comer o pão e beber o vinho, em grata recordação de que o corpo de Cristo foi partido e dado e o seu sangue derramado por eles.

Ref. Mar. 14:22-24.

P. 170. *Como se alimentam do corpo e do sangue de Cristo os que dignamente participam da Ceia do Senhor?*

R. Desde que o corpo e o sangue de Cristo não estão, nem corporal, nem carnalmente, presentes no pão, com o pão, ou debaixo do pão e vinho na Ceia do Senhor, mas sim espiritualmente à fé do comungante não menos verdadeira e realmente do que estão os mesmos elementos aos seus sentidos, assim os que dignamente participam do sacramento da Ceia do Senhor nele se alimentam do corpo e do sangue de Cristo, não de uma maneira corporal e carnal, mas espiritual; contudo, verdadeira

e realmente, visto que pela fé recebem e aplicam a si Cristo crucificado e todos os benefícios da sua morte.

Ref. At. 3:21; Mat. 26:26, 28; João 6:51-53; I Cor. 10:16.

P. 171. *Como devem os que recebem o sacramento da Ceia do Senhor preparar-se para o receber?*

R. Os que recebem este sacramento devem preparar-se para o receber, examinando-se a si mesmos, se estão em Cristo, a respeito dos seus pecados e necessidades, da verdade e medida do seu conhecimento, fé, arrependimento, amor para com Deus e para com os irmãos, da caridade para com todos os homens perdoados aos que lhes têm feito mal, dos seus desejos de ter Cristo e da sua nova obediência, renovando o exercício destas graças pela meditação séria e pela oração fervorosa.

Ref. I Cor. 11:18, 20, 28-29, 31; Fil. 3:8-9; Sal. 139:23-24; II Cor. 13:5; Zac. 12:10; I Cor. 10:17; Mat. 5:23-24; João 7:37; Isa. 55:1; I Cor. 5:8; Rom. 6:17-18; Luc. 19:8; Heb. 10:21-22, 24; Sal. 29:6; I Cor. 11:24; Mat. 26:26.

P. 172. *Uma pessoa que duvida de que esteja em Cristo, ou de que esteja convenientemente preparado deverá vir à Ceia do Senhor?*

R. Uma pessoa que duvida de que esteja em Cristo, ou de que esteja convenientemente preparada para participar da Ceia do Senhor, pode ter um verdadeiro interesse em Cristo, embora não tenha ainda a certeza disto, mas aos olhos de Deus o tem, se está devidamente tocada pelo receio da falta desse interesse e sem fingimento deseja ser achada em Cristo e apartar-se da iniquidade. Neste caso, desde que as promessas são feitas, e este sacramento é ordenado para o alívio até dos crentes fracos e que estão em dúvida, deve lamentar a sua incredulidade e esforçar-

se para ter as suas dúvidas dissipadas; e, assim fazendo, pode e deve vir à Ceia do Senhor para ficar mais fortalecida.

Ref. I João 5:13; Isa. 54:7-10; Mar. 5:3-4; Sal. 31:22; I João 5:15; Sal. 52:11; II Tim. 2:19; Rom. 7:24-25; Mat. 26:28 e 11:28; Mar. 9:24; At. 16:30; I Cor. 11:28.

P. 173. *Pode alguém que professa a fé e deseja participar da Ceia do Senhor ser excluído dela?*

R. Os que forem achados ignorantes ou cometerem escândalos, não obstante a sua profissão de fé e o desejo de participar da Ceia do Senhor, podem e devem ser excluídos desse sacramento, pelo poder que Cristo deixou à sua Igreja, até que recebam instrução ou tenham melhor procedimento.

Ref. I Cor. 11:29 e 5:11; Mat. 7:6; Judas 23; Gal. 6:1.

P. 174. *Que se exige dos que recebem o sacramento da Ceia, na ocasião de celebrar-se?*

R. Exige-se dos que recebem o sacramento da Ceia que durante a sua celebração esperem em Deus nessa ordenança, com toda a santa reverência e atenção; que diligentemente observem os elementos e os atos sacramentais; que atentamente discernam o corpo do Senhor, e, cheios de amor, meditem na sua morte e sofrimentos, e assim se despertem a um exercício das suas graças, julgando-se a si mesmos e entristecendo-se pelo pecado; tendo fome e sede ardentes de Cristo, alimentando-se nele pela fé, recebendo da sua plenitude, confiando nos seus méritos, gozando-se no seu amor, sendo gratos pela sua graça e renovando o pacto que fizeram com Deus e o amor que votaram a todos os crentes.

Ref. Heb. 12:28; Lev. 10:3; Exo. 24:8; Mat. 26:26; I Cor. 11:26, 29; Ef. 3:17-19; I Cor. 11:31; Zac. 12:10; Apo. 22:17;

Gal. 2:20; João 6:35 e 1:16; Col. 1:19; I Ped. 1:8; Fil. 3:9; Sal. 22:26; Jer. 1:5; I Cor. 10:17; At. 2:42.

P. 175. *Qual o dever dos crentes depois de receberem o sacramento da Ceia do Senhor?*

R. O dever dos crentes depois de receberem este sacramento é de seriamente considerar como se portaram nele, e com que proveito; se foram vivificados e confortados, devem bendizer a Deus por isto, pedir a continuação do mesmo, vigiar contra reincidências no pecado, cumprir os seus votos e animar-se a assistir freqüentemente a esta ordenança; se não acharem, porém, nenhum benefício, deverão refletir novamente e com mais cuidado na sua preparação para esta ordenança e no comportamento que tiverem na ocasião, podendo, em uma e outra coisa, apoiar-se em Deus e em suas consciências, esperando com o tempo o fruto da sua participação; se perceberam, porém, que nessas cousas foram remissos deverão humilhar-se e para o futuro assistir a esta ordenança com mais cuidado e diligência.

Ref. Sal. 73:28; I Cor. 11:17; 25-26, 30-31; At. 2:42, 46, 47; Rom. 15:13; Sal. 36:10; I Cor. 10:12; Rom. 11:20; Sal. 50:14 e 27:4; At. 2:42; Sal. 77:6 e 139:23-24 e 123:1-2; Isa. 8:17; Ose. 14:2; e 6:1-2; I Cor. 7:11.

P. 176. *Em que concordam os sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor?*

R. Os sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor concordam em ser Deus autor de ambos; em ser Cristo e os seus benefícios a parte espiritual de ambos; em ambos serem selos do mesmo pacto; em não deverem ser administrados senão pelos ministros do Evangelho, e em deverem ser continuados na Igreja de Cristo até à sua segunda vinda.

Ref. Mat. 28:19; I Cor. 11:23; Rom. 6:3-4; I Cor. 10:16; Col. 2:11-12; Mat. 26:27-28; I Cor. 4:1; Mat. 28:29; I Cor. 11:26.

P. 177. *Em que diferem os sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor?*

R. Os sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor diferem em dever o Batismo ser administrado uma vez só, com água, para ser um sinal e selo da nossa regeneração e união com Cristo, e administrado também às crianças; ao passo que a Ceia do Senhor deve ser celebrada freqüentemente, com os elementos de pão e vinho para representar e dar Cristo, como o alimento espiritual, à alma; e para confirmar a nossa continuação e crescimento nele e isto somente àqueles que têm a idade e aptidão para se examinarem a si mesmos.

Ref. Mat. 3:11; Gal. 3:27; Tito 3:5; At. 2:38-39; I Cor. 7:14 e 11:26; João 5:51; I Cor. 10:16 e 11:28.

P. 178. *Que é a oração?*

R. A oração é o oferecimento dos nossos desejos a Deus, em nome de Cristo e com o auxílio do seu Espírito, com a confissão dos nossos pecados e um grato reconhecimento das suas misericórdias.

Ref. Sal. 62:8 e 10:17; Rom. 10:1; João 16:23-24; Rom. 8:26; Dan. 9:4; Sal. 32:5-6; Fil. 4:6.

P. 179. *Devemos orar somente a Deus?*

R. Sendo Deus o único que pode esquadriñar o coração, ouvir os pedidos, perdoar os pecados, e cumprir os desejos de todos, é o único em que se deve crer e a quem se deve prestar culto religioso, a oração, que é uma parte especial do culto, deve ser oferecida por todos a Ele só e a nenhum outro.

Ref. I Reis 8:39; At. 1:24; Rom. 8:27; Sal. 45:2; Miq. 7:18; Sal. 145:16, 19; II Sam. 22:32; Mat. 4:10; I Cor. 1:2; Isa. 13:8; Sal. 50:15; Rom. 10:12-13; Jer. 3:23 e 14:22.

P. 180. *Que é orar em nome de Cristo?*

R. Orar em nome de Cristo é em obediência ao seu mandamento e com confiança nas suas promessas, pedir a misericórdia por amor d'Ele; não para mera menção do seu nome, porém derivando o nosso ânimo para orar e a nossa coragem, força e esperança de sermos aceitos, em oração, a Cristo e sua mediação.

Ref. João 14:13-14; Dan. 9:17; Mat. 7:21; Heb. 4:14-16.

P. 181. *Por que devemos orar em nome de Cristo?*

R. O homem em razão do seu pecado, ficou tão afastado de Deus que a Ele, não se pode chegar sem ter um mediador; e não havendo ninguém, no céu ou na terra, constituído e preparado para esta gloriosa obra senão Cristo só, o nome d'Ele é o único em que nós devemos orar.

Ref. Isa. 59:2; Ef. 3:12; Heb. 7:25-27; I Tim. 2:5; João 6:27; Col. 3:17; Heb. 13:15.

P. 182. *Como nos ajuda o Espírito a orar?*

R. Não sabendo nós o que devemos pedir, como convém, o Espírito ajuda a nossa fraqueza, habilitando-nos a saber por que pessoas, por que coisas e de que modo se deve orar; e operando em nossos corações, e despertando (embora não em todas as pessoas, nem em todos os tempos, na mesma medida) aquelas apreensões, afetos e graças que são necessários para o bom cumprimento desse dever.

Ref. Rom. 8:26; Sal. 80:18.

P. 183. *Por que pessoas devemos orar?*

R. Devemos orar por toda a Igreja de Cristo na terra, pelos magistrados e outras autoridades, por nós mesmos, pelos nossos irmãos, e até pelos nossos inimigos e pelos homens de todas as classes, pelos vivos e pelos que ainda hão de nascer; porém não devemos orar pelos mortos, nem por aqueles que se sabe terem cometido o pecado para a morte.

Ref. Ef. 6:18; Sal. 28:9; I Tim. 2:1-2; II Tess. 3:1; Col. 4:3; Gen. 32:11; Tiago 5:16; II Tess. 1:11; Mat. 5:44; I Tim. 2:1; João 17:20; II Sam. 12:22-23; Luc. 16:25-26; Heb. 9:27-28; I João 5:16.

P. 184. *Que devemos pedir?*

R. Devemos pedir tudo o que tende para a glória de Deus, e bem-estar da Igreja, o nosso bem ou o dos outros; nada, porém, que seja ilícito.

Ref. Mat. 6:9; Sal. 51:18 e 122:6; Mat. 7:11; Sal. 125:4; I João 5:14; Tiago 4:3.

P. 185. *Como devemos orar?*

R. Devemos orar com solene apreensão da majestade de Deus e profunda convicção da nossa própria indignidade, necessidades e pecados; com corações penitentes, gratos e francos; com entendimento, fé, sinceridade, fervor, amor e perseverança, esperando n'Ele com submissão humilde à sua vontade.

Ref. Sal. 33:8 e 95:6; Gen. 18:27; Sal. 144:3 e 86:1; Luc. 15:17-19; Sal. 130:3; Luc. 18:13; Sal. 51:17; Fil. 4:6; I Tess.

18: Sal. 119:32; Isa. 60:5; II Cor. 6:11-13; I Cor. 14:15; Heb. 10:22; Sal. 17:1; João 4:24; Tiago 5:16; I Tim. 2:8; Mat. 5:23-24; Rom. 15:30; Ef. 6:18; Miq. 7:7; Mat. 26:39.

P. 186. *Qual a regra que Deus nos deu para nos dirigir em oração?*

R. Toda a palavra de Deus é útil para nos dirigir em oração; mas a regra especial é aquela forma de oração que nosso Salvador Jesus Cristo ensinou aos seus discípulos, geralmente chamada "Oração Dominical".

Ref. Sal. 119:169-170; II Tim. 3:16-17; I João 5:14.

P. 187. *Como pode ser usada a Oração Dominical?*

R. A Oração Dominical não é somente para direção como modelo, segundo o qual devemos orar; mas também pode ser usada como uma oração, contanto que se ore com entendimento, fé, reverência e outras graças necessárias para o bom cumprimento do dever da oração.

Ref. Mat. 6:9; Luc. 11:2.

P. 188. *De quantas partes consiste a Oração Dominical?*

R. A Oração Dominical consiste de três partes: o prefácio, as petições e a conclusão.

P. 189. *Que nos ensina o prefácio da Oração Dominical?*

R. O Prefácio da Oração Dominical, que é: "Pai Nosso que estás nos Céus", ensina-nos, quando orarmos, a nos aproximarmos de Deus com confiança na sua bondade paternal e no nosso interesse nEle; com reverência e todas as outras disposições de filhos, afetos celestes e a devida apreensão do seu soberano poder, majestade e graciosa condescendência; assim como o orar com outros e por eles.

Ref. Luc. 11:13; Rom. 8:15; Sal. 95:6-7; Isa. 64:9; Sal. 123:1; Lam. 3:41; Sal. 104:1; Isa. 63:15; Sal. 113:4-6; At. 12:5.

P. 190. *Que pedimos na primeira petição?*

R. Na primeira petição, que é: "Santificado seja o Teu nome", reconhecendo a inteira incapacidade e indisposição que há em nós e em todos os homens de honrar a Deus como é devido, pedimos que Ele, pela sua graça, nos habilite e nos incline, a nós e a todos a conhecer, confessar e altamente estimá-lo, aos seus títulos, atributos, ordenanças, palavras, obras e tudo aquilo por que Ele se dá a conhecer e a glorificá-lo em pensamentos, palavras e obras; que impeça e remova o ateísmo, a ignorância, a idolatria, a profanação e tudo quanto o desonra, que pela sua providência poderosa dirija e disponha tudo para a sua própria glória.

Ref. II Cor. 3:5; Sal. 51:15; e 77:2-3 e 83:18; e 145:6-8 e 146:10, 15; II Tess. 3:1; Sal. 107:32; II Cor. 2:14; Sal. 19:4; Fil. 1:11; Sal. 79:10 e 67:1-4; Ef. 1:17-18; Sal. 97:7; e 74:18, 22; Jer. 14:21; II Reis 19:16; Isa. 64:1-2.

P. 191. *Que pedimos na segunda petição?*

R. Na segunda petição que é: "venha o teu reino" reconhecendo que nós e todos os homens estamos por natureza sob o domínio do pecado e Satanás, pedimos que esse reino seja destruído, o Evangelho seja propagado por todo o mundo, os judeus chamados, a plenitude dos gentios seja trazida à Igreja; que esta seja provida de todos os oficiais e ordenanças do Evangelho, purificada da corrupção, aprovada e mantida pelo magistrado civil; que as ordenanças de Cristo sejam administradas puramente, feitas eficazes para a conversão daqueles que estão ainda nos seus pecados, e para a confirmação, conforto e edificação dos que estão já convertidos; que Cristo reine nos

nostros corações aqui, e apresse o tempo da sua segunda vinda e de reinarmos nós com Ele para sempre; que lhe apraza exercer o reino do seu poder em todo o mundo, do modo que melhor contribua para estes fins.

Ref. Ef. 2:2-3; Sal. 68:1; Apoc. 12:9; II Tess. 3:1; Rom. 10:1 e 11:25; Sal. 67:1-2; Mat. 9:38; Ef. 5:26-27; Mal. 1:11; I Tim. 2:1-2; Isa. 49:23; II Cor. 4:2; At. 26:18; II Tess. 2:16-17; Ef. 3:14, 17; Apoc. 22:20; II Tim. 2:12; Sal. 45:3-4; Isa. 64:1-2.

P. 192. *Que pedimos na terceira petição?*

R. Na terceira petição, que é: "Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu", reconhecendo que por natureza, nós e todos os homens somos, não só inteiramente incapazes de, e indispostos a conhecer e fazer a vontade de Deus, mas propensos a rebelar-nos contra a sua palavra, a desanimar-nos, a murmurar contra a sua providência, e inteiramente inclinados a fazer a vontade da carne e do diabo, pedimos que Deus pelo seu Espírito, tire de nós e dos outros toda a cegueira, fraqueza, indisposição e perversidade do coração, e pela sua graça nos faça capazes e prontos para conhecer, fazer e submeter-se à sua vontade em tudo, com humildade, alegria, fidelidade, diligência, zelo, sinceridade e constância, como os anjos no céu.

Ref. I Cor. 2:14; Rom. 8:7; Mat. 20:11-12; Sal. 73:3; Ef. 2:2-3 e 1:17-18 e 3:16; Mat. 26:20-41; Rom. 7:24-25; Eze. 11:19; Jer. 31:18; Sal. 119:35; I Sam. 3:18; At. 21:14; Sal. 123:2; Miq. 6:8; Sal. 100:2; Isa. 38:3; Ef. 6:6; Sal. 119:4; Rom. 12:11; II Cor. 1:12; Sal. 119:112; Rom. 2:7; Sal. 103:20-22; Dan. 7:10.

P. 193. *Que pedimos na quarta petição?*

R. Na quarta petição que é: "O pão nosso de cada dia nos dá hoje", reconhecendo que em Adão, e pelo nosso pecado, per-

demos o nosso direito a todas as bênçãos desta vida e que merecemos ser totalmente privados delas, sendo elas tomadas maldição para nós no seu uso; que nem elas podem de si mesmas nos sustentar; nem nós podemos merecê-las nem pela nossa diligência conseguí-las, mas que somos propensos a desejar obter e usar delas ilícitamente; pedimos, por nós mesmos e por outros, que tanto eles como nós, dependendo da providência de Deus, de dia em dia, no uso de meios lícitos possamos, do seu livre dom e conforme parecer bem à sua sabedoria paternal, gozar de uma porção suficiente desses favores e tê-los continuados e abençoados para nós em nosso santo e confortável uso e contentamento; e que sejamos guardados de tudo quanto é contrário ao nosso sustento e conforto temporais.

Ref. Gen. 3:17; Lam. 3:22; Deut. 8:3; Gen. 32:10; Deut. 8:18; Prov. 10:22; Luc. 12:15; Ose. 12:7; Tiago 4:3; Gen. 28:20-21; Ef. 4:28; Sal. 90:17; I Tim. 4:4-5 e 6:6-8; Prov. 30:8-9.

P. 194. *Que pedimos na quinta petição?*

R. Na quinta petição, que é: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores", confessando que nós e todos os outros somos culpados do pecado original e atual, e por isso devedores à justiça de Deus; que nem nós nem outra criatura alguma pode fazer a mínima satisfação por essa dívida; pedimos, por nós mesmos e por outros, que Deus, da sua livre graça e pela obediência e satisfação adquiridas e aplicadas pela fé nos absolva da culpa e da punição do pecado, que nos aceite no seu Amado, continui o seu favor e graça em nós, perdoe as nossas faltas diárias e nos encha de paz e gozo, dando-nos diariamente mais e mais certeza de perdão, o que temos mais coragem de pedir e somos mais animados a esperar quando temos este testemunho em nós, que do coração já perdoamos aos outros as suas ofensas.

Ref. Mat. 18:24-25; Rom. 5:19; Sal. 130:3; Rom. 5:19 e 3:24-25; At. 13:39; Ef. 1:6; II Ped. 1:2; Ose. 14:2; Sal. 143:2; Rom. 15:13; Luc. 11:4; Mat. 18:35.

P. 195. *Que pedimos na sexta petição?*

R. Na sexta petição, que é: "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal"; reconhecendo que o mui sábio, justo e gracioso Deus, por diversos fins, santos e justos, pode dispor as coisas de maneira que sejamos assaltados, frustrados e feitos por algum tempo cativos pelas tentações; que Satanás, o mundo e a carne estão prontos e poderosos para nos desviar e enlaçar; que nós, depois do perdão dos nossos pecados, devido à nossa corrupção, fraqueza e falta de vigilância, estamos, não somente sujeitos a ser tentados e dispostos a nos expor às tentações, mas também, de nós mesmos, incapazes e indispostos para lhes resistir, sair ou tirar proveito delas; e que somos dignos de ser deixados sob o seu poder; pedimos que Deus de tal forma reja o mundo e tudo o que nele há, subjogue a carne, restrinja a Satanás, disponha tudo, conceda e abençoe todos os meios da graça e nos desperte à vigilância no seu uso, que nós e todo o seu povo sejamos guardados, pela sua providência, de sermos tentados ao pecado; ou que, quando tentados, sejamos poderosamente sustentados, pelo seu Espírito, e habilitados a ficar firmes na hora da tentação; ou, quando cairmos, sejamos levantados novamente, recuperados da queda, e que tiremos dela uso e proveito, santos; que a nossa santificação e salvação sejam aperfeiçoadas, Satanás calçado aos nossos pés e nós inteiramente libertados do pecado, da tentação e de todo o mal para sempre.

Ref. II Cron. 32:31; Job. 2:6; I Ped. 5:8; I Cron. 21:1; Luc. 21:34; Mar. 4:19; Tiago 1:14; Gal. 5:17; Rom. 7:18; Mat. 26:41; Ecl. 11:12; I Tim. 5:9; Ef. 6:11-12; Sal. 81:11-12; João

17:15; Sal. 51:10, e 119:133; Luc. 22:31; II Cor. 12:8; Rom. 8:28; Heb. 13:20-21; Mat. 26:41; Sal. 19:13; I Cor. 10:13; Sal. 51:12; I Ped. 5:10 e 1:6-7; I Tess. 3:14 Rom. 16:20; I Tess. 5:23.

P. 196. *Que nos ensina a conclusão da Oração Dominical?*

R. A Conclusão da Oração Dominical que é: "Porque teu é, reino e o poder e a glória para sempre. Amém", ensina-nos a reforçar as nossas petições com argumentos que devem ser derivados, não de qualquer mérito que haja em nós ou em qual quer outra criatura, mas de Deus; e a juntar louvores às nossas orações, atribuindo a Deus, só, a soberania eterna, onipotência e gloriosa excelência; em virtude do que, assim como Ele pode e quer socorrer-nos, assim nós pela fé estamos animados a instar com Ele que atenda aos nossos pedidos e a confiar tranquilamente que assim o fará. E para testemunhar os nossos desejos e certeza de sermos ouvidos, dizemos Amém.

Ref. Job. 23:3-4; Jer. 14:20-21; Dan. 9:4, 7-9, 16, 19; Fil. 4:6; — Cron. 29:10-13; Ef. 3:20-21; Luc. 11:13; Ef. 3:12; Heb. 10:19-22; I João 5:14; Rom. 8:32; I Cor. 14:16; Apoc. 22:20-21.

Pol dos membros da Primeira Igreja
com declaração da idade, naturalidade e

Número da ordem	Nomes	Recebidos por												
		Profissão			Pensão			Jurisdição			Restauração			
		Dia	Mês	Anno	Dia	Mês	Anno	Dia	Mês	Anno	Dia	Mês	Anno	
1	Albino José de Sarias	8	Julho	1885								12	9/ro	1897
2	Indoário Magro de Sarias	"	"	"										
3	Maria Carlina de Sarias	"	"	"										
4	Dinamerite de Sarias	"	"	"										
5	Flávio Magro	"	"	"								12	9/ro	1897
6	João Victorino S. Clemente	"	"	"										
7	Francisco Alves Simões	"	"	"										
8	Marcos Francisco Braga	"	"	"								17	6/ro	1895
9	José D. Souza Mello	"	"	"										
10	Alfredo Souza Mello	"	"	"										
11	Mmanuel Pedro Teixeira	"	"	"										
12	Angelo de Souza	"	"	"										
13	Christoram Guerra	"	"	"								25	7/ro	1892
14	Joventino Augusto de Carvalho	6	Jan.	1884										
15	José Ignacio Martins	8	"	"										
16	Mary H. Wardlaw	11	"	1885										
17	Antônia Maria Teixeira	"	"	"										
18	Antônio Abel da Rocha	"	"	"										
19	Joseph Gualberto Magro	30	Maço	"										
20	Umbelina Maria de Jesus	5	abril	"										
21	Fausto Francisco de Lima	"	"	"										
22	Virgínia Magno de Sarias	"	"	"										
23	Lucas Alves Reis Martins	"	"	"										
24	Romulpho Gonzaga de Moraes Lyra	12	Julho	"										

Número de ordem	Nomes	Recebidos por											
		Propriedade			Comunidade			Jurisdição			Instauração		
		Dia	Mês	Anno	Dia	Mês	Anno	Dia	Mês	Anno	Dia	Mês	Anno
25	Corne Fernandes da Silva Moraes	3	Jan	1886									
26	Francisco Rezende Simuarama	4	Abri	"									
27	Delphina de Moura Rodrigues	4	"	"									
28	Antonio Manoel do Monte	4	"	"									
29	Amelia Nery Pecu	9	Jan	1887									
30	Luiza Ludgero Monte	27	Abri	"									
31	João Ferreira da Paixão	27	"	"									
32	Manoel Firmino Abreu	27	"	"							4	Jan	1891
33	Arnelmo L de Lima	27	"	"							9	Mai	1892
34	Manoel Ferreira Gomes	27	"	"									
35	Antonio Virgínio de Moraes	18	"	"									
36	Manuela Dama de Moraes	18	"	"									
37	Raimundo Honorato C. Branco	21	Abri	"									
38	Debra Amelia Castello Branco	21	"	"									
39	Amelia Castello Branco	21	"	"									
40	Jacquina Castello Branco	21	"	"									
41	Valdemiro Castello Branco	21	"	"									
42	Maria Soares da Paixão												
42	Antonio Alves Dias												
44	Christina St. Dias	7	Abri	1887									
45	Honorato Mathias da Costa		"	"									
46	José Carlos de Noronha		"	"									
47	Francisco Agostinho de Carvalho												
48	Francisco Teixeira												
49	Raimundo Soares Firmino												
50	Alfredo Moore												
51	Francisca Rodrigues Maciel												

Ordem	Nomes	Recebidos por											
		Profissão			Demissoria			Jurisdição			Restauração		
		Dia	Mes	Anno	Dia	Mes	Anno	Dia	Mes	Anno	Dia	Mes	Anno
2	Raulino S. Mourão												
3	Antonio Carozinho												
4	Raymunda Barbosa Maciel	2	Set.	1888									
5	Francisca Angila												
6	Leocadia Maria da Conceição	21	Set.	1888									
7	Marielena Nascimento	"	"	"									
8	Francisca Nascimento	"	"	"									
9	Mariana Nascimento	"	"	"									
10	Maria Adorna			1887									
11	Maria Soares da Paixão			"									
12	Raymunda Soares Firmão			"									
13	José Barbosa Maciel			"									
14	Maria Andrade Barro			1890									
15	Antonio Inez d'Andrade Barro			"									
16	Anna d'Andrade Barro			"									
17	Florisama Clara Rodrigues	12	Set.	"									
18	Vicencia Rodrigues Maciel	"	"	"									
19	Belisaria Espiridiana de Nascimento	"	"	"									
20	Antonio Reinaldo de Souza	1	Maio	1891									
21	Helario José Ferreira	3	"	"									
22	Manoel Carlos d' Oliveira	"	"	"									
23	Maria Elisa Barros	"	"	"									
24	Virginia P. Woge Wardham				7	Junho	1891						
25	Martinho d' Oliveira	9	Set.	1891									
26	Joanna Clementina	28	Maio	1892									
27	Anna Margarida d'Andrade Barro	"	"	"									
28	Francisca Thereza da Silva	"	"	"									

Número de inscrição	Nomes	Recebidas por												
		Profissão			Domicílio			Jurisdição			Ratificação			
		Dia	Mês	Ano	Dia	Mês	Ano	Dia	Mês	Ano	Dia	Mês	Ano	
79	Maria Thereza da Silva	28	Maio	1892										
80	Maria Gemina de Mello	"	"	"	+									
81	Josephina d'Almeida Pereira	"	"	"								16	Set	1897
82	Maria Luiza da Conceição	24	Seto	1887										
83	Antonio Ferreira da Silva	28	Maio	1892										
84	Archanjo José Ribeiro	24	Julho	"										
85	Aquilina Cecília Ribeiro	"	"	"	+									
86	Francisco Ottoni d'Almeida Bastos	"	"	"										
87	Antonio Alves Carneiro	"	"	"										
88	João Alves Carneiro	"	"	"										
89	Ricardo Carneiro	"	"	"										
90	Francisco Fernandes d'Almeida	"	"	"										
91	Virginia Wardlaw	4	Maio	1892								3	Julho	1904
92	Catharina Ferreira	8	Janio	1894										
93	Francisca M. da Conceição	"	"	"										
94	Maria Vieira Guerra	26	Abri	"	X									
95	Manoel Freire de Souza	"	"	"										
96	Joanna Gathaly d'Almeida	"	"	"								5	Fev	1905
97	Frei João de Berrigueria Lima	"	"	"										
98	Francisco Antonio de Lima	"	"	"										
99	Joanna Bezerra de Menezes	"	"	"	16	Maio	1895							
100	Joaquim Manoel da Silva	15	Junho	1895	"	"	"							
101	Bernardo Borges Pereira	"	"	"										
102	Francisca Ferreira da Silva	"	"	"										
103	Maria Magdalena Maciel	15	Ag.	1896										
104	Alexandrina Ferreira Facanha	5	Seto	"										
105	João Pedro Dias	9	Jan.	1898										

Número de ordem	Nome	Recebidos por									Dia			
		Profissão			Demissoria			Jurisdição				Restauração		
		Dia	Mês	Anno	Dia	Mês	Anno	Dia	Mês	Anno		Dia	Mês	Anno
106	Maria Dias													
107	Isabel de Mattos Cerqueira													
108	Bernadino Fernandes d'Almeida													
109	Maria Fongender d'Almeida													
110	Antonio Soares da Paiva													
111	José Ferreira d'Araujo	8												
112	Theriza de Jesus Moraes	15												
113	Francisca Vieira d'Araujo	3	Julho											
114	Antonio Florêncio de Miranda	4												
115	Victorino José Ribeiro		Agosto											
116	Marina d'Andrade Barão	9	Seto											
117	Francisco Baptista de Castro	23												
118	Joaquim Baptista de Castro													
119	José Saldanha d'Almeida	30												
120	Adelina Dantas Fernandes	26	Março	1899										
121	Agua de Mattos Muniz	23	Abril											
122	Serisando Caracante Lima													
123	Alexandrina Joaz Perceira	21	Maio											
124	José Pereira da Cruz													
125	Raymundo Ferreira da Silva	20	Agosto											
126	Angelica Ferreira da Silva													
127	Domingos José d'Almeida													
128	João Silveira da Costa													
129	Antonia Damasco d'Almeida							10	Seto	1899				
130	João Silveira da Costa	1	Seto	1899										
131	Francisco Vieira de Souza	18	Outo											
132	José Candido Gomes Barbosa	24												

Normas para o preenchimento das Carteiras de Ministro

Série - No Presbitério. *Car. Amazônia*....., a Série será sempre nº. 8...

Nº - Número crescente, a partir de 1. Dar-se-á um número a cada Carteira que for emitida, não importando a idade do Ministro, nem a sua antiguidade no Ministério.

Nome - Deve ser o nome completo (igual ao das Carteiras de Identidade, que as autoridades civis fornecem):

Filiação - Registre Nome de Pai e de Mãe, completos.

Data de Nascimento - Dia, Mês e Ano.

Naturalidade - Registre o local de nascimento e o Estado, se o portador for brasileiro; o local e o País, se tiver nascido no estrangeiro.

Nacionalidade - Dê a nacionalidade do portador, por nascimento ou naturalização. Por exemplo: Brasileiro; Português; Espanhol; Brasileiro naturalizado, etc.

Fotografia - Servirá qualquer fotografia de 3 X 4 cms; com ou sem data sobreposta, com fundo branco ou não, de frente ou de ângulo. Carimbe a fotografia da seguinte forma:

Assinatura do Portador - Deve ser a usual, mas não abreviada.

Emitida em ... - Deve-se escrever aí a data em que lavrou, no Livro próprio, o registro da Carteira.

Pelo Presbitério ... - Acrescente o Nome do Presbitério (Oeste Fluminense, Pernambuco, Sorocaba, etc.)

Assinaturas - Na primeira linha assine o Presidente; a Carteira do Presidente será assinada pelo vice-Presidente; mas a do Secretário Permanente será assinada por ele próprio, isto é, conterá duas vezes a sua assinatura, na página de Identidade.

Relações eclesiásticas - O Secretário Permanente deverá preencher todos os dados referentes a esta página; se não for possível obter algum destes dados, o Secretário Permanente entregará a Carteira com a linha em branco, por um ano, até que o Ministro lhe dê a necessária informação. Se, no segundo ano, não lhe for transmitido o informe para o lançamento, o Secretário Permanente escreverá no lugar próprio: "Ignorado".

Histórico - É facultado ao Ministro, que já estiver no Ministério há mais de um ano quando receber esta Carteira, lançar de próprio punho, nas duas primeiras páginas do Histórico, um resumo da sua vida ministerial anterior. Nas demais páginas, só o Secretário Permanente escreverá; mas no Histórico da Carteira do Secretário Permanente (se este for Ministro) todas as "anotações" que o próprio Secretário Permanente lançar serão subscritas pelo Presidente do Concílio.

Anotações - Deverão ser breves, contendo a data, a síntese do fato e a assinatura do Secretário Permanente. Podem ser autenticadas com o carimbo do Concílio, mas isto não é obrigatório. Exemplos de anotações:

- 10.2.45 - Tomou parte na Reunião Ordinária do Presbitério. Designado evangelista da Igreja de Madureira. Fulano de Tal - Sec. Permanente.
- 6.7.45 - Recebeu carta de transferência para o Presbitério de S. Paulo. F. de tal - Sec. Permanente.
- 15.7.45 - Recebido como membro do Presbitério de S. Paulo. Designado para evangelista da Igreja de Vila Mariana. F. de Tal - Sec. Permanente.
- 12.1.46 - Tomou parte na reunião do Presbitério de S. Paulo. Foi relator da Comissão de Legislação e Justiça. Continua no campo de V. Mariana. Eleito delegado ao Sínodo Meridional. F. de Tal - Sec. Permanente - F. de Tal - Presidente.
- 15.6.46 - Tomou parte na Reunião Extraordinária do Sínodo Meridional. F. de Tal - Sec. Permanente do Sínodo.

As anotações referentes a trabalhos em Comissões Executivas, Comissões Permanentes ou Secretarias Especiais - são igualmente registradas, pelos respectivos Secretários.



PRESBITÉRIO

Instruções para o uso deste Livro.

- 1 - Todas as Carteiras emitidas por este Presbitério devem ser registradas neste Livro.
- 2 - Todas as Carteiras emitidas por este Presbitério pertencem à Série ..?
- 3 - Cada Carteira terá um "NÚMERO", crescente a partir de 1, de modo que cada Carteira tem um número próprio.
- 4 - O Registro de cada Carteira neste Livro constará da transcrição dos dados de identidade e Relações Eclesiásticas em uma folha, conforme a indicação a seguir, em tinta vermelha. Nas "Observações", lançar-se-ão registros importantes como por exemplo: "Emitida 2a. via em tal data"; "Concedida transferência para o Presbitério tal"; "Falecido em tal data"; "Exonerado em tal data", etc. NÃO se registrarão nas "Observações" as ocorrências costumeiras que se escrevem no "Histórico" das Carteiras.
- 5 - Este Livro não se destina a ser um registro dos Ministros que são ou vierem a ser membros do Concílio; destina-se exclusivamente ao registro de TODAS AS CARTEIRAS que o Presbitério expedir. Um Ministro que já venha com sua Carteira, emitida por outro Presbitério, nenhuma referência terá neste Livro.

REGISTRO das CARTEIRAS de MINISTRO
IDENTIDADE

Série: 8

Nº 1

Nome: Antonio Ferreira Queiroz

Filiação: Pai: Alfredo Ferreira Calado

Mãe: Francisca Ferreira Queiroz Calado

Data do Nascimento: 16 de agosto de 1894

Naturalidade: Pernambuco - S. Bento.

Nacionalidade: Brasileira

Assinatura do Portador: *Antonio Ferreira Queiroz*

Retrato

Emitida em 1. de fevereiro de 1915.

carimbado

Pelo Presbitério Ceará Amazônia.

Assinatura do Presidente:

Assinatura do Sec. Permanente: *Alcides Moreira*

RELAÇÕES ECEESIÁSTICAS

Batismo:

Local - Igreja Presbiteriana de Garanhuns - Pernambuco.

Data - Dezembro de 1909

Oficiante - Sr. George E. Henderlite

Proissão de Fé:

Local - Igreja Presbiteriana de Garanhuns

Data - Dezembro de 1909

Oficiante - Sr. George E. Henderlite

Aspirante:

Igreja - Presbiteriana de Garanhuns

Data - Janeiro de 1910

Candidato:

Presbitério - de Pernambuco.

Data - Janeiro de 1912

Licenciado:

Presbitério - Pernambuco

Data - 22 de Janeiro de 1914.

Ordenado:

Presbitério - Pernambuco

Data - 23 de janeiro de 1914.

Observações:

2

IDENTIDADE

SÉRIE - 8

Nº 2

NOME - *Wilton de Sousa*

FILIAÇÃO { PAI - *Bento Cristiano de Sousa*
MÃE - *Maria Bezerra de Sousa*

DATA DO NASCIMENTO - *5 de novembro de 1919*

NATURALIDADE - *Parauapebas*

NACIONALIDADE - *Brasileira*

ASSINATURA DO PORTADOR - *Wilton de Sousa*

EMITIDA EM *1º* DE *Março* DE 1945

PELO PRESBITÉRIO *CEARA-AMAZÔNIA*

ASSINATURA DO PRESIDENTE -

ASSINATURA DO SEC. PERMANENTE - *Alcides Nogueira*

RELACIONES ECLESIASTICAS

BATISMO:-

LOCAL - *Belem - Para'*

DATA -

OFICIANTE - *Rev. Antonio Seixeira Queiroz*

PROFISSÃO DE FÉ:-

LOCAL - *Belem*

DATA -

OFICIANTE - *Rev. A. Seixeira Queiroz*

ASPIRANTE:-

IGREJA - *Belem (Cristã Presbiteriana)*

DATA - *Janerio de 1937*

CANDIDATO:-

PRESBITERIO - *do Norte (hoje Ceara-Amazônia)*

DATA - *Janerio de 1937*

LICENCIADO - *Não houve licenciatura*

PRESBITERIO -

DATA -

ORDENADO -

PRESBITERIO - Ceará - Amãquia

DATA - 18 de janeiro de 1942 - em Fortaleza

OBSERVAÇÕES:-

IDENTIDADE

SERIE - 8 Nº - 3

NOME - Raimundo Bezerra Lima

FILIAÇÃO } PAI - Giovanni Bonnardoni
MÃE - Mariana Correia Lima

DATA DO NASCIMENTO - 15 de dezembro de 1930

NATURALIDADE - Cearense

NACIONALIDADE - Brasileira

ASSINATURA DO PORTADOR - Raimundo Bezerra Lima

EMITIDA EM - 22 DE Março 1945

PELO PRESBITÉRIO Ceará - AMALZÓIA

ASSINATURA DO PRESIDENTE - R. Souza Lima

ASSINATURA DO SEC. PERMANENTE - Aluísio W. Pereira



RELAÇÕES ECLESIASTICAS

BATISMO:-

LOCAL

DATA

OFICIANTE

PROFISSÃO DE FÉ e BATISMO:-

LOCAL - Florianópolis, Sta. Catarina

DATA - em 3 de janeiro de 1904

OFICIANTE - Rev. Roberto Frederico Lemington

ASPIRANTE:-

IGREJA - Fortaleza

DATA -

CANDIDATO:

PRESBITERIO - de Pernambuco

DATA - em junho de 1907

LICENCIADO - Não houve licenciatura

PRESBITERIO

DATA

ORDENADO: -

PRESBITERIO - de Pernambuco

DATA - Sem 12 de outubro de 1909

OBSERVAÇÕES -

IDENTIDADE

SERIE - 8

Nº - 4

NOME - Alcides Nogueira

FILIAÇÃO { PAI - Francisco Xavier Nogueira de Sousa
MÃE - Francisca Justina de Sousa

DATA DO NASCIMENTO - 14/8/1903

NATURALIDADE - Paraense

NACIONALIDADE - Brasileira

ASSINATURA DO PORTADOR - Alcides Nogueira

EMITIDA EM 22 DE Março DE 1945

PELO PRESBITERIO CEARÁ-AMAZÔNIA

ASSINATURA DO PRESIDENTE - N. Deyera Lima

ASSINATURA DO SEC. PERMANENTE - Alcides Nogueira



RELACIONES ECLESIASTICAS

BATISMO:

LOCAL - sitio Vencedor, Congr. de Ebenezer, Municipio de Cachoeira-Ceará

DATA - 21 de outubro de 1919

OFICIANTE - Rev. Natanael Cordeiro

PROFISSÃO DE FÉ:

LOCAL - Vencedor, Ebenezer, Municipio de Cachoeira-Ceará

DATA - 21 de outubro de 1919

OFICIANTE - Rev. Natanael Cordeiro

ASPIRANTE:

IGREJA - de Fortaleza, dió. Presbiteriana de Fortaleza

DATA - março de 1921

CANDIDATO:

PRESBITERIO CEARÁ-AMAZÔNIA

DATA - Janeiro de 1922

LICENCIADO: Não houve licenciatura

PRESBITERIO

DATA —

ORDENADO:

PRESBITÉRIO CEARÁ-AMAZÔNIA

DATA — 8 de janeiro de 1928, em Coxias, Maranhão.

OBSERVAÇÕES:



IDENTIDADE

SERIE - 8 nº 5
 NOME - Raonuel Cordes
 FILIAÇÃO { PAI - Email legado de Siqueira Cordes
 MÃE - Umbelino Alves Cordes
 DATA DO NASCIMENTO - 12 de janeiro de 1889
 NATURALIDADE - Assis - Rio Grande do Norte
 NACIONALIDADE - Brasileira
 ASSINATURA DO PORTADOR -  
 EMITIDA EM 17 de Maio de 1945
 PELO PRESBITERIO CEARÁ-AMAZÔNIA
 ASSINATURA DO PRESIDENTE - N. Bezerra Lima
 ASSINATURA DO SEC. PERMANENTE - Alcides Moura

RELACÃO ECLESIASTICAS

BATISMO:
 LOCAL - Afonso Pena, hoje Aropiara, no estado do Ceará
 DATA - em 4 de julho de 1909
 OFICIANTE - Rev. Antonio Almeida
PROFISSÃO DE FÉ:
 LOCAL - Afonso Pena
 DATA - em 4 de julho de 1909
 OFICIANTE - Rev. Antonio Almeida
ASPIRANTE:
 IGREJA - Igreja de Fortaleza - Ceará (Presbiteriana)
 DATA - Novembro de 1909
CANDIDATO:
 PRESBITERIO - de Pernambuco
 DATA - Fim de 1909
LICENCIADO:
 PRESBITERIO - de Pernambuco

DATA —

ORDENADO:

PRESBITERIO — Pernambuco

DATA — 18 de janeiro de 1915

OBSERVAÇÕES:

IDENTIDADE

SERIE - 8

Nº 6

NOME - Benedito Guimarães Aguiar

FILIAÇÃO { PAI - Benedito Gonçalves de Sousa Aguiar

MÃE - Odoquília Guimarães Aguiar

DATA DO NASCIMENTO - 7 de julho de 1901

NACIONALIDADE - Maranhense, nascido em Caxias

NACIONALIDADE - Brasileira

ASSINATURA DO PORTADOR - Benedito Guimarães Aguiar

EMITIDA EM 24 DE agosto DE 1945

PELO PRESBITERIO CEARÁ AMAZÔNIA

ASSINATURA DO PRESIDENTE - R. Bezerra Lima

ASSINATURA DO SEC. PERMANENTE - Alcides Menezes

RELACIONES ECLESIASTICASBATISMO:

LOCAL - Caxias, Maranhão

DATA - 7-7-1922

OFICIANTE - Rev. Otavio Valois Costa

PROFISSÃO DE FE: na mesma data do Batismo - 7-7-1922.

LOCAL - Caxias

DATA - em 7-7-1922

OFICIANTE - Rev. Otavio V. Costa

ASPIRANTE:

IGREJA - Caxias

DATA - Dezembro de 1922

CANDIDATO:

PRESBITERIO - Presbiterio do Norte - hoje Ceará, Amazônia

DATA - Janeiro de 1923

LICENCIADO:

PRESBITERIO do Norte.

DATA - Janeiro de 1924

ORDENADO:

PRESBITÉRIO - do Norte

DATA - Em 8-1-1928 - Seu Caxixá, Maranhão

OBSERVAÇÕES:

Com sua licenciatura, trabalhou nas igrejas de Belém do Pará e de Cedro, no Estado do Ceará. Depois de ordenado, foi pastor das Igrejas de Teresina, no Piauí, e de Bastarite, no Ceará. Atualmente, é pastor da Igreja de São Luiz, do Maranhão, desde 21-2-1930, estando também sob sua responsabilidade pastoral a Igreja Presbiteriana de Hebron e mais seis congregações.

IDENTIDADE

SERIE - 8

NO. 7

NOME - Otávio Valério Costa

FILIACAO { PAI - Clemente Pereira da Costa

MÃE - Efigênia da Silva Costa

DATA DO NASCIMENTO - 20 de setembro de 1880

NATURALIDADE - Maranhense

NACIONALIDADE - Brasileira

ASSINATURA DO PORTADOR

EMITIDA EM 24 DE agosto DE 1945

PELO PRESBITÉRIO CEARÁ AMAZÔNIA

ASSINATURA DO PRESIDENTE - N. Siqueira Lima

ASSINATURA DO SEC. PERMANENTE - Alcides Figueira

RELACÕES ECLESIASTICASBATISMO:

LOCAL - Coxias - Maranhão

DATA - 22 de março de 1900

OFICIANTE - W. M. Thompson

PROFISSÃO DE FE:

LOCAL - Coxias - Maranhão

DATA - 22 de março de 1900

OFICIANTE - Rev. W. M. Thompson

ASPIRANTE: Igreja batista de Coxias

IGREJA - Presbiteriana de Coxias

DATA - 15 de fevereiro de 1910

CANDIDATO:

PRESBITÉRIO - de Pernambuco

DATA - 15 de março de 1910

LICENCIADO: não foi licenciado

PRESBITÉRIO -

DATA -

ORDENADO:

PRESBITERIO - de Pernambuco

DATA - 18 de janeiro de 1915.

OBSERVAÇÕES:

IDENTIDADE

SERIE - 8

Nº 8

NOME -

FILIAÇÃO { PAI - Joaquim Siqueira Cortez
 MÃE - Paula Varela Siqueira

DATA DO NASCIMENTO - 19-11-1919

NATURALIDADE - Cearense

NACIONALIDADE - Brasileira

ASSINATURA DO PORTADOR - Joaquim Xavier Siqueira

EMITIDA EM - 2 DE Fevereiro DE 1946

PELO PRESBITÉRIO CEARÁ-AMAZONIA

ASSINATURA DO PRESIDENTE - José de Figueiredo Aguiar

ASSINATURA DO SEC. PERMANENTE - Alcides M. Pereira

RELACIONES ECLESIASTICASBATISMO:

LOCAL - Cedro - Ceará

DATA - 10-6-1936

OFICIANTE - Rev. Natanael Cortez

PROFISSÃO DE FE:

LOCAL - Cedro - Ceará

DATA - 10-6-1936

OFICIANTE - Rev. Natanael Cortez

ASPIRANTE: Janeiro de 1937

IGREJA - Cedro - Ceará

DATA - Janeiro de 1937

CANDIDATO:

PRESBITÉRIO - Ceará - Amazonia

DATA - Fevereiro de 1937

LICENCIADO: Não houve licenciatura

PRESBITÉRIO -

DATA -

ORDENADO:

PRESBITÉRIO - Ceará - Amazonia

DATA - 18-1-1942 - em Fortaleza

OBSERVAÇÕES:

IDENTIDADE

SERIE - 8

Nº 9

NOME - José Bezerra Duarte

FILIAÇÃO { PAI - Vicente Alves Bezerra Duarte
MÃE - Maria Linda Duarte

DATA DO NASCIMENTO - 6 de março de 1896

NATURALIDADE - Cearense

NACIONALIDADE - Brasileira

ASSINATURA DO PORTADOR -

EMITIDA EM - 2 DE fevereiro DE 1946

PELO PRESBITÉRIO CEARÁ-AMAZÔNIA

ASSINATURA DO PRESIDENTE - *Primitivo G. Aguiar*

ASSINATURA DO SEC. PERMANENTE - *Aldeias Nogueira*

RELAÇÕES ECLESIASTICAS

BATISMO:

LOCAL - Vargem Alegre - Ceará

DATA - setembro de 1921

OFICIANTE - Rev. Natanael Cortez

PROFISSÃO DE FÉ:

LOCAL - Vargem Alegre - Ceará

DATA - setembro de 1921

OFICIANTE - Rev. Natanael Cortez

ASPIRANTE:

IGREJA - Igreja Presbiteriana de Fortaleza

DATA - janeiro de 1922

CANDIDATO:

PRESBITÉRIO - do Norte (hoje Ceará-Amazonia)

DATA - janeiro de 1923

LICENCIADO: nas honras de licenciatura

PRESBITÉRIO

DATA -

ORDENADO;

PRESBITERIO - do Norte (hoje Ceará - Amazônia)

DATA - 19 de Janeiro de 1927 - em Manaus

OBSERVAÇÕES:

IDENTIDADE

SÉRIE: 8

Nº 10

NOME - Fagundes de Oliveira Barros
 FILIAÇÃO { PAI - Antonio Barros da Silva
 MÃE - Umbelina Barros da Silva

DATA DO NASCIMENTO - 13 de novembro de 1884

NATURALIDADE - Paraíba

NACIONALIDADE - Brasileira

ASSINATURA DO PORTADOR -

EMITIDA EM 4 DE fevereiro DE 1946

PELO PRESBITERIO Ceará-AMAZÔNIA

ASSINATURA DO PRESIDENTE - Rinaldo G. Aguiar

ASSINATURA DO SEC. PERMANENTE - Avelino Mendes

RELACOES ECLESIASTICASBATISMO:

LOCAL - Rio Branco - Acre

DATA - Agosto de 1936

OFICIANTE - Rev. José Bezerra Duarte

PROFISSÃO DE FÉ:

LOCAL - Rio Branco - Acre

DATA - Agosto de 1936

OFICIANTE - Rev. José Bezerra Duarte

ASPIRANTE:

IGREJA - Presbiteriana de Manaus

DATA - janeiro de 1946

CANDIDATO:

PRESBITERIO - Ceará-Amazonia

DATA - janeiro de 1946

LICENCIADO: Não houve licenciatura

PRESBITERIO

DATA -

ORDENADO:

PRESBITÉRIO - Ceará-Amazonia

DATA - 3 de fevereiro de 1946 - em Manaus

OBSERVAÇÕES:

A ordenação do irmão Fergino de Oliveira Barros atendeu a um imperativo imediato da urgente necessidade do trabalho evangelico no Acre. Os irmãos daquele Territorio já de muito vinham pedindo um pastor. O nosso Presbitério havia mandado dois: Primeiro, o Rev. Sebastião Jones do Nascimento e, mais depois, o Rev. José Bezerra Duarte. Nenhum dos dois pôde, entretanto, demorar muito tempo ali: De então para cá, vários anos são passados, e os irmãos a se queixaram de que foram abandonados por nós. Com os atuais Ministros que temos em nosso Presbitério, nenhuma providência poderíamos fazer para os irmãos acreanos, e nem mesmo a Junta Missional de Missões Nacionais quis, por agora, assumir a responsabilidade daquele campo. Resolvemos, então, em plenário do Presbitério Ceará-Amazonia, reunido na Igreja Cristã Presbiteriana de Manaus, em 3 de fevereiro de 1946, ordenar ao Sagrado Ministério, mesmo sem o curso do Seminário, para servir aquele campo, o irmão acima referido, antigo obreiro aqui naquela região, homem de capacidade intelectual, de bom testemunho entre os irmãos, de comprovada piedade cristã e muito consagrado ao trabalho do Reino de Deus.

Manaus, 4 de fevereiro de 1946.

Alcides M. Pereira
Secretário Permanente do Presbitério Ceará-Amazonia.

IDENTIDADE

SERIE - 8 N^o 11
NOME - Nehemias Castelo Branco
FILIAÇÃO { PAI - Francisco de Jesus Castelo Branco
MÃE - Aurea Rodrigues Martins
DATA DO NASCIMENTO - 9 de abril de 1922
NATURALIDADE - Cearense
NACIONALIDADE - Brasileira
ASSINATURA DO PORTADOR Nehemias Castelo Branco
EMITIDA EM Março de 1948
PELO PRESBITÉRIO CEARÁ-AMAZÔNIA
ASSINATURA DO PRESIDENTE -
ASSINATURA DO SECRETÁRIO PERMANENTE - Alcides Moreira



RELACIONES ECLESIASTICAS

BATISMO:

LOCAL - Igreja Presbiteriana de Fortaleza

DATA -

OFICIANTE - Rev. Natanael Cortez

PROFISSA DE FE:

LOCAL - Igreja Presbiteriana de Fortaleza

DATA - 8 de junho de 1938

OFICIANTE - Rev. Natanael Cortez

ASPIRANTE:

IGREJA - Igreja Presbiteriana de Fortaleza

DATA -

CANDIDATO -

PRESBITÉRIO - Ceará-Amazonia

DATA - Fevereiro de 1943

LICENCIADO:

PRESBITÉRIO - Não houve licenciatura

DATA -

ORDENADO:

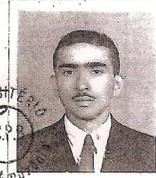
PRESBITERIO - Beirã - Amazonia - São Luiz.

DATA - 28 de janeiro de 1948.

OBSERVAÇÕES:

IDENTIDADE

SERIE 8 N° 12
 NOME - Benedito Carvalho de Matos
 FILIAÇÃO | PAI - José Castanho de Matos
 | MÃE - Joana Carvalho de Matos
 DATA DO NASCIMENTO - 15 de dezembro de 1923
 NATURALIDADE - Maranhão
 NACIONALIDADE - Brasileira
 ASSINATURA DO PORTADOR - Benedito Carvalho de Matos
 EMITIDA EM - 4 de novembro de 1948
 PELO PRESBITERIO - Ceará - Amazonia
 ASSINATURA DO PRESIDENTE -
 ASS. DO SECRETÁRIO PERMANENTE - Meirez Moreira

RELACIONES ECLESIASTICASBATISMO:

LOCAL - São Luiz de Maranhão
 DATA - 6 de junho de 1940
 OFICIANTE - Rev. Benedito Guimarães Aguiar

PROFISSÃO DE FE:

LOCAL - São Luiz de Maranhão
 DATA - 6 de junho de 1949
 OFICIANTE - Rev. Benedito G. Aguiar

ASPIRANTE:

IGREJA - Presbiteriana de S. Luiz
 DATA -

CANDIDATO:

PRESBITERIO - Ceará - Amazonia
 DATA - 22 de janeiro de 1943.

LICENCIADO: Não houve licenciatura

PRESBITERIO -

DATA -
ORDENADO:
PRESBITÉRIO - *Beça - Amazônia*
DATA - *28 de janeiro de 1948 - União Ruiz*

OBSERVAÇÕES: